



# 30 Anos Entre os Mortos

Carl A. Wickland, M.D.



Instituto de Cultura Espírita  
Instituto de Cultura Espírita  
Carlos Bernardo Lesterico

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)



**CARL A. WICKLAND**

# **TRINTA ANOS ENTRE OS MORTOS**

TRADUÇÃO DE DANIEL S. VIVEIROS

**EDITORA SCHAPIRE**

**DR. CARL A. WICKLAND**

Da Faculdade de Medicina de Chicago

*“Milhões de espíritos povoam a terra, invisíveis, quando dormimos,  
quando estamos despertos.*

*Quem sabe se céu e terra se entremeiam  
muito mais do que o homem possa imaginar!*

**MILTON**

## Sumário

CAPÍTULO I .....	3
<b>RELAÇÕES MÚTUAS DE DOIS MUNDOS</b> .....	3
CAPÍTULO II .....	23
<b>A INVESTIGAÇÃO PSÍQUICA</b> .....	23
CAPÍTULO III .....	37
<b>A INTELIGÊNCIA SUBCONSCIENTE E A AUTO-SUGESTÃO SÃO DUAS HIPÓTESES INSUSTENTÁVEIS</b> .....	37
CAPÍTULO IV .....	109
<b>A SITUAÇÃO NA ESFERA TERRESTRE E A AURA MAGNÉTICA</b> .....	109
CAPÍTULO V .....	162
<b>ESPIRITOS ATORMENTADORES – DISSENSÕES MATRIMONIAIS</b> .....	162
CAPÍTULO VI .....	208
<b>OS ESPÍRITOS E O CRIME</b> .....	208
CAPÍTULO VII .....	237
<b>OS ESPÍRITOS E OS SUICÍDIOS</b> .....	237
CAPÍTULO VIII .....	280
<b>O ALCÔOL, OS NARCÓTICOS, A EMBRIAGUEZ, A AMNÉSIA</b> .....	280
CAPÍTULO IX .....	337
<b>INVALIDEZ PSÍQUICA</b> .....	337
CAPÍTULO X .....	368
<b>ÓRFÃOS</b> .....	368
CAPÍTULO XI .....	391
<b>MATERIALISMO E INDIFERENÇA</b> .....	391
CAPÍTULO XII .....	429
<b>EGOÍSMO</b> .....	429
CAPÍTULO XIII .....	469
<b>A ORTODOXIA</b> .....	469
CAPÍTULO XIV .....	498
<b>A CIÊNCIA CRISTÃ (CHRISTIAN SCIENCE)</b> .....	498
CAPÍTULO XV .....	516
<b>TEOSOFIA</b> .....	516
CAPÍTULO XVI .....	540
<b>A FILOSOFIA</b> .....	540
CAPÍTULO XVII .....	563

## CAPÍTULO I

### RELAÇÕES MÚTUAS DE DOIS MUNDOS

Para muitas pessoas, efetivamente, é difícil compreender a existência de um mundo invisível que envolve nosso mundo físico. Isto ocorre porque a esfera da inteligência, com freqüência, não consegue alcançar mais que o visível e tangível; entretanto, não é necessário deter-se muito no pensar, para descobrir o constante fluxo e refluxo da matéria, em suas três formas: sólida, líquida e gasosa, do mundo visível ao invisível e vice-versa.

A natureza visível não é outra coisa que a invisível, a Realidade, que se manifesta mediante a combinação de alguns de seus elementos. Por exemplo, a Ciência nos diz que os noventa e cinco por cento dos elementos que integram os corpos vegetais são extraídos da atmosfera, do ar. O homem mesmo, não vive no fundo de um oceano invisível, a atmosfera, mais importante para a vida que todas as substâncias físicas, haja vista a vida cessar nos poucos momentos de ver-se o homem isolado dessa atmosfera?

O nitrogênio, que é o corpo que se encontra em maior proporção na atmosfera, é indispensável para o crescimento e para a existência dos seres vegetais e animais. O hidrogênio e o oxigênio são gases que passam constantemente da forma de vapor invisível ao de vapor visível e a de corpos sólidos. Outro exemplo de uma parecida transformação o temos no carbono. Fatores intangíveis e invisíveis são, deste modo, o som, os odores, a lei térmica do calor e do frio e uma multidão de fenômenos que vão desde o elétron infinitesimal à energia que move os planetas e os sóis.

Todos os fatores ativos, mesmo os químicos e os de ordem vital e mental, operam de uma maneira invisível, como se pode observar na afinidade

química, na energia, na vida vegetal, na vida animal, na inteligência e no pensamento. Vê-se, pois, que todos os elementos que integram a natureza Física visível, em seus diferentes aspectos, têm sua raiz e seu assento no mundo invisível. O invisível é a fonte do visível.

Esta comprovação de que o mundo objetivo não é outra coisa que uma combinação de substâncias e forças invisíveis nos fará compreender facilmente a existência de um mundo que se encontra fora de nosso alcance. Se refletirmos acerca dos maravilhosos progressos realizados pela ciência ao adentrar-se pelo campo das mais sutis forças naturais, nos maravilharemos de que hajam pessoas inteligentes que não consigam compreender a lógica que encerra a crença de que a alma humana goza de uma existência independente da do corpo. Não há entre todas as crenças uma que possa exibir tantos testemunhos a seu favor nos escritos de todas as idades como esta da existência da alma e de uma vida futura.

O historiador Fiske disse: “O culto dos antepassados (ou seja, o contato com as almas dos mortos) é o mais antigo, entre todas as raças e povos, segundo se depreende dos elementos de juízo que atualmente dispomos... o mesmo na África que na Ásia, China ou o Japão, entre as raças arianas da Europa e as tribos indígenas da América”.

Allen escreve em sua *História da Civilização*: “Encontramos em todas as tribos selvagens do mundo certas idéias acerca da existência de uma alma humana, da do mundo dos espíritos, e, em geral, a crença na imortalidade. Os selvagens vêem a vida futura como uma prolongação da presente; reconhecem deste modo a existência de outro eu dotado de faculdades misteriosas. A morte vem constituir unicamente na separação deste outro eu misterioso, que supõem continuar vivendo na vizinhança. Ao passar ao mundo dos espíritos esse eu misterioso leva os amores e os ódios que tinha neste mundo.”

Confúcio disse: “Não choreis aos mortos com demasiado desconsolo. Os defuntos são amigos leais e carinhosos que mantêm sempre relação conosco.”

Os escritores clássicos – Sócrates, Heródoto, Sófocles, Eurípedes, Platão, Aristóteles, Horácio, Virgílio, Plutarco, Josefo, Máximo de Tiro – falam da existência dos espíritos como de um feito muito conhecido. Há aqui umas palavras de Cícero: “Não está quase todo o Olimpo pleno de personagens humanos? Os deuses mesmo nasceram aqui embaixo e da terra ascenderam ao Olimpo.”

Não faz falta insistir no fato de que os cristãos primitivos acreditavam na existência dos espíritos, porque existem abundantes provas nos escritos de São Antonio, Tertuliano, Orígenes e seus contemporâneos.

A Bíblia está repleta de alusões à existência dos espíritos: “Nos rodeia também uma grande nuvem de testemunhos. Heb. 2:1. “Amados, não presteis crédito a qualquer espírito sem comprovar se esses espíritos procedem de Deus.” I S. João 4:1. “Os espíritos dos homens justos levados à perfeição.” Heb. 12:23. “Temos um corpo natural e temos um corpo espiritual... Em primeiro lugar o que é natural, e depois o que é espiritual.” Cor. 15;44, 46. Poderíamos transcrever outras muitas citações bíblicas parecidas.

Swedenborg publicou muitos volumes tratando desta matéria. O Dr. Samuel Johnson disse: “Para mim, os espíritos não são coisa de fé...; tenho-os visto com demasiada freqüência.”

John Wesley deixou escrito em *O mundo invisível*: “É certo que, em geral, os ingleses – e não só eles, senão todos os homens cultos da Europa – não dão crédito às histórias de bruxas e aparições, considerando-as como fábulas de velhas. Eu o sinto, e aproveito com prazer esta ocasião para

protestar solenemente contra este injusto qualificativo que aplicam muitas pessoas que crêem na Bíblia, a nós que não cremos que se trate de fábulas. Esta maneira de apreciar o assunto vai diretamente contra, não só da Bíblia, senão das afirmações dos personagens mais sábios e melhores que hão existido em todas as idades e nações. Sabem perfeitamente aqueles que tal dizem, que o negar a magia equivale a negar a Bíblia.”

Abundantemente conhecidos são os fenômenos psíquicos que ocorreram na casa do senhor Samuel Wesley, pai do Rev. John Wesley, em Epworth, fenômenos que continuaram durante vários meses, acompanhados de ruídos e desordens de diversas classes.

Shakespeare, Milton, Wordsworth, Tennyson, Longfellow e outros muitos poetas hão escrito com profundo sentido acerca da imortalidade da alma.

Todos conhecemos os resultados convincentes das investigações psíquicas levadas a cabo por homens de ciência modernos, filósofos, sacerdotes, físicos, psicólogos e outros investigadores: Prof. Crookes, Alfred Wallace, Sir Olive Lodge, Sir Arthur Conan Doyle, Rev. R. J. Campbell, arqui-diácono Colley, Rev. Savage, W. T. Stead, Camilo Flammarion, Dr. Baraduc, Dr. Janet, Prof. Richet, Cesare Lombroso, Dr. Hodgson, Dr. I. K. Fung, Prof. James, Prof. Hyslop, Dr. Carrington e outros muitos.

O Dr. Thomas J. Hudson, autor de *Leis dos fenômenos psíquicos*, escreveu: “O homem contemporâneo que a esta altura negue os fenômenos espiritistas não merece que se lhe aplique o qualificativo de cético, senão o de ignorante.”

O Rev. Dr. George M. Searle, reitor da Igreja Católica de São Paulo Apóstolo, da cidade de Nova York, disse: “Não cabe mais pôr em tela de juízo



a presença real dos espíritos no moderno espiritismo. Nem sequer duvidam dela os homens de ciência que não dedicaram sua atenção a este tema. Qualificar tais manifestações de patranhas, enganos ou ilusões equivale a não estar em dia.”

“Ninguém nega, na atualidade, a realidade das manifestações espiritualistas, exceto algumas poucas pessoas que, vivendo com os pés na terra, têm a cabeça na lua”, escrevia G. G. Franco, S. J., na *Civita Cattolica*. “Os fenômenos espiritistas são feitos objetivos que estão ao alcance dos sentidos e podem ser observados facilmente por todos. São demonstrações comprovadas quanto são tantos os testemunhos bem inteirados e dignos de crédito que dão fé de semelhante feitos. Até os críticos mais exigentes os dão por indiscutíveis.”

O mundo espiritual e o mundo físico se entremeiam continuamente; o plano da vida espiritual não é uma coisa intangível; é uma realidade natural, uma ampla zona de substância refinada em contínua atividade e progresso; a vida nessa zona é uma prolongação da vida do mundo físico. Enquanto permanece no plano das manifestações físicas, a alma se vale da experiência e do contato com o mundo objetivo para adquirir o conhecimento; a inteligência adquire consciência de si mesma ao manifestar-se por meio dos órgãos corporais. Ao trasladar-se ao plano espiritual, continua seu curso o progresso do indivíduo e a alma se desenvolve seguindo as linhas da razão, por assistência espontânea, pela estima e consecução de altos ideais e por meio de uma concepção cada vez mais ampla da finalidade da vida.

A mutação que chamamos “morte” – nome que constitui um equívoco -, e que é vista por todos com temor e tristeza, ocorre tão sem violência e com tal simplicidade, que a maior parte dos que a sofrem não se dão conta de que ocorreu aquela transição, e como desconhecem por completo a existência de

uma vida espiritual, permanecem sem adquirir consciência de que passaram a outro plano do ser. Privados dos órgãos corporais de seus sentidos, não chega até eles a luz física, e como seu entendimento não está aberto à suprema finalidade da existência, resulta que permanecem espiritualmente cegos e ficam em um estado de penumbra – a “obscuridade exterior”, de que nos fala a Bíblia – e vagam pela região que chamamos da Esfera Terrestre

A morte não converte o pecador em santo, nem faz de um ser circunspecto um louco. Os indivíduos conservam sua mesma mentalidade anterior; e levam com eles suas anteriores afeições, hábitos, dogmas, erros, indiferenças e até sua incredulidade na vida futura. “Como pensa no íntimo de seu coração, assim é o homem.” Prov. 23:7.

Milhões de seres adotam as formas espirituais que correspondem à vida mental que tiveram na Terra, e permanecem durante certo tempo na esfera terrestre, com freqüência no lugar em que viveram, ali retidos por seus hábitos e afeições. “Onde está teu tesouro, ali também está teu coração.” Mat. 6:21.

Aqueles outros seres que conseguiram elevar-se a um mundo espiritual mais elevado, se esforçam constantemente por abrir os olhos da inteligência dos espíritos apegados à Terra; porém estes, que estão dominados por certos prejuízos relativos à vida futura, os tomam por “mortos” ou por “fantasmas”, e resistem freqüentemente a convencerem-se de que se trata, em efeito, de seus amigos, e não caem tampouco em conta de sua própria situação.

Muitos se encontram letárgicos; outros vagam perdidos e confusos; os de inteligência desordenada vêm-se acometidos pelo terror de uma estranha obscuridade; os que têm más ações sobre sua consciência sofrem angústias e remordimentos; há outros que, impulsionados por suas inclinações egoísticas e perversas, buscam um desafogo a essas tendências, e assim

permanecem até que logram sobrepor-se a semelhantes predileções criminosas; sua alma então pede, a voz em grito, inteligência e luz, e só então podem os espíritos mais perfeitos dar-lhes a mão e lhes prestar ajuda.

Muitas inteligências desencarnadas, ao faltar-lhes o corpo de que necessitavam para satisfazer suas inclinações terrenas, se vêm atraídas pela aura magnética que emana dos seres vivos encarnados em corpos mortais, e se apegam a algumas destas auras magnéticas, exercendo atos de influência, de obsessão e de possessão nos seres humanos; desta maneira encontram um veículo de expressão a seus próprios anelos. Estes espíritos intrusos influenciam com seus pensamentos as naturezas muito sensíveis, e as fazem partícipes de suas emoções, verdadeiros donos de seus atos, com o que ocasionam grandes sofrimentos, perturbações mentais e dores.

Estes espíritos apegados à Terra vêm a ser o que em todas as épocas se chamam “demônios”; são “demônios” de origem humana, subprodutos do egoísmo da humanidade, da ignorância e das doutrinas falsas, que caíram às cegas no mundo dos espíritos e que permanecem ali, escravos de sua ignorância.

À influência destes espíritos desencarnados há que se atribuir muitos acontecimentos obscuros e inexplicáveis da vida terrestre e uma boa parte dos males do mundo. Não basta a pureza de vida e de intenção, nem é suficiente tampouco uma elevada inteligência para proteger-se eficazmente contra a obsessão; a verdadeira salvaguarda se encontra no reconhecimento desta realidade e no estudo destes problemas.

As condições físicas que fazem possíveis estes tropeços são diversas; com freqüência existe uma predisposição natural, outras vezes se devem a debilidades do sistema nervoso ou a uma súbita impressão violenta. Os desarranjos físicos preparam o terreno para a obsessão, porque ao diminuir as

forças vitais diminui nosso poder de resistência às obsessões e resulta mais fácil para os espíritos intrusos o acesso, ainda que se dá com freqüência o caso de que nem a pessoa mortal nem o espírito intruso tenham consciência de seu mútuo contato.

Esta intromissão altera as características das pessoas sensíveis, dando origem a uma espécie de troca de personalidade e em ocasiões a uma manifestação de personalidades múltiplas e contrapostas. É também freqüente causa de uma aparente loucura, que pode abarcar desde a simples aberração mental até qualquer um dos tipos de loucura, tais como a demência, a histeria, a epilepsia, a melancolia, o traumatismo produzido por explosões de humor, a cleptomania, a idiotia, as obsessões religiosas e a mania de suicídio, assim como também a amnésia, a invalidez psíquica, a dipsomania, a imoralidade, os instintos bestiais, o sadismo e outras formas de criminalidade.

A humanidade encontra-se exposta à influência dos pensamentos de milhões de seres desencarnados que não chegaram ainda a uma plena realização das altas finalidades da vida. A este fato inegável há que se atribuir uma grande parte dos pensamentos e emoções involuntárias que experimentam os homens, certos estranhos pressentimentos, acessos de irritabilidade e de tristeza, impulsos extravagantes, explosões desmedidas de gênio, os caprichos absurdos e irremediáveis e um sem fim de desvarios mentais.

Desde a mais remota antiguidade até os tempos modernos se vem registrando os casos de obsessões e de possessões dos seres mortais pelos espíritos. O notável antropólogo inglês Dr. Tyler escreveu em seu livro *Cultura primitiva*: “Não exageramos ao afirmar que a metade do gênero humano sustenta a doutrina da possessão demoníaca em termos que coincidem em seus traços essenciais, e explica por meio dessa doutrina certos

feitos que são em essência idênticos, apresentando-se assim o gênero humano como representante efetivo de seus antepassados até a mais remota antiguidade.”

Na obra de Muller *Urreligionen* encontramos o seguinte parágrafo: “Entre os povos contemporâneos não civilizados é geral a crença de que os ataques de epilepsia, histeria, de delírio, idiotia e loucura são ocasionados por algum demônio que logra apoderar-se de nosso corpo.”

Home faz repetidas alusões à existência dos demônios, e diz: “Se um enfermo vai perdendo suas forças é porque um mal espírito fixou seu olhar nele.” Platão afirmava que os demônios obsedavam os mortais. Sócrates afirma concretamente que os loucos ou possuídos encontravam-se sob a influência dos espíritos demoníacos. Plutarco escreveu: “Existem certos demônios tirânicos que têm necessidade de apoderar-se de alguma alma encarnada, de um corpo para que possa divertir-se; não podendo dar satisfação às suas paixões de outra maneira, incitam à sedição, à luxúria, às guerras de conquista, e satisfazem desta maneira suas próprias concupiscências.” Josefo disse: “Chamam-se demônios os espíritos dos homens perversos.”

Tanto no Antigo como no Novo Testamento se faz menção freqüente dos espíritos que dominam aos obsedados e possessos. No livro de I Samuel, 16:23, lemos: “David tomou a harpa e tocou com suas mãos; Saul se sentiu reconfortado e são, e o mau espírito fugiu dele.”

Era tão corrente nos tempos dos apóstolos a crença nos espíritos e na obsessão pelos espíritos, que se chegou a considerar como um dos sinais mais importantes de um verdadeiro discípulo o de possuir a faculdade de expulsar os maus espíritos. Deve-se reconhecer que uma das partes mais importantes da obra atribuída a Jesus foi precisamente a de expulsar os demônios.

Bastarão algumas citações do novo testamento: “Deu Jesus a seus doze discípulos poder contra os espíritos impuros, para que pudessem afugentá-los.” Mat. 10:1. “Jesus aconselhou... e afugentou aos demônios.” Marcos, 1:39. “Um homem que havia ordenado aos espíritos impuros que saíssem do corpo daquele homem... O homem que se encontrava possuído pelos espíritos ficou curado.” Lucas, 8:27, 29, 36. “Incomodado com os espíritos impuros.” Lucas, 6:18. “Os maus espíritos saíram deles.” Atos, 19:12.

“Mestre, te trouxe meu filho, que tem um espírito mudo...” E ele perguntou ao pai: “Quanto tempo faz que o espírito entrou nele?” E o pai respondeu: “Desde criança...” Jesus repreendeu ao mau espírito, dizendo-lhe: “Espírito surdo e mudo, eu te ordeno, saia dele e não voltes a entrar.” E o espírito deu um grito e produziu ao menino uma grande dor, e saiu dele. E o menino ficou como morto; tanto que muitos disseram: “Está morto.” “Porém Jesus tomou-o pelas mãos e o levantou, e ele se pôs em pé.” Marcos, 9:17, 21, 25, 27. (Nas investigações psicopatológicas se dão com freqüência casos parecidos.)

Entre os escritores dos primeiros tempos do cristianismo nos encontramos com Santo Antonio, que diz: “Caminhamos rodeados de demônios que nos sugerem maus pensamentos, e também caminhamos rodeados de anjos bons. Quando se encontram presentes estes últimos, não ocorrem desordens, disputas nem vociferações, senão que nossa alma se sente invadida por uma sensação de tranqüilidade e doçura que a preenche de alegria. Deus é testemunho de que ao cabo de muitas lágrimas e jejuns que me vejo rodeado de anjos e que me uno alegremente a seus cânticos.”

Tertuliano desafiou aos pagãos numa demonstração de superioridade do cristianismo, tomando como prova o poder de expulsar os demônios do corpo. Minucio Félix, advogado e apologista romano, escreveu em *Octavius*:

“Existem alguns espíritos falsos e vagabundos que perderam sua vitalidade celeste... Que depois de haverem-se arruinado a eles mesmos, não se dão ocasião de repouso ao buscar a ruína dos demais.”

O Dr. Godfrey Raupert, de Londres, a quem o Papa Pio X comissionou faz alguns anos para que desse na América ante auditórios católicos, conferências sobre espiritualismo, veio a dizer em substância o que se segue: “É impossível deixar de lado o tema dos fenômenos psíquicos. Os homens de ciência do mundo inteiro reconhecem que o espiritismo é uma força real e concreta, sendo portanto uma tática perigosa descartar seus estudos. Por esse motivo fui convidado pelo Papa para que aconselhasse aos católicos a atitude que devem adotar nesta matéria... A Igreja admite a realidade destes fenômenos espiritistas e suas manifestações externas; a realidade atual consiste em descobrir a natureza da inteligência. Estamos próximos de descobrimentos de uma ordem nova que poderá revolucionar as crenças da humanidade. Não chegou todavia o momento de explicar todos estes fenômenos. Devemos, pois, suspender nossas opiniões até que se encontre melhor elucidado o tema. O estudo do espiritismo é novo, e é, portanto, perigoso... O conhecimento imperfeito do tema poderá oferecer graves perigos.” (Desse conhecimento imperfeito poderão resultar fenômenos de obsessão e de possessão.)

“É indiscutível o fato de que nos tempos antigos aconteciam as obsessões diabólicas. A prova de que a Igreja Católica reconhece a possibilidade dessas obsessões está nas regras preparadas para exorcizar.” O parágrafo precedente pertence ao monsenhor Lavelle, reitor da Catedral de São Patrício, em Nova York.

Julían Hawthorne escreveu em uma das publicações mais importantes: “Todos os dias morrem milhares de homens e mulheres enfermos de

pensamento e que se conduzem como tais em seus atos. O que fazem essas almas ou espíritos? Elas desejam voltar atrás, a este mundo... Temos muitas provas da audácia e da freqüência com que se aproveitam de todas as oportunidades que se lhes apresentam... Dois recursos temos para defendermo-nos. Podemos cegar a fonte de onde procedem estes hóspedes indesejáveis, e podemos também fechar as portas.”

O Dr. Axel Gustafson, que proclamou publicamente suas opiniões acerca da obsessão dos espíritos, apresenta como prova destas certos casos em que teve oportunidade de estudar, e diz: “As almas dos vingativos podem, em certos casos, depois da morte, entrar no corpo dos vivos e possuí-los.”

O Prof. Herbert L. Stetson, do Kalamazoo College, Michigan, sustentou esta afirmação em uma conferência que deu na Universidade de Chicago: “Não é um mito a obsessão demoníaca; são freqüentes as enfermidades que obedecem a uma possessão demoníaca... A crença nos demônios está sumamente generalizada.”

“Eu vejo com freqüência os demônios que ocasionam a loucura.” Esta afirmação é do Dr. E. N. Webster, membro da Seção Mental da *American Medical Association*. “Há ocasiões em que até escuto vozes. Certas pessoas que qualificamos de irremediavelmente loucas se perdem devido ao domínio angustiante que nelas exercem um espírito isolado ou uma multidão de espíritos. A autópsia e o exame “post mortem” nos demonstram com freqüência que não existia desarranjo algum nem no cérebro nem no sistema nervoso de tais pessoas.”

O Prof. William James escreveu nas *Atas da S. P. R.*: “Trago a absoluta certeza de que a teoria demoníaca voltará a se impor. Necessita-se ser completamente “científico” para ser cego e bastante ignorante para não suspeitar dessa possibilidade.”



O Prof. James H. Hyslop escreveu quando era diretor do *Journal of the American Society for Psychical*: “Dispomos cada vez de maior quantidade de provas para demonstrar que na raiz de todos os casos de loucura se oculta uma obsessão, sendo possível curá-la. O mundo médico deve abrir os olhos a esta realidade, ocupando-se deste problema com a devida atenção, se não quiser que esta matéria se escape do campo da ação do médico.”

Em uma das últimas publicações do Prof. Hyslop, intitulada *O contato com o outro mundo*, encontramos os seguintes parágrafos: “A doutrina da existência de maus espíritos que afluem na vida o Novo Testamento a demonstra com toda claridade e se encontra subentendida no Antigo... Os investigadores psíquicos recorrem ao termo obsessão para indicar uma influência anormal dos espíritos na vida das pessoas... As curas que se realizam exigem muito tempo e muita paciência, o emprego de uma psicoterapêutica nada comum e a aplicação de agentes psíquicos para estabelecer contato com os espíritos obsessores, conseguindo desta maneira que soltem a presa ou educando-os para que cessassem voluntariamente suas perseguições... Todos os casos de dissociação da personalidade e de paranóia em que se aplicou o método de exame contraditório têm curado, demonstrando-se em todos a existência de agentes estranhos, implicados com os sintomas de deterioração física ou mental. É hora pois de que utilizem experimentos em grande escala, porque este campo promete ser tão frutífero como as mais hábeis aplicações do escalpelo e do microscópio.”

O Dr. Hereward Carrington fundamenta a seguinte afirmação em *Fenômenos psíquicos modernos*: “É evidente... que a “obsessão” dos espíritos deve ser aceita pela ciência moderna, pelo menos como uma possibilidade de que não se pode fazer caso omissis, porque existem fatos surpreendentes que a abonam. Sendo assim, se impõe o estudo de semelhante fenômeno, não só do ponto de vista puramente teórico, senão também prático, porque somam

muitas centenas, e talvez milhares, as pessoas que sofrem na atualidade desta classe de obsessões, e seria necessário realizar investigações para encontrar a maneira de curá-las. Uma vez aceita a possibilidade teórica da obsessão, a investigação experimental abre um amplo campo que requer toda a atenção, habilidade e paciência que só podem proporcionar as ciências e os estudos psicológicos modernos.”

Em toda a história das ciências médicas não se registra um interesse tão intenso, não só entre os médicos e autoridades públicas, como entre o público em geral, por tudo o relacionado com a origem, tratamento e cura das enfermidades nervosas e mentais. As estatísticas nos demonstram que os desequilíbrios mentais aumentam em toda parte com alarmante rapidez; porém as opiniões das autoridades médicas diferem muito ao tratar das causas que produzem essa piora, e a ciência não conhece a exata etiologia da loucura funcional. “Antes de muito tempo se verá louca toda a humanidade”, declarou o Dr. Winslow, da Inglaterra.

A maior parte dos neurologistas e alienistas compartilham a crença de que a origem de toda loucura existe como causa determinante e como base o desajuste do sistema nervoso; porém é muito pouco o que se conhece da verdadeira causa.

O Dr. W. M. L. Coplin, diretor do Departamento de Sanidade e Beneficência de Filadélfia, Pensilvânia, disse: “Na maioria dos casos a loucura não está acompanhada por alguma mudança perceptível da estrutura cerebral. Se examinarmos ao microscópio o cérebro do paciente, não observaremos nele nada que difira em aparência do cérebro de uma pessoa sã. É, pois, evidente que a loucura pudesse ser produzida por alguma toxemia, produzida por algum microorganismo do gênero dos bacilos... A loucura tem evidentemente uma causa, porém a desconhecemos.”

O Dr. Britton D. Evans, superintendente do Asilo de Alienados de Morris Plains, Nova Jersey, afirmou: “O tumor cerebral e a febre cerebral podem não afetar o funcionamento normal da inteligência... Um homem pode estar enfermo do cérebro e sua inteligência funcionar com toda normalidade.”

O Dr. Th. Ziehn, notável alienista alemão e uma autoridade em histerismo, escreveu: “Muitas neuroses funcionais não estão ainda claramente delimitadas e definidas. Como a anatomia patológica não pode prestar-nos sua ajuda, não é possível sinalizar a causa uniforme e exclusiva da histeria.”

O Dr. William Hanna Thomson, médico do Hospital Roosevelt e professor de Prática médica e Enfermidades do sistema nervoso no *New York University Medical College*, falando do Dicionário de Psicologia médica de Tuke, fez a seguinte afirmação: “Têm colaborado nesta grande enciclopédia professores eminentes, especialistas e diretores de asilos de alienados da Inglaterra, Estados Unidos, França, Alemanha, Hungria, Bélgica, Dinamarca, Suíça e Rússia. Nos artigos que estes escritores dedicam à cleptomania, dipsomania, manias crônicas etc., não há nem uma só palavra acerca da anatomia patológica (porque não pode havê-la). O mesmo ocorre nos artigos sobre a melancolia, loucura puerperal, catatonia, loucura cíclica, loucura homicida e loucura epiléptica; em nenhum deles encontraremos nem uma só palavra acerca de sua patologia anatômica, pela simples razão de que nenhuma dessas formas de loucura está acompanhada de estados patológicos ou de uma conformação do cérebro distinta da de qualquer homem são, morto em consequência de algum acidente.”

Também são suas estas palavras: “Já é hora de que volvamos a vista para a toxemia (ou envenenamento do sangue) para buscar explicações aos gêneros de loucura que não vêm acompanhados de nenhuma mudança no cérebro.”

Não faz porém muito tempo que se fez público o fato de que no hospital de Alienados do Estado de Nova Jersey, situado em Trenton, conseguiu-se uma grande porcentagem de curas mediante a extirpação de certos órgãos enfermos, tais como dentes, amídalas e outros órgãos. O Dr. R. S. Copeland, ao fazer um resumo do método empregado em Trenton, escreveu estas palavras: “Este tratamento baseou-se na hipótese de que a loucura devia-se a uma toxemia ou envenenamento proveniente de uma infecção de índole bacilar em alguma parte do corpo. Se esta hipótese resulta certa, segue-se dela a extirpação dos tecidos afetados, trazendo como conseqüência o desaparecimento das desordens mentais, quando o processo não é seguido demasiadamente adiante.”

Quando as estatísticas reunidas pelo governo dos Estados Unidos, igual às publicadas por outros governos, nos deixam manifesto o fato de que o aumento dos casos de loucura é em proporção muito superior ao aumento geral da população, torna-se inadequado atribuir a origem dos primeiros desequilíbrios mentais aos dentes cariados ou às amídalas enfermas, e isto precisamente numa época em que se prestava atenção aos dentes e são mais freqüentes as intervenções cirúrgicas, enquanto que em outras épocas em que se conhecia muito pouco ou apenas se aplicava a ciência dental nas pessoas que possuíam com muita freqüência uma dentição estropiada por toda classe de enfermidades, era a loucura muito menos freqüente que agora.

Sem intenção de desmerecer as estatísticas do hospital de Trenton, queremos fazer constar que a própria experiência nos demonstrou, em numerosos casos de desajustes mentais, que os pacientes cuja dentadura deixava muito a desejar recobram seu equilíbrio mental quando se desalojou o espírito obsessivo, sem que se dedicasse nenhum cuidado prévio aos dentes.

Como se demonstrou que os espíritos obsessores são sensíveis à dor física, não posso ao menos sugerir a idéia de que as curas anunciadas pelo hospital de Trenton puderam ser atribuídas, em parte pelo menos, à dor produzida pela intervenção cirúrgica.

Os que se dedicam aos estudos de Psicologia Anormal, partindo da hipótese espiritista, encontram na sintomatologia da chamada “neuroses de guerra” ou traumatismo explosivo – descartados certos casos de simulação -, tal como descreve o Dr. F. E. Williams, diretor médico do Comitê Nacional para a Higiene Mental, da cidade de Nova York, todas as características de uma obsessão ou possessão exercida pelo espírito de algum soldado morto, inconsciente ainda de seu falecimento. Estas características são o delírio, as alucinações, os estados de ansiedade, as desordens funcionais do coração, a paralisia, os tremores, as perturbações na maneira de caminhar, os movimentos convulsivos, a dor, a anestesia, a hiperestesia, a cegueira, as desordens de fala etc.

À hipótese espiritista aos casos de neuroses de guerra vêm reforçar-se com o fato do rápido restabelecimento dos pacientes quando são submetidos a um enérgico tratamento elétrico (desalojamento dos seres obsessores?), segundo demonstrou o Dr. Vincent, o qual, ante as afirmações do Dr. Williams, curava em poucas horas certos enfermos que levavam meses submetidos ao tratamento de outros psiquiatras e os fazia caminhar livremente e a subir em escadas.

A teoria espiritista tem também a seu favor outras afirmações do Dr. Williams: “É raro encontrar esta neurose entre os prisioneiros que se viram expostos a traumatismos mecânicos... e tampouco se encontra entre os feridos... O traumatismo explosivo não é acompanhado de lesões graves do sistema nervoso central... O êxito está em recorrer ao tratamento psicológico,

bem melhor que o tratamento mecânico... Convêm diagnosticar e começar o tratamento imediatamente antes que o trauma explosivo (obsessão) se converta em uma psicose fixa.”

Os jornais relataram não faz muito, o caso de um menino da cidade de Nova York, chamado Frank James, que caiu de uma motocicleta quando tinha dez anos de idade e que mudou de caráter, convertendo-se, de alegre, afetuoso e obediente, em um rapaz arisco, insolente, que chegou a tornar-se um ladrão recidivante e um criminoso. Depois de haver cumprido várias condenações em um reformatório e cinco anos na prisão de Sing-Sing, foi classificado como louco incurável e enviado ao Asilo de Alienados do Estado. Entretanto, Frank James conseguiu escapar, e recebeu uma pancada na cabeça de seus perseguidores, ao tentarem capturá-lo; caindo ao solo sem sentido, foi levado ao hospital.

Na manhã seguinte o rapaz despertou extraordinariamente mudado; dali em diante converteu-se em um rapaz atento e cortês, não demonstrou o menor sintoma de desequilíbrio mental e não voltou a demonstrar impulso criminoso de nenhuma classe. O artigo do periódico termina com estas palavras: “Os médicos não conseguem compreender exatamente o que ocorreu no mecanismo cerebral do rapaz.”

É possível explicar este caso pela teoria da toxemia? Concebe-se que um golpe na cabeça fizesse desaparecer a suposta toxemia e restabelecer-se o equilíbrio mental? A explicação mais simples, do nosso ponto de vista, é que ao ocorrer a queda do menino, um espírito criminoso apoderou-se dele, e que a cacetada produziu uma dor tão aguda que desalojou o espírito obsessivo.

Os êxitos atribuídos à hidroterapia, tal como se pratica nos institutos para alienados, e especialmente quando se aplica um violento jorro de água ou um banho contínuo, podem também explicar porque servem para desalojar

os seres obsessores que não toleram os incômodos inerentes a semelhante tratamento.

O Dr. Prince escreveu nos *Anais de Psicologia anormal*: “Se queremos chegar a estabelecer os princípios inamovíveis em que se apóia a inteligência, é necessário que comparemos e estabeleçamos uma relação entre os descobrimentos efetuados por todos os métodos de investigação, tanto experimentais como clínicos, dando a devida consideração aos resultados conseguidos por todos os investigadores competentes.”

Depois de eliminar cuidadosamente todas as idéias baseadas na superstição e todos os absurdos que tem dado lugar à Psicologia normal e anormal; excluindo também as psicoses febris e idiopáticas, como também as psicoses neuropatológicas ou idiosincrasias, fica todavia em todos os casos de aberrações mentais um resíduo de anormalidade...

Este profundo desacordo entre os alienistas de fama e as mais destacadas autoridades acerca das causas que produzem a loucura é razão suficiente para que todos os homens dedicados em estudar, investiguem todas as possibilidades que se encerram em qualquer teoria plausível, sem preocuparem-se dos prejuízos pessoais e de sua impopularidade. Encontramos-nos diante de uma situação muito grave, e só à força de ampla tolerância e espírito livre, poderemos fazer frente a ela. Haja vista que a loucura é principalmente uma manifestação de desajustes mentais ou psicológicos – uma neurose psíquica -, sua sintomatologia deveria nos servir de guia para fixar sua etiologia, ajudando-nos também a chegar a uma solução de sua patologia mental.

Esta proposta, entretanto, não exige somente o estudo e a investigação experimental no campo da Psicologia normal e anormal, senão que exige

também, como premissa completa, o reconhecimento da dualidade do homem: matéria e espírito, o físico e o espiritual.

A loucura não é um estigma; a atitude do público com respeito às pessoas afligidas por esta enfermidade não deveria ser de distanciamento, e sim de compreensão; deveria servir para comprovar a estreita relação que existe entre o mundo visível e o invisível.

Os atos de obsessão realizados pelos espíritos constituem uma perversão da lei natural e podem ser amplamente demonstrados. Estão comprovados em centenas de casos, ao se fazer que o suposto desvario ou aberração se transfira temporariamente da vítima a um agente psíquico, de grande sensibilidade e adestrado neste efeito. Tem-se conseguido assim comprovar que a causa da psicose era um espírito ignorante ou maligno, o qual conseguiram identificar em muitas ocasiões.

Como se verá pelos experimentos que registraremos na continuação, têm-se conseguido por meio deste método, e sem causar nenhum prejuízo ao intermediário psíquico, tornar possível um melhoramento do enfermo, conseguindo ao mesmo tempo que o espírito obsessor saia de sua obscuridade espiritual ao explicar-se-lhe as leis que regem o mundo dos espíritos.

A comunicação entre os mundos visíveis e invisíveis é uma prerrogativa natural, e se estabelece valendo-se de uma pessoa de determinada constituição psíquica que seja capaz de atuar como intermediário, pelo qual as inteligências desencarnadas podem facilmente entrar em comunicação com o plano físico da vida. Entre os diferentes meios de que nos podemos valer para estabelecer contato com o mundo invisível, o mais útil para a investigação é o do transe ou êxtase inconsciente, durante o qual se pode estabelecer comunicação direta com o mundo invisível e se consegue



averiguar o estado mental das inteligências desencarnadas, sejam elas cultas ou ignorantes.

Os experimentos psíquicos podem ser danosos quando realizado por pessoas ignorantes e que não tomam as precauções necessárias, e desconhecem as leis que regem estes fenômenos, da mesma maneira que resultam perigosas a ignorância e o desprezo das leis que regem a vida diária. O mal uso de uma coisa não pode ser argumento para combater o seu uso.

Os estudos psíquicos caem em cheio dentro do domínio da ciência; é indispensável possuir um critério sereno e uma grande dose de sentido comum para dedicar-se aos trabalhos experimentais, além de um completo domínio das leis que presidem aos mesmos. Nestas condições, as investigações científicas constituem um fator indispensável para o estudo da ciência do espírito.

## **CAPÍTULO II**

### **A INVESTIGAÇÃO PSÍQUICA**

Os estudos psíquicos abarcam problemas de maior transcendência para a humanidade, e chegam a constituir um fator importante na vida social. Entretanto, é indiscutível que as distintas escolas que se dedicam a esta classe de estudos intentam dar a seus descobrimentos uma base puramente psicofisiológica.

A Psicanálise sustenta a teoria de que a raiz e a base de muitas psicoses encontram-se em alguma lesão ou trauma psíquico, oculto ou esquecido. O psicólogo experimental está buscando possível classificação e isolamento dos indivíduos mentalmente defeituosos, valendo-se das medições mentais e das provas de Inteligência. Por sua parte, os neurologistas e os psiquiatras se esforçam empenhadamente por isolar os fatores etiológicos que apresentam

as distintas neuroses, nas aberrações mentais e nas manias, e em descobrir os métodos mais eficazes para preveni-las e curá-las.

Ainda que estas escolas se mostrem resistentes em aceitar a hipótese de que as inteligências desencarnadas constituem o fator ativo e excitador em muitas das psicoses e aberrações, não podem negar que prestam serviços importantes ao descobrir e pôr em evidência os desequilíbrios que apresentam os indivíduos neuróticos, os impressionáveis e todos aqueles predispostos aos desajustes mentais.

O campo dos estudos psíquicos apresenta ao investigador duas fases: a normal e a anormal.

A fase normal delinea, entre outras, a seguinte questão, que interessa tanto ao médico quanto ao sacerdote: O que é do homem depois de sua morte? Este é um problema de importância vital para o enfermo que se encontra à beira do sepulcro, com um sentimento de insegurança acerca do futuro, tremendo talvez de medo da sorte provável que o espera depois de sua morte. Não ganharia em nobreza o papel representado pelo médico de cabeceira se este se encontrasse em condições de assegurar ao enfermo, por convencimento adquirido por si mesmo de uma maneira prática, que não existe em realidade a morte, senão que se trata de um esperar por novos planos de atividade e a novas possibilidades nas esferas mais elevadas da inteligência?

A fase anormal dos estudos psíquicos exige uma preparação da mais ampla possível por parte do médico em tudo que se refere ao misterioso funcionamento das almas, mesmo das desencarnadas ou das que vivem dentro de um corpo. Os estudos de psicologia normal, ou mesmo os de psicologia anormal, não somente indicam, de uma maneira que não deixa lugar a dúvidas, a existência dos espíritos, como demonstram também, sem discussão

possível, que esses seres possuem um papel importante nas distintas psiconeuroses e manias.

É também o médico o que está mais inteirado das conseqüências que pode acarretar o intrometer-se de torto a direito nas investigações psíquicas. Este intrometimento conduz com freqüência a determinadas aberrações mentais que requerem a intervenção imediata do médico, de quem depende a sorte da vitima infortunada. Ainda que só fosse por esta razão, deveria o médico considerar não como uma prerrogativa, senão como uma obrigação urgente, o conhecimento dos distintos aspectos que apresentam os estudos psíquicos, e de uma maneira especial os perigos a que se expõem os que realizam nesta matéria experimentos imprudentes, inclusive as pessoas que têm predisposição para as psiconeuroses.

As conseqüências alarmantes que tiveram em alguns casos os estudos psíquicos me incitaram a levar adiante uma investigação especial para descobrir as causas secretas que davam lugar a esses lamentáveis incidentes, coisa que cai por completo dentro do domínio do médico.

A primeira vez que dediquei minha atenção ao grave problema dos desajustes mentais produzidos como conseqüência de experimentos psíquicos levados a cabo por pessoas ignorantes, foi quando tive conhecimento de vários casos de pessoas que acabaram loucas furiosas, ao ponto de ter sido necessário enviá-las a um asilo, em conseqüência de certos experimentos, inofensivos em aparência, na escrita automática e com a *Ouija Board*.

O primeiro dos casos a que me refiro foi o da senhora Bl., cujos intentos de escrita automática acabaram em transtornos mentais e uma alteração da personalidade. Tratava-se de uma pessoa que em seu estado normal era amável, piedosa, tranqüila e de gostos refinados, e que se converteu em alvoroçada e turbulenta; começou a pular e dançar de uma maneira

descomposta; empregava uma linguagem grosseira e afirmava que era uma artista, insistindo em vestir-se ao estilo de cenário e dizendo que tinha que ir ao teatro em hora determinada, sob pena de perder sua colocação. Chegou a um estado tal de irresponsabilidade, que não houve mais remédio que interná-la em um asilo.

Outro caso que chegou ao meu conhecimento foi o da senhora Bn. Ao costume de praticar a escrita automática se transformou, de uma dama refinada e artista, em outra pessoa completamente diferente e de caráter violento. Esfregava constantemente as têmporas com as mãos, vociferando um grito ferido: “Piedade, senhor, piedade!” Precipitava-se correndo pelas ruas, rolando no barro, rezava e não queria ingerir alimentos, afirmando que se provava bocado antes das seis da tarde, se condenaria.

A senhora Sr., que se havia também entregue a essa classe de práticas, foi também vítima de transtornos mentais, e aos seus acessos furiosos fizeram-se necessárias a intervenção da polícia. Levantava-se durante a noite e se colocava na vitrine de sua loja de modas, adotando a clássica postura de Napoleão, personagem que ela afirmava ser. Finalmente, depois de haver cometido uma série de atos próprios de uma pessoa irresponsável e que implicavam transgressões da lei, teve de ser enviada ao hospital de alienados.

A senhora Wr., sentiu-se, em consequência de práticas da mesma classe, obsedada com alucinações, afirmando que Deus falava com ela constantemente e lhe jogava na cara as más ações que havia cometido; tiveram também que enviá-la a um asilo, depois do que tentou suicidar-se a conselho desse deus que lhe falava.

Chegaram ao meu conhecimento outros muitos casos desastrosos ocorridos por motivo do emprego da *Ouija Board*, tão inocente na aparência,

que me levou a dedicar-me ao estudo dos fenômenos psíquicos, buscando uma explicação para tão estranhos casos.

Minha esposa resultou ser um excelente intermediário psíquico, facilmente acessível às inteligências desencarnadas. Contestando certas dúvidas expressadas por ela, a propósito do direito a “molestar aos mortos”, afirmaram aquelas inteligências que existia entre os mortais um conceito lastimosamente errôneo acerca das condições que imperam depois da morte.

Asseguraram que não existe realmente a morte, senão uma transição natural do mundo visível ao invisível, e que os espíritos que alcançaram um elevado grau de progresso se esforçam constantemente por entrar em comunicação com os mortais para esclarecer-lhes acerca das supremas possibilidades que aguardam a todo espírito progressista. Porém ocorre que a morte – ou seja, o ato do espírito livrar-se do corpo – se apresenta de uma maneira tão simples e tão natural, que se dá o caso de que a maior parte dos indivíduos permanece durante certo tempo sem se dar conta da mudança que se realizou neles. Estes indivíduos, faltos de toda educação acerca de sua natureza espiritual, continuam vivendo nos lugares que freqüentavam em sua vida mortal.

Afirmaram também que muitos desses espíritos se viam atraídos pela aura magnética que rodeia a todo ser mortal – e isto sem que nem o espírito nem o ser mortal se dêem conta da intromissão -, e desta maneira, obsedando ou possuindo suas vítimas, se convertem por ignorância ou por malícia na causa de incríveis sofrimentos e danos, chegando a produzir com freqüência a invalidez, a imoralidade, o crime e uma loucura aparente.

Segundo suas afirmações, o maior risco a que se expõe o novato inexperiente nas investigações psíquicas consiste na intromissão de algum

espírito desta classe; porém o perigo ocasionado pela ignorância destas coisas aumenta ainda mais no caso das pessoas neuróticas muito sensíveis.

As aludidas inteligências desencarnadas asseguraram também que se podia demonstrar a exatidão desta hipótese e pôr as coisas às claras recorrendo a um procedimento de transferência, ou seja, fazendo que os seres obsessores mudassem da vítima para um intermediário psíquico. Uma vez realizada esta transferência, se observará um alívio na psicose do enfermo, e isso dará lugar a que os espíritos obsessores se ponham ao alcance de outros espíritos mais avançados, que os tomarão sob sua proteção e os instruirão nas leis superiores da vida.

Manifestaram haver descoberto que minha mulher era um instrumento muito apto para esta classe de experimentos, e me instaram a que, para demonstrar que suas afirmações eram exatas, cooperasse com eles deixando ao meu cuidado o instruir a estes espíritos ignorantes, para o qual eles permitiriam que se apossassem de maneira temporária, porém completa, do corpo de minha esposa, sem que por isso lhe ocorresse dano algum.

Desejosos de averiguar a verdade ou a falsidade de tão importantes afirmações, que, de serem certas, implicavam conseqüências muito importantes relacionadas com os problemas mais desorientadores da criminologia e também da psicopatologia, aceitamos uma empresa que parecia cheia de perigos.

As Inteligências-Guias, desejosas de levar a cabo seus propósitos, fizeram com que tivessem lugar muitas manifestações, algumas delas de maneira bem imprevista; algumas dessas manifestações ocorreram quando me dedicava aos meus primeiros estudos médicos.

Saí um dia de minha casa sem a menor intenção de dedicar-me às primeiras práticas de dissecação; portanto, a alma subconsciente de minha mulher não podia interar-se do que ocorreu mais tarde; foi pedido aos estudantes que realizassem a dissecação de uma metade de cadáver; o primeiro corpo que nos foi apresentado era o de um homem de uns sessenta anos, e eu dei princípio àquela tarde à dissecação de um membro inferior. Regressei para casa as cinco, e não havia passado ainda do umbral da porta, quando minha mulher se sentiu com aparência subitamente enferma; queixava-se dizendo que experimentava uma sensação estranha, e cambaleou, parecendo que ia cair ao solo. Coloquei minha mão sobre um de seus ombros, e ela então se ergueu e entrou imediatamente em êxtase ou transe, possuída por um espírito desconhecido que exclamou, fazendo um gesto de ameaça:

- Por que você está me cortando?

Contestei que eu não sabia que estivesse cortando alguém; porém o espírito me replicou furioso:

- Sim, senhor; você está me cortando a perna!

Dando-me conta de que quem me falava era o espírito a quem pertencia o corpo em que eu havia estado fazendo a dissecação, comecei a dialogar com ele, depois de colocar a minha mulher em uma cadeira.

O espírito se opôs vivamente, dizendo que eu não tinha por que tocar-lhe. Ao argüir-lhe eu que tinha perfeito direito de tocar em minha mulher, aquele ser me disse:

- Sua mulher? Mas, do quê você está falando? Eu não sou uma mulher, e sim um homem.

Eu lhe expliquei então que ele havia abandonado já seu corpo físico e que estava servindo-se do corpo de minha esposa; que seu espírito se encontrava aqui, porém seu corpo estava na Universidade. Quando pareceu que se dava conta da situação, lhe disse:

- Suponha que se eu estivesse neste mesmo instante cortando seu corpo na Universidade... Eu não lhe mataria se lhe cortasse, posto que você se encontre aqui e não lá.

O espírito confessou que esta parecia uma razão convincente, e disse:

- Pelo visto sou o que chamam “um morto”; de maneira que para nada me serve meu antigo corpo. Se você irá aprender algo, continue cortando-o.

Porém então exclamou prontamente:

- Ouça, senhor; dê-me um bocado de tabaco para mastigar.

Disse-lhe que não tinha, e então me pediu que lhe desse um cachimbo carregado, dizendo:

- Me mato por fumar.

Como é de supor, também lhe neguei esta pretensão. (O fato de que minha senhora sentisse, desde sempre, um verdadeiro asco ao ver uma pessoa mastigando tabaco afastava a possibilidade de que sua inteligência subconsciente tivesse alguma parte neste episódio.)

Depois que lhe expliquei com mais detalhes o fato de que ele era agora o que se chama “um morto”, terminou o espírito por compreender sua verdadeira situação, e se retirou.



Ao realizar depois um exame da dentadura do cadáver, vimos que havia sido durante toda sua vida um fumante inveterado.

Em outra ocasião havia sido nomeado ajudante do professor em aula de dissecação, e havia sido escolhido para realizarem-se os trabalhos o cadáver de um negro. Entretanto não se havia tocado no cadáver ainda, quando uma manhã minha senhora se sentiu possuída por um espírito desconhecido que falava por meio dela, e dizia:

- Ouça, patrão; suponho que você não irá cortar esse negro!

Contestei-lhe que estava já no estado que o mundo chama “morto”; que não se encontrava em seu antigo corpo, e sim que se valia do corpo de uma mulher. Não havia maneira de convencê-lo, e então lhe mostrei as mãos de minha mulher, fazendo-o observar que não eram negras, e sim brancas, e me contestou:

- É que as tenho cheias de cal: sou caiador de ofício.

Resultou ser um espírito muito obstinado, e antes que aceitar a verdade, recorria a toda classe de negativas; porém ao fim se convenceu e se foi.

Relatarei outro caso para que se veja até que ponto incrível os espíritos sentem apego a seus corpos terrestres, por desconhecimento de seu falecimento ou morte.

Tínhamos na sala de dissecação o corpo de uma mulher de uns quarenta anos de idade, que falecera no mês de junho anterior no *Cook County Hospital*, Chicago. Em janeiro, ou seja, sete meses depois de seu falecimento, foi-nos indicado aquele cadáver para fazer os estudos, a certo número de estudantes, entre os quais eu. Começaram a trabalhar nele uma noite, estando

eu ausente. Nenhuma explicação me deram; porém, fosse pelo que fosse, os estudantes não voltaram a tocar no cadáver.

No dia seguinte não havia aula de tarde, e eu me pus a fazer, sozinho, práticas de dissecação, trabalhando no braço e no pescoço. A sala de dissecação se encontrava na parte traseira de um conjunto de edifício de planta baixa, muito tranqüila. De repente ouvi uma voz muito baixa, porém muito clara, que dizia:

- Não me assassine!

A voz chegava muito débil, como se viesse de muito longe; porém como não tenho nada de supersticioso e não sou dado a atribuir à influência dos espíritos certos pequenos incidentes, percebi em seguida que esse grito procedia de alguns meninos que estavam brincando na rua, ainda que não visse nos arredores nenhum grupo de crianças.

Na tarde seguinte encontrava-me também trabalhando só, quando o ruído de um roçar que se produzia em um papel amassado que havia no solo me surpreendeu, um ruído como o que se produz quando se amassa o papel. Não lhe dei maior importância e nem sequer falei disso a minha mulher.

Não voltei a recordar deste episódio até uns dias mais tarde. Estávamos realizando em minha casa um “círculo psíquico”, e já se haviam retirado nossos “colaboradores invisíveis”. Notei que minha mulher continuava em um estado semi-comatoso. Me aproximei dela para dar-me conta do que sucedia, quando o espírito que se havia apoderado dela se levantou prontamente, me deu uma furiosa bofetada e gritou:

- Temos que acertar algumas contas!

Ao cabo de um momento de luta com o espírito desconhecido, lhe perguntei a que vinha ser tudo aquilo.

- Por que pretende matar-me? – perguntou o espírito.

- Eu não pretendo matar ninguém – contestei.

- Sim, senhor. Você está cortando meu braço e o pescoço! Eu gritei a você que não me matasse e fiz ruído no papel que havia no solo para ver se lhe assustava, porém não deu nenhuma importância.

O espírito soltou uma grande gargalhada e disse com regozijo:

- Porém aos outros sim assustei.

Foi necessário explicar-lhe extensamente qual era seu estado atual: disse que se chamava Minnie Morgan, terminou por compreender e se retirou prometendo que procuraria buscar uma vida mais elevada.

É tal a facilidade com que os espíritos tomavam posse do intermediário psíquico, no caso minha senhora, que a maioria deles não conseguiam compreender que pertenciam ao mundo dos “mortos” e que estavam valendo-se temporariamente do corpo de outra pessoa.

Às almas bastante esclarecidas, é fácil fazer compreender o anormal da situação. Basta fazer-lhes notar a dessemelhança entre suas formas corpóreas anteriores, entre suas mãos, seus pés, suas roupas e as do intermediário psíquico. Isto sucede especialmente quando se trata do espírito de um homem, porque então salta à vista a diferença. Ao fazer o espírito observar que o corpo de que está se valendo pertence a minha mulher, a contestação geral costuma ser: “Eu não sou sua mulher”. E em seguida me vejo obrigado a entrar em

uma longa explicação para fazer-lhes compreender o fato de que estão possuindo momentaneamente o corpo de outra pessoa.

Encontra-se, por outro lado, espíritos aos quais não é possível arrancá-los de sua incredulidade e que se negam obstinadamente em compreender sua mudança do mundo físico. Estes não fazem caso de razões, e não conseguem se dar conta de sua nova situação, nem quando se coloca frente a eles um espelho; dizem então que foram hipnotizados e dão tal prova de obstinação, que não há outro remédio que obrigar-los a abandonar o corpo do meio psíquico, deixando-os ao cuidado dos cooperadores invisíveis.

Para facilitar a transferência da aberração mental ou psicose do enfermo ao intermediário psíquico, a senhora Wickland, recorremos ao emprego da eletricidade estática, aplicando-a ao paciente, muitas vezes na presença do intermediário psíquico. Este tipo de eletricidade é totalmente inofensiva para o paciente, porém resulta em uma grande eficácia, porque o espírito obsessor não pode resistir durante longo tempo e abandona o corpo daquele.

Aconselhado então pelos nossos cooperadores invisíveis, é comum o espírito colocar o intermediário psíquico em transe ou êxtase. Então podemos nos pôr em comunicação com ele, procurando fazê-lo compreender qual é sua verdadeira situação e abrindo seus olhos às possibilidades de uma vida mais elevada. Finalmente, fazemos que se retire e fique aos cuidados de outros espíritos mais avançados. A senhora Wickland volta então a seu estado normal.

São muitos os casos em que se consegue demonstrar de uma maneira eloqüente que a causa determinante das aberrações do enfermo eram, em efeito, algumas inteligências desencarnadas; para isso nos valem do “círculo psíquico”. Desaloja-se os espíritos obsessores do corpo de suas vítimas, que às vezes estão longe daquele lugar. As inteligências cooperadoras

conduzem então esses espíritos ao “círculo psíquico”, permitindo-lhes que se apoderem do intermediário. Às vezes começam por queixar-se de que foram obrigados a trocar de lugar, porém ignoram que são espíritos e que estão se servindo do corpo de outras pessoas ou exercendo influências sobre elas.

Porém fica demonstrado de uma maneira indubitável que a causa dos transtornos do enfermo era aquele espírito, quando se compara a semelhança dos atos que realiza o espírito valendo-se do intermediário e a melhoria experimentada pelo paciente enquanto o espírito que o obsedava está desalojado. Sabe-se de muitos casos em que se pôde identificar de uma maneira segura a personalidade do espírito. Uma vez que se conseguiu desalojar o espírito obsessor de um modo permanente, o enfermo melhora gradualmente, mesmo que às vezes seja necessário desalojar mais de um espírito do mesmo enfermo.

Perguntarão porque os mesmos espíritos que alcançaram um grau maior de evolução não se encarregam dos espíritos apegados à Terra, ensinando-os sem a necessidade de utilizar do recurso da possessão de um intermediário psíquico. A explicação é que muitos destes espíritos ignorantes não podem ser ajudados pelos espíritos avançados enquanto não entrarem em contato com a realidade física. Então não têm outro remédio que se conscientizar de sua verdadeira situação, e seguem pelo caminho do possível progresso.

Ao mesmo tempo que se consegue, mediante a possessão do intermediário psíquico, que o espírito abra os olhos à realidade, o investigador recebe proveitosas lições. Não terminam aí os benefícios, pois se consegue que outros grupos de espíritos, que permanecem na ignorância, se beneficiem com a lição que representa a mudança de conduta do espírito com o qual se estabeleceu a comunicação.

Muitos dos espíritos obsessores se conduzem como dementes e são difíceis de trazer à razão. Há que se buscar a causa nas doutrinas falsas, prejulgamentos e certas opiniões geralmente admitidas no mundo da vida física. Às vezes são indômitos e alvoroçados e, há que se sujeitar o intermediário psíquico pelas mãos para que guardem compostura.

Há muitos espíritos que ao perceberem sua verdadeira situação, parecem experimentar uma sensação de agonia e isto significa que estão perdendo o domínio do intermediário psíquico.

Outros espíritos, enfim, permanecem como em uma espécie de atordoamento e torpor e, não aspiram a outra coisa senão a que os deixem tranqüilos. Em tais ocasiões há que recorrer a frases fortes para despertá-los, como poderá ser visto em alguns casos que registramos mais adiante. Será visto em nossa relação de casos, que os espíritos obsessores falam às vezes de um “calabouço” em que são encerrados os espíritos rebeldes; os espíritos que se apoderam do médium se queixam com freqüência de que estão reclusos em um calabouço.

Devido a uma determinada lei psíquica, os espíritos superiores podem colocar os espíritos ignorantes em uma situação que se pode chamar de cárcere, rodeando-os com um muro impenetrável, donde não podem escapar. E dentro dessa cavidade permanecem, sem ver outra coisa que sua própria imagem e tendo sempre ante os olhos suas ações passadas, até que se arrependam e dêem provas de estarem dispostos a adotar um novo comportamento, conformando-se com as leis espirituais do progresso.

A senhora Wickland, minha esposa, cai durante os experimentos em um estado psíquico de êxtase inconsciente; fecha os olhos e sua própria alma sofre uma ausência, ficando adormecida durante algum tempo. Terminado o

êxtase, não conserva a menor lembrança de tudo o que aconteceu durante o mesmo.

Em intervalos de um experimento e outro, o estado psíquico da senhora Wickland não sofre nenhuma perturbação; conserva seu equilíbrio mental e uma plena consciência de si mesma. Ao término de trinta e cinco anos de experimentos psíquicos não sofreu o menor transtorno, nem dano de nenhum gênero.

É protegida de todo perigo do mundo invisível por um grupo de inteligências superiores, agrupados sob o nome de “O Grupo da Misericórdia”, que é o que guia nossos trabalhos e que se esforça por levar a humanidade ao convencimento de que a transição que chamamos morte é um passo simples, e que é de uma importância fundamental que compreendamos a situação do espírito depois da morte.

A finalidade que nos propusemos em nossas investigações foi a de conseguir provas fidedignas, irrefutáveis e de primeira mão acerca da situação dos espíritos “depois da morte” e, com este objetivo tivemos o cuidado de taquigrafar todo o conversado durante os experimentos, para poder assim fixar com exatidão a situação das inteligências com as que estabelecemos comunicação.

### **CAPÍTULO III**

#### **A INTELIGÊNCIA SUBCONSCIENTE E A AUTO-SUGESTÃO SÃO DUAS HIPÓTESES INSUSTENTÁVEIS**

São tão surpreendentes os fatos esclarecidos durante trinta anos de busca infatigável, que fica-se pasmo de que, pessoas que discorrem em outros aspectos da ciência com tanta cordura, possam desconhecer estes feitos tão fáceis de comprovar. Não há possibilidade de engano nestes experimentos; empregam-se neles, às vezes, certos idiomas estrangeiros totalmente

desconhecidos da senhora Wickland e, recorre-se a expressões nunca ouvidas por ela. Por outro lado, pôde-se comprovar uma vez ou outra a personalidade dos espíritos que a manejavam, nos encontrando com a realidade que correspondia as suas afirmações.

Em uma das ocasiões conversei com 21 espíritos diferentes, todos os quais falavam pela boca de minha mulher; quase todos eles me deram provas convincentes de que eram os espíritos de certos amigos e parentes meus, e todos os quais eu havia conhecido quando estiveram encarnados em seus corpos. Empregaram o total de seis idiomas distintos, sendo que minha mulher não conhece mais que o sueco e o inglês.

Tivemos que desalojar nada menos que 30 espíritos diferentes do corpo de uma enferma, a senhora A., que nos foi trazida de Chicago. Permitiu-se a esses espíritos que entrassem em posse do corpo da senhora Wickland, podendo a senhora H. W., mãe da enferma, identificar sete deles, que resultaram ser amigos e parentes muito conhecidos durante sua vida terrestre.

Um deles era um sacerdote que foi pastor da igreja metodista que a senhora H. W. pertencia e que havia falecido no ano anterior em um acidente ferroviário, sem que seu espírito houvesse adquirido em todo esse tempo consciência do fato; outro era o espírito de uma cunhada; se apresentaram também os de três senhoras anciãs, amigas da família durante muitos anos; o de um rapaz que vivia na vizinhança e a sogra da enferma, todos eles totalmente desconhecidos da senhora Wickland.

A senhora H. W. conversou longamente com cada um deles, conforme ia falando pela boca da senhora Wickland, comprovando a verdade de numerosas afirmações feitas pelos espíritos e ajudando-os a compreender o câmbio que se havia realizado em seu estado e o fato de que estavam fazendo vítima sua filha, porque a vinham obsedando. A enferma encontra-se hoje



completamente curada e dedica-se com toda atividade em ocupações sociais, familiares e musicais.

Outro caso nos demonstrará com evidência como se efetua a transferência da psicose do paciente ao intermediário psíquico e como é impossível que este último atue sob a influência da inteligência subconsciente ou da “personalidade múltipla”.

Uma noite de verão fomos chamados à casa da senhora M., dama de muita cultura e de educação refinada. Era uma artista de renome no campo da música e suas atividades sociais chegaram a exigir dela um esforço excessivo, que lhe ocasionou um desequilíbrio nervoso. Adquiriu um caráter intratável e chegou a estar durante seis semanas em um estado tal de frenesi, que os médicos não puderam proporcionar-lhe alívio algum e houve necessidade de enfermeiras cuidá-la noite e dia.

Encontramos a enferma sentada em sua cama, chorando todo tempo como um menino perdido e, gritando de vez em quando, aterrorizada: “Matilla, Matilla!” E de repente começava a brincar e forcejar, expressando-se em uma mistura de inglês e castelhano (este último idioma ela não conhecia).

A senhora Wickland deu imediatamente seu diagnóstico psíquico, assegurando que se tratava de um caso inegável de obsessão; diagnóstico que recebeu uma confirmação imprevista: a senhora Wickland, que se encontrava aos pés da cama, disposta já a retirar-se com o agasalho posto, caiu prontamente em transe ou êxtase. A colocamos sobre um divã que havia no salão de música e ali permaneceu durante duas horas, enquanto eu conversava, um depois do outro, com vários espíritos que eram atraídos para fora do corpo da enferma.

Estes espíritos eram três: uma jovem chamada Mary; um norte-americano seu noivo, e seu rival, um mexicano chamado Matilla. Um e outro amavam com paixão a moça e seu ódio mútuo era igual ao amor pela jovem. Um deles matou-a em um acesso de ciúme furioso e em seguida os dois rivais se acometeram, travando uma luta da qual ambos saíram mortos.

Nenhum deles tinha consciência de estar “morto”, ainda que Mary dissesse chorando desconsoladamente: “Eu acreditava que se matariam um ao outro, porém aí estão os dois, brigando ainda”.

Esta tragédia de amor, ódio e ciúmes não havia acabado com a morte física; o grupo se viu atraído inconscientemente para a atmosfera psíquica da enferma e continuaram lutando furiosamente dentro da aura da mesma. Como naquele momento haviam debilitado muito sua resistência nervosa, aqueles espíritos usurparam, um depois do outro, o corpo físico da enferma e disso resultou aquele transtorno inexplicável para os que a cuidavam.

Após grandes esforços consegui convencer aqueles três espíritos de que se encontravam fora de seus corpos físicos; acabaram reconhecendo a verdade e se retiraram acompanhados por nossos colaboradores invisíveis.

Enquanto isto ocorria, a enferma levantou e caminhou pela habitação conversando como uma pessoa normal com a atônita enfermeira. Prontamente disse: “Vou dormir bem esta noite”. E voltou à cama, dormindo sem a necessidade de recorrer aos estupefacientes, descansando sossegadamente durante toda a noite.

No dia seguinte veio à nossa casa, acompanhada por uma enfermeira; nós despedimos esta, prescindindo de todas as medicações que tomava e depois de havê-la submetido a um tratamento elétrico, a enferma comeu no

refeitório geral, junto com os demais enfermos. Naquela noite assistiu uma festa que demos em nosso salão de reuniões.

No seguinte dia desalojamos de seu corpo outro Espírito: o de uma menininha que havia falecido no terremoto de São Francisco e que não fazia mais que chorar, afirmando que se achava perdida na escuridão. Somente a consolamos e em seguida os espíritos amigos se encarregaram dela, que não haviam podido chegar até a mesma enquanto esteve envolta na aura de um ser psiquicamente sensível.

Ao cabo de alguns meses de tratamento, descanso e convalescência, a enferma regressou a sua casa e reassumiu sua vida normal.

Um dos primeiros casos que nos foi apresentado em Chicago ocorreu em 15 de novembro de 1906. Enquanto realizávamos um de nossos círculos psíquicos, a senhora Wickland entrou em transe, possuída por um espírito desconhecido; caiu demoradamente no chão e permaneceu durante algum tempo em estado comatoso. Conseguimos finalmente que o espírito se manifestasse e começou a movimentar como se sentisse grave dor, exclamando repetidas vezes: “Por que não tomei uma quantidade maior de ácido carbônico? Quero morrer. Estou tão enfasiado da vida!...”

O espírito queixou-se com voz muito débil da profunda escuridão que reinava ali e foi incapaz de distinguir a luz de uma lâmpada elétrica que lhe dava em cheio no rosto. Sussurrou com voz apenas perceptível: “Pobre filho meu!” e quando insistimos que nos desse mais dados, disse que se chamava Mary Rose e que vivia no número 202 da rua *South Green*, rua que nos era então desconhecida.

Em princípio não pode recordar data alguma; porém quando lhe perguntamos: “Estamos hoje a 15 de novembro de 1906?”, contestou: “Não,

isso será na próxima semana”. A vida não havia sido para ela mais que desilusões; havia estado afligida por uma enfermidade crônica nos intestinos e um bom dia, resolvida a por fim em sua miserável existência, tomara veneno.

Não conseguia a princípio compreender que sua tentativa de destruir o corpo físico havia se realizado. Igual aos outros muitos suicidas, ignorava que a vida é indestrutível e que existe uma realidade mais além desta existência. Quando se lhe fez compreender a verdadeira finalidade da vida, da experiência da dor, sentiu-se acometida pelo arrependimento e pediu perdão de todo coração.

Então se aclarou um pouco sua vista espiritual e viu vagamente a imagem espiritual de sua avó, que viera em socorro para conduzi-la ao mundo dos espíritos.

Iniciamos depois uma investigação no endereço indicado pelo espírito e comprovamos a exatidão de suas afirmações: vivera ali uma mulher com aquele nome e um seu filho ainda vivia ali. Informaram-nos de que a senhora Rose havia sido levada ao *Cook County Hospital* e que falecera nele havia uma semana.

Prosseguimos nossas investigações no hospital e obtivemos a confirmação daqueles fatos, assim como uma cópia da ficha da morta:

*Cook County Hospital, Chicago, Ills.*

*Mary Rose*

*Ingressou: novembro 7, 1906*

*Faleceu: novembro 8, 1906*

*Envenenamento por ácido carbônico*

*Número 341.106*

Outro caso também nos demonstrará que com freqüência é possível a identificação de um espírito.

A senhora Fl., declarada louca incurável por vários médicos, havia sido uma senhora de gostos refinados e caráter aprazível, porém se converteu prontamente em uma pessoa de caráter intratável e violento: não cessava de blasfemar e brigava com tal violência que eram necessárias várias pessoas para sujeitá-la.

Caía às vezes em estado comatoso; outras vezes sofria desmaios, negava-se a comer e declarou que “havia contraído matrimônio com os poderes celestes”, servindo-se ao mesmo tempo de uma linguagem obscena. Estas fases distintas se sucediam umas as outras constantemente, porém não se conseguiu ter uma prova terminante de que se tratava de um caso de obsessão até o dia em que a senhora Fl. permaneceu sem fala e, agindo como uma idiota, representou perfeitamente o papel de uma pessoa surda-muda.

Estando assim, chegou a nossa casa um cavalheiro, para visitar um enfermo, procedente de um Estado vizinho. No pouco tempo em que este senhor chegou, a enfermeira que estava cuidando da senhora Fl. veio informar que havia ocorrido uma mudança na enferma e que esta estava agora como uma menina de pouca idade. Era tão surpreendente a mudança, que não pudemos ao menos convidar o visitante para que entrasse na habitação para observar a enferma. Esta lhe era totalmente desconhecida; porém nem bem o visitante entrou, a enferma lhe apontou o dedo e disse em voz alta, com voz de menina:

- Eu conheço esse cavalheiro! Quando eu chupava algum pirulito ele costumava dar puxões no palito! Também me levou a um campo de ciganos. Vivia na mesma rua, frente a frente de minha casa e costumava chamar-me de Pimpolho. Eu não tenho mais que quatro anos.

O assombrado cavalheiro corroborou todas estas afirmações, assegurando que havia conhecido uma menina destas características em Iowa,

porém havia morrido no ano anterior. Era muito apegado a crianças e em várias ocasiões havia levado aquela menina a um acampamento de ciganos; comprava-lhe pirulitos e quando a menina estava chupando o caramelo, se entretinha puxando a extremidade do palito, dizendo que ia arrancar-lhe os dentes.

Era evidente que o espírito da menina havia sido atraído efetivamente por aquele homem e que havia encontrado na senhora Fl. um veículo apropriado para dar-lhe a conhecer sua presença.

Livrou-se a enferma daquele espírito e se foi livrando-a gradualmente de outras influências e alguns meses mais tarde foi declarada normal por um juiz e pelo juizado, reconhecendo-se-lhe todos os direitos que a lei reconhece ao indivíduo.

Outro caso admirável que veremos aqui é o da senhora O., que desempenhava o ofício de cozinheira em um restaurante. Observou que uma das camareiras se conduzia de uma maneira diferente, parecendo sofrer de ilusões e alucinações e a trouxe ao meu consultório. Submeti a enferma a um tratamento elétrico e a deixei ir para sua casa, depois de haver dito que se sentia aliviada.

Porém naquela noite a senhora O. sentiu-se indisposta, com um mal estar indefinível que lhe impediu conciliar o sono, durando sua inquietude até as dez da manhã. Estava nessa hora entregue aos preparativos da comida, quando a acometeu de pronto um acesso furioso, puxando o cabelo e parecendo que ia atentar contra si mesma.

Me chamaram com toda pressa e, ao chegar na casa da senhora O. a encontrei em um estado de loucura furiosa, queixando-se de que a atiravam por toda parte e de que não podia encontrar um lugar onde descansar.

Suspeitando da presença de um ser invisível, coloquei a senhora O. em uma cadeira, lhe atei as mãos para evitar que forcejasse e me pus em comunicação com o espírito. Este declarou, depois de algumas observações, que era um homem, porém negou que estivesse morto nem que estivesse obsedando a nenhuma mulher.

Manifestou que seu nome era Jack, que era tio da camareira enferma e que havia sido durante toda a sua vida um vagabundo. Ao cabo de longa argumentação consegui que aquela alma se desse conta de sua situação e se retirou, prometendo não causar novos males. A senhora O. recobrou, ato contínuo, seu estado normal e voltou ao trabalho sem outros inconvenientes.

Averiguou-se mais tarde que, em efeito, a camareira havia tido um tio que se chamava Jack, e que durante toda sua vida havia sido um vagabundo e que havia falecido. Neste caso a senhora O. havia atuado de intermediário psíquico, e o espírito obsessivo que perturbava a vítima havia se transferido a ela.

O Dr. Lydston escreveu um artigo faz alguns anos em um periódico de Chicago, em que relatava o caso de um enfermo que, desconhecendo totalmente o francês, cantou perfeitamente a letra da Marselhesa ao ser-lhe aplicado um anestésico. O Dr. Lydston, que nega a imortalidade do ser, explicava este fenômeno relegando-o à região do subconsciente ou a da memória subconsciente, comparando-o com o caso daquela doméstica que em momentos de delírio recitava trechos de clássicos latinos com a mesma perfeição com que um patrão que havia tido, e que estava morto, os recitava em vida.

Eu o contestei em um periódico que estes casos acontecem com bastante freqüência ao realizar investigações psíquicas e afirmei que, a despeito dos sábios materialistas, demonstrava-se claramente com eles a

sobrevivência dos espíritos e a possibilidade de que estabelecessem comunicação com os mortais. Acrescentava que se fosse possível fazer uma investigação para colocar em claro a verdade, se descobriria que o homem que cantava em francês atuava naquele momento de intermediário psíquico e que se encontrava submetido ao domínio de uma inteligência estranha a ele. E quanto à doméstica que recitava trechos em latim, poder-se-ia afirmar que se encontrava obsedada por seu antigo patrão, o professor de latim.

Pouco tempo depois disto, o cavalheiro a quem o Dr. Lydston aludia em seu artigo, se apresentava em minha casa, dizendo-me que havia lido meu artigo e que “ignorava por completo o francês, porém que sabia muito bem, no entanto, que os espíritos não o deixavam viver”.

Ao estudar os casos da “Personalidade Múltipla”, “Dissociação da Personalidade” e “Estados desagregados da Consciência”, os psicólogos modernos negam a possibilidade da intervenção dos espíritos, fundamentando-se de que essas personalidades distintas não demonstram possuir algum conhecimento de índole supranormal, nem demonstram possuir nenhum traço de origem spiritista.

Nossa experiência, pelo contrário, nos tem demonstrado que a maior parte dessas inteligências estranhas não se deu conta de seu trânsito e por esse motivo não conseguem compreender que são simplesmente espíritos, mostrando-se resistente em reconhecer este fato.

No caso da senhorita Beauchamp, citado pelo doutor Morton Prince em seu livro *A dissociação da personalidade*, em quem se manifestavam alternadamente quatro personalidades distintas, ninguém atribuiu o caso à intervenção de Inteligências estranhas e, entretanto, “Sally” (personalidade número 3) afirmava que ela não era, de nenhuma maneira, a senhorita Beauchamp (Cristina), que sua própria consciência era distinta da senhorita



Beauchamp e se referiu ao tempo em que esta senhorita estava aprendendo a caminhar: “quando Cristina era uma menina muito pequenina que começava a aprender a andar... Recordo seus pensamentos como perfeitamente distintos dos meus”.

Da mesma maneira, no caso de Bernice Redick, de Ohio, a pequenina que mudava constantemente de personalidade, convertendo-se em “Polly”, um menino inquieto, tudo permite supor a influência de um espírito desencarnado, que ignorava provavelmente sua condição de falecido e se apoderava da senhorita Redick.

Poderia ser facilmente demonstrado que estas “personalidades” são em realidade seres independentes. Bastaria transferi-las a um intermediário psíquico, como se tem demonstrado em inumeráveis casos similares.

Todo intento de explicar os experimentos realizados por nós mediante as teorias da Inteligência Subconsciente, da Auto-sugestão ou das múltiplas personalidades seria em vão. É evidentemente impossível que a senhora Wickland possa ter um milhar de personalidades e tampouco teria explicação em tal caso a facilidade com que se transfere à mesma a psicose da pessoa enferma, o que põe manifesta que a causa do transtorno é um espírito desencarnado, ao qual com freqüência pode-se ser possível identificar, comprovando suas afirmações. Certos indivíduos de órgãos auditivos muito aguçados costumam sofrer grandes males, queixando-se de ouvir as vozes dos espíritos obsessores (ou seja, o que os alienistas qualificam de “alucinações auditivas”). Quando se encerra alguma destas pessoas em um círculo psíquico, mediante o qual se obriga aos espíritos desalojar o corpo do enfermo e a transferir-se ao corpo do intermediário psíquico, costuma-se pôr em claro coisas muito interessantes.

Para ilustrar nossa assertiva vamos citar o caso da senhora Burton, uma enferma *clariaudiente* que estava em constante luta com os espíritos que a obsedavam e que foi libertada de seus molestos acompanhantes quando ocorreu ao nosso círculo. Reproduzimos em seguida a conversação mantida com os espíritos por meio do intermediário psíquico, que era a senhora Wickland, e nela se verá o caráter de cada uma das distintas entidades presentes.

*Espírito:* Carrie Huntington – *Enferma:* Senhora Burton.

*Médico:* - Diga-nos quem é você.

*Espírito:* - Protesto de que me atem as mãos.

*Médico:* - Esteja você tranqüila.

*Espírito:* - Por que você me trata assim?

*Médico:* - Quem é você?

*Espírito:* - E para quê quer saber?

*Médico:* - Você está aqui com uma pessoa estranha, e desejaríamos saber com quem tratamos.

*Espírito:* - E para quê você quer saber?

*Médico:* - É natural que nos interessemos em saber com que tipo de pessoas tratamos. Suponha que você fosse visitar um desconhecido. Não começaria por perguntar-lhe o nome?

*Espírito:* - É que me incomoda estar aqui e não tenho interesse em travar conhecimento com nenhum de vocês. Me atraíram aqui como em empurrões, e não me parece correto que me obriguem a permanecer aqui.

Ademais, quando entrei e sentei na cadeira, você me atou as mãos como se fosse uma prisioneira. Por que me obrigaram a vir aqui? (Acudiu obrigada pelos espíritos-guias).

*Médico:* - Você se encontrava provavelmente perdida nas trevas.

*Espírito:* - Parece que me tiraram à força.

*Médico:* - Não havia nenhuma razão para isso?

*Espírito:* - Que eu saiba não havia nenhuma razão, e não consigo compreender por que me maltratam assim.

*Médico:* - De modo que não lhe deram explicação alguma pelo que fizeram com você?

*Espírito:* - Me fizeram passar um mau momento. Me torturaram até parecer-me que ia morrer. Me levaram daqui para ali, sem consideração; isto me indignou de tal maneira, que está me dando vontade de começar a bater em todos.

*Médico:* - Porém o que é que lhe fizeram?

*Espírito:* - Uma coisa horrível. Quando penso, me sinto completamente desgraçada. E não consigo explicar do que se trata. Às vezes parece como se fora privar-me de todos meus sentidos. Às vezes me sinto de repente como em uma tempestade de trovão e de relâmpagos. (Tratamento da enferma com eletricidade estática). É uma coisa que faz um ruído horrível. É um ruído horrível, uma coisa insuportável! Não posso sofrê-la e não a sofrerei mais.

*Médico:* - Nos alegramos muito que você não queira suportá-la.

*Espírito:* - Parece que vocês não me recebem com prazer. Senão, me tratariam com cuidados.

*Médico:* - Você não é muito exigente?

*Espírito:* - É que venho passando por muitas calamidades.

*Médico:* - Quanto tempo faz que você faleceu?

*Espírito:* - O que você fala de falecer? Eu não estou morta. Me sinto na plenitude da vida, completamente rejuvenescida.

*Médico:* - Não lhe parece, em algumas ocasiões, como se fosse outra pessoa distinta da que é?

*Espírito:* - É certo que às vezes sinto uma coisa estranha, especialmente quando me golpeiam até quase privar-me dos sentidos. Então me sinto muito doente; não vejo porque estou submetida a semelhante tormento, nem porque tenho que suportar estas coisas.

*Médico:* - Provavelmente se trata de algo em que não há outro remédio que passar por isso.

*Espírito:* - Creio que deveria desfrutar da liberdade de ir aonde bem quisesse. Porém me encontro como se não tivesse vontade própria. Tento, porém diria que alguma outra pessoa se apoderou de mim e me conduz a lugares em que me martirizam até fazer-me quase perder os sentidos. Se pudesse não iria jamais ali, porém me sinto como se houvesse uma outra pessoa com o direito de me levar aonde bem lhe parece, sendo que deveria ser eu quem deveria fazer dela o que quisesse. (Se refere à enferma).

*Médico:* - E por que você se intrometeu na vida dela? Você não pode limitar-se a viver sua própria vida?

*Espírito:* - Eu vivo minha própria vida e é ela que se intromete na minha. Eu lhe disse. Ela me persegue. Experimento a sensação de que vivo afugentando-a de mim, e assim é como se vivêssemos uma verdadeira luta. Não vejo por que não ter o mesmo direito à liberdade que ela.

*Médico:* - Provavelmente é você quem se intromete na vida dela.

*Espírito:* - É que ela quer se desembaraçar de mim. E não a incomoda em nada. O único que faço algumas vezes é dirigir-lhe a palavra.

*Médico:* - Ela sabe que você lhe dirige a palavra?

*Espírito:* - Às vezes sim, percebe, e é então quando pretende me afugentar. Ela se conduz bem, porém se indigna de uma maneira exagerada. E logo vem a este lugar, onde me martirizam até deixar-me sem sentido, fazendo-me sofrer horripelmente. Eu não tenho forças para apartá-la de mim. E ela me obriga a sair.

*Médico:* - Sendo assim, você não deveria andar ao redor dela.

*Espírito:* - Mas se o corpo é meu, e não dela. Ela é a intrusa. Eu não vejo porque há de se intrometer no que é meu.

*Médico:* - Ela não estorva você, e sim você que é egoísta.

*Espírito:* - Me parece que tenho direito à vida.

*Médico:* - Você faleceu e teve que abandonar seu próprio corpo, e parece que ainda não se deu conta desse fato e está molestando essa senhora. A você que corresponde dirigir-se ao mundo dos espíritos e não deveria andar rodando por aqui.

*Espírito:* - Você disse que venho rodando e isso não é certo. Eu não sou pessoa capaz de prejudicar a ninguém, porém tenho algo em alegar.

*Médico:* - Por esse motivo é que têm ocorrido a você os “trovões” e os “golpes”.

*Espírito:* - Tenho suportado durante algum tempo, porém ultimamente meu sofrimento tem sido horrível. Necessito que me dêem uma explicação.

*Médico:* - Você a terá agora.

*Espírito:* - Farei o que quiseram para acabar com esses golpes terríveis.

*Senhora B.* – (Conscientizando-se de que o espírito que fala é um dos que a molestava) Estou aborrecida por lhe ouvir. Mas, quem é você?

*Espírito:* - Sou uma desconhecida.

*Senhora B.* – Qual é o seu nome?

*Espírito:* - Meu nome é Carrie.

*Senhora B.* – E o que mais?

*Espírito:* - Carrie Huntington.

*Senhora B.* – Onde você vivia?

*Espírito:* - Em San Antonio, Texas.

*Senhora B.* – Porém faz muito tempo que você está comigo, não é mesmo? (Fazia já muitos anos que a senhora B. havia saído de San Antonio.)

*Espírito:* - É você que está comigo há muito tempo, e gostaria saber porque razão se intrometeu assim. Agora vejo quem é você.

*Senhora B.* – Em que rua você vivia?

*Espírito:* - Tive ali diferentes domicílios.

*Médico:* - Porém você não se deu conta ainda de que perdeu seu corpo mortal? Não se recorda de ter estado enferma?

*Espírito:* - A última coisa que me lembro é quando estive em *El Paso*. Depois já não recordo nada. Lembro quando fui a esse local, porém não conservo na memória do quando saí dali. Creio que deveria ainda me encontrar nesse povoado. Certo dia, vivendo ali, fiquei gravemente enferma.

*Médico:* - Foi provavelmente então quando você perdeu seu corpo.

*Espírito:* - Não sei aonde fui depois de sair de *El Paso*; sei que fui para longe; que viajei de trem, porém viajei como se fosse ninguém. Ninguém me perguntou nada, e me vi obrigada a seguir esta senhora (a senhora B.) como se fosse sua criada, coisa que sempre me incomodou muito.

*Senhora B.* – Você me tem feito a vida impossível desde então, pois não fazia mais do que cantar.

*Espírito:* - Não tinha outro recurso que esse para chamar a sua atenção, porque se obstinava em não escutar o que dizia. Você me levava no trem e me apartava de minha casa e de meus amigos, coisa que me magoou muito. Você compreende agora?

*Senhora B.* – Compreendo-lhe melhor do que você compreende a mim.

*Médico:* - Você não conseguirá compreender, por fim, o que lhe ocorreu?

*Espírito:* - O único que quero dizer a você é que não me machuquem mais com esses golpes. Mantereime afastada.

*Médico:* - Você deve entender sua atual situação; deve compreender que não é outra coisa que um espírito ignorante; que você está obsedando uma pessoa, e que não tem corpo físico. Você morreu provavelmente na época em que disse ter estado enferma.

*Espírito:* - Sendo assim, é possível falar com os fantasmas?

*Médico:* - Isso é uma coisa que não se pode negar.

*Espírito:* - Eu não sou um fantasma, porque os fantasmas não podem falar. Uma pessoa que morre fica ali morta.

*Médico:* - Quando o corpo perde a vida, fica ali morto. Porém o espírito não morre.

*Espírito:* - O espírito volta a Deus, que é quem eu creio.

*Médico:* - E onde está ele? Onde está esse Deus?

*Espírito:* - Nos céus.

*Médico:* - E onde estão os céus?

*Espírito:* - O céu é um lugar onde nos encontramos com Jesus.

*Médico:* - A Bíblia disse: “Deus é amor, e onde mora o amor, ali mora Deus”. Onde você poderá encontrar esse Deus?

*Espírito:* - Suponho que nos céus. Sobre isso não posso dizer nada. O que sei é que vocês me fazem passar o inferno com esses golpes. Não creio que me tenham sido útil. Detesto vocês.



*Médico:* - Se não quer expor-se a eles, deve se afastar dessa senhora.

*Espírito:* - Agora vejo perfeitamente, posso manter conversação razoável com ela.

*Médico:* - Sim, porém será a última.

*Espírito:* - Como você sabe?

*Médico:* - Quando você for daqui, compreenderá que estive falando valendo-se do corpo de outra pessoa. Esta outra pessoa é a minha mulher.

*Espírito:* - Que tolice você diz! Havia-lhe tomado por uma pessoa suficientemente razoável para não dizer coisas absurdas.

*Médico:* - A você lhe parecerá absurdo tudo isso, porém faça o favor de olhar as mãos. Você as conhece?

*Espírito:* - Não parecem as minhas; porém como me ocorreram ultimamente tantas coisas, não sei o que pensar. Essa senhora que está aí (a senhora B.) está comportando-se como uma louca, e tenho que tomar as coisas tal como vejo, de maneira que tenho que pôr-me a pensar no que ela pensa em fazer e as razões que a movem em conduzir-se comigo dessa maneira.

*Médico:* - Ela será muito feliz se puder desembaraçar-se de você.

*Senhora B.* – Carrie, quantos anos você tem?

*Espírito:* - Você sabe que nenhuma senhora gosta de confessar sua idade.

*Médico:* - Especialmente se se tratar de uma solteirona.

*Espírito:* - Peço-lhes que me perdoem, porém não lhes direi minha idade. Conformem-se em tomar as coisas como vêm.

*Médico:* - Você esteve alguma vez casada?

*Espírito:* - Sim, estive casada com um indivíduo, porém não me preocupo de nenhuma maneira com ele.

*Médico:* - Como se chamava?

*Espírito:* - Esse é um segredo que guardo. Não quero que ninguém mencione seu nome, e tampouco quero levar esse nome. Chamo-me, pois, Carrie Huntington; este era meu nome de solteira e não quero levar o dele.

*Médico:* - Você deseja ir ao mundo dos espíritos?

*Espírito:* - Pois que pergunta mais absurda você me dirige!...

*Médico:* - A você parecerá que são absurdas, e, contudo, deve saber que existe um mundo dos espíritos. As coisas do espírito parecem às vezes absurdas às almas dos mortais. Você já perdeu o seu corpo.

*Espírito:* - Isso não é certo. Eu permaneci com esta senhora, porém há uma coisa que não me agrada nela. É demasiado comilona. Come demasiadamente e engorda muito, e conforme vai fortalecendo perco o poder que exerço sobre seu corpo, ou ao menos não exerço como desejaria. (Dirigindo-se à senhora B.). Eu queria que você comesse menos. Por mais que me esforce por indicar-lhe que não coma isto ou aquilo, não há maneira de você ser razoável. Nem sequer me escuta.

*Senhora B.* – Este é o lugar onde eu dizia a você que viesse, e você se negava sempre.

*Espírito:* - Eu já sei. Porém você não devia empenhar-se em me trazer a um lugar em que maltratam desta maneira. Eu me nego a continuar com você se tiver que receber estes terríveis golpes.

*Médico:* - Tenho o instrumento na sala ao lado. Você quer que recomeçemos?

*Espírito:* - Não, obrigado. Não serei eu quem volte a se expor a eles.

*Médico:* - Preste atenção ao que lhe dizemos, e então não terá necessidade de recebê-los mais. Você é um espírito ignorante. Quero dizer que você ignora seu estado. Você perdeu seu corpo, sem se dar conta disso, evidentemente.

*Espírito:* - E como você sabe?

*Médico:* - Porque está atuando por meio do corpo de minha esposa.

*Espírito:* - Esta é a primeira vez que lhe vejo. Em que cabeça cabe, pois, o afirmar que sou sua esposa? Não, senhor, não o sou.

*Médico:* - Nem eu quero que você o seja.

*Espírito:* - Pois eu tampouco.

*Médico:* - Eu não desejo que este domínio que você exerce no corpo de minha esposa dure muito tempo. É preciso que se dê conta de que perdeu seu corpo físico. Você conhece estas mãos? (As mãos da senhora Wickland.)

*Espírito:* - Tenho experimentado tais trocas nos últimos tempos, que é coisa de se ver louca. Estou começando a me cansar.

*Médico:* - Vejamos, Carrie. Seja razoável.

*Espírito:* - Eu sou razoável, e não me diga o contrário, se não quiser que lhe digam o que até agora não lhe disseram ninguém.

*Médico:* - Cuidado, Carrie!

*Espírito:* - Eu sou a senhora Carrie Huntington.

*Senhora B.* – Preste atenção ao que o médico tem a lhe dizer.

*Espírito:* - Digo a você de uma vez para sempre, que não quero escutar ninguém. Tenho andado sempre de um lado para outro e não me preocupa o que vá ser de mim.

*Médico:* - Você sabe que está falando graças ao corpo de minha senhora?

*Espírito:* - Que absurdo! Em minha vida nunca ouvi uma barbaridade semelhante.

*Médico:* - Daqui em diante você terá que se portar razoavelmente.

*Espírito:* - Pois sou razoável. Você se considera um homem perfeito?

*Médico:* - Não, não o sou; porém afirmo que você é um espírito ignorante e egoísta. Faz tempo que vem molestando esta senhora, e tivemos que recorrer a isso que você chama de “golpes”. Entenda ou não, você é um espírito ignorante. Terá que moderar-se, se não quiser que a leve ao meu consultório e lhe aplique uns quantos “golpes” mais.

*Espírito:* - Nada de golpes.

*Médico:* - Então se prepare para mudar de conduta. Compreenda que não existe, em realidade, a morte; quando os mortais perdem seu corpo, se

convertem em seres invisíveis para as pessoas que vivem ainda em seus corpos. Você é para nós um ser invisível.

*Espírito:* - Não me meterei com você para nada.

*Médico:* - Nós desejamos ajudar fazendo-lhe compreender o estado em que se encontra.

*Espírito:* - Eu não necessito de ninguém.

*Médico:* - Se não se moderar farei que os espíritos inteligentes a levem daqui e a metam em uma cavidade escura.

*Espírito:* - Você crê que vai me assustar, e vai se dar bem.

*Médico:* - Tem que vencer seus sentimentos egoístas. Olhe ao seu redor e verá alguém que pode obrigá-la a ter cuidado com o que faz. Verá alguém que lhe fará chorar.

*Espírito:* - Não tenho vontade de chorar; gosto de cantar, e não chorar.

*Médico:* - Onde está a sua mãe?

*Espírito:* - Faz bastante tempo que não a vejo. Minha mãe, diz você? Minha mãe está nos céus. Era uma mulher santa que está agora com Deus e com o Espírito Santo e com todos os demais.

*Médico:* - Dirija sua vista ao redor e veja se não anda sua mãe por aí.

*Espírito:* - Isto não é o céu. Nem muito menos. Se isto é o céu, seria então melhor o inferno.

*Médico:* - Busque você a sua mãe; ela se envergonhará de sua conduta.

*Espírito:* - Não tenho nada do que me envergonhar. Porque tem que me dar esses golpes e me ameaçar com um calabouço escuro? Entre essa senhora e eu há um compromisso.

*Médico:* - Ela se comprometeu a vir aqui para que a livremos de você. Retiramos-lhe a força da eletricidade. Você ficou sem companhia.

*Espírito:* - É certo; todos me abandonaram faz um tempo. Não sei onde andam. (Se refere aos outros espíritos obsessores.) Por que você retirou daqui um companheiro alto?

*Médico:* - Esta senhora necessita de seu corpo para ela mesma; deseja que os espíritos apegados à Terra não a atormentem. Você estava a gosto entre eles?

*Espírito:* - Não entendo o que você quer dizer.

*Médico:* - Não se dá conta de que está incomodando esta senhora e convertendo sua vida em um inferno?

*Espírito:* - (À senhora B.) Eu nunca molestei você.

*Senhora B.* – Esta manhã me despertou às três.

*Espírito:* - E que necessidade tem você em dormir?

*Médico:* - Você tem que viver sua própria vida.

*Espírito:* - A viverei.

*Médico:* - A viverá em um calabouço escuro se não se portar como é devido.

*Espírito:* - Como você sabe?

*Médico:* - Você não pode ficar aqui. Deveria ser humilde e pedir ajuda. Isso é o que necessita: ajuda. Faz muitos anos que minha senhora e eu nos dedicamos a esta tarefa, e por isso ela permite que toda classe de espíritos se sirvam de seu corpo, para dessa maneira poder ajudá-los.

*Espírito:* - (Burlonamente) Oh, que boa que é!

*Médico:* - Você deveria envergonhar-se de sua conduta. Não vê sua mãe por aí?

*Espírito:* - Eu não quero vê-la. Não quero tirá-la do céu, onde se encontra.

*Médico:* - Como o céu é um lugar de felicidade, não poderia viver ali em companhia de uma filha como você; não poderia ser feliz. Suponha o céu, e imagine se tivesse uma filha; gostaria que conduzisse como você se conduz?

*Espírito:* - Não digo o contrário. E qual é o meu estado? Explique-me você.

*Médico:* - Já lhe disse. Você está usando o corpo de minha mulher.

*Espírito:* - E como é possível isso?

*Médico:* - Por certas regras superiores e porque você é um espírito. O espírito e a inteligência são invisíveis. Porém você é tão egoísta que não quer compreender.

*Espírito:* - Isto não é o céu.

*Médico:* - Não, isto é *Los Angeles*, Califórnia.

*Espírito:* - Pelo amor de Deus, não! (A senhora Wickland não usa jamais essa frase.) Como pude vir a esta cidade?

*Médico:* - Porque você tem andado sempre ao redor desta senhora. Aí tem você o porquê. E não houve outro remédio que recorrer aos “golpes” para retirar você.

*Espírito:* - Fiquei louca se tenho feito isso.

*Médico:* - O que ela quer é desembaraçar-se de você, e o conseguirá.

*Espírito:* - O fato é que não agüento mais esses golpes.

*Médico:* - Se você não se conduzir como é devido, os espíritos superiores lhe ensinarão algo que você não irá gostar.

*Espírito:* - (Como se assustada por algo que vê.) Não, isso não!

*Médico:* - Não se trata do que você queira, senão do que lhe irão dar.

*Espírito:* - Ah, sim?

E como não houve maneira de fazer-lhe abrir os olhos à realidade, os espíritos inteligentes se encarregaram de retirá-la dali.

Em outra ocasião em que a enferma, a senhora Burton, se encontrava no círculo, conseguimos desalojar outro espírito. Este se apossou da senhora Wickland, e se expressou de uma maneira muito independente.

*Espírito:* Jimmie Huntington – *Enferma:* Senhora Burton.

O espírito retirou os dois sapatos e os atirou longe. Parecia completamente transtornado.

*Médico:* - O que foi que lhe aconteceu? Sofreu algum acidente? (Sujeitando fortemente as mãos do intermediário psíquico.) Você está sem os sapatos.



*Espírito:* - Eu os retirei.

*Médico:* - Diga-nos que é você.

*Espírito:* - Me parece que não o farei.

*Médico:* - Diga-nos de onde veio.

*Espírito:* - Não sei por que razão deveria dizer.

*Médico:* - Queríamos saber quem é você e o que lhe ocorre. Poderíamos dizer que você não está se sentindo bem.

*Espírito:* - Claro que não.

*Médico:* - A que você se dedicava nos últimos tempos?

*Espírito:* - Me dediquei a tudo. Estive vagabundeando.

*Médico:* - E o que mais.

*Espírito:* - Como disse, não tenho feito nada em particular. Parece que estive encerrado em algum lugar. (Na aura da enferma.)

*Médico:* - Mas de que maneira?

*Espírito:* - Não sei de que maneira, porém sei que não podia sair dali.

*Médico:* - E de que modo você explica isso?

*Espírito:* - Não posso dar explicação de nenhuma maneira.

*Médico:* - Você ouviu se alguém falava?

*Espírito:* - Sim, ouvi que muita gente falava.

*Médico:* - E o que diziam?

*Espírito:* - Uns diziam uma coisa, outros diziam outra. Todos eles imaginam que são muito inteligentes.

*Médico:* - E você nunca pôde intervir?

*Espírito:* - Sim, porém estava louco, porque sempre tinha junto de mim uma mulher, e ela sabia tudo o que eu tinha a dizer. Às vezes tinha a esperança de que podia intervir também. Quando os demais falavam, ela também falava. Quando uma mulher solta o bico, não há meio de que um homem fale.

*Médico:* - Se vê que você foi um homem casado.

*Espírito:* - Sim, em efeito, sou casado.

*Médico:* - E que tal, feliz ou desgraçado?

*Espírito:* - A verdade é que não sei. Não fui muito feliz. As mulheres falam demasiadamente. E não deixam ninguém nem um minuto ao sol ou na sombra.

*Médico:* - E de que falam?

*Espírito:* - Me refiro a essa mulher; fala que fala sempre. (A enferma, senhora Burton, não fazia mais que falar sempre.) Não pode ficar quieta um só momento. Às vezes me dá vontade de dar-lhe uma boa sacudida. Havíamos deixado entrar uma nova companheira. E falavam e falavam. Isso me põe doente; me tiram do sério. Em minha vida tenho tropeçado com as piores pessoas.

*Médico:* - E tem ocorrido algo em particular?

*Espírito:* - Sim, uma quantidade de relâmpagos que passaram ao redor de minha cabeça, até que já não soube nem onde estava. (Se refere ao tratamento elétrico a que havíamos submetido a enferma.) Parecia que a tormenta era muito longe; mas, por Cristo e por todos os santos!, todos os golpes me alcançavam.

*Médico:* - E nesses momentos o que lhe ocorria?

*Espírito:* - Queria apoderar-me daqueles relâmpagos para fazer com que não continuassem golpeando-me a cabeça, porém os relâmpagos não erravam golpe. Antes não acontecia isso, nem sempre feriam as pessoas; agora, no entanto, não erram o golpe. Não havia visto jamais uma coisa parecida: se vê as estrelas e sofre-se horivelmente, e essa mulher continua falando sem se interromper em meio a todo aquele relampejar! (A enferma não parou de falar durante o tratamento.)

*Médico:* - E o que costuma falar?

*Espírito:* - Tolices. Ela quer mandar e eu também, e daí não saímos.

*Médico:* - Porém o que é que ela diz?

*Espírito:* - Não cessa de atormentar-me. Dá-me vontade de sacudi-la bem, mas nem para isso tenho tido forças. Intervém, ademais, outra mulher que tampouco pára quieta. E entre uma e outra me vejo louco. O que se pode fazer para calar uma mulher? Qualquer um que tente há de custar-lhe uns bons suores.

*Médico:* - Como você se chama?

*Espírito:* - Faz muito tempo que não ouço chamar por meu nome.

*Médico:* - De onde você veio? Você é da Califórnia?

*Espírito:* - Não; sou do Texas.

*Médico:* - Que nome lhe dava sua mãe quando você era pequenino?

*Espírito:* - Meu nome é James, mas sempre me chamavam Jimmie. Cristo! Não sei o que me passa. Essa descarga elétrica me sacode do joelho até os pés, e logo depois da cabeça até os pés; porém o que não posso compreender é que nunca falhe o golpe.

*Médico:* - Que idade você tem?

*Espírito:* - Tudo o que quero dizer é que sou um homem de uns cinqüenta anos; porém o que direi sem rodeios é que durante toda a minha vida jamais vi um relâmpago como esse, e que não consigo compreender como é que não coloca fogo em nada. Ontem caí em um verdadeiro buraco; é a pior coisa que passei em minha vida. Creio que todos os que estavam ali eram demônios. (Espíritos obsessores.) Um deles está em pé à distância; é um que veio ontem.

*Médico:* - Quanto tempo faz que você morreu, Jimmie?

*Espírito:* - O que você quer dizer com isso?

*Médico:* - Quero dizer que quanto tempo faz que você perdeu seu corpo físico?

*Espírito:* - Ainda não o perdi.

*Médico:* - Você não se dá conta de que está atravessando uma situação estranha?

*Espírito:* - Faz muito tempo que estou assim.

*Médico:* - Você trabalhou alguma vez no comércio de petróleo no Texas?

*Espírito:* - Ignoro onde trabalhei; ocorrem-me coisas muito estranhas.

*Médico:* - Onde trabalhava então?

*Espírito:* - Em uma ferraria.

*Médico:* - Você sabe em que ano estamos?

*Espírito:* - Não sei.

*Médico:* - Como você irá votar nestas eleições? Em quem votará para Presidente?

*Espírito:* - Não sei ainda.

*Médico:* - O que você acha de nosso atual Presidente?

*Espírito:* - Gosto; tem trabalhado bem.

*Médico:* - Pode me dizer algo de concreto referente a ele?

*Espírito:* - Que trabalha muito bem; o Presidente Roosevelt é homem que espanta as moscas.

*Médico:* - Então, segundo você, nosso Presidente é Roosevelt.

*Espírito:* - Claro que sim. Faz pouco que ocupou o cargo. Também McKinley era uma boa pessoa, porém você sabe a nefasta influência que exercia sobre o Mark Hanna. Faz muito tempo que não me preocupo com política. Tenho vivido retirado por longo tempo; porém, por Cristo e todos os santos do céu!, me deixa louco a conversa contínua dessa mulher.

*Médico:* - Qual é a mulher que fala tanto?

*Espírito:* - A que você vê.

*Médico:* - Você tem certeza que está presente?

*Espírito:* - Creio que sim; é essa mulher. (Indicando a enferma.)

*Médico:* - Porém o que ela fala?

*Espírito:* - Pura tolices. Me deixam doente.

*Médico:* - Porém o que diz, concretamente?

*Espírito:* - Nada que tenha sentido, e de vez em quando contradiz minha maneira de falar. Um dia ou outro irá me pagar. Pelos cravos do Cristo, essa mulher é terrível.

*Médico:* - Vejamos, meu amigo, se conseguimos que você se dê conta do estado em que se encontra. Você perdeu seu corpo físico, é agora nada mais que um espírito.

*Espírito:* - Eu tenho um corpo. A questão seria que essa mulher ficasse quieta.

*Médico:* - Este não é o seu corpo.

*Espírito:* - Pelos cravos do Cristo! De quem é, então?

*Médico:* - De minha mulher.

*Espírito:* - Raios, trovões e centelhas! Eu não sou sua mulher! Como seria sua mulher se sou um homem? Isso tem muita graça!

*Médico:* - Você é um espírito invisível.

*Espírito:* - Você diz espírito? Você quer dizer que sou um fantasma. Pelos cravos do Cristo, fale para que as pessoas lhe entendam.

*Médico:* - Fantasma ou espírito quer dizer a mesma coisa.

*Espírito:* - Eu sei de fantasmas e de espíritos.

*Médico:* - Digo-lhe que são coisas idênticas. (Tocando nas mãos do intermediário psíquico.)

*Espírito:* - Ouça, não fica nada bem que um homem pegue dessa maneira na mão de outro homem. Quando quiser dar-se o gosto de acariciar uma mão, escolha a de uma senhora. Entre os homens não se costuma andar pegando as mãos: não há nenhuma graça.

*Médico:* - Diga-nos o que essa mulher fala.

*Espírito:* - Volto a lhe dizer que não diz nada razoável.

*Médico:* - É jovem ou velha?

*Espírito:* - Não é muito jovem. Asseguro-lhe que me deixa louco.

*Médico:* - Quando lhe digo que você é um espírito, não faço mais que dizer-lhe a verdade.

*Espírito:* - Diga-me então quando faleci.

*Médico:* - Deve fazer bastante tempo. Faz muitos anos que Roosevelt deixou de ser Presidente. Não somente deixou de sê-lo como vive também no reino dos espíritos.

*Espírito:* - Nem mais nem menos que eu? Então já morreu.

*Médico:* - Nem mais nem menos que você.

*Espírito:* - Não é possível que eu estivesse aqui, ouvindo você, se estivesse morto.

*Médico:* - Você já perdeu seu próprio corpo.

*Espírito:* - Por favor, solte a minha mão; não me faz nenhuma graça.

*Médico:* - A mão que tenho na minha pertence a minha senhora.

*Espírito:* - Perfeitamente; pegue a mão dela, mas deixe a minha tranqüila.

*Médico:* - Fixe-se na mão e diga-me se parece a sua.

*Espírito:* - Esta não é minha mão.

*Médico:* - Naturalmente; pois é de minha senhora.

*Espírito:* - Mas se não sou sua senhora.

*Médico:* - Você está se valendo temporariamente do corpo de minha senhora. Faz muito tempo que perdeu seu próprio corpo.

*Espírito:* - E como isso aconteceu?

*Médico:* - Não sei, porque você se encontra agora em Los Angeles, Califórnia. Sabia disso?

*Espírito:* - Por Cristo e todos os santos do céu! Como é isso de que estou na Califórnia? Eu não tinha dinheiro. Ademais, você sabe que aqui há duas mulheres. Uma delas não fala tanto como a outra. Parece que estava enferma. (Se refere ao outro espírito, dos que obsedavam a senhora B.) Fala pouco, porém suponho que há de ser também porque está enfastiada de tanto que fala. Faça-me o favor de soltar minha mão; gosto de estar livre. Outra



coisa seria se me encontrasse a sós com uma senhora e me deixasse que lhe pegasse a mão. Não lhe bastaria, pelo menos, pegar uma só de minhas mãos?

*Médico:* - Não tenho outro remédio que pegar as duas, porque senão você não ficará tranqüilo. Porém, não percamos mais tempo.

*Espírito:* - Às vezes queria dispor de tanto tempo.

*Médico:* - Já lhe vamos proporcionar algo em que se ocupe.

*Espírito:* - Deveras? Isso está bom. Me alegraria que você me proporcionasse algum tipo de trabalho. Não teria nenhum jeito de que me dedicasse a pôr ferraduras nos cavalos? Meu ofício é ferrador.

*Médico:* - Em que Estado você trabalha?

*Espírito:* - No Texas. É um Estado muito grande.

*Médico:* - Parece que você andou muito de um lado para outro.

*Espírito:* - Sim, bastante. Estive em Galveston, Dallas, San Antonio e outras muitas cidades. Viajei a meu capricho. Estive em Houston e outras cidades.

*Médico:* - Você é um espírito ao qual vimos permitindo que se apoderasse do corpo de minha senhora durante um breve espaço de tempo. Nós não vemos você.

*Espírito:* - Ouça, faça o favor de reparar nestes demônios que andam por aqui mancando como duendes pequenos. Espíritos obsessores! Andam todos ao redor dessa mulher. (Se refere à senhora B.)

*Médico:* - Você deveria levar todos quando se retirar daqui.

*Espírito:* - Nada disso me engana. (Levando a mão ao colar.) Mas que diabos é isto?

*Médico:* - É um adorno que minha mulher costumava usar.

*Espírito:* - Sua mulher?

*Médico:* - O trouxeram aqui para ver se conseguíamos abrir-lhe os olhos. Obrigamos-lhe à força a que abandonasse o corpo dessa outra senhora.

*Espírito:* - Sim..., à força de raios. Em toda minha vida nunca vi coisa parecida. Vi no Texas e em Arkansas tormentas acompanhadas de trovões e relâmpagos, porém estes últimos não atingiam sempre as pessoas, como ocorreu comigo nesta ocasião.

*Médico:* - Será a última vez que você terá que sofrer estes trovões e relâmpagos.

*Espírito:* - Alegro-me sabê-lo.

*Médico:* - Sua mãe vivia no Texas?

*Espírito:* - Claro que sim, porém já morreu. Disso não há dúvida nenhuma, porque assisti seu enterro.

*Médico:* - Você assistiu o enterro de seu corpo, porém não ao de seu espírito, alma e inteligência.

*Espírito:* - Creio que foi ao céu.

*Médico:* - Dirija sua vista ao redor e veja se não está por aí.

*Espírito:* - Onde?

*Médico:* - Pode estar aqui.

*Espírito:* - Mas que lugar é este? Eu nunca lhe vi, ainda que assegure que sou sua mulher.

*Médico:* - Não, você não é minha mulher.

*Espírito:* - Você mesmo o disse.

*Médico:* - Eu não disse que você era minha mulher, e sim que estava servindo-se momentaneamente do corpo de minha mulher.

*Espírito:* - Por Jesus Cristo e por todos os demônios do inferno! Como faço para sair do corpo de sua mulher?

*Médico:* - Basta-lhe ser razoável. O que é que dizem esses duendes?

*Espírito:* - Dizem que ficarão aqui; porém eu digo, e o digo com voz bem alta, que se irão todos eles.

*Médico:* - Então você quer levá-los com você?

*Espírito:* - Isso mesmo.

*Médico:* - Você poderia fazer um grande favor corrigindo-os e fazendo-os compreender seu verdadeiro estado. São seres que necessitam ajuda. Todos vocês são espíritos ignorantes que têm estado molestando esta senhora. Eu sou a pessoa que lhes aplicou “o raio” e os perseguiu. Todos vocês deveriam ir ao mundo dos espíritos para aprender qual é o caminho do progresso.

*Espírito:* - Essa mulher também tem que ir? São muitos, um bando; porém não havia visto nenhum deles até há pouco.

*Médico:* - Mas não vê por aí nenhum conhecido seu? Acalme-se por um momento e olhe ao seu redor.

*Espírito:* - (Com grande excitação.) Como? Está chegando Nora! (Um espírito.)

*Médico:* - Quem é Nora?

*Espírito:* - Nora Huntington; é minha irmã.

*Médico:* - Pergunte-lhe se seu nome é Jimmie Huntington.

*Espírito:* - Diz que sim, e que já faz muito tempo que não me via. (Dando prontamente sinais de estar intrigado.) Porém..., ela sim está morta.

*Médico:* - Peça-lhe que explique sua situação.

*Espírito:* - Diz agora: “Jimmie, vem para casa comigo.” E aonde quer me levar?

*Médico:* - O que mais diz?

*Espírito:* - Diz: “Ao mundo dos espíritos...” Porém eu não acredito.

*Médico:* - E sua irmã tinha o costume de mentir?

*Espírito:* - Não.

*Médico:* - E se antes não, por que iria fazê-lo agora?

*Espírito:* - Afirma que tem me procurado durante muitos anos, sem poder me encontrar.

*Médico:* - E por onde ela andava?

*Espírito:* - Mas se morreu; se eu mesmo assisti a seu enterro e sei perfeitamente que não a enterraram com vida.

*Médico:* - Você assistiu ao enterro de seu corpo, não ao de seu espírito.

*Espírito:* - Então o que está aqui é o seu espírito.

*Médico:* - É provavelmente um espírito superior. É, pois, inútil que continuemos discutindo sobre esse ponto. Ela lhe explicará.

*Espírito:* - Ela me disse: “Vamo-nos, Jimmie e faça que venham conosco todo seu bando”. Assegura-me que é uma missionária e que socorre todos os espíritos que pode; diz que presta ajuda aos desgraçados. Eu também tenho sido desgraçado.

*Médico:* - Diga a essa outra mulher, esse outro espírito de que falava antes, que se vá consigo.

*Espírito:* - Disse que se o fizer, ficará sem corpo.

*Médico:* - Diga-lhe que tem um corpo espiritual. Que para nada necessita de corpo físico. Diga-lhe que lhe demonstrarão o caminho do progresso. Leve com você todos os duendes.

*Espírito:* - Não posso levar toda essa gente comigo. Quem lhe disse que todos eles querem vir conosco?

*Médico:* - Seguirão se você lhes demonstrar que os levam para um lugar melhor. Provavelmente não tiveram em sua vida terrena sorte muito boa.

*Espírito:* - Não me havia ocorrido isso.

*Médico:* - Não devemos ser severos com eles. Ensine-lhes o bom caminho e o seguirão.

*Espírito:* - Onde estou agora?

*Médico:* - Califórnia.

*Espírito:* - Em que lugar da Califórnia?

*Médico:* - Em Los Angeles.

*Espírito:* - Que você esteja na Califórnia não quer dizer que eu também esteja.

*Médico:* - E como você poderia estar em outra parte estando aqui?

*Espírito:* - Isso parece razoável. Minha última recordação é de quando estava em Dallas, Texas, e essa última lembrança é a de um golpe fortíssimo que recebi na cabeça. Naquele momento estava pondo ferraduras num cavalo. Será que me matou?

*Médico:* - Parece evidente que lhe atirou fora de seu corpo. Ninguém morre jamais. Se você não for agora, sua irmã se cansará de esperar-lhe.

*Espírito:* - Irei com ela, se você me permitir, mas terei que caminhar.

*Médico:* - Como é isso de que você tenha que caminhar? Acaso com o corpo de minha mulher? Você terá que aprender uma nova lição. Concentre seu pensamento em sua irmã, e se encontrará instantaneamente a seu lado. Terá que caminhar com o pensamento.

*Espírito:* - Por todos os santos! Aí está outra complicação.

*Médico:* - Bom, amigo, você não pode ficar aqui mais tempo.

*Espírito:* - É uma bonita maneira de me falar.

*Médico:* - É que não quero que continue servindo-se por mais tempo do corpo de minha senhora.

*Espírito:* - E de que corpo hei de me servir quando sair deste?

*Médico:* - Quando você sair deste corpo adquirirá seu corpo espiritual, ou seja, um corpo invisível para nós.

*Espírito:* - Terei então que saltar deste corpo a um corpo espiritual?

*Médico:* - Sua irmã lhe explicará. Pense somente em estar junto dela. Para isso não lhe faz falta nenhum corpo físico.

*Espírito:* - Começo a ficar sonolento.

*Médico:* - Vá com sua irmã e siga suas instruções; aprenderá muitas lições acerca da vida do espírito. Leve todo o bando com você e os pequenos duendes.

*Espírito:* - (Falando com os espíritos.) Vamos, venham todos comigo, que não fique nenhum.

*Médico:* - Irão todos com você?

*Espírito:* - Vamos andando. Venham todos, que não fique nenhum da quadrilha. Adeus.

Em uma data posterior conseguimos trazer ao círculo, para instruir, um espírito de nome “Harry”. Depois de se apossar da senhora Wickland, manteve uma interessante conversação relativa aos outros espíritos que estavam obsedando a senhora Burton.

*Espírito:* Harry.

*Médico:* - De onde você saiu?

*Espírito:* - Não sei aonde me encontro, nem porque têm que se meter comigo.

*Médico:* - Se interessaria em saber do que se trata?

*Espírito:* - Eu não sei de que se trata.

*Médico:* - Tem lhe ocorrido algo?

*Espírito:* - Isso é precisamente o que desejaria averiguar.

*Médico:* - O que fazia ultimamente?

*Espírito:* - Não sei.

*Médico:* - Sim, você sabe.

*Espírito:* - Digo-lhe que não. Sinto tudo tão diferente..., e não consigo compreender o que é tudo isto.

*Médico:* - Você não poderia olhar para trás e dizer-nos se lhe ocorreu algo?

*Espírito:* - Não posso olhar atrás; não tenho olhos nas costas.

*Médico:* - Quero dizer que olhe para trás com o pensamento.

*Espírito:* - Que pensa que tenho nas costas?

*Médico:* - Não, que pense no que lhe ocorreu antes. Que se recorde.

*Espírito:* - Pois não me lembro de nada.

*Médico:* - Não deve deixar-se dominar por uma preguiça mental tão grande.



*Espírito:* - E o que um homem pode fazer?

*Médico:* - A que vemos sentada aqui em frente é uma mulher. Você é homem ou mulher?

*Espírito:* - Sou um homem; este companheiro é um homem; as demais são mulheres. Fui sempre homem. Não sou mulher, nem o serei. Já sabe, pois, que sou um homem.

*Médico:* - Olhe-se nas mãos; de onde as tirou?

*Espírito:* - Estas não são minhas mãos.

*Médico:* - Olhe-se nos pés.

*Espírito:* - Tampouco são meus. Eu nunca fui mulher, nem quero para nada os pés e as mãos de uma mulher, e tampouco necessito pedir emprestado o corpo de alguém.

*Médico:* - Você é velho?

*Espírito:* - Não sou precisamente um rapazote.

*Médico:* - Provavelmente você é uma dessas pessoas de muitos anos e de escassos conhecimentos.

*Espírito:* - Isso é verdade; meus conhecimentos não são muito grandes.

*Médico:* - Se tivesse adquirido conhecimento, não se encontraria em semelhante estado.

*Espírito:* - Isso não tem nada a ver com conhecimentos.

*Médico:* - Precisamente pela ignorância que você está assim. Diga-nos qual é seu nome. Mary, talvez?

*Espírito:* - Isso é ridículo. Você já ouviu que algum homem se chamar Mary?

*Médico:* - Diga-nos, pois, você mesmo, porque só posso ficar deduzindo?

*Espírito:* - Pelo Deus vivo, bom homem! Tenho nome de varão, não de mulher.

*Médico:* - Faça você mesmo sua apresentação.

*Espírito:* - E para que diabos necessita saber meu nome?

*Médico:* - Você fala muito bem nosso idioma. Diga-me: Você tinha os cabelos brancos quando vivia? (Referindo-me aos do intermediário psíquico.)

*Espírito:* - Tinha cabelos brancos.

*Médico:* - E eram ondulados como agora?

*Espírito:* - Não gosto deles assim.

*Médico:* - Levava sempre um pente no bolso?

*Espírito:* - Onde você viu um homem levar um pente no bolso?

*Médico:* - Onde você encontrou esse anel de compromisso?

*Espírito:* - Eu nunca roubei nada, e não me faz falta uma mão de mulher.

*Médico:* - Diga-me, John, de onde você veio?

*Espírito:* - Não me chamo John.

*Espírito:* - Como lhe chamava sua mulher? Como lhe chamava sua mãe?

*Médico:* - Minha mãe me chamava Harry. Nunca fui casado.

*Espírito:* - E seu sobrenome?

*Espírito:* - Não vejo necessidade de dizê-lo quando há tantas mulheres presentes.

*Médico:* - Também estão presentes alguns cavalheiros.

*Espírito:* - Como diabos caí entre tantas mulheres? Detesto as mulheres.

*Espírito:* - Certamente você sofreu algum desengano amoroso. O que é que lhe aconteceu?

*Médico:* - Seria um louco se contasse meus segredos ante um grupo de mulheres.

*Espírito:* - Ela se casou com um rival seu?

*Espírito:* - Casou-se, quem?

*Médico:* - A mulher que lhe recusou.

*Espírito:* - Recusou-me? Não!

*Médico:* - Então, você não sofreu um desengano amoroso?

*Espírito:* - Não.

*Médico:* - Por que, pois, este ódio às mulheres?

*Espírito:* - Não vou lhe contar nenhum dos meus segredos diante deste grupo de mulheres, que me escutarão sentadas e rindo de mim. Desejaria que me dissesse porque me olham frente a frente todas elas. E o que acontece aquele homem lá longe? (Um espírito.) Quero dizer o que está do outro lado dessa senhora. (Se refere à senhora Burton, sentada dentro do círculo.)

*Senhora B.* – Pode afastar-se de mim. Eu odeio os homens.

*Espírito:* - Por que esse homem anda ao redor dela? É seu marido? Ouça, senhora, o que busca dando volta ao seu redor? Que tem a ver com você? É porque se encontra tão enamorada dele que o quer grudado em você com uma cola?

*Médico:* - Pergunte-lhe quanto tempo faz que faleceu.

*Espírito:* - Com certeza não é flor que se cheire. Me dá medo. Parece como se quisesse brigar.

*Médico:* - Pergunte-lhe quanto tempo faz que faleceu.

*Espírito:* - Esse morto? Gruda-se nela de tal forma que não pode mover-se sem que ele não se mova. Onde ela vai, ele a segue. Parece um macaco.

*Senhora B.* – Ouça, leve-o daqui, faça esse favor.

*Espírito:* - E para quê vou levá-lo? Se nem sequer o conheço! Não gosta dele, senhora?

*Senhora B.* – Não, senhor. Me deixa aborrecida.

*Espírito:* - E por quê? Por acaso é seu marido?

*Senhora B.* – Não, não é meu marido, e eu mesma não o entendo.

*Espírito:* - Mas não gosta dele?

*Senhora B.* – Não; o que eu quero é que se afaste de mim.

*Espírito:* - Bem, vejamos. Onde estou?

*Médico:* - Em Los Angeles, Califórnia.

*Espírito:* - Ao redor dela também há uma mulher que gruda como cola.

*Senhora B.* – Você veio para nos ajudar? Não pode fazer com que esses seres se afastem de meu lado?

*Espírito:* - Mas você não gosta deste homem que a acompanha?

*Senhora B.* – Não; estou desesperada por não poder me desembaraçar dele. A porta está aberta de par em par; ninguém o retém aqui.

*Espírito:* - Pelos cravos de Cristo, feche a porta! Não desejaria que um homem dessa aparência me seguisse. Por que vocês não avisam a polícia? A polícia não pode afastar esse homem de você, posto que você não quer que lhe siga?

*Médico:* - Esse homem e os demais são espíritos.

*Espírito:* - Espíritos?

*Médico:* - Sim, igual a você.

*Espírito:* - Então, segundo você, esse homem que está mais além da senhora é um fantasma.

*Médico:* - Você não o vê também?

*Espírito:* - Não é espírito, e sim homem. E está ali, quieto. Tem medo de que essa senhora se vá de onde está e não possa segui-la. E diz que está farto dela.

*Médico:* - Trata-se de um espírito, ainda que ele mesmo não saiba. A senhora não o vê, e tampouco podemos vê-lo. É invisível para nós.

*Espírito:* - Que lugar é esse onde estou?

*Médico:* - Tampouco podemos ver você.

*Espírito:* - Como não podem me ver? E como me ouvem?

*Médico:* - Ouvimos, porém não o vemos.

*Espírito:* - Esta é uma reunião de cegos? Eu vejo todos vocês e muito mais. Toda a sala está cheia de gente.

*Médico:* - Nós lhe ouvimos, porém é porque você fala valendo-se do corpo de uma mulher.

*Espírito:* - Vamos, vocês acreditam que ainda chupo o dedo. Vocês crêem que eu..., eu!, iria falar por intermédio de uma mulher? Tenham cuidado! Não sou capaz de atravessar de uma calçada a outra para falar com uma mulher. Bom, eu não entendo nada disso. Tampouco sei porque estou aqui, nem o que vocês pretendem, nem porque estão aí sentados com a vista fixa em mim. Nem por que há pessoas ao redor de cada um de vocês, também com os olhos postos em mim. Não poderiam conversar cada um com seu vizinho?

*Médico:* - Vou esclarecer você, e vamos ver se faz um esforço para compreender. Em primeiro lugar, você está “morto”, como costumam dizer as pessoas.

*Espírito:* - Não estaria mal que eu estivesse morto.

*Médico:* - É que você não está.

*Espírito:* - Porém não acabou de dizê-lo?

*Médico:* - Você está morto para sua gente e para seus amigos. Porém nós sabemos que não está morto realmente; que só perdeu seu corpo físico. Porém quando se perde o corpo físico fica-se todavia com o corpo espiritual. Você se sente com vida, tem um corpo espiritual, porém não consegue explicar como.

*Espírito:* - O que eu sei é que caminhei muito tempo e parece que não vou a lugar nenhum. Tenho visto um sem fim de gente. Entrei aqui seguindo uma multidão de pessoas, e antes que me desse conta, tudo se iluminou e vi todos vocês que estavam cantando. Pensei que se tratava de uma reunião religiosa, por isso fiquei, e de repente, sem saber como, me encontrei falando. Até então me parecia que havia ficado surdo, mudo e cego, porque não podia ver nada, e me encontrava muito fatigado.

*Médico:* - Muitos dos que vê aqui são espíritos como você.

*Espírito:* - Porém, por que estamos aqui?

*Médico:* - Muitos foram atraídos aqui para que abram seus olhos e compreendam. Você está valendo-se do corpo de minha mulher. Claro está que você não é minha mulher, porém se apossou do corpo dela. Tudo isso lhe parecerá estranho, porém é certo. Você é invisível para nós, e se serve do organismo de minha mulher para falar. O homem que você nos falou também é um espírito. Quando você se for daqui, leve-o também. Nós não podemos lhe ver.

*Espírito:* - Gostaria de lutar com ele.

*Médico:* - Já leu alguma vez a Bíblia?

*Espírito:* - Sim, faz muito tempo. Mas não voltei a tê-la nas mãos faz muitos anos.

*Médico:* - Não se recorda de haver lido na Bíblia que Jesus desalojava espíritos obsessores? Esse homem pertence à classe dos espíritos obsessores.

*Espírito:* - Todos eles andam ao redor dessa mulher. (A senhora B.)

*Senhora B.* – Porém tenho-lhes fechado a porta.

*Espírito:* - Se você não voltar a abri-la, os levarei comigo. De qualquer maneira, quero lutar com esse indivíduo. Como você se chama?

*Médico:* - O que é que lhe responde?

*Espírito:* - Disse que seu nome é Jim McDonald. Não o conhece, senhora? Se deveras é um espírito, como é que se agarra a essa senhora, mesmo que ela o rechace?

*Médico:* - Talvez se encontre bem, próximo dela, da mesma maneira que você se encontra aqui. Você disse que viu uma multidão de gente, uma luz e que se encontrou prontamente neste lugar.

*Espírito:* - Esse homem diz que ia caminhando na escuridão e que de repente viu essa senhora. Diga-me: terei que permanecer sempre aqui?

*Pergunta:* - Como se chamam os seres que estão ao meu redor? (Esta pergunta foi feita por outro enfermo.)



*Espírito:* - São dois os que estão ao seu lado. De vez em quando brigam entre si. Neste momento vejo que estão lutando.

*Senhora B.* – Eu também luto com eles.

*Médico:* - Porém você não deve lutar por meio de força física; isto lhes dá força e magnetismo. Se você luta com eles dessa forma, o que faz é fortalecê-los. Brigando como você briga, o que faz é atrair-los mais para você. Lute com eles mentalmente. Por que não procura fechar-lhes completamente a porta?

*Espírito:* - Procurarei levá-los também, se é que possa. Porém comece você por não lutar mais com eles. Não sei o que me ocorre. Sinto uma coisa estranha.

*Médico:* - Onde você vivia?

*Espírito:* - Em Detroit, Michigan.

*Médico:* - Qual é o último ano que você se recorda?

*Espírito:* - Não me recordo de nenhum.

*Médico:* - Quem é o Presidente?

*Espírito:* - Não estou muito seguro, porém creio que é Cleveland.

*Médico:* - Faz muito tempo que esse senhor deixou a presidência.

*Espírito:* - Tenho caminhado tanto que estou fatigado. Não há descanso para uma pessoa que já não se agüenta mais? Não há por aí uma cama onde possa me deitar e descansar?

*Médico:* - Olhe ao seu redor e descobrirá os espíritos sábios.

*Espírito:* - Em efeito, vejo algumas jovens bonitas. Não, moças, não esperem que eu vá com vocês. Não se esforcem em fazer-me perder a cabeça. Não irei com vocês, tomem cuidado.

*Médico:* - As jovens não se parecem com quem você conhece. Dedicam-se a socorrer os que necessitam de ajuda.

*Espírito:* - É certo; parecem meninas formais, porém você sabe que detesto as mulheres.

*Médico:* - Não deve condenar todas porque uma lhe enganou.

*Espírito:* - Bom, vou ver se levo todos os companheiros comigo. Se puder, levarei todos. De qualquer maneira, parece-me que vou seguir essas jovens. (Surpreendido) Como pode! Aí está minha mãe! Mas há muito tempo que faleceu!

*Médico:* - Sua mãe não morreu.

*Espírito:* - Estará no céu, não é verdade?

*Médico:* - Pergunte a ela. Ninguém melhor que ela para lhe informar.

*Espírito:* - Diz que se encontra em um lugar belíssimo, que se chama o mundo dos espíritos.

*Médico:* - O mundo físico está rodeado pelo mundo espiritual. O “céu” está dentro de nós mesmos; quando você compreender esta verdade, será feliz e ditoso. Isto é também o que Jesus nos ensinou.

*Espírito:* - Desejaria ir com minha mãe. É uma anciã muito bondosa. Vou levar também o McDonald. Aproxime-se, McDonald. Não quero ficar mais tempo aqui, e desejo que venha comigo. Parece que faz esforços para

despertar. Eh! McDonald, aproxime-se; sejamos bons amigos e sigamos essas jovens, que parecem formais e sinceras! Venha também, mamãe. Agora já vou. Adeus. Vamos, companheiros. Mas, por que ficam grudados a essa mulher? Eu me envergonharia de andar assim. Já vou. Adeus.

*Senhora B.* – Preste atenção, e que não fique ninguém.

*Médico:* - Como você se chama?

*Espírito:* - Harry. Isso é tudo o que recordo. Faz já muitíssimo tempo que não lembro meu sobrenome.

*Médico:* - Faça os demais compreender que é um disparate que continuem aqui.

*Espírito:* - Vou levar comigo estes companheiros. Ei! Aqui todos! Venham comigo. Se houver entre nós algum condenado que resistir, vou lhe dar uns sopapos. Deveriam se envergonhar em grudar dessa maneira em uma mulher. Eia! Vamos! Já vêm todos. Terei cuidado de que me sigam todos. Adeus.

Durante outro círculo psíquico, conseguimos que “Frank”, um dos espíritos que molestavam a senhora Burton a deixasse, se apossasse do intermediário e falasse, demonstrando possuir muito pouca memória.

*Espírito: Frank – Enferma:* Senhora Burton.

*Médico:* - De onde você veio?

*Espírito:* - Não sei.

*Médico:* - Conhece alguma das pessoas aqui presentes?

*Espírito:* - Não vejo nenhum conhecido.

*Médico:* - Tampouco sabe de onde veio?

*Espírito:* - Não sei. Como quer que lhe responda perguntas sobre coisas que eu mesmo ignoro?

*Médico:* - Quanto tempo faz que você morreu?

*Espírito:* - Eu morrer? Mas que idéia! Mas, vejamos: o que vem ser tudo isto? Sinto uma impressão nova ver todos vocês sentados ao meu redor. Vocês estão realizando alguma assembléia ou algo no estilo?

*Médico:* - Sim, estamos em uma reunião. Faça um esforço para responder quem é você.

*Espírito:* - Não sei porque tenho que dizê-lo. Eu me sinto um pouco inibido quando estou entre desconhecidos.

*Médico:* - Diga-nos de onde veio.

*Espírito:* - Pela minha vida! Como vou dizê-lo, se eu mesmo não sei? Mas, diga-me: Por que segura meu braço? Eu sou forte e posso sustentar-me por mim mesmo.

*Médico:* - Pensei que você era uma mulher.

*Espírito:* - Deus me livre! E por que imaginou que eu era uma mulher? É necessário que você tenha mais cuidado, porque sou homem, sem dúvida alguma, e sempre fui. Porém ocorrem coisas estranhas que não entendo; faz tempo que me encontro desorientado. Eu ia caminhando, quando ouvi que cantavam; resolvi prestar atenção, e antes de me dar conta me senti muito bem. Já disse que fazia tempo que não me sentia bem; sentia tudo fora do normal. (Depois de enredar-se na aura da pessoa sensível.) Não sei o que me acontece. Alguém me disse que se entrasse no lugar de onde procedia o canto,

me explicariam tudo. Perguntei a todas as pessoas que ia encontrando, e todas passavam sem me dar atenção; se encontravam tão entusiasmadas, que pareciam não querer falar com mais ninguém. Todos davam a impressão de figuras de cera. Pela minha vida! Não faço mais que falar e falar, caminhar e caminhar, sem encontrar nenhuma pessoa no mundo que me respondesse ou que reparasse em mim. (Na qualidade de espírito estava invisível aos mortais, e, por conseqüência, não podiam vê-lo.) Você é o primeiro que responde a uma pergunta minha. De vez em quando sinto uma coisa estranha na garganta e não posso falar; porém logo parece que fico bem. De todo modo, tudo isso é estranho, muito estranho.

*Médico:* - E você não se lembra de alguma coisa que lhe sucedeu?

*Espírito:* - Todos os dias acontece algo. Umás vezes me recordo de uma coisa, outras vezes de outras, porém tudo muito confusamente. E não posso saber, pela minha vida, onde estou. Jamais me aconteceu coisa tão estranha.

*Médico:* - Quantos anos você tem?

*Espírito:* - Não posso lhe responder. De um tempo para cá não sei os anos que vou fazendo. Como ninguém me perguntou, é natural que terminasse por esquecer. (Ouvindo o ruído de um trem que passa.) Como pode ser? Parece que chega um trem. Faz muito tempo que não ouvia esse ruído. Diria que volto a viver por um momento. Não consigo explicar.

*Médico:* - Onde você residia antigamente? Onde imagina que se encontra?

*Espírito:* - Não sei qual era o lugar de minha residência, porém neste mesmo instante me encontro neste salão rodeado de uma grande quantidade de gente.

*Médico:* - Você sabia que se encontra em Los Angeles, Califórnia?

*Espírito:* - Pela minha vida que não sabia!

*Médico:* - Onde você acredita, pois, que deveria estar?

*Espírito:* - Me dá muito trabalho recordar as coisas. Há momentos que poderia afirmar que sou uma mulher, porém de repente experimento uma coisa estranha que não tem graça nenhuma. (Tratamento de eletricidade estática da enferma.)

*Médico:* - E o que é que você experimenta?

*Espírito:* - Quando sou uma mulher tenho os cabelos longos, e quando eles estão soltos acontece essa coisa estranha que lhe falo. (A senhora Burton tinha o costume de soltar os cabelos durante o tratamento.)

*Médico:* - Explique-se melhor.

*Espírito:* - Sinto como se me enfiassem um milhão de alfinetes, e pela minha vida que é a pior sensação que tenho experimentado em toda minha vida. Não quero ser mulher. Esse estranho fenômeno me acontece sempre que sou mulher. (Vendo dentro do círculo a senhora B.) Ali está a de cabelo longo. (Apontando a senhora B.) Já acertarei as contas com você!

*Médico:* - Conhece essa senhora?

*Espírito:* - Sim, conheço-a; às vezes fica furiosa comigo e quer afugentar-me.

*Médico:* - Será, provavelmente, porque não quer que ande ao seu redor. É possível que você que a importune.

*Espírito:* - Também ela me molesta.

*Médico:* - Procure compreender seu verdadeiro estado. Não compreende que agora é o que se chama um morto? Neste momento você é uma mulher. Faça o favor de olhar os vestidos que leva. Você afirma ser um homem e veste roupas de mulher.

*Espírito:* - Pelos cravos de Cristo, não quero ser uma mulher! Sou homem e quero continuar sendo-o sempre. Fui sempre um homem; porém não consigo compreender, pela minha vida, como posso sair desta situação. Esta mulher me pediu para que partisse, que me esforçasse por sair daqui; porém não posso. (Reconhecendo, de repente, o doutor W.) Você é aquele que me aplicou aquele fogo! Louvado seja Deus! Tenho vontade de vê-lo em minha frente. Não há graça nenhuma aqueles fogos que você me aplicou. Não quero ter nada consigo.

*Senhora B.* – Quanto tempo faz que você está comigo?

*Espírito:* - Com você? Mas se você está sempre me expulsando! O que aconteceu com aquela outra mulher que estava comigo? (Refere-se ao outro espírito que obsedava a enferma, que havia sido desalojado anteriormente.) Era uma mulher que cantava quando eu pedia. A perdemos de vista. E não tenho feito outra coisa senão procurá-la por toda a parte. Poderia dizer-me onde se encontra?

*Médico:* - Essa senhora que você fala deixou esta dama tranqüila e se apossou deste mesmo corpo do qual você está se servindo agora. Depois se foi ao mundo dos espíritos. A esse mundo que você irá quando sair daqui.

*Espírito:* - Essa mulher (a senhora B.) não tem razão para insultar-me como o faz. Eu não tenho feito nenhum dano a ela.

*Médico:* - Suponha que fosse você a senhora e que um espírito se entretivesse em causar-lhe doenças. Você gostaria disso?

*Espírito:* - Seguramente que não teria graça nenhuma.

*Médico:* - Pois você a estava molestando. Você é um espírito e ela é uma pessoa mortal. O que ela deseja é se ver livre de você.

*Espírito:* - Ela sim que me molesta com todos esses alfinetes, que mete na cabeça e que parece que coloca também na minha.

*Médico:* - Ela tem seu corpo físico, porém você é um espírito invisível para nós.

*Espírito:* - Que quer dizer com isso?

*Médico:* - Nada mais do que digo. Sua inteligência é invisível para nós. Você está exercendo domínio passageiro sobre o corpo de minha esposa.

*Espírito:* - Mas se eu nunca vi sua esposa, nem falta me faz. Quero dizer-lhe nada mais que isto: eu sou um homem e não serei jamais outra coisa, e não quero ser sua esposa.

*Médico:* - É possível que você seja um varão, segundo afirma; porém queria que se convencesse de que é invisível para nós. Este corpo que está aqui é de minha esposa.

*Espírito:* - Pela vida de Deus, pois é verdade que sou uma mulher! (Disse ao observar os vestidos do intermediário psíquico.) Pela minha vida! Quando me colocaram estas roupas?

*Médico:* - Faz já um bom tempo. Como você entrou aqui?

*Espírito:* - Ouvi que alguém dizia: “Entre aí e lhe abrirão os olhos, porque é uma lástima que ande errante dessa maneira”. E agora me encontro convertido em mulher!



*Médico:* - Porém somente por um tempo. Faça um esforço por compreender o que lhe digo. Você perdeu seu corpo, talvez há muito tempo atrás.

*Espírito:* - Esta senhora (a senhora B.) é que tem culpa.

*Médico:* - Você é que a vem molestando faz muitos anos, e é possível que haja feito o mesmo com outras pessoas. Como você se chama?

*Espírito:* - Não posso recordar.

*Médico:* - Você perdeu seu próprio corpo e andou errante pela região das trevas exteriores que a Bíblia descreve. Você era uma pessoa religiosa?

*Espírito:* - Eu não quero nada com as pessoas de igreja. Estou cansado e farto de todos eles. Todos dizem o mesmo: “Se não faz isto ou aquilo, irá direto para o inferno, onde arderá por toda a eternidade.” Você sabe que o que ensinam e predicam é a condenação. Eu era muito novo quando um sacerdote me disse que ficaria irremessivelmente naquele terrível inferno, e não me admitiram mais na igreja porque não fazia o que eles queriam. Todos me tinham como descuidado, porque eu não era uma pessoa tão má. Depois que abandonei essa religião, resolvi experimentar outra. E outra vez, pela minha vida, cai no mesmo inferno e na mesma condenação. Tudo isso acabou por enfastiar-me. Falavam de Deus e das coisas santas. Exortavam-me a entregar meu dinheiro a Deus. Diziam que devia sacrificar o fumo em obséquio a Deus. Eu não via muito bem isso de Deus ter necessidade de meu tabaco e do meu pouco dinheiro. Não tinha comigo essa maneira de ver as coisas, e por isso abandonei também aquela igreja. E fui a outra, e me falaram de uma maneira interminável. Ao cabo de um tempo me disseram que estava nas mãos do diabo porque não entregava dinheiro à igreja. Em uma ocasião fui me divertir com uns amigos. Eu nunca me excedia na bebida, porém naquela ocasião bebi

o suficiente para ficar alegre. E pensei: vá agora até a primeira fila e sente-se ali. Tal como pensei, o fiz. O começaram a me dizer que queriam salvar minha alma para que Deus tomasse posse dela. Assim foi que me disseram. O sacerdote assegurou que o diabo vinha seguindo meus passos. Isto me assustou bastante. Então exclamou: “Cuidado que vai lhe dominar!” Pensei que se olhasse para trás o veria com certeza; porém fiquei quieto. O sacerdote disse: “Levante-se, levante-se, para que nós possamos livrar sua alma do inferno; venha e salve-se. Avance até a primeira fila e converta-se. Será como nascer de novo.” Resisti durante algum tempo, porém acabei por ficar em pé e fui ao espaço que havia diante de todos. Queria ver o que fariam. O sacerdote disse: “Ajoelhe-se”. Eu ajoelhei. Então me pôs as mãos encima da cabeça e começaram todos a cantar e cantar e estiveram durante muito tempo rogando e rogando por mim. E gritavam: “Converta-se agora”. Pareceu-me uma coisa solene ver que as moças abriam suas mãos sobre mim, cantando e rezando. Porém aproximou-se novamente o sacerdote e disse: “Dedique-se à oração, se não quer cair nas mãos do diabo.” “Eu não sou hipócrita – lhe disse -; se sou um pecador, continuarei sendo-o.” “Não creio que o diabo seja uma pessoa”, também lhe disse isso. E o sacerdote se enfureceu. Deve ter pensado que eu era duro na luta. E redobraram os esforços por converter-me, porém sem êxito. Acabei por sair dali. Enquanto saía, vieram uns homens correndo atrás de mim, e me pus a correr o quanto pude; foi quando alguém me deu um golpe na cabeça e senti uma grande dor. Caí no solo, porém me pus de pé novamente. Queria dar um empurrão e atirar aquele homem pela colina abaixo, porém foi ele quem me empurrou e fui rodando e rodando. Quando deixei de rodar me encontrei ao entre uma grande quantidade de gente, e então me senti como se nada houvesse acontecido.

*Médico:* - É provável que foi então quando você perdeu seu corpo físico, ou seja, quando morreu.

*Espírito:* - Eu não estou morto.

*Médico:* - Você se lembra como se chamava esse povoado em que rodou montanha abaixo?

*Espírito:* - Foi no Texas. Andei caminhando e correndo, esforçando-me para falar com as pessoas, porém ninguém me respondia; todos pareciam um tronco. E sentia uma coisa estranha na cabeça. Eu lhes perguntava se poderiam indicar-me a direção de minha casa. Sentia essa dor. De vez em quando não a sentia. Aproximei-me então de uma senhora, e ela me disse: “Siga-me”. E antes que me desse conta formamos uma multidão ao seu redor. Ela somente cantava. (É evidente que se refere ao espírito de Carrie Huntington. Recorde-se que a enferma, senhora B., havia sofrido grandes incômodos, ocasionados pelos espíritos cantores.) Falei com ela durante algum tempo, porém de repente desapareceu, e então foi que começaram a espetar-me com alfinetes. (Dominou em maior grau a enferma e sentiu com maior força os efeitos do tratamento.) Me molestaram muito.

*Médico:* - Você é um espírito e neste momento está se valendo do corpo de minha senhora.

*Espírito:* - E como diabos fui entrar no corpo de sua senhora? Você quer provocar riso com isso de que entrem em sua mulher toda classe de vagabundos?

*Médico:* - Sim, porém unicamente o tempo suficiente para dar a esses espíritos uma lição acerca do mundo invisível.

*Espírito:* - São, pois, estes os vestidos de sua senhora? Eu os tomei emprestados durante um tempo? Foi sua senhora que me vestiu? Fere-me o ter que me exhibir aqui como uma senhora e não como um homem. Toda essa gente vai pensar que estou louco. (Risos.) Não tem nenhuma graça.

*Médico:* - Você é um espírito ignorante, que se encontra na região das trevas exteriores. Os espíritos inteligentes lhe conduziram até aqui com o objetivo de dominar temporariamente este corpo e chegue a compreender sua atual situação. Foram eles também que lhe apartaram daquela senhora. (A senhora B.)

*Espírito:* - Esta senhora voltará a sentir aquelas terríveis alfinetadas?

*Médico:* - Ficou alguma outra pessoa no lugar de onde você veio? Você é o último que ficou aqui?

*Espírito:* - A mulher e o homem já se foram; então foi quando senti as alfinetadas; comecei a dar coices como um novilho, procurando escapar, porém não podia. Não é estranho? Recordava-me então do sacerdote que falava do inferno.

*Médico:* - Esse inferno não se parece em nada a este. Você encontrará os espíritos que lhe instruirão na maneira de progredir no mundo espiritual, e lhe ajudarão. Seu pai está vivo?

*Espírito:* - Não sei; faz 25 ou 30 anos que não o vejo. Minha mãe sei que morreu, porém não poderia afirmar o mesmo de meu pai. E não conheço nenhum parente.

*Senhora B.* – Foi durante o último mês de novembro que encontrei você, não é certo?

*Espírito:* - Sim, e desde então tenho estado doente. E não era o que estava mais perto de você; era a senhora jovem. Minha cabeça dói de uma maneira horrível.

*Médico:* - Em que ano você crê que está vivendo?

*Espírito:* - Diria que no ano 1888 ou em 1891.

*Médico:* - Estamos no ano de 1920.

*Espírito:* - Então, algo me ocorreu.

*Médico:* - Durante todo este tempo você permaneceu na região das trevas exteriores.

*Espírito:* - Não tenho feito mais que caminhar e caminhar, até que tropecei com essa senhora aí. (A senhora B.). Queria ir-me. Eu não fazia mais que dar golpes, e brigávamos com intervalos regulares. Mas quem vejo? Minha mãe! É minha mãe! Me perdoará? Não fui como você queria que fosse. Mãe, me levará consigo? Estou muito cansado; necessito seus cuidados e sua ajuda. Me levará consigo? Mãe!

*Médico:* - O que lhe responde?

*Espírito:* - Me chama e diz: “Sim, Frank, virás comigo. Faz muito tempo que te buscava.” Me sinto débil, cansado. Mamãe me diz: “Frank, nós não sabíamos o que era a verdadeira vida, porque ninguém nos ensinou o que deveriam ter-nos ensinado, e por isso não compreendemos nunca o maravilhoso universo de Deus. A religião está longe de responder a realidade da vida. Os sacerdotes não fazem outra coisa que ensinar-nos que basta ter fé para que nos salvemos. Não e não; a fé é, pelo contrário, um obstáculo. Há que adquirir o conhecimento da Divindade. Isso é o que nós não sabíamos. Frank, te mostraremos, para que abras os olhos à beleza da vida, que começa, mais além do mundo visível, quando adquirimos o conhecimento. Tens que esforçar tu mesmo para chegar a compreender a lei suprema da vida, ensinada por Deus, aprendendo a ser útil e a socorrer teus semelhantes. Tens que conhecer, Frank – continua dizendo-me -, que tens sido muito mau durante tua vida. Eu sei que eras um bom rapaz, ainda que excessivamente brincalhão.

Não conhecias a verdadeira vida e te fostes de casa quando morri. Nosso lar se desfez; tu fostes para um lado e os demais para outro. Ignoro, Frank, as coisas que aconteceram, porém desejo que seja divulgada a verdade.” Ela me diz: “Vem comigo ao mundo dos espíritos, no que reina a inteligência. Ali se vive em pleno amor, harmonia, paz e bem-aventurança; mas temos que viver um para o outro. Necessitas ir à escola e aprender. Não debes molestar mais a ninguém, como vinhas fazendo. Vem, Frank, para que marchemos a uma formosa mansão do mundo espiritual.” Muito obrigado. Adeus.

O último dos espíritos intrusos deixou livre a senhora Burton algumas semanas mais tarde. Este último espírito perguntou, por intermédio da senhora Wickland, o que havia sido dos demais companheiros, lamentando que a houvessem deixado na escravidão.

*ESPÍRITO: Maggie Wilkinson.* ENFERMA: Senhora Burton.

*Médico:* - Bom dia, amigo. Quem é você? (Tomando o intermediário psíquico pela mão.)

*Espírito:* - Solte minha mão! Não me toque!

*Médico:* - Como você se chama?

*Espírito:* - Meu nome é Maggie.

*Médico:* - E que mais?

*Espírito:* - Maggie Wilkinson.

*Médico:* - Você sabe que se encontra em Los Angeles? De onde você vem?

*Espírito:* - Vim de Dallas, estado de Texas.

*Médico:* - E como veio a Los Angeles?

*Espírito:* - Eu não estou em Los Angeles, e sim no Texas. E neste tempo todo não faço mais que dar pontapés.

*Médico:* - E por que você faz isso?

*Espírito:* - Porque me colocaram num cárcere. (A aura da vítima.) Éramos muitos, porém todos os demais desapareceram. (Refere-se aos demais espíritos obsessores, que havíamos desalojado anteriormente do corpo da enferma.) Se foram todos, deixando-me só, e não gosto disso.

*Médico:* - Você gostaria de ir para onde seus amigos foram?

*Espírito:* - Não tenho interesse. Para dizer a verdade, não me importo com eles. Sempre monopolizavam tudo, e me deixavam de lado.

*Médico:* - Você não se dá conta que se encontra em uma situação diferente? Diga-nos quanto tempo faz que morreu?

*Espírito:* - Morrer? Por que não afasta essa senhora de mim? (A enferma.) Anda sempre entre fogo. É a pior coisa que tenho tropeçado. Sobe em um aparato, põe uma coisa em cima da cabeça e em seguida começa o fogo. (Quando a senhora Burton tomava assento sobre uma plataforma, ao lado da máquina produtora de eletricidade estática, cobria a cabeça com uma manta de lã com o objetivo de que a eletricidade produzisse maior efeito.)

*Médico:* - Você acredita que se encontra agora no lugar que lhe corresponde?

*Espírito:* - E aonde você quer que eu vá?

*Médico:* - Ao mundo dos espíritos.

*Espírito:* - E o que é isso?

*Médico:* - É a região aonde as pessoas vão depois que abandonam seus corpos, quando conseguem abrir os olhos da inteligência. Não compreende que lhe aconteceu uma coisa diferente?

*Espírito:* - Se você puder retirar da minha cabeça esta manta e este fogo, me sentirei bem. Parece como que me fizessem em pedaços. Como diabos alguém pode resistir enquanto lhe fazem disparos assim?

*Médico:* - Temos recorrido a esse procedimento para obrigar-lhe a sair. Não se sente agora em liberdade? O que você estava fazendo da última vez que recebeu esses “disparos”.

*Espírito:* - Estou satisfeita de haver saído dali e me encontro agora muito melhor do que me estive durante muito tempo.

*Médico:* - Você se dá conta de que está manejando o corpo de minha mulher?

*Espírito:* - Isso não é certo, graças a Deus.

*Médico:* - Este corpo que agora você está se servindo pertence a minha esposa.

*Espírito:* - Nem esposa e muito menos criança morta!

*Médico:* - Diga-me se estes vestidos são seus.

*Espírito:* - Nada disto é meu.

*Médico:* - E onde os encontrou?



*Espírito:* - Não sou ladra! Vou fazer com que lhe prendam por chamar ladra. Na primeira delegacia de polícia que encontrar farei uma denúncia para que ordenem sua detenção.

*Médico:* - Maggie, de que cor é seu cabelo?

*Espírito:* - Castanho, castanho escuro.

*Médico:* - (Tocando os cabelos do intermediário psíquico.) Estes cabelos não são castanhos. Estas roupas pertencem a minha esposa.

*Espírito:* - Não me importa que essas roupas sejam minhas ou não; eu nunca as pedi.

*Médico:* - Diga-nos quanto tempo faz que você morreu.

*Espírito:* - Não estou morta. Tampouco você diz coisa com coisa.

*Médico:* - Quero dizer, quando foi que você perdeu seu corpo?

*Espírito:* - Eu não perdi meu corpo; ninguém o enterrou.

*Médico:* - Esteve alguma vez muito enferma e prontamente se sentiu bem?

*Espírito:* - Estive muito enferma, e quando me senti bem me vi dentro de uma prisão. Queria sair dela, porém sempre tropeçava com uma mulher que impedia; éramos muita gente, porém todos os demais se assustaram muito com uma coisa que parecia fogo e fugiram.

*Médico:* - Quando você veio a Los Angeles?

*Espírito:* - Digo-lhe que não estou em Los Angeles; estou em Dallas, Estado do Texas. Já que insiste que estou em Los Angeles, explique-me então como poderia ter vindo a esta cidade.

*Médico:* - Você seguramente veio em companhia de uma mulher de cabelo ruivo. (A senhora B., que estava sentada ao lado.)

*Espírito:* - Pois não tinha nenhum direito em me trazer.

*Médico:* - Ela também veio do Texas.

*Espírito:* - O que aconteceu aos outros?

*Médico:* - Conseguimos fazer-los compreender a verdade e seguiram ao mundo dos espíritos. Ali é onde você deverá ir. Por que tem rondado esta mulher?

*Espírito:* - Que andar em volta muito menos criança morta! Tenho estado no cárcere sem que houvesse outro remédio. Fiz tudo que estava em minhas mãos para sair dele. Aquelas pessoas que havia falado antes me asseguraram que fariam o possível para ajudar-me a sair, porém nada fizeram. Armei um escândalo, e eles se afastaram de mim.

*Médico:* - É provável que tenham sido eles os que lhe trouxeram aqui.

*Espírito:* - Não vejo mais do que gente sentada em círculo.

*Senhora Burton:* – Você veio aqui comigo? O que é que se propõe me molestando?

*Espírito:* - E o que você importa para mim? Agora vejo, você é a que me manteve no cárcere.

*Senhora Burton:* – Como se chama uma jovem amiga sua que costumava lhe acompanhar? (Refere-se ao outro espírito que estivera molestando a senhora B.)

*Espírito:* - Onde? No Texas?

*Senhora Burton:* – Sim.

*Espírito:* - Se chamava Mary, e a outra se chamava Carrie.

*Senhora Burton:* – Carrie veio com você?

*Espírito:* - Claro que sim. Porém, diga-me: o que você desejava mantendo-me encerrada? Por que não me deixava sair?

*Senhora Burton:* – Mas eu não fazia outra coisa senão lhe afastar!

*Espírito:* - Isso eu sei; porém como você não abria a porta, eu não podia sair.

*Médico:* - O que você deveria ter feito era simplesmente pensar e representar-se na imaginação que estava livre desta senhora.

*Espírito:* - Eu não posso representar que estou livre.

*Médico:* - Os espíritos inteligentes estão onde eles imaginam estar; os que não podem fazer isso são os espíritos ignorantes.

*Espírito:* - (À senhora B.) Diga-me: o que você se propunha ao me manter ao seu redor?

*Médico:* - Saiba que você era uma hóspede que ninguém havia convidado.

*Senhora Burton:* – Estou contente de me ver livre de você.

*Espírito:* - Também estou. É para mim um verdadeiro prazer haver escapado do cárcere. Porém, por que não me deixava sair? Eu dava golpes e golpes, porém você se empenhava para que eu ficasse ali. (Ao doutor W.) Você me aplicou aqueles objetos de fogo; então foi quando saí, e estou bem contente.

*Médico:* - Então você saiu depois do último tratamento.

*Espírito:* - Você chama isso de “tratamento”?

*Médico:* - Foi tratamento, e até me atrevo a dizer que bom tratamento, haja vista que conseguimos que você deixasse essa mulher livre.

*Espírito:* - Você não pode imaginar o que me fez sofrer com aquele fogo, em particular com os disparos. Você me é antipático, porque foi quem me aplicou o fogo.

*Médico:* - Não tive outro remédio que aplicar aquele tratamento nesta senhora, para conseguir libertá-la de você.

*Espírito:* - Pelo visto imagina que aquela maquininha endomoniada é uma espécie de Deus. E aonde você pretende que vá agora?

*Médico:* - Ao mundo dos espíritos.

*Espírito:* - E onde está este mundo?

*Médico:* - É o lugar aonde vão os espíritos desencarnados para adquirirem o conhecimento que lhes falta. Você já perdeu seu corpo físico, porém não se deu conta e tem estado molestando esta senhora. (A senhora B.)

*Senhora Burton:* – Quando conseguir que você e todos os demais saiam de mim, terei muito cuidado em fechar a porta; tão fechada que ninguém mais voltará a entrar.

*Médico:* - Pense que você está livre, e dessa maneira não se sentirá dentro de um cárcere. Os seres mortais não são capazes de trasladar-se de um lugar a outro mediante o simples pensamento, porém os espíritos sim podem fazer isso. Você é invisível para nós. Está se servindo transitoriamente do corpo de outra pessoa; esse corpo é de minha mulher.

*Espírito:* - Isso você já me disse antes.

*Médico:* - Você não se dá conta que vem passando por uma situação diferente?

*Senhora Burton:* – Você conhece Maggie Mackin? (Outro espírito cuja presença havia a senhora B. percebia, porque a ouvia falar.)

*Espírito:* - Sim, e também conheço a Mary.

*Médico:* - Quantos anos tinha quando perdeu seu corpo físico? Não recorda nada de sua vida anterior?

*Espírito:* - Recordo haver saído para passear a cavalo, que este disparou e que de repente caí envolvida na escuridão, havendo perdido desde então quase por completo a memória.

*Médico:* - Você sabe em que ano estamos?

*Espírito:* - Não tenho porque lhe responder. Você é algum advogado ou juiz? Quem é você?

*Médico:* - Sou o “homem do fogo”. Você se dá conta de que nos encontramos no ano de 1920?

*Espírito:* - Isso não tem importância. (Tamborilando os dedos.) Não me preocupa.

*Médico:* - Pensei que você tinha grande desejo de se ver livre de uma vez de seus males.

*Espírito:* - O que eu queria era sair daquela prisão, e agora me sinto melhor do que me encontrava durante muitos anos.

*Senhora Burton:* – Você deveria agradecer ao médico por haver lhe libertado.

*Espírito:* - O que havia de fazer era meter na prisão esse indivíduo por fazer aqueles disparos. Produz em uma pessoa o efeito de encontrar-se entre todos os diabos.

*Médico:* - Você não vê por aí nenhum dos seus amigos?

*Espírito:* - Há aqui dois índios, um deles é corpulento, o outro é mais jovem; e há também uma senhora de cabelo ondulado e olhos de um azul claro. (Todos eles espíritos.)

*Médico:* - Essa jovem índia responde pelo nome de “Estrela de Prata”? (É um dos guias da senhora Wickland.)

*Espírito:* - Sim.

*Médico:* - Estes espíritos lhe ajudarão a progredir em sua vida espiritual.

*Espírito:* - Uma coisa é certa: que vou ao céu e que não vou a nenhum outro lugar. Eu ia à igreja e era uma boa pessoa.

*Médico:* - Estes que você vê são espíritos, o mesmo que você. Nós não os vemos.

*Espírito:* - Sejam o que sejam, estão aqui. E me dizem que se segui-los me mostrarão uma linda mansão. Isto seria muito agradável, porque há muito tempo não tenho uma casa minha. Suponho que já não voltará a me aplicar esse fogo? Tampouco quero aproximar-me dessa mulher de cabelo ruivo. Deus me livre disso!

*Médico:* - Veremos, pense que está livre e vá com esses amigos.

*Espírito:* - Perfeitamente, já vou. Adeus.

Quando a senhora Burton chegou em nosso sanatório era incapaz de continuar com suas ocupações habituais; porém depois que a libertamos dos espíritos obsessores, pôde se empregar em uma grande casa comercial.

## **CAPÍTULO IV**

### **A SITUAÇÃO NA ESFERA TERRESTRE E A AURA MAGNÉTICA**

Os espíritos não iluminados vagam com freqüência durante anos na esfera terrestre, porque seu desconhecimento de um mundo espiritual mais elevado, ao que se chega unicamente por meio da inteligência, os mantêm em um estado lamentável de confusão, monotonia e sofrimento; muitos permanecem no mesmo lugar em que transcorreu sua vida terrestre, dedicando-se às suas atividades anteriores, enquanto outros caem em um estado de sono profundo, do qual só a duras penas se pode tirá-los.

Durante um de nossos círculos, em Chicago, se apossou da senhora Wickland um desses espíritos que seguem entregues às suas mesmas ocupações, sem se darem conta de seu falecimento.

- Por que vocês se sentam no escuro? – perguntou. (Naquela época fazíamos experimentos em círculos escuros.)

- Eu sou Hesselroth, o da drogaria – disse.

O senhor Hesselroth, um sueco, proprietário de uma drogaria em Chicago, havia falecido no hospital no ano anterior; mas nós não conhecíamos tal pessoa, nem sabíamos nada de sua morte, nem de sua posição; há que constar, entretanto, que naquela noite um de seus amigos estava em nossa reunião.

O espírito ignorava por completo a sua morte e afirmava continuar gerenciando sua drogaria.

O amigo que estava no círculo disse que a drogaria havia sido vendida a seu empregado, e assim o assegurou ao espírito; porém este último negou enfaticamente, dizendo:

- Abrahamson não faz mais que administrá-la em meu nome.

O espírito falou de um roubo que haviam cometido em sua casa fazia pouco tempo, e descreveu os três ladrões. Disse que se assustou ao vê-los entrar, mas que, reunindo todas as suas forças, correu para pegar seu revólver, porém não teve forças para levantá-lo. Então tentou dar socos em um dos ladrões, porém, com grande surpresa sua, “sua mão atravessou o ladrão”, e não soube o que fazer.



Uma vez que lhe foi explicado seu atual estado, abriu os olhos e viu muitos espíritos amigos que lhe davam boas-vindas a sua nova mansão, no mundo dos espíritos.

Realizaram depois investigações, ficando claro que, em efeito, não haviam vendido a farmácia e que era certo que a casa havia sido visitada por salteadores.

Não se pode sustentar que a inteligência subconsciente do intermediário psíquico possa ter qualquer papel neste caso, nem tão pouco recorrer-se à teoria da auto-sugestão para explicá-lo, porque não havia na habitação nenhuma pessoa que conhecesse o senhor Hesselroth, com exceção de seu amigo, o senhor Eckholm, que, como havíamos dito, estava crente que a drogaria havia sido vendida.

Este mesmo espírito nos visitou na Califórnia muitos anos depois, atuando também de intermediário psíquico a senhora Wickland.

*Experiência realizada em 29 de setembro de 1920*

ESPÍRITO: Senhor Hesselroth

*Espírito:* - Vim somente para dizer-lhes umas palavras, porque me ajudaram a sair das trevas, e me converteram em um dos membros do “Grupo da Misericórdia”, que se dedica a prestar socorro.

*Médico:* - Quem é você, amigo?

*Espírito:* - Sou um dos seus colaboradores. Costumo vir às vezes, e esta noite venho para dizer umas palavras, nada mais. Houve um tempo em que estava nas trevas, porém agora sou um dos desse Grupo. Pensei que lhes agradaria sabê-lo. Se não fosse por vocês, provavelmente continuaria na

escuridão. Já se passaram muitos anos. Graças a vocês, e graças a este pequeno círculo do “Grupo da Misericórdia”, cheguei a adquirir um pleno conhecimento da vida. Não foi aqui, senão em Chicago que me socorreram. Sinto uma grande satisfação ao encontrar-me com vocês esta noite. Agradar-me-ia dar-lhes o meu nome, mas parece haver-me apagado da memória, porque faz muito tempo que não o ouço ser pronunciado. Já me virá à memória, então lhes direi quem sou. Você se recorda de um senhor de idade com o qual mantinha relação... o senhor Eckholm? Para falar a verdade, não podia tampouco chamar-se velho. Era um amigo meu muito querido, e foi por ele que entrei em contato com vocês.

*Médico:* - Em alguma reunião que celebramos em Chicago?

*Espírito:* - Sim; tinha uma drogaria em Chicago. Meu nome é Hesselroth! Há um momento não podia recordar meu nome. Sou um dos colaboradores que os senhores têm aqui. Acompanha-me também o senhor Eckholm, que também faz o que estiver ao seu alcance. Sente-se muito feliz em poder colaborar com a obra de vocês. Já em vida se dedicou a ela de corpo e alma. Também me creio obrigado a ajudar o quanto posso, porque se não fosse a ajuda dos senhores, estaria ainda vendendo remédios em minha farmácia. Durante um ano inteiro, depois de meu falecimento, continuei entregue às mesmas ocupações que tinha na terra, com a única diferença que já não me sentia enfermo. Eu havia estado doente em minha farmácia, me levaram ao hospital e ali faleci. Levaram meu corpo ao local das pompas fúnebres, e não à minha casa. E vocês sabem o que diz a Bíblia: “Ali onde está o teu tesouro está teu coração também.” Quando despertei do sono da morte, pensei na drogaria, e ao pensar me encontrei ali, foi um ato só. Comprovei que tudo funcionava perfeitamente, porém algo diferente me acontecia, porque era incapaz de falar com qualquer de meus clientes. Então imaginei que havia ficado mudo em consequência de minha enfermidade, e

não voltei a dar importância. Continuei preocupando-me com a marcha dos negócios, convenci o empregado e arranjei uma maneira de que este fizesse as coisas que eu queria. Meu empregado veio a ser uma espécie de gerente. Até quando me acerquei ao pequeno círculo deste cavalheiro (o doutor W.), não havia dado conta que estava morto. Quando os ladrões entraram na drogaria recordei em seguida do revólver que guardava na gaveta. Corri até ali, porém por maior esforço que fizesse para pegá-lo não o pude, porque minha mão parecia atravessar todas as coisas que tocava. Então foi quando pensei que algo extraordinário havia ocorrido. Comecei a compreender as coisas. Vi o espírito de meu pai e de minha mãe. Isto me levou a crer que havia ficado louco. Pensei que o melhor seria ir ver o meu amigo Eckholm. Sempre o havia tido um pouco doido, por que acreditava no espiritismo. Minha visita a Eckholm tinha por objetivo perguntar-lhe se cria em aparições dos espíritos... E resultava que eu mesmo era um espírito! Então foi quando me encontrei neste círculo, descobrindo que podia falar; ao cabo de um tempo, se abriu uma porta que dava para uma belíssima paisagem. Quisera dar-lhes uma idéia do acolhimento que me fizeram. Meus parentes e amigos vieram a mim com os braços abertos: “Bem-vindo seja à nossa mansão espiritual. Bem-vindo seja à vida eterna. Bem-vindo seja à inteligência de Deus!” Não é possível descrever uma recepção com a que me fizeram, e vocês não a compreenderia; é necessário para isso que cheguem a estar conosco. Isto é a felicidade; isto é “o céu”. Não quero entreter-los mais, porém estou satisfeito por haver tido oportunidade de falar-lhes esta noite. A primeira vez que estive com vocês faz quase quinze anos. Eckholm me disse que está orgulhoso desta obra, e lhes envia seu amor a todos os que se encontram aqui. E agora, boa noite.

Os tormentos dos espíritos apegados à Terra chegam às vezes a um grau patético de trágico. De um doente que estava sujeito a dolorosos acessos de pranto, acompanhados de intensas dores de cabeça, conseguimos retirar um

espírito que interveio no seguinte diálogo; os acessos do enfermo cessaram após aquele momento.

*Experiência realizada em 15 de janeiro de 1918.*

*Espírito: Minnie Day. – Enferma: Senhora L. W.*

*Intermediário Psíquico: Senhora Wickland.*

*Espírito: - (Chorando descontroladamente). – Oh! Como me dói a cabeça! Detesto estas alfinetadas que me ferem tão dolorosamente. (Refere-se ao tratamento elétrico a que foi submetida a enferma). Minha cabeça vai explodir! Estou perdida, não sei o que significa tudo isto; cravaram-me milhares e milhares de alfinetes e não tenho outro remédio do que chorar.*

*Médico: - Você vive onde?*

*Espírito: - Não sei.*

*Médico: - Onde vivem seus pais?*

*Espírito: - Tampouco o sei.*

*Médico: - Não será você alguma criança pequena?*

*Espírito: - Sim, eu sou pequena; chamo-me Minnie Day.*

*Médico: - Onde você vive? Quantos anos tem?*

*Espírito: - Não sei. Pergunte à mamãe.*

*Médico: - Tampouco sabe o nome da cidade em que vivia?*

*Espírito: - Em São Luis. Oh! Está vindo o meu pai! Foi ele quem me deu um golpe na cabeça! E também ali está Willie.*

*Médico:* - Quem é Willie?

*Espírito:* - É meu irmão. Aqui está meu pai, porém me dá medo. Diz para ir com ele. Ai, mãe, me dói a cabeça! Mamãe me diz para que vá com ela porque tem um novo lar onde viverei com ela e com Willie.

*Médico:* - Você irá para sua casa no mundo dos espíritos.

*Espírito:* - Que é o mundo dos espíritos? Que quer dizer com isso?

*Médico:* - Refiro-me ao mundo invisível que existe ao redor da Terra. Sabia que você está morta?

*Espírito:* - Não lhe entendo.

*Médico:* - Quero dizer que você já perdeu seu corpo físico. Que é que tem feito ultimamente?

*Espírito:* - Tenho andado correndo por todas as partes, esforçando-me para encontrar alguma pessoa. Mamãe morreu faz muito tempo, quando eu era uma menina pequena. Depois que mamãe morreu papai se portou conosco de uma maneira tão vil, que não fazia mais que nos bater. Encontro-me tão mal... e me dói horrivelmente a cabeça... Tenho estado em muitos lugares, porém minha mãe já morreu e não sei aonde ir.

*Médico:* - Você estava tão transtornada mentalmente, que não podia dar-se conta de seu verdadeiro estado. Você já perdeu seu corpo físico. É, como diriam seus amigos, uma pessoa “morta”.

*Espírito:* - Você diz que estou morta? Há momentos em que parece, em efeito, que estou dentro de uma caixa. Éramos uma multidão de gente. (Refere-se aos espíritos que obsedavam a enferma.) E todos eles não faziam mais que empurrar e se apertarem, e havia um homenzarrão que era muito

mau com todos. Perseguiu-nos de um lado para outro; porém certo dia o perdemos de vista. (Refere-se a um espírito atormentador que havíamos desalojado do corpo da enferma dois dias antes). Fiquei muito alegre de perdê-lo de vista e pensei que dali em diante estaria tranqüila; porém de repente me encontrei com estas alfinetadas.

*Médico:* - Você sabia que estava se apossando do corpo de uma senhora e que a fazia gritar?

*Espírito:* - Não compreendo o que diz.

*Médico:* - Você é um espírito e se encontrava dentro da aura dessa mulher quando a submetemos a um tratamento elétrico; você sentiu os efeitos e saiu. Agora você está se servindo do corpo de minha mulher. Olhe as mãos e diga-me se são as suas.

*Espírito:* - Oras! Pois não tenho um anel?! Mas este anel não é meu e eu não o roubei de ninguém.

*Médico:* - Nem este é seu corpo, nem este anel é seu. É possível que você morreu por causa do golpe que recebeu na cabeça. Porém o espírito sobrevive quando o corpo morre.

*Espírito:* - Porém eu estou com vida.

*Médico:* - É certo que você vive, mas somente com seu corpo espiritual, e se pôs em contato com uma pessoa sensível, com uma senhora que se encontra neste momento em outra casa. Ela age exatamente igual a você e se queixa de que lhe dói a cabeça da mesma forma que você. Sua conduta tem sido a de uma pessoa perturbada, porém isso era devido à influência dos espíritos.

*Espírito:* - Aquele homem que estava conosco era uma pessoa má, e agora estamos contentes. Todos tínhamos medo, mas não podíamos fugir dele; era um indivíduo miserável: mordida, arranhava e batia.

*Médico:* - Era muito irredutível. Havia se apoderado deste corpo há pouco tempo atrás, da mesma maneira que você o fez. Nós temos círculos como este para prestar ajuda aos espíritos que chegam a eles.

*Espírito:* - O que é isso de espíritos? Não sei nada de tudo isso. Minha cabeça dói.

*Médico:* - O corpo que você está usando pertence à minha esposa, e a ela não dói a cabeça.

*Espírito:* - Essas alfinetadas me fazem muito dano.

*Médico:* - De tudo isso deduzo que quando submetemos a enferma ao tratamento, você pôde escapar e domina agora este corpo a fim de que possamos prestar-lhe ajuda. Você disse a pouco que seu pai e sua mãe estavam aqui. Estão ainda?

*Espírito:* - Você não vê a mãe? Está de pé, aí mesmo.

*Médico:* - Não gostaria de ir com sua mãe?

*Espírito:* - Mas se minha mãe já morreu!

*Médico:* - Também você já morreu. Em realidade não há tal “morte”. Não fazemos mais que perder nosso corpo físico. Os espíritos são invisíveis.

*Espírito:* - Levem-me daqui! Levem-me daqui! Meu pai se aproxima e tenho medo. Vai me bater outra vez. Tirem-me daqui!

*Médico:* - É possível que seu pai venha com a idéia de lhe pedir perdão. Compreenda-me. Seu pai não poderá progredir no mundo dos espíritos até que você o perdoe. Pergunte-lhe o que é que lhe quer dizer.

*Espírito:* - Não diz nada; não faz mais do que chorar. Agora minha mãe se aproxima.

*Médico:* - Você não observa nele os sinais de arrependimento?

*Espírito:* - Diz que sente muito o que fez.

O espírito da menina se retirou e então se apossou do intermediário psíquico o espírito desconsolado do pai. Caiu de joelhos chorando angustiado, e estendeu as mãos suplicante.

*Espírito:* - Perdão! Perdão! Não sabia o que fazia. Eu não quis matá-la, Minnie. Estava muito nervoso, porque as crianças bagunçavam tanto... Estava, ainda, muito triste pela morte de minha esposa. Concedam-me uma oportunidade! Concedam-me uma só oportunidade! Também tenho sofrido muito. Se pudesse voltar à vida! Tenho permanecido durante muito tempo nas trevas, sem que ninguém pudesse vir ao meu socorro, sem poder aproximar-me dela para lhe pedir perdão, pois era só me aproximar que se assustava. Que nenhum de vocês nunca bata em uma criança, se não quiser sofrer durante anos intermináveis. Eu não tive intenção de feri-la; amava minha filha e entretanto a matei. Se é verdade que existes, oh! Deus!, afasta de mim esta dor e este arrependimento. Conceda-me um pouco de alento e de alívio aos meus sofrimentos. Não posso encontrar descanso; não há sossego para mim. É impossível afastar de minha vista o que fiz em um momento de ira. Quando se sentirem acometidos pela cólera, procurem se dominar, se não quiserem sofrer com eu sofro. Senhor, ajuda-me! Oh, Senhor, dá-me uma só oportunidade, uma só oportunidade, nada mais!



*Médico:* - Você não se dá conta de que está morto?

*Espírito:* - Não; quando matei minha filha desandei a correr. Alguém me perseguiu e corri desesperadamente, senti um golpe no pescoço e caí no chão. (evidentemente, morto). Levantei-me em seguida e comecei a correr e tenho estado correndo durante um tempo tão longo que me parece que transcorreram anos. Encontrei muitas vezes com minha mulher, que me lançava na cara o fato de ter matado nossa filha. E é certo que a matei. Oh, Deus, ajuda-me! Tenho buscado nada mais que um pouco de paz e de esperança.

*Médico:* - Você não terá paz e esperança até que abra os olhos para a verdade.

*Espírito:* - Que Deus me dê luz e inteligência! Não posso afastar de minha vista a cabeça daquela pobre criança, fraturada por efeito do golpe. Tenho tentado me acercar de Minnie para que me perdoe, porém ela foge de mim e não posso me aproximar; aí está também minha mulher, acusando-me sempre.

*Médico:* - Já não lhe acusará mais.

*Espírito:* - Me perdoará?

*Médico:* - Sim. Como você se chama?

*Espírito:* - William Day.

*Médico:* - Recorda-se do ano em que vivemos?

*Espírito:* - Minha cabeça é um torvelinho; tenho estado correndo e correndo durante muito tempo, esforçando-me para fugir daquela multidão de gente que me perseguia... Quando via uma pessoa começava a correr, porque

imaginava que ia me acusar da morte de Minnie. Durante noites inteiras minha mulher tem estado ao meu lado, jogando-me na cara meu crime. Tinha também diante de mim minha filha, com a cabeça fraturada e o sangue correndo aos borbotões. Um verdadeiro inferno. Não é possível que o inferno seja pior. Não há ajuda para mim? Por muito tempo tenho rezado e não me tem servido de nada.

*Médico:* - Você sabe que se encontra na Califórnia?

*Espírito:* - Na Califórnia? E quando vim? É possível que tenha vindo correndo de São Luis à Califórnia?

*Médico:* - Quisera fazer-lhe compreender que você é um espírito que está se valendo do corpo de uma pessoa mortal.

*Espírito:* - Se for assim, estou morto.

*Médico:* - Efetivamente; você perdeu seu corpo físico.

*Espírito:* - Então terei que permanecer no sepulcro até o dia em que ressuscitem os mortos.

*Médico:* - Agora você está aqui. Como você saiu do seu sepulcro?

*Espírito:* - Não tenho descanso há um sem fim de tempo.

*Médico:* - Isso que chamamos “morte” não existe. Quando uma pessoa sai de seu corpo físico, perde os cinco órgãos sensoriais, e se não consegue compreender a realidade da vida espiritual, sente-se perdida nas trevas, e só pode exercitar os sentidos ao contato do corpo de algum ser mortal.

*Espírito:* - Há pessoas que me perseguem e já não posso correr mais.

*Médico:* - Vejamos; é necessário que você procure reconciliar-se com sua esposa e com sua filha.

*Espírito:* - Você acredita que me perdoarão? Perdoe-me, minha esposa. Eu não era digno de ti. Você era um anjo e eu era um indivíduo bruto. Me perdoará? Basta que me conceda uma oportunidade, e eu me esforçarei por corrigir-me. Tenho sofrido muito. Carrie, Carrie! É possível que você me perdoará? É possível? Você era uma mulher muito sofrida e sempre se esforçou para me ajudar, porém eu era um homem mau. Amava meus filhos, porém tinha um gênio muito impetuoso. Em realidade, fui eu quem matou minha mulher consentindo que trabalhasse para manter a família. Eu ganhava bastante dinheiro, mas sempre estava rodeado de amigos que me convidavam para sair com eles, e não voltava para casa até que houvesse gastado meu salário, e então regressava com um gênio dos demônios.

*Médico:* - Talvez você não tivesse culpa, por ter sido vítima de obsessão. Quando se for daqui em companhia de sua mulher, você ficará no maravilhoso mundo dos espíritos.

*Espírito:* - Eu não sou digno de acompanhar minha mulher, mas me esforçarei para ser bom (chorando). Minnie, por que não perdoa o seu pai? Minha filha querida, não quis matá-la. Perdoa seu pai. Depois deste momento, em que despertei, voltarei a desaparecer na escuridão? Estou desperto ou sonhando? Minnie, não fuja de seu pai. Perdoa-me!

*Médico:* - Você não está dormindo nem sonhando, e sim que começa a compreender seu verdadeiro estado.

*Espírito:* - Sendo assim, quando me golpearam no pescoço e na cabeça, me mataram? Atiraram contra mim?

*Médico:* - Não podemos assegurar, porém é muito provável.

*Espírito:* - Se me for concedida uma oportunidade, farei todo o possível para que os membros da família não mais se separem.

*Médico:* - Há também outra coisa que você poderá fazer quando houver aberto os olhos à verdade: imponha-se a obrigação de ajudar aos espíritos pobres e desafortunados que se dedicam a obsediar os mortais, convertendo-se alguns deles em verdadeiros demônios. É possível que quando você se encontrava vivo, quando tinha o seu corpo, agisse sob obsessão de certos espíritos.

*Espírito:* - Eu não possuía inclinação à bebida; sentia até repulsa à visão dos licores. Mas quando sentia o cheiro, se apoderava de mim algo como uma vertigem, e me convertia num demônio e já não era dono de mim. Que Deus me ajude e me conceda um pouco de tranqüilidade.

*Médico:* - Quando você se retirar daqui irá se reunir com sua família.

*Espírito:* - Você tem certeza?

*Médico:* - Absoluta; com a condição de que faça o que lhe ordenarem os espíritos superiores.

*Espírito:* - Diga-me o que é que poderei fazer em favor de você, que me reuniu com minha família. Quando voltei para minha casa, bêbado, não pode ter a idéia do que senti quando encontrei com minha mulher que estava morrendo. Era tão grande minha bebedeira que até a manhã seguinte não havia dado conta do que acontecia. Despertei para encontrar-me com minha mulher... já cadáver! Não podia compreender. O que eu ia fazer? Como iria me arranjar com os meninos? Havia matado minha mulher! Minha mulher e Minnie dizem que me perdoam. Agora que tenho ela e meus dois filhos, vou começar uma nova vida. Deus abençoe a todos pelo que fizeram por mim e por minha família.

Os espíritos que chegam a nosso círculo para que lhes prestemos ajuda revelam de uma maneira muito viva a confusão e os sofrimentos mentais que reinam no plano terrestre.

*Experiência realizada no dia 9 de março de 1921.*

*Espírito:* Senhor Mallory. – *Intermediário psíquico:* Senhora Wickland.

O espírito possessor chegou no momento em que estávamos cantando o hino “Aquela formosa praia”, e se pôs a rir em gargalhadas.

*Médico:* - Você encontrou “Aquela formosa praia”? Diga-nos o que sabe acerca dela.

*Espírito:* - Tudo isso não é mais do que ingenuidades.

*Médico:* - É mesmo?

*Espírito:* - Sim, senhor (Rindo às gargalhadas). É uma estupidez crer nessas coisas.

*Médico:* - Você que está no outro lado da vida, conte-nos algo que ocorre aí. Não encontrou nada de novo? Se não crê no mais além, diga-nos a razão. Explique-se. Se você é um cético, diga-nos sua opinião.

*Espírito:* - Minha opinião? Puá! (Rindo).

*Médico:* - Diga-nos do que ri.

*Espírito:* - Dá no mesmo rir ou chorar; um equivale ao outro. Vocês cantavam “Aquela formosa praia” e enquanto cantavam, sabiam que mentiam.

*Médico:* - Você quer dizer com isso que a vida carece de sentido?

*Espírito:* - Completamente. Não há nada nela. É pura mentira. Toda ela não é mais que um atalho de mentiras, a vida e a religião; tudo enganoso, a vida, a religião e tudo o que com elas se relaciona.

*Médico:* - Você tentou explicar sua própria vida, ou seja, o mistério de sua própria vida?

*Espírito:* - Minha própria vida? Ingenuidades, nada mais que ingenuidades (Rindo).

*Médico:* - E como você sabe que são coisas sem importância? Não vê que está rindo de sua própria ignorância?

*Espírito:* - Rio como posso chorar; um equivale a outro. Tudo são fábulas absurdas. Têm me dado muito trabalho.

*Médico:* - Onde? Neste mundo ou no outro?

*Espírito:* - Em toda parte! (Rindo).

*Médico:* - Você é feliz?

*Espírito:* - Feliz, você diz? Que absurdo! Não existe a felicidade, não existiu nunca, não existirá jamais.

*Médico:* - O que realmente você sabe sobre este ponto? Você batalhou na busca da verdade enquanto tinha seu corpo?

*Espírito:* - Tinha o costume de rogar a Deus e fazer outras tolices deste estilo. Puá!

*Médico:* - E você descobriu que eram baboseiras. E o que tem tudo isso a ver com as verdadeiras realidades da vida?

*Espírito:* - Houve um tempo em que esforcei para chegar a ser alguém. Porém logo compreendi que tudo na vida era pura mentira, uma tapeação do princípio ao fim. Você, que é homem, sabe o que isto quer dizer. Você está falando com um homem e nos entendemos.

*Médico:* - Você é invisível para nós. Você já viu alguma vez uma inteligência pura?

*Espírito:* - Que maneira de falar é essa? Eu não acredito em baboseiras. Você pode ter toda a fé que quiser e estar convencido de que pode caminhar sobre as águas; porém, apesar de sua fé, irá afundar. Eu também disse: “Creio firmemente que posso caminhar sobre as águas” e afundei.

*Médico:* - Porque você renunciou a razão.

*Espírito:* - A razão, você diz? Se você fizer caso da razão, não poderá caminhar sobre as águas.

*Médico:* - A água não foi feita para que caminhássemos sobre ela. A água foi feita para que a bebamos e para que nos banhemos.

*Espírito:* - Por que você está segurando minhas mãos?

*Médico:* - As mãos que tenho entre as minhas são de minha mulher.

*Espírito:* - Você não sabe o que diz. Você não percebe?

*Médico:* - Eu sei que as mãos que tenho entre as minhas pertencem à minha mulher.

*Espírito:* - É questão de fé. Minha fé era nesse estilo.

*Médico:* - E como a perdeu?

*Espírito:* - Porque tudo são mentiras.

*Médico:* - A vida é o princípio do conhecimento.

*Espírito:* - Até agora não consegui saber nada.

*Médico:* - Você abrirá os olhos antes que saia daqui.

*Espírito:* - Houve um tempo em que tive fé e era um crente. Porém o que ocorreu depois?

*Médico:* - Isso; o que aconteceu depois?

*Espírito:* - Que trabalhei como um escravo para alguém que se chamava “Ministro do Senhor”. Agora não trabalho para ele; falo de muito tempo. Mudei-me daquela cidade e ele me amaldiçoou, e passei muitas dificuldades e calamidades. E jurei que não havia Deus se um homem como aquele fosse seu “ministro”. E perdi a fé.

*Médico:* - E o que tem a ver tudo isso com a realidade da vida e com o mais além?

*Espírito:* - Quando você morre, bem morto está.

*Médico:* - Como então que, depois de morto, continua vivendo?

*Espírito:* - O é isso que você diz? Todavia não estou morto.

*Médico:* - Você “morreu”, pois é a seu corpo que me refiro.

*Espírito:* - O que tenho feito é sair correndo para não estar mais entre os hipócritas. Em primeiro lugar, ficavam com todo o dinheiro. Se certamente há um Deus, responda-me por esse Deus: por que pedem sempre dinheiro?



Nada sai de suas bocas que não seja “há que ter fé”; tenha você fé e dê todo seu dinheiro à igreja, que essa é a maneira de trabalhar para Deus. Eu trabalhava como um desesperado, das seis da manhã até muito tarde da noite; tudo por amor a Deus. Eu trabalhava por amor a Deus. E com frequência não ganhava nem para viver.

*Médico:* - Diga-nos de onde você veio.

*Espírito:* - A mim que me dêem minha liberdade.

*Médico:* - Nos dirá, sim ou não, de onde veio?

*Espírito:* - Observe todos esses demônios que há aqui. (Invisíveis). Ouça como blasfemam e como riem. Dizem: “Te conheço, te conheço!” Observe neste que está sentado aí; fixe-se em todos. Escute como riem. Indicam-me que faria bem lhe dizer que rezem por eles, porque se encontram no meio das trevas.

*Médico:* - Queremos ajudá-los para que abram os olhos à verdade.

*Espírito:* - Ouça como renegam!

*Médico:* - Você deve ser compassivo com eles. Parece que você ignora o significado da palavra caridade.

*Espírito:* - Deus! Olhe esse homem! Dizem que não gostam de receber esmolas.

*Médico:* - Não me refiro a dinheiro, e sim em dar-lhes uma oportunidade para que se ajudem a si mesmos. Você sabe em que ano nos encontramos?

*Espírito:* - É uma coisa que não me interessa. Daria no mesmo que estivéssemos um século depois do século em que estamos. Perdi a fé em Deus e na Humanidade. Em tudo e em todos. Houve um tempo em que tinha fé. Porém um “servidor de Deus” me levou a mulher e os filhos, mesmo eu trabalhando por Deus das seis da manhã até as doze da noite.

*Médico:* - Você tinha fé, porém não buscou agregar a inteligência a essa fé.

*Espírito:* - Eu acreditava no Espírito Santo e na alma.

*Médico:* - Porém por que não buscou completar sua fé com a inteligência?

*Espírito:* - Eu tinha fé bastante para mover as montanhas. O que a nós ensinavam era ter fé no Espírito Santo. Mas faça-me o favor de olhar a todos esses (espíritos) que estão sentados. Olhe esse! Vem aqui, Calango! De vez em quando ele e eu brigamos, porém levo sempre a melhor parte. Observo que há muito tempo não podia falar tão bem como agora. Eh, você, Calango! O que faz aí sentado como um tonto? Disseram-me que entrasse aqui; por isso vim. Creio que no princípio vocês tiveram medo de mim; mas de todo modo quis entrar.

*Médico:* - E como você entrou?

*Espírito:* - Como entrei? Onde? Aqui?

*Médico:* - (Tocando uma mão da senhora Wickland). – Onde você encontrou esta mão?

*Espírito:* - Esta mão? Suponho que seja a minha, já que não pode pertencer a mais ninguém que não a mim. Vamos, Calango, sente-se; agora posso falar-lhes, rapazes.

*Médico:* - Bem, pare de falar.

*Espírito:* - Você imagina que é o patrão aqui?

*Médico:* - Isso mesmo.

*Espírito:* - Acredito tão pouco em você como nos demais.

*Médico:* - O que quero fazer-lhe compreender é que você perdeu seu corpo físico. Você está valendo-se do corpo de minha mulher, pois é invisível para nós. Nos fala sobre as pessoas que estão sentadas aí, sem levar em conta que não as vemos. Nós somos pessoas de carne e osso, mas você perdeu seu corpo físico.

*Espírito:* - Sendo assim você não me vê.

*Médico:* - Nós não podemos ver os espíritos. Insisto em dizer-lhe que você está se valendo do corpo de minha mulher. Os espíritos inteligentes que trouxeram vocês aqui.

*Espírito:* - Foi você que nos pediu que viéssemos e comigo entraram todos os que aqui estão. Você nos convidou. (Isto ocorreu durante uma concentração em favor dos espíritos apegados à Terra.)

*Médico:* - O que disse foi que vocês deveriam prestar atenção aos espíritos inteligentes que os rodeiam, porque todos vocês estavam nas trevas.

*Espírito:* - Isso é certo, porém o fato é que você nos convidou e aqui estamos. E digo que se você não precisa de nós, me calarei.

*Médico:* - Você foi convidado pelos espíritos inteligentes para que viesse aqui, e permitimos que se apossasse do corpo de minha mulher com o objetivo de fazê-lo compreender que não tem mais seu corpo mortal. As igrejas não têm uma idéia exata de Deus. Como você não encontrou na igreja mais do que enganos, crê que tudo é engodo. Parece provável que você perdeu seu corpo faz muito tempo. Minha mulher é um intermediário psíquico e você se serve temporariamente de seu corpo. Olhe ao seu redor; talvez encontre alguma pessoa conhecida.

*Espírito:* - Quem eu vejo é o Calango.

*Médico:* - É necessário que compreenda que a vida tem que ter algum sentido.

*Espírito:* - Tive fé, e muita. A ela sacrifiquei meu dinheiro e minha mulher, e veja a minha paga.

*Médico:* - O que isso tem a ver com as realidades da vida? Você se dedicou a estudar as maravilhas da natureza?

*Espírito:* - Volto a lhe dizer que não creio em Deus: Deus é um mito.

*Médico:* - Não envolva Deus em todas as enganações. Você compreendeu pelo menos a Bíblia? Pois a Bíblia diz: “Deus é amor”. Todo esse monte de mentiras não tem nada a ver com a verdadeira vida universal. Nós queremos auxiliá-lo para que abra seus olhos ao gênero das verdades de ordem superior.

*Espírito:* - Não creio na ajuda de ninguém.

*Médico:* - Você sabe que se encontra na cidade de Los Angeles, Califórnia?

*Espírito:* - Não.

*Médico:* - Faça um esforço para compreender o que significa a verdadeira vida; encerra um sentido que você ainda não conhece. Você fabricou alguma vez uma flor natural? Pode fazer crescer uma erva ou suspender uma vida? Você parou alguma vez para estudar a vegetação?

*Espírito:* - Tudo isso são coisas da Natureza criada por Deus.

*Médico:* - Pode a ignorância dar vida à inteligência? Você estudou alguma vez as maravilhas de Deus? Quebre um ovo e não encontrará nele sintomas de vida. Pegue outro ovo, deixe-o aquecido no espaço de vinte e um dias, e dele sairá um pinto.

*Espírito:* - Isso é o que acontece.

*Médico:* - E o que é que produz esse pinto? É necessário que complementemos nossa fé com nossa inteligência. A Bíblia diz: “Deus é espírito, e os que adoram a Deus, o adoram em espírito e em verdade”. E isso é o que você não encontrará nas igrejas. Ali não se encontra mais do que fé cega.

*Espírito:* - Fé é o que não faltou em mim.

*Médico:* - A Bíblia diz: “Conheça a verdade e a verdade te libertará”. Ainda que a Bíblia não seja um “Livro Santo”, contém no entanto certas verdades maravilhosas.

*Espírito:* - Não acredito. (Rindo).

*Médico:* - Você ri de sua própria ignorância. Minha mulher consente que os espíritos ignorantes se apossam de seu corpo para que possamos trazê-los a uma compreensão de seu próprio estado. Ela deseja que compreendam

que a vida continua mais além deste mundo. Não sabemos de onde vieram, e no entanto permitimos que se apoderem do corpo de minha esposa. Onde você vivia?

*Espírito:* - Vivia no Canadá, perto de Montreal.

*Médico:* - Estive ali no ano de 1881. Você é franco-canadense?

*Espírito:* - Meu bisavô era.

*Médico:* - Você se recorda de seu nome?

*Espírito:* - Não posso lembrar-me das coisas.

*Médico:* - Vejamos, queria convencê-lo de certas verdades.

*Espírito:* - Eu era um escravo.

*Médico:* - Tudo isso pertence ao passado.

*Espírito:* - É que não vejo mais do que o passado e fico furioso. Porém, ao invés de começar a chorar, como fazem muitos, me digo que melhor é rir de tudo e, quando me ponho tão furioso a ponto de explodir, me ponho a rir. Parece-me que me sinto bem melhor rindo que chorando. Tinha meu coração dolorido; haviam me tirado a mulher, desfizeram minha casa, espalharam meus filhos. Minha mulher era muito bonita. Um dia voltei para minha casa, depois de um trabalho esgotante, e deparei com o desaparecimento de minha mulher e de meus filhos. Mas, ao cabo de algum tempo, aquele “ministro do Senhor” se cansou de minha mulher e esta passou a persegui-lo. Eu havia decaído então. E disse: “Não quero nada com pessoas de igreja, porque se um dos “ministros de Deus” é capaz de desfazer um lar e levar minha mulher e meus filhos, não existe Deus”. Aquele indivíduo me jogou no inferno. Fui rodando, cada vez mais baixo; porém ainda no abandono encontra-se amizade

e amor entre as pessoas. Se você caiu, também eles lhe seguem em sua queda. Todos os demais olham você por cima do ombro, porém os caídos são seus verdadeiros amigos. Por mais fundo que você caia, ainda que não tenha um centavo, encontrará ajuda nesses amigos. Certo dia... Não esquecerei nunca o que vi, não esquecerei nunca. Se é verdade que Deus existe, como diabos pode permitir que aconteçam estas coisas? Certo dia encontrei minha mulher. Aonde havia ido parar? Havia ido parar no completo abandono. Tropecei com ela em uma dessas casas de que vocês ouviram falar, aonde a havia levado aquele imundo indivíduo, quando se cansou dela. Eu a olhei e ela me olhou. “Você aqui!”, lhe disse. E ela me disse: “Você aqui!” “Por que está aqui?”, lhe perguntei. “O que veio procurar aqui?” me perguntou ela. E eu respondi: “É provável que tenha vindo pela minha própria vontade”. E ela me afirmou que quem a havia colocado naquela casa era aquele ilustre “ministro do Senhor”, com o objetivo de ocultar sua própria ignomínia. Para esconder sua indecente ação e para que as pessoas não fizessem perguntas a ela, a havia encerrada naquela casa e ali estava sem cuidados nenhum. Nós dois estávamos abandonados por culpa daquele condenado. E desde então não pisei numa igreja. Maldisse aquele homem e a todos os farsantes religiosos. Como é natural, nem minha mulher quis que nos reuníssemos, nem eu podia viver com ela. Ela estava ali, infestada de enfermidades. Não há animal na terra que acabe tão miseravelmente como uma mulher que se entrega aos cães. Pode uma pessoa que crê em Deus deixar que uma mulher como a minha sofra o que ela sofreu sem que tenha culpa? Como é possível que se veja tais coisas?

*Médico:* - E porque você não fez uso da razão que Deus é culpado?

*Espírito:* - É muita gente que vive caída no chão e não há quem se preocupe com seu destino.

*Médico:* - Agora você vai prestar atenção. Deixe-me falar. Você frequentou a igreja e teve uma fé cega; isto você mesmo disse.

*Espírito:* - Queria ser uma boa pessoa.

*Médico:* - Não sentia aspirações para chegar mais alto: Você se limitou a ter fé, sem acrescentar a essa fé a inteligência. Deus lhe dotou de sentidos e das faculdades intelectuais, porém você se limitou a adotar uma fé cega e se agarrou a ela. Disto não tinha Deus culpa. Se queremos ser livres, devemos acrescentar o conhecimento a nossa fé. Não é Deus quem escreveu a Bíblia.

*Espírito:* - A Bíblia é um livro sagrado; isso ao menos é o que dizem.

*Médico:* - É um livro escrito pelos homens. Você já se deteve para analisar alguma vez as maravilhas da inteligência humana? Agora falo de coisas reais. Reparou alguma vez na maravilhosa disposição do corpo humano e em como a inteligência invisível é capaz de governar esse corpo material? Você viu as maravilhas da Natureza?

*Espírito:* - Tudo isso não tem nada a ver com as misérias do mundo.

*Médico:* - Se você tivesse discorrido com suas faculdades, haveria compreendido que o amor e a inteligência são invisíveis.

*Espírito:* - Aquele maldito não amava a minha mulher?

*Médico:* - Isso não é amor, e sim bestialidade. Você não se serviu de suas faculdades. Você se uniu à igreja com fé cega, sem empregar sua razão. Vejamos; leve em conta que você é invisível para nós e que está se servindo temporariamente do corpo de minha mulher. Nós nos interessamos pelo bem-estar dos chamados “mortos” e conseguimos atrair aqui muitos para iluminá-los. Você foi atraído aqui por certos espíritos inteligentes com o objetivo de



que abra os olhos e compreenda seu verdadeiro estado. É-lhe oferecida agora uma oportunidade para progredir no mundo dos espíritos, com a condição de que esqueça seus sentimentos de ódio. Você já perdeu seu corpo físico. Você sabe em que ano vivemos? No ano de 1921, e você encontra-se na Califórnia.

*Espírito:* - E como fui parar aqui? Eu nunca estive na Califórnia.

*Médico:* - Como viaja o espírito? Você falava antes de certas pessoas que estão aqui, mas que nós não vemos. Tampouco vemos você. Você está servindo-se do corpo de minha esposa. Não compreende a maravilha que é a vida?

*Espírito:* - E por quê não nos ensinam estas coisas?

*Médico:* - Porque “a verdade não está no povo”. Julgue você mesmo entre a realidade da vida e o credo da igreja. As igrejas são obra dos homens; Deus é espírito e tem você que adorá-lo em espírito e em verdade; observe, em espírito e em verdade. Aspiramos a uma vida mais elevada, porém isto não basta para que adquiramos o conhecimento. Deus é Espírito, Inteligência Invisível. Manifesta-se em todas as maravilhas do Universo.

*Espírito:* - Todos os que estão aqui (espíritos invisíveis) têm também seus desenganos, como eu, ainda que seus relatos sejam diferentes. Nós nos sentamos, de vez em quando, e nos contamos nossas coisas passadas. Todos têm suas desventuras.

*Médico:* - Deus nada tem a ver com isso. O Universo é o Templo de Deus e as almas são manifestações da Divindade. Pense nas maravilhas do Universo. Você fala que estão com você seus amigos, porém nós não os vemos.

*Espírito:* - Querem saber se vocês podem ajudá-los a sair de suas perturbações.

*Médico:* - Sim, podemos. Diga-lhes que a vida tem um sentido. E que olhem ao redor, porque é possível que vejam certos espíritos inteligentes que só desejam ajudar vocês.

*Espírito:* - Somos seis e os seis sofremos uma desilusão parecida, ainda que a história de cada um seja diferente.

*Médico:* - Diga-lhes que nenhum de vocês deveria encontrar-se no estado em que agora estão.

*Espírito:* - Há um grupo que se intitula “Os loucos que riem”, outro de “Os loucos que maldizem”, outro de “Os loucos que blasfemam” e outro de “Os loucos que cantam”. Estes últimos cantam e rezam; da manhã até a noite não fazem mais do que cantar e rezar. Cansam qualquer um a ponto de dar náuseas.

*Médico:* - A Bíblia diz: “Como o homem pensa em seu coração, assim ele é”. As piores pessoas são os fanáticos religiosos, porque não somaram a inteligência à sua fé cega. Todos nós temos faculdades intelectuais, mas não as usamos. Deus tem culpa disso?

*Espírito:* - Faz já muito tempo que não trabalho. Às vezes precisamos de alimento. Faz já muito tempo que estamos sem comer, que nos parece não ser necessário alimentar-nos.

*Médico:* - O espírito não necessita de alimentos.

*Espírito:* - Temos fome, temos fome.

*Médico:* - Espiritual.

*Espírito:* - Todos temos fome de alguma coisa, sem saber o quê. Todos estamos desejosos de saber. Todos dizemos que nossas almas sentem uma ânsia de algo que nem nós mesmos sabemos o que é. Nenhum de nós sente necessidade de rezar. Eu, pelo menos, não posso rezar. Tive fé e orei, porém hei-me aqui, neste tormento.

*Médico:* - Deus nos deu a todos nossas faculdades intelectuais.

*Espírito:* - Vocês nos ajudarão a todos? Todos eles me dizem que sentem fome de felicidade. Não vemos mais que nosso passado, mas todos aspiramos a algo melhor. Eu não posso afastar de minha vida a minha mulher, e a última vez que a vi estava ultrajada, decaída.

*Médico:* - Referindo-se à sua mulher, digo- lhe que só seu corpo enfermou, não seu espírito.

*Espírito:* - Quando nos encontramos, nos pomos a chorar.

*Médico:* - Quando você abrir seus olhos à verdade, poderá fazer muito bem aos demais. Atente-se aos amigos invisíveis que andam ao seu redor. Permaneçam tranquilos um momento e se abrirão vossos olhos à maravilhas inimagináveis.

*Espírito:* - Você acredita que também se poderia ajudar minha esposa? Era tão pura como um lírio, e eu a amava.

*Médico:* - Pode amá-la todavia. Todos devemos buscar a nós mesmos. Conforme vamos saindo de nossa ignorância, veremos as realidades mais elevadas da existência, tanto aqui quanto na vida espiritual. Se nascêssemos perfeitos, nada apreciaríamos. Você viu o “inferno” e quando se aperfeiçoe verá o “céu”. Se encontrarão num estado maravilhoso e apreciarão com o que

possuem. Serão então colaboradores entusiastas e sentirão desejo de ajudar aos demais. Todos devem abrir seus corações às realidades superiores.

*Espírito:* - Eu amo minha mulher. (Aos invisíveis). Não, rapazes, não vão ainda. Esperem um pouco mais.

*Médico:* - A Bíblia diz: “Pedi e será dado; buscai e encontrareis; chamai e será aberto”.

*Espírito:* - (Com sincera solenidade). – Oh Deus; se existes: ajuda-me! Ajuda a minha pobre mulher! Nos queríamos os dois. Oh, Deus! Ajuda a nós todos! Estamos com fome e não sabemos de quê.

*Médico:* - Seus mensageiros lhes ajudarão. Encontrarão muitos que estão dispostos a prestar ajuda a todos.

*Espírito:* - Oh, Deus, ajude-nos!

*Médico:* - Olhe ao seu redor e se encontrará com espíritos que virão em seu auxílio.

*Espírito:* - Aqui está meu filho, meu pequeno Charlie. Você é meu filho! Faz muitos anos que morreu, porém você é o meu filho Charlie. Veio socorrer seu paizinho, menino? Seu paizinho tem passado por todos os sofrimentos do inferno. Ajuda também a sua mãe, menino; ajuda a sua pobre mãe! (Dando de repente sinais de assombro). Claro, é sim! É meu pequeno Charlie, que agora já é um homem. Charlie, minha criança, pode perdoar seu velho pai? Fiz tudo o que pude para ter fé e ser bom. Oh, Deus; se é verdade que existe, abra meus olhos para que veja! Deus, ajuda-me! (Com o semblante de quem contempla uma visão e falando com voz muito baixa). Agora veremos todos a glória de Deus e iremos todos com Charlie. (Atônito). Você aqui! Você também está aqui, Clara? Oh, venha até mim! Lhe perdão. Clara,

lhe perdôo. Já sei que não foi culpa sua, e sim daquele demônio; foi ele quem lhe separou de mim. Amo-lhe e sempre amei. Vem, Clara, vem conosco, e iremos todos com Charlie. Ele também lhe perdoará.

*Médico:* - O que é que responde?

*Espírito:* - Responde: “Vamo-nos à minha mansão espiritual, onde não há mais que coisas gratas e onde seremos felizes. Foram os sofrimentos e o pesar que fizeram com que olhassem a vida como têm feito até agora”.

*Médico:* - Compreende que tem de agora em diante um futuro belo?

*Espírito:* - Isto é o céu? Mas, como? Aqui estão também minha mãe e minha irmã Emma. Vocês também estão aqui? Vocês perdoam Clara e eu? Eu acreditava, mamãe, que você estava no céu, já que sempre foi tão boa. O quanto você me quis sempre!

*Médico:* - Compreende agora como há uma realidade mais elevada que a de sua vida anterior?

*Espírito:* - Sim. Agora compreendo que existe Deus. Agora creio em Deus, porque conheço sua glória. Agora vejo e sinto sua glória.

*Médico:* - Quando você adquirir conhecimento terá obrigação de ajudar as demais pessoas que nos falou antes.

*Espírito:* - Todas elas vêm comigo. Quero que venham todos e não posso deixar nenhum aqui. Vocês ajudaram a todos. Agora vamos indo; venham, rapazes. Nós havíamos colocado apelido uns nos outros, porém não nos chamamos assim. Porque odiávamos e ríamos, nos chamávamos “Os loucos que riem”. A maior parte do tempo passávamos falando acerca de nossas coisas passadas. Agora encontramos a Deus; O encontramos em toda

a sua glória, em toda a sua felicidade, no mundo dos espíritos. Não temos necessidade de acreditar, porque vemos a verdade. Nos ajudaremos mutuamente. Minha mãe, meu pai, minha irmã: todos estão aqui. Vamos agora, rapazes. Prestamos atenção ao que este homem nos dizia e, vejam o resultado. Hoje quero dar-lhe o nome de meu salvador, porque nos salvou da escuridão e nos trouxe à glória. Você nos salvou. Não só eu, mas também os demais abriram os olhos e viram a glória de Deus, que não é um Deus de ódio e de vingança.

*Médico:* - Você deve agradecer à minha esposa, que consente em que os espíritos que necessitam de ajuda se sirvam de seu corpo.

*Espírito:* - Jamais me esquecerei de vocês. Deram-me a felicidade que não conhecia há muitos anos. Você disse que estamos no ano de 1921. É certo isso? Eu acreditava que estava em 1882.

*Médico:* - Você pode nos dizer seu nome, amigo?

*Espírito:* - Meu nome? Sim, me chamo Mallory. Diziam que eu era um dos loucos que riem. Graças a vocês todos por sua paciência. Quando eu vim estava louco de ódio, mas isso já passou. Que Deus abençoe a todos. Tenho que chamar-lhe meu salvador, porque você nos salvou das trevas em que encontrávamos e não trouxe a um lugar admirável. Clara, venha você também, porque amo-lhe profundamente. Agora tudo está bem.

*Médico:* - Se converterão em espíritos úteis. Encontraram Deus e esquecerão o passado.

*Espírito:* - A última vez que vi Clara estava muito doente e tomava constantemente morfina. Vem comigo, Clara; perdôo-lhe. Olha, Carlos está conosco. Podemos ajudar Clara? Parece atordoada.

*Médico:* - Está possivelmente sob os efeitos do entorpecente, mas seu amor a atrairá para vocês.

*Espírito:* - Agora vou viver com todos os que amo nos mundo dos espíritos. Já é hora de irmos. Adeus.

A comunicação que recebemos do espírito de certo jovem, filho de um dos membros de nosso círculo, foi muito diferente. O jovem havia falecido dois meses antes, mas como havia sido em vida um espírito aberto e nada supersticioso, foi-lhe fácil ser iluminado pelos espíritos amigos.

*Experiência realizada em 14 de abril de 1920.*

*Espírito:* W. Y. – *Intermediário psíquico:* Senhora Wickland.

*Espírito:* - Pois bem, paizinho, estou aqui outra vez. Os espíritos amigos me concederam a extraordinária oportunidade de vir e falar primeiramente. Paizinho, lhe parecerá talvez estranho que eu fosse deste mundo tão cedo, mas havia chegado minha hora. Alegro-me de não encontrar a porta fechada. Conheço muitos espíritos desconsolados que desejam ir até seus parentes e amigos, mas encontram as portas fechadas em seus próprios narizes. (Por causa do ceticismo ou por não darem-se conta da presença dos espíritos). É algo muito difícil para eles. Tenho a grande sorte de que tanto meu avô B. como meu tio C. estivessem ao meu lado quando despertei do sono da morte. Foi uma sensação estranha, algo assim como uma sacudida elétrica que recorresse todo o meu corpo. A vida é uma coisa estranha. Oxalá que cada um de vocês pudessem participar das experiências dos que caem no sono da morte! Paizinho, eu tinha uma ligeira idéia da vida futura, não uma idéia completa; mas ainda que muito pequena, foi-me, entretanto, de utilidade. Pude dar-me conta de que havia se realizado o trânsito que ocorre com a morte. Pude conhecer meus parentes e meus amigos. O tio F. me pede que

lhes diga que ele se encontrou, ao passar ao outro mundo, em uma situação muito mais desfavorável que eu, e que agora se dedica a prestar socorro a todos os desgraçados que têm cerrados os olhos da inteligência à verdadeira vida. Paizinho, não lhe parece surpreendente que eu tenha despertado na nova vida no mesmo dia do aniversário de meu nascimento terrestre? Agora posso celebrar o aniversário de meu nascimento espiritual no mesmo dia de meu nascimento terrestre. Paizinho, isto é magnífico. Diga a E. e a B., e também a mamãe; diga-lhes que sinto-me feliz ao pensar que poderei ir até eles sem encontrar a porta fechada. Diga ao meu filhinho que não estou morto; que ainda que tenha sido sepultado, não me apartarei dele, e que lhe ensinarei as leis que regem a vida, a fim de que guie sua vida por elas. Faça-o compreender que estou ao seu lado e que tenho agora mais força que antes para ajudá-lo. Graças a Deus, tenho a compreensão suficiente para não aproximar-me demais de minha querida esposa, porque si o tivesse feito, teria caído em sua aura magnética, e as conseqüências teriam sido muito desagradáveis. Minha esposa querida... o quanto me alegro de não haver-lhe causado transtorno, o que teria sido para mim também! Tenho visto o que acontece com freqüência às pessoas que morrem e não se dão conta que faleceram. Pela regra geral, dirigem-se para a casa de seus parentes e amigos e preferem estar ali ao invés de seguir seu caminho. Paizinho, estou tão contente que tenha podido retornar aqui outra vez, e estou ainda mais, muito mais, porque não há nenhum muro entre nós.

*Senhor Y. (Pai do espírito):* - Também me alegro de que tenha tido outra vez oportunidade de voltar aqui.

*Espírito:* - Agora me parece como se não existisse a separação, como si eu tivesse mudado para outro país, porém sem separar-me de vocês. Quando estão reunidos, falando de mim, estou ali, e parece como se nada me separasse de vocês. Diga a mamãe e a minha querida esposa que não levem luto por



mim, e sim que estejam alegres porque não me afasto de suas companhias. Foi uma verdadeira lástima que tivéssemos que nos separar quando tão risonhas perspectivas se ofereciam a nós em nosso pequeno lar, mas havia sonhado a hora de minha partida, e quando isso ocorre não há outro remédio que seguir. Mas não nos apartamos, segundo acredita muita gente; permanecemos aqui mesmo com os seres que nos são queridos, e só nossos corpos são invisíveis. Queria que pudessem presenciar como o tio F. trabalha na obscura esfera terrestre para socorrer e ser útil aos espíritos desgraçados que ali permanecem, evitando assim que obsedem algum mortal. Ocupa-se com verdadeira paixão em fazer todos conhecerem a verdade real da existência no outro plano da vida, e é uma verdadeira pena que haja tanto dogma e credo religioso, que só servem para que o espírito tropece. No pouco tempo que levo aqui tenho aprendido muitas coisas. Dou graças a você e a mamãe por não haver-me imposto nenhum dogma absoluto, nenhuma religião, nem credo algum. Isso fez com que me encontrasse sem travas. Agradeço-lhes.

*Senhor Y.:* - As vezes é difícil acertar o que devemos fazer na questão da educação religiosa que se deve dar às crianças.

*Espírito:* - Desejaria que todos desfrutassem da mesma liberdade que eu, para que não existisse tanta dúvida e tanto pesar. Noutra dia fui à esfera terrestre em companhia do tio F. e do tio C. Não fui em casa, e sim para nos dedicar a observar as condições da vida na esfera interior. E vi que era um inferno como ninguém pode imaginar. O mundo terrestre é pior que um asilo de alienados, em que cada um está dominado por uma mania diferente. Não é possível que vocês façam uma idéia de semelhante inferno. Cada homem tem uma fé distinta, e o certo é que todos vivem imersos em trevas. Estão de tal maneira hipnotizados por suas crenças religiosas, que é impossível fazer-lhes abrir os olhos à verdade. Para chamar sua atenção é necessário recorrer a

objetos materiais. Às vezes chegam a compreender sua verdadeira natureza, graças à música. Quando se consegue chamar sua atenção, fica fácil abrir o caminho até o verdadeiro espírito, porém a malha da rede de dogmas e crenças que têm arraigadas na inteligência os impede de ver a realidade. Se quiserem compreender qual é o estado de vida na esfera terrestre e a situação do lado invisível dos homens quando desconhecem a verdadeira realidade da vida futura, não têm mais que ir a um asilo de alienados e entrar no pavilhão dos incuráveis. Imaginem o que ocorre quando um espírito desta classe entra em contato com a aura magnética de uma pessoa e, como ocorre freqüentemente, pode agir por seu intermédio. Têm o costume de qualificar essa pessoa mortal de louca, e a enviam a um asilo de alienados, onde se encontram certo número de loucos que vivem uns no lado terrestre da vida, e outros no plano espiritual. É terrível pensar que possa existir um estado de coisas semelhante por culpa das crenças e dogmas egoístas. Em outra ocasião o tio C. me levou para ver um aspecto diferente da vida. Disse-me: “Vem comigo”. Fomos os dois a certo lugar da vida espiritual; chegamos em um local que não me é possível descrever. É impossível que possa expressar o que ali senti, nem as condições daquela vida, porque aquilo era uma música sublime, distinta de tudo o que até então havia ouvido. Senti-me leve, parecia que ia elevando-me cada vez mais. Que pessoas que ali encontrei! É impossível que eu possa descrever aquilo. Imaginem, se for possível, um lugar em que se executa uma música maravilhosa, por uma orquestra imensa de grandes maestros, concentrados todos em uma grande unidade musical. Podem imaginar qual é o resultado? Saboreei aquela harmonia, porém, ai!, se me fosse possível não saboreá-la só. Quisera poder abrir a porta para todos vocês, os que haviam ficado em casa, para que também pudessem ouvi-la. Só então teria sido completa minha satisfação. Eu estava pensativo e ensimesmado, quando um ancião se aproximou e me deu uns toques no ombro, dizendo-me: “Jovem, percebi seu pensamento. Não se entristeça. Logo chegará a hora pela qual estamos

trabalhando, a hora em que será inventado na Terra um instrumento que permitirá que qualquer pessoa que o deseje, possa ouvir os grandes maestros do mundo espiritual. Isso não ocorrerá agora, porém chegará a hora”. Paizinho, agora estou ocupado em aprender a ser útil aos outros menos afortunados que eu, e também estou aprendendo a maneira de ajudar, sem perigo de ocasionar prejuízo à minha querida esposa, a meu filho e a todos vocês. Quando houver aprendido bem estas lições, voltarei outra vez. Paizinho, estejam seguros que me encontro ao lado de todos vocês, porque assim é, e essa sua crença permitirá que me acerque ainda mais, especialmente quando estiver executando música, porque a música nos aproxima dos seres que amamos. Adeus; diga a minha mulher que lhe envio meu amor mais puro.

Certo dia, um espírito que foi atriz famosa fez sua apresentação com estranha graça e cortesia. Seus amigos haviam se esforçado em vão para despertá-la do sono da morte.

*Experiência realizada no dia 7 de julho de 1922.*

*Espírito: Lillian R. – Intermediário psíquico: Senhora Wickland.*

*Médico: - Bom dia, amigo. De onde você veio?*

*Espírito: - Alguém me disse para vir, porém não sei o que tenho que fazer. Encontro-me em uma situação tão incomum, que não consigo compreendê-la.*

*Médico: - Você se encontra em Los Angeles, Califórnia.*

*Espírito: - Não é possível! Há aqui muitos que queriam que eu viesse, mas não consigo compreender por que motivo. Não conheço nenhum dos que estão aqui.*

*Médico:* - Trouxeram-lhe aqui com o objetivo de que pudéssemos ajudá-la.

*Espírito:* - Que eu saiba, não necessito ajuda. O que acontece é que vejo tudo confusamente.

*Médico:* - Isso lhe ocorre porque ignora sua verdadeira condição. Onde você imagina que deveria encontrar-se agora?

*Espírito:* - Em minha casa.

*Médico:* - Em que Estado você vivia?

*Espírito:* - A maior parte do tempo estive em Nova York, porém de vez em quando ia também a Londres e a outras cidades.

*Médico:* - Faça um esforço para reconhecer alguma pessoa conhecida, ou pelo menos a quem lhe trouxe aqui.

*Espírito:* - Oh! (Dando sinais de uma grande dor na cintura).

*Médico:* - Ocorreu algum acidente com você? Talvez enquanto viajava? Qual é a última lembrança que você conserva?

*Espírito:* - Estava muito doente; sentia dores tão fortes...

*Médico:* - É possível que fosse durante sua última enfermidade. Você se sentiu bem de repente?

*Espírito:* - Não; parece como se tivesse estado dormindo e despertasse agora de uma maneira desconhecida para mim. Encontro tudo tão diferente...

*Médico:* - É porque você não compreende seu verdadeiro estado. Não há razão para que sinta essa dor. Se você se disser: “Não quero sentir esta dor”, desaparecerá; você quer fazer como lhe digo?

*Espírito:* - Sim, mas me é muito difícil. Pelo que vejo, você pertence àquela Ciência Cristã. Cultivei durante algum tempo a Ciência, mas não pude afirmar que minhas dores eram pura imaginação.

*Médico:* - Seu estado atual é diferente. Você viu alguma vez em seu redor alguns de seus amigos?

*Espírito:* - Sim, já vi às vezes muitos de meus amigos particulares, já falecidos, e isso me tem feito pensar se estou louca. Meus amigos me rodeiam, e um deles me disse: “Desperta!”, mas estou cega. Não quero vê-los.

*Médico:* - Isto lhe ocorre porque não quer abrir os olhos à verdade. Esses amigos lhe assustavam quando estavam em vida?

*Espírito:* - Não, não me assustavam.

*Médico:* - Por que então há que ter medo deles, agora que perderam seu corpo físico?

*Espírito:* - Me assustam e me põem nervosa; não quero que se aproximem de mim. Por que meus bons amigos não vêm a meu lado?

*Médico:* - Para seus amigos da Terra, você está morta; não para seus amigos espirituais.

*Espírito:* - Recordo que estive enferma, mas não posso recordar que tivesse morrido. Sei que fiquei dormindo, mas não recordo de que me fosse impossível despertar. Estando aqui, vieram alguns de meus amigos e me convidaram para que fosse com eles.

*Médico:* - Você sabe por que lhe disseram para que despertasse? Porque para seus amigos espirituais você estava só dormindo.

*Espírito:* - E porque me chamavam?

*Médico:* - Para prestar-lhe ajuda e fazer com que abra seus olhos à verdade.

*Espírito:* - E quem é você?

*Médico:* - Eu sou o doutor Wickland. Quem trouxe você aqui?

*Espírito:* - Ana H. (Uma artista que tinha estreita relação com o espírito enquanto esteve na Terra).

*Médico:* - Ela falou conosco em certa ocasião, e se encontrava como você agora.

*Espírito:* - Ela se aproximou de mim, mas eu sabia que estava morta.

*Médico:* - Não há morte. Nós não vemos você; unicamente a ouvimos falar. Você não me vê; só vê meu corpo físico. A alma é invisível; ninguém morre.

*Espírito:* - São muitos os que se acercaram de mim e querem que desperte para que retome outra vez meu trabalho.

*Médico:* - Se não há inconveniente em nos dizer, desejaríamos saber quem é você.

*Espírito:* - Você não me conhece? Fui um tempo atriz; me conheciam pelo nome de Lillian R., mas não morri. William Stead veio me ver, e também o defunto Rei Eduardo. Era sua atriz favorita. Não consigo compreender porque vim aqui. Dizem que vim para que você me desperte.

*Médico:* - Nós somos pessoas interessadas nos problemas da vida, especialmente no seguinte: “O quê é das pessoas depois da morte?”.

*Espírito:* - Me dediquei ao estudo, mas só alcancei um ligeiro conhecimento dos fenômenos. Estudei, porém minha vida é demasiadamente atarefada; tenho dedicado grande parte de meu tempo aos demais, e também procurei levar uma melhor vida possível. Sinto-me muito cansada e sonolenta.

*Médico:* - Qual realmente sua enfermidade?

*Espírito:* - Me disseram tantas coisas, que nem eu mesma sei. Senti umas dores muito agudas aqui. (Do joelho para baixo.) Fiquei sem sentido durante algum tempo. Não recordo claramente o que ocorreu; parece como se houvesse perdido misteriosamente a memória. Não posso recordar nada do passado. Sinto-me outra, como se já nada tivesse que fazer daqui em diante. Não sou desgraçada, mas tampouco sou feliz.

*Médico:* - Vamos lhe explicar tudo isso. Não se preocupe.

*Espírito:* - Meus amigos se aproximaram, mas não quis contato com eles. Diziam: “Vem conosco”. Porém respondia: “Não, não e não! Ainda não estou preparada. Não quero seguir.”

*Médico:* - A verdade é que você já havia partido, sem se dar conta. Seus amigos queriam ajudá-la, mas você não compreendia. Sabe onde se encontra agora? O corpo de que está se servindo é o de minha esposa. Ela dorme neste momento. Você não fala com seu próprio corpo.

*Espírito:* - (Vendo outro ser invisível, antigo amigo seu.) John J. A. está aqui.

*Médico:* - Esta mulher é um intermediário psíquico. É minha esposa, que permite que certos espíritos se apoderem de seu corpo, para que possamos fazer-los compreender seu verdadeiro estado. O senhor John J. A., o senhor Stead e Ana H. não conseguiram fazê-la compreender a verdade.

*Espírito:* - Tinha medo deles.

*Médico:* - Aqui é uma espécie de “Escritório de quitação” para os espíritos que se encontram no mesmo estado que você. Você é um espírito que neste momento se apossou de um corpo mortal. Nós, que nos encontramos neste lado da vida, podemos falar-lhe porque dispomos de nossos corpos mortais. Você perdeu seu corpo físico, mas conserva seu corpo espiritual. Quando faleceu foi como se dormisse, e agora está despertando. Você despertou e se encontra numa penumbra.

*Espírito:* - Alguém me deu uma espécie de sacudida elétrica, e pareceu-me que recobrava o sentido, mas estou ainda sonolenta. Toda a sala está cheia de rostos de pessoas que conheci em vida, mas que já morreram. E essas pessoas me rodeavam esforçando-se para falar-me, mas não queria escutá-las.

*Médico:* - Esse foi precisamente o seu erro.

*Espírito:* - O espírito então sobrevive?

*Médico:* - Claro que sim. Nós somos seres mortais, mas as demais pessoas que você vê são puramente espíritos.

*Espírito:* - Me pareciam tão reais como você.

*Médico:* - São mais reais que nós porque são livres, enquanto nós estamos como que sonhando.



*Espírito:* - Creio que este bem-estar que sinto agora não é mais que um sonho do qual despertarei em plena dor.

*Médico:* - Quando você se for daqui, irá em companhia dos demais.

*Espírito:* - Você quer dizer que poderei ir com eles?

*Médico:* - Desde que cesse de oferecer-me resistência.

*Espírito:* - Agora se aproxima um, e logo atrás dele, outro, e me dizem que querem que vá com eles.

*Médico:* - Recorde-se o que disse Longfellow:

*A vida é real, a vida é imortal.*

*Sua finalidade não é o sepulcro;*

*Não se diz da alma*

*Pó és e em pó te converterás.*

*Espírito:* - Que belíssimas paisagens vislumbro! Que beleza! Isto não é um sonho.

*Médico:* - Parece que alguns aspectos maravilhosos do plano espiritual da vida estão se descortinando ante seus olhos.

*Espírito:* - Veja aqueles magníficos palácios que se alçam na ladeira daquela colina! Veja esses encantadores passeios, lagos, colinas belas e flores maravilhosas que brotam de todas as partes! Poderei ir para lá?

*Médico:* - Nada a impede, que não seja sua própria falta de vontade e resistência.

*Espírito:* - Eu era atriz, mas acreditava intimamente em Deus. E você sabe que as pessoas da igreja olham sempre com desdém as pessoas de teatro. Sempre me deu prazer oferecer ao mundo o melhor que havia em mim. Queria pôr em evidência todo o possível para distrair as pessoas.

*Médico:* - Você pode continuar fazendo o mesmo em sua nova vida.

*Espírito:* - Talvez muitos digam que, em certo sentido, não era cristã. Buscava, à minha maneira, o bem dos demais, esforçando-me para ser boa, também à minha maneira. Esta era a minha fé. Às vezes ia à igreja, mas nestas ocasiões não me sentia bem naquela atmosfera. Sempre me conduzi o melhor que pude.

*Médico:* - Você não se encontrava bem na igreja pela simples razão de o espírito da verdade não estar nela.

*Espírito:* - Que maravilhas se apresentam ante minha vista! Isto é o céu?

*Médico:* - Sim; mas não o céu dos cristãos. Não o céu da salvação, e sim o mundo espiritual que envolve o mundo terrestre. Jesus demonstrou a existência dos espíritos e do mundo espiritual, e Paulo disse: “Existe um corpo natural e existe um corpo espiritual... Cuidemos primeiro do natural e depois do espiritual”.

*Espírito:* - Ana H. diz que agora ela é diferente de como a conheci. Diz que não a conheço agora. Dedicou-se a servir e a socorrer os seres desgraçados; afirma que se esforçou em fazer tudo o que podia para me despertar. É tão lindo tudo o que vejo, que gostaria de ir com meus amigos. Dizem que quando estiver fortalecida poderei concluir ali meu trabalho. E como cuidarão de mim? Estou tão débil.

*Médico:* - Não estará quando se retirar deste corpo: “Como pensa um homem em seu coração, assim ele é”. Você será recebida com amor e a conduzirão a uma bela mansão. Sentir-se-á inundada de alegria em seu novo estado, que nem sequer terá tempo para sentir-se débil.

*Espírito:* - E não voltarei a dormir?

*Médico:* - É possível que quando você esteve enferma e com grandes dores, deram a você algum entorpecente, e daí deve vir sua tontura.

*Espírito:* - Muito obrigada. Estou agradecida a vocês por terem me ajudado. Agora meus amigos me chamam, e quero ir com eles. Querem que diga uma coisa, mas não sei se terei forças suficientes. Um cavalheiro me diz: “Fui em vida o Rei Eduardo, mas agora sou uma pessoa como outra qualquer. Queria que você despertasse, da mesma maneira que despertei da vida que levava. Minha mãe foi Rainha, mas não o é aqui. Tem que se tornar mais útil aos demais do que foi sobre a Terra. Minha mãe conhecia os fenômenos espirituais e sabia também que os espíritos voltavam; mas não soube qual era sua obrigação, e em toda a sua vida foi servida pelos outros. Não lhe permitiram nunca fazer nada, nem trabalhar com verdadeira responsabilidade. Ela tem que servir aqui e ali. Agora tenho que servir também, até que compreenda o verdadeiro sentido da vida.” Este senhor me diz que esta era a mensagem que queria enviar-lhes, porque provavelmente pensem que ainda é Rei. Agora é só um homem. Quer ajudar-los, como estão fazendo os demais. Já não é nobre, nem tem o sangue azul, nem outra coisa neste estilo. Vieram todos os meus amigos para dar-me um aperto de mão, e parecem formar todos uma mesma família. Queria dizer-lhes boa noite, mas como farei para partir?

*Médico:* - “O pensamento é o que resolve todos os problemas da vida”. Pense em seus amigos desse mundo e você estará entre eles. Você tem que

transportar seu pensamento daqui para o outro lado. Pense: “Eu estou aqui, verdadeiramente”.

*Espírito:* - Não quero partir sem agradecer a vocês a oportunidade que me proporcionaram de vir aqui e por haverem-me despertado com o objetivo de que possa ir com meus amigos do outro lado da vida.

O organismo de todos os seres vivos engendra uma força nervosa e magnética que os rodeia como uma atmosfera formada de emanções vitais e por uma luz psíquica. Essa atmosfera é o que chamamos Aura Magnética. Essa aura é visível, como uma luz, para os espíritos apegados à Terra, e que vivem num estado de escuridão. Estes espíritos podem ser atraídos para dentro da aura de certas pessoas especialmente propensas a este intrometimento.

Esta classe de espíritos se vêm com freqüência impossibilitados de sair dessa atmosfera psíquica, e daí resulta um estado de confusão (“psicose de perturbação”), porque mesmo que lutem para adquirir sua liberdade, se encontram mesclados aos atos da vida do intermediário psíquico, incomodam-se com sua presença e se sentem ofuscados por um sentimento de personalidade dupla.

A experiência que vamos detalhar em continuação foi realizada com uma enferma muito difícil de dominar a princípio, só depois que desalojamos dela uma certa quantidade de espíritos. Com ela se demonstra os tormentos a que estão submetidos os espíritos quando se enredam na aura de um ser mortal.

*Experiência de 23 de janeiro de 1918*

*Espírito:* Emily Julia Steve. – *Enferma:* Senhora L. W.

*Médico:* - Diga-nos quem é você. Nós nos preocupamos com todos os espíritos que vivem nas trevas. Diga-nos quanto tempo faz que você morreu.

*Espírito:* - Sinto como se algo houvesse acontecido comigo.

*Médico:* - Você se dá conta de que é um espírito que já abandonou seu corpo?

*Espírito:* - O que quero é que solte minhas mãos. Sou uma dama de boa posição. (Esta expressão a enferma usava com grande frequência.) E exijo que me tratem com cortesia e respeito devidos a uma dama.

*Médico:* - Que tratamento lhe davam: o de “senhora” ou o de “senhorita”?

*Espírito:* - Sou uma dama de classe e não estou acostumada com estes tipos de perguntas. Neste momento tenho a impressão que você me arranca um pedaço da alma.

*Médico:* - Diga-me o que é que a faz sofrer.

*Espírito:* - Você é que me faz sofrer, que não sei como faz para me aplicar uma coisa estranha nas costas. (Refere-se ao tratamento estático da enferma.) Não vejo a razão de sua conduta. É também quem me mantém encerrada em um calabouço. Com certeza é o que me detinha no calabouço. Mas quem é você, afinal de contas?

*Médico:* - Sou um amigo; quero conversar.

*Espírito:* - Em primeiro lugar, não o conheço, e em segundo lugar, não tenho nada a dizer-lhe. Que é você? Diga-me seu nome.

*Médico:* - Sou o doutor Wickland.

*Espírito:* - Em verdade, se perguntei seu nome foi sem querer, porque não tenho nenhum interesse em me relacionar com você.

*Médico:* - Não lhe agradaria mudar-se para o continente espiritual da vida?

*Espírito:* - Não gosto de ouvir falar dessas coisas, porque não sou um espírito.

*Médico:* - Examine suas mãos e diga-me se, efetivamente, são suas.

*Espírito:* - Você é o que tem a culpa de que eu tenha permanecido tanto tempo aprisionada, e agora pretende mistificar-me. Não quero dar-lhe importância.

*Médico:* - Diga-me ao menos como foi que veio aqui.

*Espírito:* - É uma coisa estranha. Não conheço a mim mesma. Parecia-me estar como em uma prisão, e prontamente, sem dar-me conta de como ocorreu, me encontrei aqui. Não sei como vim. Éramos uma multidão, mas parece que me deixaram só. Tenho estado presa; no entanto, não conservo a lembrança do que fiz.

*Médico:* - Onde se encontrava, segundo acaba de nos dizer, em companhia de muita gente? (Refere-se aos espíritos obsessores que se encontravam dentro da aura da enferma.)

*Espírito:* - Estava onde me correspondia. Éramos uma grande quantidade de pessoas, homens e mulheres. Tínhamos nossa casa, mas não podíamos sair dela; em certas ocasiões passávamos muitos maus momentos. Durante algum tempo permaneci encerrada sozinha em um lugar escuro. Antes que me visse trancada nesse lugar, todos os que estávamos reunidos

podíamos falar, ainda que somente um por vez. (O que dominava a enferma.)  
Porém neste momento me encontro só, e lhe digo que não tem nenhum direito de aplicar-me essas coisas que queimam.

*Médico:* - Esse tipo de tratamento elétrico é de grande utilidade para os espíritos apegados à Terra, ou seja, para os espíritos ignorantes.

*Espírito:* - Ignorantes, você disse? Como tem a ousadia de falar-me assim? Como se atreve?

*Médico:* - Você ignora que teve que abandonar seu corpo mortal. Você já perdeu seu corpo físico.

*Espírito:* - E como você sabe?

*Médico:* - Porque o corpo de que está se servindo neste momento para falar não é seu, e sim de minha mulher.

*Espírito:* - Digo- lhe que jamais em minha vida o havia visto, até o momento em que me aplicou aquelas coisas punçantes.

*Médico:* - É que até este preciso momento você nunca havia se servido deste corpo.

*Espírito:* - O que significa isto?

*Médico:* - Significa que você esteve se servindo do corpo de outra pessoa.

*Espírito:* - Se isso é certo, me explicará muitas coisas. Às vezes parece que não posso ser a que se encontra em semelhante lugar; porém outras vezes compreendo que sou eu mesma. Havia entre nós um homenzarrão já velho, um louco varrido; e não tínhamos mais remédio que fazer o que ele dizia.

(Refere-se a outro espírito obsessor que havíamos desalojado previamente da enferma.) Eu dizia que não havia razão nenhuma para fazer os seus caprichos; sou uma pessoa a quem sobra dinheiro. Por que, então, haveria de me preocupar com aquele velhaco? Não via razão alguma para fazer o que ele mandava, e, no entanto, não tinha outro remédio que obedecê-lo. Aquela não era minha casa, porém não havia outro meio que viver nela, e não compreendi jamais por que razão não podia sair dali. Aquele velhaco obrigava a mim e a várias pessoas a que o acompanhássemos.

*Médico:* - A eletricidade lhe foi de alguma ajuda para sair dali?

*Espírito:* - Sim, porém me martirizou barbaramente. Parece como se quisesse despedaçar-me.

*Médico:* - Apesar de tudo, foi a eletricidade que lhe libertou.

*Espírito:* - Não podíamos escapar daquele homem, e nos víamos obrigadas a fazer o que ele dizia. Não fazia mais do que correr. (A enferma se punha freqüentemente a correr.) E tínhamos que fazer o mesmo. Havia uma menina pequena que não fazia mais que chorar. (Um espírito obsessor desalojado em outra sessão.) Umhas vezes me sentia livre, mas em outras ocasiões passava por grandes sofrimentos. Mais de uma vez tive a sensação de que ia flutuando de um lugar a outro.

*Médico:* - Isso ocorria nos momentos em que você voltava a ser um espírito livre.

*Espírito:* - Cale-se, por favor! Odeio você. Não tenho nenhuma necessidade de ser um espírito livre.



*Médico:* - É que você não consegue compreender que não morremos ao abandonar o corpo mortal, e sim que continuamos vivendo; então nos transformamos em espíritos.

*Espírito:* - Você sabe perfeitamente que não morri. E vê que estou falando-lhe e que posso mover meus braços e minhas mãos.

*Médico:* - Minha amiga, saiba que ainda que falemos, não posso vê-la. A quem vemos unicamente é a minha mulher. Você nos fala por intermédio do corpo de minha mulher. Esta pessoa que está sentada aqui é a senhora Wickland. E você, como se chama?

*Espírito:* - Sou a senhora Emily Julia Steve. Era casada, porém já faz alguns anos que meu marido morreu.

*Médico:* - Você sabia que se encontra na Califórnia?

*Espírito:* - Nunca estive na Califórnia; vivi primeiramente em Chicago, e dali mudei para San Luis. (A enferma havia vivido também em San Luis, onde sentiu pela primeira vez os desvios comportamentais.)

*Médico:* - E em que lugar de San Luis você vivia?

*Espírito:* - Não disse que vivia ali; passei de viagem. Tive meu primeiro domicílio na Avenida La Salle, de Chicago; mas permaneci ali pouco tempo. Minha casa estava muito próxima do cruzamento de La Salle e Divisão. Dali parti para San Luis, e de San Luis na verdade não me recordo para onde fui. O que lembro é que sentia grandes dores de cabeça. (A enferma se queixava de dores parecidas.)

*Médico:* - Lembra-se de ter estado enferma?

*Espírito:* - A verdade é que apenas conservo uma vaga lembrança das coisas. (De repente dá sinais de grande excitação.) Não, não! Creio que verdadeiramente me acontece algo. Será que estou ficando louca? Olhe, olhe! Aqui está o meu esposo! Não, não é possível. Deve ser um fantasma. Faça o favor de olhá-lo!

*Médico:* - Não se assuste; nós falamos com um fantasma; agora estamos falando com você, e, no entanto, não nos assustamos.

*Espírito:* - E aqui está também meu filho! É meu nenê querido! Não há dúvida de que estou ficando louca. E também está minha mãe! Estou louca, louca. Tenho medo. Todos eles vêm até a mim!

*Médico:* - Esforce-se em compreender que depois de haver perdido seu corpo físico se converteu também em um espírito. Esforce-se em compreender.

*Espírito:* - Faça o favor de me explicar como é que se encontram aqui meu esposo, minha mãe e meu filhinho. Serão felizes no céu? Por que não ficaram lá?

*Médico:* - Você sabe em que consiste o céu?

*Espírito:* - O céu está lá em cima, e nele estão Cristo e a Divindade.

*Médico:* - Jesus disse: “O reino de Deus está dentro de vós.” A Bíblia diz: “Tu és o templo de Deus, e o espírito de Deus vive em ti.” Deus está acima, abaixo e em todas as partes.

*Espírito:* - Você não crê em um Deus pessoal?

*Médico:* - Deus é espírito. Não poderia estar em um lugar unicamente.

*Espírito:* - Sinto-me tão cansada, que fica muito difícil compreender o que dizem. Iria contente a qualquer lugar onde pudesse descansar verdadeiramente. Não posso descrever os sofrimentos que tenho passado, sem casa para ir e sem um lugar onde descansar minha mente fatigada. Andei errante de um lugar para outro, sem poder encontrar morada, nem tranqüilidade. Pedia que me fosse concedido pelo menos um pequeno descanso, mas nunca falta alguém que se aproxime para me machucar. Eram muitos ao meu redor, e todos se empurravam uns aos outros, e eu era provavelmente débil e não podia evitá-lo. Parecia que uma fera havia se apossava de mim, e lutava contra todos como um tigre. Quando esses momentos passavam, sentia-me frágil durante muitos dias. Sofria horrivelmente. E aquele homem feroz nos perseguia sempre, e a menina pobrezinha não cessava de chorar, porque a apertavam muito. Quisera ter uma casinha aonde ir para ver-me livre daquele grosseirão. Era um homem feroz, que vocês não podem nem imaginar. Era um perfeito canalha; se foi faz algum tempo e não voltamos a vê-lo. A menininha que chorava sempre, se foi também. Doía-lhe a cabeça. Eu nunca a quis mal, mas aquele homem nos atormentava tanto, que nos tirava o juízo.

*Médico:* - E não lhe agradaria seguir em companhia de seu esposo, de sua mãe e de sua filhinha, para que eles cuidassem de você e pudesse enfim descansar? Esforce-se para compreender que já perdeu seu corpo físico.

*Espírito:* - Como foi que perdi meu corpo?

*Médico:* - Isso nós não podemos saber.

*Espírito:* - Em certas ocasiões parecia que me convertia em uma mulher gorda e forte, e nesses momentos estava disposta a lutar com todo o mundo; mas logo tinha a sensação de empequenar-me, e tudo isso me deixava perplexa.

*Médico:* - Pode ser que ocorreu tudo isso porque você influenciou diferentes pessoas. Você pode se livrar definitivamente desta situação.

*Espírito:* - E então descansarei? Ou voltarei a despertar e me darei conta de que tudo foi um sonho, e estarão ao meu redor aquele homem e aquela menina que sempre chora?

*Médico:* - Esforce-se para esquecer tudo o que ocorreu e olhe para o futuro. Vá com seu esposo e ele lhe mostrará as belezas do mundo espiritual.

*Espírito:* - Queria ir com eles, mas tenho medo, porque um e outra morreram. Quando meu marido e minha filhinha morreram, caí gravemente enferma, e os médicos disseram que tinha destruído o sistema nervoso. Fui ficando pior, e agora recordo que me levaram a um lugar chamado Elgin. (Provavelmente algum asilo de alienados.) Lembro tudo isso vagamente. Quando fiquei melhor (ou seja, quando morreu) fui a San Luis, porque tinha ali uma irmã. Sinto-me melhor desde que comecei a falar; quero ir com minha gente. Olhe este leito tão formoso. Agora posso descansar, e estando meu marido ao meu lado, já não terei preocupações. Que Deus os abençoe e nos conceda sua ajuda. Meu marido me diz que está muito contente por haver-me encontrado e que não nos separaremos nunca mais. Que Deus abençoe a todos e a cada um de vocês.

## **CAPÍTULO V**

### **ESPIRITOS ATORMENTADORES – DISSENSÕES MATRIMONIAIS**

Há espíritos obsessores que se dedicam de uma maneira intencional em atormentar aos sujeitos sensíveis que não podem opor-lhes resistência. Uma vez agem assim por vingança, porém com maior frequência ainda o fazem para castigar estes mortais que, segundo os espíritos, se intrometem em sua vida.

Estes espíritos atormentadores levam com freqüência as suas vítimas a cometer atos de violência em seus próprios corpos, sem que pareçam sofrer eles mesmos dor alguma com as torturas que infligem ao corpo físico do sujeito sensível. Entretanto, ainda que pareça contraditório, muitos desses espíritos agem na crença de que aquele corpo mortal é o seu próprio corpo.

A senhora L. W. sentiu-se acometida, depois da morte de seu esposo, de uma melancolia que degenerou em “alucinações do ouvido”. Sentia-se atormentada constantemente por vozes de certos espíritos, e com freqüência se punha a correr desesperadamente e saía de sua casa gritando e arrancando os cabelos.

Sua filha, que era vidente, via nessas ocasiões vários espíritos que andavam ao redor da mãe, e em particular o de um homem que corria atrás dela, com zombarias. A própria enferma costumava, ocasionalmente, ver este sujeito, e dizia: “Este homem está aqui outra vez”.

Na crença de que uma mudança de clima poderia ser-lhe benéfica, foi conduzida de San Luis para Los Angeles; mas a violência dos ataques aumentou. Durante tais acessos mordida as mãos e os braços, golpeava o rosto com uma sapatilha e destroçava as roupas.

Acabou ficando descontrolada e tiveram que interná-la em uma Clínica Psiquiátrica, onde foi dada como louca, ordenando sua reclusão em um sanatório, onde permaneceu durante um ano, sem que se observasse nela nenhuma melhora. Escapou três vezes do sanatório e então a submeteram aos nossos cuidados. Ao término de uns poucos meses, conseguimos desalojar os espíritos atormentadores, a mulher recobrou seu equilíbrio mental, e desde então seu estado tem sido bom, dedicando-se em ajudar sua filha nas tarefas domésticas.

Nos primeiros dias em que estive em nosso Instituto, afastamos o espírito do homem que fazia troças e que com tanta freqüência havia sido visto pela filha da enferma. Esse espírito se apoderou então da senhora Wickland.

*Experiência realizada em 13 de janeiro de 1918*

*Espírito:* John Sullivan. – *Enferma:* Senhora L. W. - *Intermediário Psíquico:* Senhora Wickland.

O espírito forcejou furiosamente durante algum tempo, e houve necessidade de submetê-lo pela força.

*Espírito:* - Por que diabos me prendem? Não tenho nada a ver com vocês. Molestam-me e não vejo com que direito. Nunca lhes provoquei dano, mas asseguro que antes que terminemos hei de colocá-los em uma situação difícil.

*Médico:* - Você entrou aqui como um desconhecido e em seguida se pôs a brigar. Não tínhamos, pois, outro remédio que sujeitá-lo.

*Espírito:* - Reclamo porque me mantém preso.

*Médico:* - Quem é você?

*Espírito:* - Por que iria dizê-lo? Não conheço nenhum de vocês e não me têm importância nenhuma. Deixem-me só para que possa partir.

*Médico:* - Diga-nos, amigo, quem é você. Por sinal você é uma moça com bastante força.

*Espírito:* - Olhe-me bem e não voltará a tomar-me por mulher.

*Médico:* - Diga-nos de onde veio e o que é que quer.

*Espírito:* - E por que você deseja sabê-lo?

*Médico:* - É possível que possamos ajudá-lo a sair do estado em que se encontra.

*Espírito:* - Não me apertem tanto e então falarei.

*Médico:* - Diga-nos tudo referente à sua pessoa.

*Espírito:* - Em primeiro lugar, não admito que voltem a cravar em mim estes alfinetes. (Refere-se ao tratamento elétrico a que havíamos submetido a paciente.) Ademais me têm deixado encarcerado durante algum tempo, e agora que saí dessa prisão sinto vontade de brigar. (Ao sentir-se livre da aura da paciente e das restrições com que o haviam sujeitado os espíritos inteligentes.) Para que diabos me cravaram todos esses alfinetes? Queria sair daqui para seguir para a minha casa.

*Médico:* - E onde é a sua casa?

*Espírito:* - Minha casa está no lugar de onde vim.

*Médico:* - E onde esteve ultimamente?

*Espírito:* - Andei perdido nas trevas. Saí de minha casa e não pude ver mais nada. Parecia que havia ficado cego.

*Médico:* - E não observou nada diferente em você enquanto esteve nesse lugar que você chama sua casa?

*Espírito:* - Não era realmente minha casa, mas parecia.

*Médico:* - Mas não se sentia às vezes desgostoso e agia de maneira estranha?

*Espírito:* - Às vezes não sabia onde estava, mas logo entrava em ação. De vez em quando tínhamos uma grande briga. Vários indivíduos me rodeavam, mas algum dia cairão em minhas mãos.

*Médico:* - E quem eram?

*Espírito:* - Na verdade não sei: pessoas de todas as classes.

*Médico:* - E havia entre eles alguma mulher?

*Espírito:* - Eram tantos que não deixavam ninguém tranqüilo. Mulheres, você diz! Algum dia me apoderarei de todas as que ficarem e as sacudirei bem a gosto.

*Médico:* - E porque você sente desejos em causar danos aos demais?

*Espírito:* - Às vezes me atacavam uma mulher por um lado e outra por outro. E isso me tirava do sério; porém, o que pode fazer um homem quando lhe atacam um batalhão de mulheres? (Refere-se aos outros espíritos obsessores que estavam na aura da enferma.)

*Médico:* - Onde você acha que se encontra agora?

*Espírito:* - E o que importa isso?

*Médico:* - Onde você estava vivendo?

*Espírito:* - Temos vivido em diferentes cidades, temos andado de um lado para outro, até que me sentia morto de aborrecimento com todas essas coisas. Tenho vontade de começar a correr e não parar até um lugar em que não possa encontrar ninguém.

*Médico:* - Ninguém pode fugir de si mesmo.



*Espírito:* - Não vejo ao meu redor mais do que mulheres, mulheres e mulheres, até sentir-me farto delas. Derrubei uma delas, a mordi, lhe dei pontapés, e nem assim consegui me libertar. (Refere-se à enferma, senhora L. W.) Por que ela tem que andar colada em mim? Um dia vou matá-la.

*Médico:* - Você não sabe o que tem estado fazendo.

*Espírito:* - Nem me importa. Certo dia lhe arranquei um pedaço do pulso, mas nem assim consegui que me soltasse. Depois arranquei seus cabelos com toda a força, e continuou agarrada em mim. Não houve maneira de me livrar dela.

*Médico:* - Amigo, talvez fosse interessante para você saber o que realmente tem feito.

*Espírito:* - Não me importa o que tenho feito, é que me vejo louco, porque agora sinto que desde que me cravaram os alfinetes parece que perdi toda a força.

*Médico:* - E onde essa senhora encontra-se atualmente?

*Espírito:* - Faz algum tempo que não a vejo.

*Médico:* - E que dano lhe havia feito?

*Espírito:* - É que não tem razão alguma para agarrar-se a mim dessa maneira.

*Médico:* - Alteremos por um momento os termos, porque poderia ser que quem se agarrou a ela fosse você.

*Espírito:* - Ela não é ninguém para botar-me encima roupas de mulher e cobrir minha cabeça com cabeleira de mulher.

*Médico:* - Quanto tempo faz que você morreu?

*Espírito:* - Morto, disse? Vou lhe mostrar que não estou morto e que você não tem força suficiente para sujeitar-me. Vamos, fale que estou morto! (Com um riso áspero.)

*Médico:* - Mas é possível que você ainda não tenha se dado conta de que se encontra, faz algum tempo, em uma situação diferente?

*Espírito:* - Jamais estive em pior situação que agora. Afaste suas mãos de mim porque me queimam: parecem fogo.

*Médico:* - Não lhe ocorreu jamais pensar que não era possível que uma mulher o vestisse com suas roupas como num manequim? Diga se não tem sido um grande egoísta.

*Espírito:* - Como é isso de egoísta. A egoísta tem sido ela.

*Médico:* - Vejamos. Suponhamos que você seja um espírito ignorante que esteve andando ao redor de uma mulher.

*Espírito:* - Eu, andar ao redor de uma mulher? Nunca na vida, cavalheiro!

*Médico:* - No entanto, são coisas que acontecem. Não leu alguma vez a Bíblia? Não recorda como desalojavam os espíritos naqueles tempos? Você também é um espírito, muito parecido àqueles de que fala a Bíblia.

*Espírito:* - Aqueles eram demônios, e vou demonstrar a você que não sou um demônio.

*Médico:* - Você tem atormentando uma mulher, e tive que afugentá-lo valendo-me da eletricidade.

*Espírito:* - (Tentando recomeçar a luta.) Já pego você! Aposto que é um dos que me enfiaram naquele calabouço. Vou ver se pego essa mulher e a destruo.

*Médico:* - E por que você quer fazer dano a essa mulher? Agora não lhe incomoda.

*Espírito:* - Também com você vou acertar as contas!

*Médico:* - Se não se moderar, lhe aplicaremos outra sessão de eletricidade.

*Espírito:* - Prefiro estar aqui, mas não me aperte tanto.

*Médico:* - Você nos disse que é um homem, mas saiba que nós não podemos vê-lo. Nós vemos uma mulher.

*Espírito:* - E onde estão seus olhos? Não vê que sou um homem?

*Médico:* - Você está vestido de mulher.

*Espírito:* - Não é certo; o deixarei em pedaços. Ela se empenhava em colocá-los, mas eu os tenho deixado em pedaços.

*Médico:* - Você já saiu do corpo da mulher que estava se apossando, e agora se serve do corpo de outra mulher.

*Espírito:* - O que quer dizer com isso?

*Médico:* - Você é um espírito ignorante, apegado à Terra, que tem estado rondando o plano terrestre, causando mal a uma mulher. O corpo de que está se servindo agora é o da minha esposa.

*Espírito:* - Não me sirvo do corpo de ninguém. Por que esta mulher se empenhava em se agarrar em mim?

*Médico:* - Era você quem se agarrava. Desde que lhe afastamos, essa mulher se encontra perfeitamente.

*Espírito:* - Foi você o que me meteu no calabouço?

*Médico:* - Não, foram certos espíritos inteligentes. Você é um espírito egoísta, egoísta até não poder mais. Faça um esforço para compreender sua verdadeira situação. Nós estamos fazendo tudo o que podemos para que abra os olhos à verdade.

*Espírito:* - Se eu pudesse apoderar-me daquela mulher, a morderia até fazê-la em pedaços. E morderei também nos braços!

*Médico:* - Procure ser razoável e chegará então a adquirir o conhecimento e poderá progredir e ser feliz.

*Espírito:* - Não existe a felicidade.

*Médico:* - Meu amigo, se quiser ser feliz alguma vez, tem que mudar de atitude. Você perdeu seu próprio corpo e está vagando ao redor do plano terrestre, perseguindo com suas obsessões as pessoas mortais. Essa atitude é própria de espíritos egoístas. Os asilos de alienados estão cheios de gente, vítimas dos espíritos obsessores. Você tem atormentado esta mulher já há três ou quatro anos.

*Espírito:* - E como diabos você acha que tenha me apoderado dessa mulher? Odeio as mulheres. Como você crê que eu ia agüentar durante todo esse tempo vivendo com uma mulher colada em meu braço? Não me uniria com uma mulher nem por amor nem por dinheiro, porque odeio todas elas. Se

estivessem em minha mão, esmagaria todas, porque são seres enganadores. Deus não fez a mulher. A mulher é o ser mais egoísta do mundo. Enquanto você as mima e obsequia com toda classe de coisas agradáveis, lhe tratam bem; porém quando virar as costas lhe cravarão um punhal. Sua única preocupação consiste em tirar-nos todo o dinheiro que possam. Jurei vingarme de todas as mulheres e me vingarei. Por culpa de uma mulher não tive o lar feliz que deveria ter tido. A vingança é doce, e eu a terei.

*Médico:* - Veja bem; já é tempo de você pôr fim às suas vinganças e que comece a considerar o problema da vida com mais seriedade. Você não acredita que tenha cometido muitos erros? Examine sua vida passada e veja se tem sido sempre um homem perfeito.

*Espírito:* - Ninguém é perfeito.

*Médico:* - Pense que talvez você tenha cometido muitas faltas.

*Espírito:* - O que digo é que não há homem perfeito, porém sou um homem igual à maioria dos homens.

*Médico:* - Esforce-se em compreender o mistério da vida. É possível que faça muitos anos que você já morreu. Há certos espíritos inteligentes que estão aqui, preparados para me ajudar e que lhe instruirão em muitas coisas maravilhosas. Permitiram-lhe que viesse aqui e se servisse do cérebro e do corpo de minha esposa para que nós pudéssemos oferecer-lhe socorro.

*Espírito:* - Sua mulher comete uma besteira prestando-se a isto.

*Médico:* - Presta-se a isso porque é cheia de sentimentos caritativos para com espíritos como você. Nem todas as mulheres são enganadoras.

*Espírito:* - Minha mãe era uma boa mulher. Se não fosse por consideração a ela, mataria todas as mulheres que se colocassem ao meu alcance. Porém minha mãe morreu faz quarenta ou cinquenta anos.

*Médico:* - Também você está morto, porém me refiro ao seu corpo. Agora você é um espírito. Dirija seu olhar ao redor e diga-nos o que vê, e seja sincero pelo menos uma vez.

*Espírito:* - Eu vejo a minha mãe, mas me inspira medo.

*Médico:* - Entretanto, aqui estamos todos nós, que não temos medo de você.

*Espírito:* - Muito bem, mas minha mãe é um fantasma.

*Médico:* - É um espírito, nem mais nem menos que você. O que é que ela lhe diz?

*Espírito:* - Diz: “John, tenho estado buscando-lhe por todas as partes durante muitos anos”. Mas eu tenho medo.

*Médico:* - É porque tem aspectos de fantasma, desses que assustam?

*Espírito:* - Não é isso, e no entanto tenho medo. Meu pai está aqui também! E também Lizzie! Não se aproxime de mim; tampouco necessito de você. Digo-lhe para não se aproximar de mim! Não preciso de você, Lizzie; você é uma víbora.

*Médico:* - É possível que tenha vindo para lhe pedir perdão por uma ação má que lhe tenha feito.

*Espírito:* - Não a perdoarei jamais, jamais.

*Médico:* - Mas ocorrem casos de enganos. Às vezes ocorrem desentendidos entre as pessoas. É muito provável que você tenha dado como certo determinados fatos que não o são.

*Espírito:* - A odeio e não quero que se aproxime.

*Médico:* - Procure arrancar o ódio de seu coração e seja razoável.

*Espírito:* - Lizzie, saia, se não quiser que a mate. Portou-se como uma víbora. Não quero lhe ouvir. O que for, é falso. Não acredito em nenhuma palavra que disser; não venha agora apresentar toda classe de desculpas, porque não acredito. Tirou-me e me tira do sério, grandíssima embusteira.

*Médico:* - Escute o que ela diz.

*Espírito:* - (Escutando.) Esse é um conto muito bonito! Íamos casar; ela era uma moça muito simpática. Disse-me que eu interpretava tudo distorcidamente, por causa de meus ciúmes.

*Médico:* - Provavelmente você tinha um caráter bruto e arrebatado.

*Espírito:* - (A Lizzie) Você é embusteira; se foi com aquele indivíduo, não pode negá-lo. Agora me responde que ao regressar à sua casa naquela tarde, encontrou-se casualmente na rua com aquele outro rapaz; e que não fez mais do que caminhar em sua companhia um pequeno trecho, e que eu os encontrei justamente naquele momento. Então regressei à minha casa e me apunhalei.

*Médico:* - Bonita maneira de agir! Pelo que vejo, você se suicidou.

*Espírito:* - Oxalá tivesse me matado! Porém, por desgraça, sobrevivi. A morte teria sido melhor, mas não importa; vingar-me-ei de todas as mulheres.

*Médico:* - Procure ser razoável e perdoe essa moça.

*Espírito:* - Porém, vamos ver. Você acreditou neste conto? Sofri muito com a punhalada que me dei, e quis morrer. Lizzie anda ao meu redor e não pára de chorar.

*Médico:* - Preste atenção à sua própria consciência.

*Espírito:* - Veja você como a queria, e o prêmio que obtive.

*Médico:* - Está me parecendo que sua mãe lhe pôs a perder com seus mimos, quando você era criança.

*Espírito:* - Para minha mãe não havia nada no mundo como eu; dava-me tudo o que pedia, a fim de que ficasse bem. Agora me diz que lamenta não haver feito tudo de outra maneira. Não, mãe, não se aproxime. Já não há salvação para mim.

*Médico:* - A primeira lição que você deve aprender é sacrificar seu próprio egoísmo. Jesus disse: “Só se convertendo em criança poderás entrar no reino dos céus”. Não sei se compreenderá o sentido destas palavras. Você não teve outra preocupação que não fosse seu próprio egoísmo, porque sua mãe lhe pôs a perder.

*Espírito:* - Minha mãe diz que agora está muito arrependida. Lizzie está aqui outra vez. Não creio em suas palavras, porque o certo é que ela se deixou acompanhar por outro indivíduo.

*Médico:* - Suponha que fosse isso. O que se depreende? Você devia ser muito ciumento para retirar disso conseqüências graves.

*Espírito:* - Insiste que não foi com ele, e que o que me disse é a pura verdade.



*Médico:* - Você sabia que ela já morreu?

*Espírito:* - Isso não é certo, porque, se for verdade, resultaria que estou agora falando com um fantasma.

*Médico:* - Já que diz que a tem diante de si, olhe bem e veja se não é, efetivamente, um fantasma.

*Espírito:* - Não parece. Minha mãe continua dizendo-me: “John, seja razoável e pondere. Sua própria consciência o acusa”. Mas para mim fica difícil pensar que a jovem que eu amava haja saído com outro homem. Quanto sofri por culpa de Lizzie! Ao vê-la andando em companhia daquele homem, regressei à minha casa e me dei uma punhalada, com muito pouca força, nada mais que com a intenção de assustá-la. Pensei que bastaria isto para que ela viesse correndo para o meu lado.

*Médico:* - Você suicidou realmente; não conseguiu compreender que não é atualmente mais que um espírito. Você tem se dedicado a obsedar uma senhora, causando-lhe toda espécie de moléstias. Essa senhora é uma enferma que foi submetida ao nosso tratamento.

*Espírito:* - Não me importa essa senhora, pois odeio todas as mulheres. O que queria era me vingar, e assim o fiz.

*Médico:* - Que outros nomes você tinha além de John?

*Espírito:* - John Sullivan.

*Médico:* - Se sua mãe tivesse lhe dado umas boas palmadas, não se encontraria em semelhante situação. Procure perdoar Lizzie, e com isso beneficiará você mesmo.

*Espírito:* - Não a perdoarei. Todas as mulheres eram loucas por mim, e era considerado um bom moço.

*Médico:* - Foi isto o que lhe pôs a perder. Se houvesse levado uma vida mais aplicada, seria mais razoável. Seja-o pelo menos agora, que está se servindo do corpo de minha mulher.

*Espírito:* - Está bem, leve a sua mulher. Não preciso dela para nada. Escute, mamãe, é inútil que continuem você e Lizzie aí ao lado, chorando, porque não a perdoarei jamais.

*Médico:* - Se não perdoar agora, em que tem semelhante oportunidade, quando se retirar daqui irá para um escuro calabouço, onde permanecerá até que se arrependa. Faça um esforço para compreender que você é que tem culpa de tudo.

*Espírito:* - Não perdoarei.

*Médico:* - Em que cidade você vivia?

*Espírito:* - Em San Luis.

*Médico:* - Sabia que agora se encontra na Califórnia?

*Espírito:* - Sei perfeitamente em que lugar me encontro. Estou em San Luis, e atualmente é inverno. A temperatura é 19 graus abaixo de zero.

*Médico:* - E em que ano acha que estamos?

*Espírito:* - Em 1910.

*Médico:* - Estamos em 13 de janeiro de 1918.

*Espírito:* - Mãe, se você tivesse me tratado com maior dureza quando eu era criança, sem pôr-me a perder com excessivos mimos, é possível que minha situação fosse muito diferente da atual. É demasiado tarde para mudar, e o que é mais grave, nada se ganha com mudanças.

*Médico:* - Se não se mostrar propício ao perdão, lhe esperam ainda grandes dores.

*Espírito:* - Não me importa permanecer neste calabouço de que você fala. Veja você, mamãe, o resultado de sua obra. Não está orgulhosa de seu filho? Tudo é obra sua.

*Médico:* - Você afirma que ama sua mãe, mas em realidade não sente carinho nem simpatia por ninguém.

*Espírito:* - Incomoda-me até a palavra simpatia. Minha mãe diz que não há outro meio que não seja mudar, mas é já demasiado tarde, porque sou muito velho. (Assustado e querendo escapar de algo.) Levem-me daqui, levem-me daqui! Estou doente.

*Médico:* - É necessário que você seja sério e honrado.

*Espírito:* - Minha mãe diz que já compreende que me educou mal. Não permita que me levem a esse calabouço! Perdoarei Lizzie, farei tudo o que me disserem. Estou cansado da vida, enfastiado de tudo.

*Médico:* - Quando se chega ao lado espiritual da vida é necessário procurar servir aos demais e não prejudicá-los. Esforce-se para desfazer todo o mal que causou a esta senhora com as suas obsessões.

*Espírito:* - Você voltou à mesma! Digo-lhe que ela me atormentava e que odeio as mulheres. Vinguei-me, e isso é tudo. Peguei uma sapatilha e

com ela lhe amassei a cara. Fiz para vingar-me de todas as mulheres, porque odeio todas.

Não houve maneira de fazer com que este espírito abrisse os olhos à verdade de seu estado, e foi necessário retirá-lo, enviando-o a um “calabouço” até que aprendesse a se dominar e se desprendesse de seu ódio pela humanidade.

Há alguns anos um amigo queixou-se da conduta estranha e incoerente de um sócio, o senhor P., que de repente se converteu em uma pessoa que se encolerizava por motivos fúteis, conduzindo-se de maneira despótica com as pessoas que estavam sob suas ordens. Era impossível contentá-lo; mostrava-se exigente e tinha acessos violentos, nos quais praguejava como um carreteiro.

Os sintomas eram de pessoa que sofre de obsessão. Procedemos, pois, em concentrar nossos pensamentos tomando como alvo o cavalheiro em questão, e conseguimos, ao término de umas semanas, entrar em comunicação, por intermédio da senhora Wickland, com um espírito de caráter muito violento, que confessou francamente que havia atormentado o cavalheiro em questão para vingar-se das atenções, que, segundo ele, dispensava à sua senhora. (Isto havia ocorrido, efetivamente, quando o espírito obsessor estava vivo, porém este só veio a sabê-lo depois de sua morte.) O espírito citou o nome de um cavalheiro que era uma eminência nos círculos comerciais da cidade, e que havia falecido um pouco antes, sem estar à par do fato. Afirmou que havia estado muito tempo enfermo, mas que

atualmente podia ir aonde quisesse sem mal estar algum, porque se sentia muito bem.

O que não compreendia era a obstinação de sua mulher em não falar mais com ele. Também se espantava que seu filho, que tanto afeto demonstrara sempre, se mostrasse agora tão frio.

Insistiu que alguns de seus amigos não lhe eram leais e que haviam estado durante algum tempo dispensando atenções a sua mulher, enviando-lhe presentes e ramos de flores. Assegurou-nos que quando tivesse se saciado de sua vítima atual, se dedicaria a vingar-se dos outros.

Manifestou que não era possível raciocinar com clareza, e atribuía a isso o fato de que fazia pouco tempo que tomara um anestésico. Atribuía também como causa a estranha sensação de falta de gravidade e de ligeireza de seu corpo.

Estava atônito, porque bastava concentrar seu pensamento em uma pessoa determinada para que se encontrasse em seguida próximo da mesma e intervindo em seus negócios. Fazia pouco que havia se aproximado do senhor P., sem poder conseguir se afastar dele; isto o havia exasperado muito, e havia tido alguns acessos durante os quais não fez mais do que jurar, não deixando aquele senhor dormir, obrigando-o a levantar-se cedo e molestando-o com todos os meios que tinha ao alcance das mãos.

O espírito em questão terminou por compreender, depois de muitas explicações, que estava morto. Deu muito trabalho, porque, segundo nos disse, havia crido sempre que com a morte tudo se acabava e que mais além não havia nada.

Depois que lhe asseguramos que no mundo dos espíritos teria amplo campo para evoluir e desenvolver suas atividades, e que tudo lhe seria aclarado em sua inteira satisfação, se despediu de nós e se retirou.

No dia seguinte se observou uma melhora tão notável na maneira do senhor P., e demonstrou um equilíbrio tão perfeito de caráter, que todos os empregados da firma ficaram maravilhados com a mudança, ainda que o dito senhor P. não teve jamais notícia da experiência de concentração que havíamos feito em seu benefício.

A senhorita R. F. sentia-se acometida intermitentemente por impulsos de fugir de casa. Coincidindo com tais acessos, dava sinais de grande excitação. Pouco tempo depois de admitida em nosso Instituto, conseguimos livrá-la do espírito instigador daquelas fugas.

*Experiência realizada em 15 de setembro de 1920.*

*Espírito:* Edward Sterling. – *Enferma:* Senhora R. F. - *Intermediário Psíquico:* Senhora Wickland.

Um espírito se apoderou do intermediário; este se levantou, tentou correr e se mostrou muito indignado quando o impedimos.

*Médico:* - Por que não se senta?

*Espírito:* - Porque não quero.

*Médico:* - Aonde ia?

*Espírito:* - Para minha casa.

*Médico:* - E onde é a sua casa?

*Espírito:* - Quero ir-me para encontrá-la (Forçando para se livrar.)

*Médico:* - Essa não é maneira de uma dama bem educada se conduzir.

*Espírito:* - Como disse? Dama? Não há tal dama. Eu sou homem.

*Médico:* - E de onde você veio?

*Espírito:* - Isso não tem importância. Estou indo para minha casa.

*Médico:* - E onde está sua casa?

*Espírito:* - Está onde eu queira que esteja. Só sei que não vou continuar sentado aqui nem um minuto a mais. Vou-me, repito para você.

*Médico:* - (Comprovando a coincidência de fraseologia entre o espírito e a enferma.) Por que você cortou o cabelo? (A enferma, em um impulso de extravagância, havia cortado o cabelo.)

*Espírito:* - Por acaso você imagina que vou deixar crescer o cabelo como as mulheres? Não, senhor; está equivocado. E agora me vou! Digo-lhe que me vou!

*Médico:* - E para onde você irá, se não tem casa?

*Espírito:* - O que não quero é ficar aqui nem um minuto a mais.

*Médico:* - Quanto tempo faz que você morreu?

*Espírito:* - Eu não morri. Mas me vou. Não quero que me apliquem outra vez em todo o corpo essa coisa horrível. (Refere-se ao tratamento elétrico aplicado na enferma.) É como se me metessem no corpo coisas incisivas.

*Médico:* - O que você sentiu foi a eletricidade que apliquei na enferma.

*Espírito:* - Estive duas vezes a ponto de escapar, mas nas duas vezes me fizeram voltar atrás.

*Médico:* - Por que você obrigou aquela senhora a cortar o cabelo?

*Espírito:* - Não obriguei ninguém a cortar o cabelo. Em meu corpo faço o que quero, e corto o cabelo se quiser. Eu dormi, e ao despertar me encontrei com o cabelo tão comprido que não sabia o que fazer. Não era o caso de deixar que me tomassem por mulher. Tampouco era o caso de ir a um barbeiro, porque me envergonharia se me vissem assim na rua. Por isso mesmo o cortei.

*Médico:* - O cabelo que você cortou não era seu, mas pertencia à senhorita que você havia se apossado.

*Espírito:* - Digo-lhe que aquele cabelo era meu. Por que me obriga a ficar aqui? Não causei nenhum dano nem a você nem a ninguém.

*Médico:* - Você tem incomodado uma senhora, causando-lhe todo tipo de dano. Vejamos; você diz que é um homem, e, no entanto, o vestido que leva agora é de mulher. Como você explica isso?

*Espírito:* - É que não pude procurar roupas de homem.

*Médico:* - Este fato não será o bastante para lhe abrir os olhos à realidade e para fazer-lo compreender que está atravessando uma situação anômala?

*Espírito:* - Posso me sentar?

*Médico:* - Claro; mas com a condição de que permaneça quieto. Não seria conveniente que procurasse colocar mais clara a verdade de sua situação?



*Espírito:* - Não quero ficar aqui por mais tempo; quero ir para minha casa.

*Médico:* - Fique tranqüilo e escute, que explicarei sua situação. Você é o que vulgarmente se chama de um “morto”.

*Espírito:* - Não estou morto. Faça o favor de não me segurar mais!

*Médico:* - Eu não seguro você; quem estou segurando é a minha mulher. Faça um esforço para compreender que sua situação é realmente anômala. Você já perdeu seu corpo, mas não consegue compreender.

*Espírito:* - Deixe-me ir; quero sair daqui. Por que segura minhas mãos?

*Médico:* - Não seguro suas mãos; estas são as mãos de minha mulher.

*Espírito:* - Você diz que estas mãos são de sua mulher? Nunca lhe vi na minha vida, e não sou sua mulher. Como pode um homem casar com outro homem? Nunca ouvi disparate semelhante em toda a minha vida.

*Médico:* - E, no entanto, o que lhe digo é a pura verdade. Você é um espírito ignorante que não se dá conta de seu estado.

*Espírito:* - Deixe-me em paz. Quero ir para casa.

*Médico:* - Você já parou para pensar alguma vez no que ocorre ao homem depois de sua morte?

*Espírito:* - Dá com a morte. Não fiz mais que dormir.

*Médico:* - Sim, o sono da morte.

*Espírito:* - Estive dormindo tanto tempo, que quando acordei meu cabelo havia crescido.

*Médico:* - Você perdeu seu corpo físico, e quando uma pessoa perde o corpo físico costuma-se dizer que está “morta”.

*Espírito:* - Se tivesse morrido haveriam me levado ao túmulo e teria permanecido ali até o dia do juízo, até que o Arcanjo Gabriel fizesse soar sua trombeta.

*Médico:* - Essa é uma crença de gente ignorante. Você era demasiado preguiçoso para entender os mistérios da vida.

*Espírito:* - Ensinaaram-me que se cresse em Deus e em Cristo, no que morreu por nós, iria para o céu depois de morto.

*Médico:* - E por que não foi para o céu depois que morreu? Porque para o mundo você está morto. Mas está aqui, apesar de não podermos lhe ver. A única coisa que vemos é o corpo de minha esposa.

*Espírito:* - Não conheço sua esposa nem nunca a vi em minha vida.

*Médico:* - Já ouviu falar alguma vez nos médiuns?

*Espírito:* - Sim, mas não acredito nessas coisas.

*Médico:* - Pois agora você está falando pela boca de um médium. Veja bem, você afirma que é um homem, e no entanto está servindo-se, para falar, do corpo de uma mulher.

*Espírito:* - Tudo isso não são mais do que engodos.

*Médico:* - Apesar de tudo o que você disser, o fato é certo. Além do mais, você está vestido de mulher. Você não se dá conta de que algo diferente lhe ocorre. Provavelmente ignora que se encontra em Los Angeles, Califórnia.

*Espírito:* - Não é verdade.

*Médico:* - E onde acredita que deveria estar?

*Espírito:* - Faz algum tempo que não faço mais do que viajar.

*Médico:* - Olhe suas mãos; convença-se de que não são suas.

*Espírito:* - Nunca havia visto você até o momento em que me aplicou a eletricidade, e tenho muita vontade de lhe dar uma boa lição para que aprenda a não aplicar semelhante coisa a nenhum outro homem. Não tem idéia da dor que provoca. Atravessa a pessoa de um lado ao outro. Advirto-lhe que não estou disposto a suportar mais estas coisas. Agüentei bastante tempo e logo fugi. Ao retirar-me, se apoderou de mim um índio muito grande (espírito) e me meteu numa prisão. Depois de um tempo me vi em liberdade e vim aqui.

*Médico:* - Queria que você compreendesse de uma vez que se encontra em uma situação anômala. Você foi provavelmente um homem de grande estatura e experimentava a sensação de aperto porque se encontrava ocupando um corpo menor que seu antigo corpo físico. Por que não abre seus olhos à verdade e compreende sua verdadeira situação?

*Espírito:* - Não há nada do que inteirar-me.

*Médico:* - É possível que faça muito tempo que você perdeu seu corpo físico. Sabe em que ano nos encontramos?

*Espírito:* - Estive sumido por muito tempo em um profundo sono e não posso sabê-lo.

*Médico:* - E é possível que essa estranha situação não lhe induza a fazer algumas perguntas? Aviso-lhe que não podemos vê-lo e que unicamente podemos escutá-lo.

*Espírito:* - Porém é um absurdo que vocês estabeleçam conversação com uma pessoa que não vêem.

*Médico:* - Esta senhora é um intermediário psíquico, e você é um espírito que fala valendo-se dos órgãos de seu corpo.

*Espírito:* - Não acredito no que diz.

*Médico:* - Este é o corpo de minha esposa. Diga agora, já que me fala, se é minha esposa.

*Espírito:* - Não sou sua esposa. Sou homem.

*Médico:* - Obriguei você a sair do corpo daquela mulher que havia se apossado, porque estava fazendo com que ela se conduzisse como uma louca. Como foi que veio aqui?

*Espírito:* - Você é que deve me dizer.

*Médico:* - Você é um espírito invisível. Vejo que não compreende sua verdadeira situação. A senhora que esteve molestando atravessava momentos de grande debilidade nervosa e por esse motivo estava muito exposta à obsessão dos espíritos, e você foi um dos que a obsedaram. Por sua culpa ela se portava como uma verdadeira demente. Isso lhe parece bem?

*Espírito:* - Não posso dizer que seja uma ação boa nem má, porque nem sequer conheço essa mulher.

*Médico:* - Suas obsessões a obrigaram a cortar o cabelo e a fugir de casa.

*Espírito:* - Mas o que é que você queria que eu fizesse com o cabelo longo? Já disse que dormi e que ao despertar me dei com meu cabelo crescido extraordinariamente; por isso o cortei... e não houve nada mais.

*Médico:* - O cabelo cortado era da senhora obsediada por você.

*Espírito:* - Mas não estou lhe dizendo que era demasiado longo para mim?

*Médico:* - Isso é assunto seu, ou seja, da senhora. Você tem que olhar as coisas de um modo inverso. Imagine-se por um momento que tendo o seu corpo, alguém lhe cortasse o cabelo. Você gostaria disso?

*Espírito:* - Não, não gostaria; mas nessa mulher não pude evitá-lo.

*Médico:* - Não crê que está se conduzindo com demasiado egoísmo?

*Espírito:* - Não sei, porém, diga-me; se é certo, como você diz, que estou morto, como é que não me encontro no céu nem no inferno?

*Médico:* - Porque nem um nem o outro existem.

*Espírito:* - Diz que estou morto e lhe asseguro que até agora não vi Deus, nem Cristo nem o Diabo.

*Médico:* - Você não está “morto”.

*Espírito:* - Não faz um segundo que me assegurou que sim.

*Médico:* - Você está morto para o mundo.

*Espírito:* - Você disse simplesmente que eu estava morto.

*Médico:* - Disse que você era o que se chama um “morto”; você já perdeu seu corpo físico.

*Espírito:* - Você disse que eu estava morto.

*Médico:* - Vejamos, use a razão, se não quiser que lhe leve ao consultório e aplique outra dose de eletricidade.

*Espírito:* - Isso sim que não; dá-nos a impressão de que se está queimando e se consumindo.

*Médico:* - Nós nos propomos obrigar você a se retirar, e o conseguimos.

*Espírito:* - E que importância tinha para você que eu saísse ou permanecesse ali?

*Médico:* - Necessitávamos libertar aquela mulher de você.

*Espírito:* - Você não tinha nenhum direito para isso.

*Médico:* - Parece-lhe justo que você a dominasse e transtornasse sua vida?

*Espírito:* - Todos têm direito a um lugar para viver.

*Médico:* - Suponha por um momento que essa senhora fosse sua mãe e que um espírito se apoderasse dela e a obrigasse a cometer atos típicos de uma pessoa perturbada. Parecer-lhe-ia que isso fosse justo?

*Espírito:* - Não sou nenhum louco, nem tampouco a deixei louca.

*Médico:* - Foi um ato de loucura fazer a mulher cortar o cabelo e fugir de sua casa.

*Espírito:* - Eu queria ver você, homem, com o cabelo longo de uma mulher.

*Médico:* - Mas o corpo e o cabelo neste caso eram da senhora, não seu. Porém como o obrigamos a sair do corpo dela, é necessário que mude sua conduta. Se não olhar bem o que faz, lhe encerrarão em um buraco escuro. Faz um segundo que você foi seguro por um índio muito grande; tenha, pois, cuidado, senão será agarrado por outro índio.

*Espírito:* - Nesse caso saberei me defender.

*Médico:* - Escute-me. Minha esposa é um intermediário psíquico que permite que certos espíritos que se encontram em situação parecida à sua se apossem de seu corpo, a fim de que possamos fazer-lhes abrir os olhos para que compreendam seu verdadeiro estado. Você deveria estar agradecido por semelhante oportunidade e privilégio. Há milhares de espíritos que se alegrariam de estarem, neste momento, na situação em que você se encontra. Você mesmo compreende que sua atual situação tem algo de anormal. Talvez tenha ao seu lado, neste momento alguns seres queridos. Eles lhe conduzirão ao mundo dos espíritos, desde que se modere, abra os olhos à verdade e seja razoável.

*Espírito:* - E o que tenho que fazer para isso?

*Médico:* - Compreender que há um mundo dos espíritos e que você tem que se esforçar para chegar a ele.

*Espírito:* - Você se refere sem dúvidas ao céu.

*Médico:* - O reino dos céus está dentro de cada um.

*Espírito:* - Você não crê que Cristo morreu por nossos pecados?

*Médico:* - Pelos meus ao menos não morreu. Você não compreende que essa crença oferece uma grande lacuna? Jesus nos ensinou a compreender a

vida, porém não morreu pelos pecados de ninguém. Aqueles que crêem que Cristo morreu por seus pecados não compreendem bem seus ensinamentos. É um pecado contra a divindade ensinar uma doutrina semelhante. Se essa doutrina fosse verdadeira, significaria que Deus havia cometido um erro, vendo-se logo obrigado a buscar e oferecer aos homens um intermediário para remediar esse erro cometido. Agora, meu amigo, é necessário que você se retire do corpo de minha esposa e deixe também a outra senhora tranqüila.

*Espírito:* - Mas do que você está falando? Eu não vi jamais a sua mulher.

*Médico:* - Repito-lhe que está dominando o corpo de minha senhora, que nós não lhe vemos e que se não for razoável, nos veremos na necessidade de afugentá-lo, e então se encontrará nas “trevas exteriores” de que fala a Bíblia.

*Espírito:* - Não está certo que Deus me trate da maneira que tem me tratado. Eu rezava, rezava e rezava. Ia à igreja e doava grandes somas em dinheiro, porque me asseguravam que se não entregasse dinheiro iria para o inferno quando morresse; quando entregava meu dinheiro, o fazia com a ciência de que obteria um equivalente desse dinheiro.

*Médico:* - Recorda-se do que disse Jesus? “Deus é espírito, e os que adoram a Deus devem fazê-lo em espírito e em verdade.” Deus é espírito, mas não é só um espírito. A Bíblia diz: “Deus é amor, e o que mora no amor, mora em Deus.” E onde senão dentro de você mesmo poderá encontrar um Deus assim? “Vós sois o centro de Deus, e o espírito de Deus mora em vós.” O que é o céu? É um estado da própria alma, que se alcança no momento em que se chega a compreender o fim supremo da vida.



*Espírito:* - Segundo você, o céu não está em um lugar determinado. Mas a Bíblia diz outra coisa: diz que as ruas do céu estão pavimentadas de ouro. Não é certo?

*Médico:* - Esta, como outras muitas afirmações da Bíblia, expressa de uma maneira simbólica as grandes verdades da vida.

*Espírito:* - Faz um minuto que você disse que Jesus não morreu por nossos pecados. Qual é então sua prática de fé?

*Médico:* - Creio que todos nós constituímos, enquanto vivemos na Terra, seres espirituais encerrados em corpos mortais. Quando falecemos, se ao abandonar nossos corpos mortais tivermos abertos os olhos à verdade, não despertaremos entre trevas, e sim com os olhos do espírito abertos para que os espíritos superiores nos ajudem a progredir no mundo dos espíritos. É muito certo que se encontrem neste momento, próximo de você, alguns espíritos bem intencionados e amigos. Não compreende que houve uma mudança em sua situação?

*Espírito:* - Observo que agora posso falar mais que antes. Você me disse que estou falando por intermédio de sua mulher. Como isso é possível?

*Médico:* - Minha esposa é um intermediário psíquico, que tem desenvolvidas suas faculdades de maneira que os espíritos possam falar por ela, e que os espíritos inteligentes permitem que a dominem. No entanto, é possível que não possa seguir por muito tempo em semelhante situação.

*Espírito:* - Estou pensando em ficar aqui, porque me sinto melhor. Neste mesmo momento experimento bastante bem-estar.

*Médico:* - Você, no entanto, se encontrará muito melhor quando compreender a beleza do mundo espiritual. Para isso terá que se converter de

novo em criança. Só assim poderá “entrar no reino dos céus”. Não se contente somente com o crer; esforce-se também em compreender. Como você se chama?

*Espírito:* - Não sei.

*Médico:* - Onde vivia? Sabia que se encontra em Los Angeles, Califórnia? Sabe em que ano vivemos?

*Espírito:* - Não, não sei.

*Médico:* - E por que não sabe?

*Espírito:* - Minha memória não funciona, estou perdendo a capacidade de pensar. Já não consigo compreender nada. (Semelhante estado de atordoamento parece indicar que a causa da amnésia em certos enfermos é devida provavelmente por se encontrarem possuídos por espíritos de inteligência confusa.)

*Médico:* - Isto ocorre porque você se encontrava nas “trevas exteriores”, e como era um espírito vagabundo, se viu arrastado para dentro da aura desta senhora, se apossou dela e a fez realizar atos próprios de uma demente.

*Espírito:* - Andava buscando uma casa para viver com tranqüilidade e comodidade.

*Médico:* - Acredita que está certo ao realizar semelhantes coisas?

*Espírito:* - Se você estivesse andando errante pelas trevas durante muito tempo e visse uma luz, não gostaria de ficar ali?

*Médico:* - Porém não é esta a luz que lhe convém. Você necessitava da luz espiritual do conhecimento.

*Espírito:* - Sendo assim, eu deveria ter ido à igreja, cantar hinos, rezar e ler a Bíblia.

*Médico:* - Você estudou alguma vez com atenção a história da Bíblia para saber quem a escreveu?

*Espírito:* - Quem inspirou a Bíblia foi Deus.

*Médico:* - Porém não foi Deus que escreveu a Bíblia; esse livro é obra dos homens. É possível que haja uma pessoa que atribua a Deus certas passagens bíblicas que não se pode ler em uma reunião de pessoas decentes?

*Espírito:* - Quem foi então que a escreveu?

*Médico:* - Foi recopiada em diferentes períodos e de muitas fontes, com o propósito fundamental de dominar o povo por intermédio do temor do inferno e de um demônio puramente imaginário. A Bíblia é uma coleção de poesias, uma recopilação de histórias, de idéias filosóficas e de alegorias, um conjunto de verdades e de contradições. Mas a humanidade tem se empenhado em crer que toda e cada uma das palavras da Bíblia obedecem à inspiração divina, e que se deve interpretá-las literalmente, em lugar de aceitar unicamente o que nela responde às perguntas da razão. A Bíblia diz: “A letra mata, porém o espírito vivifica.” E também: “As coisas espirituais... Se aprendem de uma maneira espiritual.” Isto significa que a religião não é outra coisa que um processo de apreensão intelectual. Há nos ensinamentos de Cristo certas verdades maravilhosas, mas a Igreja se empenhou em tomar como fatos históricos o que só são alegorias, e daí resultou os dogmas, doutrinas e credos que vêm obscurecendo seu sentido fundamental.

*Espírito:* - Segundo você, não é verdade que Deus fez o mundo em seis dias e no sétimo descansou.

*Médico:* - Essas palavras não passam de uma alegoria. Os sete dias simbolizam os sete princípios que existem na Natureza. “Deus é simultaneamente o Criador e a criação.” No momento que Deus descansasse, acabariam todas as coisas. Devemos nos esforçar para compreender a realidade da vida, não conformando-nos em aceitar cegamente o que nos dizem. Porém já é tarde e já é hora de você se retirar. Olhe ao seu redor e veja se há alguém conhecido.

*Espírito:* - Minha mãe está aqui! Faz muitíssimos anos que não há via, porque morreu quando eu era menino.

*Médico:* - Escute-me: ela pode prestar-lhe ajuda.

*Espírito:* - Mãe, me levará consigo? Leva-me, mãe; estou muito cansado.

*Médico:* - É certo que ela lhe levará, mas antes é necessário que se desembarace de todas suas crenças loucas e que abra seus olhos à luz.

*Espírito:* - Deixe-me ir. (Levantando-se para ir.)

*Médico:* - Você tem que pensar que já se encontra em companhia de sua mãe. Está claro que não pode levar este corpo, porque é de minha esposa. Pense que está com sua mãe e no mesmo instante estará junto dela.

*Espírito:* - Estou muito cansado e aborrecido, muito cansado. Deixem-me ir com minha mãe; vejo que se aproxima; havia se retirado por um momento.

*Médico:* - Vá com ela. Deus lhe dotou de inteligência para pensar, e deve mostrar-se razoável e dispor-se a receber as lições de sua mãe e dos demais.

*Espírito:* - Minha mãe me sugere que peça perdão por haver-me mostrado tão grosseiro, e que peça também perdão a essa senhora por todas as males que lhe causei.

*Médico:* - Poderia nos dizer agora de onde veio?

*Espírito:* - Não posso me lembrar.

*Médico:* - Em que ano lhe parece que vive?

*Espírito:* - Creio que em 1901.

*Médico:* - Desde então transcorreu dezenove anos. Quem é o Presidente?

*Espírito:* - McKinley.

*Médico:* - Este senhor foi ferido no dia seis de setembro de 1901, e morreu no dia quatorze. Agora estamos no ano de 1920.

*Espírito:* - E onde estive durante todo este tempo? Dormindo? Recordo que no inverno de 1901 estive muito doente, mas depois não lembro mais nada. Era próximo do Natal, me resfriei e me senti muito enfermo.

*Médico:* - Em que lugar se encontrava quando ficou doente?

*Espírito:* - Trabalhava nos bosques de uma cidade madeireira, como lenhador. Recordo ter recebido um golpe forte na cabeça, e aí terminam minhas lembranças. Minha mãe me diz que meu sobrenome é Sterling; sim, é isso.

*Médico:* - E sua mãe pode nos dizer em que povoação vivia antes de ir para essa cidade de lenhadores?

*Espírito:* - Diz que nasci em Iowa, mas que quando me feri me encontrava trabalhando nos bosques situados ao norte de Wisconsin. Minha residência habitual era Iowa.

*Médico:* - E não pode recordar-se do nome da cidade?

*Espírito:* - Não posso.

*Médico:* - Para terminar, meu amigo. Esforce-se para chegar ao conhecimento da vida e aprenda a ser útil à humanidade, em lugar de causar-lhe prejuízos. Você estava molestando uma senhora, porém ela se encontra agora completamente livre.

*Espírito:* - Não era o único que a importunava; há mais dois espíritos tão maus quanto eu.

*Médico:* - Quando você houver adquirido o verdadeiro conhecimento, deverá ajudar para que essa senhora se ponha completamente bem, afastando dela os demais espíritos.

*Espírito:* - Tentarei. Muito obrigado. Adeus.

Acontece freqüentemente que certos espíritos rondem algumas casas buscando vingança pelo dano que lhe fizeram durante a vida.

Estando a senhora Wickland e eu em Wisconsin, celebramos um círculo psíquico na casa de uns amigos, e a senhora Wickland sentiu-se dominada pelo espírito de um homem que disse ter sido assassinado pelo dono de uma

pedreira que havia ali perto; afirmou que continuava vivendo na casa que o proprietário possuía junto à mesma.

O espírito começou a rir perversamente e exclamou: “Me matou! Mas como estou me vingando! O tenho enfeitiçado!”

Ainda que explicássemos a esse espírito a existência de uma vida superior, não se manifestou disposto a abandonar sua velha guarida, e se retirou, depois de haver negado a progredir.

Então nossos amigos nos disseram que eles haviam conhecido tal indivíduo durante sua vida; que a pedreira pertencia, há dez anos atrás, a três proprietários, e que um deles, desejando fazer-se dono exclusivo, havia comprado a participação de outro sócio, porém o terceiro, que vivia na casa próxima à pedreira, havia se negado a vender sua parte.

Alguns dias mais tarde este homem foi encontrado morto. Havia um rumor generalizado de que a casa próxima da pedreira estava enfeitiçada, e que a nossos amigos aconteceu um fato surpreendente quando em certa ocasião andavam naqueles arredores colhendo morangos.

Deixaram o cavalo no estábulo que estava vazio, saíram ao pátio e viram que neste havia muitos morangos; voltaram ao estábulo em busca de um cesto, e naquele mesmo momento observaram que o cavalo relinchava aterrorizado e se erguia sobre as patas traseiras.

Nossos amigos ficaram mudos de assombro ao escutar uma gargalhada áspera; voltaram o olhar e viram na porta de entrada daquela casa deserta um homem mal-encarado e ameaçador. Era o mesmo que fora assassinado dez anos antes; o haviam conhecido em vida e não duvidaram que era ele mesmo.

O aparecido soltou uma gargalhada e se desvaneceu; nossos amigos começaram a correr até o estábulo, retiraram o cavalo e se afastaram dali apressadamente.

Recebemos da senhora G. G., que residia numa vila do Estado de Nova York, uma série de cartas. A dita senhora era médium dotada do dom de clarividência. Escrevia-nos que sua casa se encontrava enfeitiçada por um grupo de maus espíritos.

Dizia-nos em suas cartas que quando havia se instalado naquela casa gozava de perfeita saúde, mas que no pouco tempo de residência havia sido atacada por uma estranha dorlência dos braços e das pernas, dorlência que nenhum médico encontrava remédio.

Certos espíritos que afirmavam serem seus guias lhe aconselharam que celebrasse todas as noites um círculo psíquico, permanecendo “sentada” durante meia hora, afirmando que desta forma poderiam prestar-lhe um grande auxílio. Explicaram-lhe que todo seu dano procedia do espírito da mulher que havia edificado aquela casa, e que poderia livrar-se desse espírito se certa amiga sua assistisse o próximo círculo.

Essa amiga acudiu, e o espírito manifestou então que deixaria a enferma e passaria à aura da amiga. Mas quando esta regressou para sua casa teve que se deitar, atacada pela mesma enfermidade que até então afligira a senhora G. G. Esta, em troca, encontrou-se curada.

Porém continuaram acontecendo dentro da casa transtornos de toda espécie; até a horta estava enfeitiçada, e se ouviu certos espíritos dizerem que se a senhora G. G. apreciava sua vida deveria sair dali, porque eles estavam dispostos a matar qualquer pessoa que se empenhasse em viver na casa.



A família da senhora G. G. vendeu então a casa e a desocupou, sem dizer nada aos compradores o que havia ocorrido. Os novos proprietários tomaram posse da casa, e a mãe, que era uma senhora de idade, deitou na primeira noite aparentemente muito bem de saúde; mas depois de um momento começou a pedir socorro dizendo que dois homens haviam entrado em seu quarto ameaçando-a de morte. A senhora faleceu antes do amanhecer.

No entanto, a senhora G. G. continuou celebrando seus círculos, mas não conseguiu livrar-se por completo da influência dos espíritos, e acabou escrevendo-nos solicitando nossa ajuda:

“Não há ninguém em quem possa confiar. Afiliei-me à Sociedade do Novo Pensamento certa de que poderia livrar-me, porque afirmavam que emitiam vibrações; mas não consegui captar sua onda. Não há ninguém que peça socorro com mais ânsia que eu, nem quem se esforce com maior afinco em viver retamente. Se vocês crêem que possa obter alívio, rogo-lhes que se manifestem.”

Realizamos a concentração psíquica pensando na senhora e também na casa, e conseguimos extrair de uma e de outra um grande número de espíritos.

Um deles declarou que ignorava que estivesse obsedando a senhora G. G. Outro espírito disse ser Harry Harrys, que depois de maltratar brutalmente sua mulher, havia se dado um tiro. Não soubemos como havia terminado sua carreira; afirmava que não estava morto, e sim que vivia numa antiga casa em companhia de um bando de foragidos (espíritos) e que estavam dispostos a matar qualquer um que se atrevesse a se instalar naquela casa.

Em outra sessão conseguimos atrair outros quatro espíritos que estavam enfeitiçando a casa; vieram primeiro duas mulheres, logo depois “Pete”, e que havia sido em vida um famoso batedor de carteiras, e depois veio uma mulher

que disse se chamar Kate. Esta mulher havia sido assassinada por “Pete”, e desde então seu espírito rondava o assassino.

“Pete” quis ocultar-se e se escondeu com outros numa casa que lhes “pertencia”. Falando por intermédio da senhora Wickland, disse: “Mataremos qualquer um que entre nesta casa.”

Confessou que havia molestado a senhora G. G., dizendo: “Permaneci com ela para obter assim meu jantar”. Enquanto “Pete” estava falando, Kate se apossou de outro médium que estava no círculo. Isto aterrorizou “Pete”, por um lado; por outro lado, a mesma Kate quis fugir dele quando se deu conta da situação. Cada um acreditava que o outro era uma manifestação, e nenhum dos dois se dava conta de que estavam se servindo de um intermediário psíquico.

Passou-se algum tempo antes que se dessem conta de que os dois estavam mortos. Finalmente “Pete” se ajoelhou e pediu a Kate que o perdoasse; terminaram por se reconciliar e prometendo corrigirem-se.

Recebemos mais tarde carta da senhora G. G., na qual nos manifestava encontrar-se muito melhor.

Respondendo a uma chamada urgente, fomos, minha esposa e eu visitar aos senhores C., em Pasadena, em cuja casa se ouviam ruídos e pancadas na porta à noite, o que deixava em claro a família durante muitas horas.

O senhor C. havia comprado esta casa dos filhos de uma anciã que havia falecido fazia algum tempo. (Isto só o soubemos depois.) A casa, que era transportável, foi trasladada para um lote de propriedade do senhor C.; ali foi montada de novo, sofrendo algumas modificações. Uma vez terminadas, a família do senhor C. se instalou, encontrando com todos estes ruídos que a todos molestavam. Todas as noites, entre as doze e as quatro da manhã, se

movia, como sacudida por alguém, a porta de um retrete que havia entre os dois dormitórios; os golpes e rangidos deixavam toda a família acordada.

Quando estávamos sentados em uma das peças da casa do senhor C., discutindo aquela situação, a senhora Wickland caiu em transe. Apoderou-se dela um espírito que se queixava de intensas dores reumáticas e que insultou iradamente o senhor C. por viver em “sua casa”.

- Esta casa é minha – declarou terminantemente – e estes senhores não têm nada por fazer aqui. Os expulsarei da casa!

Resultou que o espírito em questão era o da antiga proprietária, e com certas investigações que posteriormente realizamos, soubemos que dita senhora havia sofrido muito de reumatismo.

Não havia maneira de fazê-la compreender que estava morta, porque ela insistia que se encontrava vivendo em sua casa, ainda que houvessem entrado nela aqueles intrusos para incomodá-la.

- Se estou morta, por que não me encontro no céu? –perguntou.

Depois de muitas explicações conseguimos que abrisse os olhos à verdade e que se retirasse arrependida. A senhora C. nos escreveu alguns meses mais tarde assegurando-nos que haviam cessado por completo todos aqueles ruídos que antes os incomodavam.

Possuímos deste modo, numerosas provas de que os espíritos têm um papel muito importante em grande número de dissensões familiares e de ruptura entre os membros de um mesmo lar.

Veio até nós uma enferma, a senhora Sl., que afirmou ser a segunda esposa de um granjeiro de Dakota, e que procedia de um dos Estados do

Norte. Pouco depois do nascimento de seu primeiro filho começaram a manifestar-se nela impulsos de fugir de casa e vagar em aventuras. Quando a traziam de novo para casa e perguntavam acerca de sua conduta, limitava-se a dar respostas imprecisas, insistindo unicamente que seu marido, que era um granjeiro muito formal e moderado, era-lhe infiel.

Quando conseguimos que o espírito obsessivo se transferisse à senhora Wickland, nos encontramos com nada menos que o da primeira mulher, que acusava seu marido com grande indignação de ser-lhe infiel, assegurando que estava resolvida a desembaraçar-se de sua “rival”.

Acontece que havia permanecido na mesma granja depois de seu falecimento, sem adquirir consciência de sua morte e sem dar-se conta de que a que chamava de rival era a segunda esposa de seu marido.

Depois que lhe demos explicações convenientes e que abriu os olhos à verdade, retirou-se e a enferma pode voltar para sua casa em Dakota.

Algo parecido ocorreu com um amigo nosso, um senhor cuja primeira mulher havia falecido, deixando a seu cuidado um filho de pouca idade.

Este senhor voltou a contrair mais tarde matrimônio; porém prontamente pudemos dar-nos conta de que aquele lar era pouco feliz. As coisas chegaram ao ponto de que, num domingo pela manhã, a segunda esposa abandonou o lar, presa de grande excitação.

O marido correu desolado para nossa casa, e logo veio reunir-se a ele o seu filho pequeno; mesmo sendo sua primeira visita em nosso domicílio, permaneceram ali durante algumas horas.

O menino voltou pela tarde, e no momento em que a senhora Wickland estava conversando com ele e com um grupo de amigos, caiu em transe hipnótico, possuída por um espírito que disse ser a mãe do menino.

O espírito não havia dado conta de sua morte e ansiava vivamente acariciar seu filhinho, dizendo: “Eu quero meu menino!, eu quero meu menino!”

Logo depois desatou uma série de violentas acusações contra sua sucessora, assegurando que não pararia até expulsá-la de casa.

- Eu a fiz fugir esta manhã – declarou com expressão de grande regozijo.

Também a este espírito conseguimos fazer abrir os olhos à verdade; afirmou estar arrependida pelos transtornos que havia causado e se retirou, prometendo fazer tudo que estivesse ao alcance de suas mãos para corrigi-los.

A segunda esposa reintegrou-se ao domicílio conjugal e nos dez anos transcorridos de lá para cá não voltaram a ocorrer dissensões na família.

A senhorita L. era uma jovem que estava prometida para casar-se com um viúvo que havia vivido, durante o tempo em que sua esposa estivera viva, no mesmo andar do edifício em que residia a senhorita L. Ambas eram amigas íntimas.

A esposa faleceu de repente e o cavalheiro contraiu compromisso matrimonial com a amiga uns meses depois de haver ficado viúvo. Quase imediatamente a noiva começou a apresentar sinais de transtornos psíquicos, piorando cada vez mais.

Quando a jovem se encontrava em seu estado normal, demonstrava grande estima por seu noivo; mas quando, já perturbada, veio ao nosso sanatório, sentia uma profunda aversão por ele, e afirmava que se deixaria morrer ou encerrar-se em um asilo, com o intento de suicidar; porém sempre se arrependia no último momento e pedia socorro.

Quando a enferma chegou em nossa instituição, a senhora Wickland viu, graças ao seu dom de clarividência, o espírito de uma mulher morena, que se havia apoderado da enferma, que era marcadamente ruiva. Este espírito encontrava-se tão confundido e mesclado com a enferma, que por momentos era difícil à senhora Wickland determinar, seguindo os traços próprios de cada uma das personalidades, se a enferma era de compleição clara ou morena.

Quando a senhora Wickland fez a descrição deste espírito, tanto a mãe da enferma como o noivo identificaram imediatamente nele a primeira mulher.

A enferma deu sinais de grande obstinação; ora tinha acessos de pranto e ora se mostrava birrenta e teimosa. Não havia maneira de deixá-la só. Esta afirmava que estava louca e zombava quando lhe assegurávamos que a curaria, voltando a insistir que desejava a morte a ter que se casar com “esse homem”.

“Não se casará jamais com ela!” Não será sua nunca! A arrastarei a um asilo de alienados ou a matarei, mas ela não será sua nunca!”

Quase em seguida o espírito de um menino falou, como querendo proteger sua mãe. A irmã da enferma, que se encontrava presente, reconheceu neste último espírito um filho da defunta, que havia falecido quando tinha treze anos de idade.

A situação chegou a seu período crítico uns dias mais tarde. A enferma havia se mostrado mais obstinada e ingovernável que de costume, tratando com desprezo seu noivo quando este veio visitá-la. Foi submetida a um tratamento mais enérgico, e terminou por tranquilizar-se e dormir bem naquela noite.

Porém, durante a mesma, a senhora Wickland se viu transtornada com a presença de um espírito que a incomodou até as quatro da madrugada. Nesta hora caiu em completo transe hipnótico, sob a influência da última esposa daquele homem.

“A enviarei a um manicômio! A matarei”, declarou.

Ao término de muitas explicações direcionadas em conseguir que o espírito se arrependesse, conseguimos o que desejávamos.

Ao perguntarmos se seu filho estava em sua companhia, respondeu que o havia visto em algumas ocasiões; mas como o menino estava morto, não queria tratar com aparições.

Solicitamos ao espírito que deixasse tranqüila a jovem que estava atormentando, haja vista que o que lhe convinha era encaminhar-se a uma vida mais elevada em companhia de outras inteligências espirituais, sobre os quais demonstrava completa ignorância. Mesmo depois de arrependida de sua conduta, manifestou desejos de permanecer no plano da vida terrestre, mas acabou por consentir em retirar-se, deixando de molestar a enferma; logo manifestou que se sentia muito fraca e que entrava em agonia. (Esta sensação de agonia apresenta-se com freqüência quando os espíritos se dão conta de sua verdadeira situação; outras vezes se dá o caso de que experimentem a mesma sensação de sofrimento que acompanhou a morte de seu corpo físico.)

A angústia do espírito se viu intensificada com calafrios e violentos acessos de tosse; ao término de uma penosa pseudo-agonia, se retirou. O viúvo e a mãe da enferma afirmaram que todos estes sintomas se haviam produzido durante a agonia da defunta, que falecera em consequência de uma pneumonia.

A enferma sarou de pronto, podendo sair de nossa instituição e contrair matrimônio, no qual ambos os esposos parecem felizes.

Outro caso característico é o ocorrido ao senhor Mc., uma personalidade de Chicago cujo sobrenome ocupa um lugar proeminente na sociedade daquela cidade.

Este cavalheiro começou de repente a conduzir-se de uma maneira estranha: evitava o trato com os membros de sua família e manifestou à sua mulher e a seus parentes que não queria ter nenhuma relação com eles, porque desejava viver em um plano de vida mais elevado. Certo dia fez suas malas e abandonou seu domicílio, instalando-se em um dos bairros mais baixos da cidade.

Nós não havíamos visto jamais este cavalheiro; mas um parente seu, que tinha notícia dos trabalhos a que nós nos dedicávamos, pediu-nos que concentrássemos nosso pensamento nele durante nosso próximo círculo psíquico; assim o fizemos, podendo atrair a nosso círculo um espírito que adunou da senhora Wickland. Depois de muitas instâncias nos deu seu nome completo, confessando que havia sido a primeira esposa do senhor Mc., e nos contou toda sua história.

Havia conhecido o senhor Mc. em Chicago, durante a Exposição Mundial, e haviam vivido durante algum tempo juntos, sem as formalidades matrimoniais, até que seus parentes descobriram esta situação e os obrigaram



a legalizá-la. A jovem foi recebida na boa sociedade, mas como era de um caráter frívolo e inquieto, não foi feliz em sua vida matrimonial.

Certo dia fugiu de seu marido e viajou “para o Oeste”, entrando em uma casa de má reputação. Ainda que às vezes lamentasse a loucura de sua conduta, seguiu não obstante aquele gênero de vida, adquiriu o vício da morfina e acabou suicidando-se.

Depois da morte voltou ao lado de seu esposo, e quando este contraiu novo matrimônio, sentiu-se profundamente ofendida, e se dedicou a influenciá-lo até obrigá-lo a abandonar sua mulher e seu filho, indo viver no bairro em que ela se sentia mais a vontade.

Conseguimos convencê-la do grande dano que havia feito, apoderando-se dessa maneira de seu antigo marido, e depois que abriu os olhos à verdade e compreendeu os progressos que a esperavam no mundo espiritual, prometeu-nos retirar-se e esforçar-se para chegar a um estado superior.

Na primeira ocasião que nos encontramos com a parente do senhor Mc., que havia nos solicitado que realizássemos aquela concentração, lhe repetimos tudo o que havia manifestado o espírito, e confessou-nos cheia de assombro que era verdade em todos os detalhes; que o nome que nos havia dado era exato; que o senhor Mc. esteve casado em primeiras núpcias, mas que a família considerava aquele episódio como completamente esquecido e ninguém o mencionava para nada.

Mais adiante essa mesma pessoa nos informou que o senhor Mc. havia retornado ao seu domicílio e vivia outra vez feliz em companhia de sua mulher e de seu filho.

## CAPÍTULO VI

### OS ESPÍRITOS E O CRIME

Os hábitos, os desejos e as inclinações encontram-se arraigados na alma e acompanham o indivíduo depois de sua liberação do corpo físico, até que chega o momento em que são eliminados pela vontade.

Os espíritos de muitos criminosos, de certos assassinos e daqueles que executam uma vingança ou buscam uma maneira de executá-la, permanecem indefinidamente na esfera terrestre e procuram com freqüência prosseguir em suas antigas atividades, levando adiante seus projetos malignos, apossando com este objetivo dos corpos dos mortais que se mostrem sensíveis a sua influência.

Se se realizasse uma investigação, descobrir-se-ia que muitos casos de repugnantes assassinatos são obras de pessoas inocentes, que se encontram sob o domínio de espíritos desencarnados, que se apossaram completamente do assassino.

Não há dúvida nenhuma de que o assassinato de Stanford White, cometido por Harry K. Thaw, no ano de 1906, no Madison Square Garden, Nova York, foi devido à influência dos espíritos.

Harry Thaw era um sujeito de grande sensibilidade psíquica, havendo dado durante toda sua vida muitas provas desta sensibilidade. Quaisquer que fossem os agravos que pudesse ter contra Stanford White, é sem dúvida que no momento do assassinato agiu obsedado por certos espíritos vingativos, que desejavam castigar o morto por injustiças cometidas contra eles ou suas pessoas queridas.

Harry Thaw não foi a rigor outra pessoa que o intermediário psíquico e o instrumento tangível do terrível drama realizado pelo mundo invisível, sendo os autores certos espíritos ignorantes e vingativos.

No dia 15 de julho de 1906, ou seja, várias semanas depois de ocorrida a tragédia, durante a celebração de um círculo psíquico, e enquanto a senhora Wickland se encontrava caída no solo, sentiu-se dominada por um espírito desconhecido.

Colocamos então a forma visível de minha mulher em uma cadeira e comecei a interrogar a inteligência que a dominava.

O espírito desconhecido se opôs vigorosamente a qualquer tipo de toque, e pediu prontamente que o deixassem só. Logo gritou:

- Ei, moço, ei! Sirva-me uma bebida!

- Que tipo de bebida deseja?

- Traga-me uísque e soda. Agora!

- Quem é você?

- Isso não lhe importa.

- Onde crê que se encontra?

- Onde que me encontro? No *Madison Square Roof Garden*.

- E qual é seu nome?

- Stanford White, já que você tem tanta curiosidade em sabê-lo.

Logo, apertando com uma mão a parte posterior da cabeça para o lado direito e encolhendo o peito e o abdômen com mostras de dor, gritou:

- Veja um moço que me traga esse uísque e soda!

Quando ia dirigir-lhe algumas perguntas, a atenção do espírito foi atraída para algo invisível, e começou a tremer de medo. Então lhe perguntei:

- Você está vendo algum espectro?

Assentiu, com um gesto violento de cabeça, e gritou com todas as forças:

- Que me perseguem!

Ao mesmo tempo saltou da cadeira e num esforço para escapar correu até um canto do quarto.

Era tal sua agitação que perdeu o domínio do intermediário psíquico e escapou.

Quase em seguida se apoderou do corpo do intermediário psíquico outro espírito e começou a caminhar muito excitado para frente e para trás, gritando alegremente:

- Matei esse cachorro! Matei esse cachorro! Aí está esse cão caído por terra!

E ao dizer isto apontava para o lugar onde White havia perdido o domínio do intermediário psíquico.

- Cachorro! Anos inteiros venho buscando a ocasião para matá-lo, e finalmente consegui! Cachorro!

Obriguei o espírito a que se sentasse, e soube que seu nome era Johnson.

- Eu matei Stanford White! – exclamou como que se vangloria de uma coisa que orgulhasse -. Mereceu a morte. Durante muito tempo vinha brincando com o futuro de nossas filhas.

O espírito começou então a acusar com ira os homens da sociedade.

- Tiram nossas filhas de nosso lado, cobrem-nas de vestidos elegantes e não voltamos mais a saber o que terá sido delas.

Perguntei ao espírito se se dava conta de que ele mesmo estava morto; porém acolheu a minha pergunta com uma gargalhada, e exclamou:

- Você conhece algum morto que fala? O médico me disse, em efeito, que eu estava tuberculoso e que morreria logo, mas não morri. Nunca em minha vida me senti melhor.

Quando lhe pedi que se fixasse no que ele acreditava que eram suas mãos, pés e roupas, perguntei o que significava que ele, um homem, se houvesse apossado do corpo de uma mulher. Após longas discussões, pude convencer ao intrigado espírito da realidade de seu trânsito, e logo se foi, completamente arrependido.

Ato contínuo entrou em posse do intermediário psíquico uma terceira entidade; mas esta sabia que era um espírito e que se apossava temporariamente de um corpo que pertencia a outra pessoa.

- Sou o pai de Harry Thaw. Salve meu filho! Salve meu filho! Harry não é culpado. Não o electrocutarão. (Os acontecimentos posteriores demonstraram a certeza dessa assertiva.) Harry é sensível às influências dos espíritos e tem sido durante toda a sua vida. Sempre foi desordenado e tão excitável que não nos atrevíamos a corrigi-lo, temerosos que ficasse louco. No entanto, agora é que compreendo nosso erro. Enquanto permaneci em meu

corpo físico, não consegui compreender as causas que produziam a estranha conduta de Harry; mas agora, que me encontro no plano espiritual da vida, compreendo que foi sempre um instrumento que os espíritos egoístas e apegados à Terra manejavam ao seu capricho. Quando matou Stanford White encontrava-se obsedado por espíritos sedentos de vingança. Tenho procurado pôr-me em comunicação com o mundo exterior por todos os meios possíveis, para dizer às pessoas que Harry não é louco, mas sim um sensitivo psíquico.

- Salvem meu menino! Salvem-no! – Suplicava insistentemente.

- E que você quer que façamos?

- Façam o favor de escrever à minha mulher e a meu advogado, o senhor Olcott. (Nem minha mulher nem eu sabíamos que o senhor Olcott havia sido advogado do senhor Thaw, mas logo pudemos comprovar a verdade deste fato.) Digam-lhes tudo isto que ouviram aqui e tudo o que lhes disse e instruem-nos para que compreendam e se convençam da verdadeira situação de Harry.

Prometemos-lhe cumprir seus desejos e então o espírito se retirou.

Durante a noite seguinte, 16 de julho, acudiu outro espírito que parecia buscar alguém, e perguntou:

- Aonde foram os demais companheiros?

Também este espírito censurou duramente os homens da boa sociedade em geral e condenou em particular a ligeireza dos jovens.

- Os ricos levam nossas moças para seus antros, tiram-nas do cenário e desse momento em diante as moças desconhecem seus pais. Merecem um bom castigo! – declarou, sublinhando suas palavras com gestos apropriados.

Este espírito encontrava-se possuído de uma excitação mental tão grande, que perdeu o domínio do intermediário psíquico antes que eu pudesse dirigir-lhe certas perguntas concretas.

Em 10 de fevereiro de 1907, o espírito do senhor Thaw voltou outra vez e reiterou a afirmação de que Harry era um sensitivo psíquico, que se encontrava com freqüência sujeito à influência dos espíritos maléficos. Insistiu deste modo na urgência de convencer a humanidade da necessidade de estudar este assunto da influência dos espíritos com todo interesse que merece, afirmando que se se examinasse detidamente este problema se evitariam grandes sofrimentos, tanto aos espíritos quanto aos homens, que são suas vítimas infortunadas.

É tão evidente que Richard Ivens, enforcado em Chicago no ano 1906 pelo assassinato da senhora Bessie Hollister, foi vítima de influências estranhas, que os alienistas, criminalistas e psicólogos declararam em comum que Ivens era inocente, e que, se havia confessado ser autor do crime, o havia feito sob a sugestão hipnótica de alguma pessoa desconhecida.

Ivens fez duas declarações distintas. Em uma delas confessava seu crime, e com um olhar estranho, parecido com o de um transe hipnótico, afirmou que um homem “muito grande” o havia obrigado a realizar aquele ato. Mas em outros momentos o negou veementemente.

Hugo Munsterger, M. D., professor de Psicologia, Universidade de Harvard, escreveu em junho de 1906:

“Trata-se de um caso interessante, ainda que bastante claro, de dissociação da personalidade e de auto-sugestão... No século XVII queimava-se as bruxas por confissões semelhantes. De lá para cá não progrediu muito o vulgo no estudo das aberrações mentais”.

O professor William James, de Harvard, escreveu também:

“Culpável ou não, parece seguro que Ivens se encontrava em um estado de personalidade dissociada... Durante aqueles dias desgraçados não era “o mesmo”, e sim vítima de uma dessas estranhas alterações da personalidade, sugeridas ou espontâneas, tão correntes nos sujeitos predispostos a elas”.

Daremos em continuação uma experiência que teve lugar posteriormente.

*Experiência realizada no dia 7 de março de 1907*

*Espírito: Richard Ivens. – Intermediário Psíquico: Senhora Wickland.*

O espírito, ao assumir a posse do intermediário psíquico, levou este a cair ao solo, em aparência sem vida, e só ao término de meia hora de enérgicos esforços conseguimos que a inteligência adquirisse consciência de si mesma.

- Deixem-me só – gemeu -. Querem me enforcar outra vez?

Queixou-se de uma grande dor no pescoço e pediu que o deixassem tranqüilo, afirmando que não queria outra coisa que dormir.

- O que lhe acontece no pescoço?

- Está partido. Enforcaram-me e morri. Quero continuar morto; se vocês me trouxerem à vida, me enforcarão outra vez.

- Como você se chama?

- Richard Ivens.

- Você foi culpado do assassinato da senhora Hollister?



- Não sei. Certas pessoas disseram que sim. Se isso é certo, não me dou conta.

- Por que se reconheceu culpado e logo em seguida negou sua confissão?

- Confessei-me culpado porque esses três companheiros (espíritos) me obrigaram. O homem alto pôs em mim uma faca e ameaçou me matar se não me declarasse culpado. Quando o homem alto não se encontrava ali, disse-lhes que eu, em realidade, não sabia se era o que havia matado a senhora. Disse isso à polícia, disse ao carcereiro, e a todos os que me perguntaram, mas ninguém quis acreditar, mesmo eu falando a verdade. Sofri tanto! Por que me fizeram voltar, uma vez que já estava morto? Por que não me deixam dormir? Encarcerar-me-ão e me enforcarão outra vez!

Neste momento o espírito gritou aterrorizado:

- Mas não o vê? Aí está outra vez o homem grande! Aí está com sua faca e com outros dois companheiros de menor estatura que ele. Ai!

Dobrou os joelhos e gritou:

- Meu joelho! Passou a faca no meu joelho e na outra perna também! Ai, minha perna! É um criminoso, e me apunhalou!

Pouco a pouco conseguimos convencer ao espírito de que seus atormentadores também eram espíritos; que ele já estava livre de seu corpo físico, não sendo, portanto, possível que lhe fizessem algum dano.

- Você está servindo-se de um corpo que não é seu e agora deve limpar sua mente de toda classe de alucinações mentais. Não vê alguns outros espíritos junto ao de seus perseguidores?

- Sim, agora vejo outros; parece que me olham com semblante de amigos. Aí está a senhora Hollister!

- Pergunte ao homem com a faca por que não lhe deixa em paz – perguntei-lhe.

- Limita-se a responder com gestos ameaçadores.

- Pergunte-lhe por que se empenhou em matar a mulher.

- Diz que odeia todas as mulheres...

Deteve-se bruscamente e pareceu que assistia com a alma por um fio, a uma cena que lhe produzia um grande transtorno.

- Já levaram daqui os condenados! Deram muito trabalho, mas enfim os venceram.

Depois disse, acalmando-se:

- Sinto-me melhor agora. Sou feliz porque aquele homenzarrão terrível se foi.

Pedi-lhe que se esforçasse em recordar tudo o referente à tragédia de Hollister, e disse:

- Na noite em que vi essa senhora, vi também o homenzarrão. Comecei a sentir algo muito estranho em minha cabeça, me pegaram pelo pescoço e perdi a consciência. Quando voltei a mim o homenzarrão me disse que eu havia matado a senhora. Conhecia esse homem de quem falo fazia um mês, mas ignorava que fosse um espírito. Desde então não se afastou de mim. Por que não me permitiram viver, ainda que fosse no cárcere? Que vergonha que lancei sobre a minha família! Sinto pela minha pobre mãe. Se ela soubesse ao

menos a verdade. Ninguém sentiu a menor simpatia por mim, ninguém quis acreditar quando lhes disse sobre o homenzarrão que estava ao meu lado com uma faca, e que me obrigou a me declarar culpado. Se é certo o que dizem que cometi o crime, asseguro que não me lembro. Por que me mataram?

Depois que expliquei a continuidade da vida e a maneira como se progride nos reinos espirituais superiores, perguntou ansiosamente:

- Se é certo que eu vivo ainda, essa senhora também viverá.

- Certamente; é sem dúvida que ela veio aqui para perdoá-lo. Ainda que você tenha destruído o corpo físico que ela tinha, não foi você o responsável por esse ato; você foi um simples instrumento do qual se serviram os maus espíritos, que o hipnotizaram.

Uma vez compreendido isto, ficou aquele fatigado espírito ao cargo dos colaboradores invisíveis, que nos informaram que o homenzarrão e seus cúmplices haviam pertencido durante sua vida terrestre ao bando dos “Gorros brancos”, que haviam operado em muitos lugares da Inglaterra e da América, dedicando-se durante alguns anos em matar mulheres, como se seus membros estivessem possuídos de uma mania criminosa.

Alguns meses depois atraímos a nosso círculo o homenzarrão aludido.

*Experiência realizada no dia 6 de junho de 1907*

*Espírito:* Carlos, o Lutador. – *Intermediário Psíquico:* Senhora Wickland.

O espírito parecia atordoado pela bebida. Quando despertou mostrou-se agressivo, que foram necessários os esforços de várias pessoas para dominá-lo.

- Eu sou Carlos, o Lutador, e matarei todos a tiros! – começou a gritar voltando-se para alguns seres invisíveis.

Começou a lançar-nos maldições, porque o havíamos atraído enganado a este lugar, e ordenou em tom imperioso que o ajudassem ao invés de ficarem com os braços cruzados, olhando. Por fim conseguimos dominar Carlos, o Lutador, e este se viu obrigado a escutar as explicações que demos acerca de sua verdadeira situação. Para isso pedimos que examinasse as mãos do intermediário psíquico.

Ao ver que o que ele acreditava ser sua mão, era a de uma mulher, se jogou para trás, aterrorizado, e exclamou:

- Tirem daqui essa mão! Levem-na! Não quero vê-la mais!

Perguntado acerca da história referente à mão da mulher assassinada, declarou:

- Não direi jamais. Antes a morte. Oh! Aí está seu rosto também! E a mão que eu cortei para ficar com o anel de brilhantes! Desde então me perseguem sem dar-me um momento de sossego.

Dirigiu seu olhar ao redor e pareceu que via uma grande reunião de espectadores.

- Veja todos estes rostos! É porque sou eu quem matou todos? É porque vêm me acusar? Aí está esse rapaz! Esse também parece que me persegue, ainda que já tenha sido enforcado. (Ivens.) Fui eu quem matou a mulher; mas o obriguei a confessar-se culpado para salvar minha pele. Porém, aguarde, que já lhe darei um jeito assim que sair daqui. Vou cortá-lo em pedacinhos!

Porém Carlos, o Lutador, compreendeu enfim que sua resistência era inútil e que havia chegado a hora de que terminassem seus roubos e assassinatos.

Falou de sua hedionda carreira de crimes, e disse que havia matado por espírito de vingança, que roubava para comprar uísque, e que bebia para afogar os remorsos e escapar dos espectros que constantemente o perseguiram.

Contou-nos que em criança havia sido feliz enquanto sua mãe viveu, mas que depois de sua morte havia tido uma madrasta que o havia maltratado tão impiedosamente, que foi muitas vezes obrigado a sair de sua casa chorando, onde se ajoelhava e pedia proteção à sua mãe.

Isto exasperava sua madrasta, que se via acometida por um acesso de ciúmes, e em consequência, sem fazer caso dos protestos de um pai de caráter fraco, o golpeava furiosamente, proibindo-o até mencionar o nome de sua mãe.

Os maus tratos da madrasta chegaram a tal extremo, que o menino foi acumulando um ódio cego dela e chegou a jurar que quando fosse maior, mataria quantas mulheres pudesse.

E como jurou o fez, levando em efeito seus propósitos criminosos, e dedicando sua vida inteira a idear e perpetrar quantas atrocidades e crimes lhe fosse possível, escolhendo por regra geral suas vítimas entre as mulheres.

Faleceu no ano de 1870, durante uma furiosa briga com seus companheiros de crimes; mas não se deu conta de que havia perdido seu corpo físico. Durante muitos anos continuou vangloriando-se de seus crimes, sempre enganando a polícia.

- Uma vez pretendi assassinar um policial em Boston; mas quando me coloquei furtivamente atrás dele e lhe dei um golpe na cabeça com uma clava, esta atravessou a cabeça de um lado a outro, mas sem causar-lhe ferimento algum. Nem sequer voltou-se para olhar.

Naquele momento o espírito acreditou que iria cair nas mãos das autoridades, pois manifestou que estava disposto a se entregar para fugir dos rostos de suas vítimas, que o perseguiram constantemente.

- Preferiria ir ao inferno a sofrer este tormento.

Enquanto nós lhe explicávamos a lei de causa e efeito e as condições em que o mundo dos espíritos é governado, Carlos viu que sua mãe estava ao seu lado. Esta aparição produziu um efeito angustiante; o criminoso empedernido se encolheu no assento e começou a chorar lastimosamente, enquanto sua mãe o exortava a ir até ela para aprender a maneira de expiar seus crimes.

Angustiado pelo sentimento de sua culpabilidade e pelo remordimento, gritava covardemente:

- Não posso ir consigo! Minha mãe querida, não me peça que vá consigo! Você deve voltar ao céu, pois estou destinado ao inferno, onde me cortarão em pedaços e em cujos fogos hei de arder.

Porém o amor maternal prevaleceu. O espírito, humilde e arrependido, foi atrás de sua mãe.

No ano 1894, Harry Hayward foi enforcado em Minnesota. Era malvado, bem apessoado, muito afeiçoado a belas mulheres e à vida alegre, e mandou um assassino de aluguel matar sua namorada.

Todo o tempo em que permaneceu no cárcere, esperando que chegasse o momento da execução da sentença, conservou uma atitude despreocupada, jogando cartas com seu carcereiro com a maior naturalidade, pedindo, sempre que houvesse uma ocasião, que lhe servissem sorvete, que era sua bebida favorita.

Em uma ocasião disse ao carcereiro:

- Quando for ao inferno, para onde vou agora, farei com que lhe sirvam sorvete à vontade.

Ainda que não tivesse relação alguma com esse indivíduo, enviei-lhe nesses dias um livro e vários impressos que tratavam do mundo espiritual.

Em 27 de fevereiro de 1908 uma enfermeira pediu-nos que nos concentrássemos no círculo psíquico, pensando na senhora Mc. A., que era uma enferma que ela assistia, e que apresentava fortes sintomas de invalidez psíquica, de abatimento e de uma enfermidade crônica, que a enferma atribuía à obsessão do mundo espiritual.

A enfermeira pertencia à categoria das pessoas sensitivas psíquicas, e deduziu que muitas das idéias incontroláveis que dominavam sua enferma eram produzidas por algum espírito obsessivo; em várias ocasiões tentou desalojar, ela mesma, o intruso.

Certo dia a senhora Mc. A. sentiu-se acometida de um forte desejo de beber sorvete feito em casa, sendo que ordinariamente nunca havia pedido essa bebida.

Quando a enfermeira entrou no quarto com o sorvete, experimentou uma súbita sensação de que alguém havia se precipitado sobre ela, e quase em seguida sucedeu à primeira sensação, outra de sufoco, que a obrigou a sair do

quarto. Quando se tranqüilizou, voltou a entrar no aposento, convencida agora da presença de um espírito; abriu de par em par uma janela e ordenou em voz bem baixa que qualquer ser estranho que ali se encontrasse, que abandonasse a casa.

A enfermeira e a senhora Mc. A. acorreram àquela noite ao nosso círculo psíquico, e o espírito obsessivo queixou-se em seguida de grandes dores no pescoço, explicando-nos que o haviam quebrado quando o enforcaram. Disse-nos que se chamava Harry Hayward.

- Vocês poderiam servir-me um pouco de sorvete? Faz tempo que não faço mais do que buscar essa bebida. Hoje estive ao ponto de prová-la, mas não consegui apoderar-me dela. Uma mulher me lançou longe: jogou-me pela janela. Não há graça alguma que uma mulher me atire pela janela!

Hayward compreendia que ele era um espírito que andava rondando a Terra, e quando nós lhe perguntamos como havia se interado da existência da vida espiritual, nos respondeu que havia lido, enquanto estava no cárcere, alguns impressos que uma pessoa desconhecida havia lhe enviado.

Queixou-se que, em qualquer parte que se apresentasse, ninguém reparava nele; que havia ocorrido sentar-se em um trem e chegar ao mesmo compartimento uma pessoa, sentar-se sobre seus joelhos e ter ele ficado ali, impossibilitado de mover-se.

Deu sinais de grande satisfação por poder entabular de novo conversação com pessoas, e dirigiu-nos numerosas perguntas acerca das distintas pessoas que intervieram em seu processo e em sua execução.

Perguntou-nos com um interesse especial pelo carcereiro com o qual havia jogado cartas tanto tempo.



Tinha a impressão de que este carcereiro havia morrido algum tempo antes, e assim o disse ao espírito, indicando-lhe que era bem possível que pudesse vê-lo no mundo dos espíritos.

Durante uns momentos guardou silêncio, parecendo como se buscasse o paradeiro de seu antigo amigo. Logo disse com grande certeza:

- Não, esse homem não está morto. Vejo que está jogando cartas na casa de seu filho, em Minneápolis.

Foi fácil ensinar a Hayward acerca da vida superior, e se retirou manifestando-se muito desejoso de progredir no mundo espiritual.

Daquele momento em diante a inválida psíquica melhorou sensivelmente, e as investigações subseqüentes que realizamos, escrevendo várias cartas, nos demonstraram que era certa a afirmação do espírito acerca do carcereiro.

Dez anos mais tarde, com o motivo de haver estado presente em nosso círculo o espírito de outro assassino, que havia sido enforcado, Hayward voltou e nos deu os seguintes detalhes acerca de sua vida terrestre:

*Experiência realizada no dia 21 de setembro de 1918*

*Espírito:* Harry Hayward. – *Intermediário Psíquico:* Senhora Wickland.

- Venho aqui porque gostaria de dizer algo; tenho estado no mesmo barco que o companheiro que me precedeu no uso da palavra; quero falar no mesmo plano. Sinto-me bem menos melhor que ele. Eu era mais esclarecido, e meu castigo foi por isso mais duro. Havia recebido uma educação completa e tinha todo o dinheiro que necessitava, mas não me conformava com isso.

Também quero dizer-lhes que não faço mais que desejar uma coisa: quisera colocar-me em todas as esquinas das ruas, e em alto brado aconselhar as mães para que não eduquem equivocadamente seus filhos.

As mães dizem que amam seus filhos; sentem por eles verdadeira adoração, mas os deixam que se percam porque não se atrevem a lhes negar nada.

Não eduquem seus filhos sem a necessária disciplina. Cuidem dos meninos como se cuida dos animais, como se cuida das flores. Se você planta alguma flor em seu jardim, tenha muito cuidado para que não se converta em flor silvestre, cuide para que cresça com frescor e para que dê flores formosas. Porém quão pouco a humanidade se preocupa com a educação e o adestramento das crianças! Ninguém cuida para que as crianças sejam o casulo da humanidade.

Não quero censurar de nenhuma maneira a minha mãe, porém lhes digo que se ela tivesse me educado convenientemente, se ela houvesse sabido dizer-me “não” em muitas ocasiões, ao invés de estar sempre me olhando e me dar todo o dinheiro que quisesse; se tivesse me castigado quando eu cometia alguma má ação, é possível que tivesse sido outro homem.

Certamente não haveria acabado na forca se minha mãe tivesse me ensinado a formosa lição de viver para os outros, de amar a meus semelhantes como a mim mesmo.

O melhor que as mães poderiam fazer é pensar no bem-estar de seus filhos e educá-los no ideal de viver para os demais.

Era muito dedicado a todos os esportes, e não tinha outro ideal na vida. Procurei me divertir muito, fui muito apegado às mulheres, e chegou um momento em que gastei mais dinheiro do que o que meu pai me dava. Eu era

jovem, e deveriam ter me obrigado a trabalhar. Minha desgraça consistiu em que meus pais eram ricos. Pensaram que o trabalho era para minha desonra. Teriam feito bem em me dar menos dinheiro e me colocarem para trabalhar.

Comecei a gostar dos jogos. Vocês já sabem que quem contrai este vício dificilmente se corrige. Eu obtinha o dinheiro com demasiada facilidade. Travei conhecimento com uma jovem que gostava de mim. As mulheres sempre demonstraram uma grande predileção por mim, e me foi fácil conseguir todas as que quisesse. A jovem de que falo estava enamorada de mim; mas minha afeição a ela devia-se ao dinheiro que lhe tirava, chegando ao ponto de fazê-la contrair um seguro de vida no valor de dez mil dólares em meu favor.

Eu tinha uma idéia. Se ela morresse assassinada por outra pessoa, ninguém desconfiaria de mim e poderia ficar com o dinheiro. Concebi um plano audaz. Contratei um homem que se comprometeu a matá-la. Durante as horas em que devia cometer o crime, fui ao teatro com outra moça, a fim de que ninguém pudesse me culpar do que ia acontecer.

O homem que eu havia contratado deveria levá-la a passeio em uma carruagem em direção do lago Calhoun, e durante essa excursão a mataria. Quando estiveram no meio do bosque, matou-a efetivamente e voltou para sua casa. Como havia estado no teatro, a jovem que se encontrava em minha companhia poderia testemunhar que não era possível que me encontrasse no local do crime; mas era tal a ânsia que eu tinha em apossar do dinheiro do seguro, que não me ocorreu pensar no efeito que poderia produzir o fato de apresentar-me no escritório da seguradora quase em seguida ao assassinato. Esta minha atitude despertou suspeitas e acabaram por meter-me no cárcere.

Se tivesse esperado uma ou duas semanas, não teriam suspeitado de mim. Detiveram-me. Era tão cego o amor que minha mãe sentia por mim, que

chegou a culpar pelo assassinato meu outro irmão, que estava casado e tinha dois filhos. O processo custou aos meus pais muito dinheiro, e se passaram muitos meses até que algo ficasse esclarecido. Meus pais não conseguiam decidir se seria o Eddy ou se seria eu, o que deveria ir para a forca expiar o crime.

Certo dia, estando na prisão, chegou em minhas mãos um livrinho e alguns impressos que tratavam acerca do mundo espiritual. Já sabia que ia morrer, porque acabavam de me sentenciar à forca. Compreendi todo o alcance que aquilo tinha. Os impressos me interessaram muito e despertaram em mim certa curiosidade em conhecer o mundo espiritual. Por um lado cria nele; por outro lado, me desgostava. Aquelas doutrinas me pareciam preferíveis que os ensinamentos da Igreja, o que achei engraçado. É uma sensação estranha, a que experimenta, aquele que está a ponto de subir à forca, onde irão lhe arrancar a vida. É impossível que vocês possam imaginá-la.

Não podem imaginar o que se sente ao compreender que já não lhe restam mais do que poucas horas de vida. Mas aquela mensagem que um desconhecido me enviou reanimou em parte minha coragem, e acreditei possível o que ali assegurava, de que só o corpo pereceria, mas não o espírito. Por isso reuni toda minha coragem no último momento, desejoso de ver o que havia mais além.

Quero agradecer a quem me enviou aquele folheto, que foi o único raio de luz e de esperança que tive durante meus últimos dias.

Quando compreendi que havia abandonado meu corpo, a primeira coisa que pensei foi isto: “Eu não estou morto.” Fui à casa de minha mãe e lhe falei, e ela teve a sensação de minha presença. Entretanto, eu estava ainda aferrado a meu corpo e tinha a sensação de que não poderia viver sem ele. Saí

rapidamente de meu corpo, mas voltei outra vez a ele. Quando meu corpo foi levado ao forno de incineração, permaneci ao seu lado vendo como ardia.

Depois disto fiquei caminhando, sem poder encontrar o mundo espiritual. Caminhava sem trégua de um lugar para outro. Minha predileção por mulheres bonitas continuava viva, e isso me levou a viajar. Em certo sentido, me dava perfeita conta de que havia morrido, no entanto não conseguia compreender totalmente.

Em certa ocasião me acometeu o desejo de fazer uma viagem, e decidi realizá-la de trem. Fui à bilheteria para retirar uma passagem, mas verifiquei que não levava dinheiro. Resolvi conversar amavelmente com o empregado para convencê-lo a me dar o bilhete, mas não fez caso algum de mim. Então pensei: “Perfeitamente; vou me instalar de qualquer modo no trem.” E assim o fiz.

Sentei em um compartimento, mas antes que pudesse me dar conta, um cavalheiro alto, gordo e forte sentou-se encima de minhas pernas. Quase fiquei louco. Quis empurrá-lo, mas senti que não podia, e o caso é que tampouco podia ficar em pé. Não tive outro remédio que agüentar o peso daquele homem até que lhe deu vontade de sair! Desconhecia o poder do pensamento, ignorava que bastava me imaginar como se estivesse longe dali; a única coisa que eu sabia era caminhar. Não havia aprendido a simples lição de que, para estar em um lugar determinado, bastava com que me visse nele com o pensamento.

Ao término de algum tempo tropecei com uma formosa dama (a senhora Mc. A.), e comecei a gostar dela. Antes que me desse conta, encontrei-me encerrado em sua aura magnética, e não pude sair dali. E essa senhora se empenhava em não abandonar nunca o leito! E eu não tinha outro remédio que ficar ali!

Certo dia ouvi que alguém me dizia desta maneira: “Você deve abandonar esta senhora e afastar-se daqui; se houver algum espírito ao redor dela, que a deixe e se vá.” Porém eu não tinha outro remédio que continuar ali.

Gosto muito de sorvete e tinha desejos de prová-lo; por isso forcei a senhora para que o pedisse. Quando trouxeram a bebida, quis me apoderar dela. Pareceu-me que entrava em contato com a mulher que trazia a bebida, e pensei que se conseguisse me agarrar bem a ela, me apoderaria do creme gelado.

Subitamente me vi dentro da senhora que trazia o sorvete, e quanto tentei me apoderar da bebida, experimentei a mesma sensação de quando me enforcaram. Mas a senhora que trazia o sorvete era tão forte, que antes que me desse conta, me arrojou pela janela. Não falo figuradamente, porque me atirou real e verdadeiramente.

Tenho que agradecer-lhes por haverem me libertado de todos estes males, e também quero agradecer do fundo de meu coração a lição que me deram então, lição que me ajudou a compreender a beleza do mundo espiritual que existe mais além.

Volto a dizer que quisera pôr-me em todas as esquinas e dizer a todas as mães que eduquem seus filhos para que sejam homens e mulheres bons, e que os castiguem sempre que seja necessário; que não deixem de recorrer ao castigo, e que não os levem a perder por excesso de mimos.

Se as mães educassem as crianças como é devido, não existiria no mundo tanto egoísmo.

Possuo no mundo espiritual uma pequena casinha, e tenho que trabalhar muito nela, porque ainda não completei minha tarefa. Estou me esforçando no socorro a todos os necessitados.

Agradeço-lhes por haver começado a iluminar-me. Boa noite.

O “assassino da garagem”, em Chicago, foi um criminoso de tipo distinto, uma vítima do meio em que viveu. Veio a cair em nosso círculo pouco depois de sua execução, porque seguia uma jovem que havia sido antigamente sua vizinha e que viera visitar a senhora Wickland.

Depois disto voltou ao nosso círculo outras vezes, com o objetivo de nos contar o que a ele vinha ocorrendo, e fazer que outros espíritos apegados à Terra e que passavam por transe parecido, abrissem os olhos.

*Experiência realizada no dia 21 de setembro de 1948*

*Espírito:* Pete Neidemeyer. – *Intermediário Psíquico:* Senhora Wickland.

Venho esta noite para lhes dizer que também sou um dos que estão agradecidos, ainda que não esperassem que eu viesse. Porém sei que foram vocês os que me conduziram a um estado de felicidade ao qual nunca acreditara chegar.

Durante minha vida terrestre não fui outra coisa que um animal selvagem; mas, como se pode esperar que saiam homens bons se não se educar convenientemente as crianças? A mim ninguém educou. Minha mãe era muito desorganizada e não cuidava de seus filhos, e pensava: “Que eles aprendam a cuidar de si mesmos.”

Caminhei na senda do mal desde pequenino. Quando comecei a cometer pequenos furtos, minha mãe achou graça. Fui de mal a pior. Pertencia a um bando de uns doze meninos. Nos fizéramos tão atrevidos e audazes, que não preocupávamos com nada do que pudesse acontecer. Realizamos toda espécie de assaltos, e quanto mais avançávamos nesse tipo de vida, mais nos habituávamos a ela. Acabamos assaltando e matando pessoas. O resultado foi que caímos nas mãos da polícia e nos enforcaram.

Sou Nidemeyer.

Faz anos que uma jovem vizinha me trouxe a este círculo. Era uma moça que eu gostava muito. Certo dia saiu de casa e decidi acompanhá-la.

Não me dei conta de que em realidade havia ficado preso em sua aura. Havia permanecido em sua casa durante muito tempo, mas sem perceber que estava morto.

Minha mãe era uma mulher estranha. Pelo que pude compreender, desde que me encontro no mundo dos espíritos, se encontrava obsediada. Ninguém podia ter uma carreira com ela. Meu pai e meu irmão eram pessoas muito boas, mas minha mãe e eu éramos os dois lunáticos da família.

A jovem a quem me referi anteriormente era muito boa e se esforçou sempre por me conduzir ao bom caminho. O dia em que a segui, foi até a casa deste homem (o Doutor W.); entrou em uma salinha e falou com este intermediário psíquico pelo qual estou falando agora, e vi naquele dia coisas que jamais havia suspeitado. Não compreendia o que tudo aquilo significava. Parecia como se alguém tivesse me aferrado ali sem que pudesse escapar.

Sem saber como havia acontecido, me encontrei no meio de uma reunião de pessoas; ouvi que cantavam e de repente me vi de novo em plena



vida. Podia falar e não me doía a garganta. Comecei a me perguntar o que é que podia ter me acontecido.

A bondade com que você falou me fez um grande bem. Você me falou acerca da verdadeira vida neste outro plano. Ajudaram-me a abrir os olhos ao verdadeiro conhecimento da vida. Não ao que a Igreja e seus ministros ensinam, ou seja, que devemos rogar a Deus e crer no sangue de Cristo, e que Cristo morreu por nossos pecados, e que se crêssemos em tudo isso, iríamos para o céu.

Não era o mais indicado para ir por esse caminho reto, porque encontraria tudo demasiadamente fácil, e não me entrava na cabeça que se pudesse ir ao céu sem esforço algum de nossa parte. Eu sabia que não era bom; no entanto, sentia em meu coração a necessidade de fazer algo, de tentar, de fazer o bem por todo o mal que havia feito. Achava mais razoável esta idéia do que a de saltar da minha maldade até o céu. Também me parecia, em tal caso, que não seria um bom exemplo.

Desde que vim a este pequeno círculo pela primeira vez, e desde que me socorreram, tenho mantido minhas lutas. Já transcorreram anos desde minha primeira visita.

Vou contar a que tenho me dedicado. Desde que minha mãe faleceu tenho realizado repetidos esforços para abrir seus olhos ao conhecimento da verdade; mas ela não me escuta. Espero que algum dia consiga despertar para a vida superior.

Conforme nós, espíritos, vamos progredindo, nos elevamos de círculo em círculo. Se eu cresse que Cristo havia morrido por meus pecados, esta crença e esta fé me impediriam penetrar no círculo do mundo superior mais elevado.

Quando saí de meu corpo mortal, você me aconselhou a buscar os espíritos amigos que haveriam de me ajudar, e também me disse que a primeira coisa que teria que praticar, seria a de ser útil aos demais.

Isto me custou muito trabalho. Tive que começar por dominar a mim mesmo, e é muito difícil dominar o próprio egoísmo, quando durante toda a vida não se pensou em outra coisa que em satisfazer esse egoísmo. Antes de realizar algum progresso no mundo espiritual, há que se dominar o egoísmo.

O melhor recurso para isso é que nos coloquem em uma habitação escura; às vezes a chamamos de calabouço. Estando ali, não vemos mais que a nós mesmos e os nossos atos da vida passada. Estes atos vão sucedendo um a um em nossa vista. Nossas boas ações são tão poucas, que parece quase pertencerem a outras pessoas. E até que não se abram nossos corações e nossa inteligência, não saímos daquela reclusão. Porém quando nos propomos dominar nossos maus hábitos e viver para favorecer aos demais, nosso egoísmo cai por vencido.

Meu coração era uma pedra, mas acabei por gritar finalmente: “Não se faça mais a minha vontade, e sim a Sua.”

Devemos começar por sermos úteis àqueles espíritos de ordem mais baixa com que entramos em contato. Às vezes sentia repugnância em fazer algo, porém não tinha outro remédio que fazê-lo. Tinha que aprender a ser paciente. Quando somos capazes de servir sem violência e de amar a nossos semelhantes, nada parece duro.

E é assim que tenho ido sempre adiante, de uma coisa para outra, aprendendo sempre; e graças a tudo isso que aprendo, vou ascendendo a um estado mais formoso. Progredimos neste mundo invisível por etapas, mas só mediante o conhecimento.

Minha tarefa consiste em ajudar a todos aqueles que necessitam ajuda e em aconselhar a todas as crianças que vivem na Terra, para que desistam de seus maus projetos, se esforcem por serem bons e se conduzam da melhor maneira que possam, em favor de seus companheiros.

*Experiência realizada no dia 30 de agosto de 1922.*

*Espírito:* Pete Neidemeyer. – *Intermediário Psíquico:* Senhora Wickland.

Venho aqui esta noite para lhes dizer algumas palavras. Quero agradecê-los por haverem ajudado a me elevar a uma vida superior.

Sou Pete Neidemeyer. Ao mesmo tempo em que venho agradecer por haverem me ajudado, quero pedir-lhes que façam chegar meus bons pensamentos à minha mãe. Ela faleceu, mas não posso chegar até ela. Encontra-se obsediada por um espírito maligno; eu, que era muito sensitivo, recebia todos os maus pensamentos que ela projetava. Todos deveríamos fazer um esforço para dominar estes três vícios: a inveja, o egoísmo e a ignorância. Quando se apoderam de uma pessoa, convertem-na em um demônio. Sentem inveja de todos aqueles que possuem mais coisas do que ele. E quando é um egoísta, resiste em ceder aos demais qualquer coisa do que possuem, guardando para si mesmo, e ainda quer tudo o que pertence aos demais. Chega-se também a crer que já que há um Deus, deveria ter dado a todos as mesmas possibilidades.

Nesta atmosfera que cresci. Minha mãe era uma pessoa egoísta e invejosa. Ninguém a queria na vizinhança; não tinha um só amigo. Unicamente eu era o objeto de sua predileção e obtinha dela tudo o que pedia.

Meu pai, ao contrário, me aconselhava que não fizesse nenhum mal; porém minha mãe dizia que não me preocupasse com as palavras dele e que

continuasse fazendo o que me desse vontade. Acostumava sair às noites, acompanhando más companhias. Formamos um bando. Não queria me comprometer por completo, mas me vi obrigado a isso pelos demais.

Vocês têm que saber que essa classe de pessoas têm suas tertúlias secretas, e os que acorrem a elas não têm outro remédio que fazer o que eles ordenam, porque perderiam por completo seus poderes. É inútil que tente se retirar, porque então o insultam e zombam. Vigiam e põem alguém para que siga seus passos. O trabalho mais repugnante é destinado aos principiantes. É raro que os chefes caiam em poder da polícia.

Têm uma escola onde se ensina aos principiantes todo tipo de artes más. Alguns dos chefes destes bandos freqüentam a alta sociedade em certas cidades, e se encarregam de averiguar quais são as pessoas que se pode assaltar e roubar. Vocês se admiram, às vezes, de que bandos de ladrões se encontrem tão a par dos lugares em que podem fazer pilhagens de jóias e dinheiro. São os chefes, que freqüentam a alta sociedade, que informam tudo aos demais. Como dispõem de muito dinheiro, seria inútil denunciá-los.

Se dissesse os nomes de alguns de nossos chefes em Chicago, estou seguro de que não me acreditariam. Responderiam que isso não é possível. Se alguém denunciá-los, fariam o mesmo imediatamente, acusando-o de tal ou qual roubo. Não há, pois, outro remédio que calar, e essa é a tática que se segue nos submundos. A alta sociedade se serve da sociedade desprezível sempre que lhes convém. E o que roubamos em uma cidade, cuidam de enviar a outra.

Vim aqui esta noite para agradecer pela ajuda que me prestaram. Ninguém havia me dado a mão.

Referindo-me ao caso da pessoa assassinada na garagem, asseguro que não matei ninguém. Estava ali com o bando, mas quem cometeu o crime não foi condenado à forca, pois conseguiu escapar. Porém os quatro presos ali foram enforcados. Entretanto, só havia três culpados. Eu era inocente. Meu papel consistiu em ficar de guarda, como assim o fiz, mas não fui eu quem assassinou. Ainda assim me enforcaram por esse crime.

Se vocês puderem exercer alguma influência, procurem que não se enforque mais ninguém. Deixem que os acusados tenham oportunidade de refazer sua vida, porque muitas vezes são inocentes. Assegurem-lhes boa custódia e ofereçam oportunidades para se corrigirem.

Quando enforcados, conservam em seus corações nada mais que ódio, e voltam ao plano terrestre para seguir cometendo danos. Apossam-se dos seres mortais e os fazem agir sob obsessão.

Quando me enforcaram, meu coração transbordava de ódio, e me dizia que se nascesse outra vez obteria a revanche e me vingaria devidamente.

Agora, em troca, procuro influenciar as pessoas para que sejam mais justas. Porém repito que devem se esforçar para que ninguém seja enforcado. Vocês não têm o direito de matar. Todos somos filhos de Deus. Todos cometemos erros, e os fortes devem ajudar os fracos.

Os que cometem um assassinato são castigados sem compaixão. O juiz e os jurados mostram por acaso compaixão para o réu assassino? Por que matá-lo ao invés de lhe dar outra oportunidade? Por que não falar bondosamente aos desgraçados? Por que não se aproximar dos presos para ensinar-lhes uma vida superior e por que não celebrar nos cárceres círculos psíquicos para prestar-lhes ajuda?

Quando suprimirem a pena de morte, observarão que diminuirão os assassinatos. Os condenados à última pena morrem jurando se vingar e com o coração cheio de ódio, e só pensam em matar, matar e matar. Para isso dedicam-se a influenciar as pessoas de natureza sensível e as fazem cometer toda sorte de crimes.

Quero dizer-lhes outra vez: se tiverem alguma influência, abolem a pena de morte. A America do Norte é um país cristão e ninguém nele tem o direito de matar ninguém. Da mesma maneira que mataram Cristo, estão matando rapazes que cometeram algum assassinato, ao invés de educá-los quando são jovens.

Chegará um tempo em que o mundo não terá outro recurso que sobrepujar seu egoísmo. Para chegar a esse momento, a humanidade terá atravessado por períodos de grandes turbulências. Ocorrerão enormes destruições, porém mais tarde a situação melhorará.

Agora procuro cumprir a tarefa que tenho no mundo espiritual, e não posso deixar de agradecer por haverem aberto meus olhos e por terem despertado minha compreensão à verdade. Acudo a pequenas reuniões em diferentes lugares, e procuro alentar com algumas perspectivas agradáveis aos que estão nas trevas.

No mundo espiritual nos cai a venda dos olhos. Não se pode progredir nele até haver aprendido as lições da vida. Sucede o mesmo com a criança na escola, que não pode entrar na Universidade sem antes haver aprendido nos livros escolares. Antes da Universidade está a escola da inocência, e desta se vai subindo passo a passo.

O mesmo ocorre no mundo espiritual. É o mundo da felicidade, mas não podemos apreciá-lo até que o tenhamos frente a frente. Todos deveriam

conhecer estas coisas antes de traspassar o limite que separa o plano da vida terrena do da vida espiritual. Não podemos ingressar no mundo dos espíritos até que o tenhamos compreendido. Quando chegarmos a ser um com Deus, começa a verdadeira felicidade.

O mundo espiritual é como um canteiro de flores em que tudo é beleza e harmonia; quero dizer, nele não há egoísmo. Uma flor é de cor mais viva que outra porque alcançou um grau maior de conhecimento. Todos irão para lá, porém devemos ser nós mesmos os que conquistarão o próprio progresso. Ninguém deve deixar-se abater pelo desalento; todos chegarão, mas isso há de levar um tempo.

Sinto-me feliz, e o único que peço a todos é que concentrem seus pensamentos, cheio de bondade, em minha mãe, a fim de que consigam despertá-la, ajudando-a a dominar seu egoísmo, sua inveja e sua ignorância. Peço que me dêem a oportunidade de despertá-la. Obrigado a todos.

## **CAPÍTULO VII**

### **OS ESPÍRITOS E OS SUICÍDIOS**

Um grande número de suicídios inexplicáveis devem ser atribuídos à influência obsessora ou possessiva dos espíritos apegados à Terra. Alguns destes espíritos agem movidos pela ânsia de atormentar suas vítimas; outros, que por sua vez deram fim à sua existência terrestre por meio do suicídio, imaginam que aqui ainda estão, e como não têm idéia alguma da existência de um mundo espiritual, continuam se esforçando para acabar com sua imaginária existência, supondo que suas tentativas de suicídios fracassaram.

Quando estas inteligências estabelecem contato com pessoas de grande sensibilidade psíquica, tomam os corpos destas como se fossem os seus

próprios, gravam nestas pessoas seus pensamentos mórbidos e as instigam a destruir sua própria vida.

O destino do suicida é sempre muito desgraçado, porque seu ato de desespero o mantém apegado à esfera terrestre até o momento em que haveria de terminar naturalmente o curso de sua vida.

Um caso de suicídio que tivemos que tratar foi o da senhora X., que foi minha professora na infância, quando eu vivia na Europa, de quem minha esposa nada sabia.

Tratava-se de uma senhora inteligente e espirituosa, assídua freqüentadora da Igreja, feliz em seu matrimônio e mãe de muitos filhos. Quando mais feliz e contente parecia, e sem deixar comunicação alguma que explicasse os motivos de sua resolução, enforcou-se, sem que nem o marido, horrorizado, nem os filhos, conseguissem compreender a tragédia.

Dez anos mais tarde, e durante um dia de inverno, estando sós minha senhora e eu em nossa casa de Chicago, a senhora Wickland sentiu-se repentinamente possuída por um espírito que arfava profundamente para tomar fôlego e parecia estar afogando. Este espírito, como tantos outros, não tinha consciência que o corpo que havia possuído não era o seu, e ao pôr-se em contato com a matéria, voltava a passar por todas as angústias da agonia.

Após muitas perguntas, soube afinal, com grande surpresa, que o espírito que estava ali era o de minha antiga amiga, que havia posto fim em sua vida se enforcando. Encontrava-se ainda dentro da esfera da vida terrena, e descreveu o incrível inferno mental em que havia vivido durante os dez últimos anos.

“Quando me vi fora do corpo mortal, compreendi qual havia sido a causa de meu ato desesperado. Vários espíritos malignos, atraídos para mim



pelos pensamentos daninhos de outras pessoas, estavam ao meu lado, fazendo caretas com diabólica satisfação pelo resultado de seu empenho.

Suas influências haviam me levado a pôr fim em minha vida; não me havia detido jamais, nem sequer para pensar, em semelhante loucura. Senti de repente um impulso irresistível, passei a corda ao redor de meu pescoço e era já demasiado tarde quando me dei conta do que havia feito.

Teria dado tudo para poder voltar a tomar posse de meu corpo. Tenho passado por todos os horrores do desespero e do remorso! Meu lar destruído, meu marido desconsolado e abatido, meus pequenos sem ninguém para cuidá-los...

Ignoram que estou sempre a lado deles e faço todo o possível para consolá-los, ainda que até agora tenha vivido entre trevas e escuridão.”

Depois que a confortamos e lhe demos a certeza da existência do verdadeiro mundo espiritual, mostrou este espírito desejoso de acorrer às inteligências superiores para que lhe ensinassem a maneira de ajudar os seres queridos que deixara na Terra.

Alguns anos mais tarde, e na ocasião em que tínhamos sob nosso cuidado um enfermo com fortes tendências suicidas, voltou a nos visitar para induzir que aquele não levasse a efeito suas intenções fatais.

*Experiência realizada no dia 17 de novembro de 1918.*

*Espírito: Senhora X. – Intermediário Psíquico: Senhora Wickland.*

Faz muito tempo que estive aqui. Desejaria dizer algumas palavras a esta jovem que pensa em suicídio.

Há muitíssimos anos era uma esposa feliz; tinha dois filhos idolatrados e um marido muito carinhoso. Vivíamos felizes, porque éramos ambos de caráter agradável; daí se concentrarem em nós os pensamentos invejosos de muitos.

Pertenci à igreja Batista, e ignorava que fosse um intermediário psíquico. Ocupava-me com o maior interesse em todas as coisas do lar, porém alguém se empenhou em pôr tudo a perder. Certo dia me despedi de meu marido com um beijo, quando ia ao trabalho. Sentia-me muito feliz. De repente, depois que ele se foi, senti que algo se apoderava de mim.

Não soube o que fazia. Não me recordo de nada. Unicamente sei que senti algo estranho, como se alguém houvesse apoderado completamente de mim e eu não me desse conta do que estava acontecendo.

Ao término de um momento tudo mudou. Vi meu marido preso de uma terrível angústia e que chorava amargamente. Pouco a pouco as coisas foram se aclarando para mim e vi meu próprio corpo pendurado numa corda.

Se você pudesse fazer uma idéia de minha situação! Meu marido estava ali, no alpendre, contemplando meu cadáver, que estava pendurado; chorava desconsoladamente, mas nada podia fazer para consolá-lo. E ali estava eu, ao seu lado, desejando com toda a minha alma poder voltar a possuir outra vez aquele corpo. E ali estavam também meus filhinhos, desfeitos em lágrimas, e eu nada podia fazer por eles.

Não compreendi o que havia acontecido até que vi em minha volta vários espíritos malignos que riam de nós. Haviam se apoderado de mim e haviam feito com que me matasse, com o único objetivo de destruir meu lar feliz.

Meu marido não podia afastar jamais de sua imaginação a visão de meu corpo pendurado na viga do alpendre. Meus filhos eram pequenos e tinham necessidade de meus cuidados, mas havia deixado toda a responsabilidade de sua educação sobre os ombros de meu marido. Via quanta necessidade meus filhos tinham de mim, mas nada podia fazer por eles. Como eu sofria! Pobre de meus filhos!

Certo dia em que reinava uma temperatura muito cruel, senti que havia voltado à vida. Parecia que todo o meu ser se acendia de novo. Ignorava onde me encontrava, porém via que havia voltado de novo à vida. E me encontrei falando com o Doutor Wickland, que explicou o que havia ocorrido e me fez compreender que havia apoderado temporariamente do corpo de sua senhora, e que certos espíritos amigos se encarregariam de me conduzir ao mundo dos espíritos.

Depois me senti bem melhor, e agradeço-lhes por haverem me ajudado alcançar esta maravilhosa situação em que agora me encontro.

Quero dar um conselho a todos os que estão pensando em abandonar seu corpo físico:

*Não recorram jamais ao suicídio.*

Não sabem, nem podem sequer imaginar o inferno em que se precipita. Depois que sair do seu corpo físico não se pode voltar a ele mesmo que se queira, e não poderá cumprir as obrigações que tinha com os demais.

Se conhecessem as leis pelas quais o lado espiritual da vida é governado, não recorreriam jamais ao suicídio, porque veriam as conseqüências desse ato na vida espiritual. Dominem todos os pensamentos de suicídio. Sejam felizes no plano da vida terrestre até que chegue o momento de sê-lo no plano da vida espiritual. Eu deveria abandonar meu

corpo depois dos dez anos que ainda me restavam de vida; só então deveria se esgotar, até então poderia ter sido útil a meu marido e a meus filhos.

Agora sou feliz, na medida que se pode ser enquanto não se reunir toda a família, e me esforço em ser útil em tudo o que posso a meus filhos.

Envie a meu marido a expressão de meu amor. Ele vive sob a sensação de sua solidão. Estou a seu lado, mas não posso fazer nada para consolá-lo.

Adeus.

Em 20 de novembro de 1904, durante uma visita que minha esposa e eu fazíamos a uns amigos em Chicago, organizamos um círculo psíquico, e durante o mesmo a senhora Wickland ouviu uma voz que dizia:

- Estou na escuridão.

Perguntou quem havia feito esta observação, mas nenhum dos que se encontravam ali reunidos havia aberto a boca; no entanto, o cavalheiro que estava sentado ao lado da senhora Wickland ouviu também estas palavras.

Quase em seguida a senhora Wickland caiu em transe hipnótico e desabou no chão. O espírito levava as mãos ao pescoço e gritava:

- Tirem a corda! Tirem a corda! Estou na escuridão. Por que fiz isso? Por que o fiz?

Quando conseguimos aquietar o espírito, disse que se chamava Minnie Harmening, e disse ser uma jovem que vivia em uma granja próxima de Palatina. Como falava de uma maneira entrecortada e soluçante, ficava difícil compreender claramente suas palavras, mas acreditei entender que vinha de “Palestina”, o que me pareceu muito estranho.

O espírito encontrava-se angustiadíssimo porque havia se enforcado, e crendo que o corpo da médium era o seu, imaginava ter ainda a corda ao redor do pescoço.

Manifestou depois que no dia 5 de outubro, sem motivo algum e sem haver meditado previamente, sentiu-se dominada pelo desejo de tirar a própria vida, e quando estava só encaminhou-se ao estábulo e se pendurou em uma viga.

- Foi um homem muito grande de barba negra que me obrigou (um espírito). Veio ao meu encontro no pátio dos estábulos, me hipnotizou e me obrigou a me pendurar em uma viga, mas não sei porque o fiz. Meu irmão John foi o primeiro que me encontrou e cortou a corda, e meus pais acudiram em seguida. Porém não morri. Estou sempre em minha casa e falo com meu pai e minha mãe. Procuro consolá-los e fazer-los compreender que não morri, mas eles não me vêem nem me respondem. Todos meus companheiros sentam-se ao redor da mesa chorando, minha cadeira está sempre vazia, mas ninguém responde minhas palavras. Por que não respondem?

Custou-nos trabalho convencer este espírito de que estava se expressando pelos órgãos corporais de outra pessoa; mas ao término de uma longa conversação, começou a compreender a verdade, sentiu-se desolada e se retirou, acompanhada dos espíritos amigos.

Quero fazer constar que nem a senhora Wickland nem eu havíamos ouvido falar com antecedência sobre o incidente do misterioso suicídio de Harmening, e desconhecíamos que houvesse existido em realidade esta jovem.

Alguns dias mais tarde, veio nos visitar um informante de um dos diários de Chicago, com objetivo de nos fazer algumas perguntas sobre nossos trabalhos de investigação, e me referi à experiência que acabo de relatar.

Com grande surpresa nossa, o visitante nos disse que havia tocado a ele mesmo atuar como repórter de seu diário no caso de Harmening e que a menina em questão havia vivido em Palatine, condado de Cook, Illinois. Haviam encontrado o cadáver da jovem pendurado em uma viga no estábulo da granja do pai, mas todo mundo ignorava as razões que haviam levado a jovem ao suicídio, ainda que seu caráter sempre fora um pouco estranho.

Chegou-se a suspeitar que se tratasse de um assassinato, porque as roupas da jovem estavam rasgadas na altura do peito e apresentava profundos arranhões no pescoço. Isto levou as autoridades a crerem que haviam cometido um crime, pendurando depois o cadáver para afastar qualquer suspeita.

Em 24 de novembro, Dia de Ação de Graças, o espírito de Minnie Harmening voltou a nos visitar, lamentando-se sempre da dor de seus pais e da atitude provocadora que as pessoas do povoado e os membros da igreja reservavam à sua família, além de a considerarem desonrada.

A jovem havia sido membro assíduo da Igreja Alemã Luterana, mas como se suicidara, o pastor negou-se em celebrar na igreja os funerais, e tampouco a congregação permitiu que o corpo fosse enterrado no cemitério luterano, situado atrás da igreja.

Minnie disse que haviam celebrado os funerais na casa de seus pais, mas que o sacerdote havia se sentido tão indignado à vista do cadáver, que saiu imediatamente da casa, enquanto os demais rendiam seu último tributo à

morta. Esta atitude havia aumentado ainda mais a dor daqueles pais desesperados. (Mais tarde pude ver corroboradas estas afirmações lendo os periódicos.)

Perguntei ao espírito como foi que seus vestidos haviam sido rasgados, e me respondeu:

- Eu mesma os rasguei. Aquele homem grande (espírito) barbudo ordenou que me pendurasse; mas nem bem afastei com um pontapé o caixote em que me apoiava, senti que a corda se apertava ao redor de meu pescoço e recobrei o sentido. Agarrei-me desesperadamente à corda, esforçando-me para afrouxá-la, porém com isso só consegui apertá-la mais e arranhar o pescoço.

Quatorze anos depois o espírito de Minnie Harmening falou uma vez mais.

*Experiência realizada no dia 20 de outubro de 1918.*

*Espírito:* Minnie Harmening – *Intermediário Psíquico:* Senhora Wickland.

Quero agradecer por tudo o que fizeram por mim.

Quando cometi o ato que pôs fim em minha vida, era uma jovem de dezesseis anos. Não acreditem que dar um fim à vida sepulta-se também o mais além. Quando suicidei, fui vítima de obsessão, mas continuo sofrendo porque meus pais ainda levam luto por mim. Vou com muita freqüência visitar minha pobre mãe, que agora está bem anciã.

Sou a moça que vivia em Palatine. Recordam-se de mim?

Quando estava em vida não podia compreender que existisse a obsessão. Depois que me pendurei em uma viga, pude ver um homem ao meu lado, olhando-me fixamente. Recobri a lucidez no mesmo momento em que a corda começava correr ao redor de minha garganta; fiz todos os esforços possíveis para me desembaraçar dela, mas como havia afastado com um pontapé a caixa em que me apoiava, todo o meu corpo gravitava no nó corrediço e não consegui fazer mais nada; só consegui fazer-me profundos arranhões com os esforços que fiz para me livrar.

Aquele que se suicida passa muitos maus momentos e sofre intensamente.

Volto a agradecer por haverem me esclarecido e pelo grande auxílio que assim me prestaram.

Outro exemplo tivemos ocasião de presenciar em Chicago, que servirá para ilustrar a influência que os espíritos malignos e apegados à Terra exercem sobre os mortais com grande sensibilidade psíquica.

Estávamos, minha senhora e eu, sentados em um banco no Lincoln Park no dia 12 de julho de 1906, quando veio se sentar ao nosso lado um cavalheiro de idade avançada. A senhora Wickland acreditou ver, num primeiro golpe de vista, serem dois os senhores sentados no banco. Mas quando voltou a olhar, só viu um.

Travamos conversação e esta se desviou para o ocultismo. O cavalheiro desconhecido, que resultou ser o senhor F., manifestou-se interessado nos fenômenos psíquicos, e nós o convidamos a nos visitar em casa.

Assim o senhor F. fez na noite seguinte. Durante sua visita, a senhora Wickland caiu em transe, possuída pelo espírito de um homem que dava sinais de grande excitação. Este espírito chamou ao senhor F. pelo nome,



assegurando ser o senhor B., seu amigo de Cleveland, que havia estado com ele no Lincoln Park na semana anterior, e que haviam marcado encontro para voltarem ao mesmo lugar.

O senhor F. mostrou-se sumamente surpreendido por estas palavras, porque esse amigo havia se suicidado no domingo anterior, em seu Clube em Cleveland.

O senhor B. vivia em Cleveland e havia vindo a Chicago na semana anterior para concluir as negociações de compra e venda de uma propriedade; mas voltou a passar o fim de semana em Cleveland sem conseguir concluir as negociações.

Quando saiu de sua casa no domingo pela manhã encontrava-se alegre e risonho. Uma vez no clube, depois de conversar com um grupo de amigos, dirigiu-se ao aposento mais próximo, colocou ácido carbônico em uma garrafa de vinho, bebeu e caiu morto.

O senhor B. era uma pessoa que se encontrava em muito boa posição financeira; segundo todas as aparências, era extraordinariamente feliz, e não havia razão alguma que explicasse aquele suicídio.

O espírito do senhor B. dava mostras de grande perturbação e assombro, e pedia a seu amigo que explicasse o que lhe ocorria.

- Tenho ido à minha casa, mas minha mulher e meus filhos não me vêem nem me ouvem. Faz dias que não me afasto do seu lado, e você se empenha em não falar-me. O que é que ocorre?

Procuramos acalmá-lo, e conseguimos por fim fazê-lo compreender que ele havia “morrido” para o mundo; explicamos a forma em que havia se suicidado e perguntamos a razão que o havia movido a cometer tal ato.

- Não tirei a minha vida. Fui ao clube e estive falando com uns amigos, mas ignoro o que me ocorreu depois. A primeira lembrança que conservo é o de meu corpo estendido no solo e um homem (espírito) que me olhava e ria.

Depois de ser instruído de uma maneira mais completa, acerca de seu verdadeiro estado, pediu insistentemente que seu amigo escrevesse à sua esposa e lhe explicasse que não havia morrido realmente.

Na noite do dia 16 o senhor F. voltou a nos visitar, e também o espírito do senhor B. também, muito agitado ainda, e perguntou a seu amigo porque razão não havia escrito à sua mulher, rogando-lhe com grande veemência que o fizesse em seguida.

- Agora sei que ao suicidar, o fiz sob a influência de alguns espíritos maus que queriam se opor a que eu levasse a cabo a compra e venda daquela propriedade. Esses espíritos resolveram me matar a consentir que se realizasse a operação. Faça o favor de informar minha mulher e aconselhe todo mundo para que sejam mais prudentes.

Estava sendo realizado em Waukegan, Illinois, o processo de um rapaz muito jovem, a quem acusavam de haver assassinado Marion Lambert, uma moça que ia ao colégio, quando o espírito da jovem assassinada foi trazido até nós, e a senhora Wickland caiu em transe.

O espírito chorava desconsoladamente e sem poder se dominar. Não houve maneira de fazê-lo falar nos primeiros momentos, porém bruscamente gritou:

- Fui eu mesma que fiz! Fui eu mesma que fiz! Ninguém pode me socorrer agora. Eu queria falar a todos e que todos me compreendessem. Mas não me fariam caso. Estou nas trevas e só posso ver meu passado e todas as loucuras que cometi. Fui uma jovem amalucada.

- Como você se chama?

- Marion Lambert.

- Onde você acredita que se encontra agora?

- Não sei. Não conheço ninguém dos que estão aqui. (Voltando a chorar.) Falavam do inferno, mas o inferno é preferível ao que estou passando por causa de minhas loucuras. O que não daria para sair deste tormento! Fui eu mesma quem acabou com minha vida. Não tive intenção de me matar: só pretendia tomar uma pequena dose de cianureto de potássio para assustá-lo. E agora o culpam pela minha morte! O que é que poderia fazer para que compreendessem que ele não é culpado? Mas, faça o que faça, não me acreditarão. Tenho falado com diferentes pessoas que se encontram nos tribunais, mas não me vêem, nem querem escutar o que digo. Não sei o que fazer, porque tudo o que me ocorre é muito estranho. Queria poder dizer às pessoas do tribunal que não estou morta, que ainda estou viva. Porém, por que não me escutam? É tal a minha angústia que não sei o que fazer. Se tivesse tido um pouco mais de cabeça não teria feito jamais o que fiz; mas é inútil o quanto fale agora, porque é demasiado tarde. Queria estar dentro do meu corpo. Estudei muito, mas de nada me serviu, porque era uma jovem aloucada. Agora estou sofrendo por isso. Não vejo mais que trevas e não sei como sair desta situação difícil.

O espírito encontrava-se num estado tal de histerismo, que ficou difícil fazer-lo compreender que a melhor maneira de ser útil consistia em não aparecer nos tribunais, e em seguir com as inteligências amigas ao mundo espiritual, para aprender ali as finalidades supremas da vida.

Em julho de 1919, o grande público norte-americano seguia com extraordinário interesse as circunstâncias do crime cometido em Los Angeles. Acusavam Harry New de haver assassinado sua namorada Freda Lesser.

A tragédia havia tido lugar no dia 4 de julho, em Topanga, Cayon, lugar em que Freda e seu namorado teriam ido ao entardecer. Havia ouvido um disparo de arma de fogo vindo do morro, e esse disparo resultou na morte da jovem. Harry New foi detido sob suspeita do assassinato. Como a jovem estava grávida, a acusação baseou-se neste fato para explicar os motivos do crime. Os jurados reconheceram Harry New como culpado do assassinato em segundo grau e o sentenciou a dez anos de prisão em San Quintin.

Enquanto transcorriam as vistas do processo, realizamos uma experiência que pudesse lançar nova luz no assunto, se o tribunal a tivesse aceitado como prova válida.

*Experiência realizada no dia 7 de janeiro de 1920.*

*Espírito: Freda Lesser. – Intermediário Psíquico: Senhora Wickland.*

O espírito que havia se apossado da médium chorava desconsoladamente e parecia desconcertado.

*Médico: - O que lhe ocorre?*

*Espírito: - Sinto-me muito mal.*

*Médico: - Mas qual é o seu mal.*

*Espírito: - Não é um, mas muitos.*

*Médico: - Talvez possamos lhe aliviar.*

*Espírito: - Isso é impossível. Como me encontro mal! (Soluçando.)*

*Médico:* - Quanto tempo faz que você morreu?

*Espírito:* - Eu não morri. Estou enferma e abatida.

*Médico:* - E qual é a causa de seu abatimento?

*Espírito:* - Minha leviandade.

*Médico:* - O que é que você fez?

*Espírito:* - Muitas tolices.

*Médico:* - Diga-nos concretamente quais são essas tolices. Você tem sido feliz?

*Espírito:* - Não, não tenho sido feliz. (Retorcendo as mãos com angústia.) Oxalá que não tivesse sido tão amalucada!

*Médico:* - Tem lhe ocorrido algo em particular?

*Espírito:* - Sim, o mais grave.

*Médico:* - Como você se chama? John talvez?

*Espírito:* - Não sou homem. Quanta gente! Que multidão! E ninguém me escuta quando quero explicar-lhes o ocorrido!

*Médico:* - Qual é o seu nome?

*Espírito:* - Sinto-me tão mal que não consigo pensar. Oh, Harry, Harry! Não foi culpa sua. O que essas pessoas pretendem fazer consigo? Ele não tem culpa de nada; foi tudo idiotice minha.

*Médico:* - O que é que você fez?

*Espírito:* - Travei luta com ele. Apoderei-me do revólver e quis dar um susto em Harry. Agora fui vê-lo, mas não sei o que fazer.

*Médico:* - E por que você pegou o revólver?

*Espírito:* - Eu quis assustá-lo.

*Médico:* - Fez disparou o revólver?

*Espírito:* - Harry quis retirá-lo e então disparou. Sinto-me tão mal. Harry não quer falar-me, e logo veio toda essa gente molestá-lo. Harry não tem culpa de nada; foi uma insensatez minha. É um bom moço, mas eu quis assustá-lo. Onde estou agora?

*Médico:* - Você está em Highland Park, Los Angeles.

*Espírito:* - Por que vim aqui?

*Médico:* - Algum bom amigo a trouxe.

*Espírito:* - Para quê? Eu fui ver o Harry.

*Médico:* - Refere-se a Harry New?

*Espírito:* - Naturalmente.

*Médico:* - Você tem algum interesse por ele?

*Espírito:* - Interesse-me por ele agora muito mais do que nunca, porque não posso aproximar-me dele. Harry não fez o disparo. Eu lhe disse que ia suicidar, fui e peguei o revólver. Não foi ele que o pegou, e sim eu mesma que me apoderei dele, pegando-o no automóvel. O fiz sem intenção de suicidar-me. Queria unicamente assustá-lo. Foi uma tolice minha, uma grande tolice!

*Médico:* - Como você se chama?

*Espírito:* - Freda, Freda Lasser.

*Médico:* - Você se deu conta de que já perdeu seu corpo?

*Espírito:* - Não me dou conta de nada; unicamente percebo que quando me aproximo de minha mãe, de Harry e de todos os demais, ninguém me dá atenção. Quero explicar como ocorreram as coisas, mas ninguém me escuta, ninguém presta atenção. Estou extremamente aflita e não sei porque as pessoas não me ouvem quando falo. Isso me faz muito desgraçada.

*Médico:* - Essas pessoas de que você fala não a vêem. Você é invisível para elas.

*Espírito:* - E pensar que esse pobre rapaz está sofrendo as conseqüências de minha tolice! Vocês não sabem qual é o meu estado. Ninguém quer prestar atenção ao que eu digo.

*Médico:* - Volto a dizer-lhe que você é invisível para nós, que não podemos vê-la.

*Espírito:* - E por que não podem me ver? (Começando outra vez a chorar e retorcendo as mãos.) Que moça insensata tenho sido!

*Médico:* - O que você deve fazer é adquirir domínio de si mesma. Você foi trazida aqui por espíritos bondosos, que lhe permitiram apoderar-se do corpo de minha esposa e servir-se de seus órgãos por um breve espaço de tempo. Você só pode usar temporariamente este corpo.

*Espírito:* - E por que vocês não dizem a todos esses senhores que o ocorrido foi em conseqüência de uma estupidez minha?

*Médico:* - Se eu dissesse, não acreditariam.

*Espírito:* - E o que é que você lhes diria?

*Médico:* - Que um espírito veio nos visitar e que conversou conosco. Não se dá conta de que ao disparar o revólver, você perdeu seu corpo?

*Espírito:* - Cri que unicamente havia produzido em mim uma ferida. Não compreendo como pude morrer, porque quando uma pessoa morre já não sofre mais, e eu não deixei de sofrer.

*Médico:* - Ninguém morre em realidade; só perdemos nosso corpo. Os sofrimentos que você experimenta são de ordem mental.

*Espírito:* - Mas minha cabeça dói horrivelmente.

*Médico:* - É também um sofrimento de ordem mental.

*Espírito:* - E porque Harry não pode falar comigo?

*Médico:* - Ignora que você se encontra a seu lado; não pode lhe ver.

*Espírito:* - Tenho ido várias vezes aonde ele se encontra e lhe disse que tudo foi devido a uma estupidez minha. Se eu tivesse o poder de mudar as coisas! Peguei aquele revólver e disse que ia me matar, mas só pensava em lhe dar um susto. Quando viu em minhas mãos o revólver, forçou para retirá-lo. Mas eu não pretendia me matar; só tentava fazer graça. Eu o amo e ele me ama. Harry ignorava como o revólver havia chegado em minhas mãos. Eu o tinha no automóvel. Apoderei-me dele e o deixei escondido um tempo; logo o saquei para dizer que ia suicidar.

*Médico:* - Você pensava em se casar com ele?

*Espírito:* - Sim, pensara.



*Médico:* - Esse jovem lhe interessava realmente para casar?

*Espírito:* - Certamente. Nunca brigamos. Só pretendia assustá-lo; você sabe que às vezes nós, moças, somos imprudentes. Queria ver se realmente ele se importava comigo. (Soluçando.)

*Médico:* - Lembre-se que você está se servindo do corpo e do cérebro de minha mulher e procure se acalmar. Dirija a vista ao seu redor e verá alguns espíritos amigos que a socorrerão.

*Espírito:* - Já não há alívio para mim, porque sou muito desgraçada.

*Médico:* - Quando você se retirar daqui, a levarão ao mundo espiritual. Você ainda não o encontrou devido a sua aflição e ao transtorno de seu espírito.

*Espírito:* - Mas quero explicar a todas as pessoas como ocorreram as coisas. E eles não me ouvem nem me vêem. Aproximo-me de Harry, e como em certas ocasiões ele me percebe muito próxima, imagina que está louco.

*Médico:* - Você agora é um espírito livre, e seu dever é escutar os espíritos amigos que se encontram aqui. Eles lhe ensinarão a maneira de chegar ao conhecimento e a dominar todos os pesares.

*Espírito:* - Mas não matarão Harry por causa de uma infantilidade minha?

*Médico:* - Creio ser muito difícil.

*Espírito:* - Pobre rapaz, Pobre rapaz! Sinto por ele e por sua mãe. Os dois choram sem parar.

*Médico:* - Dirija sua vista ao seu redor e veja se não há alguns amigos que querem prestar-lhe ajuda.

*Espírito:* - Vejo aqui uma jovem (espírito) que me diz que encontrou aqui remédio para seus males e que por isso me trouxe. Diz que ela passou pelo mesmo conflito que eu, mas que recebeu socorro, e que agora é feliz e que quer por sua vez me socorrer. Diz que ela foi tão amalucada como eu, que tomou veneno para assustar seu amigo e se matou.

*Médico:* - Esta jovem lhe disse seu nome?

*Espírito:* - Diz que tem andado ao meu redor porque se dedica a realizar obras de apostolado e a prestar ajuda às jovens que se encontram como no meu caso.

*Médico:* - E seu aspecto é de uma mulher que sofre?

*Espírito:* - Não; parece feliz. Diz que ela se aproxima de jovens infelizes que se encontram no mesmo estado em que se encontrava quando passou à vida espiritual. (Soluçando.)

*Médico:* - Não se excite assim. Você não se dá conta do privilégio oferecido ao lhe permitirem apossar de um ser humano com o objetivo de abrir os olhos à verdade. São muitos os que permanecem anos e anos nesse estado de atordoamento.

*Espírito:* - Esta jovem que se encontra ao meu lado diz que vocês a socorreram quando se encontrava na mesma situação em que me encontro agora.

*Médico:* - Qual é seu nome?

*Espírito:* - Diz que se chama Marion Lambert.

*Médico:* - Procure compreender que você está se servindo do corpo de um intermediário psíquico, mas isso é temporário. Não deve, pois, abusar do mesmo excitando-se em excesso. Essa jovem que você vê agora veio a nós faz alguns anos, no momento em que se encontrava tão aflita como você. Agora, em troca, afirma que é feliz e que está fazendo trabalho de apostolado.

*Espírito:* - Poderei ser feliz alguma vez?

*Médico:* - Naturalmente. Esta aflição em que você se encontra é unicamente passageira. Ninguém “morre”. O único que perdemos é o corpo físico. O espírito não pode morrer.

*Espírito:* - Ignorava tudo isso. É a primeira vez que ouço falar dos espíritos.

*Médico:* - Se alguém houvesse lhe falado dos espíritos durante sua vida terrena, é possível que essa idéia a tivesse feito rir.

*Espírito:* - A jovem diz que me tomará sob seus cuidados; quer que eu descanse. Realmente, estou cansadíssima. Diz que devo ir com ela, antes agradecendo a vocês pela oportunidade que proporcionaram a minha vinda aqui. Voltarei a sofrer esses acessos de pranto?

*Médico:* - Não; você aprenderá a verdadeira lição da vida. A vida física é passageira. Todos experimentamos durante a mesma sofrimentos de uma classe e de outra; mas os sofrimentos nos ensinam a sermos mais prudentes.

*Espírito:* - (Olha fixamente, com o rosto iluminado, a algum espírito e move em seguida negativamente a cabeça.) Não, não pode ser! (Soluçando.)

*Médico:* - O que é que você vê?

*Espírito:* - Quando tudo isso aconteceu eu esperava ser mãe, e agora vem ao meu encontro uma menina que traz em suas mãos um bebê e afirma que é o meu. Isso é possível?

*Médico:* - Claro que sim.

*Espírito:* - Mas não sou digna. Olhar-me-ão com desprezo.

*Médico:* - Você não permanecerá mais na Terra.

*Espírito:* - Sinto-me muito mais feliz que quando vim. Quando o bebê chegou?

*Médico:* - Seu espírito também se libertou ao perder seu corpo.

*Espírito:* - Não posso compreender como ocorreu.

*Médico:* - Ocorrem muitas coisas que você não pode compreender, porque não conhece ainda o maravilhoso mistério da vida.

*Espírito:* - Matei também o meu bebê quando o revólver disparou?

*Médico:* - Quando seu corpo morreu o espírito do pequeno se viu livre. Saiba que ainda que você nos fale, nós não podemos vê-la. As realidades da vida são invisíveis. Você já viu alguma vez a música?

*Espírito:* - Não, mas já a ouvi. Neste momento estou ouvindo uma música sublime.

*Médico:* - É que você começa a compreender as realidades da vida.

*Espírito:* - Também veio aqui outra formosa senhora de cabelo branco, e diz que ela será por agora minha mãe e que cuidará de mim. Diz que pertence ao Grupo da Misericórdia.

*Médico:* - Esse grupo de espíritos que se chama Turma da Misericórdia se propôs a fazer o mundo conhecer que não existe em realidade a morte. Já há muitos anos vimos cooperando com esses espíritos, prestando ajuda aos que se encontram entre trevas e dores.

*Espírito:* - É uma senhora muito formosa. Não é a mesma que nos falou em princípio, nem tampouco a que veio com o bebê. Esta diz que se chama senhora Case.

*Médico:* - É uma pessoa que se interessou grandemente por nossos trabalhos enquanto esteve na Terra.

*Espírito:* - A outra diz que cuidará de minha criança, porque se dedica a estas ocupações. Afirma chamar-se Abbie Judson, e cuida das crianças sem pais. Diz que enquanto esteve na Terra foi uma espírita fervorosa e que se dedicou a escrever. Que pena me dá o pobre Harry! Perdoar-me-á?

*Médico:* - Conhece todos os detalhes do sucedido e seguramente lhe perdoará.

*Espírito:* - Diga-me, posso ir com estes espíritos? Você crê que não chorarei mais? Tenho chorado tanto, que meus olhos doem.

*Médico:* - Os espíritos amigos iluminarão sua inteligência, lhe adestrarão nas lições da vida e você será feliz.

A morte de Olive T., uma conhecida artista do cinema mudo, deve ser inegavelmente atribuída às influências dos espíritos.

Os jornais deram a notícia de que Olive T. havia se suicidado em Paris, numa noite de outono do ano de 1920. Sua grande amiga Anna D. faleceria também seis dias mais tarde.

Pouco depois ocorreu-nos o seguinte:

*Experiência realizada no dia 22 de setembro de 1920.*

*Espírito: Olive T. – Intermediário Psíquico: Senhora Wickland.*

O espírito sentia-se dominado por penosas contorções e chorava lastimosamente.

*Médico: - Quem é você, amigo? Vamos, diga-nos quem é. Diga-nos o que é que causa essas dores e porque chora. Saiba que lhe trouxeram aqui para prestarmos-lhe socorro.*

*Espírito: - Olhem! Olhem!*

*Médico: - O que é que você vê?*

*Espírito: - Olhem! Que cara mais horrível! (Refere-se a algum ser invisível.)*

*Médico: - Sabe onde se encontra? Você está na Califórnia.*

*Espírito: - Socorro, socorro!*

*Médico: - Modere-se.*

*Espírito: - Dêem-me algo para beber... Champanhe, dêem-me champanhe.*

*Médico: - Você é atualmente um espírito e para nada lhe servirá daqui em diante a champanhe. Você perdeu seu corpo e encontra-se atualmente na Califórnia.*

*Espírito: - (Retorcendo-se, com o rosto deslocado e uma expressão de intensa dor.) Olhem! Olhem! Socorro!*

*Médico:* - Procure compreender isto: você já perdeu seu corpo e agora está controlando o corpo de minha esposa, que é uma médium psíquica. Certos espíritos inteligentes a trouxeram aqui a fim de que possamos socorrê-la. Você só poderá permanecer aqui por uns breves momentos.

*Espírito:* - Dêem-me algo para beber!

*Médico:* - Quem é você? Como se chama? Não temos nenhuma bebida aqui, e tampouco daríamos ainda que a tivéssemos. Vejamos se consegue compreender seu estado.

*Espírito:* - Tirem-me daqui!

*Médico:* - De onde quer que a retiremos? Procure moderar-se e os espíritos inteligentes lhe ajudarão e a conduzirão a um grau maior de compreensão.

*Espírito:* - (Com grande excitação.) Dêem-me algum champanhe!

*Médico:* - Você não deve se comportar tão arrebatadamente. Compreenda que agora você não é mais do que um espírito. Minha esposa é um intermediário psíquico, e consente que certos espíritos como você se apossam dela a fim de que possamos prestar ajuda. Você não se dá conta de que se encontra em um estado anômalo?

*Espírito:* - Não me importa isso.

*Médico:* - Não ganhará nada procedendo dessa maneira. Excitando-se, aumentará suas penas.

*Espírito:* - (Queixando-se de uma grande dor.) Que me dêem champanhe, que me dêem champanhe agora!

*Médico:* - Já não voltará a beber; já passou para você o tempo do champanhe; sua vida terrena terminou. Vejamos se consegue se dar conta de seu verdadeiro estado. Os espíritos inteligentes a ajudarão e a conduzirão a uma vida espiritual superior.

*Espírito:* - Dêem-me um cigarro!

*Médico:* - Os cigarros acabaram. Diga-nos quem é você e qual é sua situação. Sua única salvação apóia-se agora em que chegue a compreender seu verdadeiro estado; assim é chegará a progredir na vida do espírito. De onde você veio? Não lhe é mais possível satisfazer seus apetites terrenos. Conte-nos suas dificuldades. Você sabia que se encontra em Los Angeles, Califórnia?

*Espírito:* - (Dando mostras de grande excitação e apontando com o dedo.) Olhem esse homem que está mais acima! (Um espírito.) Que horrível!, que horrível! Me deixa aterrada! Não deixem que se aproxime de mim! Tem o aspecto terrível. Não deixem que me toque!

*Médico:* - Preste atenção em nós; somos amigos. Sabemos da situação em que você se encontra. Diga-nos quem é você.

*Espírito:* - Não posso dizer agora, porque tenho medo. Tenho tanto medo desse homem! Persegue-me e não se afasta de mim um só instante. Que lugar é este em que me encontro?

*Médico:* - É um círculo psíquico onde nos dedicamos a prestar ajuda aos espíritos que se encontram nas trevas e perdidos na ignorância. Também poderemos ajudar você, sob condição de que se acalme um pouco e procure conservar a tranqüilidade.



*Espírito:* - Esse homem que está aí faz uns gestos horríveis que me causam terror.

*Médico:* - Procure moderar-se e então nossas forças espirituais poderão ajudar.

*Espírito:* - Não compreendo o que diz.

*Médico:* - Você é um espírito, e esse homem que vê também é um espírito. Você já pediu seu corpo físico, e o que agora tem é um corpo espiritual.

*Espírito:* - Não consigo compreender o que quer dizer. Encontro-me aterrada.

*Médico:* - Não tem porque temer. Escute-nos. Nossas forças espirituais virão em seu socorro se você permanecer tranqüila.

*Espírito:* - (Recobrando rapidamente o ânimo, à vista de algum ser invisível.) Anna! É Anna D.! De onde você saiu? Também ela está assustada com esse homem. Agora se dirige para Anna! Não deixem que a toque!

*Médico:* - Diga-nos quem é você e então poderemos ajudá-la com maior facilidade.

*Espírito:* - Sou Olive T.

*Médico:* - Sendo assim, direi que você faleceu um pouco antes que Anna D. Pelo visto, nenhuma das duas se deu conta que já perderam seus corpos físicos. Também ela necessita auxílio.

*Espírito:* - Mas ela não morreu.

*Médico:* - Ela, como você, não se dá conta de que já saiu de seu corpo mortal.

*Espírito:* - Anna, como foi que veio aqui?

*Médico:* - Você e ela são espíritos e só poderão permanecer aqui um curto espaço de tempo. Não se dão conta de que saíram de seus corpos e que lhes ocorreu algo estranho? (A Olive T.) Você se encontrava em Paris e agora se encontra na Califórnia.

*Espírito:* - Na Califórnia! Faça o favor de dizer quem é essa amável senhora que vejo ali. (Um espírito.)

*Médico:* - Trata-se provavelmente de algum espírito que a trouxe aqui para que lhe prestássemos socorro. Pergunte você mesma quem é.

*Espírito:* - Mas é Anna D.!

*Médico:* - Dedicar-se a servir e ajudar as pessoas que se encontram em dificuldades.

*Espírito:* - (Soluçando.) Já não vejo nada! O que é que me ocorre? Onde estou?

*Médico:* - Em Los Angeles, Califórnia.

*Espírito:* - Sim, mas não estou com minha gente. Onde se encontram meus amigos?

*Médico:* - Segundo os informes que conheço, você se encontrava em Paris, e uma noite, depois de haver saído, regressou ao seu apartamento em seguida, e se suicidou.

*Espírito:* - Aí está o indivíduo que me obrigou a fazê-lo; é o mesmo que se encontra aí, me fazendo caretas horríveis. (Um espírito.)

*Médico:* - Daqui em diante já não poderá molestá-la mais.

*Espírito:* - Diz que foi ele mesmo que me levou ao lugar em que me encontrava antes. (Chorando.) Por que faz isso? Deixava-me tão nervosa, que não podia conciliar o sono por causa desse indivíduo; molestava-me continuamente.

*Médico:* - Com toda certeza você era uma médium psíquica.

*Espírito:* - Não deixem que se aproxime de mim! Tenho sofrido tanto por sua culpa! Ninguém pode imaginar o que tenho sofrido. Ninguém era capaz de compreender minhas mudanças de gênio.

*Médico:* - E como iam entendê-la se ignoravam por completo a existência dos espíritos? Você se encontrava obsedada, e são poucas as pessoas que sabem o que isto significa.

*Espírito:* - Sinto-me muito enferma, mas rogo que não me deixem morrer.

*Médico:* - Ninguém morre jamais; o único que perdemos é o corpo físico. Você já perdeu seu corpo físico, e de agora em diante começou a viver no mundo espiritual.

*Espírito:* - Diga-me, Anna, o que faz aqui?

*Médico:* - Ela sabe que já faleceu?

*Espírito:* - (Com grande excitação e começando a chorar aterrorizada.) Esse indivíduo que está aí foi a causa de sua morte... Ele mesmo disse!

*Médico:* - Advirto que está se servindo do corpo de minha mulher e deve sossegar-se. Anna H. conduziu você aqui para que lhe ajudássemos.

*Espírito:* - Ela não tem nenhum interesse em mim.

*Médico:* - Preste atenção ao que ela lhe diz; fique tranqüila e sossegada. Se permanecer tranqüila, poderemos ajudá-la. Ademais, você deve ter alguma consideração com o sistema nervoso de minha esposa. Ela permite que certos espíritos com você se apossam de seu corpo; não deve, pois, abusar. Considere o que Anna H. lhe diz.

*Espírito:* - Anna H. me diz que agora se dedica em socorrer aos que se encontram nas trevas por culpa de suas frivolidades, de seu egoísmo e do abuso do dinheiro. Põe todo seu empenho em cumprir com seus encargos. (Voltando a chorar.) Se eu tivesse sabido todas essas coisas!

*Médico:* - Quando você se encontrava em vida não teria feito caso de quem lhe houvesse falado dos espíritos.

*Espírito:* - Não compreendo o que quer dizer.

*Médico:* - Quero dizer que você perdeu seu corpo físico e que agora está servindo-se do corpo de minha esposa. Nós estamos falando com você, mas não podemos vê-la.

*Espírito:* - Onde estou?

*Médico:* - Você está neste momento em Highland Park, Los Angeles.

*Espírito:* - Não consigo compreender estas coisas. Anna D., Anna D.! Como veio aqui? Também você se encontra em Paris?

*Médico:* - O que é que responde?

*Espírito:* - Diz que não compreende nada do que lhe passa.

*Médico:* - Ela também é um espírito, mas não se dá conta que tudo está diferente.

*Espírito:* - Foi Anna H. que a trouxe aqui e diz que progride ajudando aos demais.

*Médico:* - Faz dois anos que teve oportunidade de apossar deste intermediário psíquico.

*Espírito:* - Diz que nos tomará sob seus cuidados e que poderei dormir e descansar. Irei com ela e me levará com Anna D., e é por isso que nos uniu. Ela diz que também minha amiga necessita de ajuda.

*Médico:* - Você encontrará muitos espíritos inteligentes que estarão desejosos em ajudá-las.

*Espírito:* - Então esse indivíduo horrível já não poderá me molestar? Ele deixa Anna D. e eu muito assustadas.

*Médico:* - Esse homem também é um espírito. Não lhes molestará mais.

*Espírito:* - Cheguei a ficar muito mal, porque não podia dormir.

*Médico:* - Pelo que você diz, suponho que foi esse espírito que a induziu a fazer o que fez.

*Espírito:* - É isso mesmo.

*Médico:* - Vá, pois, com Anna H.; ela e os demais lhe ajudarão.

*Espírito:* - Diz que posso ir e dormir e descansar. Agora vejo muita gente desconhecida para mim. (Espíritos.) Estou cansada e quero repousar.

Sinto-me como se não tivesse dormido durante anos, ainda que suponha que só haja transcorrido muito pouco tempo. Vou com Anna H. Adeus.

Pouco tempo depois do falecimento de Virginia R., estrela de cinema que morreu em São Francisco, seu espírito veio nos visitar acompanhado por Olive T., que foi trazido ao nosso círculo com o objetivo de que o despertássemos. Depois disso feito, Olive T. falou por intermédio do intermediário psíquico.

*Experiência realizada no dia 19 de abril de 1922.*

*Espírito: Olive T. – Intermediário Psíquico: Senhora Wickland.*

Sinto-me obrigada a vir para agradecer por toda a felicidade que me foi concedida desde que estive aqui.

Deveriam ensinar durante nossa infância qual é o verdadeiro sentido da vida, abrindo-nos os olhos à realidade. Deveria ser apresentada essa realidade nos cinemas. Se projetassem filmes da verdadeira realidade, do verdadeiro conhecimento; se ensinassem às pessoas que não existe a morte, instruindo sobre a beleza que espera neste lado da vida todos os que a mereçam, o mundo seria muito diferente, porque saberiam como é a verdadeira vida.

Vivi em um ambiente de aparência, no qual esforçávamos para divertir a humanidade.

Dá-me pena as jovens que se entregam por completo à vida dos passatempos. Imaginam que estão bem, e isso é certo, porém durante algum tempo. Há sempre uma vozinha, a da consciência, que vem nos admoestar, por mais que a façamos calar-se. Se pudesse falar destas coisas às jovens! Digam a todas o quão louca é a vida que levam!

Vícios extremamente danosos para a humanidade são o hábito da bebida e o da morfina. Tal como as coisas estão hoje, esses dois vícios estão consumindo e desgraçando os jovens de ambos os sexos. A gente condena a bebida e a morfina; mas, o quê conseguimos com isso? Arrastar a juventude para o abismo, porque basta que a lei proíba uma coisa para que a desejemos e a procuremos de um modo ou de outro. E quanto mais rigorosa é a proibição, mais prazer nos causa.

Ocorre também outra coisa. Vocês já sabem que o pensamento de milhares de milhões de espíritos se concentra no uísque e em outras bebidas alcoólicas. As pessoas de grande vontade concentram seus pensamentos na bebida e a condenam, e quando as pessoas sensíveis obtêm alguma bebida alcoólica e a consomem, se vêem loucas. Ficam loucas porque absorvem todos os pensamentos que se concentram na bebida. E vão caindo cada vez mais baixo.

O homem deveria, vivendo, aprender as admiráveis manifestações da divindade. Deus é a vida para todos, porém o homem é o demônio. Quando digo o homem, refiro-me a toda a humanidade.

Deus nos dotou de uma vontade livre, e nós abusamos dela. Deveriam ensinar às pessoas os verdadeiros ensinamentos do Cristo. Costumam dizer: “Cristo não fez certa quantidade de vinho? E não o dividiu entre o povo?” Dizem isso, mas não compreendem que o que Ele repartiu foi o vinho da Vida. Cristo falou do espiritual. A maioria das pessoas crê que se referiu ao material.

Há que se compreender Deus corretamente. Não devemos deixar nos dominar pelo temor a Deus. Não é um homem sentado em um trono, e sim é Espírito de toda a Vida. Tudo o que há em nosso redor faz parte da Vida Divina. Há nela um lugar para o mal, como para o bem. Só à força de

experiências dolorosas aprendemos as lições da vida, ganhamos em conhecimento e nos inteiramos da vida eterna que nos espera.

Só depois de ter passado por grandes sofrimentos, consegui minha salvação no mundo espiritual e cheguei ao conhecimento da verdade. Depois de haver passado pelo fogo da consciência, cheguei à purificação.

Experimentei um grande desejo de encontrar a verdade, e depois de encontrá-la, todas as minhas dúvidas desapareceram. Desejava a paz e a harmonia, e então estive em disposição para alcançá-las. Depois que minha alma passou pelo fogo purificador de minha consciência, encontrei Deus dentro de mim mesma, não fora.

Encontrem Deus e se dêem por satisfeitos. Aprendam a julgar vocês mesmos antes de julgar aos demais, e então se guardarão de julgar alguém. Sejamos amigos de todos, façamos o bem a todos e sempre que pudermos. Conquistemos a nós mesmos.

Sempre que o seu eu despertar dentro de vocês para atormentá-los e para fazer que se entreguem à ira, à bebida e a todos os demais vícios, digam a vocês mesmos que não estão desgostosos, que não querem se deixar dominar pela paixão. E em lugar de começar a falar mal dos outros, levanta-os e dê meia volta, e verão como a ira se dissipa, porque se abstiveram de dizer o que haviam pensado. Muitas vezes conseguirão, desta maneira, viver em harmonia.

Quando nos encontramos irritados, dizemos coisas das quais nos arrependemos logo; mas às vezes é impossível esquecê-las. Quando me matei estava em um desses arrebatamentos de ira. E o que é que fiz? Matei-me. Não tinha intenção de fazer tal coisa, mas o fiz porque estava furiosa. Dominem-



se antes que seja tarde. Dominem seus impulsos antes que as coisas tenham ido longe demais.

Dominemo-nos, e quando a ira se apoderar de nós, digamos: “Para trás, Satanás!” E damos meia volta, com o que lançaremos longe de nós e fecharemos a porta a qualquer espírito que tenha de nós se apoderado. Se tivesse dado meia volta não teria feito o que fiz.

A senhora R. era uma nossa paciente que se encontrava acometida de fortes desejos suicidas. Não comia nem bebia e arrancava constantemente os cabelos da cabeça, tendo se reduzido em uma sombra. Afirmava que havia assassinado quinhentas pessoas e seu único pensamento era o de pôr fim em sua própria vida. Como não havia esperanças de que se restabelecesse, tiveram que colocá-la em um sanatório, onde esteve confinada durante três anos em um quarto fechado.

Quando a deixaram sob nossos cuidados, tentou várias vezes matar-se. Entretanto, ao término de algumas semanas, conseguimos libertá-la do espírito tenebroso de um suicida, e desde aquele momento cessaram os acessos e impulsos suicidas.

A senhora R. permaneceu conosco durante algum tempo e foi ganhando rapidamente peso, força e saúde, até recuperar seu estado completamente normal. Então retornou ao lado de sua família e retomou suas ocupações normais.

*Experiência realizada no dia 22 de fevereiro de 1919.*

*Espírito:* Ralph Stevenson. – *Enferma:* Senhora R. – *Intermediário Psíquico:* Senhora Wickland.

*Médico:* - De onde você veio?

*Espírito:* - Andava errando por aí, vi uma luz e entrei.

*Médico:* - Poderia dizer que é você?

*Espírito:* - Não, porque não sei.

*Médico:* - Você não pode recordar de seu próprio nome?

*Espírito:* - Parece-me que não sou capaz de recordar de nada. O que é que eu tenho na cabeça? Dói muito.

*Médico:* - E o que você pode ter na cabeça?

*Espírito:* - Tenho muita dificuldade em concentrar os pensamentos. O que é que faço aqui? Quem é você?

*Médico:* - Chamam-me de Doutor Wickland.

*Espírito:* - E em que você é Doutor?

*Médico:* - Em Medicina. Como você se chama?

*Espírito:* - Como me chamo? Pode parecer estranho, mas o certo é que não recordo.

*Médico:* - Quanto tempo faz que você morreu?

*Espírito:* - Morrer, diz? Mas eu não. O que mais haveria de querer!

*Médico:* - Sua vida lhe é tão desagradável?

*Espírito:* - Sim. Se estou morto, creia que é muito difícil o morrer. Mil vezes tenho tentado me matar, mas a cada vez que o faço parece que volto a renascer. Por que será que não posso morrer?

*Médico:* - Porque em realidade a morte não existe.

*Espírito:* - Como não existe!

*Médico:* - E como você sabe que a morte existe?

*Espírito:* - Eu não sei nada de nada. (Com grande angústia.) Quero morrer! Quero morrer! A vida é uma coisa sombria e escura. Quisera morrer, morrer e esquecer... Esquecer. Porque não hei de poder morrer? Às vezes parece que já estou morto, mas prontamente me encontro com vida outra vez. Quisera esquecer todos os meus pesares e todas as minhas angústias. Aonde irei para que possa morrer? Às vezes me vejo sujeitado em alguns lugares (auras), mas sempre voltam a me lançar outra vez na escuridão, e vou de um lugar a outro. Não posso encontrar um lar para mim e tampouco morrer. Por quê? Quem poderá esquecer, ainda que fosse só durante um momento! Se pudesse me ver livre de meus pensamentos e destas trevas! Por que não posso morrer?

*Médico:* - Você está no mau caminho, meu amigo.

*Espírito:* - Onde encontrarei então o bom caminho?

*Médico:* - Dentro de você mesmo.

*Espírito:* - Houve um tempo em que eu acreditava em Deus, e houve um tempo em que acreditava nos céus e no inferno, mas já não creio nessas coisas. Estou rodeado de escuridão e de trevas, mas minha consciência me acusa. Deixem-me esquecer! Quero esquecer, quero esquecer!

*Médico:* - Você sabia que já perdeu seu corpo físico?

*Espírito:* - Não sei nada.

*Médico:* - Por que se encontra aqui?

*Espírito:* - Vejo todos que estão aqui; não conheço nenhum de vocês, mas ao olhar seus rostos me parecem boas pessoas. Por que me acolheram entre vocês e me dão um pouco de luz e um pouco de felicidade? Faz muitos anos que não conheço nem uma coisa nem outra.

*Médico:* - Qual é a causa de todas as suas penas?

*Espírito:* - É porque não há Deus? Por que há de me deixar nesta escuridão e nestas trevas? Eu era um bom rapaz, mas me fiz... Não posso dizer! Não devo dizer! Não devo! (Dando sinais de grande excitação.)

*Médico:* - Diga a nós tudo o que tem no pensamento.

*Espírito:* - Cometi uma grande maldade. Não poderei alcançar nunca o perdão. Deus não perdoa ninguém como eu! Não, não, não!

*Médico:* - Vamos ver se consegue compreender qual é o seu estado atual. Nós podemos lhe ajudar. Você diz que é um homem.

*Espírito:* - Efetivamente, sou um homem.

*Médico:* - Neste momento você está se servindo do corpo de uma mulher.

*Espírito:* - Não consigo compreender como pude me converter em mulher sem me dar conta, apesar de minhas penas. (Vendo algum ser invisível e dando sinais de enorme agitação.) Não se aproxime de mim, não se aproxime, não se aproxime. Fora! Olhem, olhem! Fora! Não posso suportar essa visão!

*Médico:* - Mas, o que é que você fez?

*Espírito:* - Se eu o disser, a polícia me prenderia. Não posso permanecer aqui mais tempo. Tenho que ir. Tenho que fugir daqui, tenho que fugir. (A enferma senhora R. havia tentado fugir várias vezes.) Perseguem-me, e se fico aqui mais tempo me pegarão. Deixem-me ir! Meus acusadores estão aqui!

*Médico:* - Onde crê que você se encontra?

*Espírito:* - Em Nova York.

*Médico:* - Você se encontra muito longe de Nova York; você está em Los Angeles. Em que ano acha que vivemos? Sabia que estamos em 1919?

*Espírito:* - 1919? Não pode ser.

*Médico:* - Então, segundo você, em que ano estamos?

*Espírito:* - Em 1902.

*Médico:* - De lá para cá transcorreram 17 anos. Você não percebe que já perdeu seu corpo físico? Não existe a morte; só há a transição de uma vida a outra. O único que se perde é o corpo físico. Não estudou nunca os problemas da vida e da morte?

*Espírito:* - Nunca estudei nada. Eu me limitava a ter fé. Meu nome é Ralph, mas não recordo meu sobrenome. Meu pai morreu.

*Médico:* - Nem mais nem menos que você.

*Espírito:* - Eu não estou morto. Oxalá estivesse morto! Queira me tirar daqui e me matar de uma maneira que esteja bem morto? (A senhora R. costumava pedir muitas vezes que a matassem.) Oh, vêm aqui outra vez! Mas não confessarei! Se confessar, me prenderão na cadeia, e já tenho muitas dificuldades sem essa.

*Médico:* - Você se encontra nas trevas por causa de sua ignorância. Confesse e nós o ajudaremos.

*Espírito:* - Não posso confessar. Tentei em outras ocasiões, mas não pude. Meu passado se ergue sobre mim. Não, Alícia, não me acuse!

*Médico:* - Nós podemos ajudar, sob condição de que nos conte suas aflições.

*Espírito:* - Combinamos entre nós que nós dois suicidaríamos, mas não pudemos morrer. Alícia, por que me disse para matá-la? Por quê? Comecei matando-a e logo atentei contra mim. Mas não pude morrer! Oh, Alícia, Alícia!

*Médico:* - É possível que ela tenha compreendido seu verdadeiro estado melhor do que você.

*Espírito:* - Ela me diz: “Ralph, fomos uns loucos.” Vou lhes dizer a verdade, porém sei que quando houver terminado me prenderão. Alícia e eu estávamos comprometidos em casamento, mas seus pais se opunham, porque tinham formada uma má opinião sobre mim. Como nós dois nos queríamos profundamente, decidimos suicidar, e que eu a mataria primeiro e depois me mataria. Assim tentei fazê-lo, mas não consegui pôr fim em minha vida, como vejo que Alícia está aqui, suponho que tampouco a matei. Desde que tentei matá-la, me persegue e me acusa. Estávamos juntos, Alícia e eu, e me repetia: “Vamos, mate-me” Rápido, rápido! Mate-me! Termine! Vamos!” Eu titubeava, porque sentia um grande amor por ela; mas Alícia continuava dizendo: “Vamos, agora!, Rápido!” Eu duvidava ainda, e ela continuava dizendo: “Vamos, dispara! Rápido!” Não conseguia decidir-me, mas ela me disse que haja vista não poderemos voltar para nossas casas e tampouco poderíamos nos casar, não nos restava outro recurso que morrer juntos. Mas

nem ela era capaz de me matar, nem eu me sentia com forças para matá-la. Continuou insistindo em que a matasse. Por fim fechei os olhos e lhe dei um tiro; logo me dei outro e vi que Alícia caía ao solo. A vi caída no chão e me levantei e comecei a correr, e corri sem descanso, e não tenho parado de correr desde então, procurando esquecer, mas sem conseguir. Às vezes Alícia se aproxima de mim, mas lhe digo sempre: “Não; eu sou a causa de sua morte; afaste-se de mim.” Tenho corrido sem descanso para fugir da polícia e de todas as pessoas. Há algum tempo me pareceu ter-me convertido em uma senhora anciã, e durante muito tempo não consegui sair dessa situação. Escapei, mas ao cabo de algum tempo voltei a ser a senhora anciã.

*Médico:* - Naquele momento então você estava seguramente obsediando alguma pessoa.

*Espírito:* - Obsediando? E o que você entende por essa palavra?

*Médico:* - Você não leu o que diz a Bíblia acerca dos espíritos impuros?

*Espírito:* - Sim, eu li. Quando estava convertido naquela senhora anciã, quis morrer, mas não pude. Não conseguia desembaraçar-me daquela anciã que se aferrava em mim. Não podia afastá-la de mim. Não quero mais estar ao redor dessa anciã. (Com grande excitação.) Oh, Alícia, não se aproxime! Quando me encontrava dentro da anciã, senti que umas centelhas agudas me penetravam, parecidas com relâmpagos. Acreditei que, enfim, conseguiria morrer. (A enferma havia dito várias vezes que confiava que o tratamento elétrico a mataria.) Pareciam centelhas e me feriam, mas não conseguiram me matar.

*Médico:* - Tais chispas eram produzidas pela eletricidade estática que nós aplicamos em uma de nossas enfermas, a quem sem dúvida alguma você obsidiava. Essa enferma falava, assim como você, de seus desejos de morrer;

você havia se apoderado de seu corpo e estava destruindo sua vida. A eletricidade expulsou você dela; a enferma sarará, e também a você prestaremos ajuda. Quando se retirar daqui deverá ir com Alícia, que lhe ajudará compreender seu estado atual. Todavia você ainda não conseguiu compreender que já perdeu seu corpo físico e que, no entanto, continua vivo. Alícia é um espírito, nem mais nem menos que você, que é um espírito invisível, que está servindo-se neste momento do corpo de minha esposa. O espírito e a inteligência não morrem jamais.

*Espírito:* - Você crê que conseguirei encontrar a paz? Gostaria de desfrutar pelo menos uma hora de paz.

*Médico:* - Você tem diante de si toda a eternidade.

*Espírito:* - Mas, perdoarão pelo que fiz?

*Médico:* - É suficiente sua confissão e sua dor. Tenha paciência e dê provas de sua boa vontade em aprender e receberá socorro.

*Espírito:* - Minha mãe está aqui! (Espírito.) Mãe! Não sou digno de que me chame de filho! Quero-lhe com todo o meu afeto, mas não sou digno agora de que se aproxime de mim. (Soluçando.) Oh, mãe! Perdoar-me-á? Amo-lhe ainda. Receberá seu filho extraviado e o perdoará? Dar-me-á um pouco de felicidade, ainda que só passageira? Tenho sofrido tanto! Leva-me consigo, se é que possa perdoar-me. Mãe!

*Médico:* - O que sua mãe responde?

*Espírito:* - Minha mãe diz: “Meu filho, meu filho, o amor de uma mãe é mais forte do que tudo. Tenho tentado aproximar-me de você tantas vezes e com tal empenho...; mas você escapava sempre.”



Com isso o primeiro espírito se retirou, e sua mãe falou depois, pela boca da médium.

*Espírito:* Senhora Stevenson.

Aqui estou reunida com meu querido filho. Tenho tentado durante muito tempo pôr-me em contato com ele, sem conseguir. Quantas vezes acreditei estar a ponto de alcançá-lo, mas escapava de mim.

Havia me visto várias vezes, mas tinha medo, porque havia sido educado na falsa crença de que quando morremos tudo se acaba. Por isso as pessoas se assustam com os mortos.

Examinem suas vidas e estudem a vocês mesmos, pois do contrário ocorrerá o mesmo que a meu querido filho. Durante muitos anos tem fugido, procurando escapar de mim e de sua noiva e de todo agente de polícia que encontrava, enquanto esteve na esfera terrestre.

Durante algum tempo estive obsediando uma senhora, e não tinha outro remédio que permanecer dentro de sua aura, porque ignorava a maneira dela sair. Pode dizer que estive no inferno, mas não no inferno de fogo, e sim no inferno da ignorância.

Ocupem-se em estudar as circunstâncias da vida futura, de maneira que possam estar preparados. Preparem-se, mas não pela fé, e sim pelo conhecimento. Não se limitem somente em crer: só com a fé não progredirão em nada. Todos devemos praticar as Regras de Ouro: temos que viver para os demais e servir aos demais. Se assim o fizermos, a felicidade nos espera quando passarmos a este lado da vida.

Agradeço a todos pela ajuda que prestaram a meu filho, e que Deus os premie pela boa obra que estão fazendo.

Adeus.

## CAPÍTULO VIII

### O ALCÔOL, OS NARCÓTICOS, A EMBRIAGUEZ, A AMNÉSIA

Se o hábito de tomar drogas exerce um domínio implacável sobre as vítimas mortais, a força dos narcóticos segue tirânica ainda, mais além do sepulcro. Este desejo encontra-se arraigado na alma, e é impossível descrever as angústias dos espíritos apegados à Terra em suas ânsias vãs para satisfazer sua predileção aos estupefacientes.

Às vezes estes espíritos obtêm uma satisfação parcial servindo-se dos mortais sensíveis às suas influências, e obrigando-os a viciarem-se em alguma droga. Certos espíritos que, inclinados ao vício dos narcóticos, têm vindo às vezes em nosso círculo, dão com grande insistência certos conselhos referentes ao vício pelo qual anteriormente encontravam-se dominados.

Minnie Morgan voltou depois de vinte e cinco anos da primeira conversação que teve conosco, enquanto eu me entregava à dissecação de seu corpo, e nos falou da situação que reinava na esfera terrestre, assim como no mundo mais elevado dos espíritos. Minnie Morgan havia sido uma grande viciada em entorpecentes.

*Experiência realizada no dia 26 de julho de 1922.*

*Espírito:* Minnie Morgan. – *Intermediário Psíquico:* Senhora Wickland.

Sinto-me identificada com vocês, pois ainda que não os conheça, foram vocês que me ajudaram; porque foi, em efeito, uma grande ajuda para mim o fazer-me compreender o verdadeiro sentido da vida.

No mundo dos espíritos conhecemos uns aos outros tal qual somos, não como ocorre na vida terrestre, onde escondemos toda classe de pensamentos.

Andam errante como gado selvagem no campo de batalha, do egoísmo e da inveja. São muito pouco os que têm conhecimento do amor. Ignoram realmente o que é o amor. A maioria das pessoas acredita unicamente que há no firmamento algum lugar aonde irão, depois de morrer.

Enquanto estive em vida, e sempre que me punha a pensar um momento, me dizia que o melhor era se dar um boa vida e no último momento, à beira da morte, lançar meus pecados sobre Jesus e ficar branca como a neve. Com estes pensamentos passei a viver. Dizia: “Por que não levar tudo como os demais? O mesmo destino trará solução a meus problemas.”

Com este pensamento muitas pessoas se dedicam à vida desordenada, pensando que quando chegar o momento não faltará quem reze por elas, podendo assim entrar na Glória dos céus.

Vivi uma vida muito agitada, que qualifiquei de brilhante; mas chegou o momento das adversidades e da dor. Vivi minha vida mundana muito intensamente. Ia de vez em quando à igreja para estar segura de que haveria quem cuidasse de minha alma. Entreguei dinheiro à igreja para estar de bem com ela, e logo voltava a mergulhar nos prazeres do mundo.

Tudo foi bem durante algum tempo. Cada vez que triunfava no mundo, eu sofria física e mentalmente. Tentei afugentar este sofrimento, a fim de seguir vencendo. Caí à beira do caminho; ao cabo de algum tempo meu corpo físico encontrava-se aquebrantado, e só houve para mim enfermidade e dor.

Não aceite de ninguém a menor quantidade de morfina. Uma vez que haja começado a seguir por esse caminho, estará perdido. Não é que a alma se perca definitivamente, mas sim se a perde durante o tempo em que for

escravo dessa droga. Vive-se em constante agonia. Não há sofrimento comparável ao de ansiar pela morfina e não tê-la. É como se todas as fibras do sistema nervoso fossem explodir.

Não poder obter essa droga me deixava louca. Nada mais importava. Por uma dose de morfina teria vendido minha alma. Perdi o respeito próprio, perdi-o todo. Não pensava em mais nada que não fosse a morfina.

Compreendi que já não podia resistir. Queria que me dessem um pouco de morfina, nada mais que um pouco, nada mais que um pouco. (Ao dizer isto parecia que o espírito voltava a passar por todas as angústias que havia sofrido enquanto viveu na Terra. Parecia também que falava para um numeroso auditório de espíritos apegados à Terra, ao mesmo tempo que para o círculo psíquico visível de investigadores.)

Minha morte foi terrível. Meu corpo encontrava-se desfeito, completamente consumido. Logo me operaram (autópsia), mas eu ainda vivia e queria voltar a ele.

Continuaram operando-me, e sentia como se estivessem me fazendo em pedaços (dissecação). Gritei e lutei, porque queria continuar possuindo aquele corpo para poder satisfazer as ânsias de minha alma. Eu era uma chama viva.

Foram retirando todos os nervos; deixaram a descoberto meu coração, depois meu ombro, e desceram até a perna, perfurando, perfurando sempre.

Senti-me acometida por um desespero tal, que comecei a lutar com todas minhas forças e consegui assustá-los, fazendo que deixassem em paz o meu corpo. Nunca mais voltaram a tocá-lo. Eram cinco ou seis homens armados de bisturis, e todos queriam cortar algo.

Porém veio outro, e começou a examinar-me, e se pôs a cortar e a cortar, até que me vi louca. Pensei que se conseguisse apoderar-me dele acertaríamos as contas. Porém não fez caso.

O seguiu, pensando em não deixá-lo em paz; mas prontamente me senti bem (se apoderou do intermediário psíquico). E comecei a lutar com ele com todas as minhas forças.

Grande foi minha surpresa quando este cavalheiro falou comigo (Doutor W.) e pôde me convencer de que havia morrido. Não havia percebido que havia perdido meu corpo, porque em realidade não estava morta.

(Ao Doutor W.) Agora venho lhe agradecer. Foi você que me esclareceu e me fez compreender a existência de uma vida real, mais além da morte. Então compreendi que não podia lançar meus pecados sobre Cristo.

Foi nosso mestre, mas nós devemos viver nossas vidas tal como ele nos ensinou que vivêssemos, e não podemos pensar em jogar sobre ele nossos pecados e nossas dificuldades.

Esta doutrina é falsa. Cristo é a Vida, a Luz e o Caminho. Ele mesmo nos disse: “Eu sou a Luz do Mundo; o que me segue não caminhará nas trevas.”

Muitos outros haviam ensinado antes essa doutrina. Pude ver que existiram no passado muito outros mestres como Cristo. Confúcio foi um deles. Seus ensinamentos são idênticos aos de Cristo.

Eu não teria conseguido a mansão que tenho agora no mundo dos espíritos se não houvesse encontrado contrariedades, e se não me houvessem instruído acerca da verdadeira vida. Eu tinha sido uma grande pecadora; já lhes expliquei minha inclinação pela morfina. Quando meu espírito se afastou

do corpo, continuei com ela. A faculdade de desejar é privativa da alma, não do corpo. O corpo é uma espécie de manto ou vestido com que se cobre a alma. Todos os desejos vitais, todas as faculdades que pertencem à alma nos acompanham ao sepulcro e vão conosco até mais além do mesmo. Que teria sido de mim se não houvesse aprendido a maneira de dominar meus desejos? Teria sido um espírito apegado à Terra e teria acabado por entrar na aura magnética de alguma pessoa sensível, convertendo-a em uma vítima da morfina, a fim de ver satisfeitos assim os meus desejos, ainda que arruinasse desta maneira a vida da pessoa sensível. Haveria permanecido na esfera terrestre durante muitíssimos anos, arruinando, uma depois outra, muitas vidas.

Muitas pessoas têm a honra em condenar determinadas coisas, mas para certas pessoas muito sensíveis esta condenação lhes parecerá muito dura. Há que se condenar o abuso, não o uso. Muitas pessoas se empenham em provar certos prazeres precisamente porque estão proibidos. Dizem a si mesma: “O fruto proibido é o mais saboroso.” Quando se proíbe totalmente uma coisa, desperta-se em muitos o desejo de prová-la, e é assim que muitas pessoas terminam por se perder.

Minha vida terrena transcorreu nos submundos do mundo, e por isso falo com conhecimento de causa.

Algumas pessoas crêem que lhes basta aprender a lição da verdade para penetrar na Glória dos céus. Porém o céu é uma condição em nós mesmos. Tive que vencer pouco a pouco meus desejos de morfina até que pude exclamar: “Para mim a morfina já não existe.”

Quando cheguei a este ponto, vieram ao meu encontro meus amigos e meus parentes, e me disseram: “Agora você está preparada para vir conosco à mansão que lhe destinamos.” Até então tive que progredir pelo meu próprio

esforço. Não estava em um calabouço escuro, coisa que ocorre a muitos, mas ao redor de mim não via nada além de mim mesma. Diz o Grande Livro que Cristo desceu às esferas inferiores para ajudar e ensinar. Todos nós devemos ensinar e ajudar aos caídos, dando-lhes força para sobrepujarem os seus vícios.

De todos estes, o pior é o da avareza. O avaro sacrifica tudo pelo dinheiro. É capaz de não comer para não gastar, e é capaz de deixar sua alma morrer parra não desprender-se de seu dinheiro. E para onde vai parar este dinheiro? Enquanto o espírito do avaro permanece na Terra, encontra-se entre trevas, e vê como outras pessoas gastam seu dinheiro. Isso o faz sofrer horrivelmente.

Vê como é repartido entre seus parentes; uma parte de seu dinheiro vai parar nas mãos de uns e outra nas mãos de outros. Se o dinheiro ficasse no mesmo lugar, poderia o espírito do avaro se entreter contando-o, e isto lhe serviria de satisfação. Porém seus parentes o querem para gastá-lo. Imaginem agora a situação do espírito do avaro; este dinheiro foi o seu tesouro; cada centavo que se gasta é como um pedacinho de carne que cortassem de seu corpo, porque nesse dinheiro colocou toda a sua alma e toda a sua inteligência, e ver como o gastam equivale para ele todas as penas do inferno.

E não há maneira de prestar-lhe ajuda até que não termine por compreender que para nada precisa de seu dinheiro; só então sua alma flutua, ou seja, o melhor de sua natureza, e podemos prestar-lhe ajuda, entregando-o nas mãos de um guia e mestre que o fará compreender que o dinheiro pertence à vida terrestre, não à vida do espírito.

Então o espírito do avaro terá que dedicar-se à prática do bem. O avaro não reúne jamais seu dinheiro honradamente. Talvez não seja um ladrão, mas empresta seu dinheiro com usura. Tem que resgatar com boas obras esta má

ação, centavo a centavo. Tem que mostrar-se bondoso ajudando os pobres em seu trabalho.

O assassino é outra coisa. O assassinato pode ser classificado em dez graus distintos. Há quem mata por um arrebatamento de gênio, e este não é um verdadeiro assassinato. Em realidade, o que foi cometido não foi com intenção de matar e sim que perdeu o domínio de si mesmo. Como é natural não tem outro remédio que padecer e fazer o bem pelo mal que fez.

Em seguida vem o que assassina a sangue frio, o que traça minuciosamente seus planos, o que mata para apoderar-se do dinheiro. Costuma ser uma pessoa de aspecto amável e bondoso, e que vai com freqüência à igreja. Mata lentamente, a força de maus pensamentos. No mundo dos espíritos aguardam-no grandes sofrimentos, porque tem que compensar todas as suas más ações desde o momento em que começou a pensar no assassinato.

Em seguida vem o homem psiquicamente sensível, que não se preocupa com ninguém. Ordinariamente não costuma pertencer a nenhuma seita religiosa e toma as coisas pelo seu lado mais fácil. Carece de vontade; o que não faz hoje pode fazer amanhã ou depois de amanhã. Ocorre então que um espírito astuto penetra em sua aura magnética e o domina, e o faz cometer algum crime, onde será condenado à forca, ainda que não tenha sido o que realmente cometeu. É provável que esse homem diga que ignora por completo o ocorrido. Noutras ocasiões diz: “Deveria estar bêbado quando o fiz, porque não me recordo de nada.” Mas não foi o álcool a causa. O álcool não faz isso. Quando um homem está bêbado, sua inteligência se encontra em um estado de entorpecimento. O autor do crime é um espírito. Às vezes esse espírito tinha sido durante sua vida vítima de alguma injustiça, e só deseja vingar-se. Como a lei não pode estabelecer o verdadeiro grau de culpabilidade do autor



do crime, condena-o à forca. A maioria dos assassinatos e assaltos são obras dos espíritos, que não fazem outra coisa que planejar seus crimes valendo-se de algum indivíduo mortal como instrumento de execução, e assim permanecem até que um belo dia despertam, e compreendem todo o dano que vinham fazendo.

Quando vivi em Chicago me chamavam Minnie Morgan, ainda que em realidade este nome não me pertença e não queira servir-me dele daqui em diante, porque me causa horror. Esta noite não quero dar meu nome. Em realidade, temos que possuir méritos para ganharmos um nome; até agora não ganhei o meu.

Durante os vinte e cinco anos que transcorreram desde minha morte não consegui progredir o bastante para ganhar um nome. Sou feliz e sei que chegarei a ganhá-lo, e então todos me chamarão por ele.

As pessoas que durante sua vida terrestre se ajustaram aos ditados do bem e caminharam pelo caminho reto, encontram-se ao morrer com uma quantidade de amigos e parentes que vão ao seu encontro. A mim não me esperavam ninguém. Nenhum amigo veio ao meu encontro porque havia caído muito abaixo. Não tinha outro amigo que a morfina.

Tenho que progredir passo a passo. Dedico-me a fazer o bem no submundo, ajudando as mulheres infortunadas que vivem a vida que vivi. Durante minha vida terrestre andei entre os que estavam dominados pelo vício da morfina; agora dedico a ajudá-los para que dominem esse mesmo vício.

Esta é a minha tarefa. Não é agradável, mas não tenho outro remédio que fazê-lo. Alguém tem que se dedicar a ela. Por que não seria eu? Sofro com os que sofrem desse vício e os ajudo com minha simpatia, porque também já me vi como eles.

Dediquem a esses desgraçados sua simpatia e seus bons pensamentos, porque com isso lhes prestarão uma grande ajuda. Como vocês não passaram por essas coisas, não podem ter a idéia exata do que significa encontrar-se em semelhante estado. Cada alma que eu puder trazer ao bom caminho é para mim um adiantar no céu. Atentem-se ao que digo: é para mim um progredir no céu. Quanto maior for o número que eu socorrer, maior é a minha felicidade. Chegará o dia em que poderei sair de meu atual estado porque terei progredido o suficiente para passar ao lado espiritual da vida.

Não censurem os caídos; tenham consciência de que carecem de vontade própria. Concentrem seus bons pensamentos e rezem esta oração: “Que Deus os ajude para que recuperem sua própria vontade e para que se imponham sobre seus desejos viciosos.” Projetem esses pensamentos para ajudá-los a se dominar. Não enviem pensamentos maus e pouco caridosos.

A próxima vez que voltar para visitar vocês, farei com que conheçam meu nome, porque então já terei ganhado um.

Agradeço por haverem me ajudado a voltar ao bom caminho, porque sou feliz ajudando aos demais; porém ainda me falta escalar uma abrupta montanha para alcançar a bem-aventurança.

Boa noite, e agradecida outra vez por haverem me ajudado.

Um dia após ter recebido por telefone um pedido para que nos reuníssemos em círculo psíquico e concentrássemos nossos pensamentos em um farmacêutico que estava entregue ao uso de certas drogas, e que parecia vítima evidente de um espírito obsessivo, conseguimos desalojar de sua aura e atrair ao nosso círculo o espírito de um morfinômano. Resultou ser uma alma atormentada, acometida de arrebatamentos motivados pela ânsia de obter essa droga, e que pedia furiosamente que lhe déssemos “pelo menos um grama”.

*Experiência do dia 21 de março de 1923.*

*Espírito:* Elizabeth Noble. – *Intermediário Psíquico:* Senhora Wickland.

*Espírito:* - Não me incomodem. Quero descansar.

*Médico:* - Você já não descansou o bastante? Você quer descansar para sempre?

*Espírito:* - Tenho estado correndo; não estava descansando.

*Médico:* - E por que corria tanto? Você por acaso fugia da polícia?

(O espírito começou a tossir fortemente.)

*Médico:* - Esqueça-se de seu antigo estado. Diga-nos agora quem é e como se chama.

*Espírito:* - Estou muito enferma. (Tossindo com mais violência ainda.)

*Médico:* - Perca essa tosse, pois não corresponde com seu estado. Você já perdeu seu corpo provavelmente há muito tempo. Você sabe que é um espírito? O que é que lhe acontece?

*Espírito:* - Não sei. (Sente-se acometido por outro paroxismo de tosse.)

*Médico:* - Você deve sabê-lo. Este não é seu corpo; você não está agora enfermo. Já está livre de seu corpo físico. Pense que se encontra bem e logo o estará.

*Espírito:* - Estou enferma; você não pode imaginar como me encontro. Quem é você?

*Médico:* - Sou médico, e se você fizer o que digo, se encontrará perfeitamente. Este corpo que está aqui não é o seu. Você agora é um espírito invisível.

*Espírito:* - Estou enferma.

*Médico:* - É porque você se aferra a essa idéia. Este corpo não é seu. Você não está doente.

*Espírito:* - Isso é coisa que você ignora.

*Médico:* - Você desconhece seu verdadeiro estado e não consegue compreender que já perdeu seu corpo.

*Espírito:* - Estou enferma.

*Médico:* - Sua enfermidade é puramente mental; procede de um velho costume seu.

*Espírito:* - Estou morrendo. Quero ficar deitada. (Tossindo.)

*Médico:* - Vamos ver se compreende o que digo. Você está servindo-se temporariamente deste corpo. O seu corpo, o que tossia, encontra-se no sepulcro. Pare de tossir.

*Espírito:* - Não tenho outro corpo que não este, e o que tosse não é outro corpo. Não posso reprimir esta tosse.

*Médico:* - De onde você veio?

*Espírito:* - Ignoro. Por que você me diz que não posso tossir?

*Médico:* - Porque você não tem nenhuma necessidade de tossir.

*Espírito:* - Você não pode saber disso.

*Médico:* - O corpo que agora está se servindo não está enfermo.

*Espírito:* - Eu estou enferma. Dá-me algum medicamento. Dá-me agora. Dê-me antes que adoeça demasiadamente.

*Médico:* - É que a você agrada estar doente. Não gostaria de sarar?

*Espírito:* - Estou enferma e não tenho outro remédio que ficar na cama. É uma crueldade reter aqui uma mulher pobre e doente. (Tossindo.)

*Médico:* - Concentre firmemente seu pensamento, pense que não está doente, e deixará de estar.

*Espírito:* - Dêem algum remédio. Quero um pouco de morfina; meu coração não funciona bem.

*Médico:* - Volto a dizer que já perdeu seu corpo e que agora não é mais do que um espírito.

*Espírito:* - Dêem algum remédio para que me sinta melhor. Dêem-me quinze gramas. Esta tosse me mata. Dá-me um pouco de morfina, nada mais que um pouco. Ainda que só um grama. Dêem a injeção no braço. Prefiro que seja no braço.

*Médico:* - Já basta de tolices.

*Espírito:* - (Chiando furiosamente.) Dê-me agora um pouco, porque não posso agüentar mais! Já lhe disse para me dar um pouco, um grama, nada mais que um grama! Não posso ficar sem morfina! (Com o rosto desfigurado e arranhando furiosamente o ar.)

*Médico:* - Você não está tão enferma como dizia.

*Espírito:* - Claro que estou doente.

*Médico:* - Você está doente de egoísmo. Vejamos se compreende seu verdadeiro estado.

*Espírito:* - Dêem-me um pouco de morfina se não querem que eu morra.

*Médico:* - Tem que ficar tranqüila para que possamos ajudá-la. De onde você veio?

*Espírito:* - Oh, Deus! Dá-me um pouco de morfina! Por favor, por favor, por que não me dá sequer um grama?

*Médico:* - Como você se chama?

*Espírito:* - (Cravando as unhas desesperadamente.) Deus! Deus. Dê-me um grama, só um!

*Médico:* - Você sabia que se encontra na Califórnia?

*Espírito:* - Não.

*Médico:* - Você está em Los Angeles, Califórnia. Onde imaginava que se encontrava?

*Espírito:* - Isso não me importa. Dê-me um grama de morfina! Não posso ficar sem um pouco de morfina.

*Médico:* - Esqueça isso e pense em outra coisa. Você já perdeu seu corpo físico.

*Espírito:* - Esta tosse me faz muito dano, e meu coração não funciona bem. Estou morrendo.

*Médico:* - Como você pode dizer que está morrendo, se já perdeu seu corpo físico?

*Espírito:* - Como você diz que agora tenho outro corpo, se me sinto igual a antes?

*Médico:* - Esqueça seus antigos costumes e se sentirá melhor.

*Espírito:* - Eu quero morfina. (Dando socos à direita e à esquerda.) Não posso resistir mais. Dê-me morfina!

*Médico:* - Se você prestasse atenção ao que digo, poderíamos ajudar a sair desta situação. Certos espíritos inteligentes lhe ajudarão também. Mas se se empenhar em não nos escutar, lhe obrigaremos a ir. Você deve dominar seus antigos maus costumes; seu corpo físico já não existe. Se não ficar tranqüila, não terá outro remédio que partir.

*Espírito:* - Quanta amabilidade! Digo-lhe que estou doente e peço unicamente que me dê um pouco de morfina.

*Médico:* - Você é muito egoísta.

*Espírito:* - Tenho estado correndo sem cessar para ver se consigo um pouco de morfina. Por que não quer me dar?

*Médico:* - Basta! Não há dúvidas que faz muito tempo que se encontra no plano terrestre, perdida na escuridão. Compreenda que não tem mais o seu corpo.

*Espírito:* - Claro que o tenho.

*Médico:* - Você não está enferma; você é uma egoísta. Por que não presta atenção ao que dizemos e se esforce em compreender que já não é mais do que um espírito?

*Espírito:* - Pode ser que tenha razão; mas ainda assim, preciso de morfina.

*Médico:* - Afaste essa idéia do pensamento. Você traz gravada a idéia de sua enfermidade no espírito. Você não nos disse que tem estado correndo muito tempo?

*Espírito:* - Sim. Tenho ido em todas as farmácias da cidade em busca de morfina. De vem em quando a consigo. (Por meio de algum intermediário psíquico.) Mas esse prazer tem durado pouco.

*Médico:* - Quando você conseguiu a morfina foi porque obsedou algum ser mortal. Você não tem mais seu corpo físico.

*Espírito:* - Você não vê que o tenho?

*Médico:* - Mas não é um corpo físico. O corpo de que você se serve agora é o de minha mulher. Os espíritos inteligentes lhe trouxeram aqui para que lhe prestemos ajuda.

*Espírito:* - Não quero outra ajuda que a morfina. Só em pensar que não possa obtê-la, me sinto doente.

*Médico:* - Isso ocorre porque não afasta de sua alma essa idéia. Digamos de onde veio.

*Espírito:* - Ignoro.

*Médico:* - Parece que não se importa muito.

*Espírito:* - Não; o que quero é morfina.

*Médico:* - Você sabe em que ano vivemos?



*Espírito:* - É uma coisa que não me importa. O que eu quero é morfina. Tenho andado por todas as farmácias da cidade.

*Médico:* - De quê cidade?

*Espírito:* - Não sei, não posso recordar. Sou uma pessoa que não fica muito tempo em um lugar, porque me aguilhoa o desejo de ver o mundo.

*Médico:* - Qual é o último lugar de que você se recorda?

*Espírito:* - Não posso recordar de nada.

*Médico:* - Como você se chama?

*Espírito:* - Faz tantos anos que ninguém me chama pelo meu nome, que não o recordo.

*Médico:* - Faça um esforço e veja se se lembra do ano em que estamos.

*Espírito:* - Tenho tal desejo por morfina, que não posso pensar nem falar de outra coisa.

*Médico:* - Como se chamava sua mãe?

*Espírito:* - Minha mãe?

*Médico:* - Brown, Green o White, talvez?

*Espírito:* - Nada de cores.

*Médico:* - Você estava casada?

*Espírito:* - Sim.

*Médico:* - Como se chamava seu marido?

*Espírito:* - Frank Noble.

*Médico:* - E como Frank lhe chamava?

*Espírito:* - Elizabeth.

*Médico:* - Como seu marido ganhava a vida?

*Espírito:* - Em qualquer coisa.

*Médico:* - Que idade você tem?

*Espírito:* - 42 anos.

*Médico:* - Quem é o Presidente da República?

*Espírito:* - Não sei nem me importa. Nunca me preocupei com política. Tinha muito o que cuidar em minha casa. Meu marido, em troca, andava sempre enlouquecido com sua política. Costumava chamar-me “Betty”. Lembro-me que me dizia: “Betty, você é uma boa mulher.”

*Médico:* - Onde Frank está?

*Espírito:* - Faz uma eternidade que não o vejo. Era uma boa pessoa.

*Médico:* - Onde está sua mãe?

*Espírito:* - Morreu.

*Médico:* - De onde você veio?

*Espírito:* - Venho de... de... El Paso, Texas.

*Médico:* - Você nasceu ali?

*Espírito:* - Pergunte ao meu marido. (Queixando-se.) Estou muito doente.

*Médico:* - Você não compreende que não tem mais corpo físico e que é um genuíno espírito.

*Espírito:* - Se é assim, posso ir ao céu e me pôr a cantar. Costumava ir à igreja.

*Médico:* - Que igreja freqüentava?

*Espírito:* - A Metodista.

*Médico:* - Seu marido também ia?

*Espírito:* - Frank era um bom homem. Já faz muito tempo que não o vejo. Nos queríamos muito. (Dando um chiado.) Frank, eu quero lhe ver! Frank, Frank, por que não me ajuda? Você está aqui, Frank?

*Médico:* - Não fale dessa maneira.

*Espírito:* - Por que você não me dá um pouco de morfina? Frank costumava sempre me dar. O doutor Russell me dizia sempre que me convinha para a enfermidade do coração. (Com muito mimo.) Frank, Frank!

*Médico:* - Por que chama seu marido dessa maneira?

*Espírito:* - Costumava chamá-lo sempre para que viesse comer; é um homem encantador.

*Médico:* - Seja sincera. Não diga tolices!

*Espírito:* - Sou sincera quando o chamo desta forma. Estou pensando em Frank porque o amo. Mas também amo a morfina. Frank está aqui! (Espírito.) Quando você veio? Dê-me um pouco de morfina.

*Médico:* - O que é que lhe responde?

*Espírito:* - Diz que não me dará absolutamente nada. Frank, lembra-se de que costumava ir à farmácia para me trazer o medicamento. Seja bom. Dê-me nada mais que uma injeção e não pedirei mais. Você sabe o quanto estou doente. Sempre me quis, não é verdade, Frank? Se é assim, me dê um pouco e seremos novamente felizes.

O espírito foi retirado e em seguida o intermediário psíquico foi dominado pelo espírito do marido.

*Espírito:* Frank Noble. – *Intermediário Psíquico:* Senhora Wickland.

*Espírito:* - Eu sou Frank Noble. Faz tempo que venho realizando os maiores esforços para trazer minha mulher aqui, a fim de que lhe prestassem ajuda.

*Médico:* - Seguramente você precisou de uma grande dose de paciência.

*Espírito:* - Muito obrigado por havê-la colocado em minhas mãos.

*Médico:* - Nos alegramos em ter sido útil.

*Espírito:* - Minha esposa se encontrava gravemente enferma. Em certa ocasião o médico ordenou que lhe déssemos morfina para fazê-la mais tolerante a dor, e desde então se sentiu acometida de acessos tão graves que não tivemos outro remédio que recorrer constantemente ao médico para lhe dar morfina. E assim adquiriu este pernicioso hábito. Estou seguro de que muitíssimas vezes sua enfermidade era fingida, não tinha outro objetivo que

buscar morfina. Fez durante tanto tempo esta comédia, que finalmente chegou a ser para ela uma coisa facílissima representar, para nos assustar e obrigar a lhe dar morfina. Eu podia fazer outra coisa? Às vezes, depois de lhe dar a morfina, ficava bem semanas inteiras, e às vezes durante meses. Mas os acessos que sofria eram muito molestos.

*Médico:* - Onde vocês viviam?

*Espírito:* - Vivíamos em El Paso, Texas.

*Médico:* - Você sabe a data em que faleceram?

*Espírito:* - Não posso dizê-la, e isso me é muito estranho. Passei muitos tempos ruins. Não era um homem rico, e tinha que ganhar a vida no que bem podia.

*Médico:* - Isso é uma desventura.

*Espírito:* - Como não era um homem com preparo especial, não tinha outro meio que me dedicar ao primeiro que se me apresentava. Umás vezes trabalhava nas minas, outras como lenhador e às vezes como carpinteiro. Elizabeth foi durante algum tempo uma boa mulher. Ao dar a luz um menino, estive em perigo de morte e sofri muito. O médico lhe deu umas pílulas, e ela começou a pedir cada vez em maior quantidade, e por fim ficou morfinômana. Tinha fortes acessos de tosse e morreu durante um deles. Tomou uma pílula, e, não sei como, parece que a drágea a afogou. Esta noite voltou a representar a cena da agonia.

*Médico:* - Teria continuado tossindo se não a tivesse impedido.

*Espírito:* - Tenho andado muito tempo buscando-a; mas sempre que me aproximava, se punha a correr e não fazia outra coisa que pedir morfina. De

tempo em tempo a perdia completamente de vista, desconhecendo por completo seu paradeiro. É uma coisa estranha. Basta que se pense em uma pessoa para que se esteja com ela. Por fim, conseguia dar com seu paradeiro sempre que a perdia de vista. Em certas ocasiões penetrava em outra pessoa. Eu voltava a procurá-la, mas ela se assustava comigo. Meu falecimento foi anterior ao seu.

*Médico:* - Você sabia algo do mundo espiritual, antes de falecer?

*Espírito:* - Minha mãe era médium psíquica e dela aprendi a verdade. Elizabeth era metodista, e não quis nunca acreditar; ao contrário, dizia que eu iria ao inferno, porque acreditava no espiritismo. Habituem-se a conhecer a verdade e se sentirão muito melhor. Não tenham credo, dogmas, nem dúvidas. Obrigado por haver nos ajudado, porque quando minha mulher sair de seu atual atordoamento se encontrará muito melhor. Agora não molestará mais ninguém e poderemos estar juntos. Boa noite.

Certa noite o espírito de Olive T. voltou a se apresentar. Em várias ocasiões anteriores havia dominado o intermediário psíquico. Falou-nos da felicidade que proporciona o ser útil aos demais; instou-nos para que preveníssemos todas as pessoas expostas ao sensacionalismo da vida social, e da vida agitada do cinema, sobre o uso das drogas. Terminou pedindo permissão para trazer um espírito que se encontrava penando e que necessitava ser despertado.

Então entrou em posse do intermediário psíquico certo espírito que parecia sonolento e algo desmaiado. Quando lhe dirigimos a palavra começou a forcejar desesperadamente, como se se encontrasse acometido de grandes dores e angústias.

Passou algum tempo antes que conseguíssemos acalmá-lo.

*Experiência do dia 09 de outubro de 1923.*

*Espírito: Wallace R. – Intermediário Psíquico: Senhora Wickland.*

*Médico: - Diga-nos quem é você. Se deu conta de que já perdeu seu corpo físico?*

O espírito parecia não compreender: lançava constantemente gemidos lastimosos, e se retorcia como se lhe estivessem martirizando.)

*Médico: - Você não pode falar? Compreenda que agora não é mais do que um espírito.*

(Continuamos sem obter resposta e o espírito continuou retorcendo-se.)

*Médico: - Faça um esforço para falar. Que é você?*

*Espírito: - (Com voz muito fraca.) Wally.*

*Médico: - Wally, e o que mais?*

*Espírito: - Wally R.*

*Médico: - Faça um esforço; ponha energia em sua vontade. Esforce-se por ser você mesmo, por compreender seu estado, e então poderemos ajudar.*

(O espírito continuou forcejando e soluçando.)

*Médico: - Faça um esforço para falar; você pode falar. Esqueça-se de seu antigo estado; esqueça-se de seus velhos hábitos. Você já não tem seu antigo corpo físico. Você está controlando o corpo de outra pessoa. Faça um esforço para falar; desperte.*

(Não se obteve resposta.)

*Médico:* - Esqueça suas dificuldades e comece de novo. Você conhece Olive T.? (O espírito que havia precedido a este.)

(O espírito continua gemendo e abre as mãos em gesto de súplica.)

*Espírito:* - (Debilmente.) Minha esposa!

*Médico:* - Sua esposa não está aqui.

*Espírito:* - Onde está?

*Médico:* - Não está aqui. Você veio conduzido até nós por seus amigos. Procure reanimar-se. É comum que as pessoas que morrem no estado em que você morreu (Sob a influência de estupefacientes.) permaneçam muito tempo atordoadas. Mas já é tempo de você despertar. Você não vê Olive T. aqui?

*Espírito:* - (Entre dentes.) Estou doente.

*Médico:* - Você deve esquecer isso. Sua enfermidade já acabou. Você já abandonou seu corpo físico há muito tempo. Não percebe? Você é o que chamaríamos um “morto”. Mas em realidade não está morto; não fez mais que perder seu corpo físico. Vive ainda e está servindo-se temporariamente do corpo de outra pessoa. Olive T. e outros amigos lhe trouxeram para que lhe ajudássemos. Você permaneceu durante muito tempo em um estado de inconsciência. Você se encontra agora muito melhor. Não é mesmo?

(O espírito move-se com languidez, como se visse um grupo de seres invisíveis.)

*Médico:* - O que é que você vê? Procure falar. Compreenda-me; você já não tem seu corpo físico; você está aqui em espírito, manejando um corpo que pertence a minha mulher. Trouxeram-lhe aqui com o objetivo de ajudá-lo. Esforce-se por recobrar sua personalidade. Nós sempre o admiramos em



seus filmes. Desperte-se; seja você mesmo. Não acredite que está sonhando; você não está.

(O espírito volta a estender as mãos, suplicante.)

*Médico:* - Você não vê alguns de seus amigos?

*Espírito:* - Vou morrer.

*Médico:* - Você já morreu tudo o que poderia morrer. Já perdeu seu corpo físico. Não vê alguns de seus amigos?

*Espírito:* - Sim, mas vou morrer.

*Médico:* - Não pode morrer outra vez.

*Espírito:* - Vejo tantas pessoas que já estão mortas!

*Médico:* - É que não morreram em realidade. São espíritos, como você é. Você já abandonou seu corpo físico. Você é um espírito, mas não consegue compreender.

(Não houve meio de voltar a despertar o espírito, e foi retirado.)

Então uma das inteligências guias apresentou-se, e falou desta maneira:

“Esse outro espírito se encontrava tão cansado que não conseguimos despertá-lo, mas agora poderemos tomá-lo sob nosso cuidado. Está muito fraco. Ainda não dominou seus velhos vícios. Nós o trouxemos aqui para poder conduzi-lo ao mundo dos espíritos.

Olive T. e os demais se dedicam a ajudar pessoas que se encontram precisamente neste estado, ou seja, os espíritos apegados à Terra que sentem ainda a ânsia pela morfina. São muitas as pessoas que não têm esse vício, mas

que de repente sentem a influência de certos espíritos que desejam a morfina, e que penetram em sua aura magnética.

Abundam as pessoas que são matéria disponível para esta influência, porque levam uma vida agitada e intensa, até ao ponto de viver metade em espírito. Por isso tornam-se facilmente vítimas dos espíritos apegados à Terra, que se interessam tanto pela vida terrestre, que chegam até a obsediar as pessoas mortais.

Vamos socorrer este jovem e já voltará para visitá-los outra vez, quando se encontre mais forte, e contará o que lhe ocorreu; mas esta noite não pode falar.

Faz já algum tempo que vem despertando, mas encontra-se ainda tão pasmado que não consegue compreender a existência de uma vida mais elevada. Tem estado em muitos lugares, ainda que na maior parte do tempo tem passado com sua mulher. Esta o tem ajudado a lutar contra seu vício, mas ele se encontrava débil para entender. Não ficou em sua vontade o poder de resistência.

Depois que faleceu, seu espírito permaneceu como adormecido pela morfina. Apesar disso tem estado caminhando, em uma semi-inconsciência, junto à vida terrestre, buscando sua casa e sua família, e esforçando-se em compreender onde se encontrava. Acreditava-se perdido.

Nós temos procurado chegar a ele daqui, no nosso plano de vida, mas tem nos dado muito trabalho. Agora o tomaremos sob nosso cuidado.”

Uma semana depois o espírito de Wallace R. regressou, um pouco mais forte, relatando-nos seus sofrimentos e terminando por fazer um angustiante chamamento aos demais para que não se deixassem dominar pelos vícios dos entorpecentes.

*Experiência do dia 17 de outubro de 1923.*

*Espírito: Wallace R. – Intermediário Psíquico: Senhora Wickland.*

O espírito dava mostras de grande debilidade e parecia não poder falar.

*Médico: - Quem temos aqui? Levante-se e fale. Apague de seu pensamento toda idéia de enfermidade. Fale como costumava fazê-lo.*

*Espírito: - (Debilmente.) Isso se diz facilmente.*

*Médico: - Faça um esforço e você também facilmente conseguirá.*

*Espírito: - Quis voltar para avançar um pouco mais no conhecimento da vida. Foi pouco o que pude aprender da última vez que estive aqui. Estou entre trevas... e tenho que corrigir-me de meu antigo hábito físico, que permaneceu incrustado em minha alma.*

*Médico: - Você já esteve aqui antes?*

*Espírito: - Sim, estive faz pouco tempo, e agradeço por haver me ajudado, se bem que necessito ainda muita ajuda. Por favor, dá-me forças para sobrepor-me ao meu hábito físico de usar drogas. Eu compreendia muito pouco sobre a vida do lado de cá. Viviam, dia a dia, a vida do mundo. Nunca pude imaginar o que significava o viver no outro plano da vida.*

*Médico: - Muito poucas são as pessoas que se interessam pelas coisas da vida mais elevada.*

*Espírito: - Quero agradecer-lhes por tudo o que fizeram por mim durante o tempo em que me encontrava enfermo. Foi naquele então que me dei conta de que uma grande força tentava me auxiliar a vencer meus maus hábitos, e que se esforçava para injetar-me energia. Sentia-me impelido, mas*

estava demasiadamente fraco para compreender que energia era aquela que me enviavam.

*Médico:* - Foi naquela data que nos concentramos com o pensamento fixo em você, sabendo que se encontrava enfermo e supondo que pudesse tratar-se de um caso de obsessão.

*Espírito:* - Eu não tinha forças e faltava em minha volta uma energia donde pudesse tirar proveito. Para mim não havia outra esperança que não fosse o esforço por dominar-me. Encontrava-me em um estado tal de desfalecimento, que muitos foram os espíritos que se serviram de mim para suas demonstrações, e nenhum deles compreendeu que a melhor maneira de me ajudar era ensinando-me a dominar as ânsias da alma. (Enquanto falava mantinha ambas as mãos sobre o peito e retorcia constantemente os dedos.) As pessoas que se deixam dominar pelo hábito das drogas acreditam que esse vício acaba quando abandonam o corpo físico. Eu me esforcei para dominar-me, mas quando saí do corpo físico me vi perdido, porque minha santa esposa não pôde mais me ajudar naquela rude luta. Depois de perder o contato com tudo o que me rodeava na Terra, caí durante algum tempo em uma espécie de torpor. Como sentia falta de minha mulher e de meus filhos! Procurei buscar socorro em alguma parte, socorro para poder vencer meus antigos hábitos. É a vocês que tenho que agradecer porque me deram força e energia. Oxalá pudesse ter aproveitado ainda mais seus bons pensamentos! (Com grande interesse.) Queria poder prevenir todos os meus conhecidos para que não brinquem com os entorpecentes. Começam por curiosidade, mas acabam por sofrer horivelmente. Até a alma se abrasa nessa ânsia. Devem fazer tudo quanto estiver em seu alcance para se corrigirem desse mau costume. Não só sofrem aqui como também sofrem de uma maneira terrível depois de sua morte; até parece que a alma está em fogo vivo. (Com expressão de angústia, enquanto suas mãos e seus dedos se agitam nervosamente.) São muitos,

muitos, os espíritos que voltam atrás e que se esforçam por conseguir a morfina, por obter sequer um pouco, e terminam por ser a ruína de outras pessoas que caem no mesmo hábito contra sua vontade. Recordo que eu mesmo, em mais de uma ocasião, resistia em tomar a droga, mas sentia por trás de mim um poder muito forte. (Obsessão.) Se a humanidade pudesse saber! Minha querida e nobre pessoa está se esforçando em prevenir ao mundo contra os perigos deste mau hábito, advertindo a todos o fim e morte que espera aos que se deixam dominar por ele, como me deixei dominar. (Depois da morte de Wallace F., sua viúva teve participação muito importante em um filme em que se expunham com todo o horror as conseqüências do uso de entorpecentes.) Graças a vocês tenho encontrado alívio. Tenho aberto os olhos de minha alma e vejo que há ainda grandes possibilidades para mim, e com o tempo obterei um alívio completo. O mundo enlouquecerá se não se acabar com o vício dos entorpecentes. A proibição de bebidas alcoólicas tem feito muito dano, porque as pessoas necessitam de algum gênero de estimulante. Os que se dedicam na produção de filmes trabalham intensamente, muito intensamente, e esse trabalho desgasta o sistema nervoso. Como acabo de dizer, faz falta algum estimulante dos nervos para poder seguir trabalhando. Seria muito menos danoso se tomassem um pouco de vinho, de cerveja e ainda de whisky para tonificar os nervos.

*Médico:* - A situação dos espíritos que durante sua vida terrestre eram viciados em entorpecentes deve ser terrível.

*Espírito:* - Vocês não podem imaginar quão terrível é o sofrimento. Nem eu mesmo poderia dizer. Ninguém poderia compreender se não fora por própria experiência.

*Médico:* - Os espíritos amigos podem prestar-lhe ajuda.

*Espírito:* - Neste momento estou recebendo ajuda e agradeço-lhes. Em minha próxima visita, se é que volte, talvez possa dar detalhes de meus progressos no mundo espiritual. Tenho visto ainda muito pouco, mas logo conseguirei adquirir o conhecimento. Encontro-me em uma escola, em um hospital, onde posso aprender a dominar-me. As pessoas acreditam que ao morrer cessam todas as suas penalidades. Em realidade, é então que se começa a viver, e todos os desejos e todas as ânsias estarão conosco, porque pertencem realmente à alma e não ao corpo; o corpo não é mais que a envoltura. Encontro-me agora em uma escola para aprender as lições da vida, do seu verdadeiro ponto de vista, e estou fazendo progressos. Agradeço por haverem me ajudado e ainda por haverem proporcionado esta oportunidade de aprender as lições da vida. Desejaria que existissem círculos como este em muitas cidades e que socorressem os espíritos que se encontram nas trevas. Façam chegar a expressão de meu amor a minha esposa querida e nobre. Diga-lhe que quando me sentir mais forte, procurarei fazê-la sentir minha presença.

*Médico:* - Seja corajoso e esqueça todas as suas preocupações. A Turma da Misericórdia o ajudará e você conseguirá dominar-se pouco a pouco.

*Espírito:* - Sim, me dominarei. Agradecido a vocês. Adeus.

Os espíritos dos que em vida foram alcoólatras, e que não podem satisfazer mais seu desejo de beber álcool, podem agregar-se a certas pessoas mortais sensitivas, buscando conseguir por meio delas a satisfação de suas ânsias.

Em nossa instituição tem chegado várias pessoas que são vítimas desta classe de obsessão. O último deste caso foi o da senhora B., alcoólatra rotineira, que durante certo tempo tentou em vão dominar sua inclinação à bebida.

Sentindo-se incapaz em dominar aquele impulso irresistível, veio certa noite à nossa casa, em um estado bastante lamentável, a fim de que a submetêssemos a tratamento. Depois que se foi, mantivemos uma concentração no círculo psíquico e conseguimos que o espírito de um bêbedo abandonasse a senhora V. e controlasse a senhora Wickland.

*Experiência do dia 4 de abril de 1923.*

*Espírito:* Paul Hopkines. – *Enfermo:* Senhora V. - *Intermediário Psíquico:* Senhora Wickland.

*Médico:* - Você é algum desconhecido? De onde vem?

*Espírito:* - (Forcejando.) Faz muito calor! Por que me tiraram de onde estava, no momento em que justamente ir tomar um trago e pensava em passar um bom tempo.

*Médico:* - Não sente vergonha? Parece-lhe divertido apossar-se de uma senhora e destruir sua vida?

*Espírito:* - E o que se pode fazer quando se sente atacado pela nostalgia?

*Médico:* - Você deve se corrigir desse antigo hábito.

*Espírito:* - É que estou ardendo.

*Médico:* - E de onde você veio?

*Espírito:* - Dê algo para beber, rápido. Sinto uma grande sede.

*Médico:* - Você já terminou de beber.

*Espírito:* - Estou ardendo.

*Médico:* - É por isso que você levou uma senhora a beber. Você ignora que já está morto e que agora não é mais do que um espírito?

*Espírito:* - Tudo o que sei é que tenho calor. Estão lançando fogo em cima de mim. (Refere-se ao tratamento estático com a enferma.)

*Médico:* - Isso era o que lhe fazia falta.

*Espírito:* - Me pus a correr quando me pegaram pelas costas. Estou ressecado, sinto uma sede horrível. Dá-me algo para beber, ainda que só umas gotas.

*Médico:* - Veja se consegue dar-se conta da realidade; você perdeu seu corpo físico e não é mais do que um espírito. Compreende o que estou dizendo?

*Espírito:* - Não, não compreendo.

*Médico:* - No entanto, você me entende, não é isso? Você é um espírito.

*Espírito:* - O que você fará é me dar algo para beber! Tenho muita sede. Dê-me algo, lhe peço. Quando você me retirou de onde estava não havia conseguido beber mais do que algumas gotas.

*Médico:* - Faça o favor de moderar-se.

*Espírito:* - Não posso agüentar mais. Dê-me algo para beber, ainda que sejam só umas gotas.

*Médico:* - Se não se moderar, você se verá outra vez nas trevas.

*Espírito:* - Ouça, queira dizer àquele farmacêutico que o que me deu não era muito puro. Diga-lhe, sim?



*Médico:* - Acabaram-se para você os remédios.

*Espírito:* - Quero beber algo.

*Médico:* - Parece-lhe decente influir sobre uma mulher, fazendo-a beber, para satisfazer o seu vício?

*Espírito:* - De alguma maneira hei de procurar os licores.

*Médico:* - Continuará influenciando-a para você saborear o uísque que ela bebe?

*Espírito:* - Ela beber? Fui eu quem o bebeu. Não deixei que mulher alguma bebesse. Quero tudo para mim. Estamos em um tempo em que dá muito trabalho encontrar um pouco de bebida, e quando se consegue não é o caso de deixar que outro beba. Tudo ainda será pouco.

*Médico:* - Você não se dá conta de que a obtêm por meio de uma senhora?

*Espírito:* - Dê algo para beber e me dê agora!

*Médico:* - Queria que compreendesse seu verdadeiro estado.

*Espírito:* - Sempre fui um bom homem.

*Médico:* - Que não serve para nada.

*Espírito:* - Não.

*Médico:* - É a verdade pura... Que não serve para nada. O que tem feito ultimamente?

*Espírito:* - Faz bastante tempo que não trabalho.

*Médico:* - Sabe em que ano nos encontramos?

*Espírito:* - Não me interessa.

*Médico:* - Você tem estado estragando a vida de uma mulher. Este corpo que há aqui não é o seu. Vamos ver se consegue compreender. Este corpo pertence a uma mulher.

*Espírito:* - A uma mulher?

*Médico:* - Veja você mesmo. Veja que veste saia.

*Espírito:* - Eu não visto saias, ainda que de vez em quando tenha sido mulher.

*Médico:* - Claro; quando quer se servir de uma mulher para beber uísque. Deveria envergonhar-se em dizê-lo. Não se conforma em pôr a perder você mesmo, agora também quer botar a perder a vida de uma mulher.

*Espírito:* - Mas por que deveria me envergonhar, se tudo o que tenho feito é beber uma coisa tão inocente como o uísque?

*Médico:* - Você percebe de que sua situação tem algo de estranho.

*Espírito:* - O único que sei é que de vez em quando sinto algo diferente.

*Médico:* - Conduziram você até aqui e lhe foi autorizado a que se servisse momentaneamente deste corpo, para que compreendesse que deve deixar esta mulher só. Esta senhora se chama V. Conhece-a?

*Espírito:* - Não me chamo assim. Mas faz muito tempo que não ouço meu nome. De vez em quando me sinto estranho, é certo. Não tenho uma noção tão exata das coisas como costumava ter antes.

*Médico:* - Quer saber o motivo? Não é outro que o haver perdido seu corpo físico.

*Espírito:* - O que sou então?

*Médico:* - Você é um espírito invisível para nós. Não podemos vê-lo.

*Espírito:* - Você não pode me ver?

*Médico:* - Não.

*Espírito:* - Você diz que não me vê? Pois sou um homem de tamanho médio. É possível que você tenha bebido além da conta. Dê-me um copinho, sim? Seremos dois bons amigos e me fará feliz somente por me dar um pouco de uísque.

*Médico:* - Você estaria bom então!

*Espírito:* - Se me der um pouco de uísque, lembrarei de você em meu testamento.

*Médico:* - Não lhe darei nada.

*Espírito:* - Por que não socorre a um bom homem que tem tanta sede?

*Médico:* - Queremos socorrê-lo, mas não dessa maneira. Tentamos fazer-lhe compreender seu verdadeiro estado. Compreenda que você não é mais do que um espírito, que neste momento se serve do corpo de uma mulher.

*Espírito:* - E o que você me diz desta outra mulher? Por que tenho que segui-la aonde quer que vá?

*Médico:* - Você a estava obsediando. Como você é um egoísta, tem estado influenciando-a e dominando-a. Ela não tem culpa do que tem feito, e sim você. Já leu alguma vez a Bíblia?

*Espírito:* - A Bíblia?

*Médico:* - Lembra-se como Cristo expulsou os maus espíritos? Você é um dos espíritos dessa classe.

*Espírito:* - (Olhando as mãos.) Estes anéis não são meus. A quem diabos pertencem, então?

*Médico:* - Já viu alguma vez essas mãos?

*Espírito:* - Não. Parece que levantei o cotovelo em excesso. Entretanto, juraria que não estou tão pequeno. Acho que é coisa de hipnotismo. Ou talvez seja porque não bebi o suficiente, e o melhor que você poderia fazer é me dar um gole... Umas gotas, nada mais. Estou cego. Dê-me algo para beber e sejamos bons amigos. Um copinho só, e estarei no ponto.

*Médico:* - Se não se mostrar razoável, terá que se retirar daqui.

*Espírito:* - Não será você que o fará, e pode acreditar, além do mais, que não há muitos homens que sejam capazes de fazê-lo. Sou bastante forte, como pode ver com seus próprios olhos!

*Médico:* - Nós não podemos lhe ver.

*Espírito:* - Enfrento qualquer um de vocês. Tenho lutado mais de uma vez diante de muita gente. (Arremangando a camisa.) Você vai ter que pedir socorro.

*Médico:* - Por que não presta atenção ao que estou dizendo? Você é invisível para nós.

*Espírito:* - Será que não me vêem?

*Médico:* - Não, porque você já perdeu seu corpo físico. Este não é seu corpo. Tem botado a perder a vida de uma senhora. Você bebia por intermédio de uma mulher.

*Espírito:* - Você fala dessa boa mulher, alta e gorda? Tem um coração de ouro. Sempre está disposta a me agradar. Temos passado muitos bons momentos juntos, momentos agradabilíssimos. (Rindo.)

*Médico:* - Acabaram-se esses momentos. Você não tem um pingote de dignidade. Vejamos se consegue entender que já perdeu seu corpo físico. Estamos no ano de 1923. Sabia que se encontra na cidade de Los Angeles, Califórnia? É possível que tenha perdido seu corpo físico faz muito tempo e que desde então anda rondando ao redor da esfera terrestre. Procure ser razoável. Este corpo que está aqui não é o seu.

*Espírito:* - De quem é então?

*Médico:* - De minha mulher, que é uma médium psíquica, pelo qual podem falar os espíritos.

*Espírito:* - Querera ela também tomar um gole comigo? Hem?

*Médico:* - Não.

*Espírito:* - Convidarei todas estas pessoas.

*Médico:* - Acreditava que você não tinha dinheiro.

*Espírito:* - Aquela boa mulher sempre me emprestava algum dinheiro.

*Médico:* - Essa senhora não se encontra aqui.

*Espírito:* - Consiga esses licores e eu convidarei a todos. Vamos, pessoal! Eu convido a todos.

*Médico:* - Aquela senhora de que falávamos paga com o dinheiro ganho por você?

*Espírito:* - É muito esplêndida. Há também outro homem que ajuda pagar.

*Médico:* - Seu marido.

*Espírito:* - Seu marido?

*Médico:* - Sim. Você converteu essa mulher em sua escrava e também em uma alcoólatra. Suponha por um momento que fosse sua própria mãe.

*Espírito:* - Minha mãe?

*Médico:* - Justamente; pense bem. Suponha que alguém converta sua mãe em uma alcoólatra habitual. O que lhe pareceria? Ou sua irmã.

*Espírito:* - Elas são mais inteligentes.

*Médico:* - Parece-lhe uma conduta honrosa? Vejamos; insisto que você já perdeu seu corpo físico, faz muitos anos provavelmente. Quem você acha que temos como Presidente?

*Espírito:* - Não sei. Não posso me lembrar de ninguém.

*Médico:* - Lincoln é nosso Presidente?

*Espírito:* - Não; esse foi faz muitos anos.

*Médico:* - Cleveland?

*Espírito:* - Não.

*Médico:* - McKinley? Arthur?

*Espírito:* - Também esse foi Presidente faz já muito tempo.

*Médico:* - Lembra-se de Wilson?

*Espírito:* - Wilson? Não conheço esse indivíduo.

*Médico:* - Não se inteirou da Grande Guerra européia, na qual lutaram 23 nações?

*Espírito:* - Isso não me importa; só que me dêem bebida. Minha boca está secando. O que me importa a guerra? Se querem se matar entre si, que se dêem esse gosto, se não sabem outra maneira melhor de passar o tempo.

*Médico:* - Que nome sua mãe lhe dava?

*Espírito:* - Costumava chamar-me Paul.

*Médico:* - E que sobrenome?

*Espírito:* - Faz muito tempo que não o ouço.

*Médico:* - E como chamavam seu pai?

*Espírito:* - Chamavam-no John Hopkins.

*Médico:* - Então, sem dúvida nenhuma, você é Paul Hopkins. Em que Estado você nasceu?

*Espírito:* - Esqueci. Agora me lembro. Nasci em Yuma, Arizona.

*Médico:* - Já esteve alguma vez em Los Angeles?

*Espírito:* - Sim, de vez em quando. Havia uns bares magníficos em Main Street. Suponho que continuam ali.

*Médico:* - Não; já desapareceram.

*Espírito:* - Não sei o que poderia ser deles.

*Médico:* - Estão fechados.

*Espírito:* - Estavam situados em Main Street, entre Second e Third Street.

*Médico:* - E o que sua mãe pensa do estado em que você se encontra?

*Espírito:* - Minha mãe já morreu.

*Médico:* - Seu espírito não morreu, e se o visse em semelhante estado, lamentaria muito.

*Espírito:* - Mas se me encontro perfeitamente. Sinto-me como novo! De vez em quando sinto necessidade de tomar um copinho de uísque, e isso acaba por me encher de otimismo e de alegria.

*Médico:* - Então você se sente feliz vendo um homem jogado na sarjeta?

*Espírito:* - Eu nunca vi semelhante espetáculo. Mas, que dúvida há de que a bebida é boa? Oh! Quem é esse? (Vendo um espírito.)

*Médico:* - De quem é?

*Espírito:* - Terei que sentar aqui e examiná-la devagar. É uma senhora formosa. (O espírito.) Quem é você?



*Médico:* - Talvez seja sua mãe.

*Espírito:* - Minha mãe era muito velha. Esta me diz que ela a conheceu. Minha mãe era uma boa cristã, e suponho que estará com Deus no céu, sentada junto a seu trono.

*Médico:* - Jesus ensinou que Deus é Espírito e que Deus é Amor. Um Deus assim não é encontrado sentado em um trono.

*Espírito:* - Onde senta então?

*Médico:* - Deus é Espírito e não se encontra em um lugar determinado. É a Vida de toda natureza. Você é uma expressão do mesmo Deus. Termine por compreender que você é um espírito ignorante e que necessita sobrepor-se a seus velhos costumes, se quiser progredir.

*Espírito:* - Esta senhora me diz que se me moderar, poderei ir deitar e descansar. Estou completamente cansado; estou fatigadíssimo. Me deixarão descansar?

*Médico:* - Sim, e quando despertar, você se dará conta de que é um espírito e que deve superar seus velhos costumes, se quiser progredir no mundo da vida espiritual.

*Espírito:* - Esta senhora é minha enfermeira.

*Médico:* - Nós não podemos vê-la como você a vê. Tampouco vemos você, que neste momento manipula o corpo de minha esposa.

*Espírito:* - Não o compreendo, e o que quero é deitar.

*Médico:* - É necessário que aprenda a finalidade suprema da vida.

*Espírito:* - Dizem que se me deitar nessa cama não terei mais vontade de beber uísque.

*Médico:* - Não.

*Espírito:* - Bem, não me importa. Estou muito cansado, mas me sinto feliz. O que se há de fazer? Não tenho casa nem lar aonde ir, e é necessário às vezes passar um bom momento e refazer-se.

*Médico:* - Você não compreendeu o seu estado.

*Espírito:* - Esta senhora me diz que terei à disposição uma mansão para morar nela com minha mãe. Vou, pois, para lá. Irá me querer nela?

*Médico:* - O amor de uma mãe nunca morre. Depois que abrir seus olhos à verdade, terá que vir em socorro dessa senhora que esteve tanto tempo martirizando. Você converteu essa boa senhora em uma alcoólatra.

*Espírito:* - É mesmo? Pois não sabia. Eu queria beber algo, mas ignorava que estivesse causando prejuízo a alguém.

*Médico:* - Quando essa senhora chegou aqui esta noite, encontrava-se completamente bêbada. Eu a submeti a um tratamento.

*Espírito:* - E fui eu quem sofreu as conseqüências.

*Médico:* - Porque você que a havia embebedado. Ela não gostava da bebida e fazia todos os esforços possíveis para resistir aos impulsos de beber; mas como é uma intermediária psíquica, você a hipnotizava e a fazia beber.

*Espírito:* - Dá muito trabalho renunciar para sempre as predileções.

*Médico:* - Você terá que cumprir com suas obrigações e prestar-lhe ajuda.

*Espírito:* - Estou muito cansado. Quero deitar.

*Médico:* - Pense que se encontra em uma cama, e isso bastará para que esteja nela.

*Espírito:* - Só em pensar?

*Médico:* - Sim; permaneça tranqüilo e pense que já se encontra na cama.

*Espírito:* - Não me esqueça. Sou uma boa pessoa e no fundo você me é simpático. Mesmo que tenha me aplicado aquela corrente de fogo, não lhe guardo rancor.

*Médico:* - Essa senhora que você vê será sua enfermeira e cuidará de você.

*Espírito:* - Minha mãe está aqui! Mãe, querida mãe. Você me perdoará? Fui sempre um bom homem. Não beberei mais uísque. Minha mãe me diz que ela me ajudará. Que Deus os abençoe por tudo o que fizeram por mim.

Algum tempo depois de haver tido lugar esta experiência, um amigo nos informou que a senhora V. havia melhorado muito e que já não manifestava inclinação ao consumo de bebidas alcoólicas. A mesma senhora V. confessou a mudança que se havia operado nela, e nos manifestou sua gratidão pelo alívio que havia conseguido.

São muito freqüentes os casos de amnésia, com perda total da memória e da consciência da personalidade, nos quais a vítima anda errante de um lugar a outro, e quando recobra sua personalidade normal, não conserva lembrança alguma do que acabou de fazer.

Possuímos provas abundantes de que há que se atribuir com freqüência este fenômeno à influência de espíritos obsessores. Citaremos o caso do

jovem C. B., que pouco tempo depois de haver aberto um negócio em sociedade com seu pai, levantou numa manhã da cama e saiu de casa sem conhecimento de seus pais. Não houve maneira de encontrar o seu rastro, e após várias semanas de ansiedade, seus pais vieram a nós, rogar que nos concentrássemos em círculo psíquico pensando no paradeiro do filho perdido.

Assim o fizemos, insistindo durante nossa concentração em que o jovem não devia descansar até haver escrito a seus pais. Assim o fez na manhã seguinte, informando que se encontrava a bordo do navio de guerra norte-americano “São Francisco”, que havia se alistado na marinha e se ausentaria durante vários anos.

Os pais do rapaz tinham grande interesse de que este permanecesse em casa, e lhe escreveram anunciando que estavam dispostos a fazer todo o possível para obter seu licenciamento.

Voltamos a celebrar outro círculo de concentração, mas na véspera o rapaz havia escrito a seus pais pedindo-lhes que não fizessem nada, porque ele estava disposto a servir na marinha até que vencesse o prazo de seu alistamento.

No dia seguinte, pela noite, voltamos a nos concentrar pensando no jovem C. B., e conseguimos atrair o espírito, que se apossou da senhora Wickland. Pelo diálogo seguinte deduz-se que esse espírito havia sido a causa dos atos do jovem.

*Experiência do dia 13 de dezembro de 1923.*

*Espírito: John Edwards. – Enfermo: C. B. - Intermediário Psíquico: Senhora Wickland.*

Estávamos cantando “Lança-me a corda da salvação”, e ocorreu um episódio divertido. Quando o espírito se apossou da senhora Wickland parecia estar puxando com as mãos uma corda invisível, dando puxões compassadamente. Logo em seguida realizou os movimentos de uma pessoa que está nadando.

*Médico:* - Você está se agarrando à corda de salvação? Tem navegado à deriva? De onde vem? Não é normal que você fique nadando em terra firme. O que é que lhe ocorre?

*Espírito:* - Isso é precisamente o que trato de averiguar.

*Médico:* - Quanto tempo faz que você já morreu?

*Espírito:* - (Em conseqüência.) Pois não me chame de morto! Não estou morto, ainda que tampouco esteja de todo vivo.

*Médico:* - De onde você veio?

*Espírito:* - Uma multidão me trouxe aqui.

*Médico:* - Mas quem são?

*Espírito:* - Muitíssimos.

*Médico:* - Não os vejo.

*Espírito:* - Não sei o quer de mim, porque desejaria encontrar-me em alto mar.

*Médico:* - Já navegou antes?

*Espírito:* - Sim.

*Médico:* - E por que quer voltar ao mar? Você já fez muitas viagens marítimas?

*Espírito:* - Umas quantas.

*Médico:* - E não queria encontrar-se em terra?

*Espírito:* - Não sou caranguejo de terra. Estava a ponto de zarpar quando vocês me arrastaram para a terra. Não vejo por que razão se empenha em que eu fique em terra.

*Médico:* - Você morreu afogado no mar?

*Espírito:* - Se tivesse morrido afogado, como iria estar aqui?

*Médico:* - Podia estar aqui seu espírito.

*Espírito:* - A alma, você quer dizer?

*Médico:* - Justamente.

*Espírito:* - Em tal caso, a alma estaria em companhia de Deus.

*Médico:* - Onde está Deus?

*Espírito:* - Se você ignora, deveria ir à escola dominical.

*Médico:* - Fui há tempos a essa escola, mas nada aprendi nela.

*Espírito:* - É que você ia a uma má escola.

*Médico:* - E qual é a boa?

*Espírito:* - Existem em todas as seitas: são muito distintas, mas todas elas reconhecem a existência de Deus.

*Médico:* - A que igreja você ia?

*Espírito:* - Vou a qualquer igreja onde possa me encontrar só, apesar de ir muito poucas vezes. Posso pertencer a qualquer seita. Quando se está no mar, não há maneira de ir à igreja; tudo o que se faz é assistir o serviço religioso.

*Médico:* - Qual é a sua igreja preferida?

*Espírito:* - Todas são parecidas; é questão de forma. Todas elas crêm em Deus e ensinam a existência da vida futura, de um céu e de um inferno, e todas estão conformes de que Cristo morreu por nossos pecados. Meu critério vem, pois, a ser o seguinte: tanto faz pertencer a uma como a outra. Posto que todas honram a Deus, dá no mesmo uma ou outra.

*Médico:* - Creio que você tem sido um homem com idéias liberais.

*Espírito:* - Pois não havia percebido. Ignoro que classe de homem tenho sido. Entendi a religião a minha maneira. De vez em quando não tinha outro remédio que ir à igreja para que o capitão me visse.

*Médico:* - Em que barco você navegava?

*Espírito:* - Tenho navegado em todo tipo de barcos.

*Médico:* - Você era da Marinha Mercante?

*Espírito:* - Pertencia à Armada.

*Médico:* - Poderia nos dizer em que ano estamos?

*Espírito:* - Não sei sequer em que mês nos encontramos.

*Médico:* - Tampouco o ano?

*Espírito:* - Tampouco.

*Médico:* - Estamos no ano de 1922.

*Espírito:* - Não; disso estou seguro.

*Médico:* - Em que ano deveríamos estar?

*Espírito:* - Em 1912.

*Médico:* - E por onde você tem navegado?

*Espírito:* - Certa ocasião saí em cruzeiro no barco de guerra “Cincinnati”.

*Médico:* - Aonde você foi?

*Espírito:* - Uma vez fomos costeando.

*Médico:* - Você já passou pelo canal do Panamá?

*Espírito:* - Não. Uma vez chegamos bem próximo, mas não o atravessamos.

*Médico:* - O que fazia no barco?

*Espírito:* - Fazia de tudo.

*Médico:* - Que idade tinha?

*Espírito:* - Não posso me lembrar.

*Médico:* - De modo que agora você queria navegar outra vez?

*Espírito:* - Sim; não quero ficar em terra firme, porque nela sinto-me estranho. A vida fica interessante somente quando me encontro em alto mar.



A bordo tudo é feito de acordo com um horário, e se se cumpre com sua obrigação, não há que se preocupar com nada.

*Médico:* - Trabalha-se muito?

*Espírito:* - Sempre há onde arranhar e em que entreter-se. O capitão não quer que sua gente fique ociosa. Se deixassem a gente fazer o nosso capricho, estaríamos sempre de brincadeiras. Quando não há outra coisa em que ocuparmos, obriga-nos a limpar tudo. Posso falar com conhecimento de causa. Temos que limpar os corrimões das escadas, o maquinário e tudo o que for capaz de ter brilho. Assim é como tudo fica polido como um ouro. O barco é muito grande.

*Médico:* - Não entrou em fogo alguma vez?

*Espírito:* - Não; não tivemos ocasião de lutar. A guerra de Cuba teve pouco de guerra. Nas Filipinas já se lutou mais.

*Médico:* - Esteve lá?

*Espírito:* - Nós ficamos em alto mar; não entramos todos na baía. Quem entrou foi Dewey. Estive lá, mas não em seu barco. Nós cruzávamos ao longe. Alguém tinha que permanecer em guarda e vigiando, porque se todos tivessem entrado na baía, poderíamos cair em uma emboscada. Havia outros inimigos por ali.

*Médico:* - Como você se chama.

*Espírito:* - Como me chamo? Faz tanto tempo que não ouço pronunciar meu nome, que já o esqueci. Chamo-me John.

*Médico:* - E que mais?

*Espírito:* - John Edwards.

*Médico:* - Esteve alguma vez na costa do Pacífico?

*Espírito:* - Sim; fizemos um cruzeiro ali, ainda que sempre navegando pelas costas orientais.

*Médico:* - Diga-me se abandonou o barco porque o licenciaram.

*Espírito:* - Abandonar o barco, você diz?

*Médico:* - Você não abandonou o barco? Não lhe aconteceu algum acidente?

*Espírito:* - Não sei.

*Médico:* - Não esteve enfermo?

*Espírito:* - Tampouco sei.

*Médico:* - A baía de Manila é o último lugar em que você conserva lembrança?

*Espírito:* - Não; isso foi há muitíssimos anos.

*Médico:* - Dali para onde você foi?

*Espírito:* - Quando estive na baía de Manila era muito jovem.

*Médico:* - Isso ocorreu no ano 1898. Quanto tempo permaneceu na marinha?

*Espírito:* - Não me lembro. A última data que recordo é o ano 1912.

*Médico:* - O que ocorreu no ano de 1912? Você esteve doente?

*Espírito:* - Não me lembro com toda clareza. Parece que lembro, ainda que não esteja seguro, que estávamos pintando a lancha. Não recordo em que lugar foi. Não posso pensar. Só lembro que não estávamos nos estaleiros da Armada, e sim mais afora. Estava no andaime pendurado na beirada do barco.

*Médico:* - O que ocorreu então?

*Espírito:* - Tive uma sensação estranha, algo assim como uma vertigem. Senti-me mal, como se a cabeça desse voltas.

*Médico:* - Vocês estavam dedicados à tarefa de pintar o barco?

*Espírito:* - Estávamos limpando e igualando.

*Médico:* - Estavam em dique seco?

*Espírito:* - Não me lembro bem. Algo ocorreu que me fez cair na água.

*Médico:* - É possível que você tenha caído do andaime.

*Espírito:* - Não sei. Só recordo que caí.

*Médico:* - É bem provável que tenha perdido seu corpo físico naquela ocasião, tendo se convertido em espírito.

*Espírito:* - O que quer dizer com isso?

*Médico:* - Que naquele momento perdeu seu corpo mortal. Você é invisível para nós.

*Espírito:* - Não pode ser, posto que agora mesmo me dispusesse a navegar. A única anormalidade que tenho observado é que, por um lado, tinha a sensação de ser um velho marinheiro, mas por outro lado parecia estar dando aulas a um recruta que estivesse dentro de mim mesmo. (Obsediando C. B.)

Tinha até nas narinas o odor dos sais marinhos. Nós marinheiros parecemos estar rodeados de uma atmosfera especial; um marinheiro é logo reconhecido, assim que se o vê. Queria voltar ao mar, me sentia deslocado em terra. O marinheiro sabe quando está demais em terra. A terra é sólida e não se sente bem. O mar é como um regaço de mãe: embala-nos até que durmamos. É uma sensação tão agradável a de se sentir embalado pelas ondas e dormir desta maneira.

*Médico:* - Quando você sofreu aquela queda deve ter perdido seu corpo, e desde então ficou reduzido a um espírito. Esse corpo que está aqui não é o seu. Olhe essas mãos.

*Espírito:* - (Olhando as mãos do intermediário psíquico.) Estas mãos não são minhas! De quem são? (Começando a rir.) Eu tinha o que se poderia dizer umas manzorras. Estas mãos não poderiam nunca puxar as cordas. Que coisa mais estranha! Como é possível que minhas mãos tenham se convertido nisto? (Rindo, muito divertido.)

*Médico:* - Além do mais, você veste saias e tem um cabelo longo. E o que me diz dos pés? Estes são pés de um marinheiro?

*Espírito:* - Meus não são. Não compreendo como pude vestir assim e ter estas mãos. Disto quero falar recordando uma coisa que aconteceu quando tinha dezoito ou dezenove anos e o barco em que navegava tocou em Calcutá. Fui sempre um homem que sempre gostou de ver tudo e falar de tudo. Entrei, pois, em certa reunião. Calcutá é uma cidade da Índia, muito bonita e de clima admirável. Entrei em uma reunião e comprei uma quantidade de livros. Era uma reunião em que se tratava do que chamam “Teosofia”. Os cooperadores eram pessoas muitos amáveis, mas tão fora do corrente. Quando abrem a boca, e sem que você haja dado conta, já lhe fizeram crer na reencarnação. Serão

estas saias coisa de reencarnação? Você afirmou que já morri, e nesse caso não encontro outra explicação que dizer que voltei em forma de mulher.

*Médico:* - Efetivamente. Em certo sentido é uma reencarnação. Quando uma pessoa falece, abandona seu corpo mortal e se converte em espírito.

*Espírito:* - Isso é o que dizem, que vão para “Devachan”, lá, muito longe. Direi a vocês que a senhora Blavatsky era uma grande oradora. A ouvi em Calcutá. Leadbeater estava também ali. Eu era então um rapaz. Você sabe que quando se mete uma coisa na cabeça, sendo rapaz, fica ali para sempre. Meu pai costumava dizer: “John, não acredite nessas coisas, porque ficará louco.” Eu respondia: “É uma doutrina que tem aspectos muito interessantes, e sempre é melhor acreditar nela que crer em nada. O que não me parece bem é essa idéia da salvação.” Meu coração se abria ao dizer estas palavras. Devorei, literalmente, aqueles livros. É possível, pois, que tenha voltado ao mundo reencarnado no corpo de uma mulher, ainda que nunca tivesse acreditado. Sempre tive um desejo de voltar a nascer como marinheiro.

*Médico:* - Este corpo de mulher que agora está se servindo não será seu durante muito tempo.

*Espírito:* - Então só serei mulher durante pouco tempo! (Rindo.)

*Médico:* - É possível que desde o ano de 1912 que você é somente espírito. Agora estamos no ano de 1922. Sendo assim, faz dez anos que vive fora de seu corpo.

*Espírito:* - E como você sabe que faleci então?

*Médico:* - Você mesmo disse a última data que se recorda.

*Espírito:* - Nada mais que isso? Tenho estado então em Devachan? Pelo visto os marinheiros permanecem pouco tempo em Devachan. Talvez seja porque suas vibrações são de melhor qualidade. Estou seguro que nossas vibrações são mais enérgicas quando nos encontramos no meio de uma tormenta. (Rindo.) Mas é possível que tenha reencarnado?

*Médico:* - É provável que você falecera naquela ocasião e que desde então vive como espírito, sem se dar conta de seu verdadeiro estado.

*Espírito:* - De maneira que não sei nada do que se passa comigo?

*Médico:* - Independente de seu estado, é sem dúvida que lhe trouxeram aqui nesta noite para que abra os olhos à verdade. Nós somos pessoas que nos dedicamos à investigação dos fenômenos psíquicos e da obsessão dos espíritos. Estes se apossam em certas ocasiões dos mortais e os obrigam a realizar coisas muito estranhas. Atraímos você ao nosso círculo e lhe foi permitido que se apossasse deste corpo, que pertence a minha mulher, mas só poderá servir-se dele durante pouco tempo. Nós não o vemos; só podemos ouvir suas palavras.

*Espírito:* - Então é certo que sou uma mulher e que estou pregando em vocês uma peça.

*Médico:* - A constituição física de minha mulher é tal que permite que certos espíritos se sirvam temporariamente de seu corpo. Você nunca ouviu falar dos médiuns?

*Espírito:* - Sim; fui mais de uma vez consultá-los para que me dissessem uma boa notícia. Você sabe que geralmente os espíritos que se apossam dos médiuns pertencem à raça índia.

*Médico:* - Os índios são excelentes “custódias”; costumam serem muito bons protetores dos médiuns.

*Espírito:* - Para quê vim aqui?

*Médico:* - Para que abra seus olhos à verdade. É evidente que sem se dar conta, tem estado fazendo dano. Neste momento se encontra em Los Angeles, Califórnia.

*Espírito:* - Lembro ter estado uma vez em São Francisco, mas isso faz muito tempo. Foi no ano de 1894.

*Médico:* - Parece provável que tenha sido você o que obrigou um jovem a abandonar sua casa e família sem ter nenhum motivo para isso, fazendo que se alistasse como marinheiro na Armada.

*Espírito:* - Não tinha por que fazê-lo.

*Médico:* - Estava interessado em outro negócio, mas perdeu a cabeça. Atualmente encontra-se em São Francisco. Há neste caso prova da intromissão de algum espírito, e pelo que você disse, chego à conclusão que esse espírito é você.

*Espírito:* - Eu não sou capaz de fazer isso! Certa manhã despertara e me encontrava em terra, sem saber como, e tive desejos de voltar à água.

*Médico:* - Você andava errante e entrou em contato com este jovem, que é sensível à influência dos espíritos. O excesso de estudo o havia debilitado, e daí sua sensibilidade. Você penetrou em sua aura magnética, atuou servindo-se de seu corpo e o obrigou a executar ações contra sua vontade. Vejamos. Não é certo que você voltou a se alistar na Armada ultimamente?

*Espírito:* - Tive certa manhã a sensação de haver despertado, e quis voltar outra vez ao mar. Me sentia algo perdido.

*Médico:* - Não se dá conta de que não era você, por completo, o dono de si mesmo?

*Espírito:* - Sentia uma sensação estranha. Por um lado, estava como se sonhasse. A propósito, não estarei cometendo nenhuma má ação?

*Médico:* - Compreendo seu estado e vejo que é uma boa pessoa. Não lhe culpamos.

*Espírito:* - E quem é esse rapaz?

*Médico:* - Seu sobrenome é B.; é um rapaz de dezessete anos.

*Espírito:* - Deve ter dito que tinha 21, pois de outra maneira não poderiam alistá-lo.

*Médico:* - É grande e forte e aparenta mais idade do que realmente tem. Nós temos nos concentrado no círculo psíquico pensando nele, e suponho que isso deu lugar a que lhe atraíssemos até aqui.

*Espírito:* - Efetivamente, senti que alguém me puxava; logo senti que caía n'água. Agora me recordo: estávamos em Nova York, ou por ali, entre tormentas e gelo. Eu estava fazendo algo e caí na água. Não havia mais que gelo em meu redor. Isso é tudo o que recordo. Como pude entrar nesse rapaz?

*Médico:* - Você foi arrastado para sua aura.

*Espírito:* - Minha mãe está chegando! Faz muito tempo que não a vejo. Morreu em Nova York. Me diz: "John, tenho andado buscando-lhe durante



muito tempo.” Eu não sabia. Se é verdade que estou morto, por que não fui com ela?

*Médico:* - São muitos os que caem em uma espécie de letargia e permanecem em tal estado durante algum tempo.

*Espírito:* - Compreendo. Estive em Devachan! Ali é onde estive dormindo até minha reencarnação.

*Médico:* - Agora deve ir com sua mãe. Ela o conduzirá a sua nova morada.

*Espírito:* - Sim, irei aonde estejam minha mãe e meu pai, meu velhinho pai.

*Médico:* - Também seu pai adquiriu conhecimento?

*Espírito:* - Minha mãe diz que sim, mas que deu muito trabalho. Meu pai queria ver o Salvador. Nunca acreditei nestas histórias. Quis sempre descobrir o que havia de verdade, mas não pude. Creio que a melhor das doutrinas é a Teosofia, porque não se mete nessa questão de sangue. Não creio que uma pessoa possa salvar os demais com a sua morte. Por que não hei de ser eu o que sofra as conseqüências de meus próprios pecados? Deus é amor, e não pode ter querido que uma pessoa morresse para salvar os demais. Tudo isso são tolices. As pessoas da igreja atacam sempre os judeus, e, no entanto, Jesus era judeu.

*Médico:* - Já é momento de ir com sua mãe e com seu pai.

*Espírito:* - Esta foi uma noite maravilhosa, porque andei entre pessoas muito simpáticas. Sinto-me muito bem. Foi uma boa noite, porque pude falar com gente muito amável e passei um par de horas em agradável conversação.

Você diz que não pode ver as pessoas que se encontram aqui, no entanto, são em bom número. Agora minha mãe diz, minha querida mãezinha, que devo ir-me. Fazia já muitíssimo tempo que ela não via seu filho. Temos infinidade de coisa para nos dizer. Já lhes disse que minha mãe era muito boa. Chegou a hora de dizer-lhes adeus. (Tenta levantar-se, mas não pode.) O que é isso? O que acontece com minhas pernas? Não posso ficar em pé.

*Médico:* - É porque você não se apossou mais do que a parte superior do corpo.

*Espírito:* - (Com uma risada cordial.) Isso quer dizer que sou um meio homem. Pior ainda! Meio mulher, meio marinheiro. Mas tenho que ir com minha mãe.

*Médico:* - Você tem que aprender a pensar.

*Espírito:* - A pensar? Até agora não pensava? (Rindo.) Não se aborreça se digo que tudo isso me parece uma brincadeira.

*Médico:* - Não tem importância. Daqui em diante você terá que viajar com o pensamento.

*Espírito:* - E não com minhas pernas? Não necessitarei para nada de minhas pernas? Digo por que não as tenho; estamos sabendo que sou meio homem.

*Médico:* - Pense que se encontra com sua mãe, e isso bastará para estar com ela.

*Espírito:* - Você diz que bastará que me imagine estar com minha mãe para estar com ela. Agora mesmo vou; mas como vocês são gente tão simpática, parece-me que voltarei em outra ocasião, se não incomodo. A

propósito, faça-me o favor de dizer ao rapaz que sinto muito o dano que lhe causei.

*Médico:* - Você procurará ajudá-lo, posto que esteja em suas mãos?

*Espírito:* - Como poderei fazê-lo?

*Médico:* - Aconselhando-o para que volte para casa. Sua mãe lhe explicará.

*Espírito:* - Minha mãe me diz que devo agradecer-lhes por haverem me encontrado. E pensar que ela encontrou seu filho enfiado em uma mulher! Ela não me reconheceu nesse estado; mas é necessário tomar as coisas tal como vêm. Já vou. Boa noite.

A atitude do jovem C. B. mudou completamente no dia seguinte, e escreveu a seus pais pedindo que fizessem tudo o que estivesse ao seu alcance para conseguir seu licenciamento, porque queria voltar para casa e continuar seu trabalho. Acrescentava que não podia compreender como havia se alistado, parecendo que havia feito isso num acesso de ofuscação da inteligência.

Como o jovem não havia dado sua verdadeira idade quando se alistou, posto que tinha realmente só 17 anos, foi dada baixa do serviço, não sem grandes demora e dificuldades. Voltou então para casa e foi dali em diante um indivíduo normal.

## **CAPÍTULO IX**

### **INVALIDEZ PSÍQUICA**

Ao ser perguntado se conhecia alguma das pessoas presentes, respondeu em seguida apontando a massagista da senhora McA., e lhe pediu

que a levasse imediatamente para a cama, que ficasse para cuidá-la e que diminuísse a luz, porque esta era demasiada forte para uma pessoa enferma.

Disse-nos que se chamava Grace Brusted, de Boston; que pertencia à seita universalista, e que nos encontrávamos no ano de 1898.

Disse que se sentia enferma havia muito tempo e que tinha a sensação de estar dividida em duas pessoas, sendo em ocasiões ela mesma e em outras, pessoa distinta.

Manifestou que a chamavam com muita freqüência senhora McA., mas que já estava cansada de responder por este nome, porque não tinha nenhuma simpatia pela senhora McA. Nos últimos tempos havia trabalhado em excesso, porque tinha que dar instruções às suas costureiras; mas disse que de agora em diante a senhorita F. W. teria que fazer as coisas à sua maneira, ou do contrário a despediria.

O espírito voltou a insistir que estava cansado de viver uma vida dupla, que não conseguia compreender o porquê daquela situação e que morreria muito a gosto.

Foi-lhe explicado então a maneira de progredir na vida espiritual, e lhe apareceram os espíritos de sua avó e de sua mãe, dizendo-lhe que havia sido sempre uma menina mimada, mas que dali em diante não teria outro remédio que aprender a maneira de ser útil aos demais. A senhorita F. W. e a massagista da senhora McA. afirmaram que toda a maneira de conduzir-se e de falar deste espírito correspondia exatamente à maneira de falar e de se conduzir da senhora McA. No dia seguinte nos informaram que a senhora McA. havia levantado com um humor muito simpático, fazendo notar que era aquela a primeira noite, desde muito tempo, que levantava sem dor de cabeça.

Dali em diante seguiu melhorando progressivamente, deixou a cama e reassumiu suas ocupações habituais.

Um amigo nosso, de 84 anos de idade, sentia-se atacado já há seis anos de incontáveis dores na parte posterior do pescoço e de umas tonturas que o acometia com cada vez mais freqüência.

Quando estes ataques o acometiam, parecia-lhe que as paredes e os edifícios vinham-lhe encima, esmagando-o; sentia profundas náuseas, e se no momento do ataque estivesse sentado, caía adiante com a cabeça entre os joelhos e permanecia em semelhante estado durante algum tempo, sem poder endireitar por si mesmo.

Como não se encontrava uma causa física que explicasse aquelas moléstias, pensamos que talvez tivessem origem obsessante, e nos concentramos em círculo psíquico pensando nele.

Estando em círculo, um espírito se apossou da senhora Wickland, e esta caiu para frente, com a cabeça entre os joelhos. Trabalhamos um tempo dialogando com aquele ser, até que pôde nos dizer que se chamava Jack Finch, que tinha uns 65 anos de idade e que havia estado internado em um Instituto que havia próximo de Mádison, Wiscosin.

Disse que quando era muito pequeno, alguém que o levava nos braços, provavelmente sua irmã, o havia deixado cair ao solo, produzindo-lhe uma fratura no ombro que o deixara inválido.

Quando cresceu, necessitou cada vez maiores cuidados, e como sua mãe não podia prestá-los, foi recolhido a um Instituto. Recordava que seus males aumentaram em consequência de um golpe no ombro durante um ciclone.

Havia sofrido grandes dores, estando sempre exposto a tonturas que o obrigavam a dobrar-se e permanecer encolhido até passar o ataque e lhe prestarem ajuda. No momento dos desvanecimentos parecia-lhe que deslizava e que caía de um telhado e que as paredes da casa eram derrubadas sobre ele, esmagando-o. Outras vezes parecia que a cama dava voltas e o jogava para baixo e que tudo dançava ao seu redor.

Disse-nos que ninguém havia cuidado dele, devido a seu estado, com exceção de uma enfermeira que se chamava “Anasteena”, que sempre lhe havia dado provas de grande simpatia enquanto esteve na instituição e que era a que lhe dava de comer.

- Porém agora tudo mudou. Certas ocasiões me parece que fora um homenzinho, outras vezes uma mulher e outras um homenzarrão. (Sensações distintas que experimentava segundo era a pessoa sobre a qual estivesse influenciando.)

Quando conseguimos que aquele espírito compreendesse que havia perdido seu corpo mortal e que já não era possível que sofresse nenhuma dor física, perguntou:

- Se é certo que perdi meu corpo e que já morri, como é que não vi Deus? Onde está Deus?

Recebeu de nós uma explicação acerca da verdadeira natureza de Deus, de sua maneira de manifestar-se em todas as coisas e da existência do mundo espiritual.

Ao ser solicitado que olhasse ao redor e se havia alguma pessoa que houvesse conhecido durante sua vida terrena, exclamou:

- Sim, minha mãe está aqui! Quer que vá com ela para sua mansão; diz que cuidará de mim daqui em diante. Acrescenta que eu nunca soube o que era a verdadeira vida, por causa de minha invalidez, mas que começarei a viver daqui em diante.

Enquanto falava, viu a certa distância um espírito que se aproximava dele, e exclamou cheio de alegria:

- É Anasteena! Posso ir com ela também?

Ao ser dito que podia ir com sua mãe e com sua amiga, que elas cuidariam de seu espírito e que ia começar para ele uma vida de felicidade, disse com fervor:

- Deus os abençoe!

E logo em seguida se retirou.

O enfermo que havia sofrido aqueles ataques de vertigens ficou livre de sua indisposição no dia seguinte, e nos manifestou que sentia um excesso tal de energia, que parecia haver rejuvenescido, voltando a ter não mais de 48 anos, no lugar de 84, e não voltou mais a ter nenhuma recaída.

Um médico nos trouxe o senhor Z., de uma cidade vizinha de Burbank, por suspeitar que pudesse tratar-se de uma caso de obsessão. Dito senhor padecia há 25 anos de insônia, acompanhada de náuseas, sem haver obtido melhoria com nenhum remédio.

Durante a consulta a senhora Wickland viu o espírito de um homem que se encontrava atrás do enfermo. Quando o descreveu ao paciente, este reconheceu na descrição um antigo amigo que havia falecido uns quantos anos antes.

Depois de submeter o paciente a um tratamento elétrico, o espírito saiu do enfermo e se apossou da senhora Wickland, falando com seu amigo e recordando certos incidentes de sua antiga amizade.

O senhor Z. esteve comprometido para casar-se com a filha deste espírito, mas o matrimônio se desfez por razões de índole religiosa. No entanto, continuaram um e outro conservando as melhores relações, e em certa ocasião em que o pai da moça se encontrou em apuros financeiros, o senhor Z. fora em seu auxílio.

Quando o pai morreu, de um câncer no estômago, e por causa precisamente de seu afeto para com o senhor Z., viu-se atraído para a aura deste, vendo-se impossibilitado de sair, permanecendo encerrado nela durante 25 anos, e transmitindo a seu amigo todos os sintomas da enfermidade que havia sofrido na Terra.

Depois de haver recebido uma explicação acerca das leis da vida superior, retirou-se arrependido e o senhor Z. não voltou a sentir as enfermidades que até então o haviam afligido.

Um caso pouco corrente de invalidez psíquica é o da senhora G., que padeceu durante muitos anos de um sofrimento intenso e doloroso na espinha dorsal, o que tinha desorientado todos os médicos.

A senhora G. esteve sob nossos cuidados durante algum tempo, e conseguimos finalmente afastar dela o espírito de uma pessoa que havia falecido com fraturas na espinha dorsal e da base do crânio. Este espírito se apossou da senhora Wickland.

As inteligências-guias nos explicaram que esse espírito havia sido atraído para a aura da enferma quando esta era menina, chegando a mesclar-



se intimamente com seu sistema nervoso e transferindo à vítima o estado físico em que havia falecido, e do qual acreditava-se ainda afetado.

Uma vez que aquele espírito foi retirado, a enferma começou a melhorar, e não voltou a sofrer as dores nas costas.

*Experiência realizada no dia 4 de julho de 1923.*

*Espírito: James Hosen. – Enfermo: Senhora G. - Intermediário Psíquico: Senhora Wickland.*

Parecia que o espírito que havia se apossado do intermediário psíquico se encontrava paralisado, com a cabeça caída sobre o ombro. A princípio não podia falar, limitando-se a levar o indicador ao pescoço, deixando escapar gemidos lastimosos, como quem sofre muito.

O senhor G. e a senhora G., que se encontravam no círculo, deram mostras de profundo interesse ante semelhante atitude.

*Médico: - Meu amigo, procure vencer seus antigos hábitos; esqueça suas dores. (Movendo os braços e as mãos.) Observe como suas mãos e seus braços não estão rígidos. Ponha-se de pé: já não está paralisado. Nós vamos ajudá-lo. Compreenda que já perdeu seu antigo corpo. Você é um espírito e não deve andar ao redor da esfera terrestre, provocando males nas pessoas. Fale e diga-nos quem é você. De onde veio?*

*Espírito: - Oh! (Fazendo esforços desesperados para alcançar a senhora G. e estendendo para ela as mãos em um gesto de súplica.)*

Senhora G. – Não tente voltar aqui. Eu não o admito.

*Espírito: - Oh! (Começando a chorar e fazendo outro esforço para alcançar a senhora G.)*

*Médico:* - Não continue sendo egoísta. Escute os espíritos inteligentes que lhe ajudarão. Só esquecendo seu atual modo de ser, poderá conseguir a felicidade. Os espíritos inteligentes o conduzirão ao mundo espiritual. Os prantos e gemidos não servirão para nada.

*Senhora G.* – O cavalheiro que está lhe falando é médico e poderá prestar-lhe grande ajuda.

*Médico:* - Esforce-se para falar.

*Espírito:* - Não quero que voltem a me aplicar o fogo! (O tratamento elétrico aplicado na enferma.)

*Médico:* - Pois se se empenhar em continuar rondando por aqui, seguramente que o voltaremos a aplicar.

*Espírito:* - Não! Não quero mais! (Forcejando.) Esse fogo é terrível.

*Médico:* - Escute-me. Creio que lhe ocorreu algo grave há muito tempo. Recorda-se se lhe ocorreu algo?

*Senhora G.* – Responda a pergunta do médico.

*Médico:* - Esforce-se por compreender seu verdadeiro estado. Você morreu provavelmente há muito tempo.

*Espírito:* - Oh! Minha costa, minha costa!

*Médico:* - O que tem a sua costa?

*Espírito:* - Está fraturada.

*Médico:* - Mas o que foi que lhe aconteceu?

*Espírito:* - Caí do cavalo.

*Médico:* - Onde você vivia?

*Espírito:* - Não sei se poderia lhe dizer agora. Por um lado parecia que estava morto, mas agora não creio que seja precisamente um cadáver. Minha costa, minha cabeça e meu pescoço ficaram fraturados em mil pedaços. Parece que minha cabeça está desprendida da espinha dorsal. (A enferma havia sofrido sempre essa sensação, como a de que a cabeça deslocara da coluna vértebra.)

*Médico:* - Quando ocorreu o acidente?

*Espírito:* - Não me lembro. O golpe foi aqui mesmo. (Assinalando o lado esquerdo do pescoço.)

*Médico:* - Esqueça tudo isso, porque não há razão para que você experimente agora semelhante sensação. Este corpo de que está se servindo não lhe pertence e não está doente. Você sabia que não lhe vemos?

*Espírito:* - Não quero que me apliquem mais o fogo. Fere com demasiada força o pescoço.

*Médico:* - Foi indispensável que recorrêssemos a esse procedimento para obrigá-lo a sair de onde se encontrava. Por que assediou essa senhora e se dedicou a molestá-la?

*Espírito:* - Ai, meu pescoço e minha cabeça! Dói-me tanto que não posso resistir mais.

*Médico:* - Quanto tempo faz que você sente estas dores?

*Espírito:* - Faz muitíssimos anos... Faz muitíssimo tempo.

*Senhora G.* – Você já era uma pessoa de maior quando caiu do cavalo ou era uma pessoa de pouca idade? Você é um menino ou uma jovem?

*Espírito:* - Sou um moço. Fraturei o pescoço faz muitíssimo tempo, mas ainda me dói.

*Médico:* - Isso ocorreu na Califórnia?

*Espírito:* - Não; isso ocorreu longe, muito longe. Não me recordo onde.

*Médico:* - Busque na memória e recordará.

*Senhora G.* – Seria talvez em Illinois ou em Iowa?

*Espírito:* - Terão que aguardar um momento, porque estive dormindo. Dói-me a cabeça e o pescoço. Este está fraturado. A cabeça ficou arrancada da coluna vertebral.

*Senhora G.* – Mas você já não tem cabeça física.

*Espírito:* - No entanto, sinto que o fogo me sobe até o cocuruto.

*Senhora G.* – Isso lhe fará bem; isso lhe ajudará.

*Espírito:* - Mas é fogo, fogo.

*Senhora G.* – O pescoço já não lhe dói.

*Espírito:* - Sim, dói.

*Médico:* - Não dói.

*Espírito:* - Fiquei paralisado. Não posso mover-me. Ai, minha espinha dorsal! Minha coluna vertebral! Tenho o pescoço fraturado.

*Médico:* - Vejamos se consegue compreender que seu pescoço fraturado foi parar no sepulcro. Seu corpo físico já se acabou. Este que agora você se serve está completamente são, mas só lhe servirá por muito pouco tempo.

*Espírito:* - Como você sabe que meu corpo já se encontra no sepulcro?

*Médico:* - Precisamente porque você se encontra agora aqui, e o corpo de que se vale para falar não é seu.

*Espírito:* - E como você sabe?

*Médico:* - Você se empenha em não abrir os olhos à verdade porque é um espírito egoísta. Ademais, sabe perfeitamente que o que digo é certo.

*Espírito:* - Tenho ido à igreja e só tenho ouvido falar de Jesus Cristo.

*Senhora G.* – A que igreja você pertencia?

*Espírito:* - A dos Mennonitas. (A Sra. G. havia sido educada entre os Mennonitas.)

*Senhora G.* – E onde foi isso?

*Espírito:* - Em Kansas, faz muitíssimo tempo. (A senhora G. havia vivido em Kansas durante muito tempo.)

*Senhora G.* – Em que povoado?

*Espírito:* - Em N.

*Senhora G.* – Como você se chama?

*Espírito:* - Esqueci. Tenho muito mal o pescoço.

*Senhora G.* – Você vivia na cidade?

*Espírito:* - Não; vivia em uma granja situada a uma milha ao norte da Faculdade.

*Senhora G.* – Como você se chama?

*Espírito:* - Eu tinha um nome, mas faz muito tempo que não voltei a ouvi-lo.

*Senhora G.* – E como foi que caiu do cavalo?

*Espírito:* - Subíamos uma colina e meu cavalo se espantou com uns coelhos. Saiu disparado e eu não pude sujeitá-lo a tempo.

*Senhora G.* – Então não era um bom ginete.

*Espírito:* - É que montava em pêlo e não pude me firmar.

*Senhora G.* – Isso quer dizer que o cavalo que você montava não era amansado.

*Espírito:* - Eu era um peão.

*Senhora G.* – Que idade você tinha?

*Espírito:* - Dezesseis ou dezessete anos, acredito.

*Senhora G.* – Como sua mãe lhe chamava?

*Espírito:* - Não recordo.

*Médico:* - Mabel, talvez?

*Espírito:* - Esse não é nome de menino. Eu me chamo James.

*Médico:* - E nada mais? Olhe e me diga se esta mão é sua. (Mostrando a mão do intermediário psíquico.)

*Espírito:* - Não; Jimmie nunca teve anéis na mão.

*Médico:* - Você está servindo-se temporariamente desta mão; não lhe pertence. Esta mão é da minha senhora.

*Espírito:* - Faz algum tempo que percebi que minhas mãos diminuíram. Meu nome completo é James Hoxen.

*Médico:* - Segundo parece, você perdeu seu corpo físico em um acidente.

*Espírito:* - Minha cabeça vai cair no chão!

*Médico:* - Você terá que recolhê-la e voltar a pô-la. Você é um espírito ignorante que vem molestando uma senhora.

*Espírito:* - O que é um espírito?

*Médico:* - É um ser como você.

*Espírito:* - Eu sou James.

*Médico:* - No entanto, quando olho este corpo que você crê ser seu, vejo minha mulher. Pergunte a qualquer um dos presentes a quem pertence este corpo que você se serve para falar.

*Espírito:* - Então, eu pertenço a outra pessoa.

*Médico:* - A quê outra pessoa?

*Espírito:* - (Estendendo seus braços para a senhora G.) Quero voltar a você, porque é você que eu gosto.

*Senhora G.* – Você já não voltará para mim, e sim que terá que ir ao mundo dos espíritos.

*Espírito:* - Onde está esse mundo?

*Médico:* - É o mundo invisível que envolve o plano terrestre.

*Espírito:* - (Afetadamente.) Eu quero ver Jesus Cristo.

*Médico:* - Por que você se queixa?

*Espírito:* - É minha maneira de falar. Você curará meu pescoço?

*Médico:* - Sim, fazendo com que abra os olhos à verdade.

*Senhora G.* – Você sabe como me chamo? Conheceu alguma pessoa que se chamasse G., como eu?

*Espírito:* - Essa pessoa vivia muito longe.

*Senhora G.* – E não conheceu ninguém que se chamasse K? (Nome de solteira da senhora G.)

*Espírito:* - Estes senhores viviam em outra cidade.

*Senhora G.* – Você havia nascido na mesma cidade em que se acidentou?

*Espírito:* - Nasci bem no interior.

*Senhora G.* – Em que ano acha que vivemos?

*Espírito:* - Não sei.

*Médico:* - Quem é na atualidade nosso Presidente?



*Espírito:* - Nunca me ocupei em ler essas coisas.

*Médico:* - Olhe ao seu redor e verá seguramente mais de um espírito inteligente disposto a prestar-lhe ajuda.

*Espírito:* - Vejo aqui uma quantidade de gente. (Prontamente o espírito dá sinais de grande excitação e começa a chorar.) Mãe! Minha mãe!

*Médico:* - Veio para lhe ajudar.

*Espírito:* - Mãe, por que você morreu? Eu era então muito pequeno, e quando você morreu nossa casa ficou desfeita e tive que trabalhar para ganhar a vida.

*Médico:* - O que sua mãe diz?

*Espírito:* - Me diz: “Oh!, Jimmie! Por onde andou?” Minha mãe tem estado me procurando, mas não podia me encontrar.

*Médico:* - Porque você estava metido dentro dessa senhora, ocasionando-lhe grandes males. Agora pode ir com sua mãe.

*Espírito:* - Mãe, quer que eu vá consigo?

*Médico:* - O que responde?

*Espírito:* - Diz que devo começar pedindo perdão a essa senhora. Eu não pude evitar o que aconteceu, porque não podia sair; estava muito tempo encerrado e sinto agora muita fadiga. Irei com minha mãe. Mãe, vem e me leva consigo! Serei um menino dócil.

*Senhora G.* – Isso está muito bem dito, James; esqueça-se do passado.

*Médico:* - Os espíritos inteligentes o ajudarão e lhe mostrarão infinidade de maravilhas. Pense que você está com sua mãe e com o grupo de espíritos chamado “A Turma da Misericórdia”. Adeus.

Durante o verão do ano de 1923 o senhor I veio nos consultar acerca de sua esposa, que há nove meses não se movia da cama, sofrendo grandes dores de cabeça. Outros médicos haviam diagnosticado que se tratava de um tumor cerebral e de uma paralisia aparente do braço, dando o caso por irremediável.

Fizemos várias visitas à casa da inválida, submetendo-a a tratamento elétrico, com objetivo de fortalecê-la. Durante essas visitas a senhora Wickland viu, em um momento de clarividência, que o espírito de um homem com uma terrível ferida na cabeça e outro de uma mulher parálitica em um braço, rondavam essa mulher.

Em nosso primeiro círculo psíquico de concentração conseguimos atrair o espírito daquele homem, fazendo que se apossasse do corpo da senhora Wickland, e soubemos que havia sido durante sua vida pintor de casas e que havia caído do andaime, ficando sua cabeça, segundo sua própria expressão, “partida em duas”.

Não havia se dado conta de que houvera morrido, e manifestou que sofria umas dores mortais na cabeça, mas que depois dessas dores havia se encontrado, de repente, deitado na cama. Uma vez que o convencemos sobre seu verdadeiro estado, se retirou, ficando encomendado aos espíritos inteligentes. Daquele momento em diante a senhora I. já não voltou mais a sofrer dores de cabeça.

No entanto, continuava deitada porque se sentia débil e sofria a paralisia do braço. A submetemos a um novo tratamento elétrico e

convidamos seu esposo para que viesse ao nosso círculo de concentração psíquica daquela noite.

Quando o senhor I. se apresentou em nossa casa, informou-nos que sua esposa se encontrava muito melhor e que havia levantado, sendo aquele o primeiro dia que passava fora da cama depois de nove meses.

Com este antecedente, resultaram em maior interesse para o marido da enferma os acontecimentos que tiveram lugar naquela noite, porque o espírito que se apossou do intermediário psíquico se queixou de certas dores que correspondiam exatamente aos que estava padecendo a enferma.

*Experiência realizada no dia 17 de julho de 1923.*

*Espírito:* Senhora Lizzie Davidson. – *Enfermo:* Senhora I. -  
*Intermediário Psíquico:* Senhora Wickland.

O espírito apertava fortemente o braço contra o corpo e deixava escapar continuamente gemidos lastimosos.

*Médico:* - Boa noite. Há aqui algum enfermo? Ou é alguma pessoa já falecida que continua com a idéia do sofrimento gravada em sua alma? O que acontece?

*Espírito:* - (Entre dentes.) Meu braço! Ai, meu braço!

*Médico:* - O que lhe acontece no braço?

*Espírito:* - Dói muito.

*Médico:* - O que aconteceu com ele?

*Espírito:* - Por que não me levam para minha cama? Estou doente.

*Médico:* - Você está sonolento?

*Espírito:* - Estou enfermo e deveria estar em minha cama.

*Médico:* - Não lhe parece que já esteve nela o bastante?

*Espírito:* - Minha enfermidade é muito grave.

*Médico:* - Há quantos anos está enfermo?

*Espírito:* - Muitos, muitíssimos anos.

*Médico:* - Quanto tempo faz que já morreu?

*Espírito:* - Morrer? Disse que estou enfermo; não disse que estou morto. Você não conhece meu estado. Estou muito enfermo.

*Médico:* - Vejo claramente que sua enfermidade é puramente mental.

*Espírito:* - Sou uma mulher que está muito doente. Não me toque! Por que me tirou dali quando estava tão comodamente acamada? Era uma cama muito cômoda! (Ao senhor I.) Esse senhor (apontando ao Doutor W.) me tirou dali quando ia deitar e dormir.

*Senhor I.* – Do qual me congratulo muito.

*Senhor G.* - Este cavalheiro é médico.

*Espírito:* - (Parecendo reconhecer o Doutor W.) Você é o que me aplicou aquelas chispas e me disse que lhe seguisse. Você disse: “Todo aquele que se encontre ao redor desta senhora, que venha comigo.” Por que me disse que fosse com você e me deixa aprisionada desta maneira? (Ao senhor I.) Você não pode fazer nada para me proteger?

*Senhor I.* – Você está muito bem aqui.

*Espírito:* - Não, não, não! Eu não quero permanecer aqui mais tempo.  
(Dando furiosamente com o pé no solo.)

*Médico:* - Você quer então seguir rondando a esposa deste cavalheiro, arruinando sua vida?

*Espírito:* - É que esse cavalheiro sabe nos cuidar muito bem. Gosto e quero permanecer ali. (Volta a bater o pé furiosamente.)

*Senhor I.* – Aqui a cuidarão muito bem.

*Médico:* - Você estava molestando a sua senhora, rondando-a. Este cavalheiro cuidava de sua senhora e só acidentalmente tem cuidado também de você. Você é um espírito. Este senhor não quer que você continue molestando sua mulher.

*Espírito:* - Isso significa que você não quer mais cuidar de mim?

*Senhor I.* – Não.

*Espírito:* - Você é uma má pessoa. (Chorando.)

*Médico:* - Vejamos se lhe fazemos abrir os olhos. Você é um menino chorão?

*Espírito:* - Não sou um menino chorão! (Voltando a bater o pé no solo.)

*Médico:* - Então você tem um mau gênio. Modere-se e compreenda que você já perdeu seu corpo mortal.

*Espírito:* - Não perdi meu corpo.

*Médico:* - Seu corpo está na sepultura.

*Espírito:* - Não é certo. Meu corpo é este.

*Médico:* - Olhe as mãos e diga-me se são suas.

*Espírito:* - De onde tirei estes anéis? Eu tinha mais pedras preciosas.

(Ao senhor I.) Não é mesmo?

*Senhor I.* – Minha mulher, sim, tinha mais anéis.

*Espírito:* - Você me presenteou um muito bonito.

*Senhor I.* – Eu não lhe presenteei nada; eu o fiz à minha mulher.

*Espírito:* - Você presenteou a mim.

*Senhor G.* – Você se esqueceu que tem um braço paralítico. Tem estado movendo-o.

*Espírito:* - É certo, mas sei muito bem onde me dói. (Dando um forte golpe no solo.)

*Médico:* - Quando você se irrita esquece suas dores. Vejamos. De onde você veio?

*Espírito:* - Por que me tirou daquele leito bonito? Meu braço e minha costa estão doendo muito forte. Tenho o braço paralítico por causa daquele tiro.

*Médico:* - Deram um tiro em você?

*Espírito:* - Pergunte a eles.

*Médico:* - Não será mais certo que lhe deram uma injeção hipodérmica?

*Espírito:* - Sim, isso é o que eu queria dizer. Gostaria que me dessem outra injeção. Pode dá-la? Ainda que seja pequena, ainda que seja bem pequena.

*Médico:* - Então você é viciada em entorpecentes.

*Espírito:* - Estive enferma durante muito tempo, não podia dormir; por esse motivo me deram algo no braço. Tantas vezes repetiram a operação, que terminei por ter o braço dolorido; finalmente paralisou. Deram-me injeções em demasia.

*Médico:* - Bem; está ficando tarde e temos que ter presa.

*Espírito:* - O que é isso de ter pressa?

*Médico:* - É que temos que ajudar você a compreender qual é seu verdadeiro estado. Compreenda que perdeu seu corpo físico e que não é agora mais do que um espírito. Este corpo não lhe pertence.

*Espírito:* - Isso é o que você acredita.

*Médico:* - Você não tem o braço paralisado, nem muito menos. Olhe o vestido e diga-me se é seu e onde o comprou.

*Espírito:* - Deve ser você então que o comprou.

*Médico:* - Foi minha mulher quem o comprou. Como você se chama?

*Espírito:* - Lizzie.

*Médico:* - E que mais?

*Espírito:* - Sou a senhora Lizzie Davidson, e não quero que me chamem somente de Lizzie. Quando você falar comigo terá que chamar-me senhora Davidson.

*Médico:* - Vejamos. Reflita um pouco; você já perdeu seu corpo físico faz muitos anos.

*Espírito:* - Onde?

*Médico:* - Não estou em condições de dizê-lo.

*Espírito:* - Como então sabe?

*Médico:* - Você mesma está demonstrando o que digo. Não vê que a mão que você crê ser sua e que eu tenho entre as minhas é de minha mulher?

*Espírito:* - Essa é a minha mão, e não sou sua mulher. (Pisoteando.)

*Médico:* - Você nos fala, mas nós não podemos vê-la. Você é invisível para nós, e, ainda, todos os que aqui estão somente vêem o corpo de minha mulher.

*Senhor I.* – Esta manhã você veio seguindo o senhor Wickland?

*Espírito:* - Aplicou-me aquela coisa horrível. (Eletricidade.) E logo disse: “Que todos me sigam!” (Ao Doutor W.) Por que você me obrigou a sair? E o que me diz daquela jovem índia? (Refere-se à Estrela de Prata, um dos espíritos guias da senhora Wickland, que havia se apossado dela naquela manhã, contando uma quantidade de historinhas divertidas a fim de atrair a atenção do espírito.) Essa jovem esteve me fazendo rir até que fiquei tão débil e me senti tão enferma, que, sem me dar conta, encontrei-me afastada daquela senhora. Isto me deixou louca. Se pudesse pegar aquela jovem índia, lhe torceria o pescoço!

*Senhor I.* – Você disse antes que foi o Doutor que a trouxe aqui.

*Espírito:* - Mas não me trouxe neste corpo.

*Senhor I.* – Este corpo esteve aqui o dia todo. Você veio esta manhã com o Doutor e com sua mulher no automóvel.



*Espírito:* - Não entendo isso de automóvel.

*Médico:* - Você ignora o que é um automóvel?

*Espírito:* - Ignoro.

*Médico:* - É um carro que roda por si mesmo. Hoje existem milhões de automóveis em circulação. Parece, pois, evidente que você perdeu seu corpo faz muitos anos.

*Espírito:* - Você está seguro? Quando o perdi?

*Médico:* - Ignoro. Nenhum de nós a conhece.

*Espírito:* - Já lhe disse que sou Lizzie Davidson.

*Médico:* - De onde você veio? Sabe aonde se encontra agora? Você está em Los Angeles, Califórnia.

*Espírito:* - Isso não é certo; não estou nem estive jamais nessa cidade e tampouco tinha dinheiro para pagar a viagem.

*Médico:* - Onde você vivia?

*Espírito:* - Em Nova York.

*Senhor I.* – Você vivia na Rua 27?

*Espírito:* - Não.

*Médico:* - Em que ano acredita que vivemos? Segundo nós, estamos em 1923.

*Espírito:* - Então vocês estão mal da cabeça, porque estamos no ano de 1883.

*Médico:* - De lá para cá se transcorreram 40 anos. Encontramo-nos em 1923. Você morreu para o mundo, porque faz 40 que perdeu seu corpo físico.

*Espírito:* - Como você sabe?

*Médico:* - Deduzo por suas próprias palavras. Nós estamos escutando agora uma pessoa que para todo mundo está morta. Você fala servindo-se do corpo de minha senhora.

*Espírito:* - (Vendo um espírito.) Quem está aí?

*Médico:* - Pergunte.

*Espírito:* - É meu cunhado Cleveland. O que diabos procura?

*Senhor G.* – Olá, Cleveland! Como está hoje?

*Espírito:* - (Encolerizada, dirigindo-se ao senhor G.) Cale-se! Você não o conhece.

*Senhor G.* – Que ofício tinha?

*Espírito:* - Era sapateiro.

*Senhor G.* – Foi seguramente um mestre em seu ofício.

*Espírito:* - Era muito pouco amável com minha irmã. Detesto-lhe, Cleveland! Não fez mais do que me dar desgostos.

*Médico:* - Escute o que ele vai lhe dizer.

*Espírito:* - Ouça, Cleveland, você não tem nada o que fazer aqui e não sei a que veio, se não é para causar novos danos. O que fez com minha irmã, grande demônio?

*Médico:* - Bonita maneira de falar para uma pessoa que se diz cristã!

*Espírito:* - Cora! (A um espírito.) Minha irmã! Por que se foi com esse homem? Nunca a perdoarei. Aquilo me fez sofrer muito, porque acreditava que não sairia do meu lado o resto da vida. Eu havia prometido a nossa mãe que cuidaria de você durante toda a minha vida, mas você foi com esse indivíduo. Destroçou-me a alma.

*Médico:* - O que responde?

*Espírito:* - Diz que o amava. É um disparate amar um homem. David também está aqui. Suponho que virá se juntar comigo outra vez, mas é inútil. Tampouco você perdoarei.

*Médico:* - Quem é David?

*Espírito:* - Meu marido.

*Médico:* - E o que aconteceu com ele?

*Espírito:* - Que foi um louco.

*Médico:* - Por que se casou com ele?

*Espírito:* - Não resta dúvida que se aproxima o fim do mundo. As pessoas se encontram tão carregadas de pecados, que Deus já não sabe o que fazer com elas. De uma maneira ou de outra teria que lhes dar uma lição. Coloquemos, pois, mãos à obra. Eu quero ir ao céu.

*Médico:* - Você crê que tem muitas probabilidades de entrar no céu?

*Espírito:* - Rezarei por você. David era uma pessoa má; sei bem todos os desgostos que me deu.

*Médico:* - E você não tinha nenhum defeito?

*Espírito:* - Não, porque eu rezava muito.

*Médico:* - Em sua consciência não há remordimento de nada?

*Espírito:* - Minha consciência, diz?

*Médico:* - Sim. Você não se arrepende de nada?

*Espírito:* - Core me diz: “Não me deixava ir a nenhum lugar, me levava consigo na igreja e me fazia rezar continuamente. Por fim me cansei dessa vida, Cleveland se aproximou de mim e prometeu formar um lar comigo. Cumpriu e me tratou muito bem”. Ainda que minha irmã diga isso, eu não o perdoarei.

*Médico:* - Pelo que se vê você era uma fanática, e sua irmã não pôde resistir ao seu lado.

*Espírito:* - Minha irmã deveria ter concentrado todo seu amor em Jesus.

*Médico:* - Você não soube encontrar Jesus.

*Espírito:* - O encontrarei quando morrer.

*Médico:* - Você ficaria muito melhor se acreditasse no que sua irmã diz. Onde ela vivia?

*Espírito:* - Viveu primeiro em Nova York e dali mudou-se para Chicago.

*Médico:* - Pergunte se em espírito.

*Espírito:* - Diz que ela já morreu. (À sua irmã.) Está morta e merecia, porque até o fim de sua vida se deu ao espiritismo. Sempre foi uma louca e

me tirava do sério porque eu sabia que freqüentava as reuniões espíritas, as que a levou a Cleveland, porque pertencia a essa seita e acreditava nos espíritos.

*Médico:* - E sua irmã, não lhe diz mais nada?

*Espírito:* - Acrescenta: “Lizzie, volte a si.” Cale-se e não me diga isso! Não vê que me destroçaram?

*Médico:* - Você foi sempre tão egoísta?

*Espírito:* - Não. David se portava bem às vezes; trabalhava e cuidava de mim. Eu vivia bem em casa, mas David não queria que eu fosse tanto à igreja. Não pagava seu dízimo à igreja, e isso me tirava do sério até insultá-lo. Eu lhe disse que se não fosse à igreja e entregasse sua oferta ao Senhor, iria para o inferno. E no inferno está!

*Médico:* - Não está no inferno.

*Espírito:* - Não sei como poderia ter escapado dele. (Ao espírito.) David, faz muito tempo que faleceu, e tenho rogado por você, porque imaginava que estava no inferno, porque esse é o lugar que lhe correspondia, pois você não pagava o donativo ao Senhor.

*Médico:* - Pergunte se esteve no inferno.

*Espírito:* - Responde: “Não existe o inferno.” Eu creio que existe, condenado, você está nele.

*Médico:* - É você que está perdida no inferno da ignorância; é você a que está envolvida no egoísmo e na ignorância.

*Espírito:* - Fui batizada por imersão e sou uma das eleitas. Sempre fui um bom membro da Igreja, tenho trabalhado muito e sofrido, e quando morrer irei direto ao céu.

*Médico:* - Mas você não morrerá totalmente.

*Espírito:* - David morreu.

*Médico:* - Se realmente estivesse morto, não poderia estar falando com você.

*Espírito:* - (Assustada.) Devem ser aparições! Havia esquecido que estavam mortos.

*Médico:* - São aparições como você. Porque você também é um fantasma.

*Espírito:* - Mas eles morreram.

*Médico:* - Têm o aspecto de mortos?

*Espírito:* - Não; antes, parecem bem mais belos que antes. Será que estão no céu... (Aos espíritos.) Digam-me se viram Jesus e o Pai Eterno. Estiveram com eles no céu?

*Médico:* - O que respondem?

*Espírito:* - Dizem que não. (Aos espíritos.) Então estavam, como imaginava, no inferno. É isso? Respondem que também não.

*Médico:* - Pergunte-lhes se este corpo que você está se servindo é realmente seu.

*Espírito:* - (Aos seres invisíveis.) Por que me olham assim? É por que não me conhecem? Dizem que não me conhecem na forma atual. Como se explica isso?

*Médico:* - Já havia dito que não a víamos, e que o corpo que você está usando pertence à minha esposa. Você tem sido uma pessoa muito egoísta, mas se empenha em não confessá-lo.

*Espírito:* - Minha irmã Cora está aqui e seu marido Cleveland, e meu marido David. Não é possível! Minha mãe também está chegando! Minha mãe, você veio do céu? Você é feliz no céu com Jesus Cristo e com o Pai Eterno?

*Médico:* - O que lhe responde?

*Espírito:* - Diz: “Lizzie, modere-se.” Mas, mãe, sempre fui uma filha submissa. Minha mãe diz: “Você sempre foi muito egoísta.”

*Médico:* - Veja que sua própria mãe quem o diz. Sua consciência também diz o mesmo. Você era uma alma ruim; pergunte a sua mãe.

*Espírito:* - Eu não era feliz.

*Médico:* - É porque sua consciência lhe dizia que era uma hipócrita.

*Espírito:* - Como sabe que minha consciência me dizia isso?

*Médico:* - Suas ações o demonstram. O que mais sua mãe lhe diz?

*Espírito:* - Diz: “Lizzie, modere-se”. É que minha mãe sempre me repreendia por causa de minha má língua.

*Médico:* - É necessária que você mude de atitude, se não quiser que os poderes espirituais a levem e a encerrem em um buraco escuro.

*Espírito:* - Oh! Deus, perdoa-me! Eu rezarei.

*Médico:* - Você não é sincera.

*Espírito:* - (Ao senhor I.) Você me perdoa?

*Médico:* - A perdoará se você for sincera.

*Espírito:* - David, você sempre foi bom comigo, mas não me portei sempre como deveria consigo. Tinha-lhe como um demônio, e sempre falei mal de você. (Começa a chorar.)

*Médico:* - De nada lhe servirão as lágrimas.

*Espírito:* - David, apesar de tudo, eu lhe amava. Me quer ainda, David? Continuo sendo sua querida mulherzinha. Ele me responde: “Deveria envergonhar-se.” Diz que eu era muito simpática quando não me deixava levar pelo meu mau caráter.

*Médico:* - Vejamos; é necessário que se apresse e que se vá.

*Espírito:* - Queria que esse cavalheiro tão carinhoso me perdoasse. (Ao senhor I.) O senhor me perdoa?

*Senhor I.* – Sim.

*Espírito:* - Cleveland, eu estava furiosa consigo. É certo que você tratava bem minha irmã; mas, por que a levou para tão longe? Responde que os negócios o obrigaram. (Ao senhor I.) Você me perdoa? Agora o digo de coração. Você me perdoa? Mãe, você me perdoa? Tenho sido muito egoísta, reconheço. Vejo tudo com clareza agora, porque abri os olhos. (Começa a chorar.)



*Médico:* - O choro não adianta nada. Atente-se ao que seus parentes lhe dirão.

*Espírito:* - Diga-me, David, me levará consigo?

*Médico:* - É hora de partir.

*Espírito:* - Já vou. (Levantando-se.)

*Médico:* - Mas não pode fazê-lo desta maneira.

*Espírito:* - E como você quer que me vá? Pretende que essa jovem índia me leve? É assim que irei partir?

*Médico:* - Essa jovem lhe ensinará coisas maravilhosas.

*Espírito:* - É que antes burlava de mim.

*Médico:* - Pense agora que se encontra com seus parentes, e isso será suficiente para que esteja ao seu lado.

*Espírito:* - Já vou, então. Eu vou ver Deus?

*Médico:* - Esqueça isso. Você não compreendeu ainda exatamente o que é Deus.

*Espírito:* - Adeus.

A senhora I. recobrou a partir deste momento sua força e pôde prontamente passear e viajar.

## CAPÍTULO X ÓRFÃOS

Em diferentes ocasiões têm sido atraídos em nossos círculos de concentração psíquica os espíritos de vários órfãos que não tiveram em vida os laços de família. Por regra geral, estes espíritos demonstraram um grande interesse em chegar ao conhecimento da verdade, dando provas de uma disposição especial para aceitar as explicações acerca da vida superior.

Certa noite chegou até nós o espírito solitário de um órfão que não havia conhecido seus pais, e durante toda a experiência deu mostras de grande penetração, espírito analítico e desejo de conhecer a verdade.

*Experiência realizada no dia 25 de maio de 1931.*

*Espírito: Minnie. - Intermediário Psíquico: Senhora Wickland.*

*Médico: - De onde você veio?*

*Espírito: - Não sei.*

*Médico: - Qual era sua ocupação?*

*Espírito: - Tampouco o sei.*

*Médico: - Não pode lembrar-se?*

*Espírito: - Como disse?*

*Médico: - Se não pode recordar como se chama e de onde veio?*

*Espírito: - Não sei.*

*Médico: - Quanto tempo faz que você faleceu?*

*Espírito:* - Você diz que faleci? Não sei. Não sei nada.

*Médico:* - Não se aproximou ninguém para dizer que você já perdeu seu corpo físico?

*Espírito:* - Não; tenho vagado por todos os lugares e falando.

*Médico:* - Com quem?

*Espírito:* - Com todos aqueles que pudesse falar. Mas o incomum é que não parecem se dar conta. Já ocorreu estar no meio de uma grande multidão e pensar: “Agora vou chamar a atenção de todos.” Subo na plataforma e começo a perguntar: “O que eu fiz para que ninguém queira se importar comigo?” Mas ninguém se importa. Entretanto, creio que sou alguém e que sou uma boa pessoa, mas ninguém quer nada comigo.

*Médico:* - E antes de ter ocorrido isso que disse, não se recorda de nada?

*Espírito:* - Devo ter sido alguém antes. Mas agora sou provavelmente uma Don Ninguém.

*Médico:* - E onde vivia naqueles tempos em que, segundo você, era alguém?

*Espírito:* - Sempre vivi no mesmo lugar. Às vezes me sinto tão cansada que não tenho mais remédio que deitar e dormir, dormir muito tempo; e quando desperto, me ponho a caminhar outra vez. Às vezes não faço mais que dar voltas e voltas, sem me afastar.

*Médico:* - E ninguém se aproximou de você durante esse tempo?

*Espírito:* - Tenho encontrado com pessoas para as quais parece que não existo. Nem me vêem, nem cuidam de mim. Em certas ocasiões, isto me faz sofrer muito, mas outras vezes não me preocupa.

*Médico:* - Onde está sua mãe?

*Espírito:* - Ignoro. Às vezes sinto fome, até ao ponto de pedir esmolas, umas vezes com êxito e outras sem obter nada. Se consigo entrar na cozinha, sempre pego algo para comer, e então me empanturro; depois saio e parece que me encontro outra vez em liberdade.

*Médico:* - Onde?

*Espírito:* - Em qualquer parte.

*Médico:* - E nessas ocasiões em que você diz que lhe dão algo para comer, não lhe parece como se você fora uma outra pessoa?

*Espírito:* - Sinto fome e não tenho outro remédio que pegar algo.

*Médico:* - E de que maneira obtêm essa comida?

*Espírito:* - É uma coisa muito estranha. Sempre há alguém que paga a conta; eu não pago nada nunca, nem tampouco me pedem que pague, e isso é o mais esquisito. Nunca pago nada. De vez em quando me dão para comer algo que não gosto, e não outro remédio que engolir. Algumas vezes me sinto tão mal depois de haver comido, que fico realmente enferma. Quando não gosto de uma coisa, faço caretas; às vezes encho o estômago e às vezes me conformo com pouca coisa. Em certas ocasiões sou um homem, em outras uma jovem. (Obsedia diferentes pessoas.) Sinceramente, não compreendo o que me acontece. Por que me ocorrem umas coisas tão estranhas? Sinto-me confusa. Eu caminho e caminho, e gostaria que as pessoas me dirigissem a

palavra; mas sou eu que tenho que falar sempre: não faço mais que ouvir minha própria voz. Em certas ocasiões consigo entrar em uma reunião e sento ali, e mais uma vez experimento a sensação... Não sei como dizê-lo. Algo assim como se eu fosse outra pessoa, como se não fosse mais que a metade de mim mesma.

*Médico:* - Que idade você tem?

*Espírito:* - Que idade tenho? Não sei.

*Médico:* - Você não sabe que idade tem?

*Espírito:* - A última vez que aniversariei tinha dezenove.

*Médico:* - Não tem pai, mãe, nem irmã?

*Espírito:* - Não.

*Médico:* - Onde seus pais viviam?

*Espírito:* - Ignoro se meus pais estão mortos e onde viviam. Nunca os conheci.

*Médico:* - Você foi educada em alguma instituição de caridade?

*Espírito:* - Fui educada em um abrigo, com uma grande quantidade de crianças.

*Médico:* - Você conhecia muitas?

*Espírito:* - Eram tantos...

*Médico:* - Em que cidade estava o abrigo?

*Espírito:* - Não me lembro exatamente. Tudo isto é muito estranho, tudo para mim é estranho.

*Médico:* - Realmente, sua situação é muito anômala.

*Espírito:* - Esta é a primeira vez que alguém me dirige a palavra. Cheguei quando vocês se encontravam cantando o hino da “maravilhosa praia”. Pensei que também pudesse ir a essa praia, e fiquei olhando para ver onde ficava.

*Médico:* - Nós a ajudaremos para que possa chegar até ela.

*Espírito:* - E antes que me desse conta de como aconteceu, vi que podia falar e responder. (Apossou do intermediário psíquico.) Isso é o que quero dizer: que faz muitíssimo tempo que ninguém me dirigia a palavra. Se dirigia a palavra a alguma pessoa, esta respondia; mas o fazia falando com outra pessoa e não comigo. Saí da casa onde estava trabalhando porque eram extremamente maus comigo.

*Médico:* - O que é que lhe faziam? A açoitavam?

*Espírito:* - Açoitar exatamente, não. Eu trabalhava em uma casa de família, não sei onde. Passava muita fome, e é claro que nessas condições não podia fazer bem as coisas que me mandavam. A dona da casa havia ido ao abrigo, mostrando desejos de levar-me com ela. Oxalá não tivesse feito! Eu estava muito bem no asilo. Passávamos nossos maus momentos; mas isso sempre é preferível a ter alguém lhe gritando constantemente. Na vida do abrigo havia muitas coisas que nos eram odiosas, mas também passávamos bons momentos. A mulher que me levou para sua casa começou por me dizer que tinha que ler a Bíblia de manhã até a noite, até que me fartei da Bíblia. Logo me fez orar de joelhos até que me doessem. E tinha que estar nas horas de folga de joelhos, lendo e rezando. Chegou a dizer que deveria caminhar

com meus joelhos e não com meus pés. Empenhou-se em me salvar. Disse-me que, ainda que eu cresse, ao contrário, não podia me vangloriar de haver sido boa até então; que se não fizesse tudo o que ela mandava, iria a um lugar que era como um forno de fogo. No abrigo rezávamos também e acreditávamos em Deus, mas a mãe era muito boa conosco. No dia que aquela mulher me levou, eu tinha quatorze anos, e foi o dia maldito de minha vida. Tinha que trabalhar horas e horas para ganhar algo, e encima estava aquela mulher resmungando constantemente e obrigando-me a rezar e ler. Terminei por não rezar. Ajoelhava, mas minha cabeça estava em outra parte, porque me doíam os joelhos. E quando caía, ela ficava furiosa e me arrancava os cabelos. Como ela colocava uma almofada embaixo dos próprios joelhos, podia permanecer em tal situação horas e horas. E como eu não podia resistir e cansava, dizia-me que era uma grande pecadora. É verdade que uma pessoa que não possa resistir muitas horas de joelho seja uma grande pecadora? Eu era muito ignorante, mas às vezes não podia deixar de pensar... Vou lhe dizer, mas não conte nada a ninguém. (Com tom confidencial.) Que Deus se aborrecia espantosamente ao ter que ouvir tudo aquilo. Tão cansada ficava, que não podia ao menos dormir. Então ela me puxava os cabelos e me esbofeteava. Podia rezar a Deus, mas era malíssima. E sempre ameaçando que me levaria ao demônio. Mais de uma vez pensei, tal como digo, que ela era um demônio. E rezava primeiro por ela; depois por sua irmã, por sua mãe, por seu pai e por seus amigos, e finalmente rezava pela pobre Minnie. Não sabiam meu sobrenome. Eu não soube nunca quem eram meu pai e minha mãe. Não conheço a história de meu nascimento; só sei que me encontraram no umbral de uma porta. Por isso me colocaram o apelido “Minnie, a do Portal.” E este nome me deixava louca.

*Médico:* - Procure compreender que você já perdeu seu próprio corpo e que agora é um espírito.

*Espírito:* - Como? Eu sou uma moça.

*Médico:* - Você tem vagado como um espírito.

*Espírito:* - O que quer dizer com isso?

*Médico:* - Que já perdeu seu corpo.

*Espírito:* - É mesmo? Certamente que já faz bastante tempo que não lavo pratos. Também faz muito tempo que não aperto nenhum laço de fita. Fugi daquela casa porque não podia agüentar as maldades daquela mulher. Ademais, me dava tão pouco o que comer. E eu não tinha dinheiro.

*Médico:* - E o que ocorreu depois?

*Espírito:* - Fui longe, muito longe e me perdi. Tinha tanta fome que dormi. Ficou muito escuro e estava perdida no bosque. Tive que refugiar-me no bosque para que não me encontrassem. Caminhei e caminhei, pensando que enfim encontraria alguém que me desse de comer. Não quis ir à primeira casa que encontrei. Afastei-me dela, esfomeada, e fui passeando durante todo o dia e toda a noite, sem encontrar mais que árvores e bosques. Por fim dormi e já não recordo mais o que me sucedeu naquele dia. (Faleceu.) No dia seguinte me encontrei melhor e recomecei minha marcha, chegando até a cidade. E continuei caminhando e vi muitíssima gente, mas ninguém se importava. Senti fome e me meti em um restaurante em companhia de uma mulher, e ali comemos algo. Porém ela comeu tudo e não me deixou mais que um pouco. E não me dirigiu a palavra. Continuei caminhando, e depois de um tempo vi outra pessoa que entrava em um restaurante. Eram vários; comemos e eles pagaram.

*Médico:* - Quer que lhe diga o que você estava fazendo?



*Espírito:* - Diga.

*Médico:* - Estava obsediando uma pessoa. Em sua condição de espírito, vinha rondando alguma pessoa mortal, procurando satisfazer, por intermédio daquela pessoa, a fome que você sentia. Você perdeu seu corpo, segundo parece, no meio dos bosques.

*Espírito:* - É que sentia tanta sede... Fazia menos falta a comida que a bebida, porque parecia que minha garganta estava completamente seca. Teria sido capaz de beber um barril de água.

*Médico:* - É que você levava em sua alma suas últimas sensações, e não se dava conta de que havia perdido seu corpo.

*Espírito:* - Será? Quando isso aconteceu? Então, você não me conhece? Quando vim até aqui?

*Médico:* - Nós não podemos lhe ver.

*Espírito:* - E os meus companheiros, não podem vê-los também?

*Médico:* - Não.

*Espírito:* - O que me acontece então?

*Médico:* - Você é invisível.

*Espírito:* - Porém ouvir, me ouve.

*Médico:* - Sim.

*Espírito:* - De modo que pode me ouvir, mas não me vê.

*Médico:* - É porque você não fala pelo seu próprio corpo.

*Espírito:* - Como é isso?

*Médico:* - Olhe as mãos. Conhece-as?

*Espírito:* - Não.

*Médico:* - E estas roupas, conhece-as?

*Espírito:* - Nunca pus roupas deste estilo em toda minha vida.

*Médico:* - Você está servindo-se do corpo de outra pessoa.

*Espírito:* - Começo outra vez a sentir sono.

*Médico:* - Permitimos que viesse aqui e que se apossasse deste corpo.

*Espírito:* - Olhe!

*Médico:* - O que vê?

*Espírito:* - Eu mesma não sei. Vejo uma senhora que está chorando.

(Um espírito.)

*Médico:* - Pergunte quem é.

*Espírito:* - (Depois de escutar com assombro.) Não, não, isso não é possível.

*Médico:* - O que lhe disse?

*Espírito:* - Não chore tanto, senhora. Não gosto de ver chorar. Dá-me vontade de chorar quando vejo que outros choram.

*Médico:* - O que lhe disse?

*Espírito:* - Que sou sua filha. Parece que lamenta por ter me abandonado. Será real e verdadeiramente minha mãe? Diz: “Minha filha, minha filha querida!” Diz que tem me procurado com o maior afinco, mas que não pôde me encontrar e que não sabia o que fazer.

*Médico:* - Vocês duas agora são espíritos e encontrarão algum outro espírito inteligente que as ajudará.

*Espírito:* - Diz que ela era uma boa mulher, mas que um homem se pôs em seu caminho e a deixou em má situação. Diz que ia à igreja e que ali conheceu um homem que disse que queria casar-se com ela, mas logo a abandonou e ninguém quis ajudá-la. Diz que se encontrava enferma, e que ao se sentir mal, me abandonou no umbral da porta daquele abrigo, e que desde então não pôde ser feliz nem um só momento. Acabou por adoecer e morrer.

*Médico:* - Faça-a compreender que é um espírito como você, e que seguramente encontrarão espíritos inteligentes que ajudarão as duas.

*Espírito:* - Mãe! Quero estar consigo! Não chore, mãe; perdô-lhe. Diz que esteve buscando-me durante muitíssimo tempo e que alguém lhe disse que nos trariam a este lugar para que pudéssemos nos encontrar. Ela diz: “Disseram-me que encontraria minha filha.” E a encontrei! Não poderia eu chorar de alegria? Como gostaria! Como estou contente em ter uma mãe!

*Médico:* - Há uma mansão para as duas no mundo dos espíritos.

*Espírito:* - Diz que meu verdadeiro nome é Gladys e que o seu é Clara Watsman.

*Médico:* - Onde ela vivia?

*Espírito:* - Em San Luis.

*Médico:* - Encontrarão aqui outros espíritos que as conduzirão ao mundo espiritual.

*Espírito:* - O que é isso? Está chegando uma jovem índia! (Espírito.) É uma jovem encantadora.

*Médico:* - Ela lhes mostrará um mundo de maravilhas.

*Espírito:* - Mãe, não quero que se pareça tão velha. Há um momento minha mãe parecia jovem.

*Médico:* - Tudo isso passará, pois é só efeito de sua pena.

*Espírito:* - A juvenzinha índia, Estrela de Prata, pôs suas mãos sobre ela e disse: “Pense como jovem e será jovem.” E ficou! E pensando, como jovem, será sempre. Agora iremos com ela. Não os esquecerei. Meu nome é Gladys. É mais bonito que “Minnie, a do Portal”. Vamos agora ao céu de Deus?

*Médico:* - Irão ao mundo dos espíritos e abrirão os olhos às realidades mais elevadas da vida.

*Espírito:* - Aquela mulher dizia sempre: “Deus é Espírito; Deus é amor; Deus está em todas as partes.” Estrela de Prata diz que devemos agradecer ao Doutor. Como você se chama?

*Médico:* - Doutor Wickland. O corpo que você se apossou é o de minha mulher.

*Espírito:* - Minha mãe é agora jovem e formosa. Pense como jovem e será sempre jovem. Posso voltar aqui alguma vez?

*Médico:* - Por minha parte, com muito prazer.

*Espírito:* - Não se lembrem de mim como “Minnie, a do Portal”. Lembrem-se como Clara Watsman. Graças a todos vocês. Agora sou alguém. Tenho um nome. Você não quer ser o meu avô?

*Médico:* - Por que não?

*Espírito:* - Agradecida a todos vocês pela paciência que tiveram comigo. Adeus.

Minnie, a do Portal, se converteu em uma ardente colaboradora nossa e se dedicou em ajudar aos órfãos sem pai conhecido, tendo trazido ao nosso círculo um bom número destes espíritos, com objetivo de que nós os esclarecêssemos.

*Experiência de 2 de agosto de 1922.*

*Espírito:* Lily. – *Enferma:* R. G. - *Intermediário Psíquico:* Senhora Wickland.

O espírito que se apossou do intermediário dava fortes golpes no solo e falava irritadamente, com voz de criança.

*Espírito:* - Não me toque, não me toque. Não quero que me ponha as mãos em cima. Detesto você porque não faz mais do que me aplicar fogo. Dá-me medo esse fogo! (Refere-se à eletricidade estática.)

*Médico:* - Diga-nos que é você.

*Espírito:* - Ignoro.

*Médico:* - De onde você veio? Porque é inegável que tenha vindo de algum lugar. Você paga pensão?

*Espírito:* - Não pago pensão, mas nunca me falta o que comer. Eu não tenho dinheiro.

*Médico:* - Quem é você?

*Espírito:* - Já disse que não sei.

*Médico:* - É verdade que sua mãe lhe chama Jim?

*Espírito:* - Eu não sou menino. Onde você tem os olhos? (Golpeando com os pés no solo.) Não consentirei que me aplique outra vez esse fogo nas costas. Não consentirei.

*Médico:* - Você sempre teve tão má educação?

*Espírito:* - Por que me tirou de onde estava? Agora não tenho aonde ir. Você me obrigou a sair à força de fogo. (Dando chutes.) Quero voltar àquela menininha. (Apontando para R. G.) Ela me pertence.

*Médico:* - Que direito você tem em molestar essa jovem? Ela não lhe pertence. Não é parente sua.

*Espírito:* - (Chorando.) Não posso ficar sem ela.

*Médico:* - De onde você veio? Não compreende que já faleceu? Não compreende que você nada mais é que um espírito? Você é invisível para nós.

*Espírito:* - Gosto de passear em automóvel. Que bons momentos temos passado!

*Médico:* - Acabaram-se para você os passeios em automóvel, porque vai para o mundo dos espíritos.

*Espírito:* - (À mãe de R. G.) Odeio você, porque é você a que me colocou debaixo da ducha. Você é uma pessoa má e feia. Gosto de passear no automóvel, mas não quero entrar naquele depósito. Por que você tem que ir àquele depósito?

*Médico:* - E por que você tem que molestar as pessoas? Você é muito egoísta. Voltará a molestar essa menina? Como você se chama?

*Espírito:* - Meu nome é Lily. Sou White Lily.

*Médico:* - Você não deve ser tão egoísta se quiser chegar a ter uma morada no mundo dos espíritos.

*Senhora G.* - Onde se encontrou com minha menina?

*Espírito:* - A vi e me juntei a ela, e temos passado muitos bons momentos. Tínhamos mil jogos para brincar.

*Médico:* - Vejamos se você compreende que já não tem seu corpo físico. Sabia que se encontra na Califórnia?

*Espírito:* - Não sei nada.

*Médico:* - Em que seu pai trabalhava?

*Espírito:* - Não sei nada de meu pai.

*Médico:* - Onde está sua mãe?

*Espírito:* - Não sei. Fugi de minha casa porque minha mãe me batia. Isso me deixava furiosa com ela e então fugi. Meu pai e minha mãe me colocaram em um lugar onde havia muitas crianças, mas escapei. Levaram-me então a um grande edifício. Ali me tratavam de má maneira e me portei também mal. Fiquei louca, briguei e me pus a correr.

*Médico:* - E aonde foi parar?

*Espírito:* - Caí e já não recorro o que aconteceu. (Morreu.) Às vezes parece que sou uma menina muito pequena; mas antes não era assim. Lembrou-me que eu tinha onze ou doze anos, mas de repente me vi convertida em uma menina menor, uma menina de mais ou menos cinco anos.

*Médico:* - Como a chamavam quando se converteu em uma menina bem pequena?

*Espírito:* - Chamavam-me R., mas não era esse meu nome. Quando caí, segundo acabo de dizer, fiquei no escuro na hora; mas de repente vi que podia caminhar e brincar com essa menininha.

*Médico:* - Certamente que lhe ocorreu algum acidente enquanto fugia. Então perdeu seu corpo físico e se converteu em espírito. Nós não a vemos.

*Espírito:* - Tampouco vejo vocês.

*Médico:* - Você é uma menina muito colérica.

*Espírito:* - E você um assusta-crianças. Sou uma menina pequena que não pode se defender. Solte minhas mãos!

*Médico:* - Não são suas as mãos que seguro, e sim as de minha mulher.

*Espírito:* - Detesto você.

*Médico:* - Você se apoderou do corpo de minha senhora, mas só por pouco tempo. Certos espíritos inteligentes a trouxeram aqui e lhe permitiram que se apossasse do corpo de minha senhora com objetivo de que possamos prestar-lhe ajuda. Você encontrará ao seu redor espíritos inteligentes que lhe ajudarão, e que lhe mostrará um sem fim de maravilhas no mundo dos



espíritos. Ali é onde encontrará a felicidade, que não poderá encontrar se continuar rondando o plano terrestre. Mas é necessário que domine seu gênio.

*Espírito:* - Mas não serão maus comigo? A mim têm sempre tratado com sacudidelas. Os meninos me zombavam e eu ficava encolerizada e não tinha outro remédio que brigar com eles.

*Médico:* - Agora você terá que ir com Estrela de Prata, que é uma pequena índia que será sua melhor amiga. Esqueça seu passado e não fique enfeada. Todos se mostrarão amáveis e ninguém zombará de você.

*Espírito:* - É que tenho levado tanto castigo...

*Médico:* - Os espíritos inteligentes lhe ensinarão o caminho do progresso.

*Espírito:* - Como? Happy Daisy está chegando! (Um espírito.)

*Médico:* - Tem cara de querer lhe repreender?

*Espírito:* - Não. Posso ir com aquela senhora formosa que está ali?

*Médico:* - Sim, e não lhe aplicaremos nunca mais o fogo e as chispas.

*Espírito:* - Será certo tudo isso que você está me dizendo? Happy Daisy me diz que irei com ela e que me levará para uma formosa morada. Me levará ao céu? Diz que devo aprender a ser boa e fazer o bem, para poder voltar depois e ajudar essa menina. A ajudarei na escola.

*Senhora G.* – Você gosta de aritmética?

*Médico:* - Não gosto absolutamente de nada da escola. Já vou. Dizem que tenho que ir à escola, mas não gosto.

*Espírito:* - Esse é outro tipo de escola: é a escola da vida.

*Médico:* - Poderei ter os olhos azuis e cabelos claros e ondulados? Eu quero ser bonita.

*Espírito:* - Para ser bonita terá que ajudar os outros. Tenha bonitos pensamentos e faça belas ações e será formosa. Terá a beleza do espírito. Vá agora com esses amigos, e quando houver aprendido a maneira de ser útil aos demais poderá ajudar a pequena R. Pense que se encontra com os demais e isso bastará para que se encontre com eles. Decida-se a começar nova vida.

*Médico:* - Lembrarei de voltar para ajudar essa menina. Adeus.

Uma semana depois desta conversação com “Lily”, veio ao nosso círculo outro espírito vagabundo, curioso, aficionado às investigações filosóficas, e que havia sido arrastado para a aura da senhora G., mãe da pequena R. G., da experiência anterior.

Era o espírito de uma órfã que a senhora G. havia conhecido criança. Havia chegado a querê-la muito, e este amor havia sido a causa de seu espírito ter se sentido atraído para a aura da senhora G., se bem não havia se dado conta de que aquela senhora, já adulta, era a mesma amiga que havia tido quando pequena.

*Experiência de 9 de agosto de 1922.*

*Espírito:* Ella, a sorridente. – *Enferma:* Senhora G. - *Intermediário Psíquico:* Senhora Wickland.

*Médico:* - Por que não se une ao nosso coro?

*Espírito:* - Por que iria me unir para cantar com vocês, se é a primeira vez que os vejo?

*Médico:* - De onde você veio?

*Espírito:* - Não sei.

*Médico:* - Gostaríamos de ter mais informações sobre você. Não lhe parece estranho que esteja aqui?

*Espírito:* - Não compreendo e terei que estudá-lo.

*Médico:* - Diga-nos quem é e como se chama.

*Espírito:* - Alguém me disse que se viesse aqui encontraria um lar.

*Médico:* - Com toda certeza.

*Espírito:* - Faz muito tempo que não o tenho.

*Médico:* - O que tem feito?

*Espírito:* - Tenho vagabundeado por todo lugar, descansando onde seja possível.

*Médico:* - Você é uma moça, um rapaz, uma mulher ou um homem?

*Espírito:* - Não vê que sou uma moça?

*Médico:* - Que idade você tem?

*Espírito:* - Creio que 16 ou 17 anos, não estou bem certa.

*Médico:* - Onde é sua residência?

*Espírito:* - Não sei.

*Médico:* - Faça um esforço. Talvez consiga recordar.

*Espírito:* - Tenho andado por muitos lugares, mas gostaria de ter um lar.

*Médico:* - Não tem pai nem mãe?

*Espírito:* - Não.

*Médico:* - Não se lembra onde viveu quando era bem pequena?

*Espírito:* - Vivi sempre em um edifício muito grande, onde havia muitas crianças. Sempre estávamos juntos. Passávamos o tempo brigando e fazendo amigos. Não recordo ter tido mãe. Creio que nasci naquele mesmo edifício. Este edifício envolve minhas primeiras lembranças. Havia muitíssimos meninos e meninas de todas as classes, uns bons e outros maus. Eu trabalhava em tudo o que podia, fazendo tudo o que ordenavam, e sempre estavam me mandando fazer. Trabalhava como uma máquina. Diziam: “Ella, vá a tal lugar; Ella, vá aquele outro.” E Ella terminava por estar em todas as partes. Tinha sob meus cuidados tantos meninos e meninas pequenas, que parecia que eu era mãe universal.

*Médico:* - A queriam muito?

*Espírito:* - Todos se aglomeravam em meu redor e a todos tinha que fazer alguma coisa. Não era tarefa tão simples banhar e vestir uma dezena de pequenos. Todos amontoavam ao mesmo tempo e eu tinha que gritar para que ficassem quietos. Às vezes me via louca. Procurava atender a todos, mas quando me pisavam os dedos do pé, me via louca.

*Médico:* - Já faz muito tempo isso?

*Espírito:* - Não creio que possa fazer muito tempo. Em certa ocasião me perdi; saí passeando e não soube encontrar o caminho de volta.

*Médico:* - E o que ocorreu depois?

*Espírito:* - Nada. Tenho estado caminhando para ver se podia voltar a encontrar aquele edifício.

*Médico:* - Não haverá sofrido algum acidente?

*Espírito:* - Não, mas tenho que seguir caminhando até encontrar outra vez aquela casa.

*Médico:* - Vou explicar porque você tem estado caminhando tanto tempo e porque não tem lar.

*Espírito:* - Alguém me disse que se viesse aqui encontraria um lar, e me puxaram, e antes que me desse conta, me encontrei sentada aqui e vocês cantavam ao meu redor. Eu chorava, e então se aproximou uma jovem e me disse que vocês haviam ajudado ela e que se entrasse aqui seria feliz. Quando cheguei, isto estava metade escuro, metade iluminado. Quando estava com aquelas crianças trabalhava muito; mas é preferível trabalhar a não ter nada prá fazer. Preferiria estar com meus pequenos.

*Médico:* - Eram também órfãos como você?

*Espírito:* - Me tinham como doida, mas lhe asseguro que era tão boa como qualquer um deles.

*Médico:* - Você está falando conosco, mas não podemos vê-la. A pessoa que estou vendo é minha mulher.

*Espírito:* - Sua mulher! Pela vida de Deus! (Com um riso cordial.) Você já sabe que sempre gostei de rir, e quando todos os meninos começavam a chorar e me punha a rir, e ria, ria, até que todos eles se tranqüilizavam. Então voltavam a recobrar o bom humor. Se você rir com todas as forças quando alguém chora, deixará de chorar e terminará rindo. Às vezes me chamavam “Ella, a que ri.”

*Médico:* - De onde você tirou este anel?

*Espírito:* - Eu nunca tive um anel. (Olhando alegremente os anéis e começando a rir.)

*Médico:* - Nem esta mão é sua, nem tampouco este corpo é seu.

*Espírito:* - Mas o que você está dizendo? (Começa a rir.)

*Médico:* - A você pode parecer disparate, mas é a pura verdade. Nunca ouviu dizer que “ri melhor quem ri por último”? Pergunte a estes senhores a quem pertence este corpo.

*Espírito:* - (Aos cooperadores.) Este não é meu corpo?

*Resposta:* - Não.

*Espírito:* - Eu digo que sim.

*Médico:* - Este corpo pertence à senhora Wickland.

*Espírito:* - À senhora Wickland! (Pondo-se a rir.)

*Médico:* - Você ri de sua própria ignorância. Você está servindo-se temporariamente do corpo da senhora Wickland.

*Espírito:* - Jamais havia ouvido coisas tão divertidas.

*Médico:* - Tudo isto que lhe digo não é, nem um pouco, tão absurdo como parece. Você perdeu seu corpo físico. É possível que estivesse doente. Você despertou em um novo estado de vida.

*Espírito:* - Mas como iria despertar se não tivesse corpo?

*Médico:* - Seu corpo é espiritual.

*Espírito:* - Quando você afirma que perdi meu corpo, quer dizer que morri, não é isso?

*Médico:* - Para o mundo, sim. O mundo ignora estas coisas. Quando uma pessoa perde seu corpo físico, as pessoas dizem que morreu. Isso é um erro, porque o único que ocorre é que o espírito abandona seu corpo. A verdadeira personalidade é a de espírito; o corpo não é mais que a morada daquele. Ninguém morre; parece que morremos, e nada mais.

*Espírito:* - Claro que morremos! Já vi pessoas mortas. Conheci uma menina pequena que morreu e foi para o céu.

*Médico:* - Você não viu mais que seus corpos mortos. Digo-lhe que você só poderá permanecer aqui muito pouco tempo e que logo terá que se retirar.

*Espírito:* - E para onde irei?

*Médico:* - Ao mundo dos espíritos.

*Espírito:* - Alguém me disse que viesse aqui e que encontraria um lar. Disse-me também que teria uma missão a cumprir. O que significa isso?

*Médico:* - Quer dizer provavelmente que poderá prestar ajuda à filha desta senhora.

*Espírito:* - Dizem que serei sua guardiã e que devo cuidar para que ninguém se aposses dela. Não compreendo o que querem dizer com isso.

*Médico:* - Tudo lhe será explicado. Preste atenção ao que lhe dirá uma jovem índia que você encontrará aí. Ela lhe conduzirá a sua mansão. Você terá que começar por compreender. Não vê por aí outras pessoas?

*Espírito:* - Vejo muitas jovens que saltam ao redor, contentes e felizes. Há aqui uma senhora muito simpática que se chama “Preciosa”. É extremamente formosa. Diz que é ela que me trouxe aqui; que tenho sempre procurado ser útil aos demais, e que já é hora de que pense em mim mesma.

*Médico:* - Bom; agora você vai partir com esses amigos. Diga-me onde vivia.

*Espírito:* - Em Kansas. (A senhora G. havia vivido um tempo em Kansas.)

*Senhora G.:* - Em que cidade?

*Espírito:* - Espere... Próximo de H. (Dado confirmado depois.)

*Senhora G.:* - Recorda de haver ouvido o sobrenome K? (Sobrenome do superintendente do Orfanato em H.)

*Espírito:* - Creio que sim!

*Senhora G.:* - Você conhece M.? (A matrona ajudante que tinha as meninas a seu cargo.)

*Espírito:* - Estava em departamento distinto. Havia nele meninas muito más. Às vezes nem a tal matrona podia com elas e tinha que castigá-las, vendo-me na necessidade de ir consolá-las. Bater nem sempre é bom. Quando



a matrona batia nas pequenas e elas começavam a chorar, me aproximava e logo as fazia rir. Com umas boas gargalhadas se esqueciam dos golpes.

*Senhora G.:* - Não se lembra de haver me visto quando você era bem pequena?

*Espírito:* - Creio que sim! Todo mundo levou um grande susto e você saiu com as roupas pingando. Sua avozinha ralhou muito. Tomei-lhe uma grande simpatia e tive uma grande pena aquela vez que você caiu na água, porque pôs a perder um vestido caro que vestia. Mas tudo isso já foi há muito tempo. Agora me lembro de uma grande quantidade de coisas e meus olhos se abriram. Recordo que peguei um grande resfriado e que me doía muito a garganta e que logo dormi. Sempre senti por você uma grande simpatia; vou ver se a ajudo e não me ponho mais em buscar esse lar.

*Senhora G.:* - Agora sou uma pessoa adulta, casei e esta jovenzinha é minha filha. Faz algum tempo que os espíritos a vêm molestando.

*Espírito:* - Eu as ajudarei. Nos encontramos e voltaremos a estar juntas. Estrela de Prata, a jovem índia, diz que devo aprender a cuidar de sua filhinha.

*Médico:* - Você deve começar indo ao mundo dos espíritos para aprender tudo o referente a seu atual estado. Então saberá como se ajuda aos demais.

*Espírito:* - Farei tudo o que puder. Permitam-me agora que lhes dê boa noite. Mas voltarei. Não se esqueçam de “Ella, a que sempre ri.”

## CAPÍTULO XI

### MATERIALISMO E INDIFERENÇA

O ceticismo, a preguiça mental e a despreocupação acerca da vida superior travam de tal maneira as almas, que muitas delas permanecem depois

do trânsito em um estado de irremediável desesperação, obscuridade, pasmo e rebeldia, aferrando-se aos seres mortais como único meio de expressão.

Há alguns anos vivia em Nova York uma nossa amiga, a senhora F. W. Era feliz em seu matrimônio e levava uma vida ativa e normal. Conhecia bem as leis que governam a vida superior; seu marido, em troca, ainda que muito enamorado dela, tinha um critério materialista, crendo na fatalidade.

O senhor F. W., que não tinha religião alguma, estava convencido que tudo se acabava com a morte, e costumava dizer com freqüência que se sua esposa morresse antes dele, se suicidaria. Também pedia com freqüência que ela fizesse, por sua parte, o mesmo juramento, ao que a senhora F. W. não acedia.

O cavalheiro em questão faleceu depois de uma breve enfermidade, mas sua esposa continuava vendo-o com toda a clareza, especialmente durante a noite, porque costumava despertá-la muitas vezes, assustando-a até não deixá-la conciliar o sono.

O defunto, ainda que não se desse conta de seu verdadeiro estado, compreendia que algo anormal lhe ocorria, e em seu desejo de afastar a barreira que o apartava de sua esposa, instava-a que fosse até ele, chamando-a insistentemente:

- Suicide-se! Você deve vir para o meu lado! Quero-lhe, e no fim será minha! Suicide-se!

A senhora F. W. tinha continuamente em seus ouvidos o grito de “Sicide-se!”, chegando a temer por sua própria segurança. Temerosa de cometer algum ato irremediável, veio de Nova York a Chicago para que a ajudássemos.

Fizemos que durante uma reunião se apossasse da senhora Wickland o espírito do senhor F. W. Quando este se viu sentado ao lado da esposa, a pegou pelas mãos, beijou o anel de casamento e perguntou se estava magoada com ele, posto que não respondia quando ele falava.

Em seguida, estreitando-a entre seus braços, a beijou com frenesi e abraçou-a com tal força, que a senhora não teve outro remédio que pedir socorro para livrar-se daquele abraço.

Expliquei então ao espírito que aquele corpo que havia se apoderado não era o seu e que ele havia falecido. Quando compreendeu seu verdadeiro estado, sentiu-se profundamente arrependido por haver molestado sua senhora, e demonstrou grande interesse em conhecer as leis da vida superior, com objetivo de poder prestar ajuda aos demais.

A senhora F. W. regressou a Nova York e não voltou a sentir novos incômodos. E quanto ao senhor F. W., converteu-se em um membro leal da Turma da Misericórdia, e em diversas comunicações que teve conosco descreveu o desconcerto do espírito que se encontra de repente na esfera espiritual da vida, sem compreender seu estado.

*Experiência realizada em 18 de janeiro de 1922.*

*Espírito: F. W. – Intermediário Psíquico: Senhora Wickland.*

Como vocês estão? Não me conhecem?

Deveriam conhecer. Sou F. W.

Chegará o tempo em que haverá círculos desta classe em todas as pequenas sociedades, em todas as igrejas. Então não haverá necessidade de

levar ninguém aos asilos de alienados... Porque lhes serão prestadas ajudas efetivas.

Há muitíssimas pessoas nos asilos que deveriam ser socorridas espiritualmente, porque se encontram sob a influência dos espíritos. Mas são muitas as pessoas que acreditam que não vale a pena se importar com esses que chamam loucos. Preferem enviar essas pessoas aos manicômios e que apodreçam ali.

Não devemos condenar os espíritos pelo fato de se apossarem das pessoas sensíveis. Fazem-no porque ninguém lhes ensinou as leis superiores que governam a vida e não têm conhecimento das mesmas. São muitos os que acreditam que depois da “morte” irão direto para o “céu” e verão Deus sobre um trono; que se sentarão ao seu lado e passarão o tempo cantando e comendo figos etc. e etc.

A morte não é mais que um sonho, um sonho tão natural como o que se apodera de nós todas as noites. Quando se desperta desse sonho da morte, encontra-se tudo tão natural que até se experimenta a sensação de encontrar-se entre seus parentes. Mas se então cairmos na aura magnética de uma pessoa, participamos da vida dela e não podemos sair dali.

Eu me encontrava na aura de minha mulher e não podia compreender porque tinha que ir em todos os lugares que ela ia e porque não era mais um indivíduo independente como havia sido até então, e isso me encolerizava. Estava desesperado e resolvido que minha mulher viesse comigo; eu não sabia aonde, mas a queria comigo.

Meu amor por ela era tão forte que, mesmo com arrependimento, a atormentava, porque não compreendia bem as leis que regem a vida verdadeira, que é a do mundo espiritual. Mas eu tinha que aprender por

própria experiência. Quando nos educamos acerca de tudo o que se refere ao outro aspecto da vida, nos sentimos muito felizes em poder encontrar os nossos amigos que já passaram da vida mortal à espiritual. É muito conveniente que conheçamos todos a verdade, porque todos temos que empreender essa viagem.

Sei que Deus é Amor e que está em todas as partes. Como é Amor e Sabedoria, conhece o passado, o presente e o futuro. Como é possível, pois, que Deus houvesse criado o mundo e que logo não pudesse dirigi-lo? Porque se homens logo se encontraram perdidos no pecado, deveu-se a Ele haver perdido a direção de tudo o que havia criado? Isso é, entretanto, o que ensinam as Igrejas, ao afirmar que Deus criou uma determinada pessoa para que se sacrificasse pelos pecados da humanidade, e quando asseguram que todos os que crerem em semelhante absurdo, se farão merecedores de uma coroa de ouro.

Não desfiguremos a idéia de Deus. Deus sabe tudo e se revela em tudo que há. Tudo é vida na natureza. Onde iremos que não nos encontremos com a Vida, com Deus? Ele é tudo. Cada pessoa é uma parte dessa vida maravilhosa. Não devemos condenar nada, porque tudo na natureza é perfeito. Os mesmos transtornos e males têm por finalidade o progresso, porque quando sentimos que algo nos incomoda ou vivemos descontentes, começamos a aspirar por uma vida mais perfeita; ao querer consegui-la trabalhamos e colocamos em ação todo o necessário.

A vida continua no outro lado e seu progresso não se detém. Ensinem às crianças esta verdade. Ensinem-lhes as altas verdades da vida. Tudo é Deus.

Tenho que ir. Boa noite.

*Experiência de 2 de dezembro de 1919.*

*Espírito:* Frank Bergquits. – *Enferma:* Senhora A. - *Intermediário Psíquico:* Senhora Wickland.

*Médico:* - Como você está, amigo? Parece que hoje nos caiu um dorminhoco. Desperte e diga-nos quem é. Você encontrou aí a felicidade, sim ou não?

*Espírito:* - Não.

*Médico:* - Por que não?

*Espírito:* - Não sei.

*Médico:* - E qual a causa? É que você era um crente exagerado ou é porque não cria o bastante?

*Espírito:* - É que não sei o que me acontece.

*Médico:* - Lembra-se como se chama?

*Espírito:* - Não.

*Médico:* - Tinha alguma crença religiosa?

*Espírito:* - (Bocejando e espreguiçando.) Claro que sim.

*Senhora H. W.* – A que Igreja pertencia? A Batista, a Metodista ou a qual?

*Médico:* - Era um pouco de todas.

*Senhora H. W.* – Onde vivia?

*Espírito:* - Não sei. Estou cansado.

*Médico:* - Já estive dormindo bastante tempo. Que outra coisa tem feito senão dormir?

*Espírito:* - Nada.

*Médico:* - Onde vivia?

*Espírito:* - Vivi algumas vezes em Chicago.

*Médico:* - É porque andava de um lugar para outro?

*Espírito:* - Estive em Rockford e em Galesburg. Estive em todas as partes, o que me era bastante aborrecedor.

*Médico:* - Parece que você nasceu enfermo de aborrecimento, porque nada lhe interessa.

*Espírito:* - E por que se interessar por algo?

*Médico:* - Seu pai e sua mãe estão vivos?

*Espírito:* - Devem estar vivos, porque ignoro.

*Médico:* - Onde vivem? Em Chicago?

*Espírito:* - Por ali, próximo de Bethany Home, nos arredores da Igreja Metodista.

*Médico:* - Seus pais pertencem a essa Igreja?

*Espírito:* - Sim.

*Médico:* - Como seu pai se chama?

*Espírito:* - Não sei.

*Médico:* - E com você se chama?

*Espírito:* - Faz tanto tempo que não ouço meu nome, que não o recordo.

*Senhora H. W.* – (Identificando pelas manifestações anteriores um antigo vizinho.) Você se chama Frank?

*Espírito:* - Não me importa como me chamem; chamem-me como quiserem.

*Médico:* - Você tem uma grande preguiça mental.

*Espírito:* - E o que ganharia sendo de outra maneira?

*Senhora H. W.* – Conhece alguma pessoa que se chama B.?

*Espírito:* - A conheci faz muito tempo.

*Senhora H. W.* – Quem era essa pessoa?

*Espírito:* - Uma pessoa.

*Senhora H. W.* - Você não se tornou seu parente por causa de seu casamento? Com quem esse senhor se casou?

*Espírito:* - Casou com alguém que eu conhecia.

*Médico:* - Como se chamava essa pessoa que você conhecia?

*Espírito:* - Se me apagaram os nomes da cabeça. Mas, agora lembro... Casou-se com minha irmã. Mas, diga-me, o que é que se passa comigo?

*Médico:* - Que você está “morto”. Não se recorda de como ocorreu sua morte.



*Espírito:* - Disse-lhe que não sabia que estava morto. Como, pois, vou recordar a forma de minha morte?

*Médico:* - Pois que você está morto não há dúvida alguma.

*Espírito:* - É uma sensação divertida, mas não me importa.

*Médico:* - Neste momento você se encontra ocupando o corpo de uma mulher.

*Espírito:* - Já estou farto de andar entre mulheres. Faz tempo que não vejo e que não trato que não seja com mulheres.

*Médico:* - Parece que você nasceu farto de tudo.

*Espírito:* - Isso é também o que me parece. É indiscutível que não tive excesso afã pelo trabalho, e que poderia passar sem ele perfeitamente. Nasci para rodar pelo mundo, porque em nenhum lugar me encontrava perfeitamente satisfeito. Gostava de ver o mundo.

*Médico:* - Em uma palavra: você era uma espécie de vagabundo.

*Espírito:* - Vagabundo precisamente, não; mas sim mais ou menos parecido a um.

*Senhora H. W.* – Lembra-se que tinha um irmão gêmeo?

*Espírito:* - Algo parecido... Mas o que me acontece? Não posso recordar de nada; tudo se apagou de minha memória. Com certeza, não recordeo nem sequer o meu nome.

*Médico:* - Sinta-se tranqüilo e medite.

*Espírito:* - (Ao cabo de uns minutos.) Meu sobrenome é Bergquist. O nome creio que é Frank; isso, Frank. Faz muitíssimo tempo que não o ouvia ser pronunciado. Parece que não tenho feito mais do que caminhar, e sempre rodeado de mulheres e mulheres; e chegou um momento em que eu mesmo acreditei ser uma mulher. E a julgar pelo que sei e pelo que me preocupa, devo ser provavelmente mulher. Depois disso tudo, dá no mesmo.

*Senhora H. W.* – Você não vivia em Paulina Street, Ravenswood, Chicago?

*Espírito:* - Sim, em Chicago. Nessa cidade é onde estive mais tempo.

*Médico:* - E você sabe onde se encontra agora?

*Espírito:* - Em Chicago.

*Médico:* - Não senhor; está na Califórnia.

*Espírito:* - Na Califórnia? Será possível que tenha seguido essas mulheres até Califórnia! A cavalo é que não vim. Tenho caminhado milhas e milhas e milhas. Por fim vim à Califórnia! Bonito passeio! Por que não me disseram que tinha vindo tão longe? Sinto-me agora mais cansado e parece que necessito descanso imediato.

*Senhora H. W.* – É uma coisa que não me surpreende em você. Conhece-me?

*Espírito:* - Pareceu-me, quando a vi, que não me era estranha. Você ia à igreja Metodista? Deve ser ali onde a vi.

*Senhora H. W.* – Recorda-se da pastelaria que havia na W. Avenue?  
(Na calçada em frente à casa do rapaz.)

*Espírito:* - Essa pastelaria existia faz bastante tempo.

*Senhora H. W.* – Olhe bem para mim e diga se não sou a proprietária daquele estabelecimento.

*Espírito:* - Exato; você tinha duas filhas.

*Senhora H. W.* – É verdade. Se visse alguma dessas moças, a reconheceria? Conheceria L.?

*Espírito:* - Não tive muito contato com elas. Gostava daquela jovem, mas não se podia olhar para suas filhas que não fosse de esguelha.

*Senhora H. W.* – Não faltou quem as olhasse de frente. Uma e outra estão casadas.

*Espírito:* - Pois apenas as olhava com o canto do olho. Elas não se interessaram em mim.

*Médico:* - Se interessou em alguma coisa?

*Espírito:* - Ignoro. As mulheres! Tive muitas ocasiões de andar com elas.

*Médico:* - Como o chamavam nessas ocasiões em que, segundo você diz, era mulher?

*Espírito:* - Não ouço nada. Dei um bom passeio, se é verdade que vim até a Califórnia. Às vezes ia atrás e parecia que me lançavam fora; então corria com todas as forças e me punha adiante.

*Médico:* - Adiante de quem?

*Espírito:* - Adiante de todas as pessoas. Você imagina que vim só durante toda essa viagem? Vinha com uma grande multidão. (Espíritos que obsedavam a enferma.) Umás vezes vinha na frente e outras atrás. Era igual de todos os modos. Todos dizíamos a mesma coisa quando falávamos.

*Médico:* - E como se arrumavam para comer quando iam caminhando?

*Espírito:* - Parece que não nos fazia muita falta. Eu aprendi a jejuar.

*Médico:* - Não entravam em algumas casas e pediam comida?

*Espírito:* - Às vezes, sim; mas isso faz muito tempo. Alguém de nós disse que se ficássemos três ou quatro dias sem comer o estomago não nos doeria. Era uma inconveniência sentir fome e não ter nada para comer. Eu jejei muito e me fez bem o jejum. *Senhora H. W.* – Seus pais viviam no segundo andar?

*Espírito:* - Viviam no térreo.

*Médico:* - (À senhora H. W.) Isso é exato?

*Senhora H. W.* – Sim; creio que já faleceram.

*Espírito:* - Quem já faleceu? Quando?

*Senhora H. W.* – Não faz muito. Sua mãe morreu fará um ano e seu pai faz uns meses.

*Espírito:* - Quem lhe disse semelhante coisa?

*Senhora H. W.* – Sua irmã.

*Espírito:* - E por que não me comunicaram?

*Senhora H. W.* – É porque você está morto.

*Espírito:* - Morto? Como pode ser, se me sinto cheio de vida?

*Senhora H. W.* – Você gostava de ir aos estabelecimentos públicos?

*Espírito:* - Não fale dessas coisas diante das pessoas.

*Senhora H. W.* – Não estamos diante de pessoas.

*Espírito:* - Sim, gostava; mas não diga a ninguém. Minha mãe não gostava disso.

*Senhora H. W.* – Seus pais eram boas pessoas.

*Espírito:* - Eu queria viver minha vida, porém eles queriam vivê-la também em meu lugar.

*Senhora H. W.* – Em que você se ocupava quando estava na casa deles?

*Espírito:* - Em nada.

*Senhora H. W.* – Não ajudava nas obrigações da cozinha?

*Espírito:* - Minha mãe se empenhava em que eu o fizesse, mas eu servia para tão pouco. Costumava secar os pratos, mas o fazia resmungando.

*Senhora H. W.* – Ela lhe obrigava.

*Espírito:* - Sim; costumava dizer: “Se quiser comer, terá que ganhá-lo.” Isso não está bem. Fugia sempre que podia. É natural.

*Médico:* - Não é natural. Pode parecer para alguns, mas não a todos.

*Espírito:* - Todo mundo gosta de sair de casa e distrair-se um pouco. Faz falta um pouco de liberdade.

*Senhora H. W.* – Para você toda a liberdade era pouca; você passaria a vida vagabundeando.

*Espírito:* - Trabalhava de vez em quando e dava dinheiro a minha mãe, ainda que não fosse freqüente que o tivesse.

*Senhora H. W.* – Você gostava mais era ir de porta em porta pedir que lhe dessem comida e surrupiar cinco dólares quando podia.

*Espírito:* - Concluindo, dá no mesmo uma coisa ou outra.

*Médico:* - Vejamos, amigo, se consegue compreender que faz tempo que morreu, que não é mais do que um espírito ignorante dos que, segundo diz a Bíblia, vivem nas trevas exteriores. Este corpo não é seu. Conhece estas mãos? (Apontando as do intermediário psíquico.)

*Espírito:* - Faz tempo que vejo coisas muito estranhas. O que me ocorre? Ultimamente recebi raios e trovões (eletricidade estática aplicada na paciente.) que me incomodaram de uma maneira terrível. Despertaram-me por completo e não pude permanecer ali mais tempo.

*Senhora H. W.* – Me alegro muito.

*Espírito:* - Não vejo a razão dessa alegria.

*Senhora H. W.* – Vou lhe dizer. Você vem molestando minha filha durante muito tempo.

*Espírito:* - Como sabe?

*Senhora H. W.* – Por esse motivo que você, segundo nos disse, estava sempre entre mulheres. Você é um espírito ignorante e esteve incomodando minha filha.

*Espírito:* - Não tenho maltratado nenhuma senhora; não tive ocasião para fazê-lo.

*Senhora H. W.* – Você tem incomodado minha filha, com toda certeza.

*Médico:* - Por essa razão tivemos que aplicar-lhe a eletricidade. Havia algum outro em sua companhia?

*Espírito:* - Muitos.

*Médico:* - Saíram todos?

*Espírito:* - Não sei. Há alguns que vão e vêm.

*Médico:* - Pois levarão uma boa dose de eletricidade cada vez que vierem.

*Espírito:* - Por minha parte, não quero mais.

*Médico:* - Se continuar por aqui, voltaremos a aplicar.

*Espírito:* - Não fará falta.

*Médico:* - Já lhe chamaram alguma vez de senhora A.?

*Espírito:* - Não. Nunca fui mulher; de modo que não poderiam chamar-me nunca com esse nome, ainda que estivesse entre mulheres.

*Senhora H. W.* – Esse é o nome de casada que minha filha tem, e por andar ao redor dela tivemos que aplicar-lhe a eletricidade.

*Espírito:* - Foi você que pediu?

*Senhora H. W.* – Sim, efetivamente.

*Espírito:* - Você é uma pessoa má por ter feito isso.

*Senhora H. W.* – Queria que deixasse minha filha em paz.

*Espírito:* - Digo-lhe que nunca incomodei sua filha. Eu ia atrás das mulheres.

*Médico:* - Atrás, mas demasiadamente perto. Você era o único homem entre tantas mulheres?

*Espírito:* - Há uma coisa parecida ao que vocês chamam linha e não se tem outro modo que se mover dentro dessa faixa, sem sair fora. O que eu não queria era trabalhar. (A enferma sofria de uma grande indiferença.)

*Senhora H. W.* – É que você era demasiadamente preguiçoso.

*Espírito:* - Por que trabalhar se se pode comer de graça? Não há vantagem nenhuma em trabalhar como um escravo quando se pode tomar tranquilamente o que se necessita.

*Médico:* - Esse é um pensamento mesquinho. As pessoas que trabalham em algo são felizes.

*Espírito:* - Isso é incompreensível para mim. Se as pessoas querem trabalhar, por mim podem fazê-lo. Prefiro não trabalhar.

*Médico:* - (À senhora H. W.) Era assim essa pessoa a que se referia?

*Senhora H. W.* – Ponto por ponto. Chamava-se Bergquist.

*Médico:* - Vejamos, amigo, se lhe fazemos compreender a verdade.

*Senhora H. W.* – Escute o médico.

*Espírito:* - Médico? Não estou doente.



*Médico:* - Você está doente mentalmente.

*Espírito:* - Não acredito; sinto-me perfeito, muito melhor que há muitos anos.

*Médico:* - Mas essa sensação de bem-estar não durará muito tempo, a menos que você mude de atitude. Você é, em realidade, um espírito ignorante. O obrigamos a sair da aura daquela senhora e permitimos que se apossasse do corpo da minha. Mas é necessário que saiba que não terá outro remédio que abandonar este corpo e mostrar-se razoável.

*Espírito:* - E o que vocês farão se por acaso eu não o for? Porque minha mãe costumava dizer que não estava bem da cabeça.

*Médico:* - Ainda que você tenha sido preguiçoso, não terá outro remédio que empregar o pouco talento que Deus lhe deu. Acabou-se daqui em diante a preguiça. Você trabalhará a vontade e não voltará a maltratar ninguém. Agora você deve abandonar este corpo e prestar atenção aos espíritos que irão lhe ajudar. Minha esposa permite que se aposses de seu corpo com o objetivo de que a outra senhora fique em liberdade.

*Espírito:* - Que tipo de mulher é a sua?

*Médico:* - É uma médium psíquica que permite aos espíritos ignorantes como você controlarem seu corpo. Olhe ao seu redor e encontrará certos espíritos dispostos a ajudar.

*Espírito:* - Espíritos?

*Médico:* - Sim; esses espíritos lhe ensinarão a maneira de evoluir. E poderá ser feliz.

*Espírito:* - Não necessito ajuda.

*Médico:* - A necessita; é necessário que você progrida no mundo espiritual.

*Espírito:* - E onde está esse mundo?

*Médico:* - É um plano invisível que rodeia a terra; se você o buscar, o encontrará.

*Espírito:* - Parece que poderia ir dormir.

*Médico:* - Se dormir, voltarei a aplicar a eletricidade.

*Senhora H. W.* – Pense nos desgostos que tem dado à sua mãe.

*Espírito:* - Fui um mentecapto.

*Médico:* - Não era um mentecapto, mas consistiu em chegar a sê-lo por pura preguiça.

*Espírito:* - Minha mãe está aqui (espírito.), mas não vejo o que é que pretende de mim.

*Médico:* - Preste atenção ao que ela diz.

*Espírito:* - Diz: “Tem sido um rapaz desencaminhado. Desperta e se porte de outra maneira daqui em diante, porque a vida neste outro mundo é diferente. Aqui cada um tem que ganhar a própria felicidade.”

*Médico:* - Você verá como a vida merece ser vivida.

*Espírito:* - Minha mãe parece muito feliz.

*Médico:* - Ela ajudará se você se encontrar em algum apuro.

*Espírito:* - Quero ir com ela. Necessito aprender.

*Médico:* - Tem que ser obediente.

*Senhora H. W.* – Não vê por aí sua irmã F.?

*Espírito:* - Está aqui uma grande quantidade de gente. Creio que é hora de ir.

*Médico:* - Mas como? Deixe-me explicar-lhe.

*Espírito:* - Não é preciso. Estou preparado.

*Médico:* - Como?

*Espírito:* - Levantarei e partirei (Esforçando-se em vão por levantar-se.) Não posso mover-me, não posso mover-me.

*Médico:* - É que você não é dono senão de uma parte deste corpo. Terá que pensar que já se encontra com sua mãe.

*Espírito:* - Pensar que estou com minha mãe?

*Médico:* - Terá que transladar-se de um lado ao outro com o pensamento.

*Espírito:* - Mãe, suba ali. (Apontando um lugar com o dedo.) Quando estiver ali darei um alto até você com o pensamento. (Fica sentado durante uns momentos, imóvel; logo começa a rir cordialmente.) Não posso saltar! Este seria um verdadeiro salto.

*Médico:* - Neste momento você se encontra na Califórnia. Quanto tempo demora para você pensar que se encontra em Chicago? Você pode trasladar-se até lá instantaneamente com o pensamento, porque não tem corpo físico e não necessita arrastá-lo com o pensamento. No mundo dos espíritos, é o pensamento a força motriz.

*Espírito:* - Vou pensar rapidamente e saltar. Não chego até lá.

*Médico:* - Reduza toda tensão e pense tranquilamente que se encontra com sua mãe, e isso servirá para deixar o controle deste corpo.

*Senhora H. W.* – Você não vê também a sua irmã F.?

*Espírito:* - Sim, e meu pai também. Todos vieram até mim. Dizem que querem que me corrija e que seja um bom homem. Sim...; parece que irei sê-lo.

*Médico:* - Chegou o momento em que se vá. A primeira lição que deve aprender no mundo espiritual é o pensar bem.

*Espírito:* - Para mim parece uma tolice pensar. Minha mãe diz: “Agradecida” e que perdoem minha ignorância. Adeus.

Muitos espíritos apegados à Terra percebem que estão exercendo influência sobre os mortais e gozam desse poder, não parecendo ter escrúpulos. É freqüente o caso de que tais espíritos tenham sido pessoas que durante sua vida mortal se afastaram de toda ortodoxia, fechando-se firmemente de todo ideal elevado e de toda norma superior de conduta.

A esta classe pertencia o espírito que desalojamos do corpo do senhor G., que era uma pessoa sujeita desde a infância a violentos arrebatamentos.

Nas semanas de preparação que precederam ao desalojo, semanas durante as quais se procurou atrair “frente a frente” o espírito obsessivo, o senhor G. mostrou-se muito irritado, em especial quando guiava seu automóvel, deixando-se dominar por um humor sombrio e procurando afastar-se de todo contato com as pessoas. Uma vez que conseguimos

desalojar o espírito, mudou completamente o caráter e se converteu outra vez em uma pessoa normal.

O senhor G. e sua senhora estiveram presentes na sessão em que o espírito em questão se apossou da senhora Wickland.

*Experiência de 21 de setembro de 1922.*

*Espírito: Fred Haupt. – Enferma: Senhor G. - Intermediário Psíquico: Senhora Wickland.*

O espírito tentou escapar violentamente, e quando sujeitamos as mãos do intermediário psíquico, forcejou furiosamente.

*Médico: - Quem é você? Vamos, seja razoável. Não ganha nada com isto. Não tem objetivo nenhum forcejar. Quem é você?*

*Espírito: - Não lhe importa que seja eu. Nego-me a permanecer aqui com você. Vim contra minha vontade e não voltarei nunca mais. Não voltarei a cair no laço que você me prendeu.*

*Médico: - Com quem você veio?*

*Espírito: - Isso não lhe importa.*

*Médico: - Quanto tempo faz que você morreu?*

*Espírito: - Não estou morto. Você verá se deixo que me tratem como se trata um morto. (Ao senhor G.) Vejo que não importo para você.*

*Médico: - Por que você não é importante para mim?*

*Espírito:* - Não falo com você. Com você nos veremos frente a frente, porque foi você que me aplicou aquelas terríveis chispas na cabeça e nas costas. (O tratamento elétrico aplicado no enfermo.)

*Médico:* - Por que você está tão colérico?

*Espírito:* - Estou indignado contra todos e cada um dos homens.

*Médico:* - Se você tem em sua mente uma ofensa, talvez possamos ajudá-lo a esquecer.

*Espírito:* - Siga seu caminho, que eu seguirei o meu. Estou farto! Vá para onde goste! Imagina que pode me trazer para um lugar onde possa me manejar a seu capricho, mas terá uma grande decepção. Não me pergunte mais nada porque não penso em abrir a boca.

*Médico:* - Pois temos grande interesse em saber quem você é.

*Espírito:* - Tanto faz. Você acredita que me tem entre suas garras, mas vai ter uma decepção.

*Médico:* - De modo que se nega a dizer seu nome?

*Espírito:* - Eu não desejo conversar com você, e você, por sua parte, não tem nenhuma necessidade de estabelecer relação comigo. Eu me basto a mim e vou embora daqui. Não quero ninguém ao meu redor; quero estar só. Assim é como melhor me sinto.

*Médico:* - Tão mal tem sido o seu estado?

*Espírito:* - Nego a falar mais alguma coisa.

*Médico:* - E não pode nos dizer como veio a este lugar?

*Espírito:* - Você que me obrigou a vir com aquelas luzes estranhas.  
(Eletricidade.)

*Médico:* - Acredite que se você nos disser a dor que tem em sua alma, poderemos ajudá-lo. Onde você encontrou esse anel que leva no dedo?  
(Referindo-se ao anel que o intermediário psíquico tem na mão.)

*Espírito:* - Isso não lhe importa. Não tem por que se preocupar em como o encontrei.

*Médico:* - Você sempre foi tão agressivo?

*Espírito:* - Digo-lhe que me deixe livre, que quero partir!

*Médico:* - E aonde você vai?

*Espírito:* - Não lhe importa para onde vou, nem a mim importa aonde vai você.

*Médico:* - Mas você não tem para onde ir.

*Espírito:* - (Com indignação.) Você está achando que sou um vagabundo? A mim nunca faltou dinheiro para pagar uma hospedagem. Posso ir aonde me der vontade.

*Médico:* - Isso quer dizer que você era algo assim como um cavalheiro.

*Espírito:* - Quando estou em companhia de cavalheiros, sei me conduzir como um cavalheiro. E faça o favor de não falar-me mais.

*Médico:* - Você está irritado?

*Espírito:* - Não, estou louco.

*Médico:* - Diga-me quem é você.

*Espírito:* - Não me interessa dizê-lo. E quando deixar minhas mãos livres, me bastarei a mim mesmo.

*Médico:* - E o que fará então.

*Espírito:* - Isso não é da sua conta.

*Médico:* - Diga-nos quanto tempo faz que morreu.

*Espírito:* - Não estou nem estive morto. Deixe-me cuidar de meus assuntos e vá cuidar dos seus. Separemo-nos aqui mesmo. Não quero voltar a vê-lo. Vamos cada um para o seu lado.

*Médico:* - Suponha que não consentíssemos que se fosse, que faria? Vejamos se o fazemos compreender sua situação. Você é um espírito que perdeu seu corpo físico.

*Espírito:* - Não me importa que tenha perdido mil vezes meu corpo mortal. O que isso importa? Vivo tão bem como se tivesse corpo. Crê que isso me importa?

*Médico:* - Quer nos dizer a quem pertence esse corpo que você está se servindo?

*Espírito:* - Tenho muitos corpos, vou de um a outro; posso ser umas vezes mulher e outras sou um cavaleiro. Ninguém pode sujeitar-me.

*Médico:* - Desta vez alguém lhe tem na mão, e não terá outro remédio que deixar de se intrometer nas vidas dos demais.

*Espírito:* - Tenho me dedicado aos meus negócios pelo espaço de muitos anos.



*Médico:* - Se não mudar sua conduta lhe encerrarão em um buraco escuro.

*Espírito:* - Pois o enganarei. Já estive antes em lugares bem fechados, mas sempre consegui escapar.

*Médico:* - Você já dirigiu alguma vez um automóvel Ford?

*Espírito:* - Não. O que é isso?

*Médico:* - Vou lhe contar uma anedota. Um homem que possuía um Ford morreu, e seu último desejo, antes de morrer, foi que o enterrassem com seu Ford.

*Espírito:* - Com que objetivo?

*Médico:* - Porque dizia que o Ford o havia tirado de muitos apertos.

*Espírito:* - E o enterraram?

*Médico:* - Suponho que sim.

*Espírito:* - Que gente mais louca! Os mortos não podem se servir de nenhum veículo.

*Médico:* - É que você ignora que ninguém morre realmente. Não existe a morte.

*Espírito:* - Você afirmou que eu havia morrido.

*Médico:* - O que morreu é seu corpo.

*Espírito:* - Perfeitamente. E digo que posso ser o que quiser, às vezes homem e às vezes mulher.

*Médico:* - Não é certo. O que você faz é obsediar às vezes homens e às vezes mulheres.

*Espírito:* - Eu não obsidio ninguém. Se quiser, posso dominar a família toda. Eu passo muitos bons momentos. Vou e venho aonde quiser. Ninguém manda em mim mais do que eu. Se tenho fome, como, ou não como, se não me der vontade de comer. O melhor da comida é passar fome. Quando você está passando fome, come qualquer coisa e tudo parece bom e saboroso, enquanto se não tem fome, nada cai bem no paladar. acredite-me, não sou nenhum espírito.

*Médico:* - Você está falando neste momento por intermédio do corpo de minha mulher.

*Espírito:* - Estamos perdendo tempo. Creio que o melhor é que me vá.

*Médico:* - Tenho esperanças de que você e eu cheguemos a ser bons amigos.

*Espírito:* - Não quero que tenhamos nenhum negócio.

*Médico:* - Venha cá, amigo, e falemos tranquilamente. A vida é uma coisa maravilhosa. Somos capazes de pensar e de agir, e, no entanto, não conhecemos a nós mesmos.

*Espírito:* - Você não se conhece a si mesmo? Pois isso é mau. Mas deixe-me ir, porque não quero continuar aqui nem um minuto mais.

*Médico:* - Não o deixarei ir enquanto você não se moderar.

*Espírito:* - Se não estivesse preso como estou, já teria lhe jogado no chão como ferido por um raio! Vai me deixar louco! Sou um homem genioso.

*Médico:* - Vejamos, Johnie; atente-se ao que quero dizer.

*Espírito:* - Não me chamo Johnie, e não lhe direi meu nome.

*Médico:* - Você matou alguma pessoa? Porque se não, esse ódio à humanidade é incompreensível.

*Espírito:* - Não matei ninguém. Sou uma pessoa honrada. Quero agir a meu gosto, e sempre o faço.

*Médico:* - A que igreja você pertencia?

*Espírito:* - Não responderei nada. Cale-se, pois. (Fechando com força os lábios.)

*Médico:* - Por que permanece tão tranquilo?

*Espírito:* - Cale-se! Estou reajustando os pensamentos. Quero ser eu mesmo.

*Médico:* - Que tipo de maus pensamentos germinam nesse cérebro?

*Espírito:* - Tenha muito cuidado com as perguntas que me faz, porque quando fico furioso sou capaz de botar abaixo esta casa em um minuto. Seria capaz de botar tudo abaixo.

*Médico:* - Somente dizer custa pouco.

*Espírito:* - Dá no mesmo dizer coisas grandes ou pequenas.

*Médico:* - Vejamos. Você está falando agora por meio do corpo de minha mulher, e, no entanto, não pode compreendê-lo, porque você é um espírito ignorante.

*Espírito:* - Você é tão ignorante quanto eu.

*Médico:* - Seja uma pessoa compreensiva e com juízo. Esforce-se em compreender que você é um espírito. Você é, ainda que pouco razoável, pois o ignora.

*Espírito:* - Oras, um cavalheiro que chama a um outro de ignorante!

*Médico:* - Você é um espírito imprudente e egoísta. Se você fosse inteligente prestaria atenção ao que digo.

*Espírito:* - Não me importa o que possa dizer. Deixe minhas mãos soltas e verá.

*Médico:* - Não estou pegando suas mãos. As que tenho entre as minhas pertencem a minha mulher.

*Espírito:* - Pelo amor de Deus! Não está vendo que sou um homem? Não me confunda com uma mulher. Leve-a, pois dela não preciso.

*Médico:* - Se não fosse tão teimoso, prestaria atenção de que alguma coisa diferente lhe acontece. Olhe as mãos.

*Espírito:* - (Negando-se a olhar.) O que há em minhas mãos? São minhas, e se pudesse libertar-me você iria ver. Parece que agora tenho mais força que nunca. Ademais, posso falar, coisa que antes não podia, porque algo me estorvava sempre.

*Médico:* - Vejamos. O que você ganha portando-se dessa maneira? O que nós queremos é abrir seus olhos à verdade.

*Espírito:* - Um cura canalha me converteu em certa ocasião; mas quando tirou todo o meu dinheiro, me deu um pontapé.

*Médico:* - É o melhor que poderia acontecer-lhe.

*Espírito:* - Me limitei a lhe fazer algumas perguntas acerca da vida, e ele me respondeu: “Saia daqui, grande pecador.” Pelo visto, o único que lhe interessava era meu dinheiro.

*Médico:* - Onde se encontra essa igreja que nos falou? A que comunhão pertencia?

*Espírito:* - Não vou dizer meus segredos.

*Médico:* - Você não consegue compreender que se encontra entre gente amiga. Nós queremos ajudar fazendo-o abrir os olhos a certas verdades que você ainda ignora. Já disse muitas vezes que perdeu seu corpo físico, mas você não compreende.

*Espírito:* - Não perdi meu corpo, porque disponho de uma quantidade de corpos.

*Senhor G.:* - Como é possível que você tenha mais de um corpo?

*Espírito:* - Ignoro como pode ser, mas o fato é que tenho passado muitos bons momentos em diferentes corpos.

*Senhora G.:* - E como fez para encontrá-los?

*Espírito:* - Ignoro, e não me preocupa.

*Senhora G.:* - Quem trouxe você aqui?

*Espírito:* - Eles me trouxeram.

*Senhora G.:* - Quem?

*Espírito:* - Ignoro. Não queria vir aqui, mas me obrigaram.

*Senhora G.:* - Já esteve aqui antes?

*Espírito:* - Algumas vezes.

*Senhora G.:* - Olhe bem. Você não conhece a pessoa que o trouxe aqui?

*Espírito:* - Não a conheço, nem me importa conhecê-la.

*Senhor G.:* - Já conversamos antes?

*Espírito:* - Parece que sim.

*Médico:* - Conhece esse senhor que acaba de falar? É possível que tenham sido amigos.

*Senhor G.:* - Há aqui outra pessoa que você conheceu anteriormente?

*Espírito:* - Não sei.

*Senhora G.:* - Como fez para vir?

*Espírito:* - Isso não importa a ninguém. Sou uma pessoa que ninguém é capaz de dominar. Sou acometido de arrebatamentos de fúria com a força de um raio, e então fico encolerizado como um trovão.

*Senhor G.:* - E você tem também esse gênio quando entra no corpo de outra pessoa?

*Espírito:* - Sim, sempre tenho muito mau gênio. Às vezes tudo me enfurece e fico como um louco sem saber por quê. É que me obrigam a ir daqui para ali.

*Senhora G.:* - Não poderia ficar em um só lugar?

*Espírito:* - Não; me vejo obrigado a marchar, e isso é o que me deixa louco.

*Senhor G.:* - Você não é uma pessoa independente?

*Espírito:* - Não sei. Quando me obrigam a ir a algum lugar contra minha vontade, fico furioso, fico louco.

*Senhor G.:* - Não gostaria de acabar com essas irritações súbitas? (Apontando o Doutor W.) Este cavalheiro pode lhe explicar qual é sua situação atual, porque é médico.

*Médico:* - Se você se mostrar razoável, poderemos ajudá-lo.

*Espírito:* - As coisas não saem sempre a meu gosto, e isso é o que me mortifica. Às vezes experimento a sensação de que não me domino por completo, de que sou metade e metade, e então fico furioso. Mas o que me tira do sério é essa máquina.

*Senhora G.:* - Não gosta de máquinas?

*Espírito:* - Não; às vezes me dá vontade de golpeá-las até deixá-las em pedaços.

*Senhor G.:* - Refere-se ao automóvel?

*Espírito:* - O que significa isso de automóvel? Refere-se à máquina que corre sem cavalos?

*Médico:* - Você nunca viu um automóvel, verdade?

*Espírito:* - Você se refere a essa máquina que anda assim: “fs-s-s”? (Girando os braços com grande violência, em forma de arco.)

*Médico:* - Não viu nunca estas máquinas? Que é o Presidente?

*Espírito:* - Não sei. Faz anos que não leio um jornal.

*Médico:* - Quem você conheceu Presidente, Mckinley?

*Espírito:* - Não; Cleveland.

*Médico:* - Onde você vivia?

*Espírito:* - Em Kansas?

*Senhor G.:* - (Que havia vivido durante sua infância em Kansas.) Em H. ou em N.?

*Médico:* - Fale com este cavalheiro. (Senhor G.)

*Senhor G.:* - Conheceu ali uma família que se chamava G.?

*Espírito:* - Sim, viviam em uma casa muito grande e muito bonita.

*Senhor G.:* - Você viveu em N.?

*Espírito:* - Não; vivia mais longe. Prestava meus serviços aqui e ali. Nunca permanecia muito tempo em um mesmo lugar.

*Senhor G.:* - Você vivia nas granjas?

*Espírito:* - Sim, em todos os locais onde houvessem cavalos. Não gostava de viajar nessa máquina que faz “Ch-ch-ch”.

*Senhor G.:* - É que com essa máquina se corre muito mais que com os cavalos.

*Espírito:* - Gosto do ar livre, e vocês costumam às vezes deixar fechadas as janelas dessa máquina. Não se pode suportar aquela prisão!

*Senhora G.:* - Lembra-se de haver estado enfermo ou haver sofrido algum acidente?



*Espírito:* - Não estou seguro, ainda que pareça haver tido algo na cabeça. Não sei com certeza o que me ocorreu, porém algo deve ter acontecido, pois não há outra maneira de explicar essas irritações que me ocorrem.

*Senhor G.:* - Lembra-se de algum dos rapazes da família G.?

*Espírito:* - Ouvi falar deles.

*Senhor G.:* - Que idade você tinha? Era da idade de R.?

*Espírito:* - Esse era um rapaz bem robusto.

*Senhor G.:* - Você era da mesma idade?

*Espírito:* - Não, não. Esse rapaz era mais simpático que o outro, que gostava de se divertir. O outro irmão (senhor G.) não fazia mais que estudar. Queria vencer por si mesmo. Creio que estudava para sacerdote, advogado ou algo nesse estilo, porque sempre trazia algum livro na mão. (Detalhe que resultou exato.)

*Senhor G.:* - Gostava de cantar?

*Espírito:* - Quem?

*Senhor G.:* - O outro rapaz.

*Espírito:* - Eu o conhecia pouco, porque sempre prestava meus serviços em um lugar como em outro.

*Senhor G.:* - Você trabalhou alguma vez na casa desses rapazes?

*Espírito:* - Não; eu vivia mais ao sudoeste. A granja estava em uma depressão, bem ao longe. Você sobe uma colina e logo desce até o terreno baixo, e ali está.

*Senhor G.:* - Na direção a W.?

*Espírito:* - Sim.

*Senhor G.:* - Você sofreu algum acidente ali?

*Espírito:* - Não me lembro, mesmo sabendo que tive algo na cabeça. Havia muita gente que trabalhava na máquina debulhadora.

*Senhor G.:* - Com certeza você sofreu naquele tempo alguma ferida grave.

*Espírito:* - Quando estavam debulhando?

*Senhor G.:* - Tão grave deve ter sido a ferida que você faleceu em consequência da mesma.

*Médico:* - É possível que você experimentasse a sensação de que havia ficado dormindo. Em realidade, você perdeu seu corpo físico. Falando em termos correntes, você morreu, mesmo que, para dizer a verdade, não “morreu”.

*Senhor G.:* - Conhece Tom? (Outro espírito que havia sido desalojado do corpo do senhor G.) É um bom amigo meu.

*Espírito:* - Conheço, e está aqui. Diz que veio para ajudar você, ainda que eu não saiba em quê possa lhe ajudar.

*Senhor G.:* - Pergunte a ele.

*Médico:* - Pergunte por que queria ajudar e por que necessita ajuda.

*Espírito:* - Tom me diz: “Saia daí!”

*Médico:* - Preste atenção; ele lhe explicará a verdade.

*Espírito:* - Como se atreve a me dizer algo que não é verdade, vai me pagar muito caro. Tom me disse que eu... Isso sim que não! (Muito excitado.) Tom me disse que eu estive vivendo durante muitos anos como parasita, às custas desse homem. (Senhor G.)

*Médico:* - Pode lhe parecer esquisito, mas é isso mesmo.

*Senhor G.:* - Tom esteve fazendo a mesma coisa. Causou-me grandes incômodos, mas agora é um bom amigo, como também você é.

*Espírito:* - Tom diz que cuidará para que você se desembarace de mim; mas vai ter uma decepção. Por que quer que você se livre de mim?

*Senhor G.:* - Para que você também fique livre. É um bom amigo nosso e vamos trabalhar todos juntos. Você terá seu próprio corpo e já não necessitará andar entrando e saindo do corpo dos outros.

*Espírito:* - Não compreendo o que quer dizer.

*Médico:* - Eu explicarei, porém não me contradiga, por mais absurdo que lhe pareça tudo o que vou dizer, porque não direi senão a pura verdade.

*Espírito:* - Será o melhor para você.

*Médico:* - Faz muito tempo que você perdeu seu corpo físico. Estamos agora no ano de 1922.

*Espírito:* - Queria dizer em 1892.

*Médico:* - Durante todo este tempo você tem sido o que vulgarmente se chama um morto. Mas em realidade não existe a morte. Uma coisa é a alma e outra coisa é o corpo. Nestes momentos você esteve falando por meio do corpo de outra pessoa. Sabia que se encontra atualmente na Califórnia?

*Espírito:* - Sinto-me muito fraco.

*Médico:* - Vamos, amigo, não perca o domínio deste corpo até nos dizer seu nome.

*Senhor G.:* - Pergunte ao Tom.

*Espírito:* - Diz que me chamo Fred. Agora me lembro. Chamo-me Fred.

*Senhor G.:* - E que mais? Pergunte ao Tom.

*Médico:* - Qual era o sobrenome de seu pai? Em que trabalhava seu pai?

*Senhor G.:* - Era granjeiro?

*Espírito:* - Não, não era granjeiro, ainda que tivesse algumas terras de sua propriedade. Vivíamos mais além daquele colégio em que havia uma igreja. Meu pai era alemão.

*Senhor G.:* - Pertencia à comunhão Menonita?

*Espírito:* - Não; meu pai chegou até onde estavam estabelecidos, mas se retirou para mais longe. Mas o que é que me acontece? Como é possível que não possa recordar de meu sobrenome?

*Senhor G.:* - Tom lhe explicará se perguntar.

*Espírito:* - Posso lembrar-me dos nomes de certas populações e de determinadas coisas, mas não posso seguir adiante. Lembro meu nome, Fred, porque todo mundo me chamava assim.

*Médico:* - Bem; não se preocupe mais. Já recobrará sua memória. Você é espírito, e quando se retirar daqui não faltará espíritos sábios que lhe tomarão sob seus cuidados.

*Espírito:* - Tom diz que me levará a uma mansão onde poderei descansar. Não quero voltar a me irritar, porque quando me dão esses acessos sou horrivelmente. Em realidade todo meu mal-estar provinha de que era incapaz de exercer um completo domínio sobre mim mesmo. Doíam muito em meu interior todas essas coisas ofensivas que dizia, mas era demasiado orgulhoso para confessá-lo. Tom me diz: “Vamos; é hora de partir.” Já vou, pois. (Ao senhor G.) Tom diz que devo pedir perdão por todo o mal que lhe causei.

*Senhor G.:* - Nós queremos lhe ajudar. O passado, passado.

*Espírito:* - Não me guarda rancor, verdade?

*Senhor G.:* - De nenhuma maneira.

*Espírito:* - Sinto-me muito débil e não vou poder seguir Tom. Que poderia fazer?

*Médico:* - Esta debilidade é coisa comum nos espíritos, quando começam a compreender a verdade, mas é uma sensação passageira; é unicamente um sinal de que começam a perder o domínio sobre o corpo que haviam se apoderado. Pense que se encontra com Tom e com o grupo de espíritos que forma a Turma da Misericórdia.

*Espírito:* - Sinto uma sensação estranha na cabeça. Será que vou ficar louco? Seria bom você chamar um médico, porque sinto que vou morrer.

*Médico:* - Quando abandonar este corpo se sentirá perfeitamente.

*Espírito:* - Necessito de um médico, porque todo o sangue se ajuntou em minha garganta e não posso respirar. Parece que me afogo. Talvez pudesse dormir. Dizem os médicos que a melhor coisa que se pode fazer quando se sente fraco é dormir. Suponho que não estarei a ponto de morrer.

*Médico:* - Lembre-se de que é um espírito e que nestes momentos está se servindo de um corpo mortal.

*Espírito:* - Meu nome é Fred Haupt. Tom diz que devo pedir perdão por todos os males que causei com minhas irritações.

*Senhor G.:* - Você está perdoado e agradeça a Tom por haver ajudado a você e a mim.

*Espírito:* - Adeus.

Veio em seguida Estrela de Prata, a índia que servia de guia da senhora Wickland, e disse ao senhor G., pela boca daquela:

- Enfim é nosso! Agora o levaremos a um hospital. Deu-nos muito trabalho; se encontrava dentro da sua aura magnética, e retirá-lo dela foi como arrancar um membro do seu corpo. Fazia muitíssimo tempo que o obsidiava; estive com você desde sua infância. Quando as coisas não saíam a seu gosto se deixava dominar por arrebatamentos de cólera. Você experimentará um grande alívio agora que está livre desse intruso, e se sentirá como novo, livre de seu caráter irritável. Estive exercendo influência sobre você durante grande parte de sua vida. Ultimamente foi adquirindo cada vez mais força e

exercia sobre você um domínio quase absoluto. Mas agora já é nosso, não lhe molestará mais. Está muito fraco e necessita os cuidados de um hospital, porque quase não pode nem andar. Necessita nossa assistência. Como se nutria de você, uma vez desprovido desta fonte de energia, encontra-se muito débil; mas o cuidaremos.

## CAPÍTULO XII

### EGOÍSMO

Aqueles espíritos que durante sua vida mortal se deixaram dominar por baixas paixões, como o orgulho, a vaidade, a cobiça, a ambição e o egoísmo, continuam, depois de seu trânsito, apegados à esfera terrestre até que consigam superar essas inclinações, e desenvolvam o amor e a simpatia mediante os atos de ajuda a outras pessoas.

Têm ocorrido muitos casos de espíritos cuja vida terrena transcorreu perseguindo os prazeres e passatempos de gente rica, que alcançam posteriormente a compreensão da vida superior por meio de nosso círculo psíquico.

Entre eles podemos citar o seguinte caso de um dos afogados no naufrágio do “Titanic”, ocorrido no ano de 1902.

*Espírito: John J. A. – Intermediário Psíquico: Senhora Wickland.*

Quando o espírito do senhor W. T. Stad, que havia permanecido entre nós uns momentos, se retirou, outro espírito fez sua aparição, forcejando desesperadamente e dando braçadas como se quisesse nadar, e começou a dizer aos gritos:

*Espírito: - Socorro, socorro!*

*Médico: - De onde você vem?*

*Espírito:* - Essa pessoa que acaba de sair daqui me disse que viesse.

*Médico:* - Você estava na água?

*Espírito:* - Me afoguei, mas voltei de novo à vida. Já não vejo o homem, mas foi ele que me disse para entrar aqui, assegurando-me que vocês conheciam o verdadeiro caminho, que me ensinariam e que depois poderia partir. Mas agora não o vejo. Estou cego! Não sei se terá sido a água, mas o caso é que estou cego.

*Médico:* - É uma cegueira espiritual. Quando uma pessoa sai de seu corpo físico sem antes conhecer as leis que regem a vida superior, permanece em um estado de cegueira. É a cegueira da ignorância.

*Espírito:* - Sendo assim, não ficarei sempre cego.

*Médico:* - É necessário que você compreenda que se encontra no mundo dos espíritos, e que certos espíritos que estão aqui ensinarão a maneira de sair de sua atual cegueira.

*Espírito:* - Começo a ver um pouco. Vi a luz por um momento, mas a porta fechou outra vez e fiquei novamente na escuridão. Estive durante algum tempo ao lado de minha mulher e de meu filho, mas ninguém olhava para mim. Voltou a fechar novamente a porta e me encontro novamente na intempérie.

*Médico:* - É que você ainda não compreendeu seu verdadeiro estado.

*Espírito:* - E o que é que me ocorre? De onde vem essa escuridão? Como poderei sair dela? Nunca me encontrei com tantas dificuldades. Senti-me bem durante um instante; ouvi alguém falar. Agora volto a vê-lo. É talvez o senhor Stad?



*Médico:* - Este senhor esteve falando um momento antes que você chegasse, e é provavelmente quem lhe trouxe para que o ajudássemos, pois nós nos dedicamos a despertar os espíritos apegados à Terra, que se encontram nas trevas.

*Espírito:* - Esta escuridão é terrível. Parece que estou nela há muito tempo.

*Médico:* - Compreenda que não existe em realidade a morte. A vida se prolonga no mundo dos espíritos, no qual todos devem ajudar os outros se quiserem evoluir.

*Espírito:* - Reconheço que não fui durante minha vida o que deveria ter sido. Vivi nada mais que para mim, buscando as diversões e desperdiçando dinheiro. Até agora não vi mais do que minha vida passada; tenho estado entre trevas, e isso é terrível. Apresentam-se ante meus olhos todas as ações de minha vida passada. Quero fugir delas, mas não posso. Tenho-as a todo momento diante de mim, acusando-me, porque pude ter vivido de outra maneira. Tive muitas ocasiões de fazer o bem, mas é demasiadamente tarde.

*Médico:* - Quando uma pessoa vive sem pensar em nada mais que em si mesma, é comum que se veja perdida nas trevas após passar ao outro plano da vida. É necessário que você abra os olhos às glórias da vida espiritual, e compreenda que a vida consiste em servir aos demais. Esse é o verdadeiro céu, que não é mais que uma condição de nossa alma.

*Espírito:* - Sinto que uma sensação estranha me domina. Mamãe! Mamãe querida! (A um espírito.) Sou uma pessoa adulta, mas volto a me sentir outra vez criança em seus braços. Não é uma coisa esquisita que eu a veja, sendo que me parece estar cego?

*Médico:* - Você agora tem um corpo espiritual, e quando terminar de abrir seus olhos espirituais, verá todas as maravilhas do mundo dos espíritos.

*Espírito:* - Estou vendo o senhor Stad. Nós dois estávamos na mesma lancha, mas ele não está nas trevas, segundo parece.

*Médico:* - Porque esse senhor conheceu, durante sua vida terrestre, a verdade acerca da vida espiritual e da volta dos espíritos. Em que ano acredita que vivemos?

*Espírito:* - Em 1912.

*Médico:* - Estamos em 1916.

*Espírito:* - E onde estive durante todo este tempo? Tenho sentido fome e frio. Às vezes parecia encontrar-me encerrado em um aposento muito escuro, sem ver outra coisa que uma projeção de toda minha vida passada.

*Médico:* - Deixe-se levar por sua mãe e pelos espíritos amigos e esforce-se por compreender seus ensinamentos. Dessa maneira será muito feliz.

*Espírito:* - Agora vejo o senhor Stad. Íamos no mesmo barco, mas eu não me importava com seus ensinamentos. Parecia-me que tudo aquilo eram manias de velho. Minha mãe me espera, e gostaria de ir com ela, porque faz muitos anos que não a via. Bendito sejam todos vocês por haverem me aberto os olhos à verdade. É uma desgraça viver na cegueira, sem ver nada mais que a projeção de nossa vida passada.

*Médico:* - Gostaríamos de saber seu nome.

*Espírito:* - Eu sou John J. A. Alegro-me de haver tropeçado com vocês e fico muito agradecido por suas palavras. Agora vejo, ouço e compreendo algo cuja existência ignorava. Adeus.

Algumas semanas depois este espírito voltou, trazendo-nos um amigo, pertencente também à aristocracia de Nova York e que havia perecido no naufrágio do “Lusitania”.

*Experiência realizada em 5 de novembro de 1916.*

*Espírito:* Alfred V. – *Intermediário Psíquico:* Senhora Wickland.

*Espírito:* - Alguém me disse que entrasse aqui para me aquecer.

*Médico:* - Como você se chama?

*Espírito:* - Alfred V. Eu ia em um barco. John J. A. se aproximou de mim e disse que me ajudaria a chegar até aqui, onde me socorreriam. Digo-lhes que nunca havia passado fome em minha vida, mas agora tenho fome e frio, porque minhas roupas estão empapadas de água.

*Médico:* - Isso não é mais do que um estado mental. Você já perdeu seu corpo físico, e não deveria sentir necessidade de alimento.

*Espírito:* - Já sei que me afoguei. Desde então vivo em uma contínua aflição.

*Médico:* - Se você conseguisse compreender o que é a vida futura e em que consiste o progresso no mundo dos espíritos, encontraria rapidamente a felicidade, dedicando-se a servir os demais.

*Espírito:* - Nunca fui feliz. É possível que às vezes tenha excedido ao satisfazer minha vontade, mas com freqüência pressentia a vaidade em tudo.

E costumava me dizer: “Esqueça-se de si mesmo e divirta-se.” Há quem não sinta apego à vida da sociedade, mas nela se pode afogar, em meio a alegria, suas preocupações. Gostava muito dos esportes, e neles encontrava muitas coisas que me faziam esquecer essa outra pequena realidade interior: a consciência. Buscava com ânsia algum ser vivente que fosse bom. Sabe onde o encontrei? Não entre a sociedade, mas entre os cavalos.

*Médico:* - Deve se esforçar para esquecer toda de toda sua vida passada agora, com suas penas e suas amarguras. Busque as realidades superiores e então seus olhos do espírito se abrirão.

*Espírito:* - Uns amigos que se interessavam por mim me trouxeram a este lugar, e aqui abri meus olhos. Creio ser possível que chegue um tempo, não estou seguro, em que serei feliz, porque nunca o fui realmente. Quando era pequeno deixaram que fizesse em excesso minhas vontades. Obrigado por ter me deixado vir a este lugar. Se conseguir realmente a verdadeira felicidade, voltarei para dizer.

As duas experiências anteriores trouxeram como conseqüência, alguns anos mais tarde, a visita de Anna H., uma artista célebre amiga de John J. A. e de Alfred V.

*Experiência realizada em 8 de setembro de 1918.*

*Espírito:* Anna H. – *Intermediário Psíquico:* Senhora Wickland.

*Espírito:* - Água, por favor! (Foi-lhe dado um copo de água e bebeu ansiosamente.) Agradecida. Tenho estado muito enferma e ainda me sinto fraca. Os médicos ignoram qual é minha enfermidade. Recomendaram-me que não me mova. Doem-me muito as pernas e os braços.

*Médico:* - Nós tiraremos essas dores. (Movimentando os braços do intermediário.)

*Espírito:* - Tenha cuidado com meus ossos. Não quero perder minhas formas formosas. Quero me curar e voltar ao trabalho. Tenho estado muito doente e ainda me sinto débil.

*Médico:* - Como você se chama?

*Espírito:* - Anna H.

*Médico:* - E como foi que você veio a Los Angeles?

*Espírito:* - Não estou em Los Angeles. Estou em Nova York.

*Médico:* - Quem a trouxe aqui?

*Espírito:* - Pensei que havia tido um sonho e que Alfred V. havia se aproximado de mim e me falava. Sempre teve por mim grande simpatia, mas já morreu. E agora veio me dizer que eu devia despertar. Estou muito enferma. Como me doem os ossos! Não quero perder minhas formas. Parece que começo a me sentir melhor, ainda que estranha. Ficarei curada e poderei atuar de novo nos cenários, reassumindo minhas ocupações habituais? Não quero perder minha beleza.

*Médico:* - Você não voltará a atuar no plano da vida física.

*Espírito:* - Confio que poderei fazê-lo. Alfred V. me incomodou muito, mas já morreu.

*Médico:* - Você o encontrou em verdadeiro aspecto de morto?

*Espírito:* - Tem todas as aparências de encontrar-se perfeitamente são, mas tudo isso deve ter sido um sonho. Como é isto? John J. A. está chegando, e também ele já morreu.

*Médico:* - Nem mais nem menos que você.

*Espírito:* - Quando morri?

*Médico:* - Faz pouco tempo.

*Espírito:* - Alfred diz que ele e seu amigo se dedicam à missão de despertar outros espíritos. Eles, no entanto, nunca creram nisso de espíritos.

*Médico:* - Mas encontraram a verdade graças ao nosso pequeno círculo. Eram espiritualmente muito pobres antes de vir a nosso círculo, mas se enriqueceram mediante o conhecimento de uma vida muito mais formosa que a que haviam levado na Terra.

*Espírito:* - Que lugar é este? Estes dois amigos dizem que este lugar é a Porta do Conhecimento da Verdadeira Vida... A Porta de Entrada. (Olhando as roupas.) Este vestido não me assenta bem. (Levando as mãos ao pescoço e aos ombros.) Este não é meu pescoço, nem este o meu rosto, nem estas as minhas formas. Dizem que ainda estou fraca, mas que devo ir com eles para que me ensinem o caminho, porque tenho muito que aprender.

*Médico:* - Seu corpo estava enfermo, mas você já o perdeu.

*Espírito:* - No entanto, sinto-me agora muito melhor que nos últimos tempos.

*Médico:* - Minha esposa é intermediário psíquico, e você está se servindo de seu corpo para falar. O mesmo fizeram Alfred V. e John J. A. faz tempo.

*Espírito:* - Meus ossos doem.

*Médico:* - Isso é coisa de sua mente. A inteligência não é o corpo, é invisível. Por isso nós não a vemos; você é invisível para nós. Nós realizamos investigações para deixar às claras o que ocorre depois da morte. Minha esposa é um intermediário psíquico e você se apossou de seu corpo.

*Espírito:* - Alfred me diz que é hora de ir. Acreditei que havia tido um sonho e que morreria; porém lutei e lutei durante muito tempo. Creio que não queria morrer, e por isso pus intranqüila toda a minha força de vontade, para conseguir continuar vivendo todo o tempo que me fosse possível. Certo dia me senti muito débil e fiquei dormindo durante algum tempo; mas voltei a despertar, porque queria viver. Tomaram-me por morta, mas não estava. Só estava dormindo. Queria viver, porque tenho muito apego à vida; estive enferma muito tempo e sofri intensamente. Voltei a dormir e continuei assim durante muito tempo, e quando despertei me encontrei perdida nas trevas e não via nada. Tudo estava escuro, escuríssimo. Não via luz alguma e tudo estava escuro. Senti-me aflita, perdida nas trevas. Creio que voltei a dormir, e enquanto dormia sonhei que Alfred V. e John J. A. se aproximaram de mim e me disseram: “Anna, desperta! Viemos em seu auxílio. Siga-nos, vamos!” Acreditei que despertava, mas me vi tão doente, tão doente, que não pude segui-los. Meu corpo estava paralítico. Eles me disseram: “A levaremos a um lugar em que conseguirás um corpo novo e se sentirá sã e forte. Vem conosco a um mundo mais maravilhoso que este.” E aqui estou, sã e forte. Não voltarei a sentir aquelas terríveis dores? Sofro tanto quando me atacam! O que fica agora de toda a minha vida passada? Por que não me ocupei em coisas mais úteis? A vida para mim era muito agradável. Gostava que me adulassem, gostava de ter admiradores.

*Médico:* - Alfred V. e J. A. adulam você agora?

*Espírito:* - Não. Suas atitudes comigo é diferente das que tinham antes. Sua postura é respeitosa. Parecem muito sinceros, e eu também experimento por eles outro tipo de sentimento. Parecem muito mais jovens, ainda que me consta que sejam mais velhos que eu. Não me dizem agora como em outro tempo: “Vamos nos divertir.” A vida foi para mim muito agradável enquanto tive admiradores, mas sofri muito por causa de minha vaidade. Os médicos disseram que se não tivesse apertado tanto o corpo, não teria ficado enferma. Mas não dava atenção aos médicos. Eles queriam que eu comesse em abundância para adquirir força, mas tinha medo de que se descansasse e comesse e dispensasse as massagens e os banhos para emagrecer, não poderia conservar minhas formas. Por isso cheguei até a passar fome. Mas agora vejo que tenho que servir aos demais, ajudando-os.

Subitamente o espírito perdeu o domínio do intermediário e se retirou. Dois anos mais tarde o espírito de Anna H. voltou para trazer ao nosso círculo os espíritos de Olive T. e de Anna D.

Conhecemos em Chicago duas senhoras israelitas: a senhora Sr. e a senhora Simons. Eram duas excelentes amigas, ainda que esta última era exigente e intolerante. Censurava de uma maneira especial as práticas da escrita automática a que havia se dado a amiga, e afirmava que o espiritismo era uma impostura, porque as pessoas se convertem, depois da morte, em flores, pássaros e árvores.

A senhora Simons morreu e sua amiga a assistiu em sua agonia; faleceu por causa de uma hidropisia e com intensas dores lombares. Passaram-se alguns anos, e a senhora Sr., que residia na Califórnia, caiu vítima de uma profunda melancolia, e com tantas dores fortes na cintura que a impediam de caminhar erguida. Passou três semanas em um hospital sem experimentar melhora alguma, e ao cabo desse tempo veio até nós. Durante uma



concentração em círculo psíquico, com a presença da senhora Sr., teve lugar a seguinte experiência. A enferma sarou completamente.

*Experiência realizada em 27 de outubro de 1919.*

*Espírito:* Senhora Simons. – *Enferma:* Senhora Sr. - *Intermediário Psíquico:* Senhora Wickland.

O espírito que havia se apossado do médium lançou um gemido e levou imediatamente as mãos à cintura, dando mostras de grande sofrimento.

*Médico:* - Você se encontra mal? Perdeu por acaso o seu corpo e não se deu conta disso?

*Espírito:* - Não sei.

*Médico:* - Nós podemos aliviar sua dor. Diga-nos quem é você.

*Espírito:* - Não sei.

*Médico:* - Como não saberia seu nome?

*Espírito:* - Não posso concentrar meu pensamento.

*Médico:* - Quanto tempo faz que você morreu?

*Espírito:* - Não sei se morri.

*Médico:* - Como seus amigos lhe chamavam?

*Espírito:* - Senhora Simons.

*Médico:* - Onde você vivia?

*Espírito:* - Em Chicago.

*Médico:* - Em que lugar de Chicago?

*Espírito:* - Faz muito tempo e não sei. Não me sinto bem nestes últimos tempos.

*Médico:* - Explique-se melhor.

*Espírito:* - Me sentia muito pequena e estava muito incômoda.

*Médico:* - Você se dá conta de que havia se intrometido na vida de outra pessoa?

*Espírito:* - O que sei é que me encontro meio atordoada, que não estou em meu estado normal.

*Médico:* - E não conhece a razão desse mal-estar?

*Espírito:* - Não.

*Médico:* - Você nunca acreditou nos espíritos, não é verdade?

*Espírito:* - Não acreditava antes, nem creio agora.

*Médico:* - Isso quer dizer que não crê em você mesma. Você costumava qualificar de disparate a crença nos espíritos. Não é maior disparate empenhar-se em ser um espírito apegado à Terra? Não compreende que você é um espírito dessa classe?

*Senhora Sr.:* - Não me conhece?

*Espírito:* - Essa voz não me é desconhecida; é a voz de uma amiga.

*Médico:* - Onde se encontra essa amiga?

*Espírito:* - Em Chicago.

*Médico:* - A que se dedica?

*Espírito:* - Não sei. Vejo tudo tão obscuro que não posso recordar de nada. Conheço essa voz, mas não saberia dizer a quem pertence. Não posso recordar seu nome, mas me lembro que vivia em Chicago. Costumava me visitar. Essa amiga era para mim um raio de sol. Sempre me ajudava. Sempre que vinha me visitar o fazia com grande afeto e um gênio muito alegre. Mas começou a tratar com o espiritismo. Eu a preveni para que não se ocupasse com essas coisas porque tudo isso era mentira. Por minha parte, nunca me deixei convencer. E assim é como a perdi. Só a vejo de vez em quando. Sinto-me pequena e incômoda. Pela minha vida que não posso recordar seu nome.

*Médico:* - Tampouco seu nome de batismo?

*Espírito:* - Agora me lembro! Chamava-se R. Minha memória tem alguma falha e tudo está muito estranho. De vez em quando vejo um raio de luz, mas logo me vejo encerrada em um quarto muito pequeno. Você sabe que sou muito corpulenta, e me encontro tão apertada nesse pequeno aposento (a aura da enferma.), que perco o sentido.

*Médico:* - Você não morreu de um sufocamento?

*Espírito:* - Não posso dizer que esteja morta, porque não me sinto morta. O que posso dizer é que me aplicaram fogo, acompanhado de trovões e de uma dor penetrante.

*Senhora Sr.:* - Lembra-se do Doutor Wickland?

*Espírito:* - Sim.

*Senhora Sr.:* - Recorda-se daquela máquina que ele manejava?

*Espírito:* - A que soltava fogo?

*Senhora Sr.:* - Justamente, e esse é o fogo que você havia sentido.

*Espírito:* - Não me submeti a nenhum tratamento com ele.

*Senhora Sr.:* - Você vem me causando enfermidades durante estes últimos anos.

*Espírito:* - E como pode ser que eu tenha lhe afligido?

*Senhora Sr.:* - O médico lhe explicará.

*Médico:* - É muito simples. Você é na atualidade um espírito e esteve rondando sua amiga. Por essa razão não se sente bem. Não se encontra agora em Chicago, e sim na Califórnia. Você está em Los Angeles, Califórnia. Não se lembra da senhora Sr.?

*Espírito:* - Sim; vivia em Chicago.

*Médico:* - Você e ela estão agora em Los Angeles.

*Espírito:* - Eu vivia em Chicago, e costumava ter fortes dores nas pernas, e muitas vezes também na cabeça.

*Senhora Sr.:* - São essas dores as que ultimamente tem passado para mim.

*Médico:* - Você passou suas dores para a senhora Sr.

*Espírito:* - Você está errado.

*Senhora Sr.:* - Não se recorda da senhora Wickland, de Chicago, a esposa do senhor Wickland? Lembra-se que era médium?

*Espírito:* - Não consigo lembrar. É estranho que não me lembre de nada.

*Senhora Sr.:* - No entanto, você acreditava saber tudo.

*Espírito:* - Sim, acreditava. Você fez uma confusão com esses disparates de espiritismo e eu não quis nem ouvir falar dessas coisas.

*Médico:* - Olhe esta mão e diga-me se é a sua. Você mesma veio demonstrar que isso que você chamava disparate é uma grande verdade.

*Senhora Sr.:* - Sabe em que ano vivemos?

*Espírito:* - Não sei de nada. Onde está minha casa? Onde está minha filhinha?

*Senhora Sr.:* - Sua filhinha não está aqui. Você está em Los Angeles, Califórnia.

*Espírito:* - Não pode ser. Parece que você anda um pouco mal da cabeça. Não sabe, amiga, que você vive em Chicago?

*Senhora Sr.:* - Estou vivendo na Califórnia há seis anos e meio.

*Espírito:* - Sim, mulher, será sempre assim! Estamos em Chicago. Seguramente hipnotizaram você e quer me fazer acreditar também neste conto.

*Médico:* - Vejamos se lhe fazemos compreender a verdade. Faz muitos anos que você morreu. Esteve rondando a senhora Sr. Fomos obrigados a lhe desalojar do corpo dela mediante tratamento elétrico e permitimos que passasse temporariamente ao corpo de minha senhora, com objetivo de fazê-la compreender sua verdadeira situação. Você é a senhora Simons. Este corpo pertence à senhora Wickland, que vive em Los Angeles, Califórnia. Você esteve obsediando a senhora Sr.

*Espírito:* - Aproximei dela porque não via senão escuridão por todas as partes. Parece como se houvesse estado dormindo e que de repente houvesse despertado. Vi então uma luz e me encontrei aqui. Estando com ela via uma luz muito pequena. Diga-me uma coisa. Como foi que vim aqui? Não acredito que minha amiga esteja correta. Como ela veio para a Califórnia?

*Senhora Sr.:* - Pagando o bilhete do trem. Você pagou alguma coisa?

*Espírito:* - Não acredito em nada do que me diz.

*Médico:* - O que estamos dizendo é a pura verdade.

*Senhora Sr.:* - Seu corpo foi enterrado no cemitério de Waltheim, faz seis ou oito anos.

*Espírito:* - Estive dormindo. Despertei com dores muito fortes e não podia me mover. Sentia-me comprimida.

*Médico:* - Porque o corpo da senhora Sr. é muito mais pequeno que o seu, e aí você tem a prova de que a estava obsediando. Seguramente você não acreditará se lhe dissermos que não a vemos, que é invisível para nós. E, no entanto, assim é; não vejo senão o corpo de minha esposa.

*Espírito:* - O corpo de sua esposa? Olhe, minha amiga. O que significa tudo isto? É certo que perdi meu corpo?

*Senhora Sr.:* - Assim é.

*Médico:* - Só sua teimosia é que não permite que abra os olhos. Você tem causado muitos infortúnios. Você era egoísta e não tem adiantado para nada seu egoísmo. No mundo dos espíritos terá que servir aos demais. Compreenda por fim que você agora é um espírito verdadeiro e que já não

tem seu corpo físico. Como é que não se converteu em árvore, segundo você pensava?

*Espírito:* - Como! Você é verdadeiramente a minha mãe? Que jardim mais sublime e que edifícios tão maravilhosos! Minha mãe se aproxima de mim!

*Médico:* - Suponho que sua mãe não terá se convertido em árvore?

*Espírito:* - Minha mãe se aproxima de mim e diz: “Vem; esta é minha morada.” Sua morada, não a minha. Eu não poderia ir com a minha mãe?

*Médico:* - A ignorância não pode entrar nos reinos dos céus.

*Espírito:* - Minha mãe me diz: “Você não pode subir esta colina com seu corpo; esta é a montanha da sabedoria, e deve esquecer-se de si mesma. Esqueça de toda sua existência de egoísmo. É necessário que sirva aos demais.” (Titubeando.) Ela diz que é minha mãe, mas eu não sei. Sim, creio que é minha mãe, ainda que agora a encontro extraordinariamente formosa.

*Médico:* - É que brilha nela o espírito da verdade.

*Espírito:* - Minha amiga, espero que, se lhe pedir perdão, você me perdoará.

*Senhora Sr.:* - Naturalmente que sim, porque você ignorava o que fazia.

*Espírito:* - Ajudou para que chegasse a luz aos meus olhos e graças a vocês cheguei a conhecer a verdade.

*Senhora Sr.:* - Deve agradecer por isso aos senhores Wickland.

*Espírito:* - Não me sinto muito disposta em agradecer-los; minha mãe diz que devo fazê-lo, porque se não tivesse sido por eles, estaria ainda em

meio daquelas terríveis dores e angústias. Diz que quando entrei em sua aura magnética, minha alma estava transbordante de dor, de egoísmo e de desejos. Eu não conhecia o amor, fora do amor egoísta. Minha mãe diz que, daqui em diante, devo amar aos demais e não a mim mesma. Esqueça de si mesma e trabalhe para os demais e será feliz.

*Médico:* - “O amor é a culminação da lei.”

*Espírito:* - Não me interessavam essas coisas. Agora me vejo tal qual eu mesma era, como um retalho de egoísmos. Perdoa-me, minha amiga. Peça-lhe de todo coração. Não quero este meu corpo, maligno, feio e grosseiro que me fizeram ver. (As inteligências guias.) Este não é meu corpo.

*Médico:* - Sim, é seu corpo espiritual, tal como você o fez. Você criou um corpo espiritual composto exclusivamente de egoísmos e de invejas.

*Espírito:* - Ele está todo entrevado e enrugado.

*Médico:* - Você o embelezará mediante suas boas ações para com os demais. Mas enquanto não conquistar méritos, terá que se conformar com esse vestido que você fez.

*Espírito:* - Necessito ajuda e energia.

*Médico:* - Encontrará muitos bons amigos que lhe ajudarão. Peça ajuda aos espíritos sábios. Procederá assim?

*Espírito:* - Sim, o farei.

*Médico:* - Acredita agora nos espíritos?

*Espírito:* - Não terei outro remédio. Não sejam egoístas como eu, para que não tenham que viver em um corpo tolhido como o meu. Estes espíritos



dizem que ninguém pode nos ajudar no trabalho por nossa própria salvação. Vou partir e começarei em seguida meu trabalho.

A senhorita F. H. era uma jovem muito amável que cultivava a música e estava estudando em um colégio. De repente se converteu em uma pessoa de caráter violento e destruidor: rasgava seus vestidos e golpeava todos que se aproximavam dela.

Acabaram recolhendo-a em um sanatório, onde a deixaram encerrada durante algum tempo em um compartimento. Seu caso foi diagnosticado de demência precoce. Quando a trouxeram ao nosso Instituto, parecia um esqueleto.

Naquela oportunidade insistia constantemente que ela não era a senhorita H., e sim Margaret Young, de nacionalidade inglesa, e que tinha dois filhos.

Certo dia, na hora de comer, quando a senhorita H. se encontrava sentada à mesa, a senhorita Wickland viu, de uma maneira clarividente, como o espírito de um vendedor de jornais tomava posse da enferma e se atirava sobre a comida dizendo: “Que fome tenho! Faz um mar de tempo que não provo nada.”

Uma vez satisfeita sua fome, o espírito do vendedor de jornais se foi e a enferma voltou a ser molestada pelo espírito de Margaret Young.

Uma irmã mais jovem da senhorita F. H., que estava ciente da questão dos espíritos obsessores, ajudava-a muito, acompanhando e cuidando-a.

Uma tarde a senhorita F. H. encontrava-se sentada ao piano; de repente se apossou dela um espírito desconhecido, mas sua irmã ordenou

energicamente que o intruso se retirasse, e a enferma voltou ao seu estado normal.

Este espírito se apossou da senhora Wickland durante o círculo de concentração psíquica que celebramos naquela noite. A enferma melhorou daí em diante com grande rapidez. Antes de se cumprirem os quatro meses, pôde regressar à sua casa em perfeito estado de saúde, graduou-se no colégio e se dedicou mais adiante à carreira musical.

*Experiência realizada em 6 de outubro de 1920.*

*Espírito: Alicia. – Enferma: Senhorita F. H. - Intermediário Psíquico: Senhora Wickland*

*Médico: - De onde você veio?*

*Espírito: - Venho na qualidade de visita.*

*Médico: - Quer fazer sua apresentação?*

*Espírito: - Quero averiguar primeiro onde me encontro. Não conheço nenhuma das pessoas que estão aqui reunidas.*

*Médico: - Quer nos dizer quem é você?*

*Espírito: - Não estou resolvida ainda em dizê-lo.*

*Médico: - Diga-nos então quanto tempo faz que você morreu.*

*Espírito: - Morta, você diz?*

*Médico: - Não se dá conta de sua situação? Por que está aqui?*

*Espírito: - Não sei para quê vim. Alguém me disse que viesse, mas não vejo a finalidade.*

*Médico:* - Você é homem ou mulher?

*Espírito:* - Fico surpreendida que você me dirija essa pergunta. Não vê com seus próprios olhos? Os homens e as mulheres vestem as mesmas roupas?

*Médico:* - O corpo que está nesta cadeira pertence a uma mulher. Você é uma senhora?

*Espírito:* - Fique sabendo, não sou um homem.

*Médico:* - Você é senhora ou senhorita?

*Espírito:* - O único que digo é que não me converti em homem.

*Médico:* - No entanto, é inegável que você trocou de corpo. Se dissesse que este é o corpo de minha mulher, seguramente que isso lhe surpreenderia. É evidente que você continua dormindo.

*Espírito:* - Dormindo, a estas horas?

*Médico:* - Vejamos se consegue compreender. Tem que se dar conta de que está em uma situação estranha. Procure abrir os olhos e aprender a lição. Este corpo não lhe pertence.

*Espírito:* - Que maneira de falar! Vim a esta casa, e é evidente que não poderia tê-lo feito sem ter um corpo. Não entrei aqui voando no ar, como uma pluma.

*Médico:* - Conhece estas mãos?

*Espírito:* - São as minhas.

*Médico:* - Quero lhe fazer entender que você está se servindo transitoriamente do corpo de outra pessoa. Você não conhece estas mãos.

*Espírito:* - Não estou acostumada a que me desmintam. (Com altivez.) Estou acostumada a viver em sociedade. (Riso geral.) Parece que todos riem de mim. Não sei o que fazer, porque isso constitui um insulto.

*Médico:* - Você dispunha de grandes riquezas quando dispunha de seu próprio corpo?

*Espírito:* - E por que hei de lhe informar sobre meus assuntos?

*Médico:* - Quanto tempo faz que você morreu?

*Espírito:* - Mas o que você está dizendo? Eu não morri.

*Médico:* - Você já perdeu seu corpo físico e é evidente que anda errante há muito tempo. Permitimos que se apossasse do corpo de minha mulher e você deve se conduzir razoavelmente.

*Espírito:* - Não gosto dessa jovem de cinto amarelo. (A senhorita C. H., irmã da enferma.) Não faz mais que me molestar. Retirou-me de um lugar em que estava passando uns bons momentos. (A senhora C. H.) Que direito você tem para portar-se assim comigo? Você me é profundamente antipática.

*Médico:* - Você não compreende seu verdadeiro estado. Esta senhorita limitou-se a fazer sair um espírito apegado à Terra.

*Espírito:* - Retirou-me de onde estava; por isso a detesto.

*Médico:* - Você havia se apossado de sua irmã, e não gostou disso. Você é um espírito apegado à Terra.

*Espírito:* - (Batendo o pé no chão.) Não sou tal coisa.

*Médico:* - Deixe-me explicar. A irmã desta jovem é uma pessoa sensível, uma médium psíquica, e têm se apossado dela sucessivamente diferentes espíritos, que vêm perturbando sua vida. Encontrava-se tocando piano hoje, você a ouviu e entrou em contato com sua aura magnética. Através desta você viu uma pequena luz e se apossou da jovem.

*Espírito:* - Ouça, jovem; nunca havia visto você até agora. (À senhorita C. H.)

*Médico:* - A pessoa que você se apossou agora é minha mulher.

*Espírito:* - Estou farta de ouvir o mesmo. Como é possível que eu aposses do corpo de outra pessoa? Tudo isto que você diz é absurdo.

*Médico:* - Minha mulher é uma médium psíquica e consente que certos espíritos se aposses temporariamente de seu corpo.

*Espírito:* - Ah! Pelo visto vocês são espíritas. Agora compreendo. Todos vocês estão loucos, completamente loucos.

*Médico:* - Você mesma é uma prova de quão errônea é sua opinião, porque você é um espírito e está se servindo do corpo de minha mulher.

*Espírito:* - Bem; basta já de me tomar por sua mulher. Não me casei até agora, e não será certamente com você que me casarei.

*Médico:* - O que disse é que esse corpo é o de minha esposa.

*Espírito:* - Vá com sua esposa! Este corpo é meu.

*Médico:* - Pertence-lhe só por um momento.

*Espírito:* - Você já viu alguma vez uma pessoa trocar de corpo? O que é que você está falando?

*Médico:* - Pergunte a um destes senhores de quem são as mãos que tenho entre as minhas.

*Respostas:* - O Doutor tem entre as suas as mãos de sua mulher.

*Médico:* - Você é um espírito invisível para nós. Você perdeu seu próprio corpo e é só um espírito

*Espírito:* - Mas como o perdi? Se tivesse falecido e não tivesse meu corpo, como diabos iria andar de um lado para outro? Teve momento em que tive fome e quis comer algo, mas essa indivíduo (Apontando a senhorita C. H.) me retirou dali. Não resisti porque tinha muita fome.

*Médico:* - É seu corpo o que está morto; você não está. Paulo disse: “Temos o corpo natural e temos o corpo espiritual.” Você sabe em que ano estamos? Em 1920. Não se dá conta de que estive nas trevas durante algum tempo?

*Espírito:* - É certo; estive nas trevas e não recordo bem as coisas.

*Médico:* - Isso ocorreu porque não tinha contato físico e tampouco compreendia a vida superior. Trouxeram-na aqui para que nós lhe prestássemos ajuda. Mas só poderá permanecer aqui muito pouco tempo.

*Espírito:* - E aonde irei?

*Médico:* - Ao mundo espiritual. Como você se chama?

*Espírito:* - Não sei.

*Senhorita C. H.:* - Você me disse esta tarde. Disse que se chamava Mary Bulwer e que era originária da Alemanha.

*Espírito:* - Não disse isso. Você falava naquele momento com minha amiga. (Outro espírito que havia se apossado da enferma.)

*Médico:* - Se dá conta do lugar que agora se encontra? Sabe que se encontra em Los Angeles?

*Espírito:* - Não.

*Médico:* - Onde crê encontrar-se?

*Espírito:* - Minha amiga e eu viajavamos no trem.

*Médico:* - Ocorreu-lhes algum percalço?

*Espírito:* - Íamos a... Não posso recordar agora. Mary! (A um espírito.) Não se vá. Sabe que era minha companheira de viagem. Sempre paguei as viagens e não deve me abandonar agora.

*Médico:* - O que ela responde?

*Espírito:* - Mary, quer dizer meu nome? Olha esse fogo! Está ardendo tudo!

*Médico:* - Neste momento você está revivendo as circunstâncias em que ocorreu sua morte.

*Espírito:* - Mary, Mary, olha esse fogo!

*Médico:* - Ocorreu algum acidente ferroviário?

*Espírito:* - Justamente!

*Médico:* - Tudo isso já passou.

*Espírito:* - Olha a Mary. Está morta! Morreu esmagada!

*Médico:* - Tudo isso vem ser coisa do passado. Tranqüilize-se.

*Espírito:* - Vi tudo isso com a rapidez de um relâmpago.

*Médico:* - O que Mary responde?

*Espírito:* - Está perdida, como eu. Nós duas perdemos o caminho.

*Médico:* - Isto ocorre porque vocês desconhecem a verdadeira vida.

*Espírito:* - Tenho andado errante e Mary está morta.

*Médico:* - Não está realmente morta; não fez mais que perder seu corpo físico. Mary não está mais morta que você. As duas são espíritos.

*Espírito:* - Então significa que morri naquele fogo terrível. Veja toda essa gente que está se queimando viva! (Com mostras de grande excitação.)

*Médico:* - Esqueça esse acidente e recolha-se a si mesma. Acalme-se e esqueça o passado.

*Espírito:* - (Dando mostra de grande agitação, à vista de vários espíritos.) Não quero ver nenhum de vocês. Olhe como esse se aproxima! Não quero nem vê-lo! Não preciso de você, e já o disse mais de uma vez.

*Médico:* - É possível que durante sua vida você tirasse mau proveito dessas pessoas, e agora tem que sofrer as conseqüências.

*Espírito:* - Se estive com você foi para passar um momento, mas não me interessa. Quis ver até onde chegava seu amor, mas nunca o amei. Dizem que vêm para me acusar. São três, mas não quero nenhum. Por que vêm?

*Médico:* - O que sua consciência lhe diz?



*Espírito:* - (Em tom de burla.) Diz que se suicidou porque eu não quis casar com ele. Se era estúpido!

*Médico:* - Não seria porque você se entretinha em representar o papel de mulher fatal?

*Espírito:* - Isso é da minha conta.

*Médico:* - Daqui em diante você deverá esforçar-se para ter uma conduta melhor.

*Espírito:* - Deixe-me na escuridão; isso é muito melhor.

*Médico:* - O que sua consciência diz?

*Espírito:* - (Ao outro espírito.) Por que você tem que me jogar na cara?

*Médico:* - Você fez um grande mal a esses homens, com os quais agora fala.

*Espírito:* - É que aqui também há uma mulher. Por que tem que se meter comigo? É certo; nunca paguei os vestidos que me fez. Veja que agora vem me jogar na cara que não os tenha pago!

*Médico:* - Isso lhe parece uma boa ação? Sua consciência diz que não. Daqui em diante se dedicará em servir aos demais. O egoísmo é a raiz de todo mal.

*Espírito:* - Sou muito egoísta e tenho sido sempre. Nunca me ensinaram outra coisa. Minha mãe era uma senhora muito ativa e muito bonita.

*Médico:* - Desgraçadamente para você. Mas, tranquilize-se, porque se lhe permitiram que viesse aqui foi para ajudá-la. Não vê nenhum outro conhecido?

*Espírito:* - Não quero olhar mais, porque só vejo as pessoas que prejudiquei. Estão aí, parados! (Jogando-se para trás.) Por que sofro tanto?

*Médico:* - Você mesma provocou estes sofrimentos. Mas se for sincera haverá remédio para você. Os espíritos sábios lhe ajudarão. Quando for ao mundo dos espíritos se encontrará provavelmente com o mais humilde dos servidores que você teve na vida mortal, ocupando ali uma posição superior a sua. Gente que acreditava estar abaixo de você terá no mundo dos espíritos as mais formosas moradas. Jesus ensinou a nos humilhar.

*Espírito:* - Você não imagina o que isso significaria para mim.

*Médico:* - Minha mulher permite que toda classe de espíritos se apossem de seu cérebro e de seu corpo. Você não faria um sacrifício semelhante? Olhe ao seu redor e talvez encontre certos espíritos que vêm para ajudá-la.

*Espírito:* - Rudolph! (Um espírito.) Eu o amava, mas meu orgulho e minha mãe fizeram impossível nosso casamento. Sei que isso lhe fez sofrer, mas você ignorava que eu também sofri. Perdoa-me, Rudolph?

*Médico:* - Por que têm que ser o orgulho e o dinheiro obstáculos para o amor?

*Espírito:* - Rudolph diz que se ele tivesse casado comigo haveria feito de mim uma boa mulher. Sim, Rudolph, mas a boa influência que você exercia sobre mim desapareceu, e já não me importou nada. Então me entreguei às diversões sociais para afogar desta maneira meu pesar. Minha única preocupação foi a de fascinar os homens, para vê-los aos meus pés. Não me importou arrasá-los. Queria que outros sofressem o que eu sofria.

*Médico:* - O que Rudolph diz a isso?

*Espírito:* - Diz: “Alicia, vem comigo ao mundo dos espíritos.”  
(Soluçando.) Diz que no céu não se conhece o orgulho que serve de obstáculo; não há ali mais que amor e harmonia.

*Médico:* - Você pode desfazer seus erros à força do afeto para com os demais. Terá que lavar sua própria salvação.

*Espírito:* - (Inclinando-se para frente.) Carl, não se vá. Sei que você me queria bem, mas não podia amá-lo, porque meu coração pertencia a outro. Quando você se matou me senti culpada. Vejam-no, encontra-se estendido na terra! (Soluçando.)

*Médico:* - Ele também encontrará o caminho para o conhecimento. Não faltará quem o ajude. O espírito é indestrutível.

*Espírito:* - Veja aqui! Não pode ser! Minha mãe está aqui! Mas como parece envelhecida e rude! Não é possível que esta seja minha mãe. Entretanto, ela me diz que sim, mas não pode ser. Minha mãe era muito bonita e encantadora. Esta que vejo é muito grosseira. Mãe, o que lhe aconteceu? Você, que tinha formas tão esculturais, encontra-se agora tão encolhida.

*Médico:* - Essa é a forma espiritual que ela criou por seu egoísmo. “O que um homem pensa em seu coração, assim mesmo é.”

*Espírito:* - Minha mãe me diz: “Filha, fiz mal em ter lhe educado assim. Fiz mal em ter me oposto aos seus sinceros sentimentos com Rudolph, porque este haveria desenvolvido em você a melhor parte de sua natureza.” Está completamente encurvada e coberta de farrapos. Diz que se dedica a servir aos demais com o corpo que ela mesma mereceu enquanto viveu na Terra. Agora me mostra o corpo que ganhou com seu esforço no mundo espiritual. É melhor que o outro, mas seu rosto está cheio de rugas.

*Médico:* - Porque seu rosto era seu orgulho.

*Espírito:* - Minha mãe diz: “Alícia, procura trabalhar de forma diferente. Veja aqui seu corpo espiritual, minha filha.” Oh, não pode ser! Não pode ser esse! Rudolph, venha e ajuda-me. Você conhece meus sentimentos.

*Médico:* - Quer nos dizer seu nome? Pergunte-o a sua mãe.

*Espírito:* - Minha mãe não pode me dizer; diz que não se recorda.

*Médico:* - Lembra-se como se chama o nosso Presidente?

*Espírito:* - McKinley.

*Médico:* - Mataram-no em 1901. Pelo visto faz mais de vinte anos que você está em estado de letargia.

*Espírito:* - Nasci em Milwaukee. Queria dar mais detalhes, mas não posso. Fechou-se a porta e já não tenho forças para pensar. Por que não posso lembrar meu nome? Fiquei sem memória. Lembro-me só Alícia.

*Médico:* - Já se lembrará. Compreenda a vida tal qual é. Pense que se encontra do lado de Rudolph.

*Espírito:* - Assim o farei. Quero agradecer-lhes. Adeus.

O sentimento de superioridade social e o orgulho de sua posição foram os motivos que retiveram durante muito tempo na esfera terrestre uma dama inglesa de grande cultura; mas ao fazê-la compreender as finalidades da vida superior, adquiriu o discernimento espiritual e entrou no caminho do progresso.

*Experiência realizada em 4 de outubro de 1922.*

*Espírito:* Esther Sutherland. –*Intermediário Psíquico:* Senhora Wickland

O espírito que havia se apossado do médium se mostrou muito arrogante, olhando a todos com ar displicente.

*Médico:* - O que aconteceu com você? Encontra estranha sua situação?

*Espírito:* - Ocorreram muitas coisas, mas não estranho.

*Médico:* - Desejaríamos saber quem é você e de onde veio, porque ninguém a conhece aqui.

*Espírito:* - (Com marcado acento inglês e com ares de superioridade condescendente.) Verei. Naturalmente que nenhum de vocês poderiam me conhecer.

*Médico:* - Permita-me perguntar a que sangue aristocrata você pertence?

*Espírito:* - Não é cavalheiresco fazer semelhante pergunta.

*Médico:* - Não é de seu agrado essa reunião?

*Espírito:* - (Muito incomodada.) Ignoro em absoluto quem possa ser vocês.

*Médico:* - Você talvez pertença a alguma família reinante?

*Espírito:* - Por que todos olham para mim? Vejo uns em pé e outros sentados.

*Médico:* - Sem dúvida que uma parte dos que você vê são espíritos.

*Espírito:* - Espíritos! Imagino que tudo isso não sejam mais do que imaginações sua. Vejo umas pessoas em pé e outras sentadas. É possível que lhe falte óculos para ver toda essa gente. Por sinal, todos vocês são gente vulgar.

*Médico:* - Não tivemos a fortuna de nascer nas classes superiores. Mas me permito fazer-lhe observar que até agora não fez sua apresentação.

*Espírito:* - Não tenho nenhum interesse em fazer-me conhecer a nenhum de vocês. (Com altivez.) Creio que não sejam de meu mundo social.

*Médico:* - Não temos nenhum interesse particular em pertencer a ele; mas se não soubermos que é você, não poderemos recebê-la com as honras que merece.

*Espírito:* - Não creio que me interesse receber de vocês honra alguma.

*Médico:* - Desejaríamos, pelo menos, tratá-la com o devido respeito.

*Espírito:* - Você tem se permitido a fazer algum gracejo grosseiro.

*Médico:* - Senhora, diga-nos pelo menos seu nome.

*Espírito:* - Não creio que deva fazê-lo. (Ao dizer isto, examina seu interlocutor, da cabeça aos pés, com um imaginário impertinente.)

*Médico:* - Não precisa se preocupar que lhe faça algum dano.

*Espírito:* - (Apontando com a mão para a sala de visitas.) Quem são estes que estão aí? (Seres invisíveis.) São mui poucos os que estão reunidos aqui, e ignoro que tipo de reunião é esta. Talvez não devesse ter vindo.

*Médico:* - Teria a amabilidade de perguntar aos que se encontram nessa outra sala, que classe de pessoas são? Porque não posso vê-los. Pergunte-lhes que fazem ali.

*Espírito:* - Pelo que vejo, trata-se de pessoas seletas, e imagino que o melhor que possa fazer é ir com elas. Parecem ser de uma posição mais afim à minha. (Tentando levantar-se.)

*Médico:* - Tenha a bondade de permanecer sentada e pergunte quem são.

*Espírito:* - Não vejo razão para que faça essa pergunta.

*Médico:* - Pergunte a eles.

*Espírito:* - Isso não é correto entre nós.

*Médico:* - Lembro-lhe que nenhum de nós a conhece e você pode ser uma impostora.

*Espírito:* - (Afastando-se com frieza e dirigindo-se ao cavalheiro que está ao seu lado direito.) Nos últimos tempos tenho observado que não podia expressar meus pensamentos com a exatidão com que havia desejado.

*Médico:* - Vejamos; pergunte a essas pessoas quem são.

*Espírito:* - Já disse que não quero falar com eles. Se você se sente com desejo de fazê-lo, faça, e seguramente o receberão bem.

*Médico:* - É que nos não podemos ver nenhum dos que estão ali. E se não os vemos, como poderíamos dirigir-lhes a palavra?

*Espírito:* - Não tenho culpa de que você não os veja, não tenho culpa.

*Médico:* - Pergunte se são espíritos. Com que cara ficam, quando digo que são espíritos? (Dirigindo-me à reunião invisível.) Todos vocês são espíritos? (Dirigindo-me ao espírito que atua no médium.) O que é que dizem?

*Espírito:* - Alguns fazem um gesto afirmativo com a cabeça, como se dissessem: “Sim.” Outros não respondem. A maioria responde afirmativamente. Vejo um soldado de uniforme.

*Médico:* - Talvez seja algum parente seu. Você descende dos ingleses?

*Espírito:* - Sou inglesa.

*Médico:* - Você sabia que a rainha Victoria já morreu?

*Espírito:* - A rainha Victoria foi a rainha da Inglaterra. Mulher admirável! Morreu faz muito tempo.

*Médico:* - Creio que no ano 1908.

*Espírito:* - Sim, deve ser o ano. Não é certo?

*Médico:* - Também o rei Eduardo já morreu.

*Espírito:* - Costumava dizer que era um grande rei. Todos o respeitavam e o amavam. Interessava-se por todos, misturando-se às pessoas vulgares da mesma maneira que com os mais distintos da sociedade.

*Médico:* - É um exemplo que você deveria levar em conta. Você deveria sentir-se entre as pessoas vulgares como em sua própria casa. Recorda-se da Grande Guerra?

*Espírito:* - De que Grande Guerra você fala?



*Médico:* - Não se lembra do Lorde Kitchener? Morreu na Grande Guerra.

*Espírito:* - A guerra que recordo foi a que tivemos com os bôers.

*Médico:* - Essa aconteceu no ano 1898. Não se lembra do Lorde Kitchener?

*Espírito:* - Era uma boa pessoa, mas não representou um grande papel em nenhuma guerra. É a primeira vez que ouço falar dessa Grande Guerra.

*Médico:* - É uma guerra em que lutaram 23 ou 24 nações, umas contra outras. A Inglaterra lutou contra a Alemanha.

*Espírito:* - Deve ter sido uma coisa notável, mas não sabia de nada, e, entretanto, houve um tempo em que era uma leitora assídua.

*Médico:* - Recorda-se do Kaiser?

*Espírito:* - Era um homem estranho.

*Médico:* - Você ignora que foi destronado? Você não sabia que o Czar e sua família foram assassinados?

*Espírito:* - Por quem?

*Médico:* - Pelos bolchevistas.

*Espírito:* - Quem são os bolchevistas?

*Médico:* - São os que botaram abaixo a dinastia na Rússia.

*Espírito:* - Não é assim como os chamam. Chamam... Não recordo a palavra.

*Um dos assistentes.* – Niilistas?

*Espírito:* - É isso. Eram enviados à Sibéria.

*Médico:* - É onde enviaram o Czar, e depois o mataram.

*Espírito:* - Quem iria imaginar! Aonde vai parar o mundo?

*Médico:* - O mundo irá para a democracia.

*Espírito:* - Então quer dizer que o rebanho vulgar vai transtornar tudo.

*Médico:* - É possível que com o tempo não mais exista a aristocracia.

*Espírito:* - Nós temos sangue nobre em nossas veias.

*Médico:* - Sendo assim, se a um homem do povo fizerem rei, iria mudar com isso o sangue?

*Espírito:* - Nasci de sangue nobre e me manterei fiel a minha tradição toda minha vida.

*Médico:* - Como você se chama?

*Espírito:* - Nos tempos antigos, porque faz muito tempo que parece que não tenho nome, me chamava Esther Sutherland.

*Um dos assistentes.* – Você foi a duquesa de Sutherland?

*Espírito:* - (Com indignação.) Eu não era a duquesa, e sim uma de suas parentes distante. Eles tinham dinheiro, mas eu só tinha o título, que por si só supõe um grande valor.

*Um dos assistentes.* – Sabia que se encontra na América?

*Espírito:* - Nunca saí da Inglaterra.

*Um dos assistentes.* – Você não vê por aqui algum de seus amigos?

*Espírito:* - Ignorava que Kitchener estivesse morto, segundo me haviam dito antes.

*Médico:* - Você o conhece?

*Espírito:* - Sim. Encontra-se aqui e pede que faça um esforço para compreender minha situação.

*Médico:* - Com esse objetivo a trouxemos aqui.

*Espírito:* - (Apontando com a mão o fundo do hall.) Como é isso? Vejo ali um ancião (espírito) que ouvi dar uma conferência faz muitos anos. Não acreditava que voltaria a ouvir sua palavra. Está falando a uma grande assistência (espíritos). Creio que há muita gente que se aproximou para averiguar que tipo de reunião é esta, e o que é que acontece nela. Parece que todos se esforçam em compreender sua própria natureza. O ancião se encontra sobre uma plataforma e dá sua conferência da mesma maneira que costumava dá-la na Inglaterra, faz alguns anos. Fui escutá-lo e vi que falava do espiritismo. Para dizer a verdade, não cheguei a entendê-lo. Falava bem. Disse que era o Doutor Peebles. (Um célebre conferencista espírita.) Foi quem me disse: “Entre aqui.” Por isso vim. Diz agora: “Quero que abram os olhos à verdade e que não continuem...” O que é que quer dizer? Fala que não quer que eu permaneça na esfera terrestre, e sim que eleve minha alma para Deus, para chegar a compreender a verdadeira realidade espiritual. Ao seu redor se ajunta uma grande multidão; ele se esforça para levar alguns para uma vida mais elevada, enquanto que a outros procura, segundo me disse, despertá-los. Porém, eles estão dormindo?

*Médico:* - Sim, estão mentalmente.

*Espírito:* - Por que estou aqui falando e os demais não podem falar? Diz o conferencista que eu estava mais bem disposta que os demais para apossar-me do intermediário psíquico.

*Médico:* - Tem razão.

*Espírito:* - O que pode querer dizer com isso? Responde que era necessário fazer assim, com o objetivo de atrair aqui toda essa grande multidão. Afirma que encontrara muitos de seus ouvintes faz muitos anos, quando dava conferências na Inglaterra. Diz que alguns prestam atenção a suas explicações, mas que há outros muitos que estão fora de seu alcance e os que nem sequer podem despertar; por isso diz que os atraiu aqui. Alguns de seus ouvintes se encontram como que impossibilitados e outros não podem falar. Quando o conferencista fala, parece que como se os levantasse, e então despertam. Tem um poder maravilhoso para curar.

*Médico:* - É a força de seu pensamento que os levanta. Faz com que compreendam que seus corpos caducos estão no sepulcro. Talvez você veja entre essa multidão a Rainha Victoria ou o Rei Eduardo. Pelo que entendo, são agora nesse mundo gente muito ordinária.

*Espírito:* - Da Rainha Victoria ouvi dizer que falava com os espíritos, e isto nos pareceu a todos uma pequena loucura dela.

*Médico:* - Foi uma mulher de grande critério.

*Espírito:* - Dizia que acostumava ter a seu lado, com grande freqüência, um médium e que consultava os espíritos acerca do que devia fazer e do que devia evitar. Creio que se chamava Brown.

*Médico:* - Efetivamente, chamava-se John Brown.

*Espírito:* - A rainha afirmava que tinha que consultar os assuntos com seu esposo defunto.

*Médico:* - O que mais o Doutor Peebles diz?

*Espírito:* - Pede para dar a vocês uma boa noite e que vai levar toda essa multidão para mostrar-lhes o mundo espiritual e para prestar-lhes ajuda. A isso que se dedica.

*Médico:* - Morreu fará uns seis meses. Vejo que continua suas atividades no outro mundo.

*Espírito:* - Começo a sentir-me fraca e experimento uma sensação estranha.

*Médico:* - É que você está começando a perder o domínio sobre este corpo, que é o de minha mulher.

*Espírito:* - Minha mãe está chegando! (Espírito) Faz muitíssimos anos que não a via.

*Médico:* - Como ela está?

*Espírito:* - Parece muito jovem.

*Médico:* - Pergunte se alcançou o conhecimento?

*Espírito:* - Diz que sim, e que se interessa muito pelas conferências do Doutor Peebles; diz que irá também escutar as da senhora Britton.

*Médico:* - Foi uma mulher admirável.

*Espírito:* - Minha mãe diz que costuma ir, muitas vezes, em suas conferências e que um homem costumava falar também.

*Médico:* - Pergunte se se chamava Wallis.

*Espírito:* - Sim. Naquela época era muito jovem.

*Médico:* - Também já faleceu. Todos eles passaram para uma região melhor.

*Espírito:* - (Com o rosto transfigurado e o olhar fixo em uma visão arrebatadora.) Olhe essa porta aberta! Tem gravadas umas inscrições maravilhosas. Isto é o que há gravado nela:

*Porta da vida*

*Compreensão da vida*

*Compreensão de Deus em seu verdadeiro sentido*

A porta se abre muito lentamente, e nós olhamos o interior. Que vestíbulo maravilhoso! Há em frente um altar de incrível beleza! No centro do altar uma preciosa estátua da Sabedoria. Ao lado dela, as estátuas da Verdade, do Amor e da Compreensão; do outro lado, as estátuas da Sinceridade, da Vida e da Modéstia. No total, sete estátuas, cada uma com uma tocha nas mãos, cada tocha com uma das sete cores.

Sabedoria

Verdade

Sinceridade

Amor

Vida

Compreensão

Modéstia

De cada uma das cores surge uma das sete notas. Cada nota corresponde a uma cor e vai em direção ao centro, onde se funde com a Sabedoria. Ali é onde se aprende em que consiste a verdadeira vida e se alcança a compreensão de Deus.

*Médico:* - A Bíblia diz: “Deus é amor.” E também Deus é Espírito, e o que adora a Deus deve adorá-lo em espírito e em verdade.

*Espírito:* - Que beleza! As cores se fundem umas com as outras em mil maneiras, em mil tonalidades, em toda classe de formas, siluetas, estrelas e flores, e se convertem em música! Agora tomam a forma de folhas, brotos e flores; música combinada em forma e cor; música tão maravilhosa como jamais ouvi. Para entrar nesse magnífico hall e desfrutar de todas suas maravilhas, há que se que passar por tudo. Prometo servir aos demais. Que Deus me ajude na grande luta que me espera. Prometo servir e fazer tudo que estiver em minhas mãos. Tenho que partir. Boa noite.

## CAPÍTULO XIII

### A ORTODOXIA

A ciência da religião deveria ensinar uma teoria inteligente acerca da natureza de Deus e da vida futura; mas em lugar disto, procura manter a humanidade submetida ao terror, à superstição, a toda classe de dogmas e credos, razão pela qual não chegou ainda a alcançar sua liberdade, mediante uma perfeita compreensão do que significa o fenômeno da morte.

Um grande número de espíritos, depois de passarem pela transição da morte, continuam sem se dar conta do fenômeno que neles se realizou, e se sentem ligados à Terra por suas falsas doutrinas. Aferrados às suas idéias ortodoxas, influenciam com muita freqüência os mortais. Muitas das chamadas conversões religiosas são nada mais que uma conseqüência destas

obsessões, como o são também os fenômenos conhecidos pelo nome de “Dom das Línguas” e “Arrebatamento Místico” que acompanham estas conversões ou renascimentos religiosos.

As pregações religiosas conduzem facilmente a certas aberrações mentais pela presença invisível de certos fanáticos religiosos, inconscientes de sua transição, e que por não haver encontrado esta nova vida superior, conservam a beatice de que se fizeram dominados durante sua vida mortal. A presença de tais espíritos dá uma força muito maior à paixão religiosa dos que escutam os sermões.

Estes espíritos se deixam ouvir com freqüência nos indivíduos psiquicamente sensíveis, porque nessas reuniões religiosas são exortados constantemente a prestarem atenção à “voz interior, calada e tênue”, que lhes dizem ser a voz de Deus. A faculdade psíquica se exalta muitíssimo nos momentos de fervor religioso, proporcionando aos espíritos malignos e aos espíritos fanáticos as ocasiões de falar ao ouvido das pessoas crédulas.

Estes espíritos, que só se propõem a enganar, pretendem às vezes fazer crer que são anjos, o “Espírito Santo”, o “Espírito de Deus”, e suas vítimas, pouco ponderadas, cheias de vaidade e pouco dispostas a escutar a razão, prestam atenção a essas vozes misteriosas que costumam ser o caminho para a obsessão ou a possessão, que terminam em loucura, demência e outras psicoses.

Os espíritos possuídos do fanatismo religioso são os mais difíceis de convencer e de iluminar. Como durante sua vida terrena estiveram dominados por uma idéia fixa, estreita, oposto a tudo o que fosse análise da razão e pensamento independente, encontram-se, depois que abandonam seu corpo físico, em um estado de auto-sugestão, e não fazem mais que repetir constantemente sua ladainha religiosa, vazia de sentido.



Para eles não existe nada fora de seu credo dogmático; encontram-se enraizados e inamovíveis no que chamam sua fé e costuma serem necessários muitos anos até que recobrem algo parecido com o senso comum.

*Experiência realizada em 28 de março de 1923.*

*Espírito:* Sarah McDonald. – *Intermediário Psíquico:* Senhora Wickland

Na noite em referência se apossou do intermediário psíquico um espírito que não cessava de cantar, com grande energia, hinos religiosos.

*Médico:* - È a primeira vez que você vem aqui?

*Espírito:* - Deixe-me cantar um pouco mais.

*Médico:* - Agora vamos falar um pouco.

*Espírito:* - Creio que poderíamos cantar outro hino.

*Médico:* - Se continuarmos cantando você irá se exceder em seu entusiasmo.

*Espírito:* - Estamos na igreja e temos que cantar. Vamos! Aleluia!

*Médico:* - Veremos se você é razoável.

*Espírito:* - Temos que cantar e rezar ao senhor. Aleluia! Jesus Cristo!

*Médico:* - Basta. Como você se chama?

*Espírito:* - Cantemos e oremos!

*Médico:* - Seja razoável ou retire-se. Diga-nos quem é e de onde veio.

*Espírito:* - Eu sou razoável; não sou nenhuma insensata.

*Médico:* - Você padece de loucura religiosa.

*Espírito:* - Roguemos todos a Deus e ao Espírito Santos. (Em voz alta.)

Aleluia!

*Médico:* - Não há necessidade que você dê esses gritos.

*Espírito:* - Eu trabalho em nome de Jesus Cristo.

*Médico:* - Temos ouvido muitos dizerem isso.

*Espírito:* - Mas não a mim. Trabalho pelo nome de Nosso Senhor Jesus Cristo.

*Médico:* - Este não é o lugar para falar destas coisas.

*Espírito:* - Você é um pecador?

*Médico:* - Escute-me. Seja quem seja, digo-lhe que já perdeu seu corpo físico.

*Espírito:* - Que igreja é esta?

*Médico:* - Isto não é uma igreja.

*Espírito:* - Me alegro, porque havia começado a pensar que a igreja havia mudado. Deixe-me falar, em nome de Jesus!

*Médico:* - Certos espíritos bondosos lhe trouxeram aqui para que possa compreender sua verdadeira situação. Você é um espírito, e é possível que faça muito tempo que se encontra em semelhante estado. Mas você se empenha em não escutar aos que querem fazer-lhe abrir os olhos à verdade.

*Espírito:* - Se essas são suas intenções, fale; fale tudo o que tem para falar. Depois começarei eu.

*Médico:* - Preste atenção à sua situação. Você está servindo-se temporariamente deste corpo. Algum amigo a trouxe aqui para que lhe prestemos ajuda. Se dá conta de que algo lhe ocorreu?

*Espírito:* - Não.

*Médico:* - Porque você não é o bastante sincera para prestar atenção à sua estranha situação. Sabia que se encontra agora em Los Angeles, Califórnia?

*Espírito:* - Como foi que vim para esta cidade? Suponho que tenha vindo cantando e rezando em alguma missão religiosa. Com certeza foi algum missionário que me trouxe.

*Médico:* - Trouxeram você aqui para retirá-la de sua ignorância espiritual. Qual é o nome que sua mãe lhe dava?

*Espírito:* - Agora não me lembro; não tenho forças para pensar.

*Médico:* - Você já perdeu seu corpo físico. Os espíritos ignorantes perdem com freqüência a memória de sua vida terrestre. Você não é capaz de lembrar nem de seu próprio nome.

*Espírito:* - Em nome de Jesus! Eu me chamo Sarah.

*Médico:* - E quê mais?

*Espírito:* - Em nome de Jesus! Sarah McDonald.

*Médico:* - Não grite, porque não há necessidade. Se dá conta que faz muito tempo que morreu?

*Espírito:* - Aleluia!

*Médico:* - Nem sequer sabe que morreu. Você está se servindo deste corpo, mas lhe advirto que será só durante muito pouco tempo. Você está ouvindo? Sabe em que ano vivemos?

*Espírito:* - Em nome de Jesus! É uma coisa que não me importa.

*Médico:* - Aos fanáticos não lhes importa nada.

*Espírito:* - Em nome de Jesus! Eu sou cristã. Glória a Deus! Aleluia!

*Médico:* - Você sabe o Jesus disse?

*Espírito:* - Sim. Jesus disse: “Perdoa-lhes, Senhor, porque não sabem o que fazem.” Eu rezarei por todos vocês.

*Médico:* - Não temos necessidade de suas rezas.

*Espírito:* - Glória a Deus!

*Médico:* - Faça um esforço para compreender tudo isto que lhe digo. E não diga mais tolices. Você fala de Jesus e do Senhor e não tem idéia verdadeira da religião.

*Espírito:* - Senhor, ajude-me! Senhor, ajude-me! Oh, Deus, perdoa!

*Médico:* - Por que você fala dessa maneira afetada? Não sabe que está se servindo de um corpo que não lhe pertence? Não fica com vergonha? Você sabe perfeitamente que não é sincera. Diga-nos quanto tempo faz que morreu. Deve compreender que algo lhe ocorreu.

*Espírito:* - Não me importa nada! (Ao dizer isso tenta morder.)

Não houve maneira de que este espírito atendesse ao raciocínio, em vista disso foi obrigado a retirar-se. Seguiu-lhe imediatamente uma menina pequena, que fez sua entrada chorando desconsoladamente.

*Experiência realizada em 28 de março de 1923.*

*Espírito:* Mary Anna McDonald. – *Intermediário Psíquico:* Senhora Wickland

*Médico:* - O que lhe aconteceu? Não chore. Nós a ajudaremos no que necessitar.

*Espírito:* - Onde está minha mãe?

*Médico:* - Você perdeu sua mãe? Nós a ajudaremos a encontrá-la. Digam-nos quem é você. Como se chama?

*Espírito:* - Mary Anna McDonald. (Tosse, se engasga, chora.)

*Médico:* - Não faça essas coisas. Por que chora?

*Espírito:* - O que aconteceu com a mamãe?

*Médico:* - Você a perdeu?

*Espírito:* - Se foi e não sei para onde.

*Médico:* - Nós a ajudaremos. Como se chama sua mãe?

*Espírito:* - Sarah McDonald.

*Médico:* - Faremos todo o possível para ajudar você. Onde é sua casa?

*Espírito:* - Não sei. Não posso lembrar. Minha mãe não faz mais do que rezar e cantar, e me diz que se não fizer o mesmo irei direto para o inferno.

*Médico:* - Não se preocupe; você não irá para o inferno.

*Espírito:* - É que eu não posso rezar e cantar com o fervor com que eles fazem.

*Médico:* - Isso não é religiosidade, e sim loucura. Isso não é o que Jesus ensinou.

*Espírito:* - Você não vê este grande fogo?

*Médico:* - Onde? Nós não podemos vê-lo.

*Espírito:* - Queimou toda a casa. Minha mãe rezava e cantava. Eu não sei o que ocorreu. Estava dormindo e não me dei conta de que a casa estava queimando.

*Médico:* - Não se preocupe.

*Espírito:* - Quando despertei senti que me sufocava. Não podia respirar.

*Médico:* - Tudo isso pertence ao passado. Que idade você tem?

*Espírito:* - Uns dezesseis ou dezessete anos.

*Médico:* - Que trabalho você fazia?

*Espírito:* - Costurava trajes de trabalho.

*Médico:* - Em Chicago?

*Espírito:* - Não, em outra cidade muito grande. Não posso me lembrar qual.

*Médico:* - A que igreja vocês pertenciam?

*Espírito:* - O sacerdote falava e falava e nós tínhamos que escutá-lo. Dizia que se não aceitássemos o que ele pregava iríamos para o inferno. Não sei o que ocorreu, mas parece que desde que estive naquele fogo não voltei a costurar. Aquilo parecia um fogo e um terremoto. Minha mãe e eu não tivemos desde então casa onde dormir. O sacerdote nos disse que poderíamos dormir muito bem onde quiséssemos, mas que se trabalhássemos e entregássemos ao Senhor todo nosso dinheiro, nada nos aconteceria. Às vezes tinha grande vontade que me comprassem uma roupa nova. Não era muito o que eu ganhava, mas o suficiente para comprar de vez em quando um vestido, se pudesse guardar o dinheiro. Mas mamãe ficava com tudo e me dizia: “Mary Anna, deve fazer este sacrifício pelo Senhor.”

*Médico:* - Quem ficava com o dinheiro de vocês era o sacerdote.

*Espírito:* - Minha mãe me dizia: “Irá para o inferno se não fazer o que nos ordena o Senhor.”

*Médico:* - Não existe o inferno.

*Espírito:* - Como não existe o inferno?

*Médico:* - Naturalmente que não.

*Espírito:* - O inferno não é uma grande fogueira? Eu a vi ardendo e ainda parece que vejo.

*Médico:* - É possível que sua mãe, em um arrebatamento de loucura religiosa colocasse fogo na casa.

*Espírito:* - Não creio. Parece que ouve um tremor de terra e logo começou o fogo. Vocês ajudaram minha mãe.

*Médico:* - Os espíritos sábios cuidarão dela. Foram eles que “puxaram” ela para que viesse aqui, a fim de que abrisse os olhos à luz. A diferença entre você e sua mãe consiste em que você se encontra disposta a escutar.

*Espírito:* - Você não vê todas essas pessoas que estão ali? (Apontando.)

*Médico:* - Não; todos eles são espíritos que há muito tempo perderam seus corpos. Todos estão cegos e ao vêem a vida superior. Você não se contenta em permanecer em companhia desses espíritos e faz perguntas. Isso nos permite ajudá-la a compreender. É necessário que todos unamos a compreensão à fé. Você perdeu seu corpo faz muitos anos, possivelmente.

*Espírito:* - Lembro tudo de uma maneira confusa. Recebi um golpe na cabeça.

*Médico:* - Não se lembra o nome de alguma rua?

*Espírito:* - Não posso. Mas tenho uma idéia como se tivesse vivido em São Francisco.

*Pergunta:* - (De um dos assistentes que viveu em São Francisco.)  
Atravessou alguma vez a baía para ir a Oakland?

*Espírito:* - Sim; fomos uma vez a Oakland para uma reunião religiosa.

*Pergunta:* - Você não trabalhava nas alfaiatarias da *Strauss Brothers Overall Factory*? Não seria na *Mission Street*?

*Espírito:* - *Mission Street!* Agora me lembro. Vivíamos na *Mission Street*.

*Pergunta:* - Próximo de *Dady*, perto do *Golden Gate Park*?

*Espírito:* - Não; próximo do depósito.



*Pergunta:* - Perto do Ferry?

*Espírito:* - Perto da estação do *Southern Pacific*. Tinha uma *Mission House* na *Mission Street*.

*Pergunta:* - Isso ficava próximo a baía?

*Espírito:* - Não sei. Tínhamos uma casinha alugada. Minha mãe também ia à fábrica, mas adoeceu de tanto rezar e cantar. Eu fazia o trabalho das duas. Não ganhávamos muito: nada mais que o suficiente para ir vivendo. O sacerdote nos dizia que comer carne, leite, manteiga e ovos era pecado, que isso era jogar dinheiro e que devíamos castigar nossos corpos.

*Médico:* - Seu pai havia morrido?

*Espírito:* - Creio que morreu quando eu era muito pequena; em realidade não me lembro.

*Médico:* - Olhe ao seu redor e veja se não há alguma pessoa conhecida. Você verá também certos espíritos que a ajudarão e a conduzirão ao mundo espiritual. É o mundo invisível que rodeia o mundo físico.

*Espírito:* - Veja que magnífica casinha! É feita de duas habitações e um lindo jardim cheio de flores.

*Médico:* - Não vê ninguém perto dela?

*Espírito:* - Alguém me disse que minha avó vive ali e que nessa casa terei minha morada. Dizem que ela está me esperando. Minha mãe herdou algum dinheiro de minha avó, não sei quanto, mas creio que era algo mais que mil dólares. Acreditei então que me compraria um vestido novo, mas o Senhor levou todo aquele dinheiro. O sacerdote afirmou que no domingo seguinte levaria minha avó ao sétimo céu, porque o Senhor havia recebido todo seu

dinheiro. O Senhor, pois, ficou com o dinheiro e eu fiquei sem meu vestido novo.

*Médico:* - Tampouco foi o Senhor quem recebeu todo aquele dinheiro.

*Espírito:* - Minha mãe se afiliou ao Exército da Salvação, mas logo a levaram aos Amigos das Missões. Nós chegamos a Kansas quando eu era muito pequena.

*Médico:* - Daqui em diante terá que dedicar-se a ajudar aos demais, e viverá em um lugar em que só há árvores, flores e música belíssima.

*Espírito:* - Está chegando um cavalheiro; diz que é meu pai, mas eu não me lembro dele. Diz que vem para me ajudar. Mas meu pai morreu, ou passou para outra vida, como se costuma dizer.

*Médico:* - Assim está melhor dito. Em realidade não existe a morte; ninguém morre de todo. Seu pai perdeu unicamente seu corpo.

*Espírito:* - E isso não é morrer?

*Médico:* - Sua alma, o espírito, que é invisível quando está no corpo, continua sendo invisível para os mortais uma vez que sai do corpo. O corpo é só a casa onde vive a alma, e quando a alma abandona o corpo, este é enviado ao sepultamento. O espírito não morre.

*Espírito:* - Mais de uma vez rezei por meu pai, porque minha mãe dizia que havia ido ao inferno. Meu pai diz agora que não existe tal lugar. Parece muito simpático e está muito bem arrumado. Oxalá minha mãe pudesse compreender tudo isto!

*Médico:* - Não se preocupe por sua mãe. Quando os espíritos como ela passam por este corpo, são enviados a um hospital espiritual.

*Espírito:* - Olhe! Uma jovem índia se aproxima. (Espírito.)

*Médico:* - É simpática, não é mesmo? Ela lhe ensinará coisas muito maravilhosas. Chama-se Estrela de Prata.

*Espírito:* - Estrela de Prata diz que devo ir com ela; que me levará aonde está minha avó, meu pai e meu irmão. (Surpreendida.) Meu irmão! Havia me esquecido de Lawrence. Era muito pequeno quando morreu.

*Médico:* - Quando você se for daqui aprenderá muitas coisas. A Bíblia fala da “escuridão exterior”. Você se encontrava na escuridão, mas essa escuridão era obra sua.

*Espírito:* - Como pode toda esta gente que vejo aqui, passar o tempo cantando e rezando, se estão mortos? Estas pessoas têm igreja. De vez em quando vão a outro tipo de igreja (na Terra.), então Deus quer que fossem a outra igreja. Às vezes, sem que o sacerdote (mortal) perceba, as pessoas que estão na igreja fazem um movimento assim (como um balanço) e todos se levantam de um salto e se põem a cantar. (Os mortais, devido a seu furioso acesso de emoção, se põem na condição de vítimas de obsessão dos espíritos.) O sacerdote diz que isto se deve à influência do Espírito Santo. Na realidade se deve a alguns destes que formam esta multidão que aqui se vê, misturados entre os fiéis, e fazem com que sejam acometidos desses acessos de terror.

*Médico:* - Esses espíritos que você fala costumam ir com frequência às igrejas do mundo terreno e perturbam o entendimento das pessoas, levando-os à loucura. Mas as pessoas crêem que estão tomadas pelo Espírito Santo.

*Espírito:* - Estrela de Prata me diz para agradecer a todos vocês por haverem tido paciência comigo. Algum dia voltarei para contar-lhes minhas impressões, e é possível que então recorde mais coisas que agora. Chamo-me

Mary Anna McDonald. Voltarei a vê-los. Sinto vontade de dizer-lhes: “Que Deus os abençoe”, mas suponho que não é essa a frase que devo empregar.

*Médico:* - Perfeitamente. Vá agora com Estrela de Prata.

*Espírito:* - Perfeitamente. Adeus.

Mais de uma vez se demonstrou que assistir as reuniões religiosas, o cumprimento fiel das obrigações e a vida ordenada não bastam por si mesmas para assegurar na vida futura a compreensão das realidades espirituais.

*Experiência realizada em 19 de março de 1922.*

*Espírito:* Henry Wilkins. – *Intermediário Psíquico:* Senhora Wickland

O espírito que se apossou da enferma estava aparentemente paralisado, com o corpo encurvado até os joelhos.

*Médico:* - Você não pode endireitar-se? Desperte.

*Espírito:* - Não estou dormindo.

*Médico:* - Por que está encurvado?

*Espírito:* - Tenho a espinha dorsal quebrada.

*Médico:* - Você está errado. Não está rompida.

*Espírito:* - Claro que está.

*Médico:* - É possível que tenha se rompida, mas não está atualmente.

*Espírito:* - Digo-lhe que não posso endireitar-me, que tenho a espinha dorsal lesionada.

*Médico:* - Podemos fazer com que experimente uma mudança.

*Espírito:* - Já me disseram muitas vezes, mas nunca puderam fazê-lo.

*Médico:* - Mas agora poderemos.

*Espírito:* - Darei a você dez dólares se for capaz de endireitar-me.

*Médico:* - Onde está esse dinheiro?

*Espírito:* - Darei quanto me ver erguido. Se conseguir me curar, isso vale mais que os dez dólares.

*Médico:* - Pense consigo: “Posso caminhar”, e você caminhará.

*Espírito:* - Você teria que me ensinar como.

*Médico:* - Mova as pernas e poderá caminhar.

*Espírito:* - Já tentei muitas vezes, mas de nada me serviu.

*Médico:* - No entanto, eu lhe digo que você pode se curar.

*Espírito:* - Mas eu não tenho dinheiro. Faz muito tempo que não o tenho. Quando vejo algum dinheiro e movo a mão para pegá-lo, passa por entre meus dedos como se tivesse vida.

*Médico:* - Vou explicar a razão. Você sabia que é um espírito? Sabia que está morto..., isso é, morto para o mundo?

*Espírito:* - Pois não me dei conta, e lhe asseguro que não estive no céu. Eu era um bom metodista. Ia à igreja todos os domingos, e freqüentava também a escola dominical. Rezava bastante pedindo minha cura. Eu era sapateiro.

*Médico:* - Onde você vivia?

*Espírito:* - No Texas.

*Médico:* - Como se chama?

*Espírito:* - Henry Wilkins.

*Médico:* - Que idade tem?

*Espírito:* - Ando nos sessenta. Quando jovem guiava uma carruagem puxado por um cavalo. Este desembestou, cai da carruagem e rompi a espinha dorsal. Antes disso era granjeiro, mas daí em diante não pude me dedicar a esse ofício. Andava então nos trinta anos. Posteriormente tive que me dedicar ao conserto de sapatos.

*Médico:* - E de que você morreu?

*Espírito:* - Não estou morto. Sempre trabalhei, mas nunca cobrava pelo meu trabalho, porque quando ia pegar o dinheiro sempre havia outro que me o tirava. Ouvi dizer muitas vezes que meu estabelecimento pertencia a outra pessoa. Tenho trabalhado nela durante muito tempo, mas havia um jovem que ficava sempre com o dinheiro e não me dava absolutamente nada.

*Médico:* - Foi você que abriu a sapataria?

*Espírito:* - Sim, faz muitos anos.

*Médico:* - A verdade é, amigo, que você já faleceu e é o que se costuma chamar um “morto”. Sabe em que anos estamos?

*Espírito:* - Em 1892.

*Médico:* - De lá para cá transcorreram trinta anos. Sabe onde se encontra? Você está em Los Angeles, Califórnia.

*Espírito:* - Califórnia!

*Médico:* - Olhe para suas roupas.

*Espírito:* - Quem me pôs esta roupa? Não quero que ninguém me vista como mulher!

*Médico:* - Deixe-me explicar.

*Espírito:* - Traga minha calça.

*Médico:* - Olhe as mãos.

*Espírito:* - Não são minhas. Além do mais, há em uma delas um anel, e eu nunca usei anel.

*Médico:* - Vejamos. Esta senhora é minha mulher, a senhora Wickland, e você está se servindo de seu corpo.

*Espírito:* - Eu não sou mulher, e sim homem. Quando aconteceu aquele acidente estava para casar, mas minha noiva disse que não queria casar-se com um inválido. E casou com outro. Mas eu a amava e continuarei amando-a sempre.

*Médico:* - Como se chamava?

*Espírito:* - Mary Hopkins.

*Médico:* - Você diz que amava sua noiva. Você viu alguma vez o amor?

*Espírito:* - Não, mas o tenho sentido.

*Médico:* - “Onde mora o amor, mora o Senhor.” Nós falamos consigo, mas não o vemos. Eu não lhe vejo; vejo neste momento o rosto de minha mulher.

*Espírito:* - Não compreendo sua insistência em chamar-me sua mulher. Você diz que não morremos e, por outro lado, se empenha em assegurar que morri. E também vê, ademais, que estou parálítico.

*Médico:* - Se você tivesse adquirido o conhecimento da verdade, não teria ficado parálítico durante todos estes anos desde que “morreu”. Sabe quem foi o fundador da Igreja Metodista? John Wesley. Este sabia perfeitamente em que consistia a vida futura e utilizou em suas pregações dos espíritos e da comunhão das almas. Conhecia a verdade, não se limitava a crer, e escreveu acerca desses pontos; mas seus discípulos não seguiram os ensinamentos do fundador de sua própria igreja. Os cristãos não compreendem os ensinamentos de Cristo. Não querem compreendê-las, porque isto os obrigaria a pensar. É mais cômodo contentar-se com o crer. As coisas do espírito pedem discernimento espiritual.

*Espírito:* - De vez em quando, enquanto estava em minha alfaiataria, via meu pai e minha mãe; mas sei que estão mortos, e que não podia estar com eles.

*Médico:* - Por quê?

*Espírito:* - Porque eu estava vivo, trabalhando em minha loja. Minha mãe me disse: “Vem comigo!” Mas não podia ir porque estava parálítico e porque tinha que ganhar a vida. Quando não trabalhava não tinha nada para comer e passava uma fome terrível.



*Médico:* - Você era espírito e não precisava comer. Seus pais vinham visitar-lhe porque eles também eram espíritos. Olhe ao seu redor; talvez encontre alguma pessoa conhecida. Talvez Mary esteja aqui.

*Espírito:* - Mary? Me deu um fora e se casou com outro, mas não foi feliz, porque seu marido era um alcoólatra. Ela sofreu muito. (Vendo um espírito.) Minha mãe está aqui! Foi muito boa para mim.

*Médico:* - O que diz?

*Espírito:* - Ela me diz: “Meu filho, não estará paraplético se não quiser.” Mãe, eu tenho um corpo novo, mas é um corpo de mulher! (Chorando.)

*Médico:* - Este corpo é de minha mulher, que é um instrumento psíquico por meio do qual os espíritos podem falar. Encontra-se em um estado de completa inconsciência enquanto você fala por meio dela. É uma coisa estranha, mas verdadeira. Já se perguntou alguma vez qual é a verdadeira realidade da vida?

*Espírito:* - Não tenho tido tempo para isso. Necessitava toda minha atenção para remendar sapatos.

*Médico:* - Isso não é razão suficiente.

*Espírito:* - Minha mãe diz...

Ao chegar neste ponto o espírito se retirou e sua mãe se apossou do intermediário psíquico.

*Segundo Espírito:* - Enrique, a vida é uma realidade única e não existem essas coisas misteriosas que nos dizem. Eu pertenço à mesma Igreja que você. Lembra-se que seu pai se preocupava muito pouco com as coisas da Igreja, e,

no entanto, progrediu no mundo dos espíritos com mais rapidez que eu. Minhas crenças e meus dogmas foram para mim um empecilho.

Lembra-se que seu pai gostava de estudar e nós o chamávamos de doido, porque além de estudar ia de vez em quando às reuniões espíritas. Tinha um livro de Swedright, intitulado “O céu e o inferno”. Você e eu nos olhávamos e pensávamos que seu pai estava ficando louco.

Nós íamos à igreja e ele não, e, no entanto, foi quem me abriu os olhos mostrando-me o lado espiritual da vida. Se ele não tivesse mostrado, estaria aferrada ainda em minhas antigas crenças e não teria saído ainda da esfera terrestre. Eu tinha muito medo de ir para o inferno depois de morrer, e isto me tirava a felicidade. Recordará que seu pai morreu antes de mim. Depois que passei da vida mortal, seu pai me apareceu, mas eu acreditei que tudo aquilo era um sonho. Seu pai fez grandes esforços para que eu abrisse os olhos à verdade. Quero dizer que os credos e os dogmas religiosos mantêm apegados à Terra muitos espíritos desencarnados, e que estes espíritos se dedicam a prejudicar os mortais.

Certo dia passávamos por este lugar e ouvimos cantos; por isso entramos nesta reunião. Vimos que aqui se ensinava aos espíritos e que se fazia compreender a verdade, que não poderiam ser salvos de outra maneira. Eu disse então: “Vamos trazer nosso Henry aqui.” Isso faz muito tempo. Tivemos que esperar nosso turno para poder trazer você aqui.

Agora, Henry, abra os olhos de seu espírito e verá como seu corpo espiritual está agora novo e resplandecente. Não volte a pensar naquele seu corpo inválido, porque se tiver aquela imagem no pensamento voltará a estar. Pense em seu corpo espiritual rejuvenescido e será jovem e feliz.

Tem que aprender muitas coisas. Quando estiver feliz verá que a felicidade e o amor são o mesmo céu. Pelo contrário, o egoísmo e a ignorância são o inferno; o inferno é escuridão. As pessoas criam seu próprio inferno e criam também o inferno para os demais.

Eu tinha uma filha, e entrei em sua aura magnética, aferrando-me a ela. A consequência foi que tiveram que enviá-la a um sanatório. Eu não podia afastar-me dela, até que morreu, e então ela e eu ficamos livres.

Declararam minha pobre filha como louca porque eu havia me aferrado a ela e não podia separar-me. Não fazia mais do que chorar pedindo que trouxessem meu filho. Não tinha consciência que meu espírito havia se apossado de minha filha. Eu não a via. Respondiam que ela não era casada e que não tinha nenhum filho. E a que pedia o filho entre soluços era eu.

Portanto, amigos, quão necessário é que aprendamos todos estas coisas antes que passemos para o lado espiritual da vida. Sejamos cautelosos e aprendamos durante nossa vida mortal tudo o que pudermos. Quanto mais aprendermos na Terra acerca do outro lado da vida espiritual, melhores e mais felizes seremos.

O corpo espiritual é a contrapartida do corpo físico. Este cresce conforme aquele se desenvolve.

Meus amigos, tirem partido de meus sofrimentos e aprendam de mim. Agradeço-lhes por haverem permitido trazer meu filho aqui. Minha filha também se encontra junto a mim. Encontrei a luz e agora me dedico a trabalhar de missionária entre as crianças pequenas.

Lembrem-se disto. Não se conduzam ao egoísmo e amem os filhos; amem todas as crianças com amor de mãe, e acima de todas as coisas e em primeiro lugar, adorem a Deus.

A senhora A. era uma enferma de Chicago, extraordinariamente sensível às influências psíquicas; sua mãe, a senhora H. W., vinha observando há um bom tempo que sua filha adotava gestos e maneiras muito parecidas às de um sacerdote que havia oficiado em uma igreja que sua filha costuma freqüentar. Este pastor havia morrido uns anos antes, atropelado por um trem.

A senhora H. W. falou acerca deste detalhe ao marido de sua filha, senhor A., e ambos se encontravam presentes em nosso círculo psíquico quando realizamos nossa concentração em favor da enferma, que também se encontrava presente.

*Experiência realizada em 18 de novembro de 1919.*

*Espírito: J. O. Nelson. – Enferma: Senhora A. - Intermediário Psíquico: Senhora Wickland*

O espírito possessor se encontrava preocupado e parecia sofrer de fortes dores no peito.

*Médico: - Pense que está forte e poderá falar. Quem é você?*

*Espírito: - Não sei.*

*Médico: - De onde veio?*

*Espírito: - Não sei, mas diria que vim do inferno.*

*Senhor A.: - Que tipo de inferno?*

*Médico: - De um inferno verdadeiro, onde estava queimando.*

*Senhor A.: - E o que é que lhe queimava?*

*Espírito:* - Não sei; o único que posso dizer é que parecia um rio de fogo. (Refere-se ao tratamento de eletricidade estática que havíamos submetido a enferma. Os espíritos obsessores sentem a corrente elétrica com mais força que os enfermos.)

*Médico:* - Foi uma boa maneira de despertar você. Diga-nos de onde veio.

*Espírito:* - Ignoro o que estive fazendo durante muito tempo. Devo ter ficado dormindo e despertei no inferno. Vi uma torrente de chispas.

*Senhor A.:* - Você cria no inferno?

*Espírito:* - Sim, cria firmemente.

*Médico:* - Cria em Jesus Cristo?

*Espírito:* - Sim. Eu havia sido eleito para salvar os demais, e, no entanto, fui para o inferno.

*Médico:* - Nós vamos procurar retirar você dele.

*Espírito:* - Vejo aqui muita gente, e parece que todos me pedem contas.

*Médico:* - São as pessoas que você quis salvar, mas não salvou.

*Espírito:* - Pedem agora que os salve, quando não posso salvar a mim mesmo.

*Senhor A.:* - Lembra-se se lhe aconteceu algum acidente?

*Espírito:* - Creio que sim. Me dói muito a cabeça e sinto aqui grandes dores. (Leva as mãos ao peito.)

*Senhor A.:* - Onde você vivia?

*Espírito:* - Creio que em Chicago. Parece que estou cego e sinto uma sensação estranha.

*Senhor A.:* - Lembra-se aonde se dirigia quando ia passeando?

*Espírito:* - Não recordo, mas vejo um trem que vem com grande velocidade, e logo me vejo metido entre uma multidão (Espíritos.) Diga-me, meu nome não seria Nelson? Às vezes parece que sim, mas outras vezes parece que não.

*Senhor A.:* - Você era o pastor Nelson? Você era sacerdote?

*Espírito:* - Às vezes me parece que sim. Certamente! Esse é meu nome. Chamo-me Nelson.

*Senhora H. W.:* - Você me conhece?

*Espírito:* - Lembro-me dessa voz.

*Senhor A.:* - Onde a conheceu?

*Espírito:* - Em Chicago. Vejo vir um trem em grande velocidade, logo tudo se escurece; mas recordo que alguma coisa me golpeou no peito. Eu não tinha mulher?

*Senhor A.:* - Sim, e vários filhos.

*Senhora H. W.:* - Você me conhece?

*Espírito:* - Sim; você costumava vir a minha igreja. Era você uma assídua freqüentadora, mas logo deixou de freqüentar.

*Médico:* - Conhece esta outra senhora? (A enferma, senhora A.)

*Espírito:* - Não.

*Médico:* - Você conhecia a senhorita L. W.? (Nome da enferma antes de casar-se.)

*Espírito:* - Sim.

*Médico:* - Pois é a mesma.

*Espírito:* - Era muito mais jovem.

*Senhor A.:* - Lembra-se de quando veio de *Western Springs*?

*Espírito:* - Sim; havia estado pregando neste lugar.

*Senhor A.:* - Um trem lhe atropelou e o matou.

*Espírito:* - Não posso recordar que tenha morrido, mas sei que me encontro em uma grande confusão, rodeado de uma grande multidão; não sei o que me acontece na cabeça.

*Senhor A.:* - Conhece uma senhora Nelson que vivia na *Foster Avenue*?

*Espírito:* - Sim; é minha mulher. Vinha mais alguém comigo quando me dirigia para pegar o trem e me puxaram. O trem vinha para cá e eu ia passar para o outro lado. Alguém me agarrou e me vi entre uma grande multidão. Esta grande multidão vem me perseguindo desde então. (Espíritos.)

*Médico:* - Perseguem-no porque você não lhes ensinou a boa doutrina.

*Espírito:* - Alguém me disse: “Somos os seus discípulos, os que você guiou para um caminho falso.”

*Médico:* - Dizem isso porque seus ensinamentos eram falsos.

*Espírito:* - Eu me consagrei a Deus.

*Médico:* - Você pediu mesmo para Deus, ou o fez como um meio de ganhar a vida?

*Espírito:* - Me esforcei para salvar as pessoas do pecado, e suponho que salvei mais de uma pessoa.

*Médico:* - O que você ensinava não é o mesmo que Jesus ensinou.

*Espírito:* - É certo que não tive um grande êxito em meu ministério. (Dado cuja autenticidade pôde-se confirmar logo.) O mesmo ocorre a muitos outros, porque parece que como se nossos fieis não se encontrassem espiritualmente unidos a nós. Isso nos desanima, porque vemos a inutilidade de nossos esforços. A ninguém parecia interessar meus sermões. Mais de uma vez estive pensando em renunciar.

*Médico:* - E por que não o fez?

*Espírito:* - Vou lhe dizer a verdade, não renunciei meu ministério porque tinha mulher e filhos para manter. Mas compreendo que não tive êxito como sacerdote. Eu não deveria ter seguido aquele caminho.

*Médico:* - Você tinha fé, mas carecia do verdadeiro conhecimento; você se limitava a ensinar a ortodoxia.

*Espírito:* - Sendo assim, todos meus fiéis, todas as pessoas da igreja que vinham escutar minhas preleções, se encontram espiritualmente em uma completa cegueira.

*Médico:* - É possível que a maioria deles estejam cegos se se limitaram a seguir seus ensinamentos. Olhe ao seu redor e verá seguramente muitas pessoas.



*Espírito:* - Vejo aqui um auditório muito numeroso e todos prestam atenção ao que se diz. (Quanto ocorre este tipo de círculo psíquico, nele são conduzidos muitos espíritos apegados à Terra, a fim de que aproveitem também a experiência do espírito que se apossou do médium.)

*Médico:* - Agora serão abertos os olhos de seu espírito, e os espíritos que se encontram em um estado avançado de progresso lhe ensinarão a maneira racional de evoluir no mundo dos espíritos, e você aprenderá muito mais do que eu lhe pudesse dizer. Se você olhar ao redor é possível que encontre com alguma pessoa, já falecida, que tenha conhecido na vida mortal.

*Espírito:* - Há aqui muita gente. (Espíritos.) Uns estão muito contentes e felizes, e parece que nos convidam para segui-los à mansão onde reina o conhecimento, a vida, a felicidade e o mundo espiritual. Você quer me explicar o que é o mundo espiritual?

*Médico:* - É o mundo dos espíritos que conseguiram compreender as leis superiores da natureza.

*Espírito:* - Antes que vá com esses espíritos gostaria de enviar uma mensagem a minha mulher. Algum de vocês se encarregará de levá-la?

*Senhora H. W.:* - O farei com muito gosto.

*Espírito:* - Diga a minha mulher que descobri que a vida é uma coisa muito mais profunda que o que havia acreditado. Diga-lhe que devemos nos esforçar em compreender melhor as maravilhas de Deus, não limitando-nos simplesmente em crer com fé cega. (Ao chegar a este ponto parece como se a visão espiritual se dilatasse, como se houvesse penetrado naquele espírito um caudal de conhecimento. Fala com a cara levantada para cima e com os braços estendidos.) Quero dizer a minha mulher que aprendi em um momento muito mais do que soube em toda minha vida acerca das maravilhas da vida futura.

Os olhos de meu espírito se abriram. Eu queria que ela também aceitasse esta revelação que em mim ocorreu. Abre-se ante minha vista um mundo cobiçado. Queria que minha mulher compreendesse estas coisas, a fim de que não chegue a se encontrar nunca, como me encontrei, entre trevas. Diga-lhe que não se contente em somente crer; que investigue e que averigüe em que consiste a vida futura. Desejaria poder dar detalhes da maravilhosa paisagem que se oferece ante minha vista. Meus olhos se abriram e agora posso ver. Aqui há uma maravilhosa mansão, mas além outra. Perto de mim há um homem que me diz que as moradas do mundo espiritual não se compram com dinheiro, e sim que se adquirem à força de boas ações feitas na Terra. Este homem, este mestre, diz: “Despoje-se de todo egoísmo, ame aos demais e terá uma formosa morada no mundo dos espíritos. Se não viver nada mais que para si mesmo, nunca terá mais que uma pobre choupana. Preste ajuda aos demais, vá em socorro dos que se encontram necessitados. Isto é o que Jesus ensinou.” Quero que minha mulher saiba que devemos viver na Terra, de maneira que quando chegemos a este mundo maravilhoso da vida espiritual, tenhamos já uma morada. Devemos sempre trabalhar segundo os ditados da melhor parte de nossa natureza.

*Médico:* - Você está pregando um magnífico sermão.

*Espírito:* - Não é meu. Não faço mais que repetir o que me diz este homem que se encontra aqui mesmo, ao meu lado direito. Estou resolvido a trabalhar firmemente para que minha mulher e meus filhos tenham uma morada formosa. Não a tenho ainda; começarei aos poucos, mas trabalharei para que minha mulher e meus filhos tenham a morada que quis lhes dar. O que é isso que vejo? (Com grande excitação.) Este homem diz que estou vendo a esfera inferior, por onde viajam em meio às trevas os espíritos ignorantes. Há aqui outro quadro que é o resultado de meu trabalho. Quão

enfermos e reduzidos estão todos esses espíritos! Caminham cegos e se incitando.

*Médico:* - Estão lhe fazendo ver essas cenas para que quando você se retirar deste corpo, que é de minha esposa, e comece a andar pelo caminho de seu progresso, saber que terá que socorrer os demais.

*Espírito:* - Este homem me diz que esse é o resultado das pregações ortodoxas das doutrinas falsas e do egoísmo humano. Estes espíritos se arrastam como cobras e têm unhas terríveis em suas mãos. Uns caminham engatinhando e outros se arrastam sobre os joelhos. E essa é minha obra! Oh, Deus! Este é o resultado de meus falsos ensinamentos. Agora este homem me mostra um asilo de alienados, e nele vejo como os enfermos se encontram rodeados de espíritos loucos. Como gritam e uivam! Que quadro mais horrível! Estão me mostrando a vida na Terra, tal como é em realidade. Vejo um ser humano e três ou quatro espíritos que se introduzem nele! Agora me mostra outro lugar; me faz ver este mesmo lugar em que me encontro (*hall* do instituto) Aqui dentro há uma Casa de Espíritos, uma espécie de *hall* interior, e nele estão encerrados muitos espíritos. Este homem me diz: “São espíritos que arrancamos dos mortais a quem obsedavam e os trazemos a este *hall*, mantendo-os aqui até que possamos mudá-los. Com frequência temos que recorrer ao procedimento de fazer com que se apossem deste intermediário para fazê-los compreender a verdade. Ao instruímos um, abrimos a porta para muitos outros. Fazemos com que se apossem do médium um ou dois espíritos, e estes compreendem então que podem se dirigir, em companhia de outros espíritos amigos, ao mundo superior. Preguemos o evangelho da verdade até que não haja nenhum espírito apegado à Terra por culpa da ignorância e do egoísmo.”

*Médico:* - Agora você já conhece o caminho, siga esses espíritos superiores, que não o abandonarão um momento.

*Espírito:* - Este homem me diz que devo partir, mas que antes tenho que agradecer a todos por haverem me ajudado a conquistar uma casa no mundo dos espíritos. (Ao senhor A.) Diz também que lhe peça que me perdoe. Eu não quis fazer dano a sua esposa. A culpa é da minha ignorância. (À senhora A.) Quero pedir-lhe perdão e prometo ajudá-la em tudo o que puder, assim que eu saiba o modo de ser útil. Farei tudo que estiver ao meu alcance para ajudá-la a sair desse estado. Agora vejo os que andam ao seu redor. Lute, e nós lhe ajudaremos a triunfar. Quero agradecer também à senhora H. W., por haver me ajudado, segundo me diz este homem, a que abra os olhos à verdade. Deus abençoe a todos e a minha querida esposa. Façam o favor de levar minha mensagem.

O espírito do pastor Nelson regressou três anos mais tarde, encontrando-se também presente em nosso círculo a senhora H. W.

## **CAPÍTULO XIV**

### **A CIÊNCIA CRISTÃ (CHRISTIAN SCIENCE)**

O domínio de uma determinada opinião, das que cerram o caminho a todo novo progresso mental, faz com que o espírito se feche a todo progresso. Assim têm atestado certos espíritos que haviam defendido com grande força, enquanto estiveram na Terra, a doutrina da não existência da matéria, tal como ensina a seita chamada de Ciência Cristã. Esses espíritos nos tem dado conta das grandes dificuldades que encontraram para adquirir sua liberdade.

Tivemos um amigo que durante sua vida terrena havia se dedicado a estudar profundamente a Ciência Cristã, mas ao mesmo tempo tomou cuidado em investigar todos os fatos relacionados com a volta dos espíritos. Pouco

tempo após falecer, trouxeram este amigo ao nosso círculo psíquico, com o objetivo de que despertasse entrando em comunicação conosco por intermédio da senhora Wickland. Veja abaixo algumas de suas manifestações.

*Experiência realizada em 27 de janeiro de 1918.*

*Espírito: Senhor H. M. – Intermediário Psíquico: Senhora Wickland*

Estou contente em voltar a encontrar-me entre vocês e quero aproveitar a oportunidade para dirigir algumas palavras a minha querida esposa (que se encontrava presente ao círculo psíquico.); estou encantado em poder falar com ela como falava em outro tempo e sinto-me feliz que se encontre aqui. Bendita seja, minha esposa! Quanto felizes fomos juntos! Volto aqui só porque ela se encontra ainda na esfera terrestre.

Este mundo não é mais que uma escola em que devemos adquirir a compreensão por meio da experiência. Fico feliz por haver adquirido durante minha vida terrena um ligeiro conhecimento da vida superior, porque graças a isso os olhos de meu espírito se abriram e pude ver e compreender as belezas do mundo espiritual.

Já sabem que antes que eu passasse da vida mortal estive muito tempo enfermo. Cometi o erro de não querer outro médico que eu mesmo. A Ciência Cristã afirma que devemos sobrepor-nos à matéria. Mas não podemos sobrepô-la por nossa simples vontade... Enquanto vivemos em nosso corpo físico, este necessita de certos princípios que entram em sua composição, e se não pudermos extrair esses princípios dos alimentos, necessitamos recorrer à medicina para poder assim refazer o corpo, pois não basta a vontade para dominar a natureza física.

Deus nos deu a vontade para que a empregemos como uma força que atua sobre a natureza; mas devemos fazer uso correto da mesma. Quando os

afiliados da Ciência Cristã fecham os olhos a esta verdade, não têm outro remédio que sofrer as conseqüências de seu erro. Eu fui um dos que as sofreu. Dediquei-me à Ciência Cristã com toda a energia de minha vontade e com uma fé absoluta de que não existe realmente a matéria e que devemos sobrepor-nos a essa crença. Eu tentei e fracassei.

A senhora Eddy está agora arrependida de haver sustentado essa idéia. Eu não ingeri em meus alimentos os elementos necessários para reparar o desgaste de meu corpo físico; meus órgãos se atrofiaram e funcionaram cada vez com maior fraqueza, porque eu não ingeria os alimentos indicados para que meus órgãos entrassem em atividade.

Devia ter ido a um médico para que ele me ajudasse a recuperar minha saúde; mas em lugar de fazer isso exigi que minha vontade atuasse como médico. Tentei refazer e curar os órgãos débeis de meu corpo valendo-me da força do pensamento. É como se uma pessoa que tivesse um buraco no traje se empenhasse em não remendá-lo, na crença de que só se obstinar em afirmar que não havia tal buraco este fosse desaparecer.

Deus nos deu nossos corpos e nos deu também nossas almas para que cuidassem daqueles. Se nos empenhamos em ser unilaterais e em pensar que a inteligência é o todo, nos acarretaremos toda classe de inconvenientes.

É provável que chegue um dia em que não exista para o homem a morte; quero dizer que a transição da vida mortal à vida espiritual se realizará com toda naturalidade, como quem dá um passo.

Se nos preparássemos para o momento de sair de nosso corpo, da mesma maneira que nos preparamos para empreender uma viagem poderíamos dizer no momento dado: “Já estou preparado para a viagem. Já

permaneci bastante neste mundo. É hora de partir; quero passar ao lado espiritual da vida”. Então não existiria temor algum ao dar esse passo.

Querida esposa, se eu não tivesse estado com o pensamento tão fixo na Ciência Cristã e houvesse cuidado mais do aspecto material das coisas, você estaria agora em uma posição melhor da que se encontra.

Antes de me retirar quero contar-lhes algo que me sucedeu.

Quando abandonei a vida mortal, uma voz me despertou dizendo: “Como você está?” Me pus a escutar e outra vez ouvi a surpreendente voz da minha pequena amiga Estrela de Prata.

Em seguida compreendi que me encontrava na Califórnia porque me lembrei que o doutor Wickland e sua senhora residiam aqui, e me pareceu que Estrela de Prata falava por intermédio da senhora Wickland.

Não há ninguém que seja capaz de dizer: “Como você está?” da mesma maneira que Estrela de Prata. Eu não havia dado conta de que havia morrido. Voltei a escutar a voz de Estrela de Prata que me dizia: “Como você está?” E comecei então a me perguntar como era que me encontrava aqui.

E prontamente pareci reviver, me senti melhor e pensei: “Devo ter passado pela crise da enfermidade, e agora me encontro melhor e estou despertando.”

Então foi quando Estrela de Prata fez que com que me apossasse do corpo da senhora Wickland. Seu esposo se surpreendeu muito e me explicou com grande amabilidade como havia abandonado meu corpo mortal fazia uma semana e que eu não era mais que um espírito.

Então compreendi que havia passado a ter um corpo espiritual. Mais tarde vi muitos amigos e compreendi que a morte não existia.

Lembrei-me de minha pequena amiga Estrela de Prata, e esta me disse que devia jogar minhas velhas vestiduras, porque de nada me servia o corpo antigo, e que agora tinha novas vestes.

Então pensei em meu corpo espiritual, e bastou esse pensamento para que me levantasse. Senti que me encontrava coberto de novas vestes, recebi novo vigor e abandonei por completo o mundo físico. Ficou cortada a corrente magnética e deixei cair de tudo as minhas velhas vestimentas.

Então me senti levantado sem apoio; como se disséramos, experimentei a sensação de que me encontrava flutuando, e passei por todo tipo de peripécias. Experimentei tão estranhas sensações e vi tantas coisas, que se apoderou de mim o temor. Então me disseram que fechasse os olhos e os mantive fechados, coisa que fiz.

Não voltei a sentir nada até o momento que me colocaram em um belíssimo leito. Estava muito cansado e só queria descansar, nada mais que descansar.

Quando despertei daquele sono me encontrei rodeado de amigos e parentes. Alguém me disse: “Agora está bem e cheio de força. Vamos, pois, fazer uma visita à mansão que temos no mundo espiritual.”

E fomos visitar muitas moradas. Cada um deles tinha sua pequena mansão. Todos íamos unidos e contentes, porque ali reinava a harmonia. Andamos de um lugar para outro.

Depois que visitei uns quantos amigos, estes me disseram: “Já viu o lado espiritual da vida. Mas nós não estamos ociosos; é um mundo de



inteligências muito atarefadas. Todos estão obrigados a trabalhar. Agora que já está forte vamos realizar outra excursão... à Terra”.

Tinha grandes desejos de ver minha esposa. Sua imagem não se afastava de minha recordação, minha esposa, e queria lhe ver. Atravessamos, pois, o mundo dos espíritos e a esfera terrestre para chegar de novo à matéria. A Terra é um globo pequeno, e ao redor deste globo há uma esfera. A distância entre o mundo dos espíritos e o mundo da matéria é de umas sessenta milhas. A esfera que rodeia a Terra é o mundo dos espíritos que estão ainda nas trevas.

É para mim impossível descrever tudo o que vimos. Tão hediondo, tão horrendo, tão feio era tudo! Estremeci ao ver aquelas almas tão egoístas, invejosas e mal intencionadas. Cada qual tinha um aspecto parecido ao de sua alma. Se adornavam com as mesmas vestimentas que na Terra, mas isso era por culpa de suas almas.

Parecia um enxame de vermes que se agitavam e se arrastavam uns encima dos outros. Aquilo sim que era um inferno! Me disseram que era a esfera que rodeia a Terra.

Uma vez que atravessamos aquela esfera entramos novamente no mundo da matéria e vimos os homens movendo-se dentro da matéria vivente, ocupados cada qual em suas atividades.

Parecia um mundo de formigas, e cada ser vivente parecia ter aferrado a ele um espírito mal. Eram estes como moluscos que se fixam nos cascos das embarcações: arranca-se um, mas vem outra para ocupar seu posto.

Estive próximo de você, minha esposa. Você sentiu minha presença, ainda que não com grande força, porque não tenho ainda força suficiente para aproximar-me mais. Mas estou muito tempo em sua companhia. Depois que

houver aprendido a maneira que o espírito tem para sobrepor-se à matéria poderei voltar ao seu lado e lhe ajudar.

Agradeço-lhes por este favor que me fizeram em ser admitido neste pequeno círculo, e terei muito prazer em voltar outra vez.

A senhora Eddy em pessoa tem falado várias vezes em nosso círculo e tem trazido também muitíssimos ouvintes invisíveis que procurava libertar das idéias errôneas que haviam adquirido na vida mortal, por haverem seguido as doutrinas que ela ensinou acerca dos problemas da vida e da matéria.

*Experiência realizada em 24 de fevereiro de 1918.*

*Espírito: Mary Baker Eddy. – Intermediário Psíquico: Senhora Wickland*

Aqui estou outra vez, e lhes asseguro que me sinto muito triste. Não duvidem do que digo, não duvidem do que digo! Por que as pessoas duvidam de mim?

Ajuda-me, Senhor, ajuda-me! Encontro-me em uma situação angustiante.

Eu conhecia toda a maravilhosa verdade acerca da vida futura. Conhecia tudo isso durante minha vida terrestre, mas ocultei porque queria funda uma religião minha. O espiritismo era já coisa do tempo passado. Queria um sistema novo, mais elevado, melhor que a doutrina do retorno dos espíritos.

Então me pus a ensinar que o homem não devia permitir que nenhum ser estranho o controlasse, que não devia aceitar inspirações alheias, que devia se esforçar por ser ele mesmo e para se identificar com o Infinito.

Feche toda comunicação com o mundo dos espíritos e seja egoísta: aí o resumo de minha doutrina. Mas eu tinha o dom de curar os enfermos.

Eu era um intermediário psíquico, e nos meus dias juvenis, em minha infância, fui vítima de obsessões. Fui me fazendo maior, e ninguém podia explicar certos extraordinários acessos que me acometiam. Agora sei a causa de tudo aquilo. Sempre que me acometia um acesso era porque eu caía sob a influência de algum espírito.

Eu era uma mulher de temperamento muito nervoso, e o doutor Quimby me curou daquelas obsessões, porque dito doutor cria nos espíritos obsessores.

Eu apropriei de uma parte de sua doutrina. Esta deveria ter sido ajustada à verdade se eu não tivesse me empenhado em negar as forças mais nobres da natureza.

Neguei a matéria, mas foi, segundo disse em outra ocasião, porque em um de meus êxtases vi como tratavam os enfermos no outro mundo. Naquele momento não acreditei que se tratasse de uma visão, e sim de um sonho.

Vi como ensinavam aos espíritos a não crer na matéria. Eles diziam: “Esqueça-se de suas dores; tudo isso não existe mais que em sua imaginação. Não está enfermo, e sim que imagina estar. A enfermidade pertence à matéria, é coisa unicamente da vida mortal. Há que se sobrepor e desenvolver a vida espiritual que está dentro de vocês”. Eu cria que esta visão significava que essas eram as doutrinas que eu tinha que explicar na Terra, e pus mãos à obra. Mas agora compreendo meu erro, porque a matéria existe realmente, e que

enquanto viver no plano da vida material não há outro remédio que contar com ela.

Pelo contrário, quando se alcança o lado espiritual da vida há que aprender a sobrepor-se à matéria, a não aferrar-se a ela, porque os espíritos que vivem entre trevas se aferram à matéria tanto quanto as pessoas que têm ainda seu corpo físico.

Isto foi o que aprendi e o que ensinei; mas meus ensinamentos foram mal interpretados, porque não consegui explicar como haviam que entender a não existência da matéria.

Se pudesse levar as pessoas ao convencimento da existência da matéria e se pudesse fazer-lhes conhecer também a verdadeira vida! Oxalá pudesse voltar a minha Igreja e ensinar a verdade, a autêntica Verdade de Deus! Deus é o Espírito do Universo e nós somos uma parte do grande espírito. O que se deixar penetrar por esta verdade pode sobrepor-se à matéria.

Fazia-me falta dinheiro e formamos uma associação para possuir as maiores igrejas do mundo. Minha ambição era ter igrejas de minha própria doutrina por todo o universo.

Porém perdi a ocasião de desenvolver a parte mais delicada da natureza humana, porque fechei a porta do amor e da simpatia.

Não tenham dúvida de que sou eu quem fala, não duvidem de minha palavra! Estou aqui, estou aqui mesmo, eu não sou mais que qualquer outro ser humano.

Minha vida não rendeu os frutos que deveria render.

Necessito ajuda, porque meus discípulos vêm a mim e me pedem ajuda, mesmo sendo eu mesma que a necessite. Se agarram em mim e me arrastam para baixo, porque eu fechei a porta de sua felicidade.

Insisto uma e outra vez neste ponto; não posso deixar de lado, porque é para mim uma carga esmagadora. Venho a este círculo porque sei que nele vêm ajudando a muitos. Vou de um lugar a outro, e ouvirão falar de mim de vez em quando, porque em cada lugar só posso explicar estas coisas a umas tantas pessoas, e eu busco que as pessoas despertem.

Não podemos fazer grandes coisas ainda, mas rogo que me permitam visitá-los de vez em quando, sempre que veja que podem me ajudar.

Hão aqui muitos discípulos meus, mas eles se aferram à matéria. São muitos, e ao falar com vocês dirijo também a palavra a eles. Eles querem que eu os ajude, e quando lhes explico as coisas à verdadeira luz da realidade, me escutam incrédulos e dizem que eu não sou a senhora Eddy, porque não é isso o que lhes ensinei.

Agradecida por haverem me dado esta pequena oportunidade. Esta noite veio comigo grande número de discípulos meus, e esta minha conversação há de ser-lhes de grande proveito. É necessário despertar neles a subconsciência, que está adormecida.

*Uma pergunta:* - Pode ser considerado autêntico o pequeno folheto que foi publicado recentemente e que se intitula: “Confissões que a senhora Eddy faz do mundo dos espíritos”?

*Espírito:* - Sem dúvida nenhuma. Procuo valer-me de todos os canais que estão ao meu alcance para falar; não creiam que esta é a última vez que o faço. Aproveitarei quantas oportunidades se me apresentem para fazer chegar a verdade até meus discípulos.

É possível que ouçam outros dizer que falei com eles. Quero tratar deste assunto em diversos lugares. As pessoas duvidam da autenticidade de minhas manifestações, mas eu continuarei minha tarefa sem descanso.

Deus abençoe a todos, e volto a agradecer-lhes pela distinção que consideram a mim ao me concederem esta oportunidade de dirigir-me a uma parte de meus discípulos com o objetivo de prestar-lhes ajuda.

A afirmação de que a senhora Eddy conheceu durante sua vida a verdade acerca da existência do lado espiritual da vida, e dos espíritos apegados à Terra, se encontra corroborada em uma das primeiras edições do livro de texto da Ciência Cristã, no capítulo que se intitula *A ciência do Ser*: “Se os seres mortais não conseguem compreender antes do ponto que se chama a “morte”, o princípio, a regra e a demonstração do ser, não poderão elevar-se na escala da existência sobre aquele único nível de sua experiência; seguirão sendo tão materiais como antes de sua transição, e continuarão buscando a felicidade por meio da matéria, em lugar de buscá-la pelo sentido espiritual da vida, e se guiarão por motivos egoístas e inferiores. Enquanto persistirem o erro e a crença de que a vida e a inteligência são finitas e materiais e que se manifestam por meio do cérebro e dos nervos, continuará subsistindo o açoitamento da enfermidade, do pecado e da morte. Não é dessa classe, e sim de outra classe de homens que a Escritura fala quando diz: “A segunda morte não terá poder sobre eles.”

*Experiência realizada em 16 de junho de 1918.*

*Espírito: Mary Baker Eddy. – Intermediário Psíquico: Senhora Wickland*

Boa noite. Sou a senhora Eddy, Mary Baker Eddy. Vim esta noite para lhes expor todas as dificuldades que tenho que vencer. (Refere-se ao espírito

de um seu discípulo que se apossou da senhora Wickland, e ao qual não houve maneira de retirar de seu erro.)

Não posso fazer nada com espíritos desta classe até que voltem a entrar em contato com a matéria. Não posso fazer nada por eles. Quem iria poder fazer alguma coisa em semelhantes circunstâncias?

Estas são as conseqüências de minha obra, e esta se deixará sentir ainda muito mais. Continuamente chegam discípulos meus, e me esforço em socorrê-los porque fui eu quem lhes ensinou esse erro mortal em lugar de ensinar-lhes a verdade.

Tudo isto me produz grande tristeza e quisera poder dizer-lhes que abrissem a porta à compreensão espiritual e que não passem todo seu tempo lendo e realizando concentrações de pensamento.

Em todas as cidades dos Estados Unidos que temos igreja, meus discípulos têm, por regra geral, que ler idêntico texto no mesmo domingo, concentrando assim todos em uníssonos seus pensamentos. Formam em todos eles círculos concêntricos, os quais se convertem em um poderoso imã, e dessa maneira atraem as pessoas para suas mesmas idéias.

Expressei uma vez meu desejo de que todas as igrejas dos Estados Unidos tocassem alegremente sinos no dia do meu aniversário, e pouco antes de morrer voltei a ter este desejo. Queria ser uma das pessoas que chamam a atenção do mundo todo.

Me eduquei dentro da maior ortodoxia, até o ponto de não querer ouvir falar de nenhuma das igrejas. Mas comecei gostar do espiritismo, encontrando-o muito superior à religião ortodoxa; por isso me dediquei a ele durante vários anos; mas compreendi que não podia progredir muito por esse caminho, e terminei obsediada pelos espíritos.

Tudo o que vi em meus acessos ou êxtases foi trasladado para meu livro *Ciência e Saúde*. Este livro foi escrito como resultado das visões que tive. Não foi produto de meu próprio cérebro.

Agradeço-lhes pelo sólido apoio que me prestaram e espero que me permitam trazer aqui outros destes infortunados. Agradeço-lhes por sempre terem a porta aberta para mim. Não sou mais que um ser mortal e não pertencço tampouco “a realidade infinita”.

Minha gente se mostra especialmente inacessível à verdade porque se aferra à idéia de que todo o exterior a eles é inteligência mortal, mas que sua própria inteligência é infinita.

Muitos dos que seguiam antes de meus ensinamentos passaram à comunhão intitulada de Novo Pensamento, porque é uma doutrina mais ampla e se aproxima mais à verdadeira compreensão espiritual. Ao entrar no Novo Pensamento ampliam suas concepções, e graças a esse critério liberal voltarão a crer na volta dos espíritos. Lêem ainda toda classe de livros. Eu proibia meus discípulos que lessem qualquer outro livro que não fosse os da Ciência Cristã. Isto o fiz por egoísmo. Queria uma igreja minha e ter as pessoas dominadas.

Oxalá tivesse ensinado às pessoas a doutrina da obsessão dos espíritos, que para mim contava como verdadeira! Mas não o fiz. Quando caía em alguns dos acessos costumava escrever muito, mas quando voltava em mim, negava o que havia visto.

Compreendo que estava obsedada por algum espírito desejoso de que levasse a cabo essa obra, e nada podia fazer para evitá-lo. Se eu tivesse escrito os livros da mesma forma que me foram ditados, fazendo saber a fonte de minha inspiração, haveria revolucionado com isso a humanidade.



Desejo que alcancem todo o êxito que ambicionam. Concentrem sua mente no êxito e não tenham medo, porque triunfarão, e se estenderá por todo o mundo esta verdade maravilhosa do retorno dos espíritos e da obsessão. Agradeço as suas investigações sobre a obsessão, conseguirão curar um número muito maior de pessoas do que eu curei.

Muitas das curas que fiz, quando estas eram instantâneas, deviam-se ao haver conseguido livrar o enfermo de uma obsessão. Vocês compreenderão que ao se concentrarem todos os que realizam a cura em um círculo psíquico, reunindo em si toda a energia mental de toda a congregação religiosa, gera-se um poder de concentração tão forte que não é possível a um espírito obsessor viver naquela atmosfera.

Curei muitos que eram em realidade vítimas de uma obsessão, todavia o pensamento dos que formavam o círculo e o da congregação se concentrou na idéia de que não estavam enfermos. Como se explica isso? Vou lhes dizer: os médicos, por regra geral, começam por dizer ao enfermo que se encontra atacado de tal ou qual enfermidade. Com isto o médico cria na alma do enfermo um estado de ânimo ou temor.

Ponhamos por exemplo um enfermo que tenha pedras na vesícula biliar. É muito difícil diagnosticar esta enfermidade com absoluta certeza. Mas o médico diz ao paciente que tem pedras na vesícula biliar, e em certa ocasião o opera indevidamente.

Mas em outras ocasiões o enfermo se sai bem sem a necessidade de operação. E isso se deve ao pensamento, porque o concentra na vesícula biliar e termina por não pensar em outra coisa. Quero dizer que temos em nosso pensamento uma força criadora, algo assim como uma centelha do Infinito dentro de nós. Desta centelha divina se serviu Deus para criar o mundo, com tudo o que encerra, e do qual o homem não é mais que uma parte. Uma boa

parte desse poder criador está em nós e quando nossa mente o faz entrar em funcionamento gera a si mesma.

Quando um enfermo vai visitar um de meus discípulos curandeiros, este começa por fazer desaparecer da mente do enfermo a idéia da enfermidade. O submete a um tratamento absentista para desenraizar dele o estado de ânimo do temor.

Todos temos dentro de nós mesmos esse poder criador.

Em casos de difteria, por exemplo, a mente pode ser de grande ajuda, mas não pode matar os germes. O tratamento da Ciência Cristã falha em muitos casos, mas obtém êxito nos de enfermidades crônicas. E nossos êxitos são ainda mais numerosos porque tropeçamos com freqüência com enfermos que são unicamente vítimas dos espíritos obsessores. Quando uma pessoa se deixa dominar pelo temor se coloca em um estado negativo.

Colaborarei com vocês para propagar entre as pessoas a doutrina da obsessão. Ensinem a verdade e não se preocupem com a opinião dos demais.

Oxalá pudesse ir a minha Igreja Mãe para ensinar-lhes a verdade!

Agradeço a todos e cada um de vocês, e lhes asseguro que voltarei em outra ocasião.

*Experiência realizada em 23 de agosto de 1922.*

*Espírito: Mary Baker Eddy. – Intermediário Psíquico: Senhora Wickland*

Como são poucos os que compreendem o verdadeiro sentido da vida! Não podem viver sem teorias e sem dogmas. É difícil abrir os olhos das

pessoas. Quando vem um raio de luz, é escurecida com dogmas e toda classe de teorias.

Se vocês conhecessem a ciência do pensar e concentrar-se! Pensem em uma só coisa e não deixem que entre em sua inteligência nenhum outro pensamento. Concentrem toda sua força mental naquela única idéia. Por meio da sugestão e da concentração do pensamento se ganha força e energia. Quando forem falar procurem antes suggestionar-se com determinadas idéias, cravem sua atenção nelas, e dessa maneira chegarão a dominá-las. Entre os vários tipos de reuniões que se celebram, as que se dedicam à concentração do pensamento e da sugestão desenvolvem um grande poder e energia. Um homem pode dominar seu auditório com seu poder hipnótico; sigam essa mesma tática, que ela lhes dará força e energia. Havia estudado esta ciência porque ambicionava exercer domínio sobre os outros, e o consegui.

Outros tiveram também este poder e exerceram este domínio antes de mim, e outros voltarão a exercê-lo depois de mim; mas eu adquiri a convicção de que havia açambarcado todo o poder. E não era verdade. Encontrei a verdade no começo de minha carreira, mas me afeiçeei a uma teoria, coisa que ocorre a todos os espíritos que poderão ser guias dos demais. Nos afeiçamos às teorias e desdenhamos a verdade.

E isso se dá porque as pessoas seguem com maior facilidade as teorias que a verdade. Todos os líderes querem ser autores de uma pequena teoria original que lhes sirva para reunir o povo ao seu redor e dominá-lo. Costumam ter êxito durante algum tempo, mas a verdade ressurgue e se propaga outra vez.

Eu não me contentei em ser uma mulher insignificante; me senti com energia para conquistar o mundo. Todos vocês podem ter esta energia se não consentirem que o temor se interponha em seu caminho. Concentrem seus pensamentos e fechem a porta ao temor; não deixem que penetre em sua alma.

Se alguma vez titubear, concentrem-se e digam mentalmente: “Não, não, não; eu não tenho medo. Eu triunfarei”. E se maravilharão dos resultados que obterão. Sentirão convertidos em gigantes imediatamente; fechem a porta a todo temor e abra-a à energia e à força espiritual, porque então se esparramará pelo seu ser a energia divina e lhes dará força para triunfar. O que sente temor não triunfará jamais.

Dediquem todos os dias cinco minutos e concentrem seu pensamento sobre esta idéia de temor. Pensem: “Eu não terei temor jamais; eu triunfarei”. Repitam mentalmente esta frase durante esses cinco minutos e se maravilharão dos resultados que obterão.

O temor e o abatimento são irmãos. Quando se impuserem sobre estes estados de ânimo haverão conseguido o poder e a energia, e poderão então ajudar outras pessoas a se curarem. As ajudarão a se curar com somente o pronunciar de uma palavra.

Quando consegui dominar meus sentimentos de temor e abatimento, concentrei meus pensamentos em dar força e saúde aos enfermos. Minha energia separou deles a idéia de enfermidade.

Quando tratar um enfermo, aplique-lhe em primeiro lugar em fazer desaparecer de sua mente o temor da enfermidade e o abatimento. Que se esqueçam de si mesmos! Esqueçam-se de si mesmos e ficarão surpreendidos com sua própria força. Este é o segredo da saúde.

Mas o dominar-se leva muito tempo; não deverão desanimar. Quanto ver tudo escuro, dominem seu temor e abatimento. Uma vez que se houverem dominado, encontrarão tudo fácil. Sentir-se-ão bem e derramarão o bem por onde forem.

Todos deveriam aprender a ciência de curar mentalmente. É um assunto da maior importância. Devem aprender a se sobrepor à enfermidade mediante a concentração do pensamento e a sugestão.

Aprender a dirigir sua inteligência para um só objetivo mediante a arte da concentração. Fixem-se em um objeto, por exemplo, esta mesa, e concentrem-se nela procurando não afastar o pensamento dessa mesa durante cinco minutos. No princípio não conseguirão. No entanto, ao se esforçar cada vez com mais afinco, acabarão por triunfar.

Este é o segredo da saúde, este é o segredo do poder: a concentração. Devem conseguir concentrar sua mente no mesmo objetivo durante cinco minutos. Necessitarão para isso longo tempo de prática. Não se consegue de uma só vez, porque, nem bem tenham concentrado sua atenção e tenham posto o pensamento na mesa, irromperão em sua mente mil pensamentos distintos. Afaste-o e continue com a mente fixa no objetivo que tenham elegido, e ao cabo de algum tempo descobrirão que tudo o que digo é verdade. Quando conseguirem imobilizar o pensamento durante um ou dois minutos no mesmo objeto, terão adiantado muito. Pensem, então: “Eu posso concentrar meu pensamento porque não tenho temor nem pesar”. Continuem realizando estes exercícios de concentração.

Afastem todas as demais coisas insistentemente, e sem que tenham dado conta, chegarão a ter a sensação do seu poder, porque você leva uma parte da mesma vida: Deus.

Quando houverem conquistado este poder, lhes será possível dizer a um enfermo: “Eu lhe envio energia, e quero que se sinta forte e são”. E ficarão maravilhados ao ver quão rapidamente recobra a saúde.

Mas antes de tentar esta prova, concentrem seus pensamentos em um só objeto pelo espaço de quinze minutos. Não se digam mentalmente: “Agora tenho energia e minhas mãos podem curar”, porque não poderão curar se seu pensamento não estiver no enfermo.

Muitos curandeiros não obtêm êxito por esta razão. Para poder curar há que focar a atenção sobre um só objetivo. Nisso está o segredo. Agora, aprendam esta lição e triunfem.

Quando estiverem enfermos ou irem à residência de um enfermo, concentrem seu pensamento em algum objetivo. Mantenha fixa sua atenção nesse objetivo durante algum tempo e obterão a sensação de que adquiriram uma grande energia e de que poderão curar, porque o mesmo Deus lhes deu força para isso.

Este é outro segredo que todos deveriam aprender.

Todos podem curar se aprenderem a se concentrar e afastar o temor e a sensação de abatimento; mas, tenham em mente, antes de tentar alguma cura consolidem sua mente, porque de outra maneira serão inúteis seus esforços.

Agradeço por haverem permitido vir visitá-los. Sou Mary Baker Eddy.  
Boa noite.

## **CAPÍTULO XV**

### **TEOSOFIA**

Os espíritos superiores nos declararam em várias ocasiões que a crença na reencarnação dos espíritos em outros corpos mortais é enganosa e constitui um obstáculo para chegar depois da transição da vida mortal às regiões superiores da vida do espírito. Por outra parte, temos advertido que em muitos casos de obsessão que estiveram sob nossos cuidados, intervieram certos

espíritos que, ao tentar “reencarnar” em alguma criança, se viram aprisionados em sua aura magnética, originando assim grandes moléstias em suas vítimas e a si próprios.

Citemos o caso de um menino de Chicago, chamado Jack T., que havia se conduzido normalmente até a idade de cinco anos. Ao chegar a esta idade começou a manifestar tendências precoces e a conduzir-se de uma maneira estranha.

Anteriormente havia manifestado todas as disposições próprias de uma criança, mas prontamente começou a ocupar-se de coisas impróprias à inteligência de um menino, agindo como se fora um adulto. Se afligia com coisa insignificantes, permanecia desperto sussurrando durante a noite e como se visse coisas estranhas, e se deixava dominar por incontrolláveis arrebatamentos de cólera.

Era um menino de boa aparência, mas falava sempre que era velho, feio e ordinário, e era tão intratável que todos os esforços feitos para repreender-lo e corrigi-lo foram inúteis.

Estas características foram se acentuando tanto, que sua família chegou a perder as esperanças de que seu filho recobrasse a razão.

Um parente do menino, que tinha notícia de nossos trabalhos experimentais sobre Psicologia Anormal, escreveu ao Instituto rogando-nos que concentrássemos o pensamento de nosso círculo no menino. Assim o fizemos, conseguindo atrair um espírito cujas ações e maneira de se expressar coincidiam com as do garoto. Esse espírito se apossou do intermediário psíquico senhora Wickland.

O espírito em questão nos manifestou que se chamava Charlie Herrman; tinha perfeita consciência de haver falecido, e manifestou que ele

era um homem muito grosseiro, mal encarado e coberto de marcas de varíola. Ninguém havia cuidado dele durante sua vida, e este fato havia deixado grandes marcas em sua alma.

Alguém havia lhe explicado a teoria de que as almas voltam a encarnar depois de sua morte e que na nova vida poderão ser o que quiserem. Como seu maior desejo era o de uma melhor aparência, para que ninguém o destratasse, decidiu tentar a reencarnação.

Ao tentá-lo ficou enredado na aura magnética de uma criança, e não pode livrar-se da mesma. Ao ver-se aprisionado sem remissão e incapaz de fazer-se compreender, entregou-se a fortes ímpetos, até o ponto de “querer quebrar-se em pedaços”.

- Às vezes me chamavam Jack, mas não o sou. Este não nunca foi meu nome, e não podia entender por que me chamavam assim.

Nossa concentração psíquica livrou a criança daquele espírito, e este ficou muito agradecido.

Depois que lhe demos todo tipo de instruções acerca da maneira de progredir espiritualmente e quando lhe asseguramos que não tinha porque ser dali em diante um homem de aspecto ordinário, pois para ele bastava excluir de sua mente as antigas idéias, esquecendo-se de si mesmo e esforçando-se em servir os demais, manifestou grandes desejos de ir com os espíritos que haviam vindo socorrê-lo, segundo nos manifestou ele mesmo.

Em poucos dias recebemos uma carta escrita pela mãe do menino informando-nos da notável mudança que havia se operado no mesmo.

- Jack recobrou sua condição de criança e se conduziu muito bem durante toda a semana. É o que era antes.



Continuou sendo um menino normal, graduou-se com êxito na escola e seus progressos foram muito rápidos em certas temporadas.

Certa noite realizamos nossa concentração psíquica em benefício de um menino paralítico que vivia em Hollywood. Os resultados foram muito interessantes.

*Experiência realizada em 19 de novembro de 1916.*

*Espírito:* William Stanley. – *Intermediário Psíquico:* Senhora Wickland

*Espírito:* - Então é certo que estou bem e que posso falar? Posso mover meus braços e minhas pernas? Então é verdade a doutrina da reencarnação, porque antes não podia nem caminhar. Como foi que saí daquele menino?

*Médico:* - Certos espíritos sábios lhe trouxeram aqui para lhe prestarmos ajuda.

*Espírito:* - Eu quis voltar e reencarnar em um menino; me meti nele e depois não encontrei maneira de sair. Me vi sem poder me mover e sem poder expressar o que queria. Era uma situação espantosa. Fui teósofo e quis reencarnar para ser grande. Penetrei no corpo de um menino e deixei seu corpo paralítico, e ficamos ele e eu paralíticos de alma. E não tive outro remédio que continuar, porque não encontrava meio de sair dali. Minhas ações eram as de um menino e não podia falar. Eu sei que faleci faz alguns anos, na Índia; mas não recordo concretamente quando teve lugar minha morte. Eu tinha grande ânsia de voltar a encarnar e de regressar a este mundo para viver meu novo Carma. Não se aferrem ao pensamento de voltar; olhem um pouco mais acima, porque a situação em que me encontrava era pior que as torturas que um homem pode esperar. Vivi em Calcutá e quis chegar a ser um “Mestre” e viver meu Carma; mas já viram onde fui parar. Deixem de lado a

idéia da reencarnação, porque é de toda equivocada, ainda que os princípios filosóficos da Teosofia são muito nobres. Olhem mais acima; não pensem nas esferas astrais, que não servem para nada. Eu fui muito egoísta em querer voltar à Terra para realizar algum feito grande; em lugar disto já viram onde fui parar. Eu me havia proposto a demonstrar aos teósofos que era capaz de voltar e reencarnar em uma criança. A senhora Blavatsky falava de outra maneira bem distinta; mas eu quero lhe dizer, senhora (apontando para um ponto invisível), que você é culpada por me encontrar hoje em semelhante estado. A senhora Blavatsky encontra-se agora aqui e se esforça em ajudar-me. É ela a que me instruiu nas doutrinas da reencarnação e agora se esforça em mostrar-me o verdadeiro caminho, e me diz que não existe a reencarnação. O que acontece àquele que tenta penetrar no corpo de outra pessoa para reencarnar é que se enredar completamente.

*Médico:* - Como você se chama?

*Espírito:* - Não posso lembrar agora. A senhora Blavatsky ensinava Teosofia na Índia; tinha muitos discípulos, e eu era um deles. Estudei também com Anna Kingsford e com o doutor Hartman, e este tem também uma parte de culpa do estado em que me encontro. Os três eram grandes expoentes, e se deram conta agora de seus grandes erros. Os três dedicam-se a trabalhar para que suas vítimas consigam a liberdade, e por isso me trouxeram a este lugar, para instruir-me e me guiar. Estive na Índia durante muitos anos. Meu pai era um oficial do exército. Passei muito tempo em Calcutá e ali contatei com os grandes expoentes da Teosofia e me afiliei à Sociedade Teosófica. Simpatizei muito com o coronel Olcott; era uma grande pessoa. Recordo ter estado enfermo na Índia durante bastante tempo. Não tenho mais desejos de voltar a reencarnar, porque vejo que é uma doutrina falsa. Creio que se pode aprender sem voltar a encarnar. O que é que aprendi em minha última reencarnação no menino? A senhora Blavatsky era uma grande missionária, como vocês

sabem. Diz que agora está trabalhando para que todas suas vítimas abram os olhos e compreendam como é em realidade a vida espiritual. Diz que houve um tempo em que ela era médium, mas que não queria que ninguém se apossasse dela. Sustentava a teoria de que haveria que desenvolver a própria personalidade e passar pelo Carma. A senhora Blavatsky pede para prestar atenção ao que este cavalheiro me disser (doutor W.), e que ele me explicará como são as coisas.

Foi dado a este espírito explicações acerca da vida na Terra e da preparação para a vida futura. Foi-lhe explicado também de como o conhecimento e a sabedoria que se adquire nesta vida sobre as coisas futuras vêm a ser a luz que nos servirá para iluminar o passar ao outro lado da vida.

O espírito terminou dizendo-nos que se chamava William Stanley.

J. A. era um menino de sete anos que nos trouxeram de Chicago doente. Parecia atordoado, estava paralisado e falava como uma pessoa adulta, sofria convulsões e falava com voz baixa e gaguejando; tinha caprichos extravagantes em questão de alimentos e era acometido de terríveis irritações.

Realizamos uma concentração psíquica e conseguimos desalojar do mesmo o espírito de um teósofo superficial, dominado por uma curiosa auto-sugestão. Não houve maneira de fazer-lhe compreender a verdade acerca da vida terrestre e da vida espiritual.

O espírito de Ralph S., genro de uma senhora que freqüentava nossos círculos, apresentou-se em várias ocasiões. Damos algum extrato de suas palavras.

Tanto esse espírito como sua esposa haviam se interessado muito pelos temas teosóficos, e quando chegou o momento de passar ao mundo dos

espíritos, encontraram grandes dificuldades em desembaraçarem-se das idéias preconcebidas.

*Experiência realizada em 17 de março de 1920.*

*Espírito: Ralph S. – Intermediário Psíquico: Senhora Wickland*

*Espírito: - Estive aqui antes e tinha grande desejo de voltar.*

*Médico: - Quem é você, amigo?*

*Espírito: - Não me conhece? Sou Ralph S. Estudei com grande interesse tudo o que se refere à Teosofia, com suas leis para o desenvolvimento da personalidade, de acordo com as realidades superiores, mas esqueci o estudo da verdade. Minha mulher e eu estudamos a maneira de desenvolver nossa personalidade com vistas postas ao mais alto, mas não cuidamos de aprender a simples lição da vida eterna. Quão pouco conhecemos acerca do mundo que há aqui! Hão demasiados dogmas. Agora me encontro com muitas coisas para aprender e com muitas dificuldades por superar.*

*Médico: - “O amor é a culminação da lei.”*

*Espírito: - Sim. Mas temos que servir aos demais.*

*Médico: - Você é feliz?*

*Espírito: - Sou em um sentido, mas não em outro. Se a porta não estivesse fechada!*

*Médico: - Que porta?*

*Espírito: - A porta da comunicação. Quisera manifestar-me a minha esposa, mas creio que ela se assustaria. Isso me dói. Ela e eu estudamos muitíssimo. Por isso agora ficou muito difícil encontrar-se com o muito pouco*

do que se sabe quando chegamos neste lado da vida, e temos que nos ver entre trevas. Alegro-me, mãe, que não tenha o que reparar na defesa da verdade. Faça pelos demais tudo o que puder, porque indiretamente trabalhará por você também.

*Experiência realizada em 14 de abril de 1920.*

*Espírito: Ralph S. – Intermediário Psíquico: Senhora Wickland*

Estou aqui outra vez. Sou Ralph, mãe. Quisera comunicar-me com minha esposa, mas a porta está fechada<sup>1</sup>.

A culpa é tanto minha como de minha esposa. A porta encontra-se fechada para mim e ficará durante certo tempo por causa dos dogmas e credos que obscurecem nossas inteligências.

---

1. Marido e mulher acordaram entre eles que o primeiro dos dois que morresse se comprometia a não estabelecer comunicação com o outro, por crerem que isto constituía um obstáculo para o “eu” no caminho de seus progressos para Devachan.

Oxalá minha mulher pudesse compreender a verdade! É muito simples, mas a simples verdade tem sido sempre rechaçada. Em troca, sempre se aceita o misterioso.

Acreditávamos que se trabalhássemos para conseguir nosso Carma tudo se arranjará, mas com isso não fizemos senão desenvolver nosso egoísmo. Não devemos nos ter por melhores que os demais só pelo fato de termos estudado para ser “Grandes Mestres”. Falamos de coisas de cuja plena

significação não nos damos conta; nos excitamos até fazermo-nos sensíveis à influência dos espíritos, e terminamos sendo vítima de obsessões.

Agora compreendo o quanto é perigosa a doutrina da reencarnação. De acordo com essa doutrina, havia chegado para mim o momento de reencarnar. Mas como? Reencarnarei obsediando uma criança e unindo-me a ele em um mesmo corpo até que deixe seu corpo mortal? E por que devo reencarnar, se com isso converterei em idiota uma criança?

Minha ocupação consiste agora em descer à Terra para prestar ajuda àquelas pessoas que crêem nas mesmas teorias que eu cria e às que se dedicam aos mesmos estudos que eu me dedicava. Tenho que trabalhar com grande afinco para que abram seus olhos à verdade.

Tenho também que trabalhar para levar a minha mulher ao convencimento de que não deve continuar crendo nesses dogmas em que crê. Se continuar, irá fazendo-se cada dia mais sensível psiquicamente e terminará sendo vítima de uma ou outra obsessão teórica. Não me refiro à obsessão dos espíritos, e sim ao das idéias.

Acreditávamos que éramos melhores que os demais porque mortificávamos nosso corpo. (Refere-se à prática de um sistema de dieta restrita, como suposta exigência para a consecução da perfeição espiritual.)

O corpo não é mais que uma vestidura do espírito. Devemos comer de tudo o que for necessário. Não demos importância transcendental à questão de comer e beber. Não imponhamos sacrifícios a nossos corpos nem mortifiquemos nossa carne com a idéia de espiritualizarmo-nos. Isto é um despropósito. Prestem atenção ao corpo, mas não o privem do que necessita. Deus o nos deu para que o cuidemos. Conservem-no em bom estado de saúde para que o espírito possa trabalhar por seu intermédio com vantagem.

Não nos deixemos arrastar por nenhum exagero; guiemo-nos pelo bom senso em todas as coisas.

Um personagem cujos escritos eram muito bem conhecidos por muitas pessoas, nos dirigiu certa noite uma pequena elocução, na qual tratou também do problema da reencarnação.

*Experiência realizada em 28 de janeiro de 1920.*

*Espírito:* Ella Wheeler Wilcox. – *Intermediário Psíquico:* Senhora Wickland

Boa noite. Esta é a primeira vez que me apresento aqui, mas havia ouvido falar de vocês enquanto estive na Terra; tinha referências dos trabalhos a que se dedicavam e li também o folheto.

Quando estava na Terra era uma escrava de minhas idéias equivocadas e de meus falsos pensamentos acerca da verdade; mas quase no fim de minha vida a verdade surgiu-me desnuda e o verdadeiro sentido da vida futura, e aceitei uma e outro.

A verdade havia chegado a mim pelo caminho da dor. Não nos preocupamos em buscar a verdade até que nos sentimos abatidos por uma profunda dor ou uma desgraça, como a perda de um consorte ou de um amigo muito querido. Então é quando o coração busca ansioso a verdade e afasta todos os dogmas e credos que se interpuseram em nosso caminho.

Sentimos verdadeira ansiedade por conhecer os segredos da vida futura e para saber se as pessoas queridas e os amigos estão ao nosso lado servindo-nos de guias e dando-nos alento. A morte de um esposo querido chegou em minha alma e me deixou com o coração destroçado. Era-me insuportável o pensamento de que já não voltaria a tê-lo ao meu lado, nem desfrutar de sua

companhia; mas de repente se fez em minha alma a luz da verdade, e compreendi que não existe a morte. Dali em diante o senti sempre ao meu redor.

Uma vez que conheci a verdade quis ensiná-la a todo mundo. Mas meu corpo físico não era mais bastante forte, e não pude fazer tudo o que havia querido. Me esforcei para divulgar essa verdade entre os soldados, pois sabia que para eles era um verdadeira benção divina, porque hoje estavam nesta vida e no dia seguinte na outra.

Que valorosos e que felizes se sentiam depois de lhes dizer que não existia a morte, e sim só uma transição a um estado de maior felicidade e de maior formosura! Eu quisera dar-lhes todavia mais.

Toda minha vida se passou entre dogmas, esforçando-me para fazer o bem. Finalmente, cheguei a encontrar a verdade. Mas foi necessário que meu querido Robert partisse deste mundo terrestre para abrir a porta e para que pudesse compreender tudo o que havia mais além. Uma vez que conheci a verdade, empenhei-me em praticar o bem. Façam todos o mesmo. As pessoas muitas vezes zombarão de vocês; mas não se importem, não se preocupem, porque dessa maneira se farão mais fortes e, no fim das contas, eles lhe ajudarão em seus esforços em aumentar seus conhecimentos.

Eu encontrei a verdade mas empreguei um método perigoso, que representou para mim um esforço maior. O *Ouija Board* é um método perigoso. Necessitariam de ajuda e guia para seguir adiante com ele.

As pessoas se perguntam onde está a verdadeira vida. A verdadeira vida se encontra do outro lado do sepulcro. Esta vida terrena não é mais que uma escola transitória, a escola em que aprendemos a conhecer a nós mesmos e na qual nos é demonstrado qual é a finalidade de nossa vida terrena.



Houve um tempo durante o qual a idéia da reencarnação me agradou, porque pertenci à Teosofia. Esta doutrina é em geral boa: suas idéias e seus ensinamentos são muito belos; mas por que haveríamos de reencarnar neste pequeno planeta?

Quando a alma se abre às coisas da vida superior, pouco importa voltar de novo à matéria. O que se tem que fazer é aprender enquanto se vive na Terra, com objetivo de que não haja necessidade de voltar a ela para aprender outra vez.

Durante o tempo em que acreditava na reencarnação, imaginei-me outra vez vivendo uma nova existência terrena, porque quando me punha a escrever tinha a sensação de que havia vivido antes. Agora vejo que tudo aquilo era efeito da presença de certos espíritos que projetavam seus pensamentos para minha inteligência e que me levavam a escrever; isto me fez crer que havia tido uma vida anterior.

Quisera estar a par da obra que realizam aqui, a fim de poder ajudá-los, porque acredito que existe uma grande necessidade de obras como esta. Conviria que tivéssemos muitas estações como esta para que os espíritos abram os olhos e possam ver. Uma vez que nos vejam, nós podemos ajudá-los para que alcancem uma compreensão melhor. Reunamo-nos para criar escolas de treinamento onde possam ser iluminados os espíritos que vivem entre trevas.

Talvez minha vinda tenha surpreendido. Tenho tentado me comunicar por meio dos *Ouija Boards* e também por outros meios, mas vejo que aqui posso apresentar-me e falar da mesma forma que vocês falam. Parece-me falar através de um telefone, e isso me dá forças. Parece que me encontro entre vocês de corpo e alma.

Com o tempo chegaremos a dispor de aparelhos receptores que registrarão as mensagens enviadas do lado espiritual da vida. Antes que passe muito tempo, esse aparelho receptor registrará uma mensagem do outro mundo que fará despertar as pessoas e lhes farão abandonar seus credos. Todas as igrejas despertarão.

As igrejas ficarão então vazias, mas só por algum tempo, porque surgirá uma nova religião, uma religião que estará fundada na verdade do retorno dos espíritos e não nos dogmas. Então os homens viverão uns para os outros e não se dedicarão em acumular tudo para si mesmo. As igrejas serão para o povo e não para os dogmas.

As pessoas entregarão então seu dinheiro a igreja, mas o farão para propagar a obra relacionada com a maravilhosa verdade da vida futura. Ninguém necessitará que o salve, mas todos adquirirão a convicção de que nós estaremos do lado. Haverá igrejas que terão abertas suas portas aos espíritos da mesma maneira que aos seres mortais.

Eu sou Ella Wheeler Wilcox. Quisera ter vindo a este círculo de concentração antes; mas foi difícil o acesso porque em suas portas há sempre uma multidão na espera da ocasião de entrar. Não podemos chegar até aqui senão um ou outro. Esta noite tive a oportunidade; asseguro-lhes que me senti feliz.

Não posso ficar mais tempo, mas agradeço-lhes pelo privilégio de ter vindo aqui, e espero que com o tempo possa voltar outra vez.

O doutor J. M. Preebes foi um venerável amigo de nossa família, e desempenhou o cargo de cônsul na Turquia. Viajou pelo mundo todo, e durante sessenta anos dedicou-se a dar conferências acerca das ciências psíquicas; morreu com a idade de noventa e nove anos, tendo falado em

distintas ocasiões por intermédio da senhora Wickland; mais de uma vez trouxe consigo distintos espíritos apegados à Terra, com o objetivo de que nós os fizéssemos compreender a verdade.

*Experiência realizada em 4 de outubro de 1922.*

*Espírito:* Doutor J. M. Peebes. – *Intermediário Psíquico:* Senhora Wickland

*Espírito:* - Boa noite, amigos. Agradeço-lhes por haver aberto a porta e por permitirem trazer aqui certos espíritos que se encontravam em grande infortúnio, porém abriram seus olhos à luz da verdade. Agrada-me estar aqui com vocês e me agrado também por ajudá-los nos trabalhos.

*Médico:* - Seja quem for, lhe dou um bem-vindo.

*Espírito:* - Já sabem quem sou, já sabem. Sou o doutor Peebes. Agora me encontro jovem. Sempre fui jovem de espírito, porém meu corpo começou envelhecer e já não podia fazer sempre o que queria. Teria gostado de viver até os cem anos de idade, mas não pude. No entanto, celebrei meu centenário solenemente no mundo dos espíritos, rodeado de amigos. Quando cheguei ao mundo espiritual tive uma grande alegria ao encontrar-me com tanta felicidade, formosura e riqueza. Havia adquirido muito conhecimento acerca do mundo espiritual, mas a realidade não é para descrição. Ainda que tenha sido durante muitos anos um crente do espiritismo, não pude desprender-me de todo dos dogmas. Era por um lado espírita, mas me afeiçeei, no entanto, ao dogma da religião cristã. Viajei cinco vezes ao redor do mundo, vi as mil variedades em que se desenrolava a vida e escutei muitas conferências acerca da grande verdade. Despojemo-nos de todas as crenças e aprendamos a conhecer unicamente a grandeza de Deus. Devem compreender que este pequeno planeta vem a ser como uma escola primária; não é uma

universidade, nem sequer uma escola intermediária; é nada mais que a primeira religião da vida. Mas muitos não aprendem nada nesta escola.

*Médico:* - (Que havia estado discutindo com um membro do círculo acerca da reencarnação.) Reencarna-se outra vez!

*Espírito:* - (Vivamente.) Não há tal coisa, de nenhuma maneira. Que interesse teria em voltar outra vez? Gostariam de ser encerrados em um corpo pequeno e carecer de vontade própria? No mundo espiritual somos livres para andar por onde bem queira; não temos necessidade do corpo físico. Por que voltar outra vez a essa prisão? Por que uma criança que se encontra a ponto de entrar na escola superior há de voltar ao primário? Quando se viaja se aprende. Vocês podem aprender aqui em um dia o que lhes exigiria dez ou doze anos na Terra. Estudei durante minha vida as teorias da reencarnação e também as da reincorporação, que a senhora Cora Richmond defende.

*Uma pergunta:* - O que é reincorporação?

*Médico:* - É a projeção do eu para a matéria, que se realiza com objetivo de adquirir certos conhecimentos.

*Espírito:* - Essa senhora é da opinião que o homem necessita viver como muitos indivíduos; que deveria ser assassino, ladrão, comerciante, alfaiate; em uma palavra, que deveria aprender todas as profissões e todos os ofícios. Que necessidade há em aprender tais coisas dessa maneira? Pode-se aprender por meio dos ensinamentos objetivos, e durante a vida aprendemos dessa maneira. Mas no mundo espiritual, se queremos ver uma grande fábrica que constrói todo tipo de maquinário, basta-nos trasladar ali com o pensamento, e dessa maneira aprendemos tudo. Se queremos saber o que acontece em outras partes do mundo, na Rússia, Alemanha, Inglaterra, Índia ou Austrália, basta pensar que estamos ali e dessa maneira nos inteiramos de

tudo. Que necessidade temos, pois, de voltar a nascer? Quando estão dentro do corpo mortal, trabalham por meio do cérebro, e isso é uma tarefa difícil; mas no mundo espiritual serão livres e não terão que contar com o obstáculo do cérebro.

*Médico:* - Por exemplo, se aqui queremos ler um livro temos que ir lendo uma a uma as páginas. Suponho que no mundo espiritual se tem a sensação do conteúdo do livro.

*Espírito:* - Assim é. A vida é eterna; tudo o que aprenderem durante a vida fica armazenado na memória, mas enquanto estiverem dentro do corpo material as células há a obstrução das células. Perdemos a memória porque o espírito não pode trabalhar com tanta perfeição durante a velhice como durante a juventude das células do cérebro. Estas são então menos ativas e parece que em certas ocasiões perde-se a memória. Mas há outras ocasiões em que se experimenta a sensação do homem que está a ponto de se afogar. Apresentam-se-lhe de um só golpe na memória todas as coisas passadas, tudo aquilo que havia esquecido. Esta noite trouxe comigo uma centena de espíritos. Comecei oferecendo-lhes uma conferência na tentativa de que se despertassem, mas não pude. Vi então uma senhora inglesa. (Refere-se ao espírito que se apossou do intermediário psíquico antes dele.) E acreditei que ela me escutaria, mas me equivoquei. Então deixei que se apossasse da senhora Wickland, a fim de que me servisse da lição objetiva. Os demais espíritos ficaram olhando-a, porque encontraram tudo aquilo muito estranho. Sentiram curiosidade, e isto os fez levantarem e despertar; então pude falar. Esqueçam-se da reencarnação, porque essa crença é como um lastro que colocam no pescoço. Não podem reencarnar. Tenho visto as conseqüências desta crença e tenho falado com muitos espíritos que participavam dela.

*Uma pergunta:* - Qual é a opinião agora da senhora Blavatsky sobre a encarnação?

*Espírito:* - Mais de uma vez discuti com ela acerca deste ponto e voltamos a discutir mais de uma vez desde que estamos aqui. Ela já não crê na reencarnação, porque aprendeu o que tinha que aprender. Levou muito tempo, mas agora daria qualquer coisa para poder voltar à vida mortal com objetivo de reparar seus erros. Via ser muito difícil. Não podem viver na Terra mais que uma vez. Não podem voltar a acender a lâmpada que já se consumiu. A vida é progresso, não retrocesso. De um degrau passa-se a outro, e assim sucessivamente. Nós que vivemos no mundo espiritual nos encontramos demasiadamente ocupados para poder pensar em voltar; gostamos de ver nossos amigos e de viajar, desfrutando da liberdade que temos em ver tudo, uma vez que adquirimos o conhecimento. Muitos costumam perguntar: “Qual será a sorte das crianças que morreram antes de adquirir algum conhecimento na vida terrena?” Em realidade o espírito das crianças nasce com experiência. O espírito do amor materno atrai a criança para a mãe; com freqüência o espírito da criança a rodeia, e desta maneira adquire conhecimentos acerca da vida terrena. Mas também recebe lições objetivas. As levamos a distintas classes de escolas nas quais lhes são ensinadas as maravilhas de Deus. Aprendem as realidades da vida, e os ensinamentos não se limitam à leitura e à escrita. Aprendem as verdadeiras realidades, a anatomia, a astrologia, a astronomia e muitas outras matérias. Nossas escolas ensinam a doutrina da evolução a uma vida mais elevada. Queria que abrissem os olhos para que pudessem ver a rapidez com que nossas crianças progredem por meio de lições objetivas. E não devo dizer mais neste momento, porque tenho que partir. Boa noite.

Certo dia recebemos da maneira mais inesperada a visita de um espírito cujos ensinamentos e cujos escritos contribuíram para estender por todo o mundo a teoria da reencarnação.

*Experiência realizada em 4 de novembro de 1922.*

*Espírito:* Senhora Blavtsky. – *Intermediário Psíquico:* Senhora Wickland

Quis visitá-los nesta noite. Tenho fé na obra que estão realizando neste círculo e me compraz muito este trabalho. Quisera que houvesse outros muitos círculos para ajudar-nos, para que encontrássemos uns e outros na metade do caminho, com objetivo de fazer todos compreenderem que não existe a morte.

Oxalá eu houvesse pregado esta verdade com mais freqüência e quem tivesse me esforçado em examiná-la com maior atenção. Eu a conhecia e havia recebido muitas provas da mesma.

Não sei porque motivo fechamos a porta à verdade quando ela nos aparece. A verdade encontra-se sempre oculta e temos que buscá-la. Parece que as teorias e os dogmas encontram na Terra mais aceitação que a verdade. Esta aparece a todos alguma vez, mas a ocultamos em lugar de nos inteirarmos.

Eu quis, acima de tudo, ser uma líder. Agora quisera levar a verdade a todos. Tinha conhecimento das manifestações dos espíritos porque eu mesma havia tido testemunhos delas. Nos meus primeiros tempos trabalhei muito neste terreno, mas logo me dediquei ao estudo da Teosofia. Deveria ter deixado a Teosofia e a Filosofia.

Então me ocorreu a idéia da reencarnação, e tive grande atração por esta idéia durante algum tempo. Era porque não via a verdade em toda sua plenitude. Experimentava a convicção de que era uma grande injustiça que houvesse pessoas ricas e que desfrutavam a vida, enquanto outras viviam na maior pobreza e eram vítimas de toda espécie de calamidades. Por outra parte, havia pessoas que, em minha opinião, não tinha durante sua vida oportunidade de adquirir muitos conhecimentos.

Dediquei-me ao estudo da teoria da reencarnação, e me convenci de que era conforme a verdade e a justiça que voltávamos a viver a vida mortal, com objetivo de aprender e conhecer outros aspectos da vida. Então me dediquei em ensinar esta teoria, esforçando-me para converter a ela todos os povos do mundo.

Cheguei a ter a sensação de que minha memória guardava as lembranças de fatos remotíssimos de minhas vidas anteriores. Mas estava equivocada.

São os espíritos desencarnados que nos trazem à memória as “vidas passadas”, pondo diante de nossas vistas os seus pensamentos e as imagens de suas vidas mortais. Um espírito pode deixar a impressão de sua própria vida passada, e estas lembranças são gravadas em nossa mente como se fossem nossas. Então é quando se acredita lembrar das vidas passadas.

As pessoas que estudam, em especial as que se dedicam ao estudo da Teosofia, desenvolvem seu espírito e vivem dentro de uma atmosfera anímica. Afastam-se o possível do material, ficam muito sensíveis e sentem-se em contato com os espíritos que se movem ao seu redor. Suas palavras são produzidas por impressões e vêm como um panorama o que eles crêem ser o passado.



Ignorava em vida tudo isto e dava por provado que minhas memórias eram verdadeiras. Foi necessário que viesse a este lado espiritual da vida para compreender meu erro.

Estudei muito. A Teosofia é intrinsecamente a mais nobre e mais elevada filosofia da vida, mas é necessário que estudemos a verdade, que vivamos de acordo com a verdade e que não nos esqueçamos de que é simplesmente uma teoria.

*Não é certa a teoria da reencarnação.*

Tive muito trabalho em acreditar quando me asseguraram neste mundo dos espíritos que não poderia reencarnar. Tentei muitas vezes voltar a ser uma pessoa mortal, mas não tive êxito. Não é possível a reencarnação. Nós vamos sempre adiante, não retrocedemos jamais.

Por que temos que voltar a viver outra vez a vida mortal, se nesta vida espiritual temos adquirido a experiência e os conhecimentos suficientes e se, ademais, não é esta vida mortal mais que uma escola preliminar?

Durante nossa vida mortal o corpo nos serve de obstáculo constante. Na vida espiritual não temos o obstáculo da matéria nem o do tempo. Se queremos reunir dados acerca de um assunto, não temos outra coisa a fazer que pensar nele, e instantaneamente se nos apresenta em toda sua complexidade.

Na vida terrestre é necessário estudar durante muitos anos, e contudo não se alcança nunca um conhecimento tão perfeito como o que nós temos das coisas.

Suponhamos que um inventor faleça antes de haver aperfeiçoado seu invento. Nem por isso se desinteressa do mesmo. Continua estudando-o no

lado espiritual da vida, porque aqui tudo lhe é mais fácil e dispõe de mais tempo. Quanto tem seu invento pronto, busca um ser mortal sensível e comunica a ele, gravando na inteligência mortal sua idéia. O homem que recebe essa comunicação a completa e faz o mundo conhecê-la.

Assim, pois, sendo possível para eu comunicar minhas idéias ao mundo por meio dos seres mortais sensíveis, venho reencarnar, em certo sentido. Não reencarno no corpo de outra pessoa, e sim faço que surjam em sua inteligência as idéias que quero ver realizadas. Assim é como vamos e vimos os espíritos que se sentem atraídos para a vida terrena e querem estar aqui.

Não, a reencarnação não é verdadeira. Acreditei nela, preguei essa doutrina e estive segura de voltar a ser outra pessoa. Mas não voltarei. Posso fazer aqui um bem muito maior.

Se quero dedicar-me aos trabalhos missionários ou à prática do bem, não tenho mais que ir à esfera que envolve a Terra, na que se encontram os espíritos que passam por todas as classes de penalidades. Prego-lhes e lhes ensino e procuro resgatá-los.

Perguntarão como é possível que se realize este resgate. Em primeiro lugar, procuramos concentrar nosso pensamento naqueles que queremos salvar. Logo recorremos à música. Em certas ocasiões executamos música bem suave, pianíssima, para que chegue aos ouvidos como uma música bem distante; logo vamos num crescendo. Por mais malvadas, por mais ruins e por mais baixas que tenham sido as almas, nunca deixam de prestar atenção a nossa música, concentramos neles nosso pensamento para que despertem e voltem os olhos às realidades superiores.

Logo vêem alguns espíritos artistas e traçam ante eles quadros da vida superior, lições objetivas, pequenas anedotas. Nós vemos toda a história de

sua vida mortal e a vamos apresentando ante seus olhos para que vejam todos os erros que têm cometido. Então costumam começar a dirigir-nos perguntas, e nos aproximamos mais deles. Finalmente os conduzimos à vida superior.

Viram que em certo sentido tudo isso é uma reencarnação, porque às vezes nos vemos na necessidade de conduzir os espíritos apegados à Terra até um círculo como este, com objetivo de que abram os olhos à verdade ao se porem em contato com a matéria.

Quisera que houvessem muitos círculos como este para que nos ajudassem a despertar os espíritos fazendo-lhes conhecer a verdade acerca da vida futura.

Dirão alguns que a que falou não é a senhora Blavatsky, mas não tenham dúvida nenhuma, sou eu mesma.

Se algum de vocês quiser me fazer alguma pergunta, procurem satisfazer-se.

*Pergunta:* - Fale-nos algo sobre os “Mestres”. Que opinião você tem agora desses senhores?

*Espírito:* - Nós também falamos “mestres”. Todos somos mestres quando nos dedicamos ao estudo das realidades superiores; mas um “Mestre”, no sentido que esta palavra tem na Teosofia, equivale a uma inteligência muito grande e superior. Um mestre é quem se sente capaz de dominar a matéria, que se sobrepõe à matéria e que vive uma vida de pureza e de bondade, sobrepondo-se a todas as vicissitudes da vida. Digo-o como muito sentimento; muitos dos que querem ser “mestres” na Terra, sucumbem. Não porque caíam por eles mesmos, e sim porque adquirem uma sensibilidade anímica tão grande, que, sem que eles se dêem conta, vivem à beira da vida mortal, e dão oportunidade que espíritos apegados à Terra penetrem neles,

apossando-se deles e fazendo-os cair. Antes de querer dominar as novas idéias é necessário dominar a matéria. Tomemos o meu caso. O que é que fiz realmente em benefício da humanidade?

*Resposta:* - Você conseguiu que muitas pessoas renunciassem a sua ortodoxia.

*Espírito:* - Sim, mas lhes dei em troca novas teorias. Vejo com grande pesar que os teosofistas se dispersam. Vivem em um tempo em que tudo desmorona; há uma inquietude geral. Todas as teorias vêm abaixo e a filosofia adquire predomínio.

*Pergunta:* - Por que não aparecem mais médiuns para que se leve adiante esta classe de investigações?

*Espírito:* - Quando chegar a hora e as pessoas se encontrarem maduras, surgirão também os intermediários psíquicos e todos poderemos trabalhar juntos, organizando-se círculos psíquicos em todas as igrejas.

*Pergunta:* - Por que hoje não aparecem mais pregadores inspirados que se dediquem a ensinar a verdade?

*Espírito:* - Todo aquele fala em público o faz sob inspiração. Os conferencistas e os oradores políticos sobem às vezes na tribuna acreditando que vão dizer o que levam escrito; mas resulta que, sem que saibam, falam de uma maneira distinta ao que haviam calculado. É que falam sob inspiração, porque sempre há algum espírito que se interessa pelos problemas da vida mortal, e inspira o orador.

*Pergunta:* - O intermediário psíquico deve ser uma pessoa culta?

*Espírito:* - Imaginem que um grande pianista tivesse um piano ruim para tocar. Não haveria maneira de expressar todos os matizes da música. Necessita para isso um bom instrumento. O mesmo ocorre com o intermediário psíquico. Deve ser uma pessoa com um conhecimento geral de todos os aspectos da vida. Uma pessoa inculta não pode servir aos espíritos para falar de temas científicos.

*Pergunta:* - Em que situação fica o espírito do intermediário psíquico durante o tempo que outro espírito controla seu corpo? Deve-se compreender que o espírito não é nem grande nem pequeno, no sentido vulgar da palavra. O espírito da senhora Wickland encontra-se neste momento em sua aura magnética. Nesta pode haver muitos espíritos ao mesmo tempo. Vão e vêm, mas só um pode apossar-se do corpo. Neste momento a senhora Wickland encontra-se em estado comatoso. Sua vida mental encontra-se em suspenso. Está conectada com o fio vivente; é a bateria. É o motor do qual se estendem muitas linhas. Se falecesse agora, careceríamos da força elétrica necessária para atuar. Neste caso o intermediário é a bateria por meio do qual trabalhamos. A Teosofia ensina que durante o sonho a inteligência e o espírito se desenvolvem; que enquanto o corpo descansa, a alma abandona o corpo, mantendo contato com ele por meio de um fio finíssimo, vivendo entretanto a vida da inteligência no plano astral. Isso é certo?

*Espírito:* - Sim. Os que estudam o Yoga aprendem a desprender-se do corpo. Os hindus estudam o Yoga e saem de seu corpo à vontade. Muitas pessoas ignoram este fato. Os hindus desfrutam da paz e harmonia, porque vivem atentos à realidade de seus superiores. Não pretendo com isso dizer que este é o caso de todos os que vivem na Índia. Mas quando aqueles que chegaram a uma categoria espiritual superior abandonam seus corpos, ninguém pode molestá-los. O que quero dizer esta noite é que devemos estudar a vida tal qual é. Deixemos que os videntes e os pensadores do passado

cuidem de si mesmos. Desfrutei muito desta conversa, e seguramente voltarei para visitá-los. Trabalhem o quanto puderem nesta nobre tarefa. Esta casa encontra-se cheia de espíritos que escutaram esta noite minhas palavras. Muitos deles receberam com ela ajuda e virão conosco ao lado espiritual da vida. Que a luz de Deus brilhe em suas almas para que sigam adiante nesta boa obra. Boa noite.

## CAPÍTULO XVI

### A FILOSOFIA

Certos espíritos que alcançaram o conhecimento e que desejam ajudar a humanidade para que abra os olhos às leis da vida espiritual, nos expuseram em várias ocasiões a filosofia da vida e nos descreveram as condições da mesma nas regiões superiores.

A senhora Case foi uma das pessoas que se interessaram profundamente pelas atividades da senhora Wickland durante os primeiros tempos. A senhora Wickland era então solteira e seu nome de família era Miss Anna Anderson. A senhora Case faleceu faz muitos anos, mas nos visitou recentemente, evocando aqueles primeiros dias.

*Experiência realizada em 15 de março de 1924.*

*Espírito: Senhora Case. – Intermediário Psíquico: Senhora Wickland*

Não me conhecem pessoalmente, mas para mim é como se fosse parte desta congregação. Conheci a senhora Wickland antes de contrair matrimônio, e foi ela que me convenceu do retorno dos espíritos quando ainda se chamava Miss Anna Anderson.

Havia estudado esta matéria de uma maneira superficial e havia lido um dos livros do doutor Hartman e algumas publicações teosóficas.

Interessava-me por diferentes estudos, mas não havia me especializado em nenhum.

Certa noite, durante o ano 1890, na cidade de Minneápolis, fui a um círculo, e a senhorita Anderson se sentiu possuída pelo espírito de minha filha Alicia. Havia perdido em mês minha filha Alicia, o meu filho Willie e meu esposo.

Alicia veio até mim, e precipitou-se em meus braços, exclamando: “Mãe, mãe! Quão feliz me sinto em poder voltar a você! Sou Alicia.”

Fiquei assombrada, mas aquilo me encheu de alegria. Falamos durante um momento, e ao término Alicia me disse: “Mãe, Willie se encontra aqui também e queria lhe dizer umas palavras.” E então meu filho falou.

Esta fato surpreendente me converteu, e desde então senti grande impaciência em conhecer a verdade.

Minha filha, a senhora Z. e eu costumávamos celebrar pequenas sessões em meu domicílio com a intervenção da senhorita Anderson, e nelas recebemos visitas muito agradáveis dos espíritos amigos: de minha mãe, de uma tia e de outras pessoas.

Tinha verdadeiros desejos de que a senhorita Anderson trouxesse à luz pública suas experiências, mas ela era muito modesta na apreciação de suas condições de médium. Porém eu queria que as pessoas conhecessem a grande verdade. Fui a Stillwater, Minnesota, e aluguei um teatro com o propósito de ler uma conferência sobre o tema do retorno dos espíritos e fazer que a senhorita Anderson realizasse algumas demonstrações.

Fizemos uma grande publicidade e reunimos muita gente. Tinha preparada minha conferência, mas me faltou o ânimo no último momento, e não tive coragem para aparecer ante o público.

Não podíamos deixar que a reunião fosse considerada um fracasso. Insisti, pois, em que a senhorita Anderson se deixasse cair em transe para que Os Russos (espíritos) representassem seu drama. (Desta experiência trataremos mais adiante.)

Ela consentiu, e representou a peça. Logo veio “Preciosa”, e o filme foi um êxito completo.

Essa foi a primeira vez que a senhorita Anderson, agora senhora Wickland, apareceu ante os olhos do público.

Caí enferma, e a senhorita Anderson me acompanhou muito. Por sua mediação continuei falando com os espíritos amigos, e lhes perguntei quando me tocaria ir a minha mansão do mundo espiritual. Responderam que não viveria muito, mas que todavia transcorreria algum tempo antes que eu passasse ao outro lado.

Adoeci antes do Dia de Graças e deixei meu corpo mortal para passar ao meu corpo espiritual no dia cinco de fevereiro de 1894. Dormi no sábado, pela meia noite, e meu trânsito ocorreu na segunda-feira, às três da tarde.

Minha filha estava sentada, olhando-me, e o sol brilhava no quarto. Tive a sensação; compreendi que partia, e minha filha Carrie viu como minha alma abandonava o corpo. Os espíritos de meus filhos Alicia e Willie vieram ao lado do meu leito e minha filha viu como me levavam.

Quando se conhece a verdade não existe a morte. Dorme-se em seu corpo terreno e desperta-se em seu corpo espiritual, rodeado de amigos. É



uma sensação muito agradável. Me senti muito feliz ao ver quão fácil havia sido meu trânsito. Dormi simplesmente, e despertei no mundo espiritual, encontrando-me rodeada de parentes e amigos.

Porém não encontrei meu marido entre eles. Quando perguntei: “Por que meu marido não se encontra com vocês?”, me disseram que havia sido atraído para a Terra pelo desejo de estar onde eu estava e onde estavam seus filhos. Seu lar era sua atração.

Entretanto, nós não havíamos tido a satisfação de vê-lo nunca em nossos círculos, porque ignorava como poderia falar pelo intermediário psíquico. Por isso havia permanecido em um estado de estupor.

Parti, pois, acompanhada dos espíritos de meus parentes para buscar meu esposo, e quando conseguimos despertá-lo fomos muito felizes. Nos dirigimos então à nossa filha Carrie para dizer-lhe que estávamos reunidos, e ela nos viu com olhos de vidente e se regozijou muito.

Voltei muitas vezes para falar com meus filhos por intermédio da senhorita Anderson, até que esta se casou e mudou de Minneápolis a Chicago. Pero segui tendo por ela o maior interesse e sou um dos espíritos que compõem a Turma da Misericórdia.

As atividades da senhora Wickland adquiriram grande ressonância. A obra que realiza é sumamente benéfica para a humanidade. Muitos são os mortais a quem beneficiou, porém são muito mais os que receberam seus benefícios no lado espiritual da vida. E todos os espíritos conversos se afiliam à Turma da Misericórdia como colaboradores, dedicando-se em prestar socorro tanto aos espíritos mortais como aos espíritos desencarnados.

Oxalá que houvesse na Terra outros muitos que se dedicassem em trabalhar neste campo das obsessões! Com o tempo serão inventados

aparelhos por meio dos quais os espíritos poderão se comunicar com a Terra. A filosofia espírita se imporá sobre todas as outras, porque o mundo espiritual está trabalhando para pôr a verdade em frente aos olhos da humanidade.

*Experiência realizada em 12 de março de 1924.*

*Espírito: Preciosa. – Intermediário Psíquico: Senhora Wickland*

Tinha cinco anos quando abandonei a vida terrena, e vivia já oito no mundo dos espíritos quando fui destinada como espírito protetor da senhora Wickland, contra todo espírito maligno durante sua vida.

Um guia é como um mestre, e agora o sou, mas então não era mais que um espírito possessor.

Naquele tempo muitas pessoas procuravam a senhora Wickland em busca de ajuda e de conselho para suas dificuldades. Ela salvou muitas que pensavam no suicídio, aconselhando-as a se manterem alegres e que buscassem o lado agradável da vida em lugar de empenhar-se em contemplar o lado triste.

Fui designada como espírito possessor e conselheiro, porque eu havia tido ocasião de ver o aspecto desagradável da vida.

Nasci em Londres, no bairro de Whitechapel, em 21 de agosto de 1875. Meus pais eram alcoólatras inveterados e mais de uma vez tive que esconder-me quando eles regressavam para casa, com objetivo de livrar-me de uma surra. Meu pai e minha mãe me dirigiam toda classe de injúrias e me insultavam com toda espécie de qualificativos. Passava a maior parte do tempo brincando na rua.

Tinha o cabelo claro e ondulado, os olhos azuis e era fato comum que os transeuntes acariciassem minha cabeça e me dissessem: “Preciosa, menina preciosa.”

São estas as únicas palavras carinhosas que tenho como lembrança em minha vida. Tantas vezes ouvi esse qualificativo de “Preciosa”, que cheguei a acreditar que era esse o meu nome.

A única pessoa que se preocupou comigo foi uma vizinha; era muito carinhosa comigo e cuidava de mim. faleci quando tinha cinco anos de idade.

Oito anos mais tarde, em 1888, vim me apossar da senhora Wickland porque necessitava mais experiência de vida e porque os espíritos juvenis proporcionam aos intermediários psíquicos um sentimento de juventude e de fortaleza.

Perguntam com freqüência por que razão os médiuns costumam ter espíritos de crianças e jovens como guias. A razão é a seguinte: quando um espírito que viveu na Terra até uma idade avançada, quando assume o papel de guia tem tendência a ressentir-se de seu último estado físico, e esta sensação se comunica ao médium, deixando-o como cansado; no entanto, os espíritos das crianças lhe proporcionam magnetismo juvenil. Esta é a razão pela qual muitos médiuns têm como guias espíritos de crianças. Estes ganham ao mesmo tempo experiência das condições que regem a Terra e graças a essa experiência progridem no mundo espiritual.

Os espíritos adiantados – como por exemplo o de um Abraham Lincoln – não necessitam baixar à Terra para ganhar experiência. Cumprem com seus deveres no mundo espiritual e ajudam com freqüência aos espíritos apegados à Terra pronunciando discursos acerca do lado espiritual da vida.

Os médiuns que se encontram exatamente no tom – podem receber essas conferências e transmiti-las. Então o médium costuma acreditar que aquele espírito adiantado é seu guia. Mas o espírito de Lincoln não serve de guia a ninguém, porque não necessita voltar à Terra e apossar-se de um médium com objetivo de progredir.

Se os médiuns estão no tom podem receber e repetir as conferências que são dadas no mundo espiritual, mas nesses casos não são mais que instrumentos receptores e falam por inspiração.

A primeira vez que me apossei da senhora Wickland pensei que havia voltado outra vez à vida. Me conduzi como uma criança de rua que ignora tudo. Mostrei-me muito alegre e bagunceira, até o ponto em que as pessoas que se encontravam no círculo me disseram que se não me moderasse não consentiriam que voltasse outra vez. Por isso procurei conduzir-me bem e pus de minha parte toda minha vontade.

Queria aprender para poder me converter em pouco tempo em mestra, colaboradora e conselheira. Fui à escola no mundo espiritual da vida para aprender todas as lições referentes a vida da Terra, e tive muitas vezes ocasião de transmitir estas lições às pessoas que viviam no lado mortal da vida.

Quando a senhora Wickland começou a desenvolver suas condições de médium, estudou também a Teosofia, a Ciência Cristã e a Psicologia. Duvidava se quem falava durante seu transe era um espírito ou sua inteligência subconsciente.

Desejosa em conhecer a realidade, dedicou-se então ao estudo da Astrologia, e fez com que o doutor Wickland me perguntasse a data e o lugar de meu nascimento, meu aspecto geral, a enfermidade que me levou ao sepulcro e a data de minha morte.

Então a senhora Wickland compôs meu horóscopo, e este indicou que uma pessoa nascida na data indicava tendência a ter o cabelo claro e ondulado, os olhos azuis e um gênio alegre e carinhoso; tudo o que coincidia comigo.

Descobriu também que aos cinco anos de nascimento essa pessoa teria Saturno, Urano e Marte no signo Touro, ou seja, o que corresponde à garganta, tudo o que indicava que a morte se produziria nessa data em consequência da difteria. Em efeito, foi a difteria que me levou ao sepulcro.

Isto demonstrou à senhora Wickland que não era sua inteligência subconsciente a que falava, porque era mais velha que eu, e foi-lhe demonstrado também que o que havia dito antes era verdade.

Todos os mortais têm um espírito que lhes serve de guia, mas muitas vezes um espírito apegado à Terra nele penetra, e isso dá lugar às possessões e às obsessões. Os seres mortais vivem no submundo dos espíritos apegados à Terra, e poucos são os que se dão conta da realidade do outro lado da vida. Quantos são os que se preocupam em saber aonde irão depois de passar desta vida?

A maioria permanece durante algum tempo, depois de falecerem, no mesmo lugar em que viveram durante a vida mortal. Não importa que sejam inteligentes ou ignorantes; se não têm o conhecimento da realidade da vida futura, permanecem no lugar onde faleceram.

Muitos estão desaparecidos no profundo sonho ou em um estado comatoso como consequência do uso de narcóticos, e assim permanecem durante algum tempo, a menos que algum parente ou amigo que vive no mundo espiritual os encontre e os façam despertar, ou que alguma pessoa de um ou outro lado da vida envie uma mensagem pelas ondas do pensamento para que despertem.

Outros se hipnotizam até chegar ao estado de coma pelo medo de suas crenças religiosas, de que permanecerão no sepulcro até o dia do Juízo Final. Outros chegam ao mesmo estado pela convicção de que tudo acaba com a morte.

Hão outros fiéis de diferentes denominações religiosas que ignoram que morreram e vão por todos os lugares evangelizando e cantando. Como não encontraram Jesus, se reúnem na Terra ao redor das igrejas e prosseguem em seus cânticos e em suas pregações.

Como entre as pessoas mortais que vão as igrejas costuma-se encontrar algumas que são animicamente sensitivas ou de temperamento nervoso, esses espíritos se aproveitam para apossar-se das mesmas, fazendo-as cantar e rezar até que as pessoas as tomam por loucas e as recolhem em algum asilo.

Hão outros espíritos que exercem uma influência ainda pior sobre a humanidade, porque buscando satisfazer seus desejos de vingança hipnotizam e obsediam as pessoas animicamente sensíveis e as levam a cometer assassinatos ou ao suicídio.

É freqüente o caso de assassinos que não têm a menor idéia do crime de que são acusados porque o verdadeiro autor do fato é um espírito vingativo.

Que direito têm os homens sábios da Terra – tais como os juízes e os advogados – em condenar semelhantes pessoas e ainda condená-las à morte?

Muitos se dizem cristãos, mas não prestam ajuda aos que a necessitam, como Cristo o havia feito.

Quando chegam ao lado espiritual da vida, aquelas pessoas que só viveram para si se vêm obrigadas a servir aos demais.

No mundo espiritual, servir equivale a progredir.

Um grupo de espíritos atores vinham representando há muitos anos e em diversas ocasiões, por intermédio da senhora Wickland, uma obra simbólica de moral.

Os espíritos são doze, a saber, onze atores e o diretor.

Todos eles foram em vida de nacionalidade russa e de raça eslava.

Sob a direção do chefe de cenário vão se apossando sucessivamente da senhora Wickland, seguindo uns aos outros com facilidade, rapidez e uma total ausência de incômodo nas substituições.

Os atores falam em um idioma russo-eslavo que a senhora Wickland ignora em absoluto e que não ouviu falar jamais. No entanto, os atores falam por sua boca com absoluta perfeição, como podem atestar diferentes pessoas que presenciaram a apresentação e para as quais era dito idioma familiar.

Certas pessoas dotadas do dom de vidência têm feito uma descrição das roupas que os atores levam, invisíveis para a maioria dos assistentes, resultando serem russos-eslavos autênticos e de uma grande beleza.

Um dos espíritos guias da senhora Wickland tem sido o intérprete dos atores, e estes dão o seguinte resumo da “Peça Moral” e da finalidade desta:

“Somos doze atores que nos servimos do intermediário psíquico para demonstrar o retorno dos espíritos e a maneira como estes se apossam dos mortais, e com isso demonstrarmos que podemos atuar da mesma maneira que atuávamos enquanto vivíamos em nossos corpos.

Vimos para ajudar as pessoas a compreender que continuamos ainda com vida, que não estamos mortos, e sim que seguimos tão donos de nossas atividades como quando vivíamos a vida terrena.

Damos esta apresentação no mundo dos espíritos para ensinar com ela os espíritos aferrados à Terra, muitos dos quais não compreenderam ainda que morreram na vida terrena. Encontramos estes espíritos na esfera que rodeia a Terra e com freqüência se encontram em estado de semi-estupor.

Antes da apresentação, vários excelentes músicos executam música; os espíritos despertam uns depois dos outros ao ouvi-la. Levantam pouco a pouco, sem compreender onde se encontram; mas a música faz com que vão entreabrindo suas inteligências, dispendo-os para chegar à compreensão da vida superior.

Então apresentamos nosso drama para que sirva de lição a estes espíritos. Cada um dos personagens é um símbolo que demonstra que é necessário sobrepor-se antes aos vícios do egoísmo, da trivialidade e da baixaza para que possam progredir.

A dama principal simboliza o Amor; o primeiro ator, seu enamorado, faz o papel da Verdade. O traidor representa o Egoísmo; a solteirona encarna a Frivolidade; o agente da autoridade representa o papel da Justiça, e o juiz, a sabedoria. As testemunhas que depõem no tribunal representam o Conhecimento, a Embriaguez, a Miséria, a Enfermidade, a Avareza e o Roubo.

Amor, ou seja, a jovem donzela, acalenta um afeto profundo e sincero pelo herói; vive na mesma mansão com a Frivolidade, que abriga um sentimento amoroso não correspondido pelo Egoísmo. (Aqui se demonstra como no mundo estão sempre intimamente associados Verdade e Erro.)



Entra Verdade e declara seus sentimentos ao Amor, e esta o aceita como pretendente; a Verdade se retira e vem em seguida Egoísmo, que aspira à mão do Amor.

Frivolidade, vendo que não têm êxito suas insinuações, recorre a todas as artes de conquista para fascinar o malvado (Egoísmo) e afastá-lo do Amor. Egoísmo se enfurece e ameaça matá-la. Depois se retira dali jurando matar seu rival Verdade.

Amor redige um aviso desesperado para seu namorado e o envia com toda pressa por um criado. Mas este chega demasiado tarde, porque Egoísmo alcançou a Verdade e se arrojou sobre ele, iniciando um duelo de espada do qual resulta Verdade gravemente ferido.

Verdade agoniza lentamente, como a natureza superior do homem costuma agonizar quando o egoísmo a mata.

O criado volta correndo para notificar a sua senhora a morte de seu enamorado. Amor vai ao lugar do combate, e ao encontrar a Verdade morta, cai de joelhos ao seu lado, reza uma prece, retira uma adaga e atravessa com ela seu coração.

Quando Egoísmo vê o Amor morto ao lado da Verdade, explode num acesso de raiva furiosa, diz que Deus não existe e jura que obterá uma vingança mais completa.

Chega um agente da autoridade, Justiça; põe as algemas no assassino e o leva preso. Há em seguida o funeral dos enamorados.

Justiça leva o Egoísmo diante do juiz, Sabedoria, e comparecem em júízo, como testemunhas, Conhecimento, Embriaguez, Miséria, Enfermidade,

Avareza e Roubo, e testemunham que se não houvesse sido pelo Egoísmo, nem Amor nem Verdade estariam mortos.

Então Sabedoria desterra o Egoísmo do mundo.”

Esta peça foi representada no círculo psíquico celebrado em nosso Instituto durante o mês de maio de 1923, no qual estiveram presentes Sir Arthur Conan Doyle e Lady Doyle. Referindo-se a ela, mais adiante Sir Arthur escreveu em seu livro *Our Second American Adventure*, uma breve descrição e comentário:

“Esta apresentação foi realmente extraordinária e nos deixou todos absortos em um estado de atônita admiração...”

Tenho visto trabalhar todas as grandes atrizes de minha geração: Modjeska, Bernhardt, Duse, Terry...; porém creio que nenhuma delas seria capaz de representar aqueles onze personagens de uma maneira mais perfeita, sem o auxílio dos ornamentos e dos trajes.

Os espíritos mesmos explicaram que eles são um grupo de atores do outro lado da vida, e que representam esta obra na presença das almas dos mortos que não alcançaram o devido conhecimento, para dar-lhes uma lição de Moral, servindo-se ao mesmo tempo das maravilhosas faculdades da mediunidade que a senhora Wickland possui, para demonstrar assim aos mortais seu poder. A impressão que produziu em todos nós foi muito grande.”

Estes atores invisíveis representaram ultimamente, por intermédio da senhora Wickland, outro drama: “O drama da paixão da alma”, no qual se expõem simbolicamente a maneira que a alma tem de progredir.

Me “O drama moral” temos visto que Egoísmo mata a Verdade e ocasiona a morte do Amor; mas no “O drama da paixão da alma”, Verdade e Amor dominam o Egoísmo.

“O drama da paixão da alma” representa a luta deste último com os princípios opostos e é um símbolo do prosseguimento da Luz, da vitória da Verdade e Amor sobre Egoísmo, com a ajuda da Luz do Conhecimento, mediante a qual se chega a bem-aventurança.

Afeto e Amizade, que são os pais da jovem Amor, vivem na Morada da Felicidade e têm a seu serviço a Obediência.

Um jovem chamado Verdade admira a jovem Amor, mas há outro jovem que se esforça em atraí-la até ele. Este jovem é Egoísmo, que frequenta os mesmos círculos sociais que Amor, mas cujos pais são Ódio e Inveja.

Verdade consegue conquistar o Amor, e se casam, depois de retirar da Morada da Felicidade o Egoísmo.

Egoísmo, dominado por ciúmes e pelos sentimentos de suas baixezas, dirige-se ao submundo, onde vive, na Morada da Miséria, e em companhia de seus pais, Tentação e Dano, um malvado que se chama Vingança.

Ao correr do tempo concebem o projeto para Egoísmo voltar à Morada da Felicidade, se mostre arrependido e espere uma ocasião para roubar a Luz filho de Amor e Verdade.

A criança será entregue a Dano, que se encarregará de educá-la em um ambiente de sordidez e de imundície, obrigando-a a cometer crimes até que caia nas mãos da justiça.

Depois disto Egoísmo irá ao encontro de Amor e Verdade para lhes informar da desgraça que ocorreu a Luz, e se regozijará, em companhia de Vingança, da ruína daquela casa que se chamava Morada da Felicidade.

Egoísmo consegue roubar Luz, e a criança é maltratada cruelmente durante muito tempo por Dano e Tentação, mas seus pais conseguem descobrir seu paradeiro e o levam da Morada da Miséria.

Furioso pelo fracasso de seus planos, Egoísmo é acometido por um acesso de raiva e fica louco, morrendo por fim violentamente.

Verdade e Amor levam outra vez Luz à Morada da Felicidade e vivem uma vida bem-aventurada, livres das ameaças do egoísmo.

*Experiência realizada em 12 de março de 1924.*

*Espírito: Estrela de Prata. – Intermediário Psíquico: Senhora Wickland*

É freqüente o caso de que os médiuns tenham como guias, protetores e colaboradores espíritos de índios, porque os índios não têm dogmas e crenças contra as quais lutar quando passam ao mundo dos espíritos. Da sua terna infância seus pais os instruem na existência do Grande Espírito e dos campos de caça, onde se vive feliz.

Crêem no grande espírito das coisas, e o curandeiro da tribo os instruem na maneira de governar a natureza.

Os índios são enviados à Terra para que sejam guardiões dos mortais, porque conhecemos as leis de proteção. Por isso somos com freqüência os “guardiões de porta” ou “Seguranças” encarregados de proteger os médiuns do perigo dos espíritos apegados à Terra.

Os “caras brancas” morrem de toda classe de enfermidades; não os índios. Entre estes as doenças são pouco conhecidas; vivem em plena natureza e morrem de uma morte natural. Por isso quando retornam para governar algum espírito, trazem com eles uma sensação de fortaleza e de saúde.

Sou uma índia da tribo Chippewa; nasci no ano 1883, próximo de Shell Lake, em uma reserva para índios situada em Northrn, Wisconsin.

Tinha quatro anos e meio quando passei ao lado espiritual da vida, resultado de um golpe na cabeça que recebi em uma queda. Quando a senhora Wickland compôs meu horóscopo resultou, em efeito, que eu deveria morrer de uma ferida desse tipo.

A primeira vez que entrei em contato com a senhora Wickland só conhecia o idioma chippewa, e todo o inglês que agora sei o aprendi pelo meu contato com a mesma. Várias pessoas que chegam a este círculo psíquico têm me dado lições de inglês. São muitas as pessoas que acreditam que os índios são uns ignorantes porque foram pouco à escola, mas esquecem que os índios encontram-se cheios de um verdadeiro amor ao Grande Espírito e que sentem sinceramente o desejo de ajudar aos demais.

Se os “caras brancas” houvessem tratado os índios com carinho desde que se puseram em contato com eles, não teria havido guerra entre uns e outros.

Tratem os índios com carinho e verão que eles procurarão ser-lhes úteis.

Os curandeiros são aqueles índios que se dedicam ao estudo das forças da natureza e terminam por ter poder sobre a mesma, dando-se com freqüência o caso de que há índios que têm poder para atrair a chuva.

Quando se congregam para orar põem em jogo as forças superiores da vida. Não fazem o que é freqüente entre os “caras brancas”: orar nada mais que com a boca, falar. Os índios pronunciam poucas palavras, mas bailam ao redor formando um grande círculo e concentram seus pensamentos.

Às vezes executam a Dança das Serpentes, porque os índios desconhecem o sentimento de temor e aprenderam encantar as serpentes, fazendo com que não mordam. Se os “caras brancas” chegassem a dominar seu sentimento de temor, fariam coisas maravilhosas.

No mundo dos espíritos não existem as religiões, porque todos somos irmãos e irmãs na verdade. Todos são iguais na vida superior depois que chegam à compreensão do Grande Espírito.

Outro dos espíritos guias da senhora Wickland é Movilia, um esquimó que oferece força e energia ao círculo. Vivia na Groelândia e era em vida conferencista, transumador, curandeiro e narrador de contos: uma espécie de médico de ordem superior dotado de um conhecimento profundo da natureza.

Viajou entre sua gente na qualidade de organizador e de filósofo e o acompanhavam sua esposa, poetisa e cantora, e seus filhos, que bailavam danças simbólicas.

Um viajante do Alaska identificou alguns dos cantos esquimós que Movilia e sua mulher executavam por intermédio da senhora Wickland, afirmando que constituíam uma parte de certas cerimônias esquimaus.

Estes esquimós não falam inglês, mas Movilia trouxe certa noite um outro esquimó que atuou de intérprete e nos deu algumas explicações acerca da religião dos esquimaus.

*Experiência realizada em 12 de maio de 1921.*

*Espírito:* Esovilia Chevilia (que fala em nome de Movilia e sua esposa.)  
– *Intermediário Psíquico:* Senhora Wickland

Meu nome é Esovilia Chevilia, sou esquimó e falo em nome de Movilia e de sua esposa.

Creemos no Grande Espírito do Amor, da Sabedoria e da Inteligência, e cremos também que somos uma parte do Grande Espírito e que quando oramos com coração conseguimos tudo aquilo que solicitamos.

O curandeiro é entre nós o que conhece o segredo do Universo, o segredo do Amor, o segredo do Conhecimento e o segredo da Sabedoria e da Verdade.

Nós amamos o Grande Espírito de Amor, o Grande Espírito da Verdade, o *Grande Espírito*, e lhe rendemos culto. Não cremos, e sim *conhecemos*. Conhecemos a verdade e compreendemos também que somos uma parte do espírito divino que está dentro de nós, e que pelo fato de estarmos em contato com o Grande Espírito da Verdade, temos um tesouro em nossos corações, porque podemos compreender como esse Grande Espírito entende a vida e o amor que sente por seus filhos, os que estamos na Terra.

Alguns missionários que vêm até nós nos asseguram que Cristo morreu por nossos pecados. Queridos amigos, nós não temos pecados pelos quais Cristo possa ter morrido, porque Deus é Amor e Poder, é Sabedoria, Conhecimento e Verdade. Nós somos uma parte daquele ser maravilhoso. E sendo assim, como poderíamos cair em pecado?

Não poderíamos nos afastar dEle, porque somos uma parte sua. Não poderíamos independer dEle, porque está em todas as partes. É o todo do Universo, todo o Amor e toda a Vida de todas as coisas.

Os cristãos vivem na crença de que eles caíram em pecado e de que alguém há de levantá-los. Quem comete uma transgressão da lei sabe o que lhe ocorrerá. Quem põe a mão no fogo sabe que viola a lei e que a dor lhe espera. Quem abriga a crença de que caiu no pecado transgride a lei e tem que sofrer.

Os cristãos buscam Deus fora deles; nós o buscamos dentro de nós mesmos. Buscamos em nosso interior o Grande Espírito. Não há entre nós tantos credos e dogmas nem tantas análises acerca de temas religiosos. Não necessitamos discutir, porque não cremos, e sim compreendemos. Mas não vimos jamais essa coisa que os cristãos chamam o Diabo; nós o chamamos Egoísmo e Ignorância.

Esta é a religião dos esquimós.

Fui em vida mortal curandeiro e também mestre.

O esquimau Movilia veio a mim pedir que lhes transmitisse todas as coisas que ele queria dizer-lhes, e não fiz mais que repetir suas palavras.

Um missionário veio até nós pregar e levou com ele um dos melhores homens de nossa tribo, para educá-lo conforme são educados os cristãos. Quando aquele homem regressou era uma ruína e estava cheio de enfermidades. Nós não padecemos destes tipos de enfermidades, porque vivemos de acordo com as leis superiores da natureza. Quando regressou, colocou-nos a par da maneira como os cristãos vivem, e nós nos enchemos de horror ao saber que os cristãos estavam enfermos de corpo e de alma.

Esforcem-se todos os que formam parte deste círculo para encontrar Deus dentro de vocês mesmos, porque são uma mesma coisa com Deus.



Se assemelhem a uma grande tocha no centro de um círculo. Ao seu redor há uma grande quantidade de pequenas tochas do mesmo material que a do centro. Acendam as pequenas na chama da grande e obterão assim uma centelha de vida. Quando o corpo morre, para usar a frase dos cristãos, terão apagado com um sopro a tocha pequena. O material desta se decompôs, incorporando-se aos seus elementos.

Todos vocês são uma parte da Luz Universal, e todos receberam essa luz da tocha central. Não rendam culto à materialidade, e sim à luz da Inteligência Divina.

Nós não temos fé, e sim compreendemos.

Conservem em seus corações o verdadeiro conhecimento de Deus e serão felizes.

Boa noite.

Do primeiro momento em que a senhora Wickland começou a desenvolver suas qualidades de médium, tem estado sob a proteção especial do espírito do doutor Root, o que fomentou estas investigações acerca da obsessão, instando-nos que a levássemos ao conhecimento público.

Tem vindo com freqüência falar-nos e tem dado conferências sobre temas filosóficos a um auditório composto de seres visíveis e de seres invisíveis.

Veja abaixo um extrato de uma das últimas conferências dada pelo doutor Root a um auditório de espíritos apegados à Terra e às pessoas presentes em nosso círculo.

*Experiência realizada em 1 de janeiro de 1924.*

*Espírito: Doutor Root. – Intermediário Psíquico: Senhora Wickland*

Concentremo-nos para conseguir a felicidade e a alegria, pensando na melhora da humanidade. Nunca voltemos a vista para trás; olhemos sempre para frente. Esforcemo-nos para atuar da melhor maneira que possamos e em ajudar os demais.

Se se formassem pequenos grupos como este e se concentrassem mentalmente fazendo um esforço para alegrar a humanidade, esta seria melhor. Esta pequena luz da concentração parece coisa pequena, mas é de grande utilidade para os que vivem na escuridão e para os que se encontram rodeados de dificuldades.

Se as igrejas, em lugar de lançar anátemas contra o povo e em assegurar que as pessoas se encontram condenadas sem remédio se não crerem em uma determinada doutrina, estabelecessem círculos de concentração para ajudar as pessoas e valorizá-las e alegrá-las, procurando auxiliar os homens a viver em uma atmosfera mais agradável, conseguiriam que a humanidade fosse melhor e mais feliz.

Devem buscar vocês mesmos em seu interior antes de procurar fora. Devem nascer outra vez, mas não em Jesus Cristo, não; devem compreender vocês mesmos e compreender que são uma parte de Deus. E auxiliar os homens que se encontram em dificuldades e aqueles que não despertaram ainda a uma perfeita compreensão de Deus. Não se limitem em crer em Deus; devem encontrá-lo vocês mesmo e, assim não necessitarão de fé.

A fé e a crença são a chave. Se tiverem em suas mãos uma chave e não souberem a que fechadura pertence nem que porta se abre com ela; se só tiverem a fé e nada mais que a fé, é como se tivessem uma chave que não lhes serve para nada.

São muitas as pessoas que têm em suas mãos a chave e não a empregam. Limitam-se a dizer: “Se creio em Deus e em Jesus, me salvarei.”

E quando chega o momento de passar ao lado espiritual da vida não dispõem mais do que uma chave, não têm mais que sua fé, e encontram-se entre trevas porque não *empregaram* a chave do conhecimento que Deus lhes deu para que refletissem e encontrassem Deus dentro deles mesmo.

Não necessitam ir a nenhum lugar: basta abrir as portas do próprio coração. Encontrem Deus e verão que são uma parte de seu maravilhoso poder. Quando abrirem a porta terão energia, força e saúde; terão tudo, porque a energia divina se derramará dentro de vocês e realizarão coisas maravilhosas.

Cristo foi um grande mestre; mas será que as pessoas praticam seus ensinamentos? As pessoas limitam-se a crer, mas não fazem o que Cristo ordenou.

O maior obstáculo que os indivíduos encontram quando abandonam seu corpo físico é o desejo, e necessitam dominá-lo. Os credos e os dogmas os mantiveram atados à Terra, lhes privaram de sua liberdade. Pensam, quando passam ao lado espiritual da vida, que vão para o céu. Ponham-se a pensar por um momento: “Onde está o céu?” Cristo disse que o reino dos céus está dentro de nós se Deus mora ali.

A maioria das pessoas crê que o que chamam morte é um sono longo, e por isso muitos dos que não aprenderam a lição da vida ficam mergulhados no sono. Alguns ficam letárgicos durante anos porque estavam auto-sugestionados. Pensavam: “Estou morrendo, e agora irei ao sepulcro e permanecerei ali até o dia do juízo, e então despertarei”.

Abramos os olhos à verdade. Façamos tudo o que pudermos para chegar e para ajudar os demais a que cheguem ao conhecimento de Deus. Adoremo-lo em todas as partes.

Encontremo-nos a nós mesmos. Concentremo-nos em um esforço para ajudar e para iluminar todos aqueles que encontrarmos em nosso caminho e que necessitem ajuda. Adoremos a Deus com pleno conhecimento e não dentro da estreiteza da fé. Agreguemos a esta o conhecimento.

Cristo é uma alegoria; Ele é a Verdade. “Cristo nascerá dentro de vocês quando alcançarem o conhecimento. Quando passarem ao lado espiritual da vida alcançarão o conhecimento e entrarão em um mundo mais formoso que este. chegarão então o mundo espiritual.

Não há problema que digam “mundo espiritual”. Algumas pessoas põem inconvenientes a este nome, porque todos somos seres espirituais. Chamem, se quiserem, “a Esfera Superior”; podem chamar também “Céu”; mas tenham em conta que o céu está dentro de vocês.

As dificuldades e a enfermidade servem para que aprendam a se conhecer. Quando houverem encontrado vocês mesmos dentro de si, conseguirão dominar todas as circunstâncias exteriores.

Pensam: “Eu estou muito doente”. Ao pensar isto atraem a enfermidade ao seu interior, e ao cabo de um tempo seu próprio pensamento terá dado realidade à doença. Vocês são uma parte de Deus, uma parte do Criador maravilhoso. O que pensam, crêem. São donos de um grande poder e está em suas mãos empregá-lo para o bem ou para o mal.

Se são vítimas de calamidades, de enfermidades e da dor e não aprenderam a maneira de retirar de vocês essas condições exteriores, é como se as adquirissem de seu próprio ser. Então sua sensibilidade se exacerba e

terminam por atrair as influências que se encontram ao seu redor, e estas, por sua vez, lhes inundarão de maus pensamentos, convertendo-os em escravos.

Comecem por encontrar Deus dentro de vocês mesmos, e com isso terão adquirido a força necessária para elevarem-se. Então verão todas as coisas como encaminhas para o bem. O mal não lhes aparecerá em nenhuma parte. Quando voltarem o olhar para trás, verão que aquilo mesmo que em momentos julgavam mau, serviu para fazer-lhes compreender Deus.

Ajude-mos aos demais para que possam elevar-se como nós. Projetemos de nós mesmos os pensamentos para que todos possam vencer e para que possamos alcançar o conhecimento.

Antes de partir quero lhes dizer que há aqui um compartimento cheio de espíritos apegados à Terra. O grupo que temos aqui esta noite é composto por espíritos que não podíamos despertar porque tinham os olhos fechados e não podiam nos ver. Um espírito que se encontra submerso na ignorância é incapaz de ver um espírito inteligente.

Nunca estamos ociosos no mundo espiritual. A inteligência não pode permanecer inativa. Os maravilhosos pensamentos de Deus se sucedem eternamente. Os planetas giram sempre. Tudo é um perpétuo progresso. A inteligência não permanece jamais inativa, enquanto queremos progredir.

Sou o doutor Root. Boa noite.

## **CAPÍTULO XVII**

### **RECAPITULAÇÃO**

Temos demonstrado e até mesmo evidenciado a possibilidade de esclarecer, mediante investigações apropriadas, muitas coisas que até agora

pareciam rodeadas de mistério. “O sobrenatural não é mais que o natural que ainda não conseguimos compreender”.

É necessário que as investigações psíquicas se desenvolvam sobre uma base científica e que sua prática fique livre de todo perigo e erro, eliminando todo o desconhecido que existe além dos limites, os que alteram freqüentemente a verdade, recorrendo ao engano e à impostura para desvirtuar a verdade que as inteligências espirituais, que já alcançaram a luz, se esforçam em fazer a humanidade conhecer.

As inteligências adiantadas que vivem no lado invisível não cessam de pedir aos investigadores de amplo critério, que vivem no plano físico, uma cooperação mútua, estabelecendo centros de investigações nos asilos, igrejas, universidades, e outros tipos de centros de estudo.

É imprescindível que as investigações psíquicas sejam colocadas nas mãos dos homens de ciência, que homens dispostos em deixar de lado todo prejulgamento e livres de toda desconfiança passem a se encarregar delas, a fim de que examinem todas as provas e classifiquem os descobrimentos que forem fazendo.

O falecido doutor I. K. Fuunk, de Nova York, insistia vivamente em que se estudassem com sumo cuidado todos os casos de fenômenos mentais. Depois de passar em revista os trabalhos que nós vínhamos realizando acerca da obsessão, terminava fazendo um chamamento por meio da imprensa, para que fossem levadas adiante as investigações.

“Não esqueçamos nunca – dizia -: um só fato cientificamente demonstrado da existência de um só espírito desencarnado terá maior força para demonstrar a continuidade da vida após a morte que todos os sermões que foram pregados nos últimos dez anos acerca da imortalidade. Bastaria

esta única demonstração para que ficasse pronunciada a sentença de morte do materialismo”.

Os jornais deveriam se dedicar na busca de casos autênticos, onde queira que ocorressem, com mais interesse que se se tratasse de pepitas de ouro, e deveriam comprová-los, se lhes fosse possível, até em seus mais pequenos detalhes, fazendo-lhes conhecidos no mundo não em tom de piada e sim muito seriamente.

Por que a imprensa não aborda este assunto com bom critério? Manejado minuciosamente, proporcionaria material que produziria emoção e que seria digno do jornalismo mais elevado.

Gladstone tinha razão quando escrevia na carta em que solicitava inscrever-se como membro da Sociedade de Investigações Psíquicas: “É o trabalho mais importante de todas as que atualmente se realizam no mundo; é, com certeza, a mais importante”.

As associações científicas que quiserem estudar a fundo as leis supremas da vida poderiam obter facilmente provas similares às que nós vimos apresentando neste volume. As instituições para o tratamento de alienados encontram-se em condições excepcionalmente vantajosas para obter esta classe de provas, porque muitos dos que se recolhem nelas são médiuns em potencial e poderiam desenvolver suas faculdades, convertendo-as em instrumentos para as investigações psíquicas.

Depois de desalojados os espíritos ignorantes que os obsediavam, poder-se-ia proceder ao desenvolvimento das faculdades psíquicas dos indivíduos sensíveis, atraindo os espíritos inteligentes que se encontram sempre dispostos em cooperar do mundo invisível e que se encarregam de proteger o instrumento contra toda conseqüência desgraçada.

Os círculos de investigações psíquicas formados para o estudo da Verdade da vida e da existência dos espíritos seriam de um valor inestimável para as igrejas, porque estas investigações demonstrariam de uma maneira positiva a continuidade da existência da alma e transformariam a fé cega e o dogma da vida futura em uma verdade demonstrada.

Não convém entregar-se à prática de citar certos espíritos determinados, porque essa prática pode dar oportunidade aos espíritos malignos em induzir ao engano, introduzindo-se sub-repticiamente para suplantar o espírito que tenha sido chamado.

Deve deixar-se ao cuidado das inteligências guias a tarefa de trazer ao círculo psíquico os espíritos que elas acreditam convenientes para os efeitos da demonstração que se está realizando; desta maneira se obterão de tempo em tempo interessantes lições dadas por espíritos que chegaram a um grau superior de progresso e que demonstram claramente a diferença que há entre os espíritos inteligentes de espíritos ignorantes.

O *National Psychological Institute* foi organizado em Los Angeles, Califórnia, para formar um núcleo de investigadores mais compreensivos e para colocar o estudo destes problemas sobre uma base racional e científica. Este Instituto – que é uma espécie de *Clearing House* espiritual – não tem preferência por nenhum culto nem por nenhum *ismo* determinado, esforçando-se unicamente em reunir dados, com a esperança de estimular outras instituições para que realizem uma tarefa similar, porque ante nós se estende um campo imenso de experimentações.

Não abrigamos a presunção de que esta linha de investigações há de nos levar a descobrir a panacéia universal; tampouco esperamos encontrar nela uma explicação completa de todas as aberrações mentais ou de todas as deficiências misteriosas da inteligência mortal. Sustentamos unicamente a



CARL A. WICKLAND  
TRINTA ANOS ENTRE OS MORTOS

necessidade de conhecer mais a fundo o papel que o mundo invisível possui nos problemas humanos.

***FIM***